

**RESILIÊNCIA E ENCONTRO TRANSFORMADOR  
EM MORADORES DE RUA NA CIDADE DE  
SÃO PAULO**

**APARECIDA MAGALI DE SOUZA ALVAREZ**

Tese apresentada ao Departamento de  
Saúde Materno-Infantil da Faculdade de  
Saúde Pública da Universidade de São  
Paulo, para obtenção do Grau de Doutor.

Área de concentração:  
Saúde Materno-Infantil

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Augusta Thereza de Alvarenga  
Co-orientador:  
Prof. Dr. Nelson Fiedler-Ferrara

São Paulo  
2003



Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese por processos fotocopiadores.

Assinatura:

Data:

*Aos moradores de rua...*

## AGRADECIMENTOS

À FAPESP, pela bolsa de doutorado oportuna, que me permitiu dedicação exclusiva e conseqüente aprofundamento e agilização deste trabalho.

À Assessoria Científica da FAPESP, na pessoa de seu Assessor Científico, que acompanhou minuciosamente este trabalho, cuja interlocução profícua impulsionou-me na tarefa, enriquecendo-a.

A minha mãe, Amélia Maciel de Souza, a meu pai, Moacir de Souza, semeadores do *Ágape*, amorosos doadores de minha vida.

A Jerônimo de Souza, Joana Samora de Souza e seus amigos, presenças inefáveis, norteadoras e carinhosas que me sustentaram neste trabalho.

A João Lúcio Francisco Maciel e Maria Martins, que semearam amor nas vidas de todos que os cercaram, ecoando como modelos saudáveis em meus caminhos.

A Otávio Alvarez, companheiro enorme, sensível e protetor, incentivador em todos os momentos.

A Otávio de Souza Alvarez e Edméa Simighini Alvarez; Sílvia Cristiane de Souza Alvarez Della Rina e Cláudio Della Rina, de quem recebi compreensão, apoio e incentivos.

A pequena Thaís Simighini Alvarez, encantadora – que veio adornar a minha vida com alegrias – fonte de pureza onde renovo minhas forças na jornada...

A Luiz Roberto de Souza e Jane Previati de Souza; a Antonio Sérgio de Souza e Neide Peres de Souza, cujas vibrações simpáticas e de apoio me fortaleceram.

A Luiz de Souza e Maria Vasquez de Souza, cuja trajetória de amor *Ágape* nutriu-me no diálogo com o fenômeno do “Encontro Transformador”.

A Ruth de Souza, amiga enorme, modelo vivo de *Ágape*, fonte inspiradora deste trabalho.

A Therezinha, companheira de Ruth, semeadora de *Ágape*, em cuja presença pude recolher ensinamentos.

A Maurício, amigo sempre, providenciando o melhor para cada momento.

A Irene Kunding Della Rina, coração sensível, companheira do dia a dia, que muitas vezes acompanhou atenta as histórias de vida dos moradores de rua.

A Hortência, amiga em todos os momentos, em cuja presença – sem importar o tempo ou distâncias – recolho as doações do *Ágape*. E para Ilza, em quem me inspiro, que fez de sua vida uma semeadura de amor.

Ao Professor Associado Cornélio Pedroso Rosenberg – que me abriu as portas da Academia e do seu pensamento norteador e sensível – a quem muito devo nesta jornada.

A Professora Doutora Augusta Thereza de Alvarenga – minha orientadora – solícita e incansável, profunda observadora, presente sempre, forneceu-me a segurança necessária para executar esta Tese.

Ao Professor Doutor Nelson Fiedler-Ferrara – meu co-orientador – dedicado, arguto pensador, propiciou-me proficuas interlocuções em todo o decorrer do trabalho.

Ao Professor Doutor Jean-Pierre Goubert, que me recebeu como orientador na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, propiciando-me enriquecedoras reflexões.

A Professora Doutora Keiko Ogura Buralli – “in memoriam” – cuja presença forte ficou ressoando em minh’alma, durante todo o desenrolar da Tese.

Aos Professores e colegas do Departamento de Saúde Materno-Infantil – FSP-USP, que me propiciaram o ambiente acolhedor e favorável para o bom andamento do trabalho.

A Professora Doutora Sueli Damergian, presente sempre, em cujo pensamento precioso e inovador pude apoiar minhas reflexões.

Aos componentes do grupo de pesquisa “Homelessness and Exclusion in Four Global Cities”, que em consonância com o espírito caloroso de sua coordenadora, Professora Doutora Maria Cecília Loschiavo dos Santos, forneceram-me o meio ideal onde pude colher idéias e refundir as forças.

A Doutora Elaine Pedreira Rabinovich, com quem muito aprendi, desbravadora dos caminhos da ciência, apoio certo a qualquer hora.

As senhoras Iara Aparecida de Macedo, Maria Takishita, Meirezilda Aparecida Gonçalves, Ivany Abranches Peres de Oliveira, Sonia Regina Xavier, Sonia Hetó; os senhores Leandro Firmino Cleto, Nilson Silva Soares, todos acolhedores, atenciosos e prestativos, facilitando caminhos.

Aos funcionários e funcionárias da Secretaria da Comissão de Pós Graduação – FSP-USP; aos funcionários e funcionárias do Serviço de Biblioteca e Documentação – FSP-USP, que me atenderam eficientes e atenciosos, excedendo em muito as rotineiras obrigações de serviço.



Alvarez AMS. **Resiliência e Encontro Transformador em moradores de rua na cidade de São Paulo**. São Paulo; 2003. [Tese de Doutorado – Faculdade de Saúde Pública da USP].

## RESUMO

Este trabalho consistiu na busca da identificação das características psicossociais constitutivas do processo de Encontro Transformador – entre moradores de rua envolvidos (ou não) com a criminalidade e segmentos da sociedade civil considerados como seus *pontos fixos* – *pontos de apoio* – que possibilitam o aprofundamento compreensivo da resiliência do ser humano. À Resiliência, concebida como “a capacidade humana de fazer frente às adversidades da vida, superá-las e sair delas fortalecido ou inclusive transformado”, foi associada a noção do *Ágape*, definido como “o amor às outras pessoas humanas, amor ao próximo”, articulado com conceitos de *self* e *false self*. Em estudo longitudinal, ao longo de cinco anos, através de Histórias de Vida, foram realizadas entrevistas abertas e semi-estruturadas, fotografias, registros em Diário de Campo, coletas de desenhos e trabalhos de artesanato realizados pelos sujeitos de observação: seis moradores de rua do centro da cidade de São Paulo, alguns deles ligados ao crime e ao consumo de drogas, e de duas professoras aposentadas não moradoras de rua, que estabeleceram relações de ajuda a eles. Para a interpretação dos dados contemplou-se o emprego de conceitos pertinentes a determinadas teorias da Psicologia, História, Geografia, Antropologia, Sociologia, às abordagens da Complexidade de Edgar Morin e da Sistêmica, na busca de diálogo entre diferentes disciplinas. A partir da análise do fenômeno – em que o modo de morar na rua surgiu como situação existencial extrema, marcada pela exclusão, favorecendo envolvimento com a droga e a criminalidade, o desenvolvimento de sentimentos de desconfiança e revolta – revelou-se o processo de transformação dos moradores de rua junto a pessoas que foram seus pontos de apoio positivos, que se erigiram como ‘modelos-caminhos’, pontes humanas que – transpassando abismos relacionais – promoveram o Encontro Transformador. Manifestaram-se novas configurações emergentes em suas psiques. Essas novas configurações psíquicas, no entanto, tiveram dificuldade em se manterem sem o apoio efetivo do Estado e da sociedade civil. Considerou-se a necessidade da conscientização da sociedade para o problema do morador de rua, assim como o desenvolvimento de uma política e cultura de inclusão. Considerou-se, finalmente, que os conhecimentos do *Ágape*, Encontro Transformador e a Resiliência – ao serem divulgados e aplicados em processos de esclarecimentos e capacitação – possam nortear as relações entre os homens não só no âmbito da individualidade mas também nas esferas econômicas, política e social, iluminando

o que modernamente têm se convencionado chamar de Sociedade Solidária ou mesmo Globalização Solidária.

**Descritores:** Resiliência. Encontro Transformador. Ágape. Complexidade. Interdisciplinaridade. Moradores de Rua. Crime. Violência. Saúde Pública.

Alvarez, AMS. **Resilience and Transforming Encounter in homeless people in the city of São Paulo**. São Paulo; 2003. [Doctoral dissertation – School of Public Health of the University of São Paulo].

## ABSTRACT

This work aimed to identify the constitutive psychosocial characteristics of the process of Transforming Encounter between homeless people involved (or not) with criminality and segments of the civil society, viewed as their *fixed points – supporting points*. Those characteristics enable a deeper understanding of the human being's Resilience, which was conceived as "the human capacity to cope with life's adversities, to overcome them and to become stronger or even be transformed because of them". The concept of Resilience was associated with the notion of Agape, defined as "love for one's fellow humans", which, in turn, was articulated with the concepts of *self* and *false self*. A five-year longitudinal study, based on Life Histories, was carried out by means of open and semi-structured interviews, photographs, registers in a Field Diary, and collections of drawings and crafts made by the observation subjects: six homeless people from downtown São Paulo, some of them involved in crime and drug addiction, and two non-homeless retired teachers, who established a relationship with them in order to help. For data interpretation, the researcher used concepts pertinent to certain theories of Psychology, History, Geography, Anthropology, Sociology, to Edgar Morin's Complexity approach and to the Systemic approach, attempting to build a dialog between different disciplines. From the analysis of the phenomenon – in which the mode of dwelling in the street emerged as an extreme existential situation, marked by exclusion, favoring involvements with drugs and criminality, as well as the development of feelings of distrust and revolt –, the research revealed the transformation process of the homeless in contact with people who were their positive supporting points, who became their 'models-pathways', human bridges that – overcoming relational abysses – promoted the Transforming Encounter. New emerging configurations manifested themselves in their psyches. These new psychic configurations, however, had difficulties to endure without the effective support of the State and of the civil society. The study considered the need to raise the society's awareness towards the problem of the homeless, as well as the development of a policy and culture of inclusion. Finally, the study proposed that the concepts of Agape, Transforming Encounter and Resilience – when disseminated and applied to processes of elucidation and education – may guide the relationship between men not only in the scope of

individuality but also in the economic, political and social spheres, illuminating what today is called Solidarity Society or even Solidarity Globalization.

**Descriptors:** Resilience. Transforming Encounter. Agape. Complexity. Interdisciplinarity. Homeless People. Crime. Violence. Public Health.

# ÍNDICE

<b>HISTÓRIA DE UM PERCURSO</b>	1
<b>INTRODUÇÃO</b>	3
1. A população de rua na cidade de São Paulo	
– A ‘praça-maloca’ da Bela Vista	3
2. A Resiliência e os moradores de rua: ampliando contornos	8
3. O “Método”: Convite para um pensamento complexo	
- Configurando o caminho e construindo o objeto de investigação	12
<b>I PROCEDIMENTO METODOLÓGICO</b>	16
<b>1. Sujeitos de Observação e levantamento do material empírico</b>	16
1.1. A Entrevista	17
1.2. Apresentação do fenômeno – entretecendo a forma:	
- Dos fios da linguagem não cindida	19
1.3. A Ética no trabalho investigativo	20
<b>II REFERENCIAL TEÓRICO PARA A ANÁLISE DO ENCONTRO TRANSFORMADOR</b>	24
<b>1. O Pensamento de Winnicott</b>	24
1.1. O espaço potencial: A terceira área ou espaço do brincar	25
1.2. Espaço potencial – O brincar e a saúde	25
1.3. Sobreposição das áreas do brincar: brincar juntos	25
1.4. O brincar e o estado de confiança	26
1.5. A mãe suficientemente boa	27
1.6. Maternagem	27

1.7. O <i>self</i>	28
1.8. O falso <i>self</i>	29
1.9. A experiência estética, o fenômeno do poético	29
<b>2. O Pensamento Junguiano</b>	<b>30</b>
2.1. Concepção de <i>self</i> em Jung: - Processo de individuação, arquétipos, símbolos, inconsciente coletivo	31
<b>3. O Ágape: uma forma de amor</b>	<b>33</b>
3.1. Em busca do Ágape: a equivalência e a justiça	34
3.2. Os limites da justiça	34
3.3. O amor como alternativa à justiça	35
3.4. Recorrendo à Antropologia e à tradição para falar de amor	35
3.4.1. Recorrendo à tradição teológica	36
3.5. As três formas de amor	37
3.5.1. De amor ‘descartado’ a amor ‘central’	37
3.5.2. A <i>philia</i> : a reciprocidade no amor	39
3.5.3. O <i>eros</i> platônico: do particular ao geral	39
<b>4. Encontro com o Ágape – características</b>	<b>40</b>
4.1. O amor às outras pessoas humanas: “o amor ao próximo”	41
4.2. Gratuidade do Ágape: o “dar gratuito, sem esperar nada em troca”	41
4.3. A “doação do Ágape ignora a contra doação”	42
4.4. A ‘despreocupação’ do Ágape: “não acumular mais que para o dia presente”	43
4.5. O Ágape e o perdão	43
4.6. O ágape, a temporalidade e o perdão – a opção pelo presente	43
4.7. O Ágape e o exemplo dos <i>Fioretti</i>	44
4.7.1. A caridade: o amor em movimento	44
4.7.2. “Não julgar”	44
4.7.3. Não “ter preocupação pelo comer ou pelo beber”	45

4.7.4.	Os outros respondem à ‘doação’ pela ‘doação’: “É dando que se recebe”	45
4.7.5.	O Ágape e a paciência	46
4.7.6.	Para uma Sociologia do Ágape: o modelo do Ágape puro	47
4.7.6.1.	O Ágape e a possibilidade de colocar-se em presença	47
4.7.6.2.	“Amar ao próximo como a si mesmo”	48
<b>5.</b>	<b>A Complexidade e o Encontro Transformador</b>	<b>49</b>
5.1.	Edgar Morin e o Pensamento Complexo	50
5.1.2.	O macro conceito de sistema	50
5.1.3.	A organização	51
5.1.4.	A Sociedade	52
5.1.5.	O <i>Complexus</i>	52
5.1.6.	Catástrofe e Acontecimento	53
5.1.7.	Caos	54
5.1.8.	Evolução	55
5.1.9.	Interações	55
5.1.10.	Cismogênese e morfogênese	56
5.1.11.	Relação entre a ordem e desordem	56
5.1.12.	Dialógica	56
5.1.13.	Relativo fechamento do fenômeno de organização	57
5.1.14.	A forma	58
5.1.15.	A organização: as regras transformadoras	58
5.1.16.	Descrição e explicação recorrente: as partes e o todo	58
5.1.17.	Transformação: caráter generativo	59
5.1.18.	A formação transformadora	59
5.1.19.	A transformação formadora: Morfogênese	59
5.1.20.	Manutenção daquilo que mantém	59
5.1.21.	Ordem da organização e organização da ordem	60
5.1.22.	A desordem na organização	60

5.1.23. O fecho e a abertura organizacionais:	
Um sistema tem de ser aberto e fechado	60
5.1.24. O <i>dasein</i> : a evolução	61
5.1.25. Renovação da noção de produção	61
5.1.26. Transformação e metamorfose	61
5.1.27. Auto-reprodução (Autopoiese)	61
5.1.28. Ruído	61
5.2. Complexidade a partir do ruído	62
<b>6. Conceitos básicos de Sistêmica</b>	62
6.1. Sistema e elementos	63
6.1.1. Sistema e sujeito	64
6.1.2. Sistema e relações	64
6.1.3. Sistema e organização	64
6.1.4. Sistema e finalidade	65
6.1.5. Sistema e criação	65
<b>7. O <i>Complexus</i> teórico: Articulando conceitos</b>	66
<b>III O COTIDIANO DO MORAR NA RUA - HISTÓRIAS DE VIDA</b>	69
<b>1. Visitando os moradores de rua – Contato inicial</b>	70
1.1. Fragmentos do cotidiano na maloca	70
1.1.1. Sílvia e o <i>Ágape</i> : busca ativa do próximo	70
1.2. A entrevista solitária	73
1.2.1. A resiliência e o falso <i>self</i>	74
1.2.2. Abrindo-se para o ‘encontro’	75
1.3. Início de nova configuração psíquica	
- “Quero dar um tempo...”	76
1.4. “O mais certo é uma palavra amiga...”	76

1.5. Discursando para uma platéia invisível:	
- “O espírito está pronto mas a carne é fraca...”	77
<b>2. Visita à aula de alfabetização</b>	<b>79</b>
2.1. O discurso de Soviético, o morador de rua	82
2.1.1. Origem	82
2.1.2. Vida ‘selvagem’: esperanças e desencantos	83
2.1.3. O que é dignidade	84
2.1.3.1. O trabalho como ponto de apoio na dignidade humana	85
2.1.4. Violência descrita e anunciada	85
2.1.4.1. O “sistema da prisão”	85
2.1.5. “Esse país... pode ter uma guerra!”	86
2.1.6. “A população do Brasil tem que ter mais consciência”	87
2.1.7. O sentimento religioso como ponto de apoio	89
2.2. Athos, o morador de rua	90
2.2.1. Segmentos de discurso	90
2.2.1.1. Quem é Athos: a origem...	90
2.2.1.2. Rolando para as ‘sarjetas’: morador de rua	91
2.2.1.3. O crime como ‘ato natural’ na ‘guerra’ das ruas de São Paulo...	91
2.2.1.4. A ‘morte’ na ‘guerra da selva urbana’	94
2.2.1.5. “Dona Ruth Cardoso, que está em Brasília...”	95
2.2.2. Sílvia e Athos: encontro	95
2.2.3. “Com a faca na cintura, outra vez...”	97
2.2.4. O desaparecimento do ‘guerreiro’	98
2.2.5. “Ela é mãe...”	98
2.2.6. Fragmentos de conversas e outras notícias: - do morar na rua, crimes, prisões...	99
2.2.7. O anfitrião da maloca	100
<b>3. Conversando através de desenhos</b>	<b>102</b>
3.1. “As emoções do lidar”	104

3.2.	O traço-arte: “qual desenho infantil...”	105
3.3.	“Improvisações”: as casas do ‘sem casa’	106
3.3.1.	“A vida que nunca vivi”	107
3.3.2.	“Casa dos enlouquecidos”	108
3.3.3.	“Sanatório de loucos: hipocrisia”	109
3.3.4.	“Casa do inferno”	110
3.3.5.	“Casa da Boa Esperança”	110
3.3.6.	“Os morcegos (os nóias)”	111
3.3.7.	“Condomínio de luxo – Hipocrisia”	111
3.3.8.	“Vegetando na noite”	112
3.3.9.	“A noite dos idiotas”	113
3.3.10.	“Ser humano descartável: esperança de uma nova era”	114
3.3.11.	“Ser humano espetacular: esta mão aberta é para quem quiser aprender...”	115
3.3.12.	“Solidão” e “Curtindo a vida”	117
3.3.13.	“Laçado pela escuridão”	118
3.3.14.	“Nas ondas das emoções”	118
3.3.15.	“Sempre esperando e nunca encontrando”	119
3.3.16.	“Família cheia de problemas”	120
3.3.17.	“Pensando que não está aprendendo, mas está”	121
3.3.18.	“Falsidade na noite”	122
3.3.19.	‘Deus-sol dos astecas’: Imagem do sol lançando cruces no espaço	125
3.3.20.	“Natal na escuridão e revolta na mente” ‘O sol lançador de cruces’ de Soviético	126
3.4.	Os ‘sobreviventes’ da guerra urbana – Últimas notícias de Soviético e Cara Queimada	128
<b>4.</b>	<b>Marcos, o morador de rua</b>	<b>131</b>
4.1.	“Procurando ser um cidadão na vida...”	131
4.2.	O discurso de Marcos	133
4.2.1.	Desejo de transformação: “Sair desse sistema de rua...”	133

4.2.2.	A Escola e Dona Sílvia: pontos de apoio	133
4.2.3.	Convivendo com a criminalidade	
	- “A gente faz uma vez e perde o medo...”	134
4.2.4.	O que é ser “sujeito homem” – transformação	136
4.2.5.	Recordações da infância:	
	- a ‘educação’ como ponto de apoio	138
4.2.6.	Recusa em pedir esmola	139
4.2.7.	“Sistema de vida” de rua: “uma prisão”	139
4.2.8.	Desejo de trabalho e cidadania	
	- O trabalho como ponto de apoio	140
4.3.	Conversando através de desenhos e colagens	140
4.3.1.	“O ronco do Leão”	141
4.3.2.	“Relembrando: Uma peça desenhada e lembrada pelo curso que eu fiz no SENAI”	142
4.3.3.	Lembranças da infância: Maceió iluminada pelo sol	142
4.3.4.	“Reflexões: O Senhor é meu Pastor e nada me faltará”	143
4.3.5.	“Reflexões de minha vida”	145
4.3.6.	“Reflexões do desenho na data do meu aniversário”	145
4.3.7.	“Albergue: fila da paciência”	146
4.4.	Internação de Marcos – Tuberculose	146
4.4.1.	Visitando Marcos no Hospital Sanatorinhos	148
4.4.2.	“Solidariedade humana ‘incrível’...”	
	“... me deu minha Certidão de Nascimento...”	150
4.5.	Notícias de Marcos em março de 2002	153
<b>5.</b>	<b>Priscila e Paraíba: os habitantes da ‘casa caverna’</b>	<b>154</b>
5.1.	Visita à ‘casa caverna’	158
5.2.	Entrevista: a moradora da ‘casa caverna’	161
5.2.1.	A origem: resgatando lembranças	162
5.2.2.	Medo e desesperança	164
5.2.3.	O cotidiano: estratégias de sobrevivência	165
5.2.4.	“A Prefeitura fez um projeto pra gente na rua...”	

iam dar um barraco...”	166
5.2.5. “Eu sou cozinheira! E olha onde que estou...”	168
5.3. Entrevista realizada com Dona Sílvia sobre a visita à moradora da ‘casa caverna’	171
5.4. Dona Sílvia visita Priscila e Paraíba	179
5.5. Preparando Paraíba para a viagem de Priscila	180
5.6. A internação de Priscila	180
5.7. Visitando o Paraíba	181
5.8. As cartas de Priscila	185
5.9. Visitando Priscila em Campos do Jordão	185
5.10. O discurso de Priscila	187
5.10.1. Nove meses de prisão...	187
5.10.2. “Ela é minha ‘mãe branca’...”	187
5.10.3. Ilusão de cidadania	188
5.10.4. “A Prefeitura não atende o povo de rua...”	189
5.10.5. “Eu nunca votei!... Então, eu não sou ninguém!...”	189
5.11. Últimas notícias dos habitantes da ‘casa caverna’ - Tragédia anunciada	190
<b>6. O Pesquisador como “pesquisado”</b>	190
6.1. Um ‘encontro’ inusitado...	190
6.2. Um lugar para dormir...	193
6.3. A depressão	195
6.4. Acreditar, desacreditando... – O interjogo do encontro	197
6.5. A surpresa	198
6.6. O Parque da Água Branca: - “Um banho, por favor...”	199
6.7. A Prefeitura	201
6.8. Sustos e surpresas	201
6.9. O Projeto Raízes	204
6.10. Novos sustos e surpresas...”	204
6.11. Nova surpresa... A volta...	206

6.12. O reencontro	207
<b>7. A guardiã das identidades – Dona Lucinha, a ‘professora mãe’</b>	<b>208</b>
<b>IV O REVELAR DO FENÔMENO</b>	<b>215</b>
<b>1. O amor Ágape – Características</b>	<b>216</b>
1.1. Amor ao próximo	216
1.2. Amar ao próximo como a si mesmo: o auto perdão	217
1.3. Amor em movimento: busca ativa do amado, capacidade de colocar-se em presença	218
1.4. O próximo responde à doação com doação: “é dando-se que se recebe”	221
1.5. O Ágape não depende do valor ou mérito do amado	222
1.6. “Amar o próximo que se vê” e o desejo de transformação - A autonomia	223
<b>2. O Encontro Transformador</b>	
- <i>Tecendo o Complexus</i>	224
2.1. Abrindo-se para o Encontro Transformador - Construindo o espaço da confiança	225
2.2. O ponto de apoio ou ponto fixo	226
2.2.1. O ponto de apoio: o modelo favorável	226
2.2.2. O ponto de apoio: a generatividade, o próximo significativo	227
2.3. Ausência de modelos favoráveis na infância	229
2.4. ‘Encontro’ no espaço da confiança – a criação do amor	231
2.4.1. Os fenômenos da experiência estética e do poético na criação do amor	232
2.5. O sentimento de religiosidade e o acontecer do <i>self</i>	235
2.5.1. <i>Self</i> teleológico, religiosidade e manifestação arquetípica: anunciando a morte	237

2.5.2. A religiosidade como ponto de apoio	
- Apontando o rumo	242
2.6. O ponto de apoio: defendendo-se da ‘loucura’	245
2.7. O ‘tempo’ no processo do Encontro Transformador	
- “Acompanhantes no tempo”	246
2.8. A regressão e a procura do verdadeiro <i>self</i>	248
2.8.1. O falso <i>self</i>	248
2.8.2. Resiliência, falso <i>self</i> e criminalidade	250
<b>3. O Encontro Transformador e a Complexidade</b>	
- <b>Avançando na tecedura do <i>Complexus</i></b>	252
3.1. O processo de transformação	
- Reconhecendo a forma: o falso <i>self</i>	253
3.2. Início da transformação: Catástrofe ou ruptura de forma, movimento regressivo	254
3.3. A transformação: configurando a nova forma	257
3.3.1. A permanência da forma: manutenção daquilo que mantém	258
<b>4. O Encontro Transformador e o Cenário Social</b>	263
4.1. O espaço e a praça-maloca	263
4.2. Cidadania, sociedade brasileira e os moradores de rua	268
4.2.1. Prática de arbitrariedade e ritual de humilhação	272
4.2.2. Na contramão da arbitrariedade:	
- “Era um polícia de ‘bom coração’...”	274
4.3. A moradora da casa caverna: excluída?	
- Recontextualização do conceito de exclusão	276
4.4. O crime como processo de inclusão marginal	282
4.4.1. Transitando pelas drogas e a criminalidade	284
4.5. A ‘cidade cindida’ e as ‘pontes-humanas’	
- Providências de trânsito relacional	288
4.6. A “Espada e a Balança da Justiça”: Os Direitos Humanos	292

4.6.1. A Constituição brasileira de 1988 e os Direitos Humanos: - Os moradores de rua, a cidadania, a dignidade humana	293
4.6.2. O papel do Estado na consolidação da cidadania - As “ações afirmativas” e os moradores de rua	296
<b>V VISUALIZANDO O “COMPLEXUS”</b>	298
<b>1. Abrindo questões: refletindo rumos</b>	298
<b>2. <i>Complexus</i>: Tecedura</b>	304
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	306

# ÍNDICE

## FOTOGRAFIAS, DESENHOS E DIAGRAMAS

1. Fragmentos do cotidiano do morar na rua – A maloca	70A
2. Mariana: a moradora de rua artesã	71A
3. ‘Corpo nômade’: cicatrizes	72A
4. “Palavra amiga”	75A
5. Visita dominical: a família reunida na maloca	75B
6. Cenas do cotidiano na maloca: ‘brincadeiras em família’	75C
7. Cenas do cotidiano na maloca: ‘O repouso de Soviético’	75D
8. Cenas do cotidiano na maloca: ‘Arranjos domésticos’	75E
9. Novos moradores na maloca	75F
10. Pertences domésticos: permanência instável	75G
11. ‘Pontos de apoio’ na inospitabilidade do morar na rua	75H
12. Cenas do cotidiano na maloca: ‘beber para esquecer’	75 I
13. Discursando para uma platéia invisível	77A
14. Cotidiano na maloca: higiene ao despertar	79A
15. ‘Casa ao ar livre’: vestígios da dinâmica de vida	79B
16. Na maloca: o leito solitário do morador de rua	79C
17. “Cumprindo o prometido...” – Na aula de Dona Sílvia	80A
18. Aula aos moradores de rua	89A
19. No ponto de ônibus (1)	90A
20. No ponto de ônibus (2)	90B
21. “A vida que nunca vivi”	107A
22. “Casa dos enlouquecidos”	107A
23. “Sanatório de loucos: Hipocrisia”	109A
24. “Casa do Inferno”	109A
25. “Casa da Boa Esperança”	110A
26. “Os morcegos – (Os nóias)”	110A
27. “Condomínio de luxo – Hipocrisia”	111A
28. “Vegetando na noite”	112A

29. “A noite dos idiotas”	113A
30. “Ser humano descartável – Esperança de uma nova era”	113A
31. “Ser humano espetacular: esta mão é para quem quiser aprender”	115A
32. “Solidão e Curtindo a vida”	115A
33. “Laçado pela escuridão”	118A
34. “Nas ondas das emoções”	118A
35. “Sempre esperando e nunca encontrando”	119A
36. “Família cheia de problemas”	120A
37. “Pensando que não está aprendendo, mas está”	120A
38. “Falsidade na noite”	122A
39. “Sol lançando cruzeiros no espaço – Carlos”	126A
40. “Sol lançador de cruzeiros – Soviético”	126A
41. “O ronco do Leão”	141A
42. “O ronco do Leão”	141B
43. “Relembrando: Uma peça desenhada e lembrada pelo curso que eu fiz no SENAI”	142A
44. Lembranças da infância: Maceió iluminada pelo sol	142B
45. “Reflexões: O Senhor é meu Pastor e nada me faltará”	143A
46. “Reflexões de minha vida”	145A
47. “Reflexões do desenho na data do meu aniversário”	145B
48. “Albergue: fila da paciência”	146A
49. Jangada: processo de “encontro transformador”	148A
50. Jangada: porta-retrato de Marcos	148B
51. Chegando à ‘casa caverna’	159A
52. O acesso à ‘casa caverna’ – Dificuldades	159B
53. Chegando ao ‘buraco de entrada’ da ‘casa caverna’	159C
54. A entrada da ‘casa caverna’ – Descida íngreme	160A
55. ‘Casa caverna’: ambiente interno 1.	160B
56. ‘Casa caverna’: ambiente interno 2.	160C
57. O ‘fogão fogueira’ e o lixo no interior da ‘casa caverna’	160D
58. Morando com ‘baratas’, na escuridão...	161A
59. A entrevista com Priscila dentro de sua ‘casa caverna’	161B

60.	A saída da ‘casa caverna’ – A ‘escalada’	170A
61.	Camuflando a ‘casa caverna’	170B
62.	O ofício de ‘guardador de carros’	171A
63.	A ‘guardiã das identidades’	209A
64.	A ‘professora-mãe’ na sala de aula	210A
65.	A ‘professora-mãe’ na maloca	212A
66.	Diagrama 1. O <i>COMPLEXUS</i> DO ENCONTRO TRANSFORMADOR O espaço do encontro e a criação do amor em si-mesmo	299A
67.	Diagrama 2. O <i>COMPLEXUS</i> DO ENCONTRO TRANSFORMADOR A professora em Ágape e o morador de rua	299B
68.	Diagrama 3. O <i>COMPLEXUS</i> DO ENCONTRO TRANSFORMADOR Manutenção da nova configuração psíquica e resiliência do morador de rua	301A

***HISTÓRIA DE UM PERCURSO***

## HISTÓRIA DE UM PERCURSO

Completada esta Tese, sou levada a um recuo no tempo, até o momento onde as primeiras inquietações, as primeiras conversas com o fenômeno do morar na rua começaram.

Já havia entrado em contato com os moradores de rua através do “grupo da sopa” que, algumas noites a cada semana, levava o alimento aquecido a grupos de seres humanos que se aninhavam, aqui e ali, pelas ruas centrais da cidade de São Paulo.

Aquele “modo de morar”, aquelas pessoas recriando estratégias de sobrevivência em situações inóspitas, desafiavam-me a compreensão.

Certa vez – e a cena ficou-me vividamente marcada na lembrança – quase ao fim da leitura de prestigiada e extensa obra sobre relações sociais e política, na busca que estava de novos “caminhos” para compreensão daquele fenômeno humano, repentino *cansaço* abateu-me. A argumentação do autor foi perdendo força, distanciando-se cada vez mais daquele fenômeno de vida que desejava compreender. Fechando o livro, recostei-me, cerrei os olhos, rendendo-me à sensação de vazio face à fome de saber não saciada. No entanto, naquele estado de “repouso-cansado”, a razão teimosa – mesmo fragilizada – ainda tentava argumentar com pensamentos cada vez mais enfraquecidos, ensaios que me fizessem entender aquele – para mim – estranho movimento do viver.

Repentinamente, configurando-se em formas pulsantes de luz e cores na retina de minha mente, surgiu a imagem de um grupo de moradores de rua dançando de mãos dadas, numa roda girando no ar, ébrios, enlouquecidos, gargalhando desafidores naquele giro dionisiaco, rindo dos meus ensaios frágeis, fragmentados, insuficientes ante a complexidade de suas vidas, da “dança do seu viver”.

A visão desafiadora – esfinge enigmática – permaneceu convidando-me a decifrá-la na “viagem-trajetória” acadêmica que empreendi desde então, tendo como tema a vida, as histórias de vida de seres humanos que – fechando-se em si mesmos e no mundo do morar na rua – silenciavam confianças, afogavam esperanças, projetos de vida, calavam a própria voz.

Empurrada de volta ao ponto de partida, a viagem em busca do “segredo” requeria um roteiro, mapa-caminho que me apontasse trajetórias onde não me perdesse. Os “mapas-métodos” que lançara mão naquele início de percurso serviram para começar, lançar-me à estrada. No entanto, face às tentativas de aproximação, logo o alvo buscado me denunciava em seu apelo-enigma de problema complexo: “Por aí você estará me reduzindo, e eu continuarei a dançar desafiador, livre de você, ignorando-a, transbordando-me dos seus

ensaios que tentam destruir a minha dança, abafar a minha música, não dar eco à minha voz...”

Foi quando, então, tomamos contato com um modo diferente de caminhar... E foi assim mesmo, num discurso plural – junto a amigos incansáveis que foram se juntando na busca – que ouvimos os ecos de “um convite para pensar”: encontramos o “Pensamento Complexo”.

Sob o influxo do “tecido da Complexidade” entretecido por Edgar Morin – do “Complexus” – que é “o que está junto, é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa, isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do Complexus não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram”, encontramos a porta-trajetória – “caminho sem caminho” que se faria no caminhar – que nos conduziria na viagem *até e pela* esfinge desafiadora.

Aqui estão, nesta Tese, as marcas desse caminho, os resultados dos diálogos – dialógica – com o fenômeno que foi revelando-se devagar, passo a passo, sob o buril das diversas teorias que se conjugaram na iluminação de cada faceta sua. E o mesmo velho livro – que me parecera antes insuficiente porque usado como parcial – sob o influxo do novo *método* que promovia a união no diálogo ao invés da disjunção, tomou força ao lado de outras obras, de outras disciplinas, de outras formas de linguagens, conjugadas para fazer face à complexidade do viver daqueles moradores de rua.

E paradoxalmente, ao chegarmos no final – que era o começo – ao conversarmos com a “esfinge”, ela contou também de mim, contou do nós, contou do Ágape, falou de Amor...

Aparecida Magali de Souza Alvarez

25/01/2003

em São Paulo

## ***INTRODUÇÃO***

## INTRODUÇÃO

### *1. A população de rua na cidade de São Paulo*

#### *- A “praça-maloca” da Bela Vista*

Em 1993, entramos em contato com um grupo de moradores de rua que habitava uma pequena praça no bairro da Bela Vista, no centro da cidade de São Paulo. Era noite quando adentramos na pequena “maloca”<sup>1</sup>, acompanhando algumas pessoas que lhes levavam habitualmente “sopa quente”. Aquecendo-se junto a uma fogueira acesa no chão de terra da pracinha, a cães e aos próprios companheiros de rua, conhecemos o grupo de pessoas cujas trajetórias de vida passaríamos a acompanhar, através de um estudo longitudinal (ALVAREZ, 1999)<sup>2</sup>, ao longo de cinco anos, até 1998. Ao concluirmos esse estudo, houve dispersão natural desse grupo de moradores de rua e, já no final de 1998, outras pessoas instalavam-se no local.

O novo grupo, que começamos a observar a partir de então, apresentava características diferenciadas do anterior. Transformações foram acontecendo no modo do morar na rua. Ao longo daqueles 5 anos, acompanháramos a intensificação gradativa do uso e tráfico de drogas, que afetara diretamente a população de rua; houve também constante aumento dessa população. Sobre esse aumento populacional, comparando dados, vale lembrar que em 1994, na investigação realizada pela Secretaria Municipal da Família e Bem Estar Social da Cidade de São Paulo (citada em ALVAREZ, 1999) foram localizados 4549 “sem teto” na cidade de São Paulo. Já os resultados mais recentes do “Primeiro Censo de Moradores de rua da Cidade de São Paulo”<sup>3</sup>, realizado no ano de 2000, apontam para um universo de 8.706 pessoas – compreendendo faixas etárias a partir de 18 anos de idade – morando nas ruas da cidade de São Paulo. Portanto, de 1994 para 2000, respeitando as

---

<sup>1</sup> “Maloca” é denominação que os moradores de rua de São Paulo atribuem ao local e ao modo de vida que ali se desenvolve, significando um modo específico de viver na rua: não construção de proteção aos próprios corpos, embriaguez, mendicância, exposição a violências.

<sup>2</sup> Uma variação deste estudo foi publicado sob o título: “La résilience et l’habitation dans la rue: Etude des habitants de rue – enfants et adultes – dans la ville de São Paulo” Paris:L’Harmattan; 2002; (ALVAREZ, 2002).

<sup>3</sup> Levantamento censitário e caracterização sócio-econômica realizado pela Secretaria da Assistência Social – SAS, da Prefeitura de São Paulo no ano de 2000, mediante contratação da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE. Esclarecem os realizadores do censo que, “devido às especificidades que envolvem crianças e adolescentes, demandando “estudos desenhados especificamente para elas”, as mesmas não foram contempladas, valendo o mesmo argumento para explicar a ausência de dados sobre saúde mental e deficiência física”.

especificidades de cada pesquisa realizada, podemos falar em “crescimento” numérico da população de rua nesta cidade, cuja maioria (61,9%) concentra-se no intervalo de 26 a 45 anos. E aqueles seres humanos – na sua maioria homens adultos – com os quais iniciáramos um novo processo investigativo, faziam parte dessa faixa etária.

A praça/maloca onde se instalaram, como dissemos, localizava-se na Bela Vista, bairro da região central da cidade de São Paulo. Região marcada pela presença de bares, restaurantes, teatros, poderíamos defini-la como uma *mancha de lazer*, conforme sugere MAGNANI (2002), ao explicar sobre padrões de uso e ordenação do espaço urbano. Para este autor, as “manchas são áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 2002:22).

O mesmo autor, em sua compreensão do fenômeno urbano, ao referir-se à categoria “*pedaço*”, explicita que “é uma experiência concreta e compartilhada”. “(...) essa modalidade particular de encontro, troca e sociabilidade supõe a presença de elementos mínimos estruturantes que a tornam reconhecível em outros contextos”; e completa: “A noção de *pedaço* supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002:20)

Como poderíamos, portanto, caracterizar a “*pracinha/maloca*” face à colocação de Magnani sobre o “*pedaço*”? Quais as aproximações ou pertinência de tal noção em relação àquele pequeno território a céu aberto, no centro da cidade de São Paulo, onde observávamos os moradores de rua vivendo? Afinal, eles estavam ali, desafiando a compreensão de quem os via sob a ótica de um padrão sedentário de vida, moradores de uma cidade projetada para um padrão de vida sedentário.

Retomando MAGNANI (2002), ele argumenta que a noção “*pedaço*” é formada por “dois elementos básicos: um de ordem espacial, física – configurando um território claramente demarcado ou constituído por certos equipamentos.” E a praça/maloca configurava esse território claramente demarcado. Lá estava ela, pequena, curiosamente sem um nome oficial que a distinguisse nos mapas de zoneamento da cidade. Um de seus antigos moradores – o morador de rua “Tio Júlio” – denominou-a de “Praça da Alegria”, nos “tempos” em que só a pinga dava entrada na maloca, em que ainda não se disseminara o uso do “*crack*” entre seus moradores (ALVAREZ, 1999).

O outro elemento definidor de “*pedaço*”, segundo Magnani, além da ordem espacial, física, era o social, “na forma de uma rede de relações que se estendia sobre esse território”. Entretanto, continua o autor, “não bastava passar por esse lugar ou mesmo freqüentá-lo com alguma regularidade para *ser do pedaço*: era por referência a um código de

relações que se podia dizer quem era ou não “do pedaço” e em que grau (“colega”, “chegado”, “xará”, etc.). O autor vai mais além na argumentação quando entrecruza a noção de “pedaço” com as noções de “casa” e “rua” de DA MATTA (1997), passando assim a designar “um tipo particular de sociabilidade e apropriação do espaço urbano”. O pedaço, portanto, segundo o autor, estaria “apontando para um *terceiro domínio* (grifo nosso), intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual tem acesso os *parentes* e a rua é dos *estranhos*, (...) o pedaço é o lugar dos *colegas*, dos *chegados*. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer” (MAGNANI, 2002:21).

Quanto à praça/maloca de nossos sujeitos de observação, percebíamos que ali estava algo ainda mais complexo que a noção de “pedaço”: os moradores de rua não *saíam* de suas casas e se dirigiam a um território “*lugar de passagem e encontro*”. Eles *viviam* lá, *moravam* lá, com todas as implicações e complicações de uma *casa a céu aberto*. Não possuíam – na maioria – laços de parentesco entre si, mas, tornaram-se “*irmãos pelos laços relacionais das ruas*” (ALVAREZ, 1999). No entanto, aquele espaço, também, era um *lugar de passagem e encontro* para outros moradores de rua que lá iam, atraídos pela *rede específica de relações* que ali se configurava. Concluíamos que estávamos, portanto, diante de um *quarto tipo* particular de fenômeno de sociabilidade e apropriação do espaço urbano, a que poderíamos nomear – apoiando-nos na concepção de “pedaço” de Magnani – como “*pedaço moradia*”. Inclusive porque essa nova categoria – transcendendo à colocação originária de Magnani – estava associada às questões psicológicas da “*casa psíquica*” de cada um que lá estava, morando a céu aberto.

Não havia paredes ou portas a serem transpostas para entrar-se nessa “*casa*” do “*sem casa*” mas, nitidamente sentíamos os limites do “*dentro/fora*”. Elaine RABINOVICH (1996) refere-se a essa característica “*dentro/fora*” em seu trabalho sobre os “*sem casa*”, como uma “*característica destas casas de modo que, mesmo sem paredes, o espaço estava sendo ocupado configurando uma delimitação*”. Declara a autora que, “*como um conceito operacional, poderíamos dizer que o desejo de bater palmas para pedir licença para entrar, poderia ser o indicador de uma casa*” (RABINOVICH, 1996:75). Quando comparecíamos à maloca, para as atividades de pesquisa, esse “*fora*” e “*dentro*” era vivenciado por nós claramente. O relato do Diário de Campo sobre uma dessas visitas – quando estávamos na maloca em fria noite de inverno – revela essa percepção: “*... esse “fora” e “dentro”, naquele momento – dado o inusitado – pude vivenciar com lucidez: entrara num mundo que jamais pudera conceber enquanto aquecida e protegida no confortável mundo de cidadã urbana. E foi uma inserção “mágica”. Não transpusera nenhuma muralha de cidade fortificada ou*

fronteiras guardadas de países distantes: simplesmente, descendo de um carro, adentrara em outra realidade, a outra “cidade dentro da cidade” (Relato da Pesquisadora).

RABINOVICH (1996:75), em seus estudos referentes às “casas dos sem casa”, categorizou esse segmento populacional em cinco tipos: *nômades*, *assentados*, *cavernas*, *selvagens* e *neo-nômades*, denominações que procuravam corresponder a aspectos físicos e vivenciais destes “moradores”. Conforme afirma a autora, tal descrição – em sua tipologia e terminologia – decorreu de condições materiais e concretas de vida, e não de estágios da “selvageria” ao “civilizado”. *Selvagem*, portanto, foi a auto denominação de um deles para as pessoas que não construíam “casas” e dormiam na “sarjeta”, dizendo ser ele mesmo um habitante da “selva urbana” – “*a senhora me desculpe mas somos da selva, selvagem*” – onde várias tribos existiam, umas inimigas das outras: “*selvagem, não porque nós que, mas parece uma tribo de índios: nós somos nós e o resto é o resto. Somos pessoal anti-social porque a sociedade jogou nós fora. A senhora me daria um emprego?*” (p. 80) . *Cavernas* eram os que habitavam dentro das estruturas das pontes e viadutos. *Nômades* eram pessoas que procuravam abrigar-se construindo algum tipo de habitação sob o viaduto ou nas calçadas, mudando continuamente de abrigo. *Assentado* construíam “casas”, sendo definidos praticamente pela possibilidade de fechar uma porta, ou seja, de “guardar” os “bens”. Construíam tais “casas” sob os viadutos, sendo sem teto duplamente: não tinham casa e suas casas não tinham teto. Diferiam dos favelados por ocuparem espaços urbanos onde não poderiam permanecer, sendo que sabiam disto.<sup>4</sup> De acordo com essa categorização a partir das condições materiais, os nossos sujeitos de observação corresponderiam na terminologia de Rabinovich ao segmento dos “*selvagens*”, pois não construíam casas na praça-maloca, dormindo sobre o chão de terra ou abrigando-se sob pequenas barracas improvisadas.

A publicação “População de rua – quem é, como vive, como é vista” (VIEIRA e cols. 1994) apresenta uma caracterização da população de rua de um segmento da cidade de São Paulo e como tem sido atendido em suas necessidades. Afirmando que “a imagem do mendigo tradicional” não seria a expressão do que seria o conjunto da população de rua na cidade de São Paulo na época, relata que “trata-se de pessoas que vivem em situação de extrema instabilidade, na grande maioria de homens sós, sem lugar fixo de moradia, sem contato permanente com a família e sem trabalho regular. A ausência de moradia e portanto, de condições mínimas de privacidade, os torna mandatários de serviços básicos de higiene e abrigo. *A falta de convivência com o grupo familiar e a precariedade de outras referências de apoio efetivo e social fazem com que esses indivíduos se encontrem, de certa maneira,*

---

<sup>4</sup> A diferenciação entre assentados e favelados foi dada, segundo a autora, por Suzana Pasternak TASCHNER, comunicação pessoal, 1993.

*impedidos de estabelecer projetos de vida e até de resgatar uma imagem positiva de si mesmos*” (grifos nossos) (VIEIRA e cols. 1994:155).

Cita ainda o estudo a visão que a sociedade tem dos que habitam nas ruas da cidade, sociedade que os nomeia como “vagabundos, malandros, vadios ou então como coitados; eles são o **outro**, o que não faz parte, que precisa ser afastado ou reintegrado”. E completa: “no entanto, o morador de rua assume de forma extremamente rígida o estigma lançado sobre si, utilizando os olhos da sociedade para avaliar sua condição social. Sente-se um **fracassado**, um **caído**”(VIEIRA e cols. 1994:100).

Por nossa vez, identificávamos aquele grupo de seres humanos morando nas ruas, na pequena praça, vivendo situações existenciais extremas. Oprimidos pela situação de exclusão, invadidos pelo sentimento de frustração, vergonha, raiva, viviam conflitos entre a opressão do mundo externo e pulsões internas.

Muitos deles desenvolveram um movimento específico de “estar no mundo”, respondendo ao crime com o crime, mergulhando na indiferença, depressão, drogas, mendicância. Vez ou outra “catavam” material reciclável pela cidade, que lhes rendia ‘trocados’, que também eram ganhos no “acharque”<sup>5</sup> nas esquinas. Imersos na *cultura da rua*, desenvolviam estratégias de sobrevivência, muitas vezes protegendo seu “verdadeiro interior psíquico” com padrões de conduta que lhes permitiam sobreviver nesse ambiente destrutivo.

Ao serem abordados – para *falarem de si mesmos* – por pessoas que querem ajudá-los ou simplesmente fazerem sondagens, pesquisas, para se protegerem desses assédios à intimidade “fabricam muitas vezes “relatos protetores”, desinvestidos de si-mesmos, atrás do qual se escondem e aí se perdem. Essas histórias conservam um vago traço do vivido...” (DECLERCK, 2001:299).

As dificuldades no relacionamento com os moradores de rua estão expressas nos relatos de alguns profissionais de Distritos de Saúde de São Paulo, que participaram de “Oficinas de Trabalho” na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, em 2002. Como parte da estratégia dessas oficinas, esses profissionais relataram seus problemas junto à população de rua, problemas ligados aos serviços, davam sugestões, veiculavam conhecimentos. Vejamos alguns excertos dessas falas:

*“Não podemos perder a história do sujeito, sua trajetória...”*

*“Gostaria que se incluísse na proposta trabalhar com a população geral da cidade a recepção e o acolhimento da população de rua. A população*

---

<sup>5</sup> “Acharque” – Ação de pedir dinheiro ou outro tipo de contribuição nas ruas da cidade.

*tem medo, acha que vai sofrer – com a presença de moradores de rua – algum furto...”*

*“Na hora da abordagem, de lidar, eu vejo o despreparo grande dos profissionais da Saúde, percebo o preconceito em relação à população de rua...”*

Nessas colocações perpassavam preocupações com a questão da abordagem dessa população, com o modo de *lidar* com esse morador, denunciando o despreparo de muitos profissionais, no caso os da Saúde, com essas questões, revelando o preconceito da Sociedade em geral em relação à população de rua.

## **2. A Resiliência e os moradores de rua: ampliando contornos**

Nos contatos iniciais que se desdobraram desde 1993 com o grupo de moradores de rua da pequena praça/maloca, sujeitos de observação do processo de investigação do Mestrado (ALVAREZ, 1999), observamos que algumas daquelas pessoas que lá viviam, contrariando as expectativas comuns para tal tipo de população – fizeram uma transição progressiva para outro modo de vida: abandonaram o “vício” da bebida alcoólica<sup>6</sup> e, reerguendo-se das situações adversas em que viviam, empreenderam novas trajetórias. Estabeleceram novos vínculos afetivos, passaram a interessar-se pelo trabalho, preocuparam-se com um lugar melhor para morar – um “barraco” precário – que foi construído em um terreno baldio próximo à maloca onde viviam. Essas pessoas foram consideradas, ao final do trabalho investigativo, como “resilientes”, ou seja, “portadores da capacidade humana de fazer frente às adversidades da vida, superá-las e sair delas fortalecidos ou, inclusive, transformados (GROTBERG, 1996).

As entrevistas que realizáramos com esses sujeitos de observação, revelaram-nos alguns conceitos heurísticos que associamos ao conceito de resiliência explicitado por GROTBERG (1996) e que haviam sido observados em estudos anteriores sobre o mesmo tema (ALVAREZ e cols. 1997): o “ponto fixo” (DAMERGIAN, 1988), “sentido da existência” e “busca de sentido” (FRANKL, 1989; CRITELLI, 1996) surgiam como algumas características da vida mental de cada sujeito psíquico e, também, desenharam-se os contornos de seus diálogos com as “circunstâncias” (ORTEGA Y GASSET, 1989), com as adversidades, com o inóspito mundo do morar na rua.

---

<sup>6</sup> A bebida alcoólica – a “pinga” – era único “vício” ao qual o grupo se entregava sendo que, conforme já relatamos, ao longo dos cinco anos da pesquisa, pudemos acompanhar a entrada e aumento do uso do crack entre as populações de rua que contatamos.

Explicitando esses conceitos, destacamos CRITELLI (1996) que desenvolveu seus trabalhos com base na idéia heideggeriana do “sentido da existência” – o rumo – a respeito da experiência humana da vida que é, originariamente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da angústia – referida como a experiência da inospitabilidade do mundo quando o sentido que se fazia se evade, manifestando-se o mundo nessa sua inospitabilidade.

FRANKL (1989), ao referir-se ao “sentido da vida”, anuncia que o desejo de sentido seria não só uma genuína manifestação de humanidade do homem como também um plausível indício de saúde mental, afirmando que o ser humano deve sempre “estar endereçado”, apontar para qualquer coisa ou qualquer um diverso dele próprio, ou seja, um sentido a realizar, ou para outro ser humano a encontrar, para uma causa a qual consagrar-se, ou uma pessoa a quem amar. Somente na medida em que consegue viver essa auto-transcendência da existência humana, alguém é autenticamente homem e autenticamente “si próprio”.

Em estudo preliminar sobre a resiliência (ALVAREZ e cols. 1997), observamos que a “criação de sentido” está ancorada em uma capacidade de ter iniciativa, isto é, o poder ir e ter para onde ir, que é o “rumo”. Estes atributos seriam os da “paternagem” como o que “aponta o caminho”, o fator educativo, o que mostra – pelo exemplo – o caminho. Poderia ser, por exemplo, o contexto mais amplo no qual a criança se encontra: se vivendo em uma Instituição, seria essa instituição em seu funcionamento, possibilitando à criança vivenciar a tomada de decisões, de responsabilidades, de mutualidade responsiva. Seria o oposto de favorecer uma posição de vitimização – uma dependência passiva, exigente e queixosa – e permitir à criança experienciar o poder, pequeno, que ela tem dentro da estrutura onde vive.

Ao discorrer a respeito do “ponto fixo”, DAMERGIAN (1988) nos sugere que o bebê necessitaria de um ponto fixo para construir um universo, isto é, seu mundo interno, sua identidade; ou seja, o ponto fixo seria o objeto bom que lhe deve ser oferecido pelo meio (mãe ou substituta). Sem isto, não haveria a estruturação do núcleo do ego, a personalidade não se desenvolveria, a identidade não se construiria. Reflete, ainda, a autora a respeito desse “objeto bom” ou “ponto fixo” a ser oferecido pela “mãe sociedade” a seus “filhos membros”. O “ponto fixo”, pois, seria algum marco de referência que permanece, podendo ser uma pessoa, presente ou ausente, real ou fantasiada, uma coisa, um lugar.

BOWLBY (1989) faz referências à “base segura” como um ponto central de comportamento de cuidados e, também, a um “modelo” positivo de comportamento a ser oferecido ao bebê (BOWLBY, 1990), como base para um desenvolvimento psicológico saudável da criança, contribuindo para a formação de uma personalidade resiliente, que seria

capaz de continuar assim mesmo em circunstâncias adversas. Melanie KLEIN (1971) também trata da questão do “modelo favorável para formar futuros relacionamentos”, ligado ao processo de estruturação da personalidade.

Edith GROTBORG (1996) argumenta a respeito da possibilidade dos pais – ou outros cuidadores – de promover, ou não, a resiliência em suas crianças, através do tipo de cuidados que dispensariam a elas, da forma em que as ajudam a responder às situações adversas da vida.

E nas questões afetas à Psicologia Social, alinhamo-nos ao pensamento de DAMERGIAN (1988) que, apoiada na Psicologia do Desenvolvimento Humano, aborda – ao falar na construção da identidade do indivíduo – a importância das determinações internas, as forças psicológicas, o inconsciente e sua ação na interação humana. A mesma autora, ao discorrer sobre sua proposta do modelo de interação, coloca que “a importância de pensar a interação como *troca* (grifo nosso) é, do ponto de vista da Psicologia Social, a possibilidade de contribuir para uma vida mais saudável”; ou ainda, no mesmo tema, em outro momento, afirma que: “(...) a Psicologia Social deve se empenhar em contribuir para uma convivência mais saudável. Neste sentido, ela deve levar em consideração as condições em que se estabelece a *troca entre os indivíduos e a sociedade* (grifo nosso), a importância dos primeiros padrões interativos, que podem se perpetuar, e os modelos que oferece para os indivíduos” (DAMERGIAN, 1988:323).

As observações do fenômeno até então efetuadas, das relações entre os moradores de rua e as pessoas que estabeleciam contatos com eles com o objetivo de “ampará-los” em suas necessidades e retomada do “rumo”, nos sugeriam explicitar o processo que possibilitava ao morador de rua a retomada do sentido de sua vida, que não possuiria somente as características de *troca*, no sentido de “permutar”, “dar uma coisa por outra”. Que algo mais estaria acontecendo ali, entre aquelas pessoas e os moradores de rua?

É certo que os “pontos fixos” estavam lá, identificados nas pessoas que se entregavam na relação de ajuda e nós apontávamos para a importância dessa ajuda ao “outro” que se “reerguera” para a vida. Esses moradores de rua, como dissemos, foram considerados resilientes, ou seja, ante a quebra do sentido de suas existências – vivendo em situações extremamente adversas – vivenciaram a angústia da inospitabilidade de suas vidas e não se deixaram sucumbir: impulsionados pela “vontade de vida”, vocação para a vida, com o auxílio de “pontos fixos” ou pontos de apoio provenientes do entorno, de pessoas que os auxiliaram; de “pontos fixos” internos, que eram representados por modelos saudáveis (cuidadores como o pai, mãe, avó, ou outros) introjetados na infância distante; ou do que denominamos “maternagens tardias” através de “adultos amorosos” (KLEIN, 1971;

DAMERGIAN, 1988) que os socorreram, eles puderam empreender o que denominamos de “viagem heróica” em busca de um novo sentido em suas vidas. Falávamos em “viagem” porque falávamos de “movimento”, processo dinâmico de criação de um “rumo”. Lançaram os seus “barcos” na fluidez da existência, confiaram na dinâmica do viver.

Naquele momento, ao conceito de resiliência cunhado por Edith GROTBORG (1996) e que até então fora o eixo central de nossa investigação, acrescentávamos novas características definidoras, configurando-se assim os contornos da nossa noção de resiliência. Lançando mão do recurso metafórico – a imagem da “dança” que evoca movimento, estratégia, fluidez, acerto de passos, ordem e desordem, conjunto, fusões, relações e interações entre parceiros – nós dissemos que *“resiliência é uma dança bem sucedida na música da vida. Não uma dança com bailarinos solitários: ela pede parcerias, colaborações, empatia, encontros. Ela fala de amor”*.

Lá estava – naquela imagem – o movimento intrínseco que evocava a dinâmica da resiliência. Nas relações que se faziam entre os seres humanos que se encontravam, que segredos ainda se aninhariam nesse movimento de encontro? E mais: que “amor” era esse, linguagem inaudita “falada” na resiliência?

Algumas “pistas” já nos aguçavam o espírito perquiridor: era uma *dança bem sucedida na música da vida*. Nos movimentos harmônicos da vida, que compreende também as dissonâncias, as ordens e desordens, era um movimento que cumpria os fins do viver, de “estar” no mundo de maneira “bem sucedida”. O que seria, então, “estar no mundo de maneira bem sucedida”? Uma resposta parcial se apresentava e estava ligada com empunhar o “sentido da vida”, o “rumo”: ao não se deixar sucumbir face às adversidades da vida, superando-as e inclusive se transformando, configurava-se a “dança” como movimento bem sucedido no processo do viver.

Finalmente, a última palavra do conceito por nós proposto surgia – de todos – como o mais instigante apelo: *o amor*. Quais as características desse amor, que amor era esse, enfim, que tinha a força de promover o sucesso da dança do viver?

Nesta Tese objetivamos percorrer os caminhos que nos levassem ao desnudar dessas facetas do fenômeno: aprofundar o conhecimento sobre o “encontro”, encontro esse que já sabíamos pedir parcerias, colaborações e empatias entre as pessoas que se encontravam. No entanto, o quê mais se “esconderia” nas sutilezas desse encontro, que pudesse levar os seres à superação das adversidades, à transformação?

As indagações nos encaminharam ao pressuposto – que norteou a linha de investigação desta Tese – de que haveria uma interação específica entre os seres humanos, caracterizada pelo que denominamos de “encontro” que, pela sua especificidade,

possibilitaria a “transformação” dos envolvidos. Tratar-se-ia de um encontro que seria transformador no sentido de possibilitar o despertar das potencialidades dos sujeitos de observação – moradores de rua e não moradores de rua que os auxiliavam – a retomada do rumo de suas existências, ou seja, do sentido da vida, promovendo-lhes “a capacidade humana de fazer frente às adversidades da vida, superá-las e sair delas fortalecidos ou, inclusive, transformados”: a resiliência.

### **3. O “Método”: Convite para um pensamento complexo**

#### **- Configurando o caminho e construindo o objeto de investigação**

As indagações – foco do processo investigativo – nos remetiam ao estudo de um objeto de pesquisa peculiar: *o ser humano*, dinâmico, movimento, que está lançado – agindo e interagindo – na fluidez da existência (CRITELLI, 1996), que nos pedia uma estratégia teórico-metodológica que refletisse tal dinamismo. Um convite – aceito por nós – para um “*pensamento complexo*”, explicitado por MORIN (1996<sup>a</sup>) que afirma que a “complexidade é um desafio, uma motivação para pensar”, e que “não devemos esquecer que o homem é um ser biológico-sócio-cultural e que os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo econômicos, culturais, psicológicos, etc. Dito isto, ao aspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza” (MORIN, 1996<sup>a</sup>:177).

Alinhados ao pensamento de MORIN (1996<sup>a</sup>):

- que ao propor que “não podemos trocar o singular e o local pelo universal: ao contrário, devemos uni-los” (MORIN, 1996<sup>a</sup>:179), propôs a “transgressão dos limites da abstração universalista que elimina a singularidade, a localidade e a temporalidade”, nós trabalhamos com as Histórias de Vida e trajetórias nas ruas dos moradores de rua e dos segmentos da sociedade que com eles interagem, com as singularidades, articulando-as com as totalidades integradoras.

- que afirmou, ao discorrer a respeito da “Complexidade” que os fenômenos biológicos e sociais (e também os psicológicos) apresentam um número incalculável de interações e de inter-retroações, uma fabulosa mistura que não poderia ser calculada pelo mais potente dos computadores, nós focamos o presente estudo nas interações e inter-retroações constitutivas da dinâmica da vida psicossocial dos moradores de rua.

- que colocou a proposta de um macro-conceito de sistema ou de organização, cujas relações são circulares, ou seja, um macro-conceito de caráter recorrente, causalidade em anel, organização recursiva cujos efeitos e produtos são necessários a sua própria causação e produção, empreendemos a compreensão da dinâmica da interação psicossocial entre moradores de rua e não moradores de rua, que denominamos de “encontro transformador”.

A sociedade, na compreensão do autor, é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos para co-produzi-los como indivíduos humanos, o que eles não seriam, se não dispusessem de cultura, instrução, linguagem.

Cada morador de rua é visto – nessa perspectiva – como sistema complexo, portador de organização singular – auto(geno-feno)eco-reorganização, contemplado também no seu psicológico – que na busca da construção de sua autonomia, singularidade, precisa abrir-se para o outro que o completa: “É preciso ser dependente para ser autônomo” (MORIN, 1996<sup>a</sup>). A organização configurada no “encontro” dos moradores de rua com segmentos da sociedade que atuaram no sentido de ampará-los, serem seus “pontos fixos”, pontos de apoio, foi estudada. As qualidades emergentes dessa relação, que não podem ser deduzidas logicamente mas, sim constatadas empiricamente, foram recolhidas e analisadas como fenômeno que se apresentava.

O esforço explicativo desse “Encontro Transformador” foi realizado sob a concepção da dinâmica implícita no “Complexus”<sup>7</sup>, “fios que se entrecruzam para formar a unidade da complexidade” (MORIN, 1996<sup>a</sup>:188).

Para tanto, procedemos a busca de referenciais teóricos que fornecessem subsídios explicativos para alguns aspectos do fenômeno.

Na proposta de uma pesquisa qualitativa, desenhada como longitudinal, foram utilizados recursos metodológicos diversos, na busca de preservar-se o caráter complexo do fenômeno estudado. Para a interpretação dos dados, contemplou-se o emprego de conceitos pertinentes a determinadas teorias da Psicologia, História, Geografia, Antropologia, Sociologia, e às abordagens da “Complexidade” de Edgar Morin e da Sistêmica, na busca de diálogo entre diferentes disciplinas, no pressuposto de que a visão interdisciplinar (ALVARENGA, 1994, 1997) ou transdisciplinar (ALMEIDA FILHO, 1997; FIEDLER-

---

<sup>7</sup> “Complexus”: vide Capítulo II, seção 5.1.5 nesta tese.

FERRARA, 1998<sup>8</sup>; MORIN, 1996<sup>a</sup>) permite uma leitura mais aproximada do fenômeno em questão.

Diante do exposto, a presente Tese apresenta como objetivo central identificar as características psicossociais constitutivas do processo de “Encontro Transformador” – entre moradores de rua envolvidos (ou não) com a criminalidade e segmentos da sociedade civil considerados como seus “pontos fixos – pontos de apoio” – que possibilitam o aprofundamento compreensivo da resiliência do ser humano.

Em termos sociais – “*Ultimate Objective*” – o trabalho visa a contribuir para o (re)equacionamento das ações que buscam atender às populações de rua e a (re)definição de políticas públicas, tendo em vista o amplo significado social que esta parcela de população assume no contexto de metrópoles brasileiras, notadamente a paulistana.

Esta Tese está organizada – além da presente Introdução que trata da construção do objeto de investigação – em cinco Capítulos. No Capítulo I apresentam-se os procedimentos metodológicos que a nortearam. No Capítulo II são apresentados alguns conceitos de determinadas abordagens teóricas que serão empregados no processo de interpretação. No Capítulo III é apresentado o cotidiano do morar na rua – como fenômeno complexo que se desdobra para o processo de análise, processo esse que se inicia neste mesmo Capítulo – com enfoque sobre as histórias de vida, relatos do Diário de Campo, fragmentos de entrevistas realizadas, fotos dos momentos observados, reproduções dos desenhos e artesanatos produzidos pelos moradores de rua. No Capítulo IV, dividido em quatro partes, desdobra-se o processo de análise, sendo que na parte IV. 1, são desdobradas as características do conceito do *Ágape* no processo de análise do fenômeno. Na parte IV. 2, inicia-se a análise do processo do “Encontro Transformador” entre os sujeitos de observação, conjugando-se conceitos da Psicologia com os conceitos e emergências de análises apresentadas em partes anteriores. A parte IV. 3. avança na tecedura do “Complexus” do “Encontro Transformador”, conjugando-se no processo de análise os conceitos abordados em Capítulos e seções anteriores com os conceitos da Complexidade e da Sistêmica. A parte IV. 4. apresenta a análise do cenário social do “Encontro Transformador”, onde alguns conceitos pertinentes a determinadas teorias dos campos da Geografia, Sociologia, Antropologia e Direito são aplicados – como “teoria em ato” – conceitos esses que são relacionados aos explicitados no Capítulo II. As conclusões são apresentadas no Capítulo V, onde se

---

<sup>8</sup> Fiedler-Ferrara reflete que “no desafio da construção de uma Ciência Nova – transdisciplinar – haveremos de ser artesãos. O artesão dá forma transitando continuamente entre a forma e a não-forma – dialogicamente” (FIEDLER-FERRARA, 1998:46).

alinham as características da organização do “Complexus” do “Encontro Transformador” que se foi configurando ao longo do trabalho.

***CAPÍTULO I***

***PROCEDIMIENTO METODOLÓGICO***

## I. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

### 1. *Sujeitos de Observação e levantamento do material empírico.*

Nossa proposta, para fins desta tese de Doutorado, consiste em trabalharmos, em estudo longitudinal, com a História de Vida (QUEIROZ, 1988) de seis moradores de rua da cidade de São Paulo, enfocando – nas suas trajetórias do morar nas ruas – suas relações psicossociais nesse contexto; de duas professoras aposentadas – não moradoras de rua – que estabelecem relações de ajuda a esses moradores de rua; e a própria pesquisadora, também alçada na pesquisa à condição de “sujeito de observação”, focalizando as relações psicossociais – “encontro” – por ela estabelecidas com um dos moradores de rua, foco esse realizado em atenção à proposta de MORIN (1996<sup>a</sup>) de se promover a “volta do observador-conceptor no observado-concebido”.

Na especificação dos sujeitos de observação do trabalho, destacamos dois dos moradores de rua que estavam instalados em pequena praça no bairro da Bela Vista, no centro da cidade de São Paulo, denominados por Soviético<sup>9</sup> e Athos, além de duas professoras primárias aposentadas, não moradoras de rua – Sílvia e Lucinha – que desenvolviam relações de ajuda a eles e a outros moradores de rua, visitando-os na maloca ou ministrando-lhes aulas de alfabetização em Casa Religiosa da região. Outros sujeitos de observação foram identificados e incorporados ao longo do processo de trabalho: Marcos, morador de rua que freqüentava as aulas de alfabetização da professora Sílvia; uma jovem moradora de rua, Priscila, e Paraíba, seu companheiro, que passaram a abrigar-se em uma “caverna”, um “buraco” cavado sob uma escadaria da Avenida 23 de Maio, próxima à pequena praça/maloca; e, ainda, um velho morador de rua com quem a pesquisadora desenvolveu um processo de “encontro transformador”. Com exceção deste último, todos os outros moradores de rua estiveram – em algum momento de suas vidas – ou ainda estavam – quando iniciamos o processo investigativo – envolvidos com a criminalidade.

“História de Vida” foi utilizada como “técnica que se coloca justamente no ponto de intersecção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e o que ele traz em seu íntimo” (QUEIROZ, 1988). A entrevista – parte da técnica – foi norteada em sua organização e aplicação por teorias da Psicologia, no sentido de permitir recolher/conhecer

---

<sup>9</sup> Codinomes.

os fenômenos psicossociais vividos pelos sujeitos de observação, através de suas interações com o “outro”, com as “circunstâncias” (ORTEGA Y GASSET, 1989), com o cenário social.

### *1.1. A Entrevista*

No processo de observação do fenômeno e coleta do material empírico – em interface com a Etnografia e a Psicologia – os seres humanos observados não foram encarados somente como informantes ou narradores de experiências e, sim, constituíram-se no próprio tema em questão. Nesse sentido foram priorizadas as entrevistas abertas, onde os sujeitos de observação relataram suas histórias de vida em discursos livres, após a colocação inicial feita pelo pesquisador: “Fale-me de sua vida...”; quando necessário, o pesquisador efetuou perguntas aos entrevistados, objetivando esclarecer alguns segmentos dos discursos dessas pessoas.

DA MATTA (1978:23), argumentando a respeito das emoções que se insinuam no processo de campo, reflete sobre a presença de “hóspedes não convidados na situação etnográfica” e que, no entanto, “tal intrusão da subjetividade e de sua carga afetiva, dentro da rotina da pesquisa antropológica, é um dado sistemático da situação”.

Em nosso trabalho no campo, apesar de estarmos nos apropriando de alguns recursos próprios da Etnografia para o registro do fenômeno, “deitando raízes” (MORIN, 1996<sup>a</sup>) nessa disciplina, o foco central do trabalho é recolher os aspectos psicossociais do fenômeno do “encontro”. Como observadores, deixamo-nos inserir no universo do observado, privilegiando a interação como instrumento de pesquisa. Pois tínhamos consciência de que o “investigador não opera num vazio e, conseqüentemente, o conhecimento psicológico não é gerado independentemente do investigador” (HO, 1998:88). Os recursos da Psicologia nortearam-nos na realização da entrevista, onde se sublinha a função de relacionamento: na verdade, ela – a entrevista – é o relacionamento (BENJAMIN, 1988). Para termos acesso ao “mundo psíquico” de cada sujeito de observação, era necessário desenvolver na entrevista um relacionamento caracterizado pela confiança mútua o que proporcionava, por vezes, como conseqüência, a mudança criativa.

Nossos “deslocamentos” ao “campo” – para o processo da pesquisa junto aos sujeitos de observação deste trabalho – aconteceram, portanto, a partir de nossa experiência clínica no campo da Psicologia, onde a realização das entrevistas em ambiente de “consultório” – protegido por paredes – facilitava-nos o controle dos “fatores externos” ao processo do diálogo. Entre esses fatores, a organização que fazíamos da sala – recomendando autores que não seja barulhenta, não pareça ameaçadora, ou provoque

distrações – objetivava “proporcionar uma atmosfera que se mostrasse mais propícia à comunicação” (BENJAMIN, 1988:19).

Oras, o “estar com o outro” para a entrevista em plena rua ou na praça/maloca, com interferências dos intensos ruídos do entorno – carros passando rentes, transeuntes curiosos, outros moradores de rua se imiscuindo nas conversas – exigia de nós, pesquisador, um certo grau de “alheamento” das condições externas, sem, no entanto, que perdêssemos totalmente a percepção do entorno – o qual também fazia parte do campo da entrevista – e, também, porque vivenciávamos situações de risco em potencial: *estávamos*, sim, com o entrevistado mas *estávamos*, também, imersos no “mundo da rua”, que tem suas surpresas. O que nos facilitava esse “colocar-se em presença” do entrevistado, era o “estado” que se criava em nós – pesquisador – quando adentrávamos ao mundo da rua, relatado em nosso Diário de Campo: aquela sensação de “inserção mágica” que sentíamos quando entrávamos na maloca, situação em que, mesmo não transpondo “nenhuma muralha de cidade fortificada ou fronteiras guardadas de países distantes”, simplesmente, ao descer de um carro, “adentrávamos em outra realidade, a outra “cidade dentro da cidade”. E uma vez “dentro” dessa “cidade sem portas”, inseridos inclusive psiquicamente, todos os ruídos e interferências passavam a fazer “parte” do ambiente, a serem encarados como algo natural. *Estávamos*, então, na *casa do sem casa*. E, assim, podíamos nos relacionar com sua *casa interior, casa psíquica*. Uma vez inseridos nesse “dentro” a céu aberto, configurava-se gradativamente entre nós – pesquisador e entrevistado – aquela condição necessária para o acontecer satisfatório da entrevista: uma atmosfera intangível de “confiança”. E esse estado se desenvolvia independentemente de declarações verbais como “confie em mim”, ou similares.

Ao referir-se a essa “atmosfera intangível” de confiança que se cria entre entrevistador e entrevistado, Benjamin reflete que ela “talvez seja particularmente determinada pelo interesse que sentimos e mostramos pelo que o entrevistado está dizendo, e pela compreensão dele, de seus sentimentos e atitudes. Comunicamos todas essas coisas, ou sua ausência, de muitas formas sutis, das quais o entrevistado pode ter mais consciência que nós mesmos. Nossa expressão facial revela muito. Movimentos e gestos completam o quadro, apoiando, negando, confirmando, rejeitando ou embaraçando. O tom de voz é ouvido pelo entrevistado, e o faz decidir se existe confirmação de nossas palavras, ou se essas não passam de uma máscara que o tom de voz revela, sussurrando: “logro, fingimento, cuidado!” Para melhor ou para pior, estamos expostos ao entrevistado, e quase tudo que fazemos ou deixamos de fazer é anotado e pesado” (BENJAMIN, 1988:22). E vale lembrar que nosso objetivo em campo, no contato com os moradores de rua, era ir além dos “relatos

protetores” fabricados por eles, relatos “desinvestidos de si-mesmos, atrás dos quais pudessem esconder-se (DECLERCK, 2001:299).

A análise das entrevistas foi feita com base no Método de Análise Qualitativa, em que a interpretação dos discursos fundamentou-se nas teorias que sustentam o trabalho e cujos conceitos foram identificados nesses discursos, de forma a entender o alcance de sua significação (DAMERGIAN, 1981). Foram feitos “cruzamentos” – no sentido de estabelecer relações – entre os conteúdos emergentes na análise dos discursos e na análise do material empírico complementar recolhido, visando a caracterização do “Complexus” do “Encontro Transformador”. Este conjunto forneceu subsídios não só para uma descrição etnográfica (SCHWARTZ, 1993) da moradia e do modo de morar, do meio em que vive essa população em foco – o seu modo de vida – assim como para o estudo das características psicossociais desses sujeitos de observação no processo de “Encontro Transformador”.

### ***1.2. Apresentação do fenômeno – entretecendo a forma:***

#### ***- Dos “fios” da linguagem não cindida***

A linguagem requerida para a apresentação do fenômeno recolhido – que trazia em seu bojo seres humanos captados em momentos de seu processo existencial – deveria visar à complexidade do vivido e observado.

A concepção do “Complexus” implícita no trabalho impôs uma linguagem que abarcou a noção de um ser humano não cindido em razão e emoção: linguagem não cindida, plena em seus recursos de expressão, comportando o uso de qualitativos, metáforas e quaisquer recursos necessários à explicitação, descrição, apresentação e análise do fenômeno. Pois o fenômeno que se desdobrava à nossa observação era constituído – e aqui nos apoiamos em expressão de Edgar Morin – de “unidades complexas”, que é “o ser humano ou a sociedade, que são multidimensionais: dessa forma, o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional” (MORIN, 2000:38).

Através da forma minudenciada de apresentação do capítulo III: “O cotidiano do morar na rua – Histórias de Vida” – conjugando entrevistas, relatos, descrições, fotografias, produções simbólicas dos desenhos e artesanatos produzidos pelos moradores de rua, produções já devidamente analisadas nesse mesmo capítulo para que não se perdesse a proximidade necessária da imagem e sua interpretação – visamos a contemplar diferentes aspectos da multidimensionalidade do observado.

Consideramos a relevância desse procedimento para a análise do “Encontro Transformador”, cujas características puderam ser apreendidas através da observação das várias facetas do processo psico-relacional dos moradores de rua e pessoas não moradoras de rua com as quais mantinham contato.

### ***1.3. A Ética no trabalho investigativo***

Outra questão que perpassou a todo momento o trabalho de campo e o próprio trabalho da Tese, no seu conjunto, foi a questão da “Ética”, em diferentes níveis.

Como investigamos seres humanos que estiveram ou estavam, quando os encontramos, vivenciando processos de envolvimento com drogas e criminalidade; como estes seres humanos, confiantes forneciam-nos o acesso a detalhes íntimos de suas vidas, nós – em nossa ação – pautando-nos pelo “Sigilo Ético”, atentos ao princípio da “dignidade humana” – referido como “aquele princípio moral que enuncia que a pessoa humana não deve nunca ser tratada apenas como um meio, mas como um fim em si mesma; ou seja, que o homem não deve jamais ser utilizado como meio sem se levar em conta que ele é, ao mesmo tempo, um fim em si” (KANT, *Fund. da met. dos costumes*, 2ª seção. In: LALANDE, 1996), pois, “se a ética que defendemos fundamenta-se no indivíduo, sua liberdade deve ter como fronteiras a dignidade e a liberdade dos outros seres humanos” (FORTE, 1998:45) – resguardamos o sigilo de suas identidades e das instituições e pessoas que estiveram sob investigação. Tanto os nomes reais dos sujeitos foram trocados como providenciamos o velamento parcial de seus rostos quando focados em fotografias. Ao nos acolherem como pesquisador, aceitando “falar de suas vidas” e mesmo permitindo que, eventualmente, participássemos de segmentos de seu viver, confiaram que seriam resguardados no anonimato. Optamos por não *pedir-lhes que assinassem* um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (CSN 196/96, In: FORTE PAC., *Ética e saúde*. 1998) para a realização da pesquisa. Consideramos que se pedíssemos a “assinatura” de tal documento, tal procedimento poderia interferir negativamente nos processos de observação e interação, nas entrevistas – nosso instrumento de pesquisa – entre pesquisador e entrevistados. Tal atitude poderia gerar sentimentos de insegurança nos sujeitos de observação envolvidos com o crime e consumo de drogas. Afinal, nosso objetivo era ir além dos “relatos protetores” que esse tipo de população de rua desenvolvia no sentido de protegerem os assédios à sua intimidade (DECLERCK, 2001:299). Tal justificação e ponderações foram acolhidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde

Pública – FSP-COEP – da Universidade de São Paulo, em 11 de agosto de 1999 – Of. COEP/111/99.

Quanto às considerações relativas ao conteúdo teórico-técnico da “entrevista aberta”, quando pedimos ao entrevistado: “Fale-me de sua vida...”, sem explicações alongadas a respeito da natureza do discurso que ele devesse fazer, objetivamos que o sujeito pudesse expressar, sem direcionamentos, conteúdos de sua psique, sem outras interferências do pesquisador do que aquelas inevitáveis, decorrentes da apresentação inicial entre nós. Consideramos importante que não se fizesse uma “fala encomendada”, comprometida com explicações prévias de conteúdos que o pesquisador pudesse, inadvertidamente, passar a ele. Procuramos desenvolver, desde o início de nossos contatos, o estado de confiança, empatia e respeito recíproco que permitiu “um diálogo intensamente correspondido entre entrevistador e informante” (CRUZ NETO, 1994:59), contato esse que também permitiu que o morador de rua – como já dissemos – ultrapassasse muitas vezes a posição de “informante”, passando a revelar-se, a “si-mesmo”, seus processos mais íntimos.

Se não havia papéis intermediando e consentindo nossos contatos, no entanto, *antes* de gravarmos e realizarmos as entrevistas, mais formalmente, anunciávamos aos moradores de rua a serem entrevistados o seguinte “Termo de consentimento livre e esclarecido”: “Eu estou estudando na Faculdade de Saúde Pública e gostaria de conhecer os moradores de rua. Gostaria de conhecer mais de perto as pessoas que vivem nas ruas, gostaria de conhecer você, “fulano”... Você gostaria de conversar comigo? Falar um pouco sobre você, sobre sua vida? O que você quiser falar... Caso queira, eu gostaria de gravar a sua fala para depois poder ouvir de novo o que você falou, estudar o que disse e escrever depois um trabalho. Você não precisa falar seu nome. Eu guardarei segredo sobre sua identidade. Você receberá um nome “inventado”, que você pode escolher. Se você permitir eu também tirarei fotos de você, ou pedirei que você também tire fotos de coisas que acha importantes em sua vida, que estudarei junto com o que você me contar. O seu rosto, quando aparecer na foto, será coberto com uma faixa que ajudará a guardar segredo sobre a sua identidade. Eu não vou lhe fazer nenhum pagamento pela conversa ou pelas fotos que a gente fizer. Após a primeira conversa gravada nossa, poderemos conversar mais sobre coisas que você queira saber, ou outras coisas que queira me contar. Esse outro momento de nossa conversa também será gravado”.

Se eles aceitavam o contato, geralmente voltávamos em outro momento para fazer a entrevista. Consideramos assim que eles tinham tempo para nos “sentir” como pessoa, se confiável ou não. Fizemos várias visitas à maloca, ou aos locais onde normalmente viviam. No entanto, havia momentos em que, se aceitassem ser entrevistados,

fazíamos a entrevista ou tirávamos as fotos na hora. Pesquisar o “morar na rua” envolve também esse caráter de fenômeno fugidio, único, que deve ser capturado no momento em que ele acontece. Após essa aceitação inicial, praticamente passávamos a “fazer parte do ambiente”. Apesar da insegurança que às vezes sentíamos, estando naquele meio – sabíamos que corríamos determinados riscos, assim como eles também – conseguimos fazer o trabalho de pesquisa satisfatoriamente.

Os registros feitos e recolhidos em situação de campo, foram:

- Entrevistas abertas e semi-estruturadas – gravadas pelo pesquisador – com os sujeitos de observação: as professoras Sílvia e Lucinha, os moradores de rua Soviético, Athos, Marcos, Priscila, Paraíba e Paulo. Como se trataram de Histórias de Vida, foram muitas as entrevistas e observações, realizadas em vários lugares como: na maloca; na escola da casa religiosa; na “casa caverna” onde Priscila morava com seu companheiro; na praça onde Paraíba – companheiro de Priscila – “guardava” carros; em Hospitais de Campos do Jordão (no interior do Estado de São Paulo) onde foram entrevistado Marcos e Priscila que lá estavam internados para tratamento de saúde. Acompanhamos, assim, nesse processo, as trajetórias e circuitos desses sujeitos.
- Aquisição e análise dos desenhos e discursos a respeito dos mesmos, executados por Soviético, em situação de aula com a professora Sílvia, assim como dos Diários de Impressões realizados por essa professora – em que a mesma registrou seus pensamentos e emoções – durante contatos com este morador de rua.
- Aquisição e análise dos desenhos, trabalhos de “colagens” e artesanatos executados por Marcos durante as aulas com a professora Sílvia e, também, realizados durante sua estadia no hospital onde esteve internado para tratamento de tuberculose.
- Realização de observações e fotografias, pelo pesquisador, dos processos de “aulas escolares” na referida instituição religiosa, em que foram apreendidas características dos processos de “encontro” entre os moradores de rua e as respectivas professoras – Sílvia e Lucinha. Foram registradas essas observações no Diário de Campo do pesquisador (QUIVY & CAMPENHOUDT, 1992).

- Realização de fotografias pelos moradores de rua de “coisas que acharam importantes em suas vidas”, que foram analisadas e relacionadas com os conteúdos das entrevistas.
- Observações e fotografias realizadas pelo pesquisador do cotidiano do “morar na rua” dos sujeitos de observação deste estudo.
- Registros no Diário de Campo de eventos vivenciados pelo pesquisador durante o processo de pesquisa, evidenciando-se o “processo de encontro” do mesmo com o morador de rua Paulo.

Tais registros recolhidos e devidamente apresentados – como expressão do fenômeno observado – serão analisados com o recurso de conceitos de determinadas abordagens teóricas explicitadas nesta tese.

***CAPÍTULO II***  
***REFERENCIAL TEÓRICO PARA ANÁLISE DO***  
***ENCONTRO TRANSFORMADOR***

## II. REFERENCIAL TEÓRICO PARA A ANÁLISE DO ENCONTRO TRANSFORMADOR

Apresentaremos neste capítulo, de maneira sucinta, alguns conceitos de determinadas abordagens teóricas que serão empregados no processo de interpretação. Abordaremos os pensamentos de D. W. Winnicott, C. G. Jung, Luc Boltanski, Edgar Morin e outros autores afins com suas abordagens. Vale mencionar que não temos como finalidade a introdução dos modelos teóricos desses autores em toda sua abrangência: no processo de construção da tese, nos remeteremos assim seguidamente a *alguns de seus conceitos*, que são centrais em nosso trabalho para a definição de nosso referencial teórico, tendo em vista a natureza do objeto de estudo – o Encontro Transformador. Neste propósito a Complexidade, como “modo de pensar”, como método, apresenta-se, igualmente, como eixo estruturador de nossa perspectiva de análise.

Outros autores e conceitos juntar-se-ão a esses ao longo do esforço teórico-explicativo – em outros capítulos – no sentido não só de melhor atingir nossa proposta de análise do fenômeno como também de alargarmos a compreensão do que aqui será exposto. Alguns conceitos que serão aplicados na análise do cenário social do Encontro Transformador serão empregados – como “teoria em ato” – na seção 4. do Cap. IV., conceitos esses pertinentes a teorias dos campos disciplinares da Geografia, Sociologia, Antropologia, Direito, que serão relacionados aos explicitados neste Cap. II.

### 1. O PENSAMENTO DE WINNICOTT

Deste autor abordaremos o “*espaço potencial*”, “*brincar juntos*”, a “*confiança*”, “*mãe suficientemente boa*”, “*maternagem*” e “*self*”, que serão apresentados resumidamente neste primeiro momento, pois estaremos retomando-os – mais amplamente e associados a outros conceitos e abordagens teóricas – em outra parte deste trabalho<sup>10</sup>. Estaremos apresentando ainda, nesta seção, de Gilberto Safra – autor afim com o pensamento winnicottiano – as noções de “*self*”, “*falso self*”, “*experiência estética*” e “*fenômeno do poético*” .

---

<sup>10</sup> Vide capítulos IV e seguintes.

### ***1.1. O “espaço potencial”: A “terceira área” ou “espaço do brincar”***

WINNICOTT (1975) teorizou a respeito de uma área de desenvolvimento e experiências do ser humano que denominou “terceira área” ou “espaço potencial”. Essa “terceira parte” da vida psíquica do ser humano seria uma área intermediária de experimentação para a qual contribuem tanto a realidade interna do indivíduo quanto a vida externa, ou seja, o ambiente, o outro que o constitui.

Ao abordar a diáde “bebê e sua mãe”, essa mãe é referida em muitos momentos de sua obra como o “ambiente”.

Referindo-se, portanto, inicialmente ao bebê e sua mãe ao falar da “terceira área”, estendeu-a depois ao ser humano adulto e à utilização que esse adulto faz desse espaço, denominando-a também como “área do brincar”.

### ***1.2. “Espaço potencial” – O “brincar” e a saúde***

Ao procurar dar “um lugar” ao brincar e postulando a existência de um “espaço potencial” entre o bebê e a mãe, Winnicott associa esse espaço com a saúde:

*“Em outros termos, é a brincadeira que é universal (grifo dele), que é a própria saúde: brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros” (WINNICOTT, 1975:63).*

### ***1.3. Sobreposição das áreas do “brincar”: “brincar juntos”***

Winnicott afirma que a psicoterapia se efetua na *sobreposição* de duas áreas do “brincar” ou seja, a do paciente e a do terapeuta, sendo que a psicoterapia trata de duas pessoas que “brincam juntas”. Conclui que, onde o “brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é.” Relacionando o brincar das crianças à concentração nos adultos, que não seria uma regressão defensiva e sim “uma fase recorrente

e essencial de uma relação criativa com o mundo”, refere-se ainda a uma “fusão pré- lógica de sujeito e objeto”. (WINNICOTT, 1975:59)

Em seus arrazoados teóricos Winnicott relaciona, portanto, constantemente o “brincar” das crianças com o “brincar” dos adultos:

*“O que quer que se diga sobre o brincar de crianças aplica-se também aos adultos...”* (WINNICOTT, 1975:61)

#### **1.4. O “brincar” e o estado de “confiança”**

Aborda Winnicott a importância da *confiança* no processo do brincar:

*“O brincar implica confiança e pertence ao espaço potencial existente entre (o que era a princípio) bebê e figura materna, com o bebê num estado de dependência quase absoluta e a função adaptativa da figura materna tida como certa pelo bebê”* (WINNICOTT, 1975:76).

Winnicott cita Milner (1952), que relaciona o brincar das crianças à concentração nos adultos:

*“Quando comecei a perceber(...) que esse uso de mim poderia ser não apenas uma regressão defensiva, mas uma fase recorrente e essencial de uma relação criativa com o mundo(...)”. Explicita que ele estaria se referindo a uma “fusão pré-lógica de sujeito e objeto”* (WINNICOTT, 1975:59).

Acreditamos poder relacionar essa fusão pré-lógica de sujeito e objeto citado por Winnicott com o que Gilberto Safra cita como “manifestações pré-verbais” do analista que está junto ao seu paciente, que “brincam” juntos no espaço potencial que se formou, o qual só foi possível acontecer devido ao estado de confiança eliciado. Afirma este (SAFRA, 1995) que os pacientes comentavam a respeito da importância da atitude do terapeuta para o estabelecimento da confiança no processo de encontro de ambos:

*“É comum que os pacientes que passaram por momentos mutativos em seu processo terapêutico, após terem saído da regressão em que se encontravam, comentarem o que havia sido fundamental para o*

*estabelecimento da confiança, não só a interpretação oportuna do material psíquico, mas principalmente a atitude do terapeuta. Parece que os pacientes ficam durante um período atentos às manifestações pré-verbais do analista, investigando se poderiam confiar na pessoa do analista.” (SAFRA, 1995:201-202)*

Vale lembrar que em nossa tese não estamos trabalhando com a questão da “interpretação do material psíquico”. Interessa-nos a questão dos “momentos mutativos” ou, como temos chamado, de “momentos de encontro transformador”, nas suas possibilidades de acontecimento no dia a dia das pessoas.

### **1.5. A “mãe suficientemente boa”**

A “mãe suficientemente boa” – e neste caso não precisaria ser necessariamente a própria mãe do bebê – é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, adaptação que diminuiria gradativamente – e cujo êxito desses cuidados para com a criança depende da sua *devoção*<sup>11</sup> e não do “jeito” ou esclarecimento intelectual. (WINNICOTT, 1975:25). Essa “devoção” tem a ver com a técnica da “maternagem” ou “maternagem suficientemente boa”.

A respeito de *devoção*, Gilberto SAFRA (1999) afirma que “ quando se fala de mãe devotada , está se falando de uma mãe que não perde de vista o ser de seu filho”, contrapondo-a à “mãe aflita que, apesar de possuir uma ligação bastante intensa com seu bebê, acaba por coisificá-lo, na tentativa de aplacar sua própria ansiedade e aflição” (SAFRA, 1999:75).

### **1.6. “Maternagem”**

“Maternagem” ou “maternagem suficientemente boa” são aqueles cuidados iniciais oferecidos pela mãe ou, ainda, pelo pai e demais familiares, essenciais à formação do indivíduo (WINNICOTT, 1988), que possibilitam a formação da “área do brincar”, do “lugar em que vivemos” e em que permanecemos a maior parte do tempo enquanto experimentamos a vida (WINNICOTT, 1975).

---

<sup>11</sup> *Devoção*: “dedicação íntima, afeição, afeto; ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém ou entidade” (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986).

Winnicott, portanto, no seu esforço teórico explicativo, abordando a constituição da área da experiência ou do brincar, situou-a no começo do desenvolvimento do ser humano, ressaltando que “em algum ponto teórico, no começo do desenvolvimento de todo indivíduo humano, um bebê, em determinado ambiente proporcionado pela mãe, é capaz de conceber a idéia de algo que atenderia à crescente necessidade que se origina da tensão instintual” (WINNICOTT, 1975:27).

*“Não se pode dizer que o bebê saiba, de saída, o que deve ser criado. Nesse ponto do tempo, a mãe se apresenta. Da maneira comum, ela dá o seio e seu impulso potencial de alimentar. A adaptação da mãe às necessidades do bebê, quando suficientemente boa, dá a este a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar. Em outras palavras, ocorre uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que a criança poderia conceber. Para o observador, a criança percebe aquilo que a mãe realmente apresenta, mas essa não é toda a verdade. O bebê percebe o seio apenas na medida em que um seio poderia ser criado exatamente ali e naquele então. Não há intercâmbio entre a mãe e o bebê. Psicologicamente, o bebê recebe de um seio que faz parte dele e a mãe dá o leite a um bebê que é parte dela mesma. Em psicologia, a idéia de intercâmbio baseia-se numa ilusão do psicólogo (WINNICOTT, 1975:27).*

Referindo-se ao adulto, promovendo uma seqüência do seu enunciado teórico, o autor explicita que “a tarefa da aceitação da realidade nunca é completada, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa e que o alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária de experiência que não é contestada (artes, religião, etc.). Essa área intermediária está em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena que se “perde” no brincar, onde pode “sonhar”, “criar”... desorganizar-se, para depois se organizar...

### **1.7. O “self”**

Winnicott traz a idéia de um self central como potencial herdado pela criança que, já desde o início de sua vida, através de sua interação com o ambiente, com o favorecimento deste estaria – segundo explicita Gilberto Safra – “experimentando um senso

de continuidade de ser e adquirindo gradualmente, à sua maneira e em seu próprio ritmo, uma realidade psíquica e um corpo próprios. Esse período caracteriza-se pelo estabelecimento do self e do mundo subjetivo” (SAFRA, 1999).

Já o próprio Safra, estabelecendo uma diferença entre o self e o “eu”, explicita que compreende o self “como uma organização dinâmica que possibilita um indivíduo a ser uma pessoa e ser ele mesmo. Trata-se de uma organização que acontece dentro do processo maturacional com a facilitação de um meio ambiente humano. A cada etapa deste processo há uma integração cada vez mais ampla decorrente das novas experiências de vida.” O “eu” seria, para ele, um campo representacional que possibilita ao indivíduo uma identidade nas dimensões do espaço e do tempo.

### **1.8. O “falso self”**

Safra relata que um indivíduo, quando vivenciando situações de adversidade, poderia desenvolver um movimento onde “reteria alguma coisa de pessoal, mesmo em segredo, nem que seja o respirar.” Desenvolveria um “*falso self*”, que segundo esse autor é um “aspecto do *self* que protege e oculta o *self* verdadeiro como reação às falhas de adaptação. O *falso self* organiza-se como um padrão de conduta que corresponde à falha ambiental” (SAFRA, 1995).

### **1.9. A experiência “estética”, o fenômeno do “poético”**

Observamos que os sujeitos focalizados em nossos estudos – que viveram e vivem sob condições de vida adversas – passaram a vivenciar certas experiências de vida junto às professoras-mães que lhes permitiram a experiência “Estética”. SAFRA(1999) esclarece que tradicionalmente ‘estética’ é um termo utilizado para referir-se à arte e ao belo. Tomando o seu sentido derivado do grego – “perceber”, “percepção” ou “o que é capaz de percepção”, ele utiliza o termo para “abordar o fenômeno pelo qual o indivíduo cria uma forma imagética, sensorial, que veicula sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc. Estas imagens, quando atualizadas pela presença do outro significativo, permitem que a pessoa constitua os fundamentos ou aspectos do seu self, podendo então existir no mundo (SAFRA, 1999:20).

Aborda ainda o mesmo autor a experiência do fenômeno do “poético” – que seria aquele que articula – em um único fenômeno – a capacidade criativa dos seres humanos que se encontram, dando origem à comunicação humana, ao existir (SAFRA, 1999:20):

*“Poderíamos afirmar que só conhecemos de maneira significativa a porção do mundo que conseguimos criar”*(SAFRA, 1999:44).

Safra relata encontrar, muitas vezes, no ambiente clínico, pacientes cujas “áreas de seu corpo não foram significadas pela presença de um outro. Passam a ser regiões em que o paciente desaparece na escuridão do nada...”

O que seria esse “corpo significado pela presença de um outro”?

Para essa compreensão devemos retomar a influência que a filosofia russa – através de Florensky (1914)<sup>12</sup> citado por SAFRA (1999:44) – exerce no pensamento de Safra a respeito da constituição da subjetividade humana. Para o autor russo “a estética não se separa da ontologia e da gnoseologia, e o fenômeno estético não se separa do conhecer e do ser. O fenômeno estético dá entrada à pessoa para a possibilidade de ser no mundo (grifo nosso). O gesto criador pode ser visto por três vértices distintos: pela perspectiva da estética como beleza, pelo vértice do conhecimento como verdade, e pelo ângulo da relação como amor.” Relata Safra, ainda, que é sob esse prisma que ele vê o estabelecimento do objeto subjetivo; no entanto, ele colocaria um quarto elemento “que do ponto de vista do ser no mundo, este fenômeno poderia ser visto como encarnação, em que o objeto subjetivo dá também entrada ao processo denominado por Winnicott de personalização, em que o psiquismo, pela elaboração imaginativa das funções corporais, passa a residir no corpo.

## **2. O PENSAMENTO JUNGUIANO**

Eliciada pela configuração das imagens arquetípicas no fenômeno observado, principalmente através da produção de desenhos e colagens dos moradores de rua – Soviético e Marcos – focalizados nesta tese, a teoria junguiana impôs-se, necessária, na tessitura teórica. Não a abordaremos, contudo, em toda sua extensão pois não é nosso objetivo, como mencionado, uma completa revisão conceitual dessa linha teórica. Alguns conceitos junguianos serão utilizados neste trabalho desde o capítulo III – “O Cotidiano do morar na rua”. Teremos, portanto, em outro momento, a explicitação de fragmentos do pensamento do referido autor, inclusive sobre a maneira como ele – e seus seguidores – entendem o “self”. Devido sua importância, estamos retomando-o neste capítulo.

---

<sup>12</sup> Florensky P. **The pillar and ground of truth. An essay in orthodox theodicy in twelve letters.** (1914)

Trad. Boris Jakim; New Jersey: Princeton University; 1997.

## 2.1. *Concepção de “self” em Jung:*

### *- Processo de individuação, arquétipos, símbolos, inconsciente coletivo.*

Jung propôs que a personalidade global, que existe realmente, mas que não pode ser captada em sua totalidade, fosse denominada “self” (si-mesmo). Completa ainda que, “por definição, o ego está subordinado ao “self”, e está para ele como qualquer parte está para o todo” (JUNG, 1990<sup>c</sup>). Deste “self” – visto como um centro organizador da psique – emana uma ação reguladora, uma espécie de tendência reguladora ou direcional oculta que promove um processo de crescimento psíquico denominado de “processo de individuação” (FRANZ, 1993).

Este “núcleo”, este “ponto central” seria fundamentalmente uma “fonte de energia” e Jung, citado por SILVEIRA (1982:100) assim se expressa a seu respeito: “a energia do ponto central manifesta-se na compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se *aquilo que ele é*, do mesmo modo que todo o organismo é impulsionado a assumir a forma característica de sua natureza, sejam quais forem as circunstâncias”.

Denunciando que o processo de individuação junguiano teria sido muitas vezes deturpado em seu significado, Nise da Silveira afirma que ele seria, na verdade, “claro e simples na sua essência: tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas”, sendo esse percurso longo e difícil devido à complexidade da psique humana (SILVEIRA, 1992<sup>b</sup>). Nessa concepção de “self” – teleológica<sup>13</sup> – haveria, portanto, o sentido da tendência de realização do que existe em potencial no ser. Tal trajetória evolutiva eliciada por e em busca desse *centro* (expresso muitas vezes pela imagem do Cristo, ou expresso e denominado como *Tao*, ou representado por uma *mandala* que muitas vezes tem a forma de uma flor, de uma cruz ou círculo, tendendo para o quaternio) não seria *linear*: haveria a *circum-ambulação do Self*. A respeito do mencionado acima, Jung assim se expressa:

“... *Em outras palavras, é a participação de uma área sagrada interior, que é a origem e a meta da alma...*” (essa “origem e meta da alma” é denominada por Jung como “Deus”, Tao”, Self”...)

<sup>13</sup> “Teleológico” – Que diz respeito ou que constitui uma relação de finalidade; noção oposta a mecanicismo. Em Kant, na *Crítica do juízo*, seu sentido expressa-se na frase: “...espécie de seres cuja causalidade é ao mesmo tempo teleológica, isto é, dirigida para objetivos...” (LALANDE, 1996). Vide, também, a “*característica teleológica de sistema*” no item 6.1.4., neste capítulo III.

*“O aproximar-se circundando”, ou “circumambulatio”, exprime-se, em nosso texto, através da idéia de “circulação”. Esta última não significa apenas o movimento em círculo, mas a delimitação de uma área sagrada por um lado e, por outro, a idéia de fixação e concentração; a roda do sol começa a girar, isto é, o sol é vivificado e inicia seu caminho; em outras palavras, o Tao começa a atuar e assume a direção. A ação converte-se em não-ação; tudo o que é periférico é subordinado à ordem que provém do centro. Por isso se diz: “O movimento é outro nome para significar domínio”. Psicologicamente, a circulação seria o ato de “mover-se em círculo em torno do si-mesmo (self)”, de modo que todos os lados da personalidade sejam envolvidos.” (JUNG, 1992:41)*

Os seres humanos possuiriam, segundo Jung, um inconsciente pessoal, composto de conteúdos provenientes de experiências individuais e, também, um inconsciente coletivo, cujos conteúdos seriam comuns a todos os homens.

Na busca da compreensão do homem, Jung debruçou-se incansavelmente sobre a *História* da experiência humana. A respeito desse inconsciente coletivo Jung se expressa vigorosamente em sua obra “A natureza da psique”, explicitando-o:

*“Se o inconsciente pudesse ser personificado, assumiria os traços de um ser humano coletivo, à margem das características de sexo, à margem da juventude e da velhice, do nascimento e da morte, e disporia da experiência humana quase imortal de um a dois milhões de anos. Este ser pairaria simplesmente acima das vicissitudes dos tempos. O presente não teria para ele nem maior nem menor significação do que um ano qualquer do centésimo século antes de Cristo; seria um sonhador de sonhos seculares e, graças à sua prodigiosa experiência, seria um oráculo incomparável de prognósticos. Ele teria vivido, com efeito, um número incalculável de vezes, a vida do indivíduo, da família, das tribos e dos povos e possuiria o mais vivo e profundo sentimento do ritmo do devir, da plenitude e do declínio das coisas (grifo nosso)” (JUNG, 1991<sup>b</sup>: 263).*

Ressalta ainda, na mesma obra, que o inconsciente dispõe de percepções subliminares cujo espectro e extensão toca as raias do maravilhoso e que, por reconhecerem

este estado de coisas, as sociedades primitivas utilizavam os sonhos e as visões como importantes fontes de informações e, sobre esta base psicológica, elevaram-se antiquíssimas e poderosas culturas – como a hindu e a chinesa – que desenvolveram, filosófica e praticamente até os mínimos detalhes, a via do conhecimento interior (JUNG, 1991<sup>b</sup>:263).

Abordando a questão dos arquétipos, acrescentamos a informação de Jung a respeito dessas “fôrmas sem forma”, dessas “matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma” ou possibilidades para representar imagens simbólicas. Ele nos chama a atenção para o fato do homem moderno ser um “homem-símbolo”, curiosa mistura de características adquiridas ao longo de uma evolução mental milenária. Esse ser humano produz símbolos que podem ser investigados, que podem estar ligados a experiências pessoais ou terem sido “particularmente escolhidos pelo sonho” (ou, como no caso dos moradores de rua analisados neste trabalho, cujos símbolos foram configurados no processo de produção de desenhos ou colagens, que examinamos no capítulo III).

Esses arquétipos, portanto, afirma Jung, quando aparecem na “experiência prática, são a um só tempo *imagem e emoção*. E só podemos nos referir a arquétipos quando estes dois aspectos se apresentam simultaneamente. Quando existe apenas a imagem, ela equivale a uma descrição de pouca importância. Mas quando carregada de emoção a imagem ganha numinosidade ( ou energia psíquica) e torna-se dinâmica, acarretando conseqüências várias.” “... não são simples nomes ou conceitos filosóficos. São porções da própria vida – imagens integralmente ligadas ao indivíduo através de uma verdadeira ponte de emoções” (JUNG, 1993:96). A interpretação desse arquétipo precisa ser feita de acordo com as condições totais de vida do indivíduo ao qual se relaciona.

### **3. O ÁGAPE: uma forma de amor**

Quando nos referimos à “*mãe suficientemente boa*”, tal conceito apontava para a característica “*devoção*”, que entendemos deva ser associada a uma “forma de amor” – o “Ágape” – explicitada por Luc Boltanski em sua obra “*L’Amour et la Justice comme compétences*” (BOLTANSKI, 1990).

Apresentaremos, a seguir, as características dessa “forma de amor”, respeitando o encadeamento lógico do percurso teórico do autor que, para chegar ao conceito de “Ágape”, partiu inicialmente da noção de justiça, afirmando que não saberia defini-la de outro modo que não seja por referência à equivalência.

### 3.1. *Em busca do Ágape:*

#### - *A “equivalência” e a “justiça”*

Boltanski traz a noção de *equivalência*, quando evoca o pensamento rousseauiano (Rousseau, 1964)<sup>14</sup>, afirmando que para que as pessoas possam escapar ao jugo dos interesses particulares, à indiferença ou à guerra e constituir-se em corpo político, é necessário que lhes seja dada a possibilidade de identificar-se com a referência a um princípio de ordem.

Reporta-se à necessidade de definir um *bem comum* que lhes seja superior e que possa fazer entre elas equivalência. É apoiando-se sobre essa equivalência que poderá ser estabelecido o caráter justo ou injusto das relações que elas entretencem umas com as outras. Porque é desse princípio de equivalência – o qual qualifica a forma de *grandeza*<sup>15</sup> à qual podem ter acesso as pessoas – que dependerá a possibilidade de estabelecer, entre elas, uma ordem de grandeza que não seja arbitrária e que possa, devido a isso, ser qualificada de justa. Para a possibilidade de um laço social, para haver a convergência a um acordo, as pessoas devem fazer referência à qualquer coisa não pessoal e que lhes passe além. É esta referência comum que ele chama de um *princípio de equivalência*.

### 3.2. *Os limites da justiça*

Afirma o autor que na definição da justiça está implícito “ser pensada como uma alternativa à violência, sendo que as disputas passariam da violência à justiça quando cada um envolvido nos processos reconhecesse a equivalência geral e reconhecesse que o outro a reconhecia”. Explicita que, neste caso, o ciclo de reciprocidade violenta - como no caso da vendeta, na qual quem faz uma morte acarreta o maior número possível de morte; ou como na lei de talião, quem dá um golpe recebe um contra golpe – se transformaria. Conclui que a justiça trata a disputa, portanto, reportando-a a uma “equivalência geral e submetendo as partes a uma prova definida pela referência a essa equivalência”. Afirma ele, no entanto, que “na medida em que existem vários princípios de equivalência legítimos, a prova pode sempre ser relançada apoiando-se sobre uma outra equivalência, igualmente afetada de uma validade universal. A disputa em justiça estaria assim reativada e até disseminada. Com efeito, nesse processo, as pessoas vão procurar sem parar novos objetos, novos argumentos,

<sup>14</sup> Rousseau, JJ. *Du contrat social*. Paris: Gallimard Pléiade (volume III, Ecrits politiques) 1964.

<sup>15</sup> O autor justifica o uso do termo “grandeza” que supõe sempre, em sua construção, uma referência à uma ordem na qual o caráter justo pode ser revelado, uma ordem justificável.

novas testemunhas para sustentá-las, apoiar sua causa. É a razão pela qual a justiça é sempre, em si mesma, insuficiente. Ela pode, por um tempo, canalizar a disputa, submetendo-a a sua ordem. É-lhe impossível detê-la” (BOLTANSKI, 1990:137).

Na busca de outros estados nos quais as pessoas poderiam estabelecer relações “razoáveis” com as outras pessoas, sem se reportarem às equivalências, Boltanski examina textos que falam de *amizade e de amor* (grifo nosso), que apresentaremos a seguir.

### **3.3. O amor como alternativa à justiça**

Afirma o autor que “o amor e a justiça, considerados ambos como *alternativa à violência* possuem, no entanto, *meios radicalmente diferentes*. Enquanto a justiça, como já vimos, parte da comparação entre dois homens que se afrontam – e ela resolve sua violência substituindo a comparação dois a dois por uma referência a uma equivalência universal – o amor, por sua vez, *toma uma via mais curta*. Não compara e ignora as equivalências. É assim que o amor sempre se erige não somente como uma alternativa à violência, mas também como uma alternativa à justiça” (BOLTANSKI, 1990:143).

### **3.4. Recorrendo à Antropologia e à tradição para falar de amor**

Relata Boltanski que o *amor* foi ‘desonrado’ pelos muitos usos e cujo sentido é hoje quase esquecido, evocando este termo para nós confusa mistura literária de caprichos, paixões, apegos, apetites; o que repetem os romances e as canções de amor.

Para tomar distância dos “lugares comuns do discurso amoroso” e para utilizar-se de instrumentos que permitam a análise das capacidades cognitivas das pessoas que entram em relações de paz onde a referência à justiça é no entanto descartada, ele parte – como fez para o estudo do senso da justiça – de construções emprestadas à tradição:

*“Assim retornamos às razões pelas quais o recurso à tradição nos parece útil. Este trabalho se inscreve no prolongamento direto de nossos esforços precedentes para explorar as estruturas cognitivas que dispõem as pessoas, de nossa sociedade, para entrar em relação. Nós nos manteremos no quadro estrito da antropologia, com aquela diferença, em relação à maior parte dos antropólogos, que nosso terreno não é uma sociedade exótica, afastada no espaço ou no tempo, mas a nossa própria sociedade. Oras, uma Antropologia das Capacidades Cognitivas em*

*nossa sociedade avizinha-se, necessariamente, do trabalho de outras disciplinas, notadamente a Psicologia e a Filosofia, particularmente da Filosofia Analítica”(BOLTANSKI, 1990:147).*

### **3.4.1. Recorrendo à tradição teológica**

Discorrendo a respeito das razões do uso da “tradição” em seu trabalho, Boltanski argumenta que a filosofia política clássica seria de pouca utilidade para o objeto da pesquisa por ele esboçada já que esta – a filosofia política clássica – visando o estabelecimento da justiça no quadro de um Estado, ignora a relação, tão fortemente presente na consciência do mundo antigo, entre amizade, ou amor, e justiça:

*“É uma outra tradição que devemos invocar...” “No curso deste trabalho, nós seremos levados a conceder uma importância particular a uma noção de amor designada, na maioria das vezes, por “um termo do jargão cristão, o *Ágape* (grifo dele), que os teólogos têm sido praticamente os únicos a estudar e, por vezes, a tomar a sério” (BOLTANSKI, 1990:153).*

Afirma que, não sendo teólogo e sim sociólogo, “buscaria separar o *Ágape* de sua dimensão propriamente sobrenatural para interessar-se pela maneira como ela pode regular a relação entre os homens e, sobretudo, para buscar desenvolver em um modelo a concepção que cada um de nós – pensa ele – tem da intuição”. No entanto, completa, “essa operação de laicização do *Ágape* advém de uma pura decisão de método, não se inscrevendo ela em uma teoria sociológica da religião” (p. 153).

Aborda, criticamente, que o “estabelecimento das Ciências Sociais no século XIX deu-se pela e na crítica ao religioso, sendo a essa época, com o pauperismo, seu único objeto. Tratava-se, através delas, não da abolição da religião mas de substituí-la por um equivalente aceitável” (p.154).

Essa intenção – denuncia ele – “se permitiu a construção de uma ciência da sociedade, tornou quase impossível o desenvolvimento de uma antropologia das religiões ou, o que é pior, a reapropriação do conhecimento religioso pela antropologia”. Citando René Girard (1978)<sup>16</sup> BOLTANSKI (1990:154) afirma que isso vale, particularmente, para a tradição cristã que seria a grande excluída das ciências modernas que não hesitam, no

<sup>16</sup> Girard R. Des choses cachées depuis la fondation du monde. Paris:Grasset; 1978.

entanto, a atribuir uma “*importância prodigiosa às velhas histórias gregas concernentes a um chamado Édipo e a um chamado Dionysos*”.

### 3.5. *As três formas de amor*

Na busca de conhecer, na ‘tradição’, as formas de laço social construídas sobre a base do amor, citando Spicq (1955)<sup>17</sup>, BOLTANSKI (1990:159) resgata a compreensão grega de amor, afirmando que para o nosso único vocábulo o grego compreende quatro formas lexicais, das quais três serviram de apoio à construção de diferentes teorias do amor. Propõe-se a retomar essas três concepções em seu esboço: *a philia, o eros, o Ágape*.

#### 3.5.1. *De amor ‘descartado’ a amor ‘central’*

Ao citar Spicq (1955)<sup>17</sup>, BOLTANSKI (1990:160) faz referências a um dos tipos de amor que ele “deixaria de lado” o qual, no entanto, nos interessou, particularmente, por estar profundamente ligado ao âmago teórico do nosso trabalho:

*“Entre os diferentes termos analisados por C. Spicq, nós deixaremos de lado aqueles que se relacionam à forma exprimindo o apego “naquilo que ele tem de espontâneo, de natural e quase de instintivo” e que são utilizados em prioridade, segundo esse autor, para designar “o amor familiar, aquele da mãe pelos seus filhos”, ou “o apego dos animais pelos seus pequenos” (p. 160).*

Ao abordarmos o “encontro” – “encontro transformador” – apoiamo-nos nos conceitos da Psicologia do Desenvolvimento – notadamente no pensamento de Winnicott – que envolvem essa concepção de amor que Boltanski “deixa de lado” em seu trabalho. Não estaremos, no entanto, focalizando “o apego dos animais pelos seus pequenos”. Mais explicitamente estamos nos detendo no amor humano, apoiando-nos inicialmente naquele amor “da mãe pelo seu filho”, trabalhado tanto pelas abordagens da Psicologia do Desenvolvimento quanto pelas abordagens da Psicologia Clínica. Nosso constructo teórico/analítico parte dessa concepção e nela caminha sem, no entanto, “deixar de lado” as outras três concepções de amor que Boltanski propõe-se a analisar: *a philia, o eros, o Ágape*.

---

<sup>17</sup> Spicq C. *Prolégomène à une étude de théologie néo-testamentaire*. Louvain: Publications universitaires de Louvain; 1955.

Visamos, ao associarmos o *Ágape* ao “amor devoção da mãe suficientemente boa” por seu filho, a ampliar esse conceito de “amor materno” que estamos usando em nosso constructo teórico. Refletimos que, quando Boltanski anunciou no início de seu trabalho que deixaria “de lado” esse tipo de amor materno em seu modelo teórico, estaria em busca de um tipo de amor que não tivesse esse aspecto de amor “ditado pela natureza” pois nesse caso uma mãe amaria seu filho porque é seu filho e para o qual foi bio-psiquicamente preparada. Seria o “instinto” agindo e, como tal, pouco se teria a fazer com esse tipo de amor em uma teoria preocupada em promover o que o autor denomina de “estado de paz”. Concluimos que Boltanski estaria, portanto, em busca de um tipo de amor que se traduzisse por “movimento em busca daquele que se ama”. Acontece que o “amor devoção” na dupla “mãe e filho”, a díade que aí se forma – a “fusão” – com a comunicação pré-verbal que se instaura, possui especificidades que – em nossa concepção – podem esclarecer melhor os aspectos do amor *Ágape* emprestado da tradição e caracterizado por Boltanski. Ambos estão próximos, imbricados, completam-se; e, como é próprio do verbo “imbricar-se” – “dispor de maneira que em parte se sobreponham umas às outras” – as nuances de um e outro amor se sobrepõem, sendo as mesmas, ou se completam em suas especificidades.

Observamos que o *Ágape*, cujo sentido mais corrente aplica-se à “refeição que os antigos cristãos faziam em comum, refeição entre amigos”, ou seja, “refeição em comum, festa de confraternização, amor”<sup>18</sup>, traz historicamente em seu bojo referência ao alimento, à refeição partilhada em “estado de amor”. Nós, por nossa vez, partimos inicialmente – conforme já explicitamos – do amor que banha a díade “mãe-bebê”, em cuja explicitação teórica Winnicott também aborda a questão do “alimento-leite” fornecido pela mãe ao seu filho, mãe plena de “devoção”, estado cujas características estaremos associando ao “*Ágape*” na tentativa de melhor explicitar um e outro conceito. Pretendemos deixar claro, porém, que não foi inicialmente a idéia comum<sup>19</sup> de “alimento real” o que nos aproximou do *Ágape*. Em nossa peregrinação teórica, chamou-nos a atenção essa “base material comum e simbólica” dos dois fenômenos, banhados em significados muitas vezes também comuns, ainda que vividos entre seres de faixas etárias diferentes.

Vamos, portanto, à especificação dos conceitos. Falemos da *philia*, de *eros*, de *Ágape*. Falemos de “amor”:

<sup>18</sup> *Ágape*: Do lat. ecles. *Agape*, derivado do grego *agápe* ‘amor’. Dic.Etimológico Nova Fronteira. 2ª edição; Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1998.

<sup>19</sup> “Comum”: no sentido de “presente em ambos”.

### 3.5.2. A “*philia*”: a reciprocidade no amor

Boltanski parte da análise de Aristóteles em “*Ética a Nicômaco*”, quando este aborda a “*philia*”, termo cuja extensão vai da “amizade a dois” à “virtude cardinal da moral política”, denominando-a como uma noção interacionista porque apoiada em *méritos recíprocos*:

*“Ela é efetivamente fundada sobre o reconhecimento de méritos recíprocos. Para que a amizade se instale, é necessário antes que os parceiros sejam “dignos de ser amados um e outro”, o que supõe da parte dos amigos a mesma capacidade de avaliar os méritos de qualquer outro, portanto um saber comum do que é valioso”* (BOLTANSKI, 1990:161).

Afirma que, estando na amizade, que implica em igualdade, dois amigos retiram as mesmas vantagens um do outro e se desejam reciprocamente os mesmos bens, ou ainda *trocam uma coisa por outra, por exemplo prazer contra proveito*”(grifo nosso) (BOLTANSKI, 1990: 162).

Na colocação do autor a “amizade” supõe, portanto, não só uma *medida comum* que permite a avaliação dos méritos mas, também, uma regra de igualdade dentro de um *comércio mútuo*:

*“Porque, na amizade, a reciprocidade não se exerce cegamente. Ela objetiva a antecipação da parte de cada um dos parceiros, que espera do outro um retorno equivalente a aquilo que ele mesmo lhe deu.” “A amizade é mais perfeita entre pessoas virtuosas, não somente porque cada parte recebe da outra as mesmas vantagens ou vantagens parecidas, o que é precisamente a regra entre amigos.”* (BOLTANSKI, 1990:162)

### 3.5.3. O “*eros*” platônico: do particular ao geral

Em sua proposta de determinar as propriedades do “*Ágape*”, Boltanski relata que a “tradição” o distingue não somente da “*philia*” mas, sobretudo, do “*eros*” platônico.

*“O amor – que segundo essa teoria (o autor refere-se aqui à teoria de Platão) é sempre o desejo de elevar-se do inferior ao superior...” – “... para se realizar plenamente deve desligar-se do objeto imediato para buscar as idéias gerais que sustentam, na realidade, o desejo”* (BOLTANSKI, 1990:165).

A característica desse tipo de amor – que substitui o apego singular por um ser particular pelo amor daquilo que faz a equivalência entre os seres, pelo “princípio superior comum” – aproxima esta concepção de amor à teoria política da justiça, que Boltanski explicitou no início de sua argumentação.

Citando Freud (1981)<sup>20</sup>, o autor afirma que é na teoria da sublimação que se vê com maior clareza o modo de construção da relação entre o particular e o geral, que sustenta o modelo platônico de “eros”. A derivação do desejo representaria “a contribuição fornecida pelo erotismo à amizade, à camaradagem, solidariedade, ao amor da humanidade em geral” (BOLTANSKI, 1990:166).

Contrapondo-se, portanto, às características reveladas da “philia” e do “eros” e, particularmente, à relação que esses conceitos mantêm com a justiça porque essas duas formas de amor reclamam uma *equivalência geral* para avaliar os méritos do objeto amado, BOLTANSKI (1990) chega finalmente ao “Ágape”, forma de amor que recebe destaque em seu percurso teórico e que apresentaremos a seguir:

#### **4. ENCONTRO COM O “ÁGAPE”**

##### **- Características**

As características do amor “Ágape”, que interessam à Antropologia e que foram destacadas por BOLTANSKI (1990) em sua obra, serão apresentadas – mais especificamente – neste segmento, com o objetivo de promovermos uma aproximação conceitual deste tipo de amor com os outros conceitos das diversas abordagens teóricas explicitadas nesta tese.

---

<sup>20</sup> Freud S. *Cinq Psychanalyses*, (première édition, 1909-1911, traduction de M. Bonaparte et R.M. Loewenstein), Paris: PUF 1981.

#### **4.1. O amor às outras pessoas humanas: “o amor ao próximo”**

*“Como anfitriões, a mesa dos nossos sentimentos deve estar sempre posta para servirmos o Ágape, alimento de amor.”<sup>21</sup>*

A acepção de Ágape que concerne mais diretamente à pesquisa de Boltanski – e que adotamos em nosso constructo teórico – é o “amor às outras pessoas humanas, definido como o amor ao próximo”(Nygren, 1944<sup>22</sup>, citado por BOLTANSKI, 1990:171).

Afirma o autor que o Ágape entre os homens não se limita à comunidade eclesial, pois *“ele tem por vocação manifestar-se em presença de não importa qual pessoa, qualquer que seja a maneira pela qual ela poderia ser qualificada em outras relações. É nesse sentido que essa noção é disponível para a Antropologia”* (BOLTANSKI, 1990:171).

Explicita Boltanski que, “em oposição ao ‘eros’, o Ágape – que não se eleva até aquele que é superior e que é inteiramente construído sobre a noção de “don”<sup>23</sup> / “doação” – não contém a idéia de “desejo”. O Ágape é independente do desejo, não somente do desejo de possessão que submete o eros terrestre, mas também do desejo de transcendência que orienta o eros celeste (segundo o pensamento platônico). Em oposição ainda ao “eros” platônico – no qual o despertar depende fundamentalmente do valor de seu objeto porque ele se coloca em prioridade sobre os “belos corpos”, para remontar ao princípio de toda beleza – o Ágape não depende do valor do objeto ao qual ele se endereça. Isso não lhe é pertinente. É essa indiferença ao mérito que qualifica a gratuidade do Ágape” (BOLTANSKI, 1990:172).

#### **4.2. Gratuidade do Ágape: o “dar gratuito, sem esperar nada em troca”**

Citando Kierkegaard (1980)<sup>24</sup>, afirma BOLTANSKI (1990:180-184) que o Ágape não conhece a preferência e não conhece o favoritismo. As pessoas às quais ele se

<sup>21</sup> Comunicado pessoal de Moacir de Souza, em Pirassununga, Estado de São Paulo, 2002.

<sup>22</sup> Nygren A. *Eros et agapè. La notion chrétienne de l’amour et ses transformations*, 3 vol., Paris: Aubier; 1944 (première édition, 1930-1936).

<sup>23</sup> “Don”: Em nossa tradução da forma francesa da palavra - “don” - estamos tomando por significado “aquilo que se entrega a alguém sem receber nada em troca”, “doação”; na qual a “doação de si, de sua pessoa”, traduz-se por “devoção”, “devotamento” ( Le Robert Quotidien, 1996). Tomamos portanto “doação” por “devoção”, característica que aproxima o “amor Ágape” do “amor devoção” da “mãe suficientemente boa”, conceito explicitado por WINNICOTT (1975).

<sup>24</sup> Kierkegaard S. 1980, *Les Oeuvres de l’amour. Oeuvres complètes*, T. XIV, Paris, Orante.

endereça são aquelas que ele encontra em seu caminho e com as quais cruza o olhar, afirmando que a noção de *Ágape* não se fecha na idéia de um “imperativo nascido da universalização de uma lei... e não se endereça ao homem em geral mas ao próximo...” .

Analisando, portanto, o pensamento de Kierkegaard, que tem como objeto a construção de uma Antropologia fundada sobre o amor, Boltanski ressalta que este autor critica a noção de “reciprocidade” inerente à *philia* (“*Quem ama é amado e quem é amado ama*”), a qual reduz o amor a uma permuta (“*exatamente como no mundo dos negócios. Faz-se do amor uma transação.*”)

O objeto do *Ágape* é o homem que se vê, diz Kierkegaard: “Amar é justamente amar o homem que se vê” (p. 180). O amor não tem como alvo as perfeições que se descobre em qualquer um, mas sobre o homem que se vê, quer descubra-se nele perfeições ou imperfeições. A maneira como o *Ágape* se porta sobre o ser que é visto constitui-se como um dado de realismo:

*“No momento em que no amor o dever é de amar os homens que se vê, trata-se então nesse amor que se porta a um homem particular e real, de não fazer intervir uma idéia imaginária sobre a maneira que, crê-se, ele deva ser, ou que se queria que ele fosse. Porque se o faz, não se está amando quem se vê, mas qualquer coisa de invisível, sua própria idéia ou alguma outra fantasia”* (BOLTANSKI, 1990:181).

### 4.3. A “doação do *Ágape* ignora a contra doação”

Enquanto que a ‘*philia*’ – destaca Boltanski – apoia-se sobre a noção de reciprocidade – um dos conceitos fundamentais das Ciências Sociais modernas, particularmente da Antropologia – o *Ágape*, definido pela “doação”/ “devoção”, não espera o retorno, nem sob a forma de objetos, nem mesmo sob a espécie imaterial do amor em retorno: a “doação” do *Ágape* ignora a “contra-doação”.

O autor afirma que “cada um dos atores em estado de *Ágape* não modela sua conduta sobre a representação que ele faz da resposta que o outro dará a seu ato. Não incorpora em seu ato a resposta antecipada daquele ao qual se dirige e não concebe, então – à diferença de teorias modernas da ação – a relação com o outro sob a forma de uma seqüência de golpes e contra-golpes. É principalmente a recusa da equivalência que afasta o *Ágape* tanto de *eros* quanto da *philia*” (BOLTANSKI, 1990:173).

#### **4.4. *A ‘despreocupação’ do ‘Ágape’: “não acumular mais que para o dia presente”***

Afirma BOLTANSKI (1990:177) que “o Ágape, ignorando a equivalência, ignora também o cálculo. Os seres sob a lei do Ágape não acumulam “mais que para o dia presente” e não se “preocupam com o amanhã”. Em resumo, o Ágape não se mune de um espaço temporal de cálculo e é esta a razão pela qual diz-se geralmente que ele é sem limites. Essa inaptidão ao cálculo que, com a insuficiência das antecipações, inibe a espera de um retorno, suprime assim a dívida”.

#### **4.5. *O Ágape e o perdão***

A respeito do “perdão”, Boltanski observa que “a pessoa em estado de Ágape não se detém nem nas ofensas sofridas, nem nos benefícios que ela realizou e é assim que a faculdade de perdoar, com a faculdade de dar gratuitamente, são as características mais freqüentemente associadas à noção de Ágape”. Ainda refletindo sobre o perdão, comenta o autor que essa noção parece sugerir que a dívida foi “retida”, foi acalentada antes de ser anulada. O perdão suporia “uma vontade de esquecer” que confere uma presença mental àquilo que se deseja apagar. “Oras – contra argumenta o autor – o Ágape diz menos que é “necessário perdoar” do que “deixar pra lá”, “deixar passar”. Essa despreocupação, esse descuido, essa inseqüência, enfim, essa capacidade de ‘esquecer’ é que caracterizam a relação do Ágape com ofensas passadas. Benefícios e malefícios são remidos porque não há nada que os retenha, nenhum instrumento para calculá-los e guardá-los na memória” (BOLTANSKI, 1990:178).

#### **4.6. *O Ágape, a temporalidade e o perdão* - *A opção pelo “presente”***

BOLTANSKI (1990: 179) afirma que “a orientação temporal do Ágape é diferente daquela da ‘justiça’ e do ‘eros’: ele se mantém no presente. Enquanto a justiça possui um espaço de cálculo voltado para o passado, já que os atos a serem julgados já aconteceram, o eros, na incompletude de seu desejo, se volta para aquele momento sempre retardado na sua realização, isto é, para o futuro. É a opção pelo presente que assegura a consistência entre as principais características que definem o Ágape”.

#### 4.7. *O Ágape e o exemplo dos “Fioretti”*

Para trazer novos esclarecimentos sobre o amor e promover a continuidade da caracterização do Ágape, Boltanski propõe-se a abordar e comentar algumas passagens de uma obra anônima, coletânea de pequenos contos escrita em dialeto toscano datando da segunda metade do século XIV, resultado de um longo processo de seleção, de tradução e de compilação: “*I Fioretti*” de São Francisco. A sua intenção de edificação e sua opção sistemática em favor do amor o torna uma fonte preciosa para destacar os traços ligados à caracterização do Ágape.

##### 4.7.1. *A caridade: o amor em movimento*

Relata BOLTANSKI (1990) que Francisco sempre, seus companheiros a maior parte do tempo e, com uma constância menor, uma parte notável dos numerosos personagens que eles cruzam no curso de suas peregrinações estão em estado de Ágape. Ignorantes de seus desejos eles se voltam às necessidades daqueles que eles encontram, ocupados no cuidado de satisfazê-los e sempre prestes a dar. Essa disposição permanente – amor em movimento – visa os seres (habitualmente os humanos mas algumas vezes também os animais) que cruzam seus caminhos: pobres, nobres, camponeses, ladrões, reis, etc. A sua disponibilidade para o “doar” é indiferente ao valor e aos méritos daqueles que eles encontram.

Podemos observar que nesse pensamento – revolução na noção de amor – saímos do amor ao universal, de uma “representação” estática do amor, para o *amor em movimento*<sup>25</sup>, para a caridade no seu sentido de ação, devoção, doação – dar gratuito, sem esperar nada em troca – dar àquele com aquele com quem se cruza o olhar, sem preferências ou limites.

##### 4.7.2. *“Não ‘julgar’ ”*

BOLTANSKI (1990:185) relata que, segundo Gobry (1962:23-4)<sup>26</sup>, “no estado de Ágape, os freis não julgam. Assim, frei Francisco evita de permanecer muito tempo com

<sup>25</sup> “Caridade: é o amor em movimento”: Comunicação pessoal feita por Carlos Peppe (1955), na cidade de Sacramento, Minas Gerais.

<sup>26</sup> Gobry I. Introduction aux Fioretti de Saint François, Paris: Seuil; 1962.

frei Bernardo, que o fez prometer de repreendê-lo e de corrigir “duramente seus defeitos”, por não poder dizer nenhuma palavra de correção contra ele”.

#### ***4.7.3. Não “ter preocupação pelo comer ou pelo beber”***

O ‘cálculo’ não pertence à natureza do Ágape, relatando o autor que é essa recusa ao cálculo que leva à opção pela pobreza. Todo no presente, o Ágape recebe tudo da imprevidência: aquele que está em Ágape “não tem cuidado nem preocupação pelo comer ou pelo beber”.

Boltanski relata que São Domingos, “que estava presente a todas as coisas, espantava-se fortemente da ordem de São Francisco, não podendo imaginar como uma tal multidão se poderia dirigir sem ter nem cuidado nem preocupação com as coisas necessárias ao corpo.” Mas sobrevêm, de repente, as pessoas, acorrendo dos arredores de Perugia, de Spoleto, de Foligno, de Spello, de Assis, trazendo alimentos em profusão, enquanto os cavaleiros, os barões, e outros fidalgos que vieram começaram a servir com devoção e humildemente aos freis. Ele completa esse relato com a frase: “A aqueles que não reconhecem o seu desejo, os bens advém pela doação” (BOLTANSKI, 1990:188).

#### ***4.7.4. “Os outros respondem à ‘doação’ pela ‘doação’ ”: “É dando que se recebe”***

Boltanski formula nesse momento a questão: “Mas por que os outros respondem à ‘doação’ pela ‘doação’?” Quando os freis estão juntos – entre eles, todos em estado de Ágape – cada um vai por si em busca das necessidades dos outros (BOLTANSKI, 1990:189).

Refletimos que aqueles que são tocados por essa doação, que são beneficiados por essa devoção, rendem-se a ela e tendem a reproduzir os mesmos atos com outros. O trecho grifado nos evoca – da tradição – a colocação de Paulo<sup>27</sup>, apóstolo do Cristo : “Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?”

---

<sup>27</sup> Vide: “Bíblia Sagrada”, Paulo (II Coríntios, 5:6).

#### 4.7.5. O *Ágape* e a “*paciência*”

BOLTANSKI (1990:189-190) relata que “face ao desejo que reclama ou, de uma outra maneira, face à violência, geralmente tratada como uma conseqüência de um desejo impossível de saciar, os freis agiam não oferecendo resistência e não presos às demandas. Um dos traços mais marcantes de sua conduta é sua completa passividade face aos desejos, muitas vezes exorbitantes, das pessoas exteriores à sua comunidade, com as quais eles entravam em contato. Eles satisfaziam às demandas e davam na medida de seus meios”. Conta o autor, ilustrando essa sua afirmação, a história do leproso que cansava a paciência dos freis. Francisco se ocupa dele: “Meu filho, eu quero te servir eu mesmo, porque você não está contente com os outros.” “Eu vejo bem, diz o doente, mas que poderá você me fazer a mais que os outros?” São Francisco responde: “O que você quiser, eu o farei.” O leproso diz: “Eu quero que você me lave inteiro, porque eu cheiro mal tão fortemente que eu não me agüento.” Então São Francisco fez imediatamente ferver água com bastante ervas odoríferas, depois ele o despiu e começou a lavá-lo com suas próprias mãos enquanto outro frei lhe jogava a água em cima. A passividade na doação esgota o desejo, e as pessoas se rendem, por sua vez, ao amor. Mas o que opera aqui é a paciência, que não reconhece a violência enquanto tal.

O autor cita o exemplo de Frei Bernardo, que indo à Bolonha, “foi coberto de injúrias, de impropérios, como se o fizessem a um louco, devido aos seus hábitos (vestes) estranhos e miseráveis. Puxaram-lhe o capuz, atiraram-lhe poeira e pedras. Bernardo, sempre da mesma maneira e com a mesma paciência, o semblante alegre, não se lamentava e não se perturbava. A constância no estado de amor supõe com efeito a não-resposta. A relação não é *interativa* porque um age, o outro não. Da mesma maneira, os diálogos, geralmente, não acontecem... Porque, e é uma constante dos Fioretti, o amor não tem discurso sobre ele mesmo...” (BOLTANSKI, 1990:189-190)

Chamamos a atenção sobre este trecho, por nós grifado, principalmente quando Boltanski coloca que “a relação em *Ágape* não é interativa porque um age e o outro não”: de fato, temos observado – e é esta a nossa concepção a respeito – que a relação no *Ágape* não é interativa ***na violência***! Ela começa a interagir sim, mas em **outro nível**, desencadeando todo um processo que temos chamado de **transformador**: aquele que está em estado de *Ágape* elicia no outro possibilidades criativas, o acontecer do self, sendo exatamente aqui onde estamos avançando em relação aos arrazoados teóricos de Boltanski. É sobre isso que estivemos falando quando dissemos que nos debruçaríamos também sobre um tipo de amor que Boltanski “deixou de lado”, que é o amor de uma mãe pelo seu filho. Ele comenta,

ainda, que o “amor não tem discurso sobre ele mesmo”, ou que “geralmente os diálogos não comunicam, ou não se fazem em voz alta” – e explicita, dando o exemplo de São Luis e frei Gilles que se encontram e se abraçam em silêncio, despedindo-se sem nada se falarem – por causa da imperfeição da linguagem humana que não poderia expressar os sentimentos que ali se faziam.

#### ***4.7.6. Para uma Sociologia do Ágape : o modelo do Ágape puro***

BOLTANSKI (1990:223), busca precisar no capítulo com o mesmo título acima (do qual retiramos alguns trechos que interessam mais de perto à nossa teorização), em que medida a noção de Ágape poderia ser utilizada no campo da Sociologia e a natureza das ações sobre as quais ela poderia trazer uma contribuição. Propõe-se, como primeira tarefa, a desenvolver um pouco mais o que ele chama de “utopia” de um mundo no qual todos estivessem mergulhados em estado de Ágape, e a precisar – a título de experiência mental – o gênero de equilíbrio que tal mundo poderia estender, o qual, apesar de estar tão longe da realidade que conhecemos, - segundo ele - não é absurdo.

Retoma os capítulos anteriores, resumindo as outras concepções de amor que não o Ágape: o “apego”, definido como natural e enraizado na Biologia (quanto a este tipo de amor temos a dizer – repetindo – que há um avanço em Winnicott a respeito do amor da mãe e seu bebê, não o circunscrevendo às raízes biológicas), o desejo de possessão ou sublimação (“eros”) ou, ainda, relação de reciprocidade entre as pessoas que se apreciam mutuamente (“philia”) - que contribuíram largamente às diferentes Ciências Sociais. O Ágape, por sua vez – afirma ele, resumindo suas colocações anteriores – “possui características singulares como a preferência pelo presente, a recusa da comparação e da equivalência, o silêncio dos desejos ou ainda a ausência de antecipações na interação, que o afastam dos modelos sobre os quais as disciplinas como a Economia, Sociologia ou Psicologia Social habitualmente se apoiam” (BOLTANSKI, 1990:223).

##### ***4.7.6.1. O Ágape e a “possibilidade de colocar-se em presença”***

O autor reflete que “em um mundo sob a lei do Ágape, no qual as pessoas afastam delas o desejo e ignoram a justiça ou a grandeza, cada um é, por sua vez e de maneira circular, protetor daquele que ele encontra. Porém, como o Ágape se endereça ao singular e que cada um dá a quem ele encontra no caminho, a quem ele vê, um tal mundo exige que as pessoas tenham olhos para se verem e a possibilidade de colocar-se em

presença, o que supõe um uso “vagabundo” (no sentido de vagar, circular sem cessar) do espaço. As pessoas devem se deslocar, sair do próprio lugar para poder encontrar-se e não se fecharem dentro dos círculos dos relacionamentos estreitos” (BOLTANSKI, 1990:224).

#### 4.7.6.2. “Amar ao próximo como a si mesmo”

Comentando a frase “amar ao próximo como a si mesmo”, Boltanski reflete que esta parece pregar o amor de si, o que seria estranho ao *Ágape*. No entanto, neste, a referência a si e às necessidades da vida seriam de fato necessárias, na ausência de uma regra de equivalência geral para dar, à cada um, um ponto de apoio que lhe permita discernir a necessidade daquele com o qual ele cruza e de ir ao seu encontro. Em nota de rodapé ele define o que é “necessidade” em seu esboço teórico: “é o necessário quando ele aparece no “presente” da ‘doação’, por oposição ao desejo, que cria em si uma necessidade especular a ser satisfeita no futuro”. Relata ainda que é a referência à si que constitui, segundo L. Blum (1980)<sup>28</sup>, um dos critérios que permite distinguir a compaixão da piedade. É a referência a si (e não a um dever no sentido kantiano) que estabelece, na dinâmica da compaixão, a capacidade de conceber a angústia, a miséria, e o engajamento nas ações para socorrê-la. Ao contrário da piedade, em que a miséria é considerada do exterior, sem referência a si (BOLTANSKI, 1990:225).

Nós observamos que essa “referência a si” toma apoio nas idéias de Carl Rogers, quando ele coloca a questão da “empatia”: “*Captar o mundo particular do cliente como se fosse o seu próprio mundo, mas sem nunca esquecer esse caráter de “como se” – é isso a empatia*”; e a questão da “congruência”: “*Ser congruente implica que o professor seja a pessoa que é ...*” ou então: “*A congruência significa que ele se sente receptivo perante os seus sentimentos reais*” (ROGERS, 1991:262-265)

Associamos o trecho a seguir ao nosso construto teórico a respeito do “encontro”. Há interessante aproximação reflexiva entre o objeto de pesquisa do autor – “o estado de *Ágape* puro” – e o nosso objeto, “o encontro transformador”.

Reportando-se às suas próprias reflexões a respeito de um mundo vivendo no estado que ele chamou de “*Ágape* puro”, Boltanski sugere que tal mundo poderia “atingir formas de auto-organização<sup>29</sup> de onde emergiria um estado estável, com a particularidade de

<sup>28</sup> Blum L. *Compassion*. (1980). In: A. Rorty ed., *Explaining Emotions*, op. cit., p. 507-518.

<sup>29</sup> Neste segmento de seu pensamento, Boltanski nitidamente utiliza conceitos e linguagem própria do “Pensamento Complexo”. Vide nas seções 5 e 6 e seus sub-itens deste capítulo II, explicitações conceituais da “Complexidade” e “Sistêmica”.

que uma das condições para atingir um equilíbrio é que ele (o estado de *Ágape*) não seja explicitamente examinado (“visto”) por ninguém. As pessoas nesse estado não dispõem de instrumentos e, notadamente, de um espaço homogêneo que permita a medida, a totalização e o cálculo, dos quais elas teriam necessidade para empreender estratégias. Estas, se fossem colocadas em ação desencadeariam, por outro lado, uma série de desvios em relação ao ponto de equilíbrio, conduzindo ao desabamento do sistema. Para que o regime se mantenha, é necessário que todos estejam tomados pelo mesmo desinteresse pelo cálculo, e que todos disponham dos mesmos recursos necessários para executar, sobre eles mesmos e sobre os outros, o trabalho que assegura a inibição das capacidades calculadoras naturalmente presentes nas pessoas humanas” (BOLTANSKI, 1990:228).

Vinculando este segmento do pensamento de Boltanski ao “espaço potencial” que se cria, por exemplo, entre Dona Sílvia e Sovético, destacamos a questão do sistema que se forma nesse momento (do “presente” – o tempo característico do “*Ágape*”), em que cada um dos dois “entrega-se” no processo do “encontro”. Nenhum mede, calcula ou antecipa as possibilidades do outro. O estado é de “confiança”, que propicia não só a formação desse “espaço potencial” em/entre ambos como também torna-se esse o espaço da transformação. É aqui o foco central de nossa análise – apresentada no capítulo IV desta tese – que permitirá a visualização das “emersões” dos estados estáveis, de configurações.

## 5. A COMPLEXIDADE E O “ENCONTRO TRANSFORMADOR”

Vale lembrar que, neste estudo, a linha de investigação desenvolve-se a partir do pressuposto de que haveria uma interação específica entre os seres humanos caracterizada pelo que denominamos de “*encontro*” que, pela sua especificidade, possibilitaria a “transformação” dos envolvidos – moradores de rua e não moradores de rua. Esse “encontro” seria transformador no sentido de possibilitar o despertar das potencialidades desses sujeitos sociais, a retomada do rumo de suas existências, ou seja, do sentido da vida, contribuindo para a *resiliência* dos mesmos.

O estudo do objeto da pesquisa, portanto, que por nós é concebido como *ser – ser humano* – dinâmico, movimento, que está lançado – agindo e interagindo – na fluidez da existência (CRITELLI, 1996), apontava para uma estratégia teórico-metodológica que refletisse tal dinamismo. Um convite para um “*pensamento complexo*”, explicitado por MORIN (1996).

### 5.1. Edgar Morin e o “Pensamento Complexo”

Afirma esse autor que a complexidade “*é um desafio, uma motivação para pensar*” e ainda que “*não devemos esquecer que o homem é um ser biológico-sociocultural, e que os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo, econômicos, culturais, psicológicos, etc. Dito isto, ao aspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza*”(MORIN, 1996:177). Algumas de suas idéias erigiram-se importantes em nossa construção teórico/metodológica:

- “*Não podemos trocar o singular e o local pelo universal: ao contrário, devemos uni-los*” (MORIN, 1996:179). Propôs, portanto, a transgressão dos limites da abstração universalista que elimina a singularidade, a localidade e a temporalidade.

- Afirma que os fenômenos biológicos e sociais (e também os psicológicos) apresentam um número incalculável de interações e de inter-retroações, uma fabulosa mistura que não poderia ser calculada pelo mais potente dos computadores.

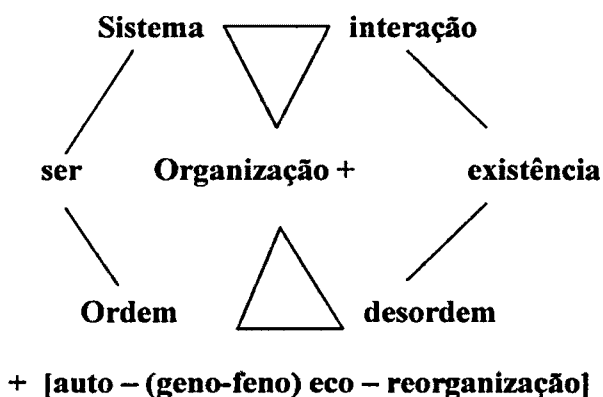
- MORIN (1996) coloca a proposta – à luz da qual direcionamos nosso trabalho ao estudarmos as interações e inter-retroações constitutivas da dinâmica da vida psicossocial dos sujeitos sociais moradores de rua – de um *macro-conceito de sistema* ou de organização, não só de caráter molecular, mas cujas relações entre os termos são circulares, ou seja, um macro conceito de caráter recorrente; ao invés da causalidade linear, a causalidade em anel; a organização recursiva cujos efeitos e produtos são necessários a sua própria causação e a sua própria produção.

O autor parte da Teoria Geral dos Sistemas e da cibernética para chegar ao conceito de organização, afirmando que essas idéias – sistêmicas e cibernéticas – estão integradas ou conservadas no cerne de suas propostas porém, foram “criticadas, transformadas, complexificadas”.

#### 5.1.2. O “macro conceito de sistema”

Afirma MORIN (1996) que um novo conhecimento da organização cria uma nova ordem do conhecimento. O antigo paradigma reducionista e atomístico que só conhecia a ordem como princípio de explicação é substituído por um novo paradigma, constituído pelas inter-relações necessariamente associativas entre as noções de:

## MACRO CONCEITO DE SISTEMA



(Fonte: MORIN, 1996:268)

Observa o autor que o universo de fenômenos é inseparavelmente tecido de ordem, desordem e de organização. Essas noções são complementares e, no que se refere à ordem e desordem, são antagonistas, até mesmo contraditórias. Complementaridade e antagonismo podem compor-se na dinâmica de processos, naquilo que Morin denomina “dialógica”, conceito que será tratado na seção 5.1.12. deste capítulo.

Compreendemos a dinâmica da interação psicossocial - que denominamos de “*encontro*” - a partir desse modelo paradigmático. No entanto, cabe aqui ressaltar que nos apoiamos – principalmente – na idéia do autor que não se propõe a “dissolver o ser, a existência e a vida no sistema mas, compreender o ser, a existência e a vida com a ajuda *também* do sistema”:

*“... a teoria do sistema anima-se onde há jogo ativo de interações, retroações, emergências, imposições; onde os antagonismos entre partes, entre as partes e o todo, entre o emergente e o imerso, o estrutural e o fenomênico, se põem em movimento. A teoria do sistema ganha vida onde há vida.. E o seu maior interesse teórico surge em nível das sociedades humanas, que aliás seria grosseiro e mutilador reduzir à noção de sistema (grifos nossos)” (MORIN, 1997:144).*

### 5.1.3. A organização

A organização desse sistema é por nós entendida através do que MORIN (1996) coloca: “...um sistema é mais e menos do que aquilo que poderíamos chamar de soma de suas partes”. É menos porque essa organização provoca coações que inibem as

potencialidades existentes em cada parte e, é mais, porque o todo organizado faz surgir qualidades que não existiriam nessa organização. Essas qualidades são “*emergentes*”, ou seja, podem ser constatadas empiricamente sem serem dedutíveis logicamente; essas qualidades emergentes retroagem em relação às partes e podem estimulá-las a exprimir suas potencialidades.

#### **5.1.4. A Sociedade**

A sociedade, na compreensão do autor, é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos para co- produzi-los como indivíduos humanos, o que eles não seriam se não dispusessem de cultura, da instrução, da linguagem.

#### **5.1.5. O “Complexus”**

Através dessa concepção de sistema, a configuração do “Complexus” da interação psicossocial que estudamos assim se esboça: cada morador de rua seria um sistema complexo, portador de organização singular – auto (geno feno) eco-reorganização, contemplando também seu psicológico – que na busca da construção de sua “autonomia”, de sua singularidade, precisa abrir-se para o outro que o completa: “*É preciso ser dependente para ser autônomo*” (MORIN,1996). Este ser realiza seu “encontro” psicossocial com segmentos da sociedade, pessoas não moradoras de rua (por sua vez também sistemas complexos e singulares), que atuam no sentido de ampará-los, serem seus “pontos fixos”, que estamos denominando de “ponto de apoio”. Estudamos a organização que se configura nesse momento específico. As qualidades emergentes dessa relação, que não podem ser deduzidas logicamente mas, sim, constatadas empiricamente, são recolhidas e analisadas como fenômeno que se apresenta.

O esforço explicativo desse “*encontro*” realiza-se, portanto, sob a concepção da dinâmica implícita no “Complexus”. Para MORIN (1996:188):

*“Complexus é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa, isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do complexus não destrói a variedade das complexidades que o teceram”.*

Cada morador de rua, como unidade complexa e única em sua singularidade, é observado no momento do seu entrelaçamento com o outro ser humano que com ele interage, assim como as qualidades emergentes desse “encontro”, a unidade desse complexus que se formou, é o objeto de estudo de nosso trabalho.

Retomando a figura do *MACRO-CONCEITO DE SISTEMA*<sup>30</sup>, apresentaremos (ou retomaremos) algumas noções ou conceitos que explicitam e desenvolvem esse macro conceito:

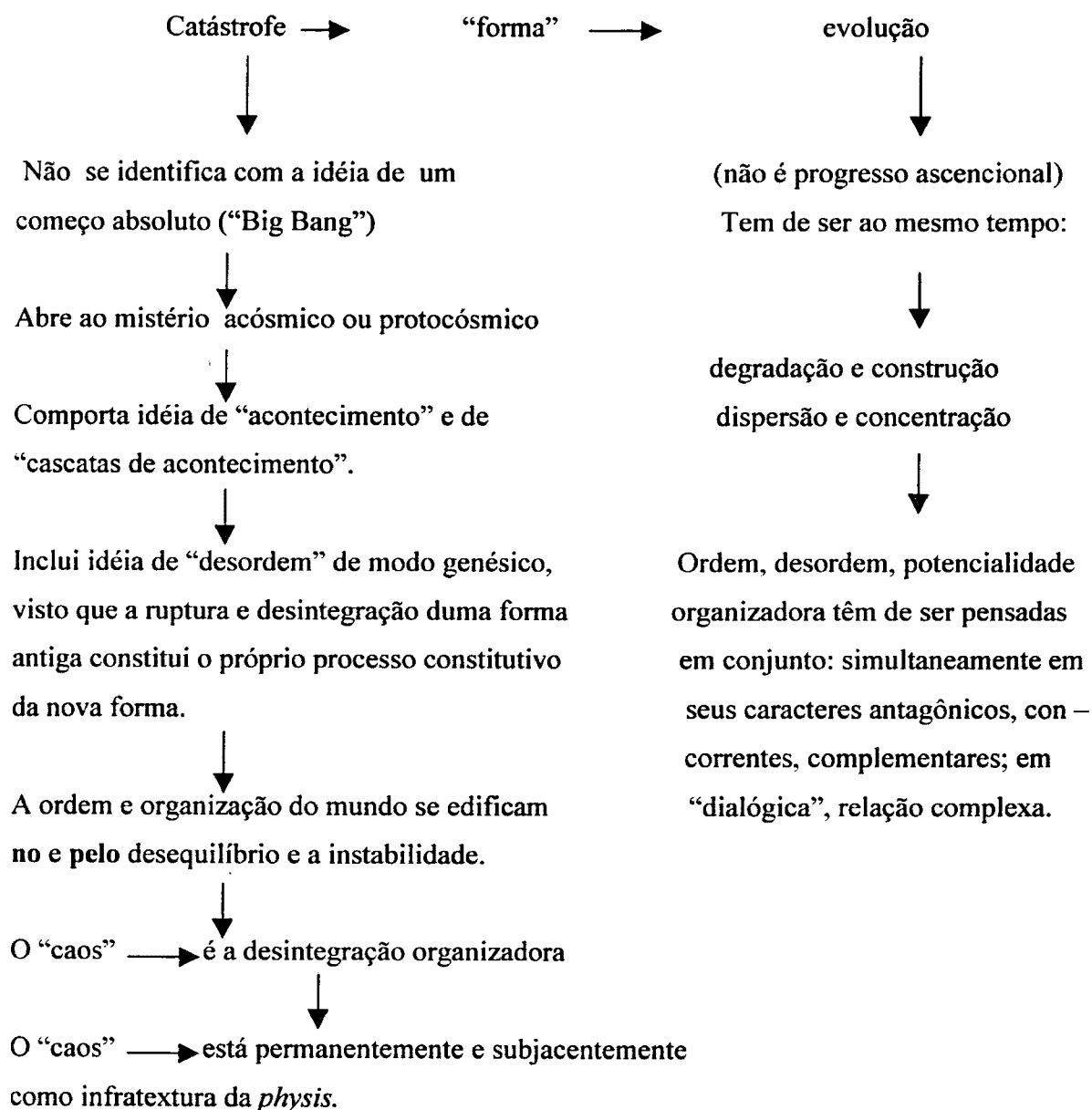
### ***5.1.6. Catástrofe e Acontecimento***

O sentido do termo “catástrofe”, associado a uma concepção topológica, em que o termo “forma” se ressalta, significa mudança, ruptura de forma em condições duma singularidade irreduzível. A idéia veiculada por René THOM (1972), rica e complexa, passa a associar toda a morfogênese ou criação de forma a uma ruptura de forma ou catástrofe. Segundo Morin (1997), ela não se identifica com um começo absoluto e deixa em aberto o mistério do desconhecido acósmico ou protocósmico. Comporta a idéia de “acontecimento” e de cascatas de acontecimentos, incluindo a idéia de desordem e de modo genésico visto que a ruptura e a desintegração duma forma antiga constitui o próprio processo constitutivo da nova forma. Contribui para fazer compreender que a organização e a ordem do mundo se edificam no e pelo desequilíbrio e a instabilidade (MORIN, 1997: 47).

Vejamos:

---

<sup>30</sup> “Macro-Sistema”- Conforme abordado anteriormente neste trabalho: Edgar Morin propõe o conceito de “macro-sistema” – e não simplesmente o conceito de “sistema” – nele explicitando a organização e as relações (interação ou articulação entre os elementos desse macro-sistema).



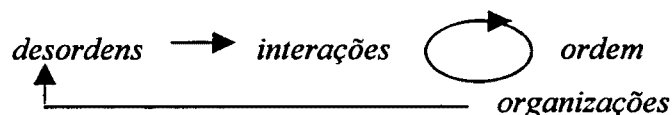
### 5.1.7. *Caos*

Abordando a questão da formação do universo, MORIN (1997:59) discorre a respeito do “caos”. Promove uma revisitação do caos primordial, mas, com um sentido de criação/transformação. É diferente da Teoria do Caos, apesar de incluir algumas “idéias” dela.

*“É caos exatamente o que é inseparável no fenômeno de duas faces pelo qual o universo ao mesmo tempo se desintegra e se organiza, se dispersa e se polinucleia...”*

*“O que é caos, é a desintegração organizadora. É a unidade antagônica do estouro, da dispersão e da fragmentação do cosmo e das suas nucleações, das suas organizações e das suas ordenações”*

*“Os processos de ordem e de organização constituíram-se no e pelo caos, ou seja, o rodopio do anel tetralógico:*



### **5.1.8. Evolução**

Distancia-se esse conceito da idéia simples<sup>31</sup> de progresso ascensional. Ele passa a ser concebido, ao mesmo tempo, como degradação e construção, dispersão e concentração. A ordem, a desordem, a potencialidade organizadora, são pensadas em conjunto, simultaneamente nos seus caracteres antagônicos e complementares, remetendo-se esses termos uns aos outros, como um anel em movimento.

### **5.1.9. Interações**

São ações recíprocas que modificam o comportamento ou a natureza dos elementos, corpos, objetos ou fenômenos que estão presentes ou se influenciam. As interações supõem:

- a. Elementos, seres ou objetos materiais que podem encontrar-se;
- b. Condições de encontro, ou seja, agitação, turbulência, fluxos contrários, etc.
- c. Obedecem a determinações/imposições que dependem da natureza dos elementos, objetos ou seres que se encontram;
- d. Tornam-se, em certas condições, inter-relações (associações, ligações, combinações, comunicação, etc), ou seja, dão origem a fenômenos de organização.

<sup>31</sup> *“Simplificação: é a disjunção entre entidades separadas e fechadas, a redução a um elemento simples, a expulsão daquilo que não cabe no esquema linear.” (MORIN, 1997:24)*

### 5.1.10. Cismogênese e morfogênese

Cismogênese: quer dizer desvio; morfogênese: é vista como constituição de um núcleo organizacional. Essas noções, estando relacionadas, levam à visão do fenômeno sob dois ângulos: ao mesmo tempo desvio em relação a um processo preponderante e constituição de um novo processo que tende a tornar-se preponderante: “... *toda a morfogênese deve ser vista como fenômeno de nucleação e de desvio*” (MORIN, 1997:66).

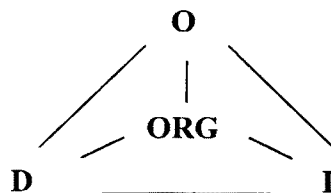
### 5.1.11. Relação entre ordem e desordem

Morin aponta que a relação entre ordem e desordem necessita das seguintes noções mediadoras:

- Interação: considerada como “verdadeiro nó górdio” de acaso e de necessidade, visto que uma interação aleatória desencadeia, em dadas condições, efeitos necessários;
- Transformação: nomeadamente as transformações de elementos dispersivos num todo organizado e, inversamente, dum todo organizado em elementos dispersivos;
- Organização (conceito chave)

### 5.1.12. Dialógica

A ligação entre as noções de ordem e desordem no seio do tetrálogo: desordem/interação/ordem/organização, deve ser de natureza dialógica (MORIN, 1997:80):



**Legenda:** Os quatro elementos em dialógica:

- **O:** Ordem;
- **D:** Desordem;
- **I:** Interação;
- **ORG:** Organização

**Dialógica:** significa unidade simbiótica de duas lógicas, que simultaneamente se alimentam uma à outra, se concorrenciam, se parasitam mutuamente, se opõem e se combatem mortalmente.

A relação dialógica entre ordem/desordem é ao mesmo tempo:

- *Una:* isto é, indistinta na sua origem genésica e no seu caos formador;
- *Complementar:* tudo o que é organizado ou organizador trabalha, nas e pelas suas transformações, também para a desordem.
- *Concorrente:* a desordem, por um lado, e a ordem/organização, por outro, são dois processos concorrentes, isto é, correm ao mesmo tempo, o da dispersão generalizada e o do desenvolvimento em arquipélago da organização;
- *Antagônica:* a desordem destrói a ordem organizacional (desorganização, desintegração, dispersão, morte dos seres vivos, equilíbrio térmico) e a organização recalca, dissipa e anula as desordens.

Assim, ao mesmo tempo, desordem e ordem confundem-se, chamam-se, necessitam-se, combatem-se e contradizem-se. Esta dialógica atua no grande jogo fenomênico das interações, transformações e organizações onde trabalham cada um para si, cada um para todos contra todos.

### ***5.1.13. Relativo “fechamento” do fenômeno de organização***

MORIN (1996) explicita que, segundo Varela (1975) a organização é um fenômeno de relativo “fechamento”, que é uma proteção contra os riscos do meio. Relata que a organização constitui as suas próprias imposições, a sua própria estabilidade, que pode ser muito forte ou, então, muito flexível, permitindo associações múltiplas ou trocas (metabolismo do ser vivo). Por outras palavras, a organização e a ordem que lhe é aferente, constituem um princípio de seleção que diminui as ocorrências possíveis de desordem, aumenta no espaço e no tempo as suas possibilidades de sobrevivência e/ou desenvolvimento, e permite edificar, num fundo de improbabilidade geral difusa e abstrata, *uma probabilidade concentrada local temporária e concreta* (grifo nosso).

Observamos que essa “probabilidade concentrada local e temporária” relaciona-se com a configuração da “gestalt”, qualidade que emerge no processo de “encontro transformador” que será analisado no capítulo IV deste trabalho.

#### 5.1.14. A “forma”

A idéia de “forma”, no pensamento complexo, é conservada mas transformada: a forma é a totalidade da unidade complexa organizada que se manifesta fenomenicamente enquanto todo no tempo e no espaço; a forma “gestalt” é o produto das catástrofes, das inter-relações/interações entre elementos, da organização interna, das condições, das pressões e imposições do meio. A “forma” deixa de ser uma idéia de essência para tornar-se uma idéia de existência e de organização.

*“...Precisamos de um conceito sistêmico que exprima simultaneamente unidade, multiplicidade, totalidade, diversidade, organização e complexidade” (MORIN, 1996:119).*

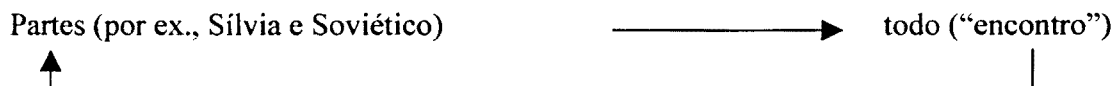
#### 5.1.15. A organização: as regras “transformadoras”

A organização liga, transforma, produz, mantém. Liga e transforma os elementos num sistema, produz e mantém este sistema.

Morin explicita que as regras de composição dos elementos no sistema não são aditivas mas *transformadoras*. A realidade do sistema seria, portanto, a articulação, a organização, a unidade complexa.

#### 5.1.16. Descrição e explicação recorrente: as partes e o todo

A descrição e explicação das partes depende da do todo, que depende da das partes, e é no circuito (e aqui ilustramos com aspectos de nosso estudo):



que se forma a descrição ou explicação. Isto significa, afirma o autor, que nenhum dos dois termos se reduz ao outro. Assim como as partes são concebidas em função do todo, devem ser concebidas isoladamente: uma parte tem a sua própria irredutibilidade em relação ao sistema. Completa que “ é ainda preciso conhecer as qualidades ou propriedades das partes que estão inibidas, virtualizadas e, portanto, invisíveis no seio do sistema não só para conhecer corretamente as partes, mas também para conhecer melhor as imposições, inibições e transformações operadas pela organização do todo” (MORIN, 1997:121).

Em nosso estudo, cada “parte” do sistema, dependendo de como ela seja tomada, constitui-se em si mesma um “todo” irreduzível em relação ao sistema. Sílvia e Soviético são “partes-todos” do todo do sistema “encontro” que estamos analisando.

#### **5.1.17. *Transformação: caráter generativo***

A organização é simultaneamente transformação e formação (morfogênese).

#### **5.1.18. *A formação transformadora***

Morin explicita que “os elementos transformados em partes de um todo perdem qualidades e adquirem outras novas; a organização transforma uma diversidade separada numa forma global (*Gestalt*). Cria um contínuo – o todo ínter relacionado – onde havia o descontínuo; opera, de fato, uma mudança de forma: forma (um todo), a partir da transformação (dos elementos).

#### **5.1.19. *A transformação formadora: Morfogênese***

A organização dá forma, no espaço, no tempo, a uma realidade nova: a unidade complexa ou sistema. Assim, a organização é aquilo que transforma a organização em forma: forma a forma formando-se a si mesma; produz-se por si mesma produzindo o sistema, o que nos revela o seu caráter generativo (MORIN, 1997:126).

#### **5.1.20. *Manutenção daquilo que mantém***

Segundo Morin, a “organização é, ao mesmo tempo, o princípio ordenador que garante a permanência”. É ‘morfostática’, isto é, mantém a permanência do sistema na sua forma (*Gestalt*), na sua existência e na sua *identidade*.

Esta permanência surge em dois níveis que devemos simultaneamente distinguir e ligar:

- O nível estrutural (regras organizacionais) e generativo (produtor da forma e do ser fenomênico);

No nível fenomênico é onde o todo mantém a constância das suas formas e das suas qualidades a despeito dos acasos, agressões e perturbações, e eventualmente através das flutuações (corrigidas por regulações) (MORIN, 1997:126).

### 5.1.21. *Ordem da organização e organização da ordem*

Após abordar a questão da permanência do sistema na sua *forma gestalt*, ou seja, na sua existência e identidade, Morin explicita a *ordem* estabelecida nessa organização, cuja relação – ordem/organização – seria circular, isto é, a organização produz a ordem, que mantém a organização que a produziu: co-produz a organização. Essa ordem organizacional é uma ordem construída, conquistada à desordem, protetora contra as desordens. No mesmo movimento, completa o autor, a ordem transforma a “improbabilidade “ da organização em probabilidade local, salvaguarda a originalidade do sistema e constitui um ilhéu de resistência contra as desordens do exterior (riscos, agressões) e do interior (degradação, propagação dos antagonismos) (MORIN, 1997:126).

### 5.1.22. *A desordem na organização*

Então aí temos o sistema organizado, mantendo a sua *gestalt*. Porém, completa Morin, que essa ordem organizacional é “relativa, frágil, precível, mas também evolutiva e construtiva. A desordem está presente na organização de modo potencial e ativo.

### 5.1.23. *O fecho e a abertura organizacionais: um sistema tem de ser aberto e fechado*

Toda “organização, no sentido em que impede a hemorragia do sistema no meio bem como a invasão do meio no sistema, constitui um fenômeno de fecho”, porém, é “um fecho ativo que garante a abertura ativa, a qual garante o seu próprio fecho” (MORIN, 1997:130):



Este processo, segundo o autor, é organizacional, com a organização viva abrindo-se para fechar-se: garantir sua autonomia, preservar sua complexidade; e fechar-se para abrir-se: trocar, comunicar, gozar, existir... É preciso ser dependente para ser autônomo, sempre válido em sistemas complexos, em particular situações que envolvem as ciências do homem.

#### **5.1.24. O “dasein”: a evolução**

“Um sistema é evolutivo na sua existência visto que, em relação aos seus constituintes, é uma forma nova, uma organização nova, ordem nova, um ser novo dotado de qualidades novas. Constitui a base de novas morfogêneses, que utilizarão as suas emergências como elementos primários” (MORIN, 1997:131).

#### **5.1.25. Renovação da noção de “produção”**

Renovando a noção de “produção”, Morin afirma que “produzir significa fundamentalmente conduzir ao ser ou à existência, pode significar alternada ou simultaneamente: causar, determinar, ser a origem de, engendrar, criar”, conceito que “se enraiza na idéia de gênese e generatividade” (MORIN, 1997:152).

#### **5.1.26. Transformação e metamorfose**

Para Morin, “transformação significa mudança de forma, isto é, deformação, formação (morfogênese), metamorfose, e que se deve considerar o termo “forma” no sentido de *Gestalt*, globalidade de um sistema e de um ser.”

#### **5.1.27. Auto-reprodução (Autopoiese)**

Apoiando-se em MATURANA E VARELA (1995), Morin afirma que os seres vivos são entes autopoieticos, formulação onde a vida comporta a idéia de organização simultaneamente produtora, reprodutora, auto – reprodutora (MORIN, 1997: 158).

#### **5.1.28. Ruído**

A noção “ruído” nos interessa particularmente para pensarmos a questão da ‘desorganização’, “reorganização” e “transformação” do sistema no contexto do nosso trabalho.

Morin explicita – exemplificando – que a língua chinesa, que é redundância para milhões de chineses, de que constitui o código comum, é, para quem não conhece essa

língua, um *ruído*. Informação e redundância se confundem em *ruídos* logo que deixa de haver código comum entre receptor e emissor.

No caso das células que possuem, nos seres vivos, a mesma mensagem genética da outra célula, a comunicação complexa opera de modo ótimo. No caso dos seres humanos, no entanto, esse ótimo seria anti-ótimo pois suprimiria a ambigüidade e o mal entendido na comunicação, que são uma das primeiras fontes de progresso e invenção.

Com vistas ao nosso constructo teórico estamos retendo, por ora, de Morin, a afirmação a respeito do *ruído*: “Assim, a informação só pode nascer a partir de uma interação entre uma organização generativa e uma perturbação aleatória ou ruído . *Ergo* a informação só pode desenvolver-se a partir do ruído. Bem entendido, é sempre necessária, no nascimento de uma informação, uma aptidão organizacional de caráter negentrópico (reorganização permanente) que se ultrapassa a si mesma ao transformar o acontecimento em novidade, o ‘erro’ em ‘verdade’” (MORIN, 1997:319).

## ***5.2. Complexidade a partir do ruído***

FIEDLER-FERRARA (1994) explicita, a partir de ATLAN (1992), a complexidade a partir do ruído, “em que a capacidade de auto-organização de um sistema resulta de desorganizações seguidas de reorganizações em níveis de complexidade mais elevados.” A criação de complexidade nutre-se da desordem (ruído), onde o aleatório passa a ser parte integrante da organização.

Auto-organização é descrita pelo autor como “um processo dinâmico através do qual perturbações aleatórias ou ruído atuando nos canais de comunicação em um sistema organizado são capazes de produzir não somente disfunção e desorganização, mas também uma mudança na organização do sistema até um estado com maior complexidade e menor redundância” (FIEDLER-FERRARA, 1994:36).

## ***6. CONCEITOS BÁSICOS DE SISTÊMICA***

Abordaremos neste capítulo, como o próprio título indica, algumas noções e conceitos ‘básicos de sistêmica’(BRESCIANI FILHO e D’OTTAVIANO, 2000:283-306), com o objetivo de explicitar e mesmo ampliar os conceitos da “Complexidade” expostos no segmento anterior, ítem 5.

## 6.1. Sistema e elementos

*Sistema*<sup>32</sup> – pode ser inicialmente definido como “uma entidade unitária, de natureza complexa e organizada, constituída por um conjunto não vazio de elementos ativos que mantém relações, com características de invariança no tempo que lhe garantem sua própria identidade. Nesse sentido, um sistema consiste num conjunto de elementos que formam uma estrutura, a qual possui uma funcionalidade”.

*Sistema aberto* – “é o sistema com elementos particulares e totalmente sensíveis às contingências ambientais”.

*Universo do sistema* – “é o conjunto não vazio de elementos, subjacente ao sistema, sendo que não se deve confundir um sistema com seu universo”.

*Elementos do sistema* – “são as partes, os componentes, os atores ou os agentes que realizam atividades (bem como ações, reações, retroações, proações e transações), conduzem processos e operações, produzem fenômenos e são responsáveis por transformações, conversões e eventos que caracterizam os seus comportamentos”.

Classificação dos elementos (segundo suas características individuais e relacionais):

- “Elementos de importação (ou de entrada) do sistema”.
- “Elementos dos processos de transformação interna do sistema”.
- “Elementos de exportação (ou de saída) do sistema”.

*Características do sistema* – “podem ser consideradas como emergências desse sistema”.

*Sinergia sistêmica* – entendida como “ação simultânea, em comum, podendo ser considerada como a primeira propriedade que surge na constituição do sistema”.

*Globalidade* – “outra propriedade fundamental do sistema; constituição global com sua invariança”.

*Novidade* – “é uma possibilidade do sistema como, por exemplo, no caso extremo, a constituição da própria existência”.

---

<sup>32</sup> “Sistema”: Vale lembrar que utilizamos neste trabalho o “Macro Conceito de Sistema” de Edgar Morin, explicitado no item 5. Esta definição de “sistema”, neste item 6, permite a introdução de noções importantes como “elemento”, “sinergia”, “novidade”.

### 6.1.1. Sistema e sujeito

*Sujeito como elemento interno ao sistema* – Quando o sujeito como observador é um elemento interno ao sistema “ele se constitui em um participante que exerce influência sobre os demais elementos do sistema e é influenciado por eles. O comportamento do observador afeta o comportamento do observado e o segundo afeta também o primeiro em um processo recorrente. Como o sujeito e o objeto são sistemas complexos, a relação sujeito-objeto é uma relação entre sistemas complexos”.

### 6.1.2. Sistema e relações

*Relações de interações* – “para que as relações sejam interpretadas como de interação, ou seja, de ação recíproca entre os elementos, deve-se supor que existem elementos ativos que têm autonomia ou possibilidade de se encontrarem”<sup>33</sup>.

*Relações circulares* – apoiam-se no “princípio do círculo recorrente, que se identifica por um processo no qual os efeitos de uma relação entre os elementos são causas dessa mesma relação; ou o produto de um sistema afeta o processo de produção desse produto; ou, ainda, o estado final de um sistema gera ou modifica o estado inicial desse mesmo sistema; ou, ainda mais, os efeitos retroagem sobre as suas causas”.

### 6.1.3. Sistema e organização

Identificamos a “*organização*” do sistema conforme o explicitado na abordagem de Edgar Morin<sup>34</sup> relativo ao “*macro conceito de sistema*”. Acrescentamos as seguintes noções no sentido de melhor explicitar o conceito de organização:

*Estrutura de um sistema* – “é simplesmente um conjunto de elementos e de suas relações”.

*Sistema e a criação* – “para que o sistema possa exercer o seu papel básico de criação, precisa constituir-se e desenvolver-se de forma a fazer com que o campo de forças de atração ou cooperação entre os elementos – para estabelecer as relações e ser o responsável pela organização – predomine sobre o campo de forças de repulsão ou de competição representado pelos antagonismos e responsável pela desorganização. Os termos

<sup>33</sup> Associamos a esse enunciado as colocações de Morin sobre “autonomia” – é preciso ser dependente para ser autônomo – apresentadas na seção 5, neste trabalho.

<sup>34</sup> Vide seção 5, capítulo II.

*campo de forças de atração e repulsão* são usados intuitivamente no sentido da criação de condições favoráveis à existência e à emergência de relações específicas”.

#### 6.1.4. Sistema e finalidade

Duas características do sistema, associadas à finalidade, são citadas:

- *Característica teleológica* – “é a expressão do comportamento do sistema direcionado para um estado final que representa a finalidade; neste caso a finalidade é vista diferentemente da causalidade linear, na qual o efeito sempre segue temporalmente a causa; ou seja, o comportamento finalista se dá segundo um processo dependente essencialmente das condições que surgirão durante o desenvolvimento desse processo, ao invés do comportamento causalista, no qual as condições passadas são determinantes desse processo”.
- *Característica equifinalista* – “é representada pelo comportamento com tendência em direção a um estado final determinado, a partir de diferentes estados iniciais e através de diferentes percursos”.

#### 6.1.5. Sistema e criação

*A criação* – “é uma emergência do sistema. A criação decorre da influência de diferentes fatores, particularmente aqueles relacionados aos graus de autonomia e à natureza constitutiva dos elementos do sistema: em alguns casos, a capacidade de imaginação e de concepção. Mas é importante considerar a influência dos fatores relacionados à existência de uma organização no sistema propícia às transformações ou à existência de um meio-ambiente motivador (incentivador, catalisador e perturbador) do processo de criação”.

*Relação entre criação e organização* – “está contida em um processo representado por um círculo recorrente no qual: a organização propicia a realização da criação e essa criação, ao ser realizada, propicia a modificação da própria organização. A recorrência também pode dar-se na relação do sistema com o meio-ambiente: o meio-ambiente propicia a criação no ou do sistema e esta criação altera as características do meio-ambiente” .

*Transformações* – “deve ser considerada a possibilidade de transformações através de processos criativos, que podem ser decorrentes do fenômeno de auto-organização”.

## 7. O COMPLEXUS TEÓRICO: ARTICULANDO CONCEITOS

O *Complexus Teórico* surge, neste momento, como movimento inicial de entrelaçamento dos ‘fios’ – conceitos de determinadas teorias – que foram sendo eliciados ao longo dos constantes diálogos com o fenômeno, acontecidos desde o início do processo de pesquisa.

Nesta tecedura primeira, alguns ‘fios’ do fenômeno já se apresentam, dando suporte e visibilidade aos conceitos na construção dos primeiros esboços do processo analítico, realizando as primeiras incursões prospectivas, entrelaçando-se ao pressuposto que norteou a linha de investigação deste trabalho, ou seja, de que haveria uma interação específica entre os seres humanos caracterizada pelo que denominamos de “encontro” que, pela sua especificidade, possibilitaria a “transformação” dos envolvidos – moradores de rua e não moradores de rua. Seria um “encontro transformador” no sentido de possibilitar o despertar da sabedoria humana, de suas potencialidades, a retomada do rumo da existência, ou seja, do sentido da vida, possibilitando a criação do amor em si.

Nesta tecedura, portanto, à questão dos “momentos mutativos” ou de “encontro transformador” em suas possibilidades de acontecimento no dia a dia das pessoas, associamos a noção do “espaço potencial” – área de desenvolvimento e experiências do ser humano – também denominada por WINNICOTT (1975) como “área do brincar”.

O *brincar*, onde acontece uma relação criativa com o mundo, instaura-se em presença do estado de confiança, eliciado entre aqueles seres humanos que se encontram. A confiança se instala através de um comportamento específico definido por Winnicott a partir da figura do bebê e sua mãe, em que se manifesta um estado de dependência quase absoluta deste bebê e a função adaptativa de sua mãe, tida como “certa” pelo mesmo. Para a caracterização desse comportamento de adaptação ativa ao outro, que promove a instauração do estado de confiança, evocamos a noção de “mãe suficientemente boa” (WINNICOTT, 1975), aquela que, através de sua “devoção”, oferece na maternagem os cuidados essenciais à formação do indivíduo e que possibilita assim a formação da *área do brincar*.

A caracterização da “devoção” foi aprofundada a partir do conceito de *Ágape*, entendido como o “amor ao próximo”, cujas características de doação sem esperar nada em troca, de “amor em movimento” na busca ativa do outro, promove no amado a confiança naquele que se doa. O amado corresponde à “doação com a doação”. É o ‘entregar-se’, a abertura necessária à “experiência estética”, onde o morador de rua – na presença do outro significativo – constitui os fundamentos ou aspectos do seu *self*; é o que permite vivenciar o fenômeno do “poético” que “articula em um único fenômeno a capacidade criativa dos seres

humanos que se encontram dando origem à comunicação humana, ao existir” (SAFRA, 1999:20).

Para a caracterização do sistema que se forma no processo do Encontro Transformador, também nos apoiamos, de Edgar Morin, no “macro-conceito de sistema” ou de “organização”, na Complexidade e na Sistêmica, cujas relações são de caráter recorrente, recursivo, cujos efeitos e produtos são necessários à sua causação. O morador de rua, portanto, no abrir-se confiante no encontro com a professora devotada, inicia em si mesmo uma espécie de ruptura de “forma” – “caos”, desintegração organizadora – em que se desorganiza o falso *self*, este padrão de conduta que corresponde à falha ambiental, para retomar o processo de estabelecimento do *self* verdadeiro, do seu mundo subjetivo. Essas “desordens organizadoras” internas encaminham-se para a instauração do processo criativo, onde emergem novas configurações psíquicas, conteúdos de amor se manifestam. Acontece a “cismogênese”: desvio do estado configurado anteriormente; e “morfogênese”: constituição de novo processo que poderá tornar-se preponderante. Esse fenômeno de organização – com novas qualidades instauradas – poderá manifestar e edificar – num “fundo de improbabilidade geral e difusa, uma probabilidade concentrada local e temporária”.

Esse o processo de transformação em curso, analisado aprofundadamente no Capítulo IV e seguinte, onde o morador de rua prossegue no despertar de suas potencialidades, retomando o rumo de sua existência, o sentido de sua vida, o acontecer do *self*.

O Ágape – presença e alimento ofertado pela professora em doação – surge a princípio como “ruído” para o morador de rua que ainda não o conhecera, não criara ainda o amor em si mesmo. A “informação” nasce a partir da interação entre a organização generativa e a perturbação aleatória ou ruído que chega. Lembramos com MORIN (1999:319) que “é necessária uma aptidão organizacional com caráter de reorganização permanente, que se ultrapassa a si mesma ao transformar o acontecimento em novidade, o erro em verdade”. Retemos aqui, também, com MATURANA E VARELA (1995) a formulação da *autopoiesis*, onde a vida comporta a idéia de organização simultaneamente produtora, reprodutora, auto-reprodutora. FIGUEIREDO (2001), como veremos mais detidamente no Capítulo IV, seção 3.3., desta Tese, também aborda a questão da organização, regressão e progresso na constituição da vida psíquica, relatando que “progredir, no caso da constituição da vida psíquica mas também em qualquer outro caso, implica em *organizar-se, conquistar formas, transformar-se*”.

Na tecedura do *Complexus Teórico*, portanto, não somente o ‘fio’ do conceito de *self* de Winnicott se faz presente, visto como potencial do ser humano, organização que

‘acontece’ no processo maturacional com a facilitação de um ambiente humano (SAFRA, 1999). Eliciado pelo fenômeno observado neste trabalho, o conceito de *self* junguiano também se faz presente, visto como um centro organizador da psique, concepção teleológica em que haveria o sentido da tendência de realização do que existe em potencial no ser. Winnicott e Jung, portanto, falam em “potencialidades” do *self*, argumentando o segundo autor a respeito das manifestações arquetípicas, manifestações que pudemos recolher nas expressões dos moradores de rua focalizados neste trabalho.

Não nos deteremos nas concepções desses autores sobre as especificidades dessa “potencialidade” do *self*. É suficiente para nós, na tecedura desse *Complexus Teórico*, pensarmos na possibilidade desse *potencial* “experimentar – através da interação com o ambiente, com o favorecimento deste – um senso de continuidade de ser e adquirindo gradualmente, à *sua maneira* e em seu *próprio ritmo*, uma realidade psíquica e um corpo próprios” (SAFRA, 1999). Na dialógica de ambos os conceitos de *self*, portanto, ainda que ora se afastem entre si, há momentos em que se aproximam, se complementam. De Jung, reteremos a afirmação de que esse ponto central – arquétipo central – “seria fundamentalmente uma fonte de energia, que se manifesta na compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se aquilo que ele é” (SILVEIRA, 1982:100).

A essa tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas (SILVEIRA, 1992<sup>b</sup>), a essa possibilidade de adquirir uma realidade psíquica e um corpo próprios (SAFRA, 1999), é entretecida a concepção de “criação” concebida como “emergência do sistema, cuja organização em processo recorrente propicia a realização da criação e essa criação, ao ser realizada, propicia a modificação da própria organização”; é entretecida a concepção de que “deve ser considerada a possibilidade de transformações através de processos criativos, que podem ser decorrentes do fenômeno de auto-organização” (BRESCIANI FILHO e D’OTTAVIANO, 2000:283-306). Ao falarmos de “forma”, o fazemos a respeito de uma concepção de forma que surge no pensamento complexo como produto das organizações e reorganizações, das inter-relações/interações entre elementos, conteúdos, da organização interna, das condições, pressões e imposições do meio. A forma, portanto, é concebida como idéia de existência e organização.

Este *Complexus Teórico* terá sua tecedura melhor definida no Capítulo IV e seguinte onde, conforme apontamos no início deste capítulo, outros conceitos – como “teoria em ato” – juntar-se-ão aos aqui abordados, para a análise do processo do “Encontro Transformador”.

***CAPÍTULO III***  
***O COTIDIANO DO MORAR NA RUA***  
***- HISTÓRIAS DE VIDA***

### III. O COTIDIANO DO MORAR NA RUA

#### - HISTÓRIAS DE VIDA

Edgar MORIN (2000), ao discorrer sobre a “ética da compreensão”, explicita que “a compreensão não desculpa nem acusa: pede que se evite a condenação peremptória, irremediável, como se nós mesmos nunca tivéssemos conhecido a fraqueza nem cometido erros. *Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas* (grifo dele)” (p. 100). Afirmando que “a compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana”, analisa que “assim, podemos buscar na literatura romanesca e no cinema a consciência de que não se deve reduzir o ser à menor parte dele próprio, nem mesmo ao pior fragmento de seu passado. Enquanto, na vida comum, nos apressamos em encerrar na noção de criminoso aquele que cometeu um crime, reduzindo os demais aspectos de sua vida e de sua pessoa a este traço único, descobrimos em seus múltiplos aspectos os reis gângsteres de Shakespeare e os gângsters reais dos filmes policiais. Podemos ver como um criminoso pode se transformar e se redimir como Jean Valjean e Raskolnikov. Podemos enfim aprender com eles as maiores lições de vida, a compaixão do sofrimento dos humilhados e a verdadeira compreensão” (p. 101).

Neste trabalho, neste capítulo, não estaremos desdobrando cenas de filmes ou ficções romanescas. São histórias de vida, reais, vividas nas ruas de São Paulo, de seres humanos que acompanhamos ao longo de cinco anos, seja pessoalmente, seja recolhendo informações – aqui e ali – de suas trajetórias, de suas dores, crimes, amores, transformações.

Foi assim que conhecemos, ali mesmo, vagando pelas ruas centrais da cidade de São Paulo, moradores de rua – personagens da vida real – que lutavam para continuar vivos num cenário social dantesco, repleto de desprezo, violência, atitudes eivadas de preconceitos; mas, também foi nesse cenário que pudemos recolher tocantes momentos de encontros entre seres que se “escutaram e se acompanharam” em suas buscas, no caminho do despertar da sabedoria humana.

Os relatos do Diário de Campo, fragmentos das entrevistas realizadas, fotos dos momentos observados, reproduções dos desenhos e artesanatos produzidos pelos moradores de rua, constituem o fenômeno que se desdobra – em sua complexidade – para o processo de análise. O processo analítico já se inicia em alguns segmentos deste capítulo III, e se desdobra e aprofunda no capítulo IV. Os segmentos onde aparecem numeração entre colchetes, como por exemplo: [1], serão retomados e analisados – através de tal indicação numérica – no capítulo IV.

## **1. VISITANDO OS MORADORES DE RUA**

### **- Contato inicial**

Um novo grupo de moradores de rua vivia na maloca de uma praça do centro de São Paulo<sup>35</sup> (foto1). Eram seis pessoas: cinco homens e uma mulher.

Através de Dona Sílvia, que conhecia ‘E.’ – um dos moradores de rua, com trinta e oito anos de idade, na época – tive acesso a esse novo grupo, com o objetivo de iniciar um processo observação. Marcamos com eles a visita para o sábado, dia 8 de maio de 1999, através de Dona Lucinha, professora primária aposentada que sempre os visitava.

### **1.1. Fragmentos do cotidiano na maloca**

Dona Lucinha encontrara o ‘Cara Queimada’<sup>36</sup> e, ao contar-lhe que eu e outra professora aposentada – Dona Sílvia – iríamos até à praça entrevistar seus moradores, ele disse que estaria lá também, “para nos fazer companhia”.

No dia combinado, chegamos na maloca perto das quinze horas. Sentado numa mureta do outro lado da rua, frente à pequena praça/maloca, estava Cara Queimada conversando com um dos moradores de rua, senhor Antônio. Uns oito metros adiante, sentada na mesma mureta, estava a única mulher componente do grupo, Mariana. Dentro da pequena praça, sobre o chão de terra, quatro homens dormiam profundamente: ‘E.’<sup>37</sup> (‘Soviético’), ‘S.’ (‘Athos’), ‘H.’ e ‘Dartagnan’ (os próprios moradores da maloca deram o apelido de ‘Dartagnan’ a um deles).

#### **1.1.1. Sílvia e o Ágape: “busca ativa do próximo”**

[1] Enquanto eu permanecia conversando com Cara Queimada e senhor Antônio, Dona Sílvia, atravessou a rua e entrou na pequena praça. Sem hesitar, foi até eles,

<sup>35</sup> Maloca em praça de São Paulo: Neste trabalho não identificaremos os locais ou as pessoas devido ao imperativo ético de preservar as identidades dos envolvidos.

<sup>36</sup> ‘Cara Queimada’: codinome de ex-morador de rua focalizado na dissertação de Mestrado da autora (ALVAREZ, 1999).

<sup>37</sup> Os moradores de rua ‘E.’ e ‘S.’, que escolheram seus próprios codinomes, no decorrer desta narrativa, serão designados respectivamente por ‘Soviético’ e ‘Athos’, em observação ao imperativo ético do sigilo das identidades.

*1 – Fragmentos do cotidiano do morar na rua  
A maloca*



*“Um novo grupo de moradores de rua vive na maloca da Rua..., no centro da cidade de São Paulo.”*

*(Da esquerda para a direita, em pé: o morador de rua Cara Queimada e a professora Sílvia; deitados, moradores de rua)*

abaixou-se ao lado de E. e colocou a mão no seu rosto, com a intenção de acordá-lo. Vendo-o abrir os olhos, ela lhe falou:

- *“Não esperava que eu viesse despertar você, não é?”*

Ele lhe disse que havia pensado, “ao sentir aquela mão macia em seu rosto e seus cabelos”:

- *“É Dona Sílvia!”*

Sem levantar-se do chão, permanecendo sentado sobre o cobertor, começou a conversar com ela. Contou-lhe que tiveram uma noite difícil, pois a polícia lá estivera, levaram-nos para o distrito policial, apanharam; foram dormir perto das seis horas da manhã. Dona Sílvia comentou:

- *“Pois é, E., de noite, apanhando da polícia e no outro dia, sendo acordado por mim, aqui...”*

Ele sorriu.

Nesse momento eu já estava ao lado do grupo, e também com Cara Queimada, Mariana e senhor Antônio.

Mariana sentou-se no chão de terra e, quando fui sentar-me ao seu lado, Cara Queimada pediu-me que esperasse, que ele iria buscar um jornal pra forrar o chão. Após fazê-lo, sentei-me ao lado de Mariana.

Atenta e silenciosamente ela ficou olhando a cena, o jornal, e falou-me, em seguida:

- *“É, a gente aqui da praça nem percebe mais que está sentado no chão de terra...”* (foto 2)

Contou-me que viera de Belém do Pará aos 16 anos de idade e que agora estava com 36 anos. Era moradora de rua, já havia morado na Praça da República e já fora artesã. A ‘Prefeitura’ tinha levado sua banca de vender artesanato e suas ferramentas de fazer bijuterias (alicates). Ela gostaria de possuir novamente os alicates, de voltar a fazer artesanato... Ultimamente estava vivendo ali, com o grupo de homens, e que o marido dela era o H. (e apontou-me um dos moradores de rua que dormia profundamente sobre um cobertor, no chão da praça).

Após explicar-lhe minha pesquisa, perguntei se poderia fotografá-la. Ela me autorizou.

Pedi, em seguida, ao E. e aos outros se poderia tirar fotos do local, do ‘quarto de dormir’. Disseram que sim.

Ao ver-me tirando fotos, S. perguntou ao Cara Queimada se eu não oferecia ‘perigo’, pois ele não queria ser denunciado à polícia. Cara Queimada disse-lhe que não, que

**2 - Mariana: a moradora de rua artesã**



- *“É... a gente, aqui da praça, nem percebe mais que está sentada no chão de terra...”* (Mariana, moradora de rua)

*(Na foto acima, Mariana agachada ao lado das cinzas da fogueira, na maloca do centro da cidade de São Paulo; na foto abaixo, na mesma maloca, morador de rua dormindo e Mariana mais ao fundo, agachada)*

me conhecia há mais de cinco anos e que eu não denunciava ninguém, que eu estava fazendo um trabalho de estudos e que ele mesmo já me havia concedido duas entrevistas gravadas, além de todos os encontros que tivéramos, em que sempre conversávamos. Ouvindo a conversa, aproximei-me de S. e lhe expliquei que eu tirara fotos de Mariana porque ela me permitira, que eu só fotografava sob permissão e que quando utilizava as fotos nos estudos, os rostos das pessoas que nelas apareciam eram velados e os nomes trocados para que não pudessem ser identificados. Ele me deu um sorriso.

Disse-lhe, também, que fazia parte do trabalho de pesquisa as entrevistas gravadas com as pessoas que aceitassem fazê-las. Ele me respondeu que, se era sigiloso, então queria falar de sua vida, dar-me também uma entrevista.

Homem jovem – com trinta anos de idade – S., estava sem camisa (foto 3), exibindo seu “corpo nômade” (MAGNI, 1995)<sup>38</sup>, vestindo somente uma calça de ‘abrigo’. Exibia enorme cicatriz que lhe descia do meio do peito ao abdômen e várias outras cicatrizes menores, na lateral esquerda do peito e abdômen. Ao perguntar-lhe o que tinha acontecido, explicou-me que a cicatriz grande era de uma operação que lhe fizeram porque levava uma facada ao lado (mostrou-me) e que seus intestinos saíram pelo buraco. Outra marca mais próxima ao coração era também de facada e que aquela quase o matara. A outra cicatriz era de um tiro. Após falar-me de suas marcas, disse-me que estava sofrendo muito de “sinusite” e perguntou-me se eu teria “um remédio para sinusite em casa”. Respondi-lhe que lhe mandaria o medicamento, caso o conseguisse.

Após ouvir-lhe as explicações, fui até ao E. e perguntei-lhe se queria conversar comigo, fornecer-me uma entrevista, explicando-lhe sobre a pesquisa.

Ele me respondeu que não sabia falar, que não tinha o que dizer, que gostava de falar enquanto desenhava e que já falara e desenhara bastante sobre sua vida nas aulas de Dona Sílvia. Eu lhe disse que, daquela vez, seria gravada a sua voz no gravador (mostrei-lhe o gravador que levava).

Ele aceitou. Atravessamos a rua e fomos até à calçada do outro lado da rua, ao lado da pracinha. Sentamos na pequena mureta que separa a calçada do canteiro inclinado que desce até à Rua... Repentinamente, ele retirou o gravador das minhas mãos e anunciou-me que queria gravar sozinho, que iria sentar-se mais lá para adiante. Concordei.

---

<sup>38</sup> “Corpo nômade”: Ao referir-se aos “corpos nômades”, Cláudia T. Magni (1995) coloca que “os rigores desta forma de vida, derivam tanto das condições de desabrigo, desconhecimento e desamparo, quanto da violência intra e extra-grupal, somada à repressão de agentes externos, fazem do corpo nômade um espaço de marcas superficiais, profundas e/ou fatais, mas sempre significativas” (MAGNI, 1995:1-41).

3 – ‘Corpo nômade’: cicatrizes



*“S. (morador de rua) estava sem camisa... Exibia enorme cicatriz e várias outras cicatrizes menores...”*

*(Na maloca, na foto esquerda, Mariana sentada no chão e S. sentado sobre um recipiente de plástico; na foto à direita, em pé, da esquerda para a direita, os moradores de rua E., S., e a professora Sílvia)*

Andando mais ou menos uns cinco passos, sentou-se na mureta, de costas para mim e ligou o gravador. O trânsito dos carros, ao redor, era intenso.

## 1.2. *A entrevista solitária*

Ignorando o entorno, profundamente concentrado, E. começou a falar:

- *“Eu me chamo ‘E.’, tirei 20 anos de cadeia, tô numa vida muito precária, muito ruim... porém, a vida da gente não é brincadeira, não! Sofre na rua, um quer dar facada no outro, um quer matar o outro por causa de porcaria, por causa de coisa banal... Corre muita droga, muita pinga... é uma vida que... eu acho que pouca gente quer viver do jeito que a gente véve (sic).”*

Revela na exortação/apelo a ausência da “conversa com o olhar”(DAMERGIAN, 1998)<sup>39</sup>, da situação de impotência a que se acham relegados e da prática do crime:

- *“Se uma pessoa for analisar direito, quando passar numa maloca, e ver um rapaz deitado... e o outro na calçada... pensa um pouco naquilo ali, porque não é brincadeira não... Porque a vida da gente é um mar de desespero!... Quando a gente corre atrás daquilo que a gente precisa, não encontra o apôio necessário; quando a gente encontra, muita gente acha... Então... (o morador de rua) acaba dando mancada, ou rouba a pessoa, ou mata, e então muita pessoa desiste de ajudar os outros. A gente vive em seis pessoas, se dá bem, de vez em quando briga, um quer dar facada no outro... mas a gente tenta contornar a situação...”*

*“A vida da gente é um caso triste, muito solitário!... A gente anda a noite toda pelo parque Dom Pedro, Ibirapuera, Praça da Sé, República... Eu vejo tanta coisa... que eu vou te falar... É um caos! Bem dizer um caos! Uma vida que... a gente nem tem explicação porque a gente vive nela.”*

Seu discurso – num primeiro momento, através da expressão “a gente” – é feito em nome do coletivo, denunciando-lhe a situação de líder grupal que passaríamos a confirmar no decorrer das observações. Passa, em seguida, a falar de si mesmo:

---

<sup>39</sup> Sueli DAMERGIAN, em comunicação no curso: “Psicologia das relações humanas I e II”, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em 1998, explicita que “o olhar é uma coisa central em nossa relação com o outro: pode ser um olhar que confirma ou que mata, ou seja, eu posso desconfirmar o outro existencialmente: é passar na rua e ignorar o mendigo... é mais que negar, é desconfirmar...”.

### 1.2.1. Resiliência e “falso self”

[2] *“Eu não sei ler, nem escrever, mas acho que tenho uma cabeça boa. Boa em maldade, e de ‘bom’ também...”*

Expressa, à sua maneira, ao dizer-se com “*cabeça boa*”, a sua condição de resiliência, daquele que consegue sair-se satisfatoriamente nas situações de extrema adversidade em que vive. A resiliência, portanto, conceito heurístico que continuamos a explorar neste trabalho passa a ter seu sentido ampliado face aos fenômenos da criminalidade, das estratégias de sobrevivência na prisão ou mesmo nas ruas, com ameaças de agressões e mortes iminentes.

Identificamos a capacidade de resistir e sobreviver (GROTBERG 1996) em “E.”, ainda que nesse sentido possamos argumentar a respeito do desenvolvimento de um “falso self” (SAFRA, 1995, 1999), conceito que será aprofundado mais adiante nesta Tese (seção 2.8. e desdobramentos, Cap. IV). Ficam-nos, por enquanto, as questões iniciais: qual o tipo de transformação que estaria se configurando em ‘E.’, nessa época (maio de 1999) em que o entrevistamos? Ele tem se mostrando um lutador, desde seu nascimento. Fez e tem feito, portanto, frente às adversidades da vida, as quais não são poucas. Superou e tem superado algumas mas, como os golpes se repetem, a situação em que está mergulhado nesse momento “é um caos”, segundo expressão dele mesmo.

- *“É um caos! Bem dizer um caos! Uma vida que... a gente nem tem explicação porque a gente vive nela...”*

Mergulhado no torvelinho do ‘caos’ de uma vida sem rumo – sem sentido para ele –, envolto na preocupação constante com a morte iminente ou com a satisfação das necessidades básicas de sobrevivência; sentindo e tentando aparar os golpes que lhe chegam de todos os lados; por vezes revidando e atacando violento e revoltado, percebe-se sem condições para explicar: *“Uma vida que... a gente nem tem explicação porque a gente vive nela...”*

Sua fala oscila entre a não criminalidade e a criminalidade. O tipo de viver ao qual Soviético esteve e está entregue é explicitado em suas palavras, ao descrever o tipo de vida que ele e seus companheiros levam na maloca e nas ruas de São Paulo:

- *“Aí é o seguinte: a gente nunca aprende o que presta, é só coisa ruim!... A cada dia aprendendo mais coisa nova e mais coisa ruim... Vai bebendo... fumando ‘pedra’, cheirando, tomando tudo quanto é tipo de droga!... pra esquecer o sofrimento da rua, principalmente quando chove!... É um caos danado! Não tem pra onde ir, não tem pra onde*

*correr... Se está deitado vem um cara e quer roubar os bagulho da gente... É uma vida que... triste! Doloroso!”*

### **1.2.2. Abrindo-se para o “encontro”**

[3] Vários momentos de seu discurso expressavam seu apelo pelo “ponto fixo” – ou “ponto de apoio” – um porto seguro que permita estruturar a psique do ser humano. Funcionaria como “alavancas” de apoio no caminho (DAMERGIAN, 1988).

Lembramos que, quando dessa entrevista inicial que nos foi concedida por Soviético, ele já estava em processo de “encontro” com Dona Sílvia e Dona Lucinha, portadoras do que ele denomina de “*palavra amiga*”:

*- “E pra quem vai escutar essa fita, desejo que vocês põe a mão na consciência e continue o mesmo trabalho que vocês estão fazendo, de ajudar as pessoas de rua... Eles precisam de um apoio, não só um como todos... uma palavra amiga! Nem que não vem trazer nada!... Uma palavra amiga... um carinho, uma voz amiga, isso ajuda muito o ser humano: ele desabafa um pouco o problema dele... (grifo nosso) porque essa vida que a gente vive é muito cheia de revolta. O cara bebe pra esquecer... acaba matando de graça... no fim, depois, se arrepende mas aí já é tarde demais...” (foto 4)*

Já estava implícita em sua fala a característica da palavra amiga esperada por ele no outro que se faz em presença, junto a quem poderia “desabafar”, no espaço da confiança construído entre ambos...

[3<sup>a</sup>] A filha de sete anos que ele possuía – o desejo de exercer mais do que um simples carinho de pai, querendo dar-lhe um lar – reflete-se como ponto de apoio em sua fala oscilante entre desejo e desesperança:

*- “Que nem, eu, tenho uma filha linda de sete anos, queria dar todo o carinho pra ela...eu dou o carinho de pai mas, eu queria dar uma casa, um lar... A mãe é viciada em droga, o pai também é... apesar que eu estou parando mas, não consegui parar ainda de vez... mas uma hora eu paro – não sei quando! – mas uma hora eu paro!”*

Em visita posterior que fizemos à maloca, à praça onde Soviético e seus companheiros viviam – em 18 de julho de 1999, portanto dois meses e dez dias depois – pudemos acompanhar momentos de ‘vivência familiar’ dele com sua filha de sete anos e sua mulher, mãe da menina, que o visitavam de vez em quando. Na época não nos detivemos em perguntas sobre o outro local em que elas viviam. Limitamo-nos a registrar as cenas do encontro, através de fotos e observações locais (fotos: 5 a 12). Esses registros nos permitem observar a mudança freqüente que se opera nessas malocas, com a constante modificação

#### 4 – “Palavra amiga”



*-“Uma palavra amiga... um carinho, uma voz amiga, isso ajuda muito o ser humano : ele desabafa um pouco o problema dele... porque essa vida que a gente vive é muito cheia de revolta...” (Soviético, morador de rua)  
(Da esquerda à direita, na maloca, o morador de rua Soviético, a professora Sílvia e o morador de rua Cara Queimada)*

*5 – Visita dominical: a família reunida na maloca*



*-"Tenho uma filha linda de sete anos, queria dar todo o carinho pra ela... eu dou o carinho de pai mas, eu queria dar uma casa, um lar..." (Soviético, morador de rua)  
(Na maloca no centro da cidade de São Paulo, da esquerda à direita: a filha do morador de rua Soviético abraçando o pai. Ao lado, a mãe da menina e, logo atrás, um morador de rua)*

**6 - Cenas do cotidiano na maloca: 'brincadeiras em família'**



***Brincando com sua filha, Soviético faz-lhe 'caretas', às quais ela responde sorrindo.***

***(Na maloca no centro da cidade de São Paulo, da esquerda à direita: a filha do morador de rua olha para Soviético; a mãe da menina em pé e um morador de rua ao fundo)***

*7 - Cenas do cotidiano na maloca: 'O repouso de Soviético'*



*O morador de rua Soviético dorme em leito improvisado em uma árvore, ao lado da pequena praça/maloca.*

**8 - Cenas do cotidiano na maloca: 'Arranjos domésticos'**



*Na foto à esquerda, cena do encontro familiar de Soviético: sua companheira afaga o cão que pertence a Soviético (é comum os moradores de rua possuírem cães que exercem a função de amigos e protetores de seus donos). Na foto à direita, a 'cozinha' da 'casa dos sem casa'.*

*9 - Novos moradores na maloca*



*Novos moradores de rua instalaram-se na maloca. Na foto acima, homem recostado em sua cama improvisada junto de sua carroça de 'catar papelão'. Na foto abaixo, bebê de um ano com seu pai. Essas pessoas foram acolhidas na maloca com o 'aceite' do grupo inicial que ali vivia, liderado por Soviético.*

*10 - Pertences domésticos: permanência instável*



*Na foto acima, 'mini-dormitório' de um dos habitantes da maloca. Abaixo, a 'sala coletiva', vendo-se ao fundo uma televisão a cores 'usada' que eles 'compraram' (e exibem o recibo), que recebe energia elétrica através de um fio de eletricidade, que vem pelo chão de terra, de uma casa comercial ao lado. A companheira de Soviético, descalça, com moradora de rua ao seu lado. A pesquisadora, de costas..*

*11 – ‘Pontos de apoio’ na inospitabilidade do morar na rua*



*Na foto acima, a moradia precária... Na foto inferior, a garrafa de ‘pinga’ e o cão sob a carrocinha de ‘catar papel’. Preso à carrocinha, vê-se um exemplar da Bíblia, com a capa vermelha.*

*12 - Cenas do cotidiano na maloca: 'beber pra esquecer'...*



*Garrafas de 'pinga' vazias, amontoadas em um 'canto' da maloca.*

*-“Porque esta vida que a gente vive é muito cheia de revolta. O cara bebe pra esquecer... acaba matando de graça... no fim, depois, se arrepende mas aí já é tarde demais...” (Soviético, morador de rua)*

dos arranjos dos “pertences domésticos”, tão instáveis em sua permanência quanto a maioria dos seus habitantes. Alguns novos moradores de rua ali já se alojavam, com novas ‘construções’ de abrigos precários espalhando-se pela pequena praça.

### **1.3. Início de nova configuração psíquica**

#### **- “Quero dar um tempo”...**

[4] Observamos, através da análise de seu discurso, que Soviético expressava o momento que antecede nova configuração psíquica emergente do ‘caos’ pessoal e social em que se encontrava. É quando ele ‘sossega’ – resistindo ao convite ao crime, em voto inconsciente de confiança nas novas possibilidades que já se esboçavam (possibilidades essas que poderemos constatar na sequência da análise de seu processo do viver, neste estudo longitudinal):

*-“Tem uns parceiro que chamam pra roubar e eu não vou roubar... tô sossegado, quero dar um tempo!...”*

Oscilando, porém, novamente entre a confiança e a desconfiança, completou:

*“Mas eu acho que uma hora eu ainda acabo voltando porque essa vida de rua é muito triste, muita humilhação! Nego passa e fala: “Pô, aquele cara é forte pra caramba, pode arrumar um serviço, pode arrumar um emprego! Mas, não sabe o que está correndo por trás dessa pessoa. Não sabe do sofrimento, não sabe o que ele já passou... a cadeia que ele já tirou... Então tem muitas coisas em volta disso aí.”*

### **1.4. “O mais certo é uma palavra amiga...”**

[5] Denunciando a ‘loucura’ de todos nós, concluiu sua fala explicitando a importância do que ele chama de “uma palavra amiga”, o tipo (ou característica) do ponto de apoio desejado:

*- “Como eu conheci muita assistente social, já passei por psiquiatra, por uma pá de problema, os loucos somos todos, a gente nunca sabe o que faz, nunca sabe o que diz...Não pensa que tudo é certo! Acho que o mais certo é uma palavra amiga... saber conversar, desabafar, se entender um pouco com o outro... Esse mundo é todo lindo, maravilhoso, mas tem poucas pessoas com a cabeça no lugar... não tem esse negócio de dar apoio... Nego chega aqui pra chamar pra roubar, pra chamar pra matar... ou pra usar droga... Nunca as pessoas vem aqui pra dar uma palavra amiga.*

*Eu acho que é só isso que eu tenho pra falar... Tá bom...”*

Observamos nessa primeira entrevista que nos concedeu Soviético, os momentos iniciais do processo – denominado por nós neste trabalho – de “encontro transformador”: encontro feito de muitos encontros, que se desdobrariam num caminhar conjunto de seres, que levariam à transformação de cada um envolvido no processo.

Após uns vinte minutos, E. deu por finda sua tarefa e chamando o S., entregou-lhe o gravador, pedindo a ele que também falasse de sua vida. Rapidamente, S. pegou o aparelho, atravessou a rua e, sentado sozinho no mesmo local onde E. estivera, começou a gravar sua fala.

### ***1.5. Discursando para uma platéia invisível***

#### ***- “O espírito está pronto mas a carne é fraca...”***

Envolvido no seu discurso solitário, S. segurava o gravador à altura da boca com a mão direita e, com a outra mão, gesticulava como se estivesse conversando com alguém, (foto 13) como se estivesse frente a uma platéia. Observando a cena, E. começou a sorrir e a apontar o companheiro, que começara a falar:

*- “Meu nome é ‘S.’, moro na rua, e... fico sofrendo muito, vim do Nordeste aqui pra São Paulo pra tentar a vida, mas... infelizmente, me dei mal, muita confusão na rua, polícia batendo na gente, as pessoas que dão mais atenção pra nós é vocês que vem aqui e ajuda nós, trazem alguma coisa pra nós...”*

[6] A figura materna – associada à “atenção” e “ajuda” – brota espontânea:

*- “Vocês são pessoas que é o mesmo que ser mãe da gente... a gente considera muito, gosta muito...”*

[7] Denuncia, em seguida, a sociedade que os rejeita:

*- “Outras pessoas, não! Passam por nós, é cuspiendo, é tá com nojo... porque nós tá fazendo uma comida na rua... Porque nós que mora na rua somos discriminado pela sociedade! Mas, aquelas pessoas que discrimina é porque compara as coisa: ladrão com sofredor. Nós somo sofredor de rua! Não somo ladrão!*

*Eu pretendo sair dessa vida, é uma vida que não dá futuro, é uma vida que eu só me dei mal, só me dei mal! Muitas confusões! A minha família já pediu pra mim voltar pro Nordeste, tudo, mas, até agora não voltei ainda; mas, tenho fé em Deus, que Deus vai me ajudar, e as pessoas que compreende vão me ajudar, que um dia vou voltar pra minha terra.*

*Às vezes quando eu adoço na rua, eu lembro muito de casa, do apoio que eu tinha da família quando eu adoecia, eu tinha um remédio, na hora, tudo, pra mim*

*13 - Discursando para platéia invisível...*



*- “Envolvido no seu discurso solitário, ‘S’ – morador de rua – gesticulava... como se estivesse conversando com alguém...”*

*melhorar... Aqui, não! Aqui é... do jeito que às vezes acontece... e vocês deve ter visto na televisão: a polícia batendo em quem não deve, bate em quem deve e ... também eu não posso falar nada porque tem gente que merece a polícia pegar, bater... entendeu? Mas nós que somos sofredor de rua... A polícia chega, manda nós sair prum canto... quando a gente tá no outro canto, a polícia chega de novo e manda nós sair...*

*Então é uma vida que não dá futuro... Eu confio em Deus e segundo, vocês, que eu vou sair da rua! Vou sair da rua! Sou um cara trabalhador, gosto de trabalhar... então eu espero, e tenho certeza que vai tudo dar certo... Que nem o senhor José,<sup>40</sup> que é uma pessoa que morava na rua, e ele hoje em dia não bebe mais, e é uma pessoa que está junto com vocês tentando também tirar algumas pessoas da rua. Só que a pessoa tem que ter força de vontade, e querer se ajudar, melhorar de vida. Seu José era igual nós, que ficava na rua e hoje em dia ele tem onde morar, tá no cantinho dele, ajudando nós que conveve na rua, tudo. Então eu espero isso, espero sempre poder contar com a colaboração de vocês porque vocês são pessoas que só fazem o bem. Vocês procuram ajudar e só fazem o bem, não fazem o mal.”*

[8] Verbalizando sua “confiança em Deus”, revela a presença da religiosidade como ponto de apoio em seus projetos de estar no mundo:

*- “Então isso aí eu vou esperar e tenho certeza que Deus tanto vai me ajudar, que nem eu já vejo que vocês tão me ajudando. Porque no mundo – é uma palavra que está escrita na Bíblia – “no mundo, tendes aflições mas tem bom ânimo porque eu venci o mundo”. É que nem o salmo 91 que fala: “Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: ele é o meu Deus, meu refúgio, minha fortaleza. Nele confiarei, porque ele me livrará do laço do passarinho e da peste pernicioso... Ele me cobrirá com suas penas e debaixo de suas asas estarei seguro por longos dias...”*

*Por aqui encerro, com muito bom gosto, de coração, e com a palavra que está em Mateus, capítulo 26, versículo 41: “Vigiai e orai, porque na verdade o espírito está pronto mas a carne é fraca...” Porque eu já fui evangélico, me desviei de Deus, e hoje em dia eu vivo sofrendo. Por aqui eu vou encerrar minha frase, aqui”.*

Ao voltar-me novamente para o ‘quarto’ improvisado na praça, observei que Mariana estava agachada ao lado do companheiro H., adormecido, acariciando-lhe delicadamente o rosto. Chamava-o, tentando acordá-lo, quando ele - abrindo os olhos - encherrou-nos e sorriu. Levantou-se, foi até o meio da pracinha, pegou um recipiente de

<sup>40</sup> “José”: Ex-morador de rua observado em estudo de Mestrado da autora (ALVAREZ, 1999).

plástico de aproximadamente uns 20 litros, com água pela metade. Entornando-o, encheu uma pequena lata com água, foi até à calçada da praça e, abaixado, lavou o rosto. Fotografei os vários segmentos da cena. (foto14)

Comecei, então, a fotografar todas as particularidades daquela ‘casa ao ar livre’, (foto 15) com os vestígios da dinâmica vivencial que ali se desenvolvia: as várias garrafas de pinga, vazias e amontoadas próximas aos leitos coletivos improvisados com cobertores, sobre o chão de terra; a carrocinha de ‘catar papel’; um outro leito solitário – um colchão com um travesseiro – a uns três metros longe dos leitos coletivos. Ao perguntar quem dormia ali, E. respondeu-me indiretamente: pediu para que S. deitasse sobre o colchão para que eu o fotografasse. (foto 16)

[9] Quando lhes disse que nós iríamos embora, E., abrindo-se para o contato – dando início ao processo de “encontro” comigo – informou-me que na terça-feira próxima ele iria até à escola da Igreja...<sup>41</sup>, na aula da Dona Sílvia, para que eu pudesse gravá-lo enquanto ele estivesse desenhando e falando sobre a vida dele: era assim que ele gostava de desabafar. E completou:

- “*Vamos nós todos, daqui!...*” – falou-me, apontando os outros companheiros.  
Agradei-lhe, sorrindo, dizendo que os esperaria lá, na terça-feira.  
Despedimo-nos, eu e Dona Sílvia, e fomos embora.

## 2. VISITA À AULA DE ALFABETIZAÇÃO

*Terça-feira, 11 de maio de 1999.*

Chegamos, eu e Dona Sílvia, às nove horas da manhã, para a aula de alfabetização. Os alunos já a esperavam, sentados no salão principal da casa de apoio aos moradores de rua. Subimos para a pequena sala de aula, situada no primeiro andar.

Após uma hora de aula, Dona Sílvia comentou comigo que os moradores da maloca não tinham vindo. Ela achava que não cumpririam o prometido feito a mim, no sábado, quando fôramos à praça. Eles passavam a noite bebendo pinga, usando droga e, pela manhã, ficavam sem condições de ‘levantar cedo’ ou ir à escola.

Também eu não tinha certeza de que eles viessem. Tinha consciência de que esse ‘modo de morar’ na rua, mais especificamente como o vinha fazendo aquele grupo, ou seja, envolvidos com ingestão de pinga, ‘crack’, ‘farinha’ (cocaína), medicamentos

---

<sup>41</sup> Casa religiosa onde se desenvolvem trabalhos de apoio aos moradores de rua. Omitimos seu nome neste trabalho face ao imperativo ético de sigilo das identidades das pessoas envolvidas.

*14 - Cotidiano na maloca: higiene ao despertar*



*O morador de rua 'H.', companheiro da moradora de rua Mariana, enche um recipiente com água e lava o rosto junto à calçada.*

15 – ‘Casa ao ar livre’: vestígios da dinâmica de vida



- “... as várias garrafas de pinga, vazias e amontoadas próximas aos leitos coletivos improvisados...”

- “... a carrocinha de ‘catar papelão’ ...”

*16 – Na maloca: o leito solitário do morador de rua*



- “Ao perguntar quem dormia ali, ‘E.’ (Soviético, morador de rua) respondeu-me indiretamente: pediu para que ‘S.’ (Athos, morador de rua) deitasse sobre o colchão para que eu o fotografasse.”

analgésicos (como o ‘optalidon’, que após sofrer um ‘preparo’ era injetado na veia) e ainda outras drogas sobre as quais não quiseram dar-me esclarecimentos, não lhes possibilitava uma vivência social “normal” como, por exemplo, cumprir uma promessa feita a alguém ainda que, no momento de fazê-la, tivessem desejo de realizá-la.

[10] No entanto, por volta das dez horas da manhã, E. e S., carregando rosas nas mãos e, mais atrás, Cara Queimada com passos trôpegos, sem o amparo das muletas, adentraram à sala.

E. e S. aproximaram-se de mim e de Dona Sílvia, entregando-nos as rosas. Dona Sílvia, expansiva, aproximou-se de E. e lhe disse:

- *“Merece um beijo!”*- dando-lhe um beijo na face.

Imediatamente E. e S. sentaram-se entre os alunos e Dona Sílvia continuou a aula. Familiarmente, como quem já conhecia a dinâmica da classe, E. levantou-se, foi até ao armário, pegou seu caderno de desenho e seus lápis de cor, sentou-se e começou a desenhar.

Pedi a ele se poderia fotografá-lo enquanto desenhava e ele consentiu. Ante o meu comentário que a luz não estava favorável, E. levantou-se, foi até ao corredor fartamente iluminado pela luz do sol, sentou-se num sofá que lá estava e começou a desenhar, (foto 17) dizendo-me:

- *“Aqui está bom? Pode fotografar!”*

Após tirar umas fotos ele retornou à sala e continuou seu trabalho, concentrado.

Enquanto isso pedi ao S. se poderia conceder-me uma entrevista, se poderíamos conversar. Ele me disse que sim. Fomos ao corredor iluminado, sentei-me no sofá e ele numa cadeira ao lado. Após explicar-lhe novamente os objetivos do meu trabalho, falar-lhe do sigilo que seria observado e ligar o gravador, pedi-lhe:

- *“Fale-me de sua vida...”*

Suas palavras foram saindo espontâneas, abundantes, comovidas, por vezes segredadas, volume baixo quando contava dos dois assassinatos que já havia cometido no desespero das brigas nas ruas, nas malocas da cidade de São Paulo, do anonimato nas ruas, da vontade de voltar a ser um homem “digno”, de se transformar...

Perguntei-lhe porque haviam dado o apelido de ‘Dartagnan’ a um dos moradores da maloca, seu companheiro. Ele respondeu que foi por causa do desenho animado ‘Os três mosqueteiros’ que passava na televisão.

Coloquei-lhe que, já que haviam dado esse apelido ao colega e ante a necessidade de seu nome ser trocado por causa do sigilo da sua identidade, se não gostaria de também ser chamado pelo nome de um dos ‘quatro mosqueteiros’. Ele sorriu, achou a idéia interessante e sugeriu ser chamado de ‘Athos’.

**17 – “Cumprindo o prometido...”**  
**- Na aula de dona Sílvia**



- “... ‘E.’ (Soviético, morador de rua) levantou-se, foi até o corredor fartamente iluminado pelo sol, sentou-se num sofá que lá estava e começou a desenhar...”

(Soviético desenha em ambiente da escola para moradores de rua, enquanto seu companheiro ‘S.’ – Athos – aguarda ser entrevistado)

Combinamos, então, que dali pra frente, ele seria identificado na pesquisa por esse nome.

Em seguida, apareceu o E. com o desenho pronto e dizendo que queria conversar, ser entrevistado. Athos despediu-se e E. sentou-se em seu lugar.

E. era analfabeto e, apesar de ter freqüentado as aulas de alfabetização durante alguns meses, não conseguiu aprender a ler. Encontrando no desenho uma forma de expressão de suas emoções, de sua psiquê, colocava um título em cada desenho que produzia: ditava-o a Dona Sílvia para que ela o escrevesse e ele o copiava depois, geralmente ao alto da folha. Aquele desenho também tinha um título, que ele pediu que eu lesse em voz alta, e eu o fiz:

- *“Falsidade na noite”*.<sup>42</sup>

Em certo momento da entrevista falei-lhe a respeito da possibilidade (e até necessidade) da troca de seu nome para outro, para preservar sua identidade.

Como o fizera com o Athos, perguntei-lhe se gostaria de assumir um dos nomes dos ‘mosqueteiros’. Ele disse que não. Ele queria ser chamado de ‘Soviético’, e disse-me:

- *“Põe aí: ‘Soviético’! É porque estou revoltado!”*

[11] Tal como fizera o companheiro, suas palavras saíam fáceis e abundantes. Envolvidos empaticamente, Soviético contava-me suas experiências de vida na infância, na adolescência, dos roubos, assaltos, de sua vida na prisão... A fala saía tão abundante e emocionada, com conteúdos que jamais imaginara um dia poder ouvir de um ser humano, que fui ficando impactada, paralisada ante aquele mundo impressionante que aquele homem me entregava... Custava-me, naqueles momentos, articular questões para dar seguimento à conversa... E ele queria falar e falar... provocava-me para as perguntas:

- *“Vamos, pergunte!... Vai perguntando que eu vou falando!...”*

A vontade que tinha era de ficar quieta, digerindo tudo aquilo que me chegava... Aliás, mais precisamente, nem era exatamente ‘vontade’ e sim um ‘estado’: entrara no mundo das drogas, do crime, da violência na prisão, da violência nas ruas, da angústia e desesperança de um homem que oscilava entre o mundo terrível que vivera (e ainda vivia) e o desejo quase secreto de se transformar...

[12] Ficara como que suspensa no ar... fora capturada pelo fenômeno, entrara ‘no olho do furacão’ e deixava-me arrastar com ele no seu passeio de dor e destruição... Mais uma vez não pude furtar-me às lágrimas que desciam teimosas e livres, denunciando-me a emoção. Não queria, porém, perder aquele momento que sabia desenhar-se único no

<sup>42</sup> *“Falsidade na noite”*: inserido em *“Conversando através de desenhos”*, na seção 3.3.18. deste capítulo.

processo da pesquisa. Afinal, quando poderia encontrar Soviético de novo? Sentia que estava vivenciando um mundo onde o cumprimento dos projetos e promessas de encontros ou reencontros não tinha lugar. Naquele modo de existir a morte tinha mais possibilidades e concretude que a vida... Urgia recompor-me, fazer voltar a articulação racional, reempunhar o processo da entrevista, fazer as questões necessárias.

[13] Observei que Soviético, ao perceber-me impactada, quase inerte, ao invés de ficar também no mesmo movimento, foi ficando mais e mais à vontade, expressando-se mais e mais. Tinha a impressão que meu estado ‘de vazio’ racional, de sensibilização, possibilitara-lhe o clima empático onde seu ser pudera entregar-se. E o fragmento de seu discurso clareava-me essa compreensão:

- *“Pessoas assim como você, que nos ouvem, que entregam sua alma pra gente, podem nos ajudar...”*

Lentamente fui conseguindo rearticular meu raciocínio, fazer as perguntas necessárias, encaminhando satisfatoriamente o processo.

Serão apresentados, a seguir, segmentos dessa entrevista:

## **2.1. O discurso de Soviético, o morador de rua**

### **2.1.1. Origem**

[14] Em 11 de maio de 1999, após pedir-lhe que falasse “de sua vida”, Soviético iniciou seu discurso direto, contundente, sem receios, falando de sua família, denunciando a ausência de modelos favoráveis na infância e adolescência, sua socialização no crime:

- *“...meus irmãos... tudo ladrão, tudo assaltante! Está tudo preso! Bem dizer a família inteira! Família maldita... começou da mãe, terminou no pai, começou nos filhos... Só espero que os outros não vai nessa... os netos, minha filha...”*

Falando da mãe “problemática”, que fazia “mixê”:

- *“Aí ela foi fazer ‘mixê’ numa quebrada aí, aconteceu um homicídio e ela foi presa. Meu pai era ladrão e eu comecei a ir pra rua... eu e meu irmão. Acho que eu tinha uns quatro, cinco ano... Aí eu fui pra rua. Aí eu comecei a roubar na feirinha, roubar ali... Aí eu fui conhecendo a malandragem como é que era. O mundo do crime é diferente... o cara começa roubando uma agulha, amanhã depois ele pode roubar até um avião, virar um terrorista... nunca sabe! O mundo do crime começa com pouca coisa: rouba um alfinete aqui, rouba uma agulha ali... amanhã ou depois ele vai conhecer umas pessoas mais esperta do que ele, e aí vai orientando ele como é que é, como é que não é... Aí eu fui aprendendo...”*

*comecei com uma agulha, comecei com laranja, banana... comecei a assaltar padaria, assaltar supermercado, assaltar firma, assaltar banco, assaltar uma certa mansão... Só nunca fiz seqüestro mas... de tudo já fiz um pouco na vida... Já fui traficante... Sabe... O mundo do crime é isso aí... a gente começa do pouco... do nada! Aí vai aprendendo... na caminhada da gente, vai aprendendo, e uma hora cê vira um bom ladrão. Aí cê fala: “um bom ladrão prum bom malandro demais! Um bom malandro demais é aqueles cara que rouba mixaria e já fica destacado... e o bom ladrão já tem mais conceito: porque ele tem dinheiro, ele chega na cadeia ele banca tudo, ele tem dinheiro, vem faca, vem droga, vem revolver vem tudo pra ele lá dentro. Agora aquele cara que não tem nada ele vai depender do bom ladrão... Vender um bagulho velho, um lençol, qualquer coisa ali, pra ele ganhar o dinheirinho dele. Mas o bom ladrão já tem de tudo! Ele tá preso mas tem dinheiro, tem revólver, tem tudo lá dentro!”*

[15] Expressou, logo de início, o estilo de vida vivida na ‘selva urbana’, no modo de morar nas ruas de São Paulo, denunciando-se oscilando entre o crime e a moral:

*“O Soviético é o seguinte: eu uso de tudo à noite – cheiro, fumo e tal – faço a maior gandaia! Mas eu tenho o coração bom. Eu livro os cara de morrer, de não morrer... mas quando eu vejo que o cara é bandidão é... pá... aí eu deixo o bicho pegar. Mas quando eu vejo que o cara é humilde... vê que ele tá muito louco demais aí eu dou uma força... Mas se eu ver que o cara é bandidão, é sangue nos zóio... aí pode sortá o bicho!...”*

### **2.1.2. Vida ‘selvagem’: esperanças e desencantos...**

[16] Ao relatar detalhes de seu cotidiano junto a seus companheiros, outros moradores de rua que com ele viviam na maloca, Soviético desabafou, com sua fala forjada nas ruas e nas prisões, denunciando a exclusão:

*“Pois é!... A Lua e o Céu, é uma coisa maravilhosa!... Ela nasce de manhã cedo, é uma esperança!... De vez em quando eu vou pra represa e aí eu fico lá sentado... é um ambiente sossegado...(Represa Guarapiranga)... é só mato... água... aí eu fico a noite toda jogando tarrafa... Pesco... como pra caralho<sup>43</sup>, bebo... Aí de vez em quando eu fumo um baseadinho... Aí nós fica tudo sossegado... Aí nós pega nossas coisa e vem pra maloca na segunda-feira. Aí quando chega na maloca, ali na esquina... aí nois olha assim prum lado... todo mundo olha... e aí nós fala assim um pro outro: “Pôrra, de novo nessa maloca, hein,*

<sup>43</sup> Mantivemos neste capítulo o estilo da fala de Soviético intacto, ao fazermos sua transcrição. Optamos por deixar explícitas as gírias e todos os ‘palavrões’ – palavras obscenas ou grosseiras – falados por ele, preservando, assim, as características de sua fala ‘forjada no mundo das ruas, do crime e da prisão’.

*mano?!”... Ai um fala assim: “Isso é coisa mandada, Soviético!...” Ai daqui a pouco um começa a querê dá facada no outro, a querê brigá com o outro... por quê? Por causa da droga!... Não tem uma ocupação!... a droga... a maconha, a farinha, a pedra... Fica naquele ambiente pesado... aí vem um cara lá do outro lado!... Começa a colar com nós, começa a beber e a falar abobrinha – abobrinha é falar demais, é falar o que não sabe... – aí sai aqueles bate-fundo, um começa a querê dá facada no outro... Mas quando a gente vai pra represa, é um ambiente sossegado, só tem mato em volta da gente... E as vezes a gente mergulha... fica sossegado... mas quando a gente chega aqui nesse bagulho é só treta, um bate-fundo, um que matá o outro... Um que ajudá o outro e o outro não que ajudá... Um que tomá o relógio do outro coitado que tá deitado ali... E eu acho que isso aí não vai resolver o problema de população nenhuma!... Eu acho que o ser humano, se ele tiver fodido, deixa ele com o bagulho dele ali do lado, deixa o dinheiro dele, deixa a mula – a mula é o galo, a bolsa dele – não vai mexer na roupa dele, porque amanhã depois ele vai precisar!... Mas não! Os cara vem e toma!... As vez nego chega e cê tá dormindo e ele fala: “Fulano tá dormindo!” Ele vai lá e pega um litro de álcool e joga e queima o cara por causa de nada! Os cara tava dormindo uns sessenta cara num posto, aí na Rua... Tinha uns sessenta, uns quarenta cara dormindo... Umas cinco hora da manhã chega uns três cara e joga gasolina num cara e toca fogo no cara... Num ganharam nada! Todo mundo saiu perdendo... O dono fechou o posto e ninguém dormiu mais. Agora tem que dormir na chuva! Quando chove tem que ficar correndo de lá pra cá de madrugada pra procurar um canto pra dormir... E a gente chega num prédio e os cara joga água de lá de cima, porque os cara, em vez de ficá quieto, sossegado, começa a beber, a falar demais, a gritar, quer brigar...”*

### **2.1.3. O que é dignidade...**

[17] Com lucidez, falou sobre *dignidade*:

- “Eu acho que dignidade é você chegar num lugar, tomar um banho sossegado, sentar numa cadeira... assistir uma bela de uma televisão, saber o que está acontecendo no mundo em geral... Quando todo mundo chegar: “Ópa, faz favor, toma um cafezinho!...”

E voltando repentinamente à realidade de sua vida – nitidamente ‘indigna’, segundo seu conceito – continuou:

[17<sup>a</sup>] - “As vezes a gente fica na maloca, e as vezes eu não quero beber e fico assim: “Putá! Vida careta! Ficá aqui é embaçado!” Às vez as mulher passa e fala: “Puxa! Aqueles cara todo forte, bonito, saudável!... Tudo maloqueiro!...” Ai eu abaixo a cabeça e

*até cubro a cabeça... e falo: “Que nada!... qué sabê de uma coisa? Eu vou encher a cara!”* *Aí eu encho a cara e fico normal, tranqüilo, sossegado... Só que eu não mexo com ninguém, também não roubo ninguém... Se for pra roubar eu roubo de quem tem. Quem não tem eu não quero nada disso! Sofri pra caramba!... E eu acho que dignidade é o homem tê uma casa, um ambiente... tê seu trabalho... tê sua ocupação, sua família... Isso é uma coisa mais feliz que tem no mundo. Mas do jeito que a gente vive, tá embaçado!...”*

### **2.1.3.1. O “trabalho como “ponto de apoio” na dignidade humana...**

[18] Novamente o “trabalho”, o desejo de possuir um trabalho, apareceu na fala de Soviético – assim como aparecera nos discursos dos moradores de rua focalizados em nosso trabalho anterior (ALVAREZ, 1999) – associado à questão da *dignidade humana*:

- “... *E eu acho que dignidade é o homem tê uma casa, um ambiente... tê seu trabalho... tê sua ocupação, sua família... Isso é uma coisa mais feliz que tem no mundo. Mas do jeito que a gente vive, tá embaçado!...*”

O trabalho, portanto, reafirmava-se como um ‘ponto fixo’/ ‘ponto de apoio’ buscado, desejado ativamente pelos sujeitos, como algo que possa auxiliar na autotranscendência da existência humana ou seja – para esses sujeitos – o próprio ‘sentido da vida’ (FRANKL, 1989).

### **2.1.4. Violência descrita e anunciada**

Impotente, frente aos seus sonhos de ‘dignidade humana’, Soviético anunciou-se também em sua própria violência:

- “*Se for pra roubar eu roubo de quem tem...*”

#### **2.1.4.1. O “sistema da prisão”**

[19] Relatou como aconteciam mortes na penitenciária, “no sistema da casa”:

- “*Lá na Penitenciária é um sistema diferente. No hospital, o aidético quando chega lá, o próprio malandro troca uma idéia entre malandro, e fala assim: “Ó maluco, não quero mais viver... dá um jeito e manda eu pro “saco”...*”

*Mandar pro sacco é morrer e aí já era!... O próprio cara aplica um ar na veia dele e aí já era!... Vê que o cara tá sofrendo, e pra ele não sofrer mais do jeito que ele tá*

*sofrendo, então já mata logo! O próprio companheiro faz isso! E não dá nada! É o sistema da casa... Às vezes morre e já era... Tem muitos que não agüenta e acaba se enforcando... acaba fazendo uma loucura e ele mesmo se mata... às vezes ele mesmo procura a morte: manda o cara pra aquele nome e pá... e o cara não aceita o nome que ele falou e mete a faca nele e ele morre, porque ele já sabe que está pra morrer...”*

Ensaiou comentários a respeito do sistema prisional:

*- “Eu acho que deve ajudar os moradores de rua porque tem muita gente boa na rua, tem muita gente de coração bom, que num tem maldade e que tá querendo entrar no crime sem saber como é que é o crime... num tem noção nenhuma do que é cadeia. A cadeia é um bagulho que é o seguinte: é por hora e um minuto... o bicho pode pegar, pode ter uma rebelião... pode um querer matá o outro... E quando tem rebelião é o seguinte: cada um que se cuida do seu corpo. Porque o bicho pega, é um matando o outro... “É maluco, porque fulano me deve...” E eu vou matá ele porque aí você não assina nada! Rebelião dá isso aí. Quando estora um bagulho na cadeia, cê pode matá que num dá nada, a policia é que segura tudo! Ninguém assina nada! Quem segura é o Presidente, o Governo... e nem ele segura nada! Ninguém segura. Morre, enterra como favelado e já era... Por isso é que é o seguinte: tem que ter uma consciência boa. Esses cara que tão começando agora no crime, a primeira passagem dele tem que por separado. Por num ambiente... e pegar uns psiquiatra, psicólogo, médico, conversar... abre uma firma na rua, uma firma boa... põe o cara certo pra trabalhar... Nunca pode por no meio de pior, porque pior é embaçado... Pior é o cara que tem a cabeça maldosa: é um cara que tem inteligência, já tirou vinte ano de cadeia... e pá... e fala assim: “Maluco, é o seguinte: tem uma fita ali, é com nós, cê chega que nós chega atrás...” E já era!... Então ele domina aquele rapaz. Se ele matá um cara, quem vai segurar é o cara mais novo. Porque não tem consciência do que ele tá fazendo. Quando ele for pensar já é tarde demais...”*

### **2.1.5. “Esse país... pode ter uma guerra!...”**

Com a experiência de uma vida vivida em cadeia, reafirmou a necessidade de separar os presos primários, anunciando também o aumento inexorável da violência, que poderá desembocar em guerra civil:

*- “Eu acho que a justiça é o seguinte: tem muita gente que vai pra cadeia, é bandido, é matador... Mas tem muitos cara que é primário, que nunca tirou cadeia, eu acho que esse cara podia ter um ambiente diferente... Um ambiente daqueles primário, de quem começou agora no crime. Dividir daqueles cara que é pior, porque aqueles cara que é pior*

*ensina aqueles que tá começando agora a maldade do crime... Então divide: o cara é, por exemplo, ladrão de galinha ou assaltante de banco, não pode ficar junto porque o assaltante de banco vai ter mais experiência do que aquele ali... Então o assaltante de banco tem mais experiência do que o ladrão de galinha: se ficar os dois juntos, ele acaba ficando professor. E como ele é um cara mais novo, a mente dele vai num volume cada vez mais!... Esse país nunca teve seqüestro de avião, esses outros bagulho... Mas uma hora vai ter!... Pode ter uma guerra!... (grifo nosso) A sociedade tem que por uma coisa na cabeça: pega esses que tão entrando no flagrante agora, que é um roubo banal, a sociedade num dá um apoio... ele vai procurá um trampo aqui, procura um trabalho ali, e nada!... aí ele cata um cara que puxou cadeia e fala: “Ô maluco! Tem uma “fita” em tal lugar ali e é dez milhão...” Mas ele chega ali e não tem dez milhão: tem um milhão, e às vezes num tem nada! “Ô maluco, fui dar essa fita pra você e num tinha nada, só tinha relógio, só tinha bagulho velho!” Aí quem deu a fita acaba morrendo...*

*A fita é o cara falar que tem um lance... por exemplo, na sua casa: tem uma jóia, tem um quilo de ouro lá. Aí o cara fala pra mim: “Ó, na casa de fulana tem um quilo de ouro.” Aí nós fala: “Firmeza! Mas é quente a “fita”? E o outro diz: “É quente!” E nós: “Vamo lá!” Aí vamo lá e assalta e num tem nada disso. Só tem corrente vêia, relógio, geladeira... E nós fala: “Ó maluco, cê enganou nós. Num tem nada disso!” Aí tem muitos que mata, tem outros que dá logo um coro no cara que deu a fita errada.”*

### **2.1.6. “A população do Brasil tem que ter mais consciência...”**

Reconhecendo as dificuldades da erradicação da droga e prevendo a escalada do crime e da violência nas ruas, ele declarou, num apelo:

[19<sup>a</sup>] - *“A droga nunca vai acabar, sempre vai existir isso aí... A população do Brasil tem que ter um pouco mais de consciência. É pegar esse pessoal que tá na rua e tirar! Num é fazer albergue! É arrumar uma ocupação pra cabeça do ser humano: ele trabalhar, estudar!... Ter uma ocupação pra cabeça dele. Porque o homem... que nem a gente que vive na rua, se não tiver uma ocupação, ele acaba fazendo uma besteira. Não tem jeito! Ele acaba bebendo, usando droga! Ele faz besteira!... Agora, não! Se arrumar um lugar pra ele fazer um trabalho, a mente dele já evolui... Uma Assistente Social, um médico, um psiquiatra... Então ele vai aprendendo e a psicóloga também vai aprendendo e vai ensinando outras pessoal!... Porque aquele que vive na rua, não tem jeito! Vai continuar a mesma porcaria e pior ainda!...”*

Ao mesmo tempo que declara que *“aquele que vive na rua não tem jeito”*, Soviético tenta a cada instante providenciar arranjos de *“dignidade, de ambiente”* na maloca/praca em que vive: é quando instala o fogão pra *“fazer uma comida digna”* de um ser humano; quando recebe Dona Sílvia que vai visitá-los, mandando-a sentar-se, após ferrar uma cadeira com uma toalha... Abre-se em gestos de acolhimento para o outro que chega, como se estivesse lhe oferecendo, imaginariamente, na *“sala de sua alma”*: *“Ôpa, faz favor, toma um cafezinho!...”*

No entanto, como ele mesmo diz em sua gíria, a respeito de sua realidade: *“Tá embaçado!...”* E o que está embaçado não deixa divisar outras paisagens possíveis da vida, a não ser o crime, a revolta, a violência.

Este é o Soviético que encontramos, em início de 1999: homem profundamente ferido que nesse momento dessas primeiras entrevistas – das quais estamos expondo alguns excertos – revelou-se oscilando entre a esperança de uma ‘vida digna’ e o arrastamento quase inexorável ao crime. Sentia-se um homem livre – anunciando que já cumprira sua pena na prisão – mostrando sua cara, sem medo, para a polícia. Acompanhamos alguns momentos de sua vida – e a de alguns de seus companheiros – durante os anos seguintes, até 2002, ano em que estamos finalizando a escrita deste trabalho. Falaremos, portanto – abarcando esse período – dos *“momentos de encontro transformador”* (que presenciamos ou tivemos notícias) vividos por Soviético, alguns de seus companheiros e as professoras Sílvia e Lucinha, com o objetivo de análise dos processos de transformação desses sujeitos de observação.

É certo que os ‘fenômenos’ recolhidos excedem – em muito – os recortes, as escolhas que tivemos que fazer para apresentação e análise nesta tese. Ficam-nos, porém, como vivências e material empírico de apoio – preciosos – à nossa disposição, para uso quando necessário, não só na argumentação desta tese como em desdobramentos de trabalhos futuros.

Soviético dirigiu-se à sala de aula no momento em que Dona Sílvia, como era hábito seu fazê-lo em cada final de aula, estava iniciando com os alunos uma técnica de ‘relaxamento’ seguida de uma oração. Sentou-se entre os outros alunos/moradores de rua, postando-se na posição em que todos já se encontravam: olhos fechados, sentado na cadeira, braços repousados sobre as pernas.

### 2.1.7. O sentimento religioso como “ponto de apoio”

[20] Em pé, parada à porta da sala, eu observava a cena. Dona Sílvia começou a falar, também em pé e de olhos fechados, à frente da classe: (foto 18)

- *“Vamos fechar os olhos devagarinho, como se um soninho gostoso fosse tomar conta do nosso corpo... E assim vamos respirar fundo... agora solta a respiração... novamente respira e solta a respiração...”*

*E assim tranqüilos, serenos, vamos descruzando as pernas, soltando os pés, a barriga, o peito, o pescoço, os ombros, os braços, o rosto...*

*Eu estou tranqüilo... agora vamos respirar bem fundo... solta o ar... Eu estou sereno... Os meus olhos continuam fechados como se um soninho gostoso fosse tomando conta de mim... a boca entreaberta... e assim eu sinto todos os músculos do meu rosto descontraídos...*

*Assim tranqüilo eu vou buscando a imagem de Jesus... com seus olhos serenos... suas mãos a nos abençoarem... Vou caminhando confiante ao seu lado, sentindo o seu amparo e sua proteção... Peço a ele que me ajude a encontrar o caminho a seguir... que eu saiba dizer não à bebida, às drogas e às más companhias... que eu possa me tornar invisível aos olhos das pessoas más... que eu possa servir de exemplo para os meus companheiros que ainda estão no vício...*

*Assim caminhando, de mãos dadas com Jesus, chegamos até Deus nosso Pai, o Criador do Universo... Ajoelhados aos seus pés, depositamos todos nossos pedidos... Se formos merecedores, que eles possam se realizar...*

*Agradecemos por mais este dia, por essa casa que nos abriga, pelos funcionários que preparam o alimento, pela direção desta casa que nos acolhe... Agradecidos, nós dizemos: ‘Pai Nosso que estais no céu...’ ( neste momento todos os presentes acompanharam-na em voz alta, na prece do Pai Nosso). E do fundo do nosso coração nós dizemos: “Muito obrigado!”...*

Quando abriram os olhos, ‘Soviético’ bradou em voz alta:

- *“Melhor que isso, só um repique! É fazer tudo outra vez!...”*

E dirigindo-se aos colegas de classe, perguntou-lhes:

- *“Onde é que a gente já ouviu palavras como essas, faladas pra nós, população de rua? É por isso que eu digo: melhor que isso é ter tudo isso outra vez!...”*

Ao término da aula, Soviético, Athos e Cara Queimada acompanharam-nos - a mim, Dona Sílvia e Dona Lucinha - até ao ponto do ônibus. Durante todo o trajeto, Soviético conversou e ia ‘mexendo’ com cada morador de rua que encontrávamos (naquela região há

*18 – Aula aos moradores de rua*



- “... ‘E.’ (Soviético, morador de rua) dirigiu-se à sala de aula no momento em que dona Sílvia, como era seu hábito fazê-lo a cada final de aula, estava iniciando com os alunos uma técnica de ‘relaxamento’, seguida de uma oração...”

- “... dona Sílvia começou a falar, em pé e de olhos fechados, à frente da classe...”  
(dona Sílvia em pé e dona Lucinha sentada à direita, com vestimenta marrom. De costas, os moradores de rua)

grande concentração desse segmento de população). Por vezes postava-me atrás do grupo e tirava-lhes fotos (fotos 19, 20).

Quando chegamos ao ponto de ônibus, abri a bolsa para pegar o dinheiro para pagar a passagem, esquecendo-a aberta. Após alguns instantes, em que estava entretida despedindo-me do grupo, Soviético aproximou-se e fechou a minha bolsa, sem fazer nenhum comentário. O ônibus chegou, em seguida, e fomos embora.

## **2.2. Athos, o morador de rua**

Conheci Athos – conforme já o relatamos – quando de nossa visita à maloca no Sábado, 8 de maio de 1999.

Além do seu ‘corpo nômade’ cheio de cicatrizes – marcas de uma vida de violências e sofrimentos – seu ‘jeito de olhar’ e de ‘chegar’ chamaram-me a atenção: apesar da sua idade – 30 anos – o jeito do menino desarmado, confiante, pronto para ouvir ou conversar, pronto para rir ou chorar, permanecia nele; e foi assim que aproximou-se de mim. Imediata empatia estabeleceu-se entre nós, empatia que perdurou por todas as outras vezes em que nos encontramos.

Foi nesse clima de confiança mútua que me concedeu essa segunda entrevista, em 11 de maio de 1999, na aula de alfabetização para moradores de rua, ministrada por Dona Sílvia e Dona Lucinha, da qual destacarei alguns segmentos.

### **2.2.1. Segmentos de discurso**

#### **2.2.1.1. Quem é Athos: a origem...**

Começou sua fala enaltecendo a criação que teve, lá no Nordeste<sup>44</sup>, onde nasceu:

- “É... meu nome é Athos e minha infância, foi uma infância boa. Não conheci nem meu pai nem minha mãe mas fui criado por um padrasto, madrasta, que me criaram muito bem, umas pessoas muito legal pra mim... Então eu comecei a beber, dar desgosto a eles e chegou um tempo que eu tive que vir pra São Paulo.”

[20<sup>a</sup>] Deixou ‘pistas’, no entanto, a respeito do ambiente em que vivera, inadequado para uma criança:

<sup>44</sup> “Nordeste”: referimo-nos ao seu local de nascimento de maneira genérica, omitindo o Estado brasileiro ou cidade de origem, para melhor preservarmos o sigilo de sua identidade.

*19 – No ponto de ônibus (1)*



*- “Ao término da aula, Soviético, Athos e Cara Queimada nos acompanharam – a mim, dona Silvia e dona Lucinha – até ao ponto do ônibus..”*

*(Na foto acima, dona Silvia, com colete azul, chega à esquina com Athos à esquerda e Soviético à direita; na foto abaixo, da esquerda à direita vemos um transeunte, Athos, dona Silvia, Soviético e dona Lucinha com vestimenta marrom. De costas, com blusão branco, o morador de rua Cara Queimada)*

*20 – No ponto de ônibus (2)*



*Na foto acima, da esquerda para a direita, os moradores de rua: Athos, Soviético e Cara Queimada.*

*Na foto abaixo, da esquerda para a direita: Athos, dona Sílvia, Cara Queimada, dona Lucinha e Soviético.*

- *“Eu não fui criado assim...em um colégio, né?... O meu pai tinha bar, uma casa de jogo e eu ficava ajudando ele no bar, na casa de jogo... e ali eu fui crescendo, tudo...”*

Lá mesmo arrumou uma esposa: *“que ficou morando comigo dentro de casa e eles eram muito bom pra mim”*... O padrasto, em seguida, morreu atropelado, ficando ele e a madrasta e é quando *“aconteceu uns problema lá, eu comecei a beber, a dar desgosto pra eles, e eu entendi de vim aqui pra São Paulo”*...

Em São Paulo trabalhou de servente, faxineiro, porteiro. Relatou que de vez em quando *“bebia uma cervejinha controladamente”* assumindo, no entanto, *“meus compromisso certinho... nunca deixei faltar nada em casa, minha esposa era uma boa esposa...”*

Ficou quatro anos casado, sem filhos, até que começou novamente a *“beber”*...

### **2.2.1.2. Rolando para as ‘sarjetas’: morador de rua**

Com o vício do álcool, os desgostos, o desgaste da relação, a separação... E ele prosseguiu:

- *“Aí eu fui morar em uma pensão na Vila ..., dessa pensão arrumei um outro serviço, fiquei trabalhando... Depois eu perdi o serviço e caí na depressão e comecei a beber. Bebendo muito... já saí da pensão... fiquei na rua... e foi onde foram acontecendo os problemas. Só nunca usei droga mas, bebida, continuamente e exagerado eu bebia...”*

### **2.2.1.3. O crime como ‘ato natural’ na “guerra” das ruas de São Paulo**

Com a mesma naturalidade com que falara da *vida boa* que tivera na infância, da depressão e do vício, Athos descreveu os momentos em que matara duas pessoas, moradores de rua como ele:

[20<sup>b</sup>] - *“Então começaram a acontecer várias brigas, na maloca da Rua ... – onde eu estava – foi onde eu matei uma pessoa lá, depois fui pra maloca da Rua..., matei outra pessoa lá mas, até aí, eu não fui preso. Nem a polícia sabia do meu nome e nem nada... Então sai de lá e vim ficar aqui na Rua... Dessa rua vim aqui pra rua M.. e fiquei junto com esse pessoal, me dei bem ali, e tudo...”*

Após esse relato feito na primeira parte da entrevista – onde o discurso do sujeito é feito de forma espontânea, sem direcionamentos do pesquisador – Athos aceitou

responder a algumas perguntas complementares. Quando lhe perguntei como era o modo de vida na rua, na primeira maloca em que morou, respondeu:

- *“Do mesmo jeito que a senhora vê ali onde a senhora vai, onde tá nós... na maloca... A gente ficava nuns vinte, trinta... dez ali, cinco ali... dez ali...”*

*A vida lá era mais briga. Aquelas briga!... às vezes não entre nós mas pessoas que vinham de fora pra beber lá com nós e queriam bagunçar e então foi o que aconteceu o que eu falei, né?*

Respondendo-me sobre o significado de ‘bagunçar’, continuou:

- *“Bagunçar é a pessoa chegar, pede prá tomá uma pinga e, quando vai depois, quer brigar com nós e nós num vai aceitar porque tamos tudo no mesmo sofrimento... E é onde um pega numa faca, outro num cano de ferro... e já vai e acontece uma morte... tipo de coisa que depois a gente vem ver e se arrepende...”*

Apesar dele estar me contando estes fatos com a naturalidade de quem expressava seu ‘modo de vida’ – e estes aspectos extremos de violência fazerem parte desse mundo, o mundo da rua – era eu agora quem estava pouco à vontade para continuar no processo de recolher a sua fala. Desejava perguntar-lhe a respeito do crime cometido, saber detalhes, porém, percebia a tarefa tornar-se difícil para mim: tirar a vida de um ser humano certamente não fazia parte do meu cotidiano de *cidadã ‘incluída’ do ‘mundo sedentário’*, participante da lógica da lei e da ordem que regem uma cidade minimamente organizada. Minha fala saiu titubeante, reticente...

- *“E foi aí que aconteceu a ... briga... em que você matou uma pessoa...”*

Ele, empático, talvez captando minha angústia, respondeu também reticente, titubeante:

- *“É...”*

Recompondo-me, percebendo sua disposição em continuar o diálogo, perguntei-lhe:

- *“Ele era morador de rua?”*

Recompondo-se, também, no ‘jogo’<sup>45</sup> inter-relacional do ‘encontro’ entre nós dois, mergulhado no estado de confiança recíproca que nos envolvia, Athos iniciou o relato dos detalhes dos fatos que culminaram na morte de duas pessoas:

- *“Um era morador de rua e até travesti, entendeu? Ele chegou pra beber e depois começou a vir com gracinha pro meu lado, eu não gostei, e meti a faca nele, dei quatro facada nele e matei ele... Aí depois eu fui pra Rua... (morar em nova maloca), aí foi*

<sup>45</sup> ‘Jogo’: Estamos utilizando a palavra ‘jogo’ para falar da inter-relação no ‘encontro’, no sentido evocado pelo movimento de ‘dança’ – *dançar juntos* – em que aos passos dados por um dos dançarinos correspondem passos do outro; aos movimentos feitos pela pesquisadora, correspondiam movimentos de Athos, e vice-versa.

*passando uns rapazes. Ai um parou – era de noite e tava eu e uma pessoa que eu gostava e pediu pra tomar uma pinga. Ele tomou a pinga dele. Ai os dois que tava com ele falou: “Vamo embora, você não conhece ninguém aí, vamo embora!...” E ele falou: “Eu não vou!” Ai o rapaz que tava comigo falou: “Você vai! Você não vai beber mais aqui, não!” Ai ele não quis sair e eu dei uma pancada nele e ele caiu. Ai quando ele caiu eu dei uma facada nele e matei ele.”*

Lutando comigo para que a narrativa que acabara de ouvir não me desestabilizasse novamente, procurando afastar interpretações apressadas, continuei a perguntar:

- *“Então você andava com faca?”*

A questão da ‘faca’ entre os moradores de rua chamara-me a atenção desde 1993, quando começara a estudar tal modo de vida. Utensílio ‘doméstico’ nas cozinhas ao ‘ar livre’, instrumento de defesa e ataque nos confrontos de vida ou morte, fazia parte do cotidiano dos habitantes da ‘selva urbana’ paulistana, que agiam enlouquecidos ou desesperados, impotentes tornados violentos, sob o influxo dos vapores do álcool, do crack ou outras drogas.

Athos respondeu-me que antigamente *“andava com faca”* porém, que ali, naquele momento, não andava mais:

- *“Lá tem (faca) mas eu não ando. Eu ando desarmado. Lá (maloca) tem porque... outras pessoas que tem lá usa mas eu não... Nem eu ando, nem o Soviético anda... eu e ele não anda...”*

- *“Por que você não usa mais faca?”*, perguntei-lhe.

- *“Eu não uso mais porque... pra não acontecer o que aconteceu porque hoje em dia eu penso que não valeu a pena o que eu fiz... foi num momento assim de ignorância, num momento em que eu não parei pra pensar. Então eu me arrependo até hoje do que fiz. Então eu nunca mais eu boto... Inclusive, lá, às vezes tem uma confusão, eu já saio de perto, vou lá pro outro lado... e num quero mais me envolver em negócio de confusão porque esse tempo em que fiquei na rua eu consegui muitos inimigos. Às vezes eu vou dormir, eu não durmo. Eu fico a noite toda acordado. Qualquer hora que chega um eu estou acordado. Eu só durmo de dia, com medo de chegar uma pessoa com uma pedra, com metanol e jogar em mim... que eu vi muitas pessoas morrer... camarada meu... assim: dormindo bêbado e a pessoa chegar com metanol, jogar, tocar fogo nele e ninguém vê... Quando a gente acordava ele tava morto e todo queimado... Acontece muito isso na rua...”*

- *“E quem é que põe fogo, assim?”*, indago-lhe.

- *“Os próprio da rua mesmo. Compra gasolina, metanol, chega e joga... Que uma vez um cara ia até jogando em mim aqui na Avenida... Eu tava dormindo no gramado e um cara chegou com um litro de metanol... Ai foi passando um camarada meu e viu quando ele ia jogar... Ai já foi, tomou o metanol dele, já bateu nele e botou ele pra correr... Ai o colega foi e me chamou e falou pra mim. Ai desse dia pra cá, de noite eu não durmo.”*

#### 2.2.1.4. A ‘morte’ na ‘guerra da selva urbana’

O significado do ‘matar’ para Athos – frente às mortes que cometera – intrigava-me.

Ao falar livremente *“de sua vida”*, os segmentos em que mencionava seus crimes de morte, o fato de não ter sido preso por esses acontecimentos e sua prisão posterior por um ato que não cometera chamaram-me a atenção:

- *“Depois eu perdi o serviço e caí na depressão e comecei a beber. Bebendo muito... já saí da pensão... fiquei na rua... e foi onde foram acontecendo os problemas. Só nunca usei droga mas, bebida, continuamente e exagerado eu bebia. Então começaram a acontecer várias brigas, na maloca da Rua ... – onde eu estava – foi onde eu matei uma pessoa lá, depois fui pra maloca da Rua..., matei outra pessoa lá mas, até aí, eu não fui preso. Nem a polícia sabia do meu nome e nem nada...”*

- *“Depois aconteceu um problema, que eu fui preso injustamente, e fiquei um ano e dois meses e fui pra Cadeia de... Eu fugi de lá e não voltei mais. Inclusive, eu ainda estou devendo três anos pra justiça...”*

Seu ato de matar duas pessoas fora *‘naturalizado’* na *‘guerra das ruas’*: fazia parte *natural* desse modo de vida em que adentrara – alcoolismo, depressão, perda do emprego, *morar na rua* – com todas as suas implicações de abandono, violência e exclusão.

A frase: - *“Depois aconteceu um problema, que eu fui preso injustamente...”* – causara-me surpresa. O fato de ter sido preso por *‘crime que não cometera’* – fora outro que fizera o roubo e ele levara a culpa – não o fazia associar a sua *‘dívida’* pessoal de morte com a sua *‘dívida com a justiça’*. Percebi que eu estava raciocinando – ao ficar surpresa – com a lógica de quem estava *de fora* do mundo em que ele estava vivendo.

Atribuía e agradecia a ‘Deus’ o fato de manter-se vivo na rua, de quem não se afastou, o que foi denunciado na frase:

- *“Cada dia que amanhece e anoitece na rua a gente tem que agradecer muito a Deus porque não tem futuro essa vida... É só bebida, frio, briga, está arriscado a morrer de uma hora pra outra...”*

### 2.2.1.5. “Dona Ruth Cardoso, que está em Brasília...”

Athos, firme em seu desejo de ‘pagar os seus três anos que estava devendo para a justiça’, pensava em apelar para a mulher do Presidente do Brasil:

- “.... então, inclusive, eu até pensei em escrever umas cartas, mandar bater numa máquina... escrever pra Dona Ruth Cardoso que está em Brasília porque... eu vi muitas pessoas que estava preso e escrever pra ela e ela de lá já falar com o juiz e tudo e a pessoa sair sem dever nada...”

E completou, titubeante, fracassando na tentativa de explicação do absurdo em que estava vivendo:

- “É uma vida que a gente está mas... muitos tá porque... sei lá... não dá nem pra explicar... Eu tô porque não que eu queira...”

[21] Com o olhar do menino ingênuo que olha para o futuro, terminou seu discurso com projetos e esperança:

- “Então eu tô com muita esperança de me levantar de novo que nem eu vivia... assim que cheguei aqui em São Paulo. Arrumar meu serviço, trabalhar e começar também a fazer o que estão fazendo comigo. As pessoas que vem dar agasalho, traz comida com o maior carinho, com aquele amor, aquela dedicação... Eu pretendo melhorar de vida e fazer esse mesmo tipo de trabalho com toda a dedicação, também porque eu sei o que eu estou passando e jamais... Amanhã ou depois, quando eu tiver um cantinho, eu tiver onde morar, tiver meu trabalho e não tiver problema nenhum com a justiça, eu vou entender também. Não vou incriminar ninguém, nem nada... Eu vou entender tudo o que eu passei, vou procurar ajudar também a pessoa que tá na situação que eu tô vivendo.

É por aqui o que eu tinha que falar... e falei...”

Athos continuou suas estratégias de sobrevivência’ na ‘guerra’ das ruas de São Paulo, durante todo o ano seguinte a esse nosso encontro. Sempre por perto de Soviético, ou em contatos esporádicos com Dona Sílvia e odna Lucinha, ia providenciando aqui e ali a continuação a sua vida.

### 2.2.2. Sílvia e Athos: encontro

Em 15 de maio de 2000, Dona Sílvia relatou-me o encontro que tivera com Athos, em uma rua de São Paulo. Colocaremos esse relato na íntegra com o objetivo não só

de conhecer alguns detalhes sobre a vida de Athos como, também, de conhecer Dona Sílvia, sua atuação no que temos denominado de ‘processo de encontro transformador’.

Conversando comigo, Dona Sílvia relatou:

- *“Quando eu vou indo pra pegar o ônibus na Av... (Avenida no centro de São Paulo) – tem um supermercado ali – de repente eu vejo passando três homens que são de rua e um deles eu reconheci, é aluno meu e de Dona Lucinha, lá das aulas que damos pros moradores de rua. Eu falei: “José!” Ele não tinha me visto e ficou feliz da vida quando me viu... daí, de repente, quando eu olho, o outro vem assim: “Dona Sílvia!” e já veio, me abraçou, me beijou... sabe quem? O Athos!*

[21\*] *“Eu atrás da senhora, Dona Sílvia! Querendo conversar!...” falou-me ele. Daí ele contou pro ‘José: “Zé, a Dona Sílvia, eu tava tão triste, lá à noite, eu tava lá no Supermercado, eu tava chorando, e ela me deu cinco reais, me mandou eu ir jantar, e daí eu fui, jantei, sobrou um e pouco, eu comprei um refrigerante e daí é que eu fui dormir... Aquela noite eu dormi bem...”*

*E daí eu falei: “Como é que tá a namorada, que você tava chorando tanto por ela...” e ele falou: “Não, nem lembro mais dela! Mas o que eu queria conversar mesmo com a senhora, é se a senhora podia dar uma força, Dona Sílvia, eu quero sair da rua!”*

*Aí eu perguntei: “Que força é essa, o que você tá querendo?” E ele: “Eu queria comprar uma caixa de isopor, dessas caixas de pôr refrigerantes, pra eu poder vender os refrigerantes...” Eu falei: “E onde é que compra isso? No supermercado tem?” E ele: “No supermercado tem, mas é mais caro! Na 25 de Março é baratinho! A gente compra lá, é bem barato. E as latinhas de refrigerantes é uns quarenta e nove centavos e vende-se por um real.”*

*Aí eu falei: “Tudo bem, Athos, vamos fazer o seguinte: amanhã eu estou lá na casa religiosa. Ou amanhã ou quarta-feira, você vai até lá e nós conversamos melhor sobre isso. Está certo? Vamos fazer isso?”*

*E ele falou que estava certo, que então ele vai lá, pra conversar. Agora eu, vou conversar com ele amanhã, sabe, Magali, porque, sinceramente, este mês eu não posso fazer mais nada! Esse mês não dá! Eu vou falar pra ele: “Olha, Athos, mês que vem, você espera agora o outro mês, se eu tiver dinheiro, tudo bem! Até a gente pode ver. Você dá um jeito de dizer onde você estará, pra gente te localizar...” Agora, não sei como é que a gente faz, também, se a gente compra a caixa de isopor lá na 25 ou compra no supermercado. Eu nem sei, né, Magali! Isso daí eu vou ver, eu vou falar com ele... Esse mês não dá não...*

*E ainda ele falou: “Dona Sílvia, e a Magali? Fala pra mim, como é que ela tá?” E eu falei: “Tá ótima, tá tudo bem, Athos.” E ele falou: “Ah! que saudade! Fala que eu*

*mando lembrança pra ela!” Ele é ótimo, o Athos! Tava limpinho!... Não tava sujo, não. Nem tava bêbado!*

- *“E onde que ele anda, agora?”, perguntei-lhe.*

- *“Eu não perguntei porque eu tava com pressa! Não fiquei esticando muito a conversa, nada! E amanhã é que eu vou conversar com ele, ele indo lá na aula... E ele vai! Ele vai!...”*

### **2.2.3. “Com a faca na cintura, outra vez...”**

No dia seguinte, 16 de maio de 2000, Dona Sílvia encontrou-se com Athos na aula de alfabetização. Naquele dia houve uma palestra com uma psicopedagoga que falou aos moradores de rua sobre os “direitos e deveres do cidadão” (ao ouvir isso não pude furtar-me à pergunta, ainda que feita silenciosamente: “*Que cidadão?*”). Após a palestra, começou a aula, e Athos lá estava. Dona Sílvia relatou o encontro:

[21<sup>b</sup>]- *“O Athos, como havia prometido ontem à noite, quando eu encontrei com ele, ele foi à Casa..., ele tava lá! Ele me chamou do lado, para conversar e, chorando, pediu pra mim que ajudasse, que desse uma ajuda porque ele quer sair dessa vida, que ele não agüenta mais! E daí chorando, levantou a camisa – mostrando – e falou: “Dona Sílvia! A senhora acha que isso é vida? Olha!” E me mostrou a “peixeira” (faca grande) que estava na sua cintura. E falou: “O medo! E a senhora acha que isso é vida? Eu quero sair dessa vida! Eu quero ver se com esse carrinho, vendendo refrigerante, eu posso ter o dinheiro pra alugar um quartinho pra eu morar, pra eu poder dormir sossegado! Porque isso não é vida! Eu tenho medo de ficar na rua! Eu sou malvisto! E pelo amor de Deus, a senhora me dê uma ajuda!” E foi aí que eu falei pra ele que por esses dias agora nós não iríamos poder comprar, mas que ele esperasse que antes do final do mês eu iria com ele lá no local, que ele fosse vendo o preço, tudo direitinho, que nós íamos até o local e comprávamos o isopor, o carrinho e os refrigerantes pra ele começar a trabalhar. E depois então, pra repor o que ele vendesse, ele que ia fazer isso daí. Ih! Ele ficou feliz, agradeceu e tudo! E foi embora. E falou que todos os dias ia vir na Casa... para poder até o dia em que eu falar: “Vamos, nós vamos lá...” Então ficou decidido assim.*

*Estava com ele um companheiro dele, um morador de rua que se chama Sérgio, que devia ter uns cinqüenta anos, mas que aparenta muito mais do que isso, coitadinho, por causa do trato, do maltrato da rua, mas bem arrumadinho que ele estava, com uma blusa bonita, e ele falou assim pra mim: “Dona Sílvia, se eu falar o seu nome aí na rua, tudo mundo... a senhora é muito conhecida aí na rua, viu? Tudo mundo que a gente fala – “a*

*Dona Sílvia*” – conhece a Dona Sílvia. Fala da Dona Sílvia da Casa..., e todo mundo conhece!” E eu falei: “Puxa, eu tô assim então, Sérgio?” e ele falou: “Tá! A senhora é muito conhecida! A senhora é nossa mãe!” E eu: “Xii! Agora eu já sou mãe!”... E ele dava uma risadinha. Eu falei: “Ó, mãe é aquela ali, ó...” E mostrei a Dona Lucinha pra ele. E daí ele falou assim: “É... Também... Ela é muito boa mesmo! Eu soube, sim, que ela é muito boa!” Daí eu falei: “Aquela é mãe! Eu não!” e ele retrucou: “Mas a senhora também é! A senhora é mãe!” E eu: “Ih! Então tá bom!”

#### **2.2.4. O desaparecimento do ‘guerreiro’**

Após essa conversa, Athos desapareceu, não foi mais visto pelas ruas, nos lugares onde normalmente andava. Dona Sílvia andou procurando por ele, queria dar seguimento ao projeto dos dois. Não o encontrou...

Dizem uns – seus antigos companheiros de rua – que ele morreu... o fato é que não se teve mais notícia dele, até o momento em que escrevo este segmento do trabalho, em janeiro de 2002.

Quanto a Dona Sílvia – qual ‘mãe’ alimentada pela esperança – continuou aguardando...

Dona Sílvia era (é) considerada – espontaneamente – como ‘mãe’ dos moradores de rua com os quais atua. As características dessa relação dela com eles e deles com ela são analisadas neste trabalho: consideramo-las importantes para a compreensão do processo de ‘encontro transformador’. Vejamos, a seguir, o relato de um desses ‘momentos de encontro transformador’, acontecido em 16 de maio de 2000.

#### **2.2.5. “Ela é mãe”...**

[22] Vários moradores de rua acomodavam-se, sentados em cadeiras ou no chão, assistindo à palestra da psicopedagoga, na Casa ...

Entre eles estavam Athos, José e Sérgio, todos colegas de maloca, sentados no chão. Dona Sílvia não os via, pois estava acomodada no outro lado da sala, com outros moradores de rua a sua frente.

José deu um aparte após uma pergunta feita pela palestrante, e Dona Sílvia perguntou:

- “Quem é que está falando?... É você, José, que está falando? Eu não estou te vendo mas, é você, José, quem está falando?”

Ele levantou e confirmou à Dona Sílvia. Todos deram risadas. E ela lhe falou:

- “*Eu não estava te vendo mas a sua voz eu conheço!*”

E o companheiro deles retrucou:

- “*Está vendo? Ela é mãe!*”...

### ***2.2.6. Fragmentos de conversas e outras notícias:***

#### ***- do morar na rua, crimes, prisões...***

Apresentaremos, a seguir, alguns excertos das entrevistas feitas com Soviético e Athos, em que são abordados mais alguns aspectos do cotidiano do morar na rua, detalhes sobre crimes e o ‘mundo do crime’ vividos por eles, assim como aspectos que envolvem a vida nas prisões de São Paulo e o relacionamento deles com a polícia. Nosso objetivo é melhor caracterizar o ‘entorno’ – a ‘circunstância’ – onde vivem esses sujeitos de observação. ORTEGA Y GASSET referindo-se ao ser humano que se constitui no mundo, trabalha com a idéia de ‘circunstância’: um entorno ou ‘contorno’, um *envoltório onde o ser humano se encontra ao se encontrar vivendo*. Essa ‘circunstância’ – presença em torno – é algo externo, de estranho ao homem, mas não irreal, ou seja: cada ser humano existiria em determinado ponto do tempo e do espaço, num preciso ponto geográfico, histórico, social e cultural. Afirma que esse ‘horizonte vital’ ser-nos-ia mais ou menos hostil, mais ou menos favorável mas, queiramos ou não, temos de contar com ele, pois a “*vida é essencialmente um diálogo com o contorno... viver é conviver, e o outro que conosco convive é o mundo que nos rodeia.*” (ORTEGA Y GASSET, 1989)

Abordando o processo de interação entre o psíquico e o social, Sueli DAMERGIAN (1988) explicita que a natureza humana não seria “algo pronto ou acabado que se imporia ao meio desde o início ou mesmo o resultado da imposição do meio sobre ela, como se pudesse ser reduzida a um vazio que o meio preenche.” Afirma que os processos de interação entre o psíquico e o social possibilitam o desenvolvimento da natureza humana. Apoia-se em Sartre para dizer que a existência realiza a essência, a possibilidade de ser humano. Segundo essa autora, nada apareceria pronto, acabado: é na *interação* (grifo nosso) que a subjetividade se constrói e que o existir humano adquire significação. (DAMERGIAN, 1988)

### 2.2.7. O anfitrião da maloca

Quando conheceu Soviético, Athos perambulava pelas ruas do centro de São Paulo. Seu relato a respeito do encontro entre os dois denuncia o perfil acolhedor de Soviético, o mesmo que pudemos acompanhar ao longo de nossa pesquisa:

- *“Eu conheci o Soviético... e ele falou: “Ó, quando quiser aparecer por lá...” Aí chegou um certo dia que eu passei por lá e vi que era uma pessoa legal, e vi que não era muita bagunça e fiquei lá diretamente.”*

Soviético gostava de comer ‘comida bem feita’, segundo ele, “digna de um ser humano”. Por várias vezes seus relatos incluíam críticas às comidas servidas nos albergues e também minuciosas descrições da preparação de alimentos que ele e seus companheiros faziam na prisão:

- *“Eu acho que os albergues tem a capacidade de fazer uma comida digna para um ser humano que tá na rua, que só come uma vez por dia... Um arroz e feijão, uma salada bem boa, uma comida bem temperada... Não cê pegá um cozinheiro, um cara que não quer fazer nada, jogar uma comida lá na panela – só alho, óleo e vupt – fazer uma comida sem vontade, sem dignidade, sem ele falar: “Pô, vou fazer esse cara comer que ele vai ficar bem forte, vai ficar sadio!...” Mas uma comida que cê come e daqui cinco minuto tá com fome!... Não vale a pena!... Uma sopa que cê come e que é grudenta, que cê taca na parede e ela gruda! Cê pega aquela sopa e cola um papel com outro... Isso aí é que o cara faz uma comida sem vontade!... sem querer ajudar o ser humano... Não vale a pena!... Eu nem vou nesses lugar!*

- *“Na Penitenciária é o seguinte: a gente faz a comida... é a mesma coisa dos albergues a comida lá... lá é muita gente. Então a gente pega a comida, lava ela... ela vem cozida, mas a gente lava ela tudo de novo, escolhe tudo de novo, arruma alho, arruma cebola, nós faz ela tudo de novo... faz do nosso jeito, cê tá entendendo? Nós lava tudo!*

*‘Páááá’... (som onomatopaico, indicando o gesto de lavar a comida)... água!... separa!... aí maceta o feijão... põe um pouquinho de farinha!... pega batata que vem cozida e lava tudo de novo!... põe sal e faz tudo de novo! Não come aquela comida! Bem poucos que come!... De manhã cedo, um sai atrás de um alho, outro sai atrás de uma cebola... Aí outro pula lá em cima e fala: “Ô maluco! Tenho uma fita boa, vamo nessa!” Aí ganha um dinheirinho, ganha a droga também, e aí esconde a droga e combina: “Vamo arrumá o óleo, falta tudo!” A gente primeiro arruma tudo de comer, deixa tudo guardado! Aí o resto é só droga!*

*Aí de noite é... pá... vem a comida! É aqueles panelão grandão, cada carçoço duro assim, ó... A gente tem que macetar, mói tudo, e fica escolhendo o que serve e o que não serve... Feijão, mesma coisa! Vem a carne, aqueles pedaço de carne, só nervo!... carnão!... é horrível! Barata... vem tudo... vem até rato no meio! A gente separa... tem que comer, senão morre de fome! Separa, lava tudo de novo, às vezes lava até na água quente! Aí faz tudo de novo. Só que demora! Mas sai uma comida que a gente come satisfeito!”*

Quando lhe perguntei onde faziam isso, respondeu:

*– “Na Detenção! Cada barraco tem seu fogão... Barraco é a cela! É muita cela! É individual e coletiva. Cada cela tem seu fogãozinho pequenininho. Cada cela tem seu fogão. O cara faz sua comida, seu café... Quando não tem, o vizinho vem pedir um prato de comida: “Ô maluco, eu não vou fazer comida hoje, você me dá um prato aí de comida?” e a gente: “Ôpa, pode mandar buscar tal hora!...” aí ele não mandou buscar e a gente fala: “Ô, faz favor!... ô da faxina, faz favor leva esse prato ali pro 411 ali, ó... faz favor, leva esse prato lá pra nós...” Aí o cara leva o prato, daqui a pouco vem uma droga, vem uma faca e etc... etc..”*

Na ‘casa ao ar livre’ os moradores procuravam reproduzir a rotina “do morar”, num arremedo dos ‘passos’ do cotidiano de cidadãos brasileiros não excluídos:

*- “A gente fazia uma comida lá... pede um dia no farol... trabalha com a carroça... Porque a gente tem a carroça lá, né? Então a gente trabalha com a carroça e aí compra o macarrão, o feijão... quando dá pra comprar um frango, uma carnezinha, ou compra ovos, faz uma omelete... Cozinha lá mesmo na praça... A gente pega água nuns estabelecimentos que tem ali perto e ali mesmo nós faz a comida. De manhã nós faz o café...”*

Quando lhe perguntei sobre o ‘banheiro’, onde eles faziam suas necessidades fisiológicas, Athos comentou:

*– “Ali mesmo, embaixo, assim, onde tem aqueles pé de árvore; lá perto da Rua... É ali mesmo, porque se for num bar eles não deixam. Só se a pessoa tiver um dinheiro pra gastar e depois pedir pra usar o banheiro.”*

Sobre o ‘banho’, informou:

*- “O banho a gente... só quando a gente sai de noite a gente pega papelão e leva no depósito. Aí, quem leva alguma mercadoria lá pra vender pode tomar um banho... Hoje mesmo a gente não foi porque não arrumemos nada de noite, nem papelão, nem alumínio nem nada... e nós ficamos lá, né?... Porque a gente... nem em casa a pessoa pode ficar sem tomar banho, quem dirá na rua? Porque apesar da gente tá na rua tem que andar pelo menos com uma roupinha limpa, tá um pouco arrumado..”*

*Porque a gente entra num mercado, o segurança entra atrás... porque vê a gente sujo e pensa que a gente vai roubar alguma coisa... A polícia principalmente, quando chega, chega batendo, na maior ignorância... não pega ninguém com roubo, nem com nada... Que nem, quando eu fui preso, não me pegaram com nada. O próprio policial falou lá, pra juíza: "Eu num peguei o rapaz com nada! Só que a vítima tava acusando ele!" Mas a vítima me confundiu com outra pessoa! Ele não me pegou com nada e a juíza me condenou a quatro anos..."*

### **3. CONVERSANDO ATRAVÉS DE DESENHOS**

[22<sup>a</sup>] Atuando como professora junto aos moradores de rua no trabalho social de uma paróquia de São Paulo, Sílvia iniciou o processo de alfabetização de Soviético que, no entanto, não conseguia “aprender”: não conseguia avançar além dos exercícios de “coordenação motora”, das atividades iniciais do processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Certo dia, espontaneamente, ele desenhou um “coração flechado” no caderno. Ela lhe pediu que apagasse o desenho, pois queria o caderno reservado só para a escrita das letras e sílabas que estava lhe ensinando. Sem reclamar, ele o fez.

No mesmo dia Dona Sílvia relatou-nos o acontecido.

Refletimos com ela a respeito da possibilidade do morador de rua estar querendo expressar algo de si-mesmo através de outra forma que não a escrita. Por que não permitir-lhe desenhar? – lhe colocamos.

Compreendendo imediatamente nossa ponderação, considerou que fora insensível, que pensara mais no “caderno impecável” do que no aluno como um ser humano desejoso de comunicar-se. Ficou desolada, ansiosa para que chegasse a aula do dia seguinte e pudesse retratar-se, pedir-lhe que desenhasse o que quisesse, o quanto quisesse. E foi o que fez, falando-lhe, inclusive, que sentira que fora “insensível” e que sentia muito por isto.

Soviético iniciou, então, confiante, seu processo de desenhar. Fazia-o rapidamente, conversando com as imagens, sem impor censuras ao traço ou à qualidade do que surgia sobre o papel. Com o passar do tempo, cada vez mais o traço se soltava, as formas cresciam, aumentavam os tamanhos, havendo a necessidade de fornecer-lhe folhas maiores, o que ela fez.

Depois, vieram as cores. Com lápis-aquarela coloridos entregues pela professora, realizava os desenhos, cuja cores, por vezes, ele “esfumava” com um pincel umedecido em água.

A cada desenho terminado, ele explicava, comentava as cenas, comentários que ela escrevia cuidadosamente atrás do papel desenhado ou em folhas de almaço que eram anexadas ao trabalho. Dizendo o título da obra, Soviético pedia-lhe que o escrevesse no caderno, para que ele pudesse copiar acima das pinturas.

Por vários meses, desenrolou-se o intenso processo de produção artística do rapaz que, a cada aula, expressava suas emoções, traumas, sonhos, desejos. O mundo do morar na rua, da vida na penitenciária, das transgressões, das drogas, foi gradativamente sendo recolhido – através de seus desenhos e seus comentários – pela professora e por nós, como pesquisadora, que tínhamos acesso a ambos os sujeitos de observação.

Não era só isso, no entanto, que recolhíamos. Entre ambos desenhavam-se os contornos de um processo de interação que possuía características diferenciadas. O morador de rua sinalizava um processo de transformação...

Junto a Dona Sílvia, durante as referidas aulas, Soviético produziu uma série de desenhos, de 11 de agosto de 1998 a 12 de abril de 2000.

A produção mais intensa concentrou-se no ano de 1998 – quando ele iniciou esse ‘modo de conversar’, extravasando seus conteúdos psico-emocionais – sempre em presença de Dona Sílvia que escrevia, como dissemos, o que ele lhe ‘ditava’ a respeito do significado dos desenhos. Sem registrar seus *erros de linguagem*, ela preservava na escrita os pensamentos, palavras e construções de frases do morador de rua.

A partir de abril de 2000 Soviético deixou gradativamente de freqüentar a escola cessando, portanto, nesse período, sua produção artística. Nessa época, sua mulher, portadora do HIV/AIDS – mãe de sua filha – adoeceu gravemente e Soviético deixou a maloca para cuidar dela e da filha. Alugou um quartinho num casarão invadido e ali começou nova fase em sua vida, alternando os cuidados com a doente, com os serviços domésticos – lavar, passar, cozinhar – e levando a filha à escola. Dona Sílvia e Dona Lucinha alternavam-se em providências de auxílio à família fragilizada, fazendo compras de alimentos, remédios... Após alguns meses de intenso sofrimento, sua mulher morreu ao seu lado, num hospital da rede pública de saúde da cidade de São Paulo. Ele passou a noite toda com o cadáver, aguardando o dia seguinte para anunciar a morte e providenciar o sepultamento.

Por várias noites seguidas foi dormir no cemitério, ao lado do túmulo da companheira. Pediu a Dona Lucinha que encomendasse a ‘*missa de sétimo dia*’, à qual compareceram todos seus companheiros de rua e familiares.

Após alguns meses, a filha foi retirada de sua companhia pela irmã de sua companheira, que a levou a lugar ignorado. Soviético desesperou-se, revoltou-se, procurando

pela filha. Após mais essa perda ele voltou a morar na rua, em nova maloca, onde continuamos a acompanhar seus passos.

A riqueza, a força de expressão de Soviético através dos desenhos, nos permitiu recolher características de sua psique acontecendo no mundo: desde o começo – com a série em que expressa os desejos, lamentos, decepções, sonhos não vividos, a trajetória de crimes – até o final, com sua transformação gradativa que vai acontecendo em contato com a professora e os colegas..

### 3.1. “As emoções do lidar”

Na obra “*Psicogênese das doenças mentais*” JUNG (1990<sup>a</sup>) refere-se à importância das “medidas terapêuticas comuns” – entre as quais cita o ‘desenho’ – como meio de levar o “paciente” que atravessa complicações emocionais a poder representar sua situação psíquica. Em nota de rodapé observa que “*a pintura é ainda mais eficaz, na medida em que o sentimento se exprime através das cores*”

Evocamos Nise da Silveira para denominar o processo de Soviético expressando-se em contato com folhas de papel e lápis coloridos: “emoção de lidar” . Segundo essa autora, tal expressão “*sugere a emoção provocada pela manipulação dos materiais de trabalho, uma das condições essenciais para a eficácia do tratamento*” (SILVEIRA, 1992:22).

Os títulos dos desenhos – poéticos, com enorme poder de síntese – demonstravam a trajetória desse homem forjado na dor, na violência, no crime, na exclusão. Seus relatos, cuidadosamente registrados pela professora atenta, completavam o material sobre o qual nos debruçamos, transcrevendo-o e analisando-o.

Soviético, portanto, não somente ‘desenhava’ como também relatava espontaneamente suas impressões a respeito das imagens registradas, situação que poderíamos aproximar das afirmações de JUNG (1990<sup>b</sup>) a respeito de seu paciente (quando este paciente se referia a uma imagem ou visualização fugaz que se lhe apresentava):

“*Como ele mesmo diz [o paciente]: “Foi uma impressão da mais sublime harmonia”. Num caso como este não se trata, absolutamente, de saber qual é a nossa impressão ou que nós pensamos a respeito. Interessa unicamente saber o que o sujeito sente em tal situação. É sua [grifos do autor] experiência, e se ela exerce influência essencial sobre seu estado, qualquer argumentação em contrário não tem sentido*” (JUNG, 1990<sup>b</sup>:70).

Com Soviético, a professora amiga, atenta, *ponto de apoio* ao seu lado, era um dos elementos essenciais para o sucesso desse processo de livre expressão criadora.

Referindo-se ao trabalho que desenvolveu na “Casa das Palmeiras - experiência-piloto em psiquiatria”, Nise da SILVEIRA (1992:21) relata que faziam “*constante apelo às atividades que envolvam especialmente a função criadora mais ou menos adormecida dentro de todo indivíduo. A criatividade é o catalisador por excelência das aproximações dos opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções, pensamentos são levados a reconhecer-se, a associar-se*”. No atelier onde se desenvolviam as tarefas, o frequentador sentia-se livre, não se permitindo intervenções de qualquer espécie nem a presença importuna de curiosos. E completa:

*“Quanto mais grave a condição psicótica, maior será a necessidade que tem o indivíduo de encontrar um ponto de referência e apoio (grifo nosso). Esse apoio é dado principalmente pelo monitor, que permanece no atelier, discreto, numa atitude de interesse e simpatia”* (SILVEIRA, 1992:75).

### **3.2. O traço-arte: “qual desenho infantil...”**

O traço de Soviético, qual desenho infantil deixado sair sem pudor, entrega-se confiante em presença da professora-mãe – *ponto de apoio* – que o acolhe.

No processo de produção de ‘pinturas’ de seus pacientes, estimulados por ele a expressar dessa forma o que viam no sonho ou fantasia, Jung descreve que muitos deles objetavam não serem ‘pintores’. E mesmo quando já o fossem, as tentativas iniciais de fazê-lo tornavam-se “*desajeitadas como as de uma criança*” pois “*... a arte de pintar exterior é bem diferente do que pintar de dentro para fora*” (JUNG, 1991<sup>a</sup>:45).

O que estava em jogo, portanto, não era a produção de uma ‘obra de arte’. Importava o processo, a finalidade do exercício:

*“Não é arte, e aliás, nem deve sê-lo. É bem mais que isso; é algo bem diverso do que simplesmente arte; trata-se da eficácia da vida sobre o paciente. Aquilo que do ponto de vista social não é valorizado passa a ocupar aqui o primeiro plano, isto é, o sentido da vida individual, que faz com que o paciente se esforce por traduzir o indizível em formas visíveis. Desajeitadamente. Como uma criança”* (JUNG, 1991<sup>a</sup>:45).

Ativamente, não se limitando simplesmente a ‘falar’ o assunto, o paciente também o executa através das pinturas, o “*que psicologicamente faz uma diferença incalculável*” pois: “*o que pinta são fantasias ativas – aquilo que está mobilizado dentro de si. E o que está mobilizado é ele mesmo...*” (JUNG, 1991<sup>a</sup>:47).

Com Soviético, as figuras e cores, de início tímidas, vão lentamente – no decorrer do processo, ao longo dos meses – soltando-se, acentuando-se, tomando toda a folha numa explosão de expressão.

Não busca a qualidade estética. Profundamente envolvido no ato de recordar-sonhar-imaginar-desenhando, ora produz figuras reconhecíveis em casas, árvores, corações, pessoas, armas, cruzeiros, sóis; ora rabisca violentos traços que explodem angústias incontidas. Linguagem abstrata, direta, que não se prende a quaisquer convenções. Força psíquica carregada de paixão e angústia. Linguagem que – dando forma a segredos pessoais – satisfaz uma necessidade de expressão da psique, sem permitir que seja devassada por outros: “...*cria-se a si própria a cada instante, ao impulso das forças em movimento no inconsciente*” (SILVEIRA, 1982:19).

Seja através de formas “*toscas ou belas, não importa*”, essa necessidade imperiosa e inerente à psique, leva o indivíduo a configurar suas visões, o drama de que se tornou personagem (SILVEIRA, 1992:83).

Abordando o assunto das pinturas abstratas feitas pelos seus pacientes psiquiátricos, recorre Nise da Silveira também a mestres da teoria da arte, como KANDINSKI (1947), que assim escreve a respeito do gênero que denomina de ‘*improvisações*’: “*expressões, em grande parte inconscientes e quase sempre formadas de súbito, originadas de acontecimentos interiores, portanto impressões de Natureza Interior. Eu as chamo de Improvisações*” (SILVEIRA, 1982:20). Observando as obras produzidas por Soviético, denominamo-las, também, *Improvisações*.

### 3.3. “*Improvisações*”: as casas do ‘*sem casa*’

Com permissão de Soviético, toda sua produção de desenhos foi-me entregue por Dona Sílvia.

Optamos pela escolha de somente algumas dessas obras – de um total de 38 feitas – para apresentação neste trabalho. Por razões de espaço, escolhemos as mais significativas.

As obras apresentam as datas de quando foram produzidas por Soviético. Quando possível, obedeceremos à ordem cronológica de execução na apresentação das mesmas; no entanto, será utilizada também o que denominamos de *ordem de sentido*, em que foram aglutinados ou coordenados segmentos de processos afins nos seus significados.

Soviético começou sua produção com a série em que aparecem “casas” – as *casas do ‘sem-casa’* – internas, desejadas, sofridas, irresolvidas, expressões de seu mundo projetadas no papel.

Apresentaremos, a seguir, alguns desses desenhos com segmentos das falas de Soviético<sup>46</sup> a respeito de cada um deles:

### 3.3.1. “A vida que nunca vivi” (Fig. 21)

*Realização: 11 de agosto de 1998.*

[23] *Dona Sílvia e Soviético travaram um diálogo a respeito desse desenho:*

- “Minha vida sempre foi do crime”, *confessou ele.*
- “Ah, Soviético, não consigo enxergar você nessa vida!...”, *respondeu-lhe ela.*
- “É, Dona Sílvia, essa foi a minha vida, mas estou procurando mudar...”

[23<sup>a</sup>] *Referindo-se ao desenho que ele fizera, ela perguntou:*

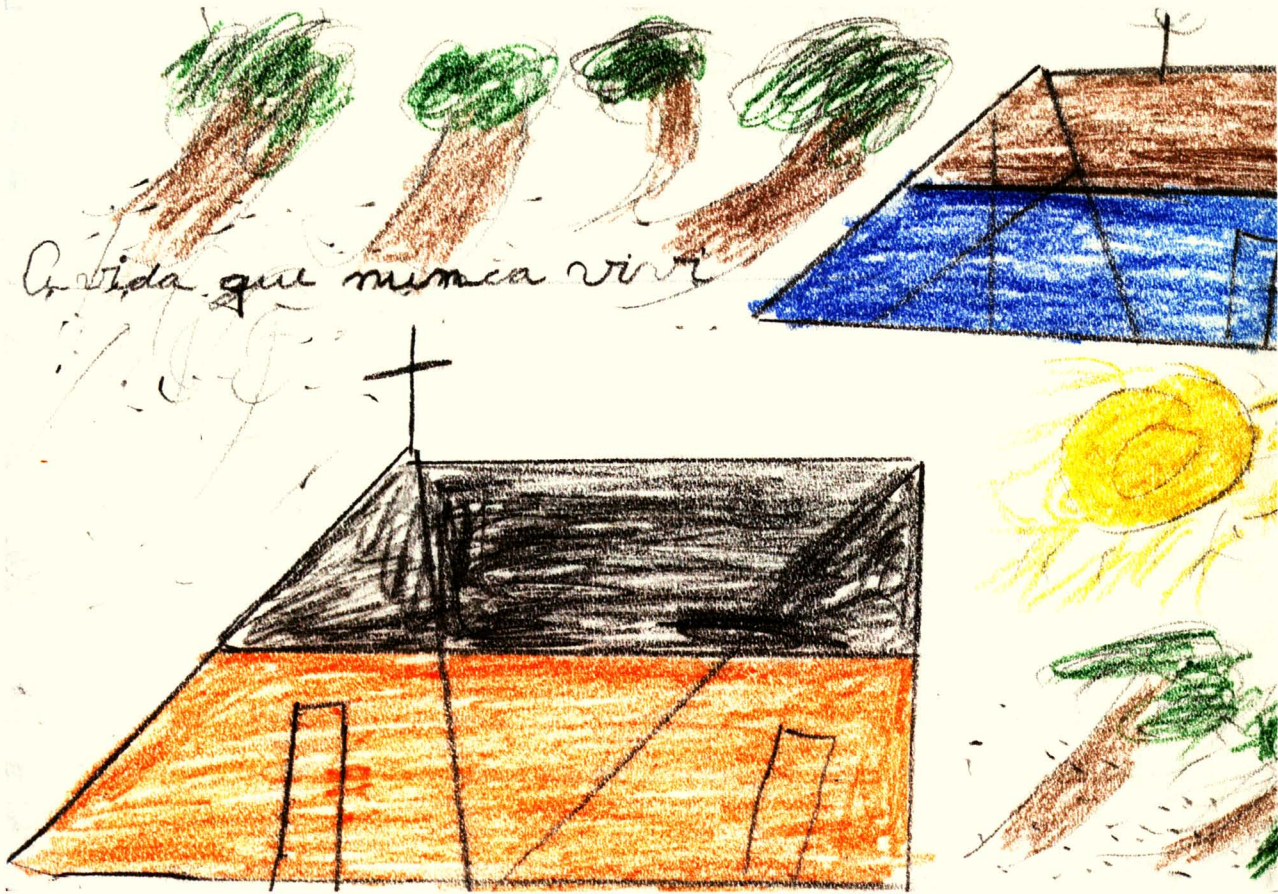
- “Por que você desenhou a casa e a igreja?”
- “Porque esta era a vida que eu queria ter. Minha casa onde eu pudesse ser feliz e com todos vivendo em harmonia... A igreja era o lugar onde eu ia me sentir bem e recebendo uma palavra amiga.”

Soviético manifestava a busca de “saúde mental” ao expressar o desejo de vivenciar sua religiosidade: “A igreja era o lugar onde eu ia me sentir bem e recebendo uma palavra amiga.” Através dessa atitude religiosa, estaria religando “o consciente com certos poderosos fatores do inconsciente a fim de que sejam tomados em atenta consideração”(SILVEIRA, 1992<sup>b</sup>:141-142).

Jung considerava a religiosidade como uma função natural, inerente à psique. Baseando-se em sua experiência de psicoterapeuta chegara à conclusão sobre a importância da atitude religiosa de cada ser humano. Citando alguns pacientes seus com mais de 35 anos que se achavam doentes, observou que haviam perdido “aquilo que uma religião viva sempre deu em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum curou-se realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria.” Isto não dependeria, no entanto, da adesão desse paciente a um credo em particular ou de tornar-se membro de determinada igreja. Para Jung,

<sup>46</sup> Conforme já mencionado, os trechos referentes a esses e demais desenhos de Soviético, reproduzidos entre aspas, foram registrados por escrito por Dona Sílvia enquanto o morador de rua lhe ditava os textos. Ao fazê-lo, ela omitia os ‘erros de linguagem’ dele, preservando, no entanto, os pensamentos, palavras e construções de frases do morador de rua.

21 – “A vida que nunca vivi”



22 – “Casa dos enlouquecidos”



o termo religião era usado no sentido de *religio* (*re e ligare*), tornar a ligar (SILVEIRA, 1992<sup>b</sup>:141-142). Ressalta ele a necessidade que muitas pessoas tem de certas convicções religiosas não fundadas na razão, necessidade de “*algo que lhe toque o coração*”, que lhes proporcione um sentido na vida (JUNG, 1991<sup>b</sup>:300).

### 3.3.2. “*Casa dos enlouquecidos*” (Fig. 22)

*Realização: 12 de agosto de 1998*

[24] - “*Esta é a Casa dos Enlouquecidos*”, informou Soviético, referindo-se ao desenho que fizera. Ante a indagação de Dona Sílvia, “*se esse era o nome da casa*”, ele lhe respondeu:

- “*O nome da casa é ‘Casa de Recuperação dos Enlouquecidos’. Esta casa dá atendimento para as pessoas que estão enlouquecidas, andando pelas ruas sem ter o que comer e pegando comida no lixo. Essas pessoas precisam de mais apoio que, infelizmente, não têm.*

*Se a gente também não tiver o apoio de um amigo acaba ficando assim também...”*

Soviético, em vários momentos de seus trabalhos, exprimia preocupação com a loucura, fenômeno que vivencia de perto no mundo do “morar na rua”. Manifesta idéias a respeito de como fazer para ajudar as pessoas que “enlouqueceram”.

Afirma Nise da Silveira que a presença de intensos afetos podem tornar-se ponto de partida para os distúrbios iniciais de uma cisão psíquica: “*seja o impacto de violentas emoções que atinjam o indivíduo como um raio; seja a vivência de situações existenciais extremas, o sentir-se acuado face à opressão do mundo externo, ansiedade e humilhação por sentir-se incapaz para assumir responsabilidades que lhe são impostas, conflito entre exigências sociais e pulsões internas; seja a tensão intrapsíquica originada pela ruminação de sentimentos de frustração, de ter sido preterido por outro, bem assim o remoer de problemas que representem questões vitais para o indivíduo. A onda montante de afetos quando atinge o clímax intolerável, sobretudo quando irrompe em indivíduos profundamente feridos na imagem que fazem de si mesmos, acaba por provocar fenômenos de grave cisão psíquica* (SILVEIRA, 1982:99).

No desenho e comentários “*Sanatório dos loucos*” ele fez um relato trágico e críticas ao hospital psiquiátrico e mesmo à psiquiatria:

### 3.3.3. “Sanatório de Loucos: hipocrisia” (Fig. 23)

*Realização: 23 de setembro de 1998*

Frente ao desenho que Soviético fizera, Dona Sílvia lhe perguntou:

- “Qual o porque da ‘Hipocrisia’?”

[24<sup>a</sup>] - “Porque nestes lugares os psicólogos e psiquiatras trabalham com má vontade. Tem pessoas que chegam bem no Sanatório e sai pior, ficando mais louco do que quando entrou. Eu, por exemplo, fiquei uns quatro meses internado. Só que era esperto e escondia os remédios embaixo da língua. Fui internado à força, sem eu querer. Era ‘de menor’ e não era louco. Eles são mais loucos do que os próprios doentes que estão lá. Eu vi funcionário trabalhando lá e acabando sendo internado lá mesmo. Vi nego tomando choque na cabeça. Não podia tomar café quando a gente ia tomar choque. Precisava ter a barriga vazia e a mente sóbria.

- “E você tomou choque?”, perguntou-lhe Dona Sílvia.

- “Não. Eu só tomava uma injeção no final da semana que me deixava com o pescoço torto e a mão também. Daí tomava outra injeção para voltar no lugar. Até o dia que arrumei uma confusão violenta e me deram um sonífero para dormir, me colocando numa cela forte. Eu tava tão furiosos que não fez efeito. Por isso que esse negócio de psiquiatria é bom para uns e mal para outros. Consegui fugir desse inferno e vim pelo meio do mato até São Paulo. No caminho chupava laranja, cana e uva. No meio do caminho roubei um cavalo pra poder vir mais depressa. Depois deixei o cavalo em outra fazenda. O que eu já passei na vida não quero que ninguém passe. Se tudo o que eu falei até hoje, como me expressei, como desabafei, se for analisar palavra por palavra, não é pra ter dó do ser humano e sim compreender ele. Tem muita gente sofrendo muito por aí em sanatórios, hospitais, ruas e até dentro da própria casa tem gente sofrendo...”

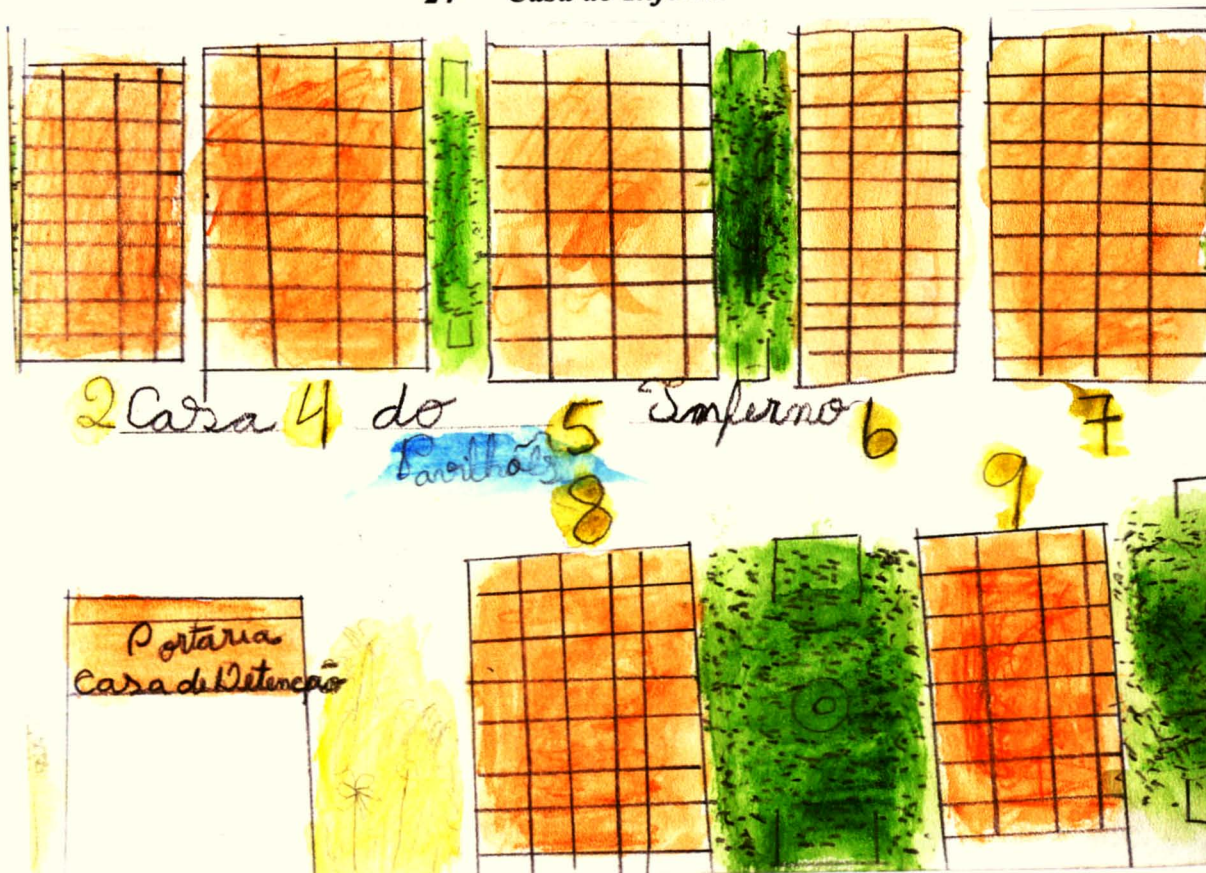
O desenho “Casa do inferno” – e as palavras a seu respeito – que relatam momentos em que esteve prisioneiro na Casa de Detenção do Carandiru, falam muito das situações existenciais extremas vividas por Soviético.

Eu mesma já presenciara Soviético no ato de expressar-se – falando – a respeito do desenho que fizera. Dona Sílvia relatou, também, movimento similar ao que eu já observara de outras vezes: com o desenho pronto nas mãos, olhos semi-cerrados e mergulhado no transe da recordação, o ex-presidiário revisitou o passado dantesco junto a ela, professora que o acolhia, respeitosa e atenta, e começou a falar: “Esta é a ...

23 – “Sanatório de loucos: Hipocrisia”



24 – “Casa do Inferno”



### 3.3.4. “Casa do Inferno...” (Fig. 24)

*Realização: 26 de agosto de 1998.*

[24<sup>b</sup>] *“Tirei quase vinte anos neste inferno. Já vi tanta gente morrer aqui que eu só saí vivo foi por Deus. Aqui a gente chama ‘vale quanto pesa’: um maço de cigarro, a gente já vale qualquer coisa; se tiver visita, vale mais. Se a gente não tiver visita, começa a vir o desgosto, a solidão, a depressão... Ai é só coisa ruim, quem tem aproveita da miséria do outro que não tem.*

*Passei por todos esses pavilhões. Tive quatro passagens: fugia e voltava. Eu tinha um número no prontuário. Toda vez que voltava tinha que dar esse número que estava no computador deles. Essa vida lá dentro foi uma desgraça. Não tinha visita, tinha que fazer facas e pinga que eu fazia na cela. Roubava arroz, fermento e laranja na cozinha e deixava 30 dias num tambor fechado pra destilar e depois vendia para os detentos. Nessa aí muita gente bebia. Daí não sabia o que falava e acabava morrendo. Nesse lugar não se fala demais e sim o necessário. Eu não podia fazer nada porque era minha sobrevivência.*

*Quando os guardas pegavam os tambores que ficavam embaixo das camas ou nos forros, então a gente ia para a ‘solitária’. Como essa mistura fedia muito, todos os dias tem que passar criolina no chão para os guardas não perceberem.”*

Oscilando entre tragédias e esperanças, ainda na série “Casas”, Soviético sonhava com uma “oficina profissionalizante” para o povo de rua:

### 3.3.5. “Casa da Boa Esperança” (Fig. 25)

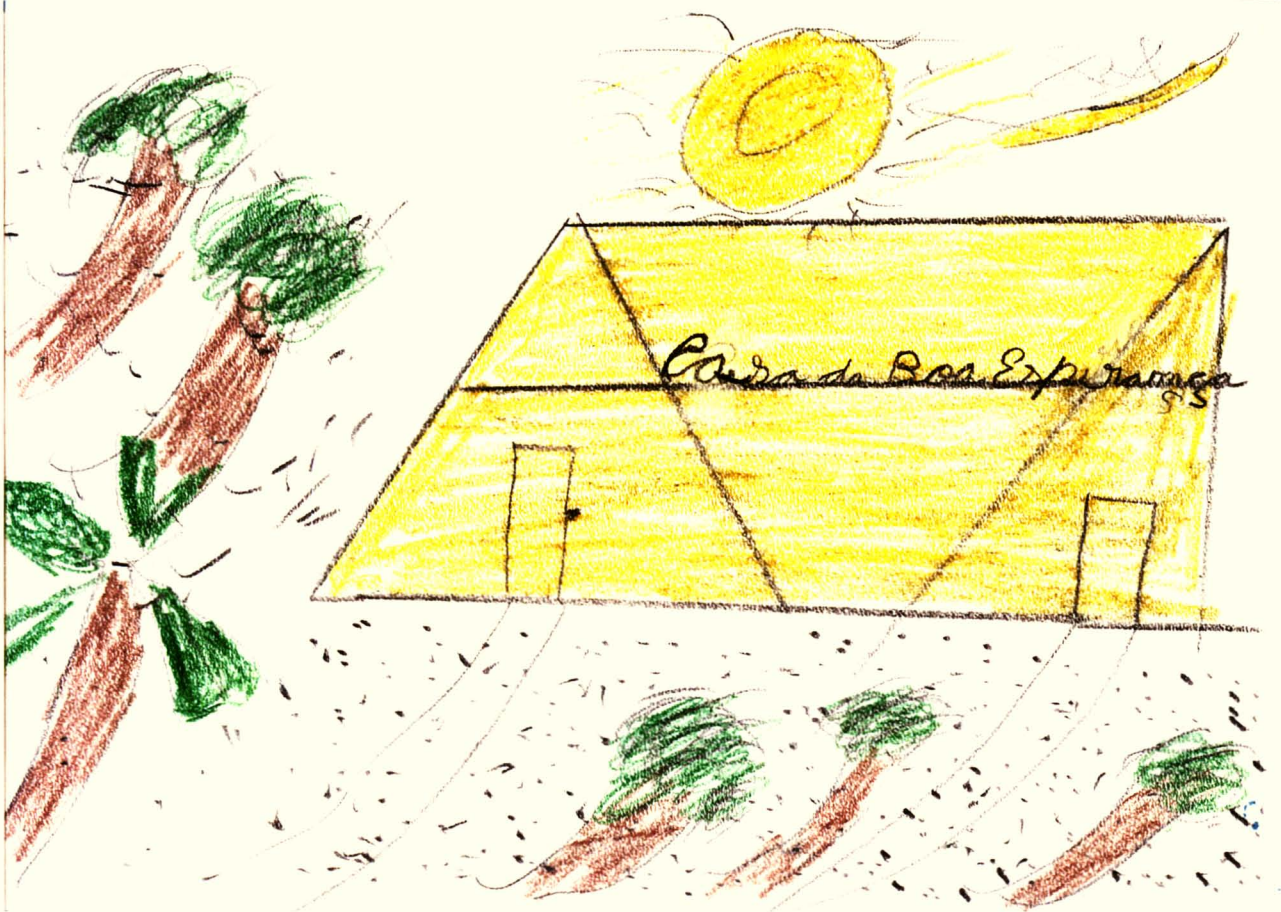
*Realização: 13 de agosto de 1998.*

*“O nome desta casa é: “Casa da Boa Esperança”.*

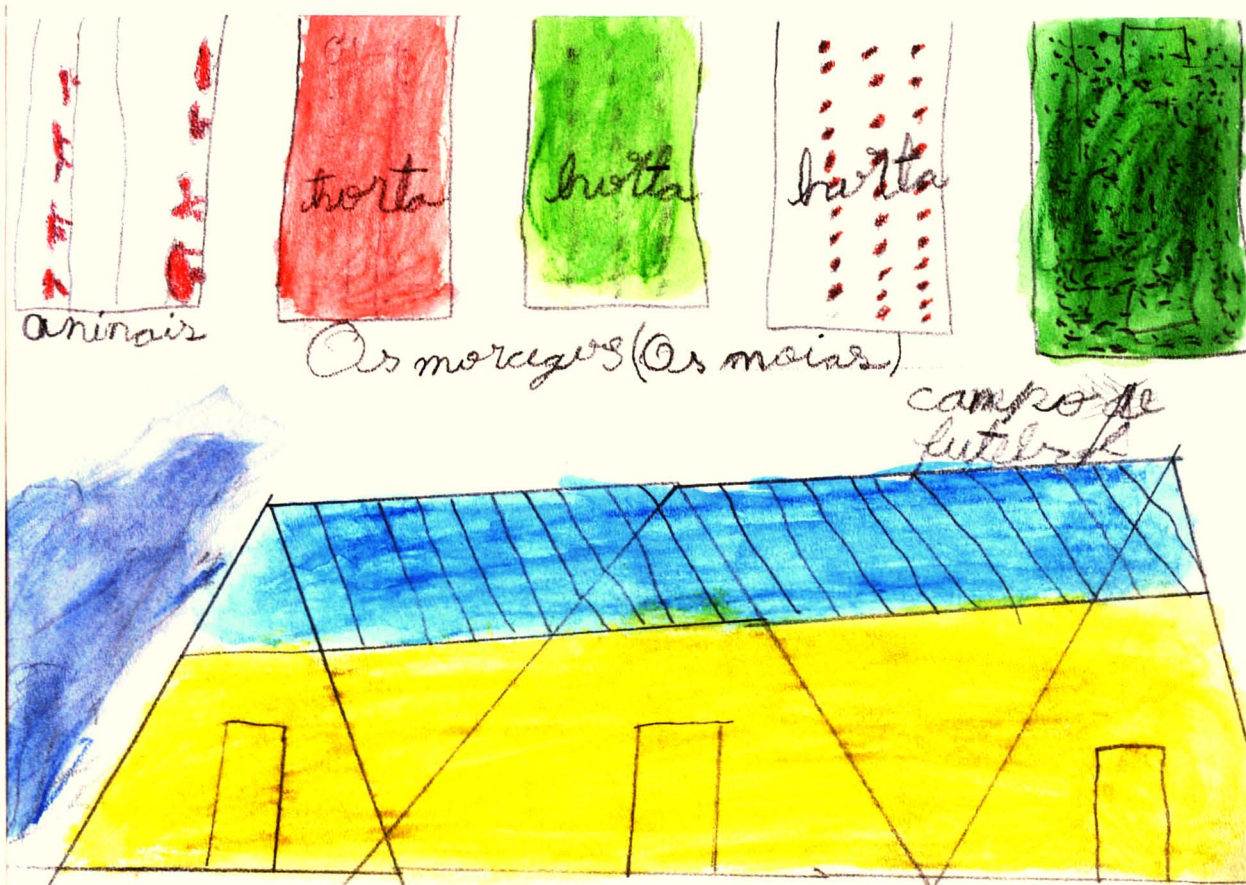
*Aqui seria uma Oficina Profissionalizante para o povo de rua. Aqui teria todas as condições para trabalharmos. A gente dormia e comia na casa e só sairia no final de semana, que seria livre.*

*Nesta casa teria pouca reza: só nas horas certas. Teria mais trabalho...”*

25 – “Casa da Boa Esperança”



26 – “Os morcegos – (Os nóias)”



Mergulhado na esperança, idealizava a casa que ampararia os “nóias” – moradores de rua usuários de drogas:

### 3.3.6. “Os morcegos (os ‘nóias’)” (Fig. 26)

*Realização: 25 de agosto de 1998.*

[25] Ante a indagação de Dona Sílvia sobre quem eram os “nóias”, Soviético explicou-lhe:

*- “Os ‘nóias’ são os morcegos, aqueles que fumam “pedra” (crack) e tudo o que ganham é para comprar a “pedra”. E isto tá tomando conta da maioria da população principalmente a população de rua.*

*Esta casa deveria ser construída numa fazenda, que é um lugar tranqüilo. Só os tolos fugiriam de uma casa tão boa como esta!...*

*Nesta fazenda teria de tudo: plantação, galinhas, porcos, uma lagoa para criar peixes (para a sobrevivência da gente), campo de futebol. Esta casa tinha disciplina mas sem autoridade. Para isto precisava uma psicóloga que saiba cuidar dessas pessoas. Nada de pressionar: ela ficava analisando pra ver como as pessoas agiam. Dá um pouco de regalia durante trinta dias mas sempre observando pra ver o grau de periculosidade de cada um. E dependendo disto separa cada um em seu pavilhão...”*

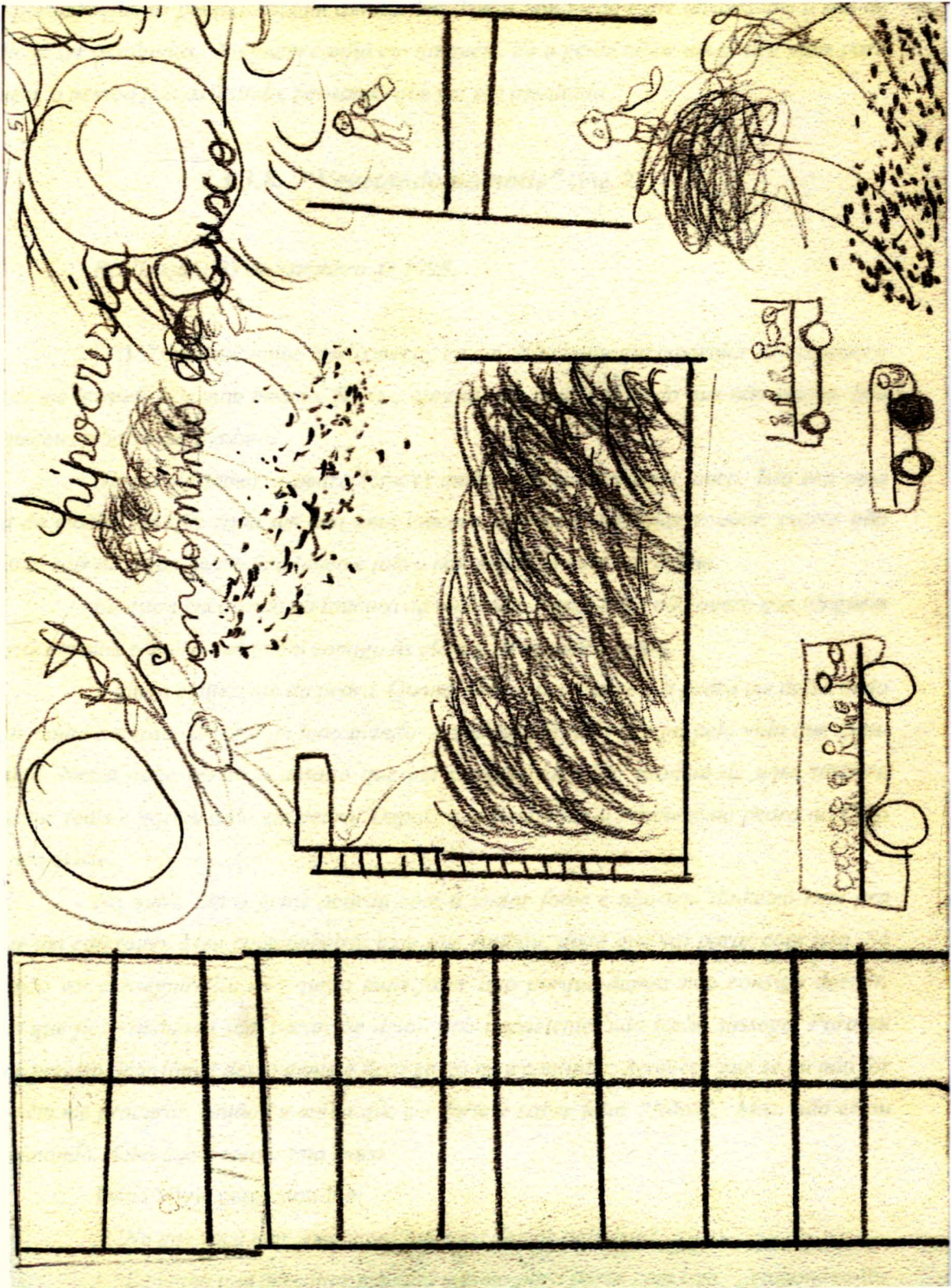
### 3.3.7. “Condomínio de luxo – Hipocrisia” (Fig. 27)

*Realização: 01 de setembro de 1998.*

[26] *“Sábado, eu e uns moleques, a gente passava por um condomínio de luxo num bairro de São Paulo e ficamos parados, olhando e admirando, vendo uma coisa que nunca a gente viveu. Fomos então abordados pela policia, mandando a gente cair fora. Em vez de oferecerem um prato de comida ou conversar um pouco, mandam cair fora. Não queremos esmola, queremos é um pouco de compreensão. Apesar de tudo isto que as pessoas tem: apartamento de luxo, piscina e perua pra levar os filhos pra escola, a gente sabe que eles lutaram mas, tiveram um apoio melhor que é justamente o que falta pra nós. Se o Brasil não tiver consciência, vai chegar o tempo que aquele que for honesto e trabalhador não poderá andar na rua.*

*Então esta é a hipocrisia. São pessoas que tem condição de ajudar o próximo mas não se interessam.”*

27 – “Condomínio de luxo – Hipocrisia”



- *“Por que você não pintou o desenho?”*, perguntou-lhe Dona Sílvia.

- *“Eu não pintei esse desenho porque é a realidade da vida. É tudo negro. Na rua, por exemplo, as pessoas andam assustadas. Todos tem medo e até atravessam a rua de medo de ser assaltadas.. Ninguém confia em ninguém. Se a gente olhar um pouco mais para alguém, a pessoa fica assustada, pensando que vai ser assaltada.”*

### 3.3.8. *“Vegetando na noite”* (Fig. 28)

*Realização: 03 de setembro de 1998.*

[27] *“Ontem à noite, infelizmente, eu caí. Não consegui controlar as emoções e acabei me levando por mim mesmo. Só vi e aprendi um pouco mais do que não presta. Isto aconteceu embaixo do Viaduto...”*

*Depois de fumar a pedra (crack) andei sem rumo e bem louco. Isto era uma hora da manhã. Só que cada um tem uma loucura diferente: uns quer roubar, outros não agüenta sair do lugar, outro fica louco e outro tem maldade com o próximo.*

*Eu estou encaixado na loucura da maldade. Nessa hora não quero que ninguém encoste em mim e quero que falem comigo às claras, de maneira limpa.*

*A pinga é diferente da pedra. Quando bebo, fico calmo e a pedra me deixa meio louco, muito nervoso. Brigo com todo mundo. Acredito que tudo isto foi pela vida que estou vivendo. Nessa noite assisti o assalto que um companheiro fez. Roubou de uma senhora trezentos reais e gastou tudo em pedra. Depois que fumou ficou procurando pedra no chão que não existe...*

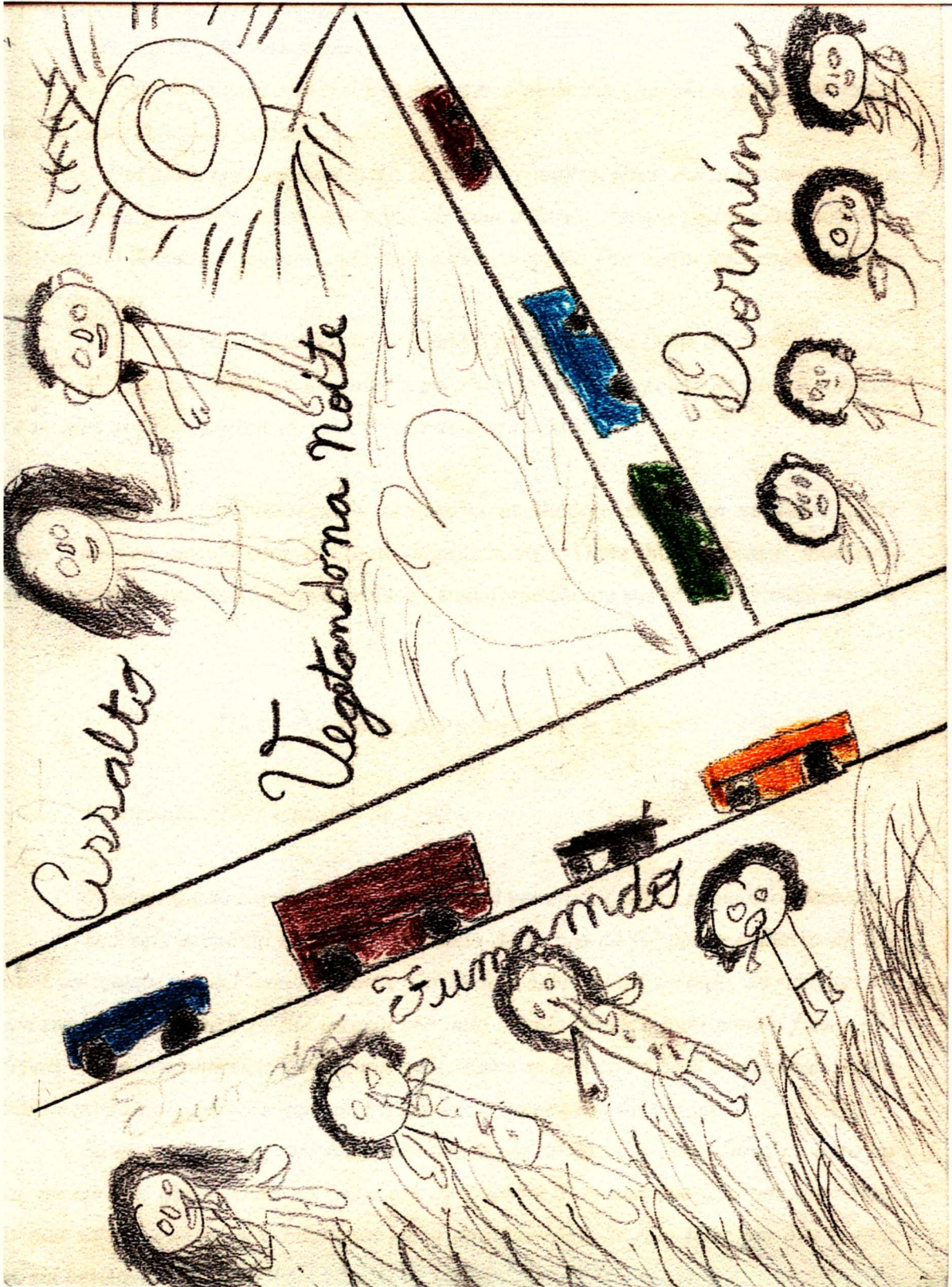
*No outro dia a gente acorda com a maior fome e não tem dinheiro nem pra tomar um cafezinho. Meu companheiro, esse que roubou, disse que vai parar com isso. Só que não vai conseguir. Eu não quero mais fazer isso porque depois não consigo dormir, tenho que ficar andando sem parar. Se deito, fico impaciente, não tenho sossego. Para eu parar preciso ficar longe dessa gente e ficar só no meu cantinho. Acontece que se eu não for eles vêm me procurar. Então eu tenho que ser forte e saber falar “Não!”. Mas, não estou conseguindo. Acho que a mente está fraca.”*

Dona Sílvia perguntou-lhe:

- *“No que você tem que acreditar para deixar tudo isto?”*

- *“Eu tenho que acreditar em mim mesmo para parar com isso.”*, respondeu-lhe ele.

Ela, então, olhando-o atentamente, perguntou-lhe:



- “Soviético, se no meio de toda essa loucura que você viveu com seu companheiro, você reconhecesse que essa mulher que estava sendo assaltada era eu ou outra pessoa conhecida, o que você faria?”

*Ele, rápido, lhe respondeu:*

- “Não, eu não deixava! Fazia devolver o dinheiro. Quando a gente conhece a pessoa e já gosta dela, não faz isso...”

“Um outro cara roubou outra senhora e comprou tênis, calça e camisa com o dinheiro. Esse cara roubou quase seis notas de cem dólares. Fumou pedra com mais seis caras. Acabou o dinheiro e foi vendendo tudo o que comprou. Daí vestiu uma roupa velha e foi roubar de novo.”

- “Por que você desenhou o coração?”, perguntou-lhe Dona Sílvia.

- “O coração que eu desenhei é para ver se entra um pouco de luz no coração deles e no meu também, porque de vez em quando estou nessa.”

Soviético, em presença da professora acolhedora em quem confiava, pode “olhar-se”, no “encontro” com o “outro significativo”: Dona Sílvia. Nesse momento podemos observá-lo oscilando entre o crime e a transformação de sua psique, criando em si a moral.

### 3.3.9. “A noite dos idiotas” (Fig. 29)

*Realização: 16 de setembro de 1998.*

*“Ontem sai da Escola<sup>47</sup> feliz da vida e fui ver minha filha e brincamos bastante.*

*Daí veio a calada da noite e andando de lá pra cá fui parar embaixo de um viaduto. Começamos a bater samba e conversar fiado e beber pinga quando, de repente, me veio um cara cheio de ‘pedra’. Ele insistiu pra todo mundo fumar e todo mundo fumou. Só que depois veio a desconfiança. Um fumou mais; outro se invocou e saiu pra roubar; outro foi atrás de pinga e aí apareceu mais pedra que um companheiro foi buscar.*

*Só que quando a gente fuma não tem medo de nada. A gente fuma na cara da polícia, na cara de quem passa na rua e até de criança. Tem uns que fala uns bagulhos, depois não sabe o que falou e nessa sai troca de palavrões. Se não tiver um que ponha ordem, sai besteira.*

---

<sup>47</sup> “Escola”: Aulas de alfabetização ministradas aos moradores de rua por Dona Sílvia e Dona Lucinha.

29 – “A noite dos idiotas”



30 – “Ser humano descartável – Esperança de uma nova era”



*Por isso eu dei o nome no desenho de “ Noite dos idiotas”.*

### **3.3.10. “Ser humano descartável: esperança de uma nova era” (Fig. 30)**

*Realização: 06 de outubro de 1998.*

[28] *“Hoje a vida está muito evoluída – computador, salário mais ou menos – todo mundo vivendo do jeito que pode. Mas falta muita coisa. Mais amor, compreensão e ajuda ao próximo.*

*Hoje, se você tiver 50 centavos no bolso, você vale os 50 centavos. Se não tiver nada, não vale nada. Paro então pra pensar: por que a vida é assim? Por que o nêgo não abre o seu coração e ajuda o próximo? Acho isso tão bonito e carinhoso.*

*Deus deu a vida pra gente, por que não usar tudo de bom que ele ensinou pra nós, pra gente ensinar o próximo? Infelizmente a população ainda está tampada. Eu, andando na rua, vi muita coisa errada mas não pude fazer nada porque cheguei atrasado. Nêgo tomando facada, paulada, outros brigando por causa da ‘pedra’, nêgo sangrando na rua e ninguém pára pra ajudar. A própria polícia pergunta: - “Por que o cara fez isso? Por que não matou de vez? Assim seria menos serviço para mim!”*

*Como uma pessoa com uma farda pode falar isso para o ser humano? Ele, como autoridade, devia ter mais respeito. Deve tratar o ser humano, seja de rua, classe média ou classe alta, com mais respeito. Mas ele não pensa assim. Apesar que não é só a polícia, quase todo mundo na rua pensa assim. Ninguém pensa em nada e faz nada. As pessoas parece que tão com a mente poluída, sem amor, sem compaixão. Acho que o mundo que a gente vive é bom demais, mas falta muita coisa.*

*Essa juventude que vem vindo hoje precisa ser mais preparada. A esperança é que o novo governo que tá entrando agora faça alguma coisa. Espero que eles aproveite essa nova oportunidade, lembrando principalmente das crianças de rua, favela e dos idosos.*

*Então, “ser humano é descartável” porque a gente passa na rua, vê um cara deitado no chão e a população vira a cara. Não pode ser assim! Se não quer pôr a mão, porque tem nojo, pegue um jornal, um plástico, mas veja do que ele precisa!...*

*Eu pintei o desenho na esperança de uma Nova Era”.*

Através da seqüência dos ‘encontros’ entre Dona Sílvia e Soviético, acompanhamos o processo gradativo do morador de rua em auto-permissão de “olhar-se”,

analisar-se no “espaço da confiança” constituído entre ele e a professora-mãe. Alternando com a queda, desesperança, foram surgindo – lentamente – páginas coloridas de alegria, desejos de transformar-se, gratidão pela vida, pela escola, pela professora Dona Silvia que o recebeu de ‘*mão aberta*’.

Seu desenho e depoimentos que colocaremos a seguir, anunciam o processo de transformação que estava em curso neste homem, através do processo denominado neste trabalho de “encontro transformador”:

### ***3.3.11. “Ser humano espetacular: esta mão aberta é para quem quiser aprender...” (Fig. 31)***

*Realização: 08 de outubro de 1998*

[29] Dona Silvia chegou alguns minutos atrasada e foi direto para a sala de aula. Os alunos – moradores de rua – estavam conversando e ela notou que estavam combinando alguma coisa. Depois de cumprimentá-los, perguntou o que estava acontecendo. Soviético respondeu:

- *“Estamos combinando um debate para o final da aula e pedimos para a senhora terminar a aula mais cedo.”*

A aula encerrou-se às onze horas – antes do horário normal de encerramento – conforme o combinado.

Soviético colocou o desenho que fizera sobre a mesa, anunciando:

- *“Eu desenhei a nossa sala de aula e cada um de nós vai falar sobre o que acha de estar aqui estudando.”*

- *“Qual o nome do desenho?”*, perguntou-lhe Dona Sílvia.

- *“Ser humano espetacular”*, respondeu-lhe ele, *“e representa nossa sala de aula.”*

Plínio, um dos colegas de classe de Soviético, começou a falar:

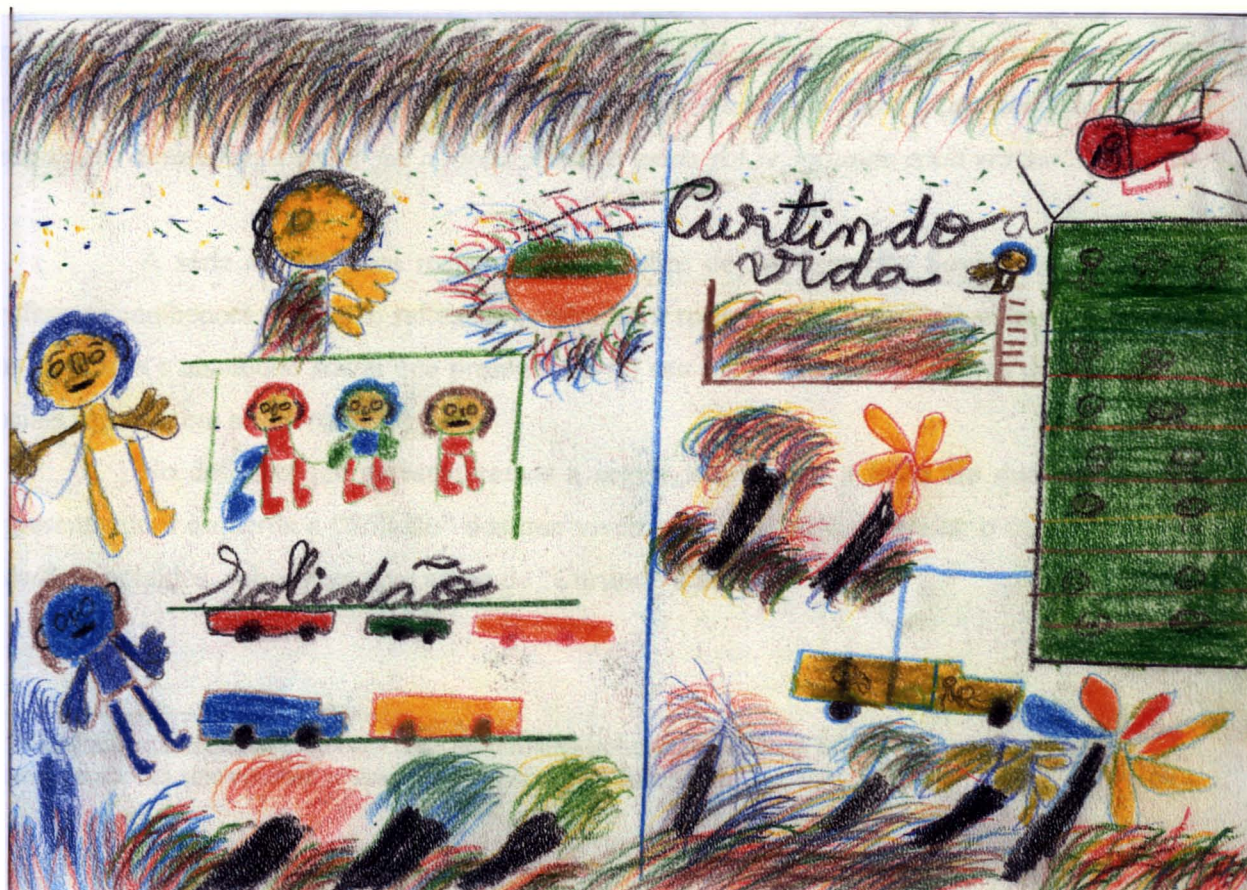
- *“A escola, para mim, é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Lá fora é outro departamento. Se eu tivesse estudado com uma professora como a senhora eu teria aprendido. Agora sim eu estou aprendendo. Aqui eu tô uma maravilha. Eu falo com toda sinceridade. A melhor coisa foi eu ter vindo para a escola. Aqui eu desabafo tudo o que sinto. Se eu voltar para Recife, a melhor coisa que eu vou levar dentro de mim é a lembrança da senhora.”*

Júlio continuou:

31 – “Ser humano espetacular: esta mão aberta é para quem quiser aprender...”



32 – “Solidão e Curtindo a vida”



- *“Quando eu não venho na aula é porque vou para o jogo de bingo. Daí eu sinto saudade da senhora e volto para a escola. Aqui, junto dos amigos, eu me sinto bem e na rua é outro negócio. Por isso eu falo que hoje eu estou melhor do que ontem. A senhora é minha segunda mãe. Quando eu não venho aqui, passo fome. Eu preciso trabalhar e ganhar dinheiro porque também acho falta da minha mãe que mora em Santa Catarina.”*

[29<sup>a</sup>] Soviético, que ficara por último, começou a falar:

- *“Eu não sabia nem fazer o ‘a’ da ‘abelha’. Hoje em dia acho que aprendi muita coisa.*

*Acho que devia existir mais pessoas como a senhora, que sabe dar valor a quem precisa. Basta ter interesse de aprender que a senhora tem disposição até demais! As pessoas que não querem vir para a escola é porque tem solidão dentro deles. Querer vir eles querem mas a solidão é tanta que estão sempre dando desculpa. Agora, nós aqui, sempre vem à escola. E agora eu pergunto: “E por que isto de não faltar?” É porque a senhora não é aquela professora rabujenta, mas sempre sabe respeitar o ser humano e ajuda na medida do possível”.*

Dona Sílvia perguntou ao Soviético:

- *“O que representa a mão que você desenhou?”*

[30] - *“A mão representa uma pessoa de bom coração e um caráter sensacional. Uma pessoa coisa rara de conhecer nesse mundo. Pode estar chovendo, frio ou sol, essa pessoa não ganha nada<sup>48</sup> e vem ajudar a gente, tem muita vontade de ajudar e compreender o ser humano do jeito que ele é. Não julga e não se deixa levar pela emoção, apenas compreende. Que Deus dê muita saúde e felicidade para a senhora! Outra coisa, de vez em quando devemos ter esse debate. Assim a gente desabafa mais. Cada um fala um pouco para desabafar. A união faz a força. Assim a gente vai se soltando cada vez mais.”*

A série de desenhos realizada em outubro de 1998, retrata Soviético grato à professora acolhedora e fazendo reflexões profundas a respeito de sua própria vida nas ruas, das injustiças e abandono social que presenciava no seu dia a dia, das diferenças de classes sociais vigentes em nosso país.

No desenho que apresentaremos a seguir, ele dividiu a folha em duas partes, representando à esquerda a “Solidão” dos que vivem na exclusão e, à direita, o mundo dos cidadãos incluídos, sob o sugestivo nome de “Curtindo a vida”.

---

<sup>48</sup> “Não ganha nada”: Soviético referia-se ao trabalho voluntário de Dona Sílvia, que ensinava aos moradores de rua sem receber salário ou qualquer ajuda financeira.

### 3.3.12. “Solidão” e “Curtindo a vida” (Fig. 32)

*Realização: 11 de outubro de 1998.*

[31] *“Fim de semana prolongado e ainda com chuva”<sup>49</sup>. Meus queridos irmãos com fome e nada aberto para poder comer.<sup>50</sup> A maioria só comendo pão e bebendo. Eu, com o pouco que tinha, ajudei algumas pessoas a matar a fome. Apesar que eles não correm atrás do objetivo deles. Só correm atrás da cachaça. Tá certo que desanimaram, porque ninguém dá força. Corre de lá pra cá e nada. Mas não pode desanimar. A vida é tão boa, bonita, cheia de saúde e grande disposição. Não vamos desperdiçar ela pelo simples gole de cachaça ou pela droga. Vamos parar pra pensar um pouco em tudo que sofremos e vamos continuar sofrendo. Mas cada dia cada um acha o seu destino. Espero que seja para um caminho mais feliz e nunca esquecer o que passou.*

*Por mais ruim que essa vida for, Deus deu uma grande alegria no coração<sup>51</sup>. Se bebe na chuva, bebe no sol e seu corpo está sempre bem com a vida... Que continue sempre assim e que sempre tenha alguém querendo seu carinho.*

*Por que da “Solidão”? Solidão são os maloqueiros só bebendo e desabafando na pinga. Por que “Curtindo a vida”? Curtindo a vida é o cara que lutou na vida e soube aproveitar as oportunidades que a vida deu. E como os outros, já nasceu em berço de ouro.*

*Esse que nasceu em berço de ouro não tá nem aí com a vida. Passa com seu carrão numa valeta d’água e joga nos outros e dá risada. Dizem que a inveja mata, por isso que no Brasil o crime tá crescendo. O rico não pode sair na rua. Quando sai à noite é escondido e com guarda-costas. Tá certo que eles podem fazer o que quiser da vida deles mas, se tivessem consciência, olhavam o que está acontecendo na periferia de São Paulo. Podiam ajudar muitas pessoas, principalmente as crianças. Apesar que todo mundo já sabe, não vamos tapar o sol com a peneira. Vamos parar pra pensar um pouco e ver que todo mundo tá no mesmo poço: o rico e o pobre vai feder do mesmo jeito. Muito obrigado!”*

<sup>49</sup> “com chuva”: Nos dias chuvosos agravam-se os problemas dos moradores de rua, que não têm lugar onde possam “se esconder”. A cidade de São Paulo, cada vez mais, se protege contra esses moradores de suas ruas, considerados indesejáveis por grande da população.

<sup>50</sup> Soviético refere-se aqui ao fato de que, nos feriados, fins de semana ou fins de semana prolongados, muitos locais que oferecem refeições gratuitas aos moradores de rua, não funcionam.

<sup>51</sup> Soviético demonstrou possuir forte “vocação para a vida”(DAMERGIAN, 1998), ou seja, vontade de viver que também foi denominada por Elaine RABINOVICH como “vontade de vida” (ALVAREZ, 1999:33)

[32] Soviético explicita, no desenho a seguir, o significado do “laço vermelho” e do “sol”, expressando o interjogo de forças que o envolvem. Colocaremos apenas parte de seu relato que expressa sua luta para resistir aos apelos da droga e o impulso para dar vazão à esperança, à “vontade de vida”:

### 3.3.13. “Laçado pela escuridão” (Fig. 33)

*Realização: 15 de outubro de 1998.*

“Por que este nome? Porque o mundo que eu vivo, onde eu passo seja dia ou noite, só encontro cara fumando pedra e usando cola.

Eu tô dando graças a Deus que faz dias que não fumo e pretendo continuar assim. Quanto mais convivo perto da droga mais estou procurando não usar. Isto é bom para mim mesmo... O laço vermelho é marca de sangue, solidão e desespero. Nunca tá bem com a vida. Sempre querendo se acabar na droga e ficar andando na rua feito um esqueleto, sem saber pra onde vai...”

“A bola amarela é esperança, alegria e felicidade.”

*Na sequência de desenhos e trechos de depoimentos que apresentaremos a seguir, Soviético expressa desesperança, mergulhando novamente no consumo das drogas.*

### 3.3.14. “Nas ondas das emoções” (Fig. 34)

*Realização: 28 de outubro de 1998.*

*“Ando nas ondas muito solitário... Vou vivendo e aprendendo e nunca sabendo, mesmo assim insistindo no mesmo erro... Pois o erro está em todo ser humano que está no mesmo buraco que eu estou (grifo nosso) .*

*Ontem eu andei bastante, o tempo estava ruim. Fui até o bar para assistir televisão mas não dava para ouvir nada: era o maior barulho! Com a cabeça cheia de problema saí dali quando vi dois caras saindo da boca.<sup>52</sup> Já sabia que eles tinham comprado droga. Pensei: “Sabe de uma coisa? Vou atrás deles.” Fui seguindo de longe até o lugar*

---

<sup>52</sup> “Boca”: Local de venda de drogas.

33 – “Laçado pela escuridão”



34 – “Nas ondas das emoções”



que eles iam usar a droga. Era uma esquina com a Brigadeiro.<sup>53</sup> Sentamos ali, tiramos uma carteira e jogamos a farinha<sup>54</sup> nela. Um ficou de vigia.

*Pegamos um cartão de telefone, separamos cinco carreiras de farinha para três, daí todo mundo saiu alucinado. Fomos para o bar e ficamos bebendo até uma certa hora. Ai cismaram de buscar mais. Um foi buscar e nós ficamos esperando. Nesse intervalo chegou uma mulher que eu conheço e pediu pra eu levar ela até o Metrô. Acompanhei ela até lá e no meio do caminho parece que me deu um estalo: “Sai dessa, meu! Vai dormir que você ganha mais!” E eu fiz isso.”*

Dona Sílvia lhe perguntou se “adiantava fumar sem parar”, ao que ele respondeu:

- *“Não! É só na primeira cheirada, o resto é ilusão... O nome do desenho é ‘Nas ondas da emoção’ porque a gente se emociona e quer cheirar cada vez mais. E é tudo ilusão. Porque é só no primeiro cheiro que a gente fica alucinado e o resto é só instigação, querendo cada vez mais.”*

[33] No mês de novembro Soviético continuou a comparecer à escola e a expressar-se desenhando ao lado de Dona Sílvia. O período de alegria, com propósitos por vezes bem sucedidos de afastar-se das drogas e do mundo do crime, foram dando lugar gradativamente ao desespero por achar-se num “beco sem saída”.

A esperança, no entanto, sentimento característico do processo resiliente de um ser humano, achava-se ainda presente em Soviético, revelada angustiadamente através do desenho-expressão “Sempre esperando e nunca encontrando”. Apesar de ter o apoio de Dona Sílvia – sua ‘palavra amiga’ – essa presença já estava se revelando insuficiente para ele, que tinha sede e pressa de transformação. Continuava “batendo às portas da vida”; porém, a droga é denunciada como a alternativa do momento:

### ***3.3.15. “Sempre esperando e nunca encontrando”***

(Fig. 35)

*Realização: 5 de novembro de 1998.*

[33] *“Por que nunca encontrando? Porque sempre a gente tenta sair de uma solução e não encontra um meio. Por que será que as portas estão fechadas? Ou será que*

<sup>53</sup> “Brigadeiro”: Avenida do centro de São Paulo.

<sup>54</sup> “Farinha”: Cocaína.

35 – “Sempre esperando e nunca encontrando”



**“Fazer o que? Afogar as mágoas como? Então vem a cachaça, a cola, droga, farinha.... A metade dos cara de rua, é bem pouco os que não usa nada. Mas mesmo assim, na cachaça ele cai. E depois, só Deus pra iluminar o caminho dele!”  
(Soviético, morador de rua)**

*sou eu que estou mole demais? Ou será que está ruim pra todo mundo encontrar uma solução adequada para seu caminho?*

*Do jeito que está indo, a situação está ruim. Um reclama dali e outro reclama de lá... Numa situação que a gente está e ainda sem teto, sem um banho adequado e sem uma palavra amiga, o que você espera disso? Olha pro céu ou olha em seu redor e vai imaginar o quê? Nada!... Fazer o quê? Afogar as mágoas como? Então vem a cachaça, a cola, droga, farinha...*

*A metade dos cara de rua, é bem pouco os que não usa nada. Mas mesmo assim na cachaça ele cai. E depois, só Deus pra iluminar o caminho dele!..."*

Por vezes, trazia em seu desabafo reflexões a respeito da família com a qual passou a morar quando saiu da FEBEM, retratada no desenho "Família cheia de problemas":

### **3.3.16. "Família cheia de problemas" (Fig. 36)**

*Realização: 24 de novembro de 1998.*

[34] *"Eu conheci essa família quando esta saindo da FEBEM. Estava fazendo 19 anos. Nessa época eu roubava até umas horas! Foi numa dessa que eu conheci a mãe da minha mulher. Ela fazia "mixê" nessa época e nós dormia em uma pensão. Foi aí que eu conheci as quatro filhas dela. Eu continuava roubando. A maior tinha oito anos. O resto era tudo pequeno.*

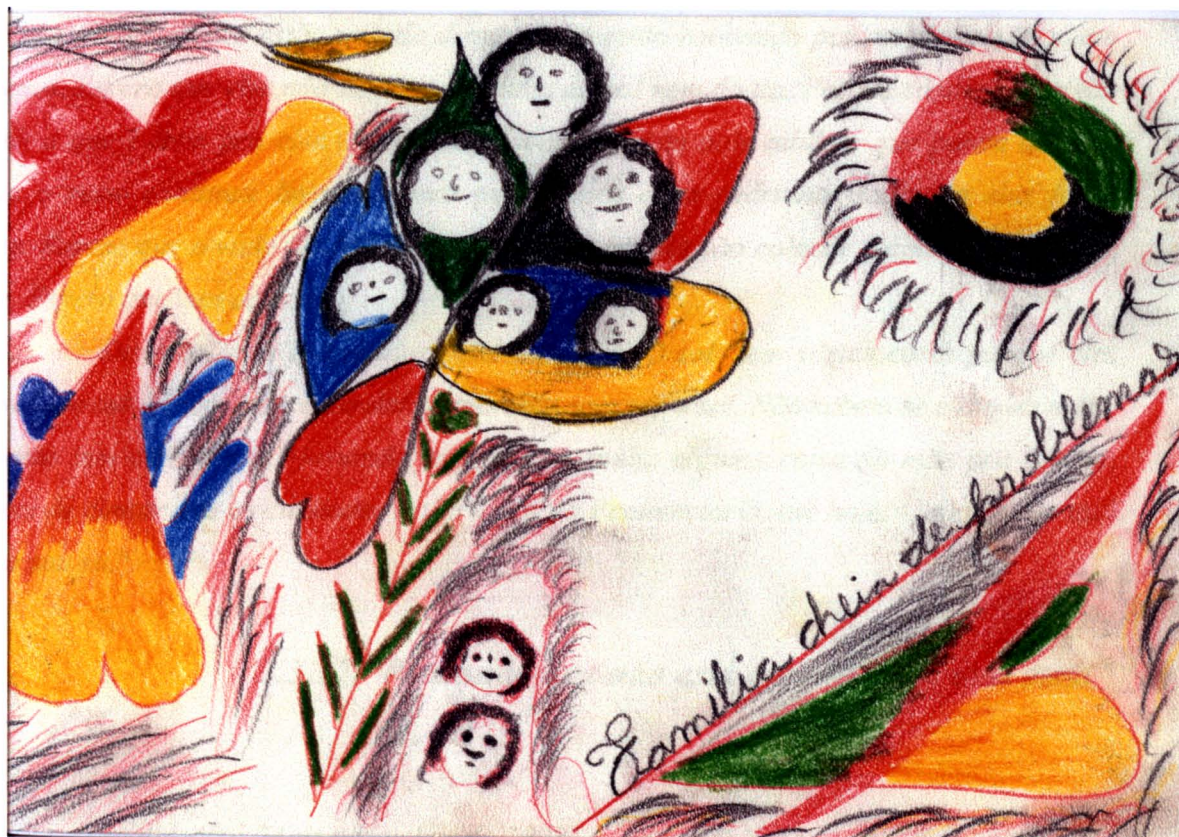
*Foi nessa época que eu fui pra cadeia e tirei uns quatro anos por assalto. Quando sai pra rua não consegui mais ver eles e continuei roubando. Fazia de tudo: assalto, furto. Daí voltei pra cadeia de novo. Dessa vez, quando eu saí, encontrei novamente essa família e as crianças já era tudo moço. Voltamos a morar todo mundo junto. Daí conheci os namorados delas, que era tudo assaltante na época. Daí formamos uma quadrilha. Ficamos roubando até "umas hora"<sup>55</sup>.*

*Uma dessas meninas arrumou três filhos, a outra mais três filhos, total de seis. Eu também fiz minha filha<sup>56</sup>. Até que um dia, todo mundo se enfiou na droga. Tudo quanto é tipo de droga nós tomava. Até que a caçula morreu de overdose. Foi aí que começou as desilusões.*

<sup>55</sup> Roubando até "umas hora": expressão – gíria – que quer dizer "roubando bastante".

<sup>56</sup> Essa seria a primeira filha do Soviético, da qual pouco falava. Ele fazia mais alusões à filha que aparece neste trabalho, a quem chamava de "minha linda filha de sete anos".

36 – “*Familia cheia de problemas*”



37 – “*Pensando que não está aprendendo, mas está*”



*Agora estamos em outra época. Um dos sobrinhos já virou assaltante e está na FEBEM e outros só não estão usando droga e não estão roubando porque ainda são muito pequenos. Espero que eles não sigam o caminho do pai nem do tio. Porque só eles é que vão decidir o que é bom pra eles. Pois nessa família só tem dois adultos que parou de usar droga, o resto continua. Se não fumar pelo menos duas pedrinhas todo dia eles ficam doente. Parece que o vício dominou eles. Acho que um dia vão colocar a cabeça no lugar e parar. Espero que isso aconteça.*

*Desenhei eles enforcados pela maldição. O sol tem várias cores porque eles nem vêem o sol. Ficam trancados dois a três dias sem ver o sol. Não sabem se é dia ou noite. Enquanto tem dinheiro vai fumando, se não tem rouba alguma coisa da mãe pra vender. Esqueci de contar que os cunhados estão todos na Penitenciária, até hoje. O único que está na rua sou eu."*

### **3.3.17. "Pensando que não está aprendendo, mas está!"**

(Fig. 37)

*Realização: 24 de novembro de 1998.*

[35] *"Pensando que não sabe de nada, mas está aprendendo...*

*Comecei na rua... não fazia nada... só cheirando, fumando pedra, roubando e zoando...*

*Até que um dia conheci Dona Lucinha, uma pessoa espetacular! Uma pessoa que conhece o sofrimento do pessoal da rua como a palma da mão dela. Passando uns dias conheci outra pessoa, a mesma coisa que ela<sup>57</sup>. Foi no aniversário da Maria. Aí falei que queria estudar e minha professora insistiu para eu ir lá. Chegando na escola, comecei fazendo bolinhas.<sup>58</sup>*

*Fiquei pouco tempo estudando mas deu para a professora avaliar o grau de inteligência que tenho. Tenho boa inteligência para o lado do crime mas, depois que comecei a freqüentar a escola, acho que mudei muito. Com uma boa conversa amiga, venho de manhã e fico ali até meio dia. Não fico pensando besteira, tenho ocupação na cabeça. Acho que aprendi muita coisa. Ela me dá letra agora e daqui um segundo esqueci a letra que ela falou. Não sei se não presto atenção ou se é a porcaria que a gente usa na rua ou é*

<sup>57</sup> Refere-se a Dona Sílvia, professora, que conheceu no aniversário da Maria. Maria é moradora de rua cujo aniversário é festejado todos os anos, na rua mesmo, por Dona Sílvia e Dona Lucinha que levam bolo e refrigerantes para os moradores de rua da maloca.

<sup>58</sup> "Bolinhas": exercícios escritos para desenvolvimento da coordenação motora.

*os problemas ou é falta de mais atenção... Só sei que se não aprender com essa professora que eu conheci pode pôr uma corda no pescoço e se enforçar.*

*Bem pouco ser humano que tem seus problemas, sua casa e saindo de sua cama quentinha, com chuva ou com sol, para dar aula para o povo de rua!*

*[36] Pois eles, se fosse pensar um pouco, a maioria dos que vem comer aqui, era pra essa sala tá cheia! Mas vamos ver o outro lado também: muitos deles nem dorme à noite, só cochila de medo de morrer dormindo. Aí vem pra cá, almoça e depois enche a cara de pinga e vai dormir em qualquer lugar. E vou dizer uma coisa pra senhora: vai aparecer mais gente nova na rua. Criança partindo pra droga, a própria mãe incentivando ou o pai mandando o filho pedir dinheiro no farol pra ele fumar droga.*

*Como não tem nada pra fazer, eles só pensa nisso. Que Deus alumie o caminho deles, e o meu também.”*

### **3.3.18. “Falsidade na noite” (Fig. 38)**

*Realização: 11 de maio de 1999.*

*– “Falsidade na noite”... porque essa vida que a gente véve (sic) num é brincadeira não!... Na vida social, entre família, a gente tem outras coisa... mas na vida do ser humano de rua é completamente diferente... Tem diversos cara que é “pé inchado”. Vocês que não sabe o que é pé inchado, é o seguinte: é aqueles cara que bebe e não consegue levantar do lugar. Então qualquer um que chega mete a mão no bolso, pega sacola, pega relógio, pega de tudo que esse cara tem. E no outro dia quando ele acorda ele já não tem mais nada. E ele ainda acorda meio bêbado um pouco. Esses se chama “pé inchado”. Mas tem umas maloca que não, que os cara já é diferente: já fuma pedra só a noite toda, sai pra roubar de madrugada... Ele só vai comer no outro dia de manhã cedo, mas mesmo assim, se tiver uma pedra ele já não come mais... fica comendo coxinha, pão velho... é bolacha que eles pede pros outros que passa na rua comendo... então o ser humano pra mim é o seguinte: ele não dá valor pra vida dele. Porque a vida da gente é muito preciosa. É uma coisa muito bonita, o ser humano se entender com o outro... abrir seu coração... Se abrir, conversar um pouco... se entender! Mesmo que você não tenha nenhum apoio pra dar para aquela pessoa mas uma palavra amiga eu acho que ela vale mais, viu?... Não... o desespero, a falsidade, virar a cara pra essa pessoa... Mesmo que ela esteja errada: conversa com ela... tenta abrir a mente dela... abrir a mente pra ver se ela abre alguma coisa, descola sua mente...*

38 – “Falsidade na noite”



*O risco é um simbolismo da vida (referindo-se ao desenho que fizera). Tem várias cores aqui: é cor de esperança, de felicidade, e de muita tristeza também... Fiz um sol aqui que representa a nossa terra. Uma terra muito bonita e muito maravilhosa... Tem muita gente sofrendo nesse mundo aí... E vocês que vão ver essas fitas (referindo-se às fitas de gravação de sua fala) põe a cabeça no lugar e nunca deixe de ajudar o ser humano. Porque essa vida é muito maravilhosa...”*

Analisando o conjunto da obra – a série dos 38 desenhos – observamos que uma figura se repetia insistentemente em quase todos eles: o *sol*. Enquanto as tragédias pessoais e coletivas eram pintadas, descritas, vividas e revividas, insistentes ‘sóis’ de cores cambiantes nos instigavam nas ‘Improvisações’ do morador-de-rua.

Em uma conferência a respeito dos “Objetivos da Psicoterapia”, JUNG deteve-se em conceitos teóricos que pudessem *tornar inteligíveis* algumas pinturas produzidas por seus pacientes. Apontou o caráter simbólico e primitivo daquelas obras, expressos não só através dos desenhos quanto da cor - cores de intensidade selvagem – nelas notando também um *inconfundível arcaísmo*. Assinala que “*estas características indicam a natureza das forças criativas subjacentes. Trata-se de tendências irracionais, simbólicas, de caráter histórico ou arcaico tão definido, que não é difícil traçar o seu paralelo com formações semelhantes na arqueologia e na história das religiões comparadas. Assim sendo, é lícito supor que os nossos trabalhos pictóricos provenham principalmente das regiões da psique que designei como inconsciente coletivo* (grifo dele)” (JUNG, 1991:48).

Define, em seguida, o ‘inconsciente coletivo’:

*“Entendo por esta expressão um funcionamento psíquico inconsciente, genérico, humano, que está na origem não só das nossas representações simbólicas modernas, mas também de todos os produtos análogos do passado da humanidade. Tais imagens brotam de uma necessidade natural, e esta, por sua vez, é por elas satisfeita. É como se a psique, ao remontar ao estado primitivo, se exprimisse nessas imagens, e assim obtivesse uma possibilidade de funcionar em conjunto com o nosso consciente, que é de natureza diferente, e isso eliminasse – ou melhor, satisfizesse – as exigências da psique que perturbam o consciente”*(JUNG, 1991:48).

Jung percebeu que havia nesse mundo interno “*disposições inatas para a configuração de imagens e idéias análogas ou semelhantes, carregadas de emoções experimentadas pela humanidade através dos milênios – os arquétipos*” (SILVEIRA, 1982:106).

O “arquetipo da ordem” é, por excelência, sob o aspecto psicológico, o si-mesmo (self) e ainda sob esse aspecto psicológico, a mandala significa um símbolo do si-mesmo. Nise da Silveira afirma que *“a mandala, expressão por excelência da totalidade psíquica é uma palavra sânscrita que significa círculo, ou círculo mágico, sendo que seu simbolismo inclui toda imagem concentricamente disposta, toda circunferência ou quadrado tendo um centro e todos os arranjos radiados ou esféricos. O centro da mandala representa o núcleo central da psique (self), núcleo que é fundamentalmente uma fonte de energia”* (SILVEIRA, 1992<sup>b</sup>). A mandala, por sua vez, segundo essa autora, não seria unicamente *“expressão de forças ordenadoras mobilizadas quando a psique está em perigo de dissociar-se. Surge também marcando as etapas evolutivas do processo de individuação [grifo nosso]. Mas, se o simbolismo da mandala for aprofundado e se forem pesquisados seus paralelos na filosofia antiga e na história das religiões, verificar-se-á que a mandala representa Deus e a unidade do cosmos subjacente à multiplicidade das coisas apreensíveis pelos sentidos”* (SILVEIRA, 1982:313).

Este self – centro ordenador da psique – na posição central que ocupa, proporciona aos seus símbolos que o exprimem (como o sol que a tudo ilumina, o olho de Deus da consciência, ) um elevado valor emocional. O “peixe” (ichthys) tanto quando o “sol” (novus sol) são alegorias do Cristo, que como o “olho” representam a divindade (JUNG, 1988:106-107).

O estudo que está contido no capítulo 10: *“O tema mítico do Deus Sol”*, da obra *“Imagens do Inconsciente*, de Nise da SILVEIRA (1982) onde ela discorre sobre Carlos – paciente esquizofrênico – que expressara continuamente o sol em suas pinturas, veio também em nosso auxílio para compreendermos Soviético. Segundo essa autora, o sol simboliza, na psicologia junguiana, o ego e seu campo de consciência mas também se imporia como símbolo do self, ou seja, a personificação do ego *“sob a forma do ‘corpo refulgente do sol’ decorre de ser o ego o ponto de referência central da consciência e de sua função criadora do mundo como objeto. É assim que o sol, direta ou indiretamente, está presente em múltiplas versões do mito do herói, quando este, depois de vencer os monstros das trevas, saindo de uma condição de semi-inconsciência, consegue trazer a realidade para a luz da consciência, recriando o mundo”*. No entanto, devido à magnitude de seus atributos específicos, o sol também impõe-se como símbolo do self, ou seja, do centro ordenador da psique, bem como da totalidade psíquica. O self, imagem de Deus, sol, estariam em estreita correlação (p.315).

A autora esclarece – através de Jung – as dúvidas a respeito do fato do sol ora simbolizar o ego, que é apenas uma parcela do self, e simbolizar também o self, que é a

totalidade psíquica: “*dada a importância essencial do ego como ponto central da consciência e suas peculiares funções, a parte (ego) poderá ser usada em lugar do todo (self)*” (p. 315).

Afirma que: “*De fato, o ego é estruturado a partir de impulsos originários do self, sendo sua função tornar-se instrumento de realização das potencialidades do self na vida real e no tempo. Este fenômeno psicológico assume dimensões máximas na figura do herói mitológico que representa tentativas do inconsciente para produzir um ego em concordância com as exigências totais da psique. Será um modelo ideal, um instrumento de encarnação do self*”(p.316). Estas concepções de self e ego aproximar-se-iam da concepção de self como “acontecer no mundo”(SAFRA, 1995, 1999), utilizada por nós neste trabalho.

### ***3.3.19. Deus- sol dos astecas: Imagem do sol lançando cruces no espaço***

Tomando, portanto, como base teórica a psicologia junguiana, compreendíamos os “*sóis*” de Soviético não somente como significação de símbolo do consciente, indicando a “*procura de luz do consciente*” (o que apontava para o “*estar em jogo*”, também, “*conteúdos do inconsciente pessoal*” de Soviético) (SILVEIRA, 1982). Percebíamos em seus trabalhos conteúdos provenientes de regiões do inconsciente coletivo que poderíamos comparar com “*formações semelhantes na arqueologia e história das religiões comparadas*”. Assim como Nise da Silveira impressionou-se ao encontrar “*reflexos da face do deus Sol dos astecas*” na pintura do seu paciente Carlos – com “*a imagem do sol lançando cruces no espaço*” (Fig. 39) – nós ficamos também impressionados ao encontrar nos desenhos de Soviético – e mais fortemente em um deles – o mesmo motivo.

Para melhor compreendermos a jornada expressiva de Soviético retomamos os relatos de Nise da Silveira a respeito do deus-sol Ra dos egípcios, e também sobre o deus-sol dos astecas, que segundo suas dimensões mitológicas seriam exemplos da conexão entre self e ego expressos através do simbolismo do sol.

“*Na qualidade de “imago Dei”, Ra representa o self; na qualidade de batalhador pela preservação da luz da consciência, simboliza o ego ideal. Ra viaja cada dia através dos céus no seu barco diurno, irradiando vida, luz e calor; durante a noite, noutro barco, atravessa o mundo ctônico*<sup>59</sup>. *É então que a viagem se torna perigosa mesmo para o mais poderoso dos deuses e criador de todas as coisas. No período noturno Ra sofre ataques*

<sup>59</sup> “Ctônico”: [Do grego *khthónios* e *hypokhthónios*] “Sob a terra, subterrâneo”. (Brandão, J. Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega. 2ª ed. Petrópolis: Vozes; 1993.)

*de monstros que procuram impedir a passagem de seu barco, para evitar que o sol nascente de novo se erga no horizonte. O mais temível entre os monstros é a serpente Apep, personificação da espessa escuridão que envolve o abismo das águas originais de onde o sol surgiu pela primeira vez e inexoravelmente, cada noite, tem ainda de percorrer numa difícil viagem. Ra vence Apep, mas não definitivamente. O dia é sempre precedido de uma noite de combates.*

*Entre os astecas, onde o deus-sol era também divindade máxima, ocorria fenômeno semelhante. O deus-sol fazia um percurso equivalente ao de Ra, com tremendas lutas. Mas sua vitória era incerta, temendo-se sempre que ele sucumbisse e sua luz se apagasse. O sol esgotava-se nas batalhas cotidianas contra os poderes das trevas. Urgia restaurar as forças do deus por meio de sacrifícios sangrentos e oferecendo-lhe corações recém-arrancados do peito de vítimas humanas, pois o povo asteca estava convicto da existência de uma relação afim entre a força solar e o sangue dos homens” (SILVEIRA, 1982:316).*

Soviético, portanto, “*por afinidades estreitas de natureza inconsciente*” em aproximação do deus sol dos astecas – cujos combates são violentos – também travava luta formidável “*para manter o pensamento claro, para defender o campo iluminado do consciente contra o assalto de forças obscuras do inconsciente, não menos aterradoras do que os monstros que tentam destruir o sol nas narrativas míticas*” (SILVEIRA, 1982:319).

Em reedição do mito nos tempos atuais, Sovético lutava não somente para não sucumbir ao assalto de forças obscuras do inconsciente mas, também, contra os *monstros* que atuam em uma sociedade de exclusão, como a brasileira. Alguns desses *monstros* – representados pelo estado de abandono, injustiças e discriminação, estão denunciados nas reflexões ditadas por ele – misto de dor, loucura e esperança – e escritas junto ao seu desenho do “sol lançador de cruzes”.

### **3.3.20. “Natal na escuridão e revolta na mente” (Fig. 40)**

#### **“O sol lançador de cruzes” de Soviético**

*Realização: 08 de dezembro de 1998.*

*“Quase chegando perto do Natal. Todos que estão na rua estão pensando em coisa boa. Em ambas as partes isso acontece. Uns querendo fazer assaltos, furtos, pra querer passar o Natal com um pouco de dinheiro no bolso. E o que foi roubado, como vai se sentir tendo a família para cuidar?”*

39 – “Sol lançando cruzes no espaço - Carlos”

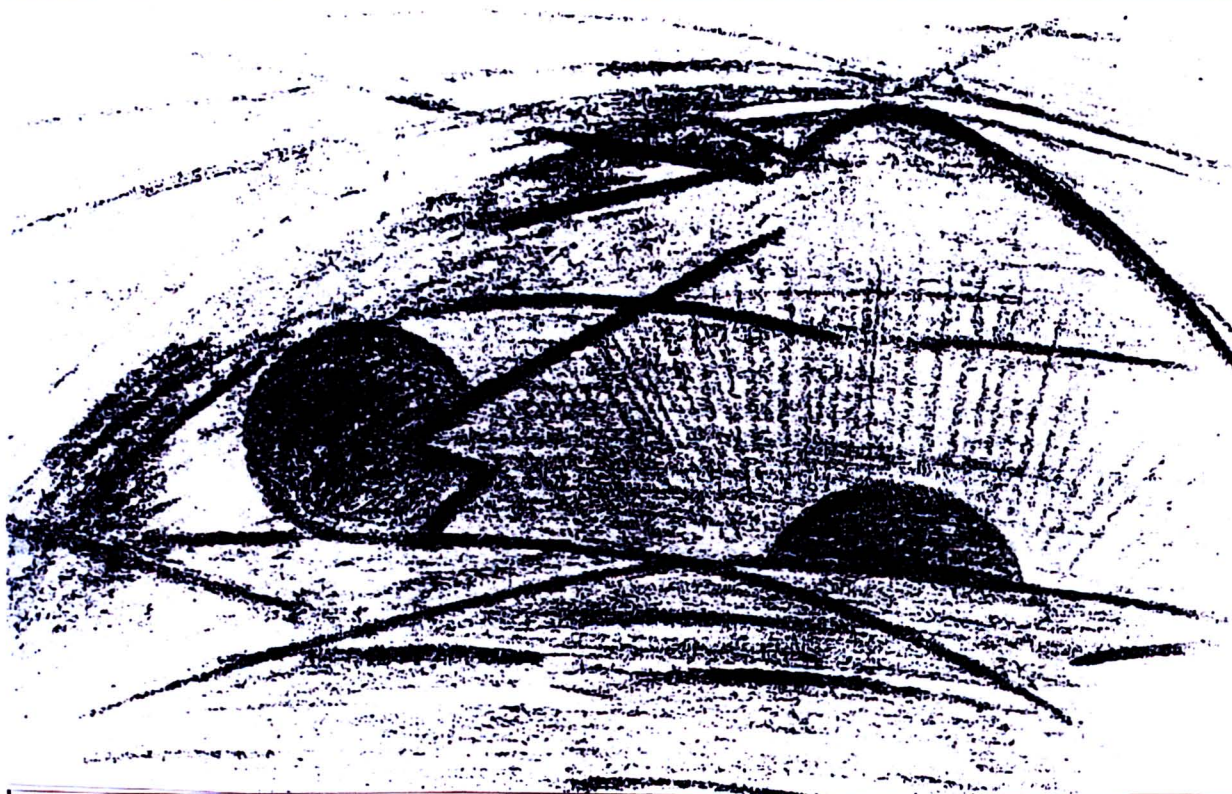


Imagem retirada de: Silveira N. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra; 1982.

40 – “Sol lançador de cruzes – Soviético”



*Os outros que não são de rua tão querendo comprar presentes, ter uma ceia melhor e reunir a família.*

[37] *E o povo de rua, como fica? Se não são as comunidades que vem dar um apoio de 40 a 50 minutos, o que seria deles? Eu acho que a cadeia ficava mais cheia do que já está... Pois eles tem uma revolta tão ruim no coração deles. Quem convive com eles por alguns minutos reconhece pelo olhar e pelo que reflete em volta deles. Pois muitos gostariam de passar o Natal com a família deles mas, a maioria, tem vergonha e não consegue enxergar a realidade como ela é. Ele prometeu muita coisa pra família, dizendo que ia ter emprego, uma vida melhor e não aconteceu nada disso.*

*Aí, então, a cabeça fica mais perturbada ainda... Fico parado no tempo... Passar o Natal na rua vendo todo mundo passando em suas casas, com a família, na maior harmonia e calor humano...Então aí é que vem a revolta e ele vai saindo pela escuridão da noite só bebendo, fumando droga, arrumando confusão ou roubando o coitado que tá curtindo a vida na maior harmonia.*

*Agora eu me pergunto: vale a pena fazer isso? Ou é a vida que força nós a isso?... Ou será que a gente, como não tem ocupação, só pensa besteira... Luta, luta e nunca chega no seu objetivo. Sempre reclamando da vida, ou desabafando ou se drogando e nunca achando uma saída.*

*Às vezes olho pro céu e falo: “Tenha piedade de mim!” Mas no outro dia parece que nem conversei com ele. Aquela corrida louca, enlouquecida, louco pra me drogar de novo porque não encontrei uma saída... Muitos já encontrou e não soube aproveitar. Outros soube aproveitar e hoje estão em suas casas tentando esquecer o passado. E eu que estou no futuro, pergunto pra todo o povo de rua: “Que futuro é esse? Um querendo roubar, outro só esperando você dormir pra poder roubar. Isso tá parecendo a casa da abelha: todo mundo quer mel mas ninguém quer fazer por merecer. Pois a gente não pode pensar muito, pois está na hora de levantar a cabeça e procurar a solução. Espero que seja para a melhora. Se for ficar no que já tá é o inferno total. Então vamos pensar em Deus pois a gente também tem que fazer a nossa parte. Espero que um dia chegue um pouco de esperança.”*

Este texto e desenho foram executados por Soviético quase cinco meses após o primeiro desenho realizado no processo de “encontro” com a professora em quem confiava, Dona Silvia. Podemos notar que ele está em pleno processo de “*auto permissão de olhar-se*”: é quando pode ver-se como usuário de droga, roubando “o coitado que tá curtindo a vida na maior harmonia” e ainda perguntar-se: “*Vale a pena fazer isso?*”

Através da representação psíquica que se traduzia nos traços, cores, palavras e gestos, Soviético podia objetivar e visualizar o “caos” interior.

*“Com isso, o caos que nos parece impossível compreender e formular é visualizado e objetivado, podendo então ser observado à distância, analisado e interpretado pela consciência. O resultado desse método parece residir no fato de a impressão originariamente caótica e amedrontadora ser substituída pela imagem que dela se faz”* (JUNG, 1990<sup>a</sup>:249).

Questiona-se e questiona a sociedade – e aqui ele lança a questão de maneira genérica, referindo-se à *vida* – sobre o porque de sua situação.

No texto e desenho, bastante densos, podemos observar conteúdos da psique de Soviético em estado revolto, em movimentos que permitem que essas características se mostrem à sua consciência. Próximo do deus-sol dos astecas, no seu cotidiano de morador de rua, fazia seu percurso envolto em batalhas formidáveis. Lutando para manter-se vivo, expressava em seu discurso e em seus desenhos-sóis o temor da derrota: nas lembranças ou vivências de desespero, violência e crimes, seus sóis cambiantes vestiam-se de roxo escuro, ou de negro, em prenúncio de colapso iminente. Soviético-sol esgotava-se nas noites “de loucuras” vividas na maloca, regadas a drogas e agressões mútuas. No entanto, em todos os seus desenhos, seus sóis, imagens arquetípicas circulares – defesas ativadas ante tanta perturbação – anunciavam e exprimiam tentativas de renovação da psique atormentada. Outros moradores de rua, sóis-companheiros seus nas jornadas nas malocas de São Paulo já se apagaram, tragados pelos sorvedouros da barbárie e da exclusão a que estavam entregues. Soviético, no entanto, teimoso e “revoltado” – como ele mesmo se anunciava, justificando seu apelido – resiste, como que tomado pelo *princípio de Hórus*, que o faz emergir a cada dia do abismo urbano e o impulsiona ao sobreviver.

### **3.4. Os ‘sobreviventes’ da guerra urbana**

#### **- Últimas notícias de Soviético e Cara Queimada**

Após a morte da companheira e da separação da filha, que fora morar com uma irmã de sua companheira, Soviético voltou a morar nas ruas. Continuou mantendo contato com Dona Sílvia e Dona Lucinha, que o visitavam continuamente na nova maloca onde ele se instalara, em baixo do Viaduto....., no centro da cidade de São Paulo.

Cara Queimada passou a viver, também, nessa maloca: voltou a sua antiga condição de morador de rua.

Quando o conheci em 1993, Cara Queimada morava em uma maloca no centro de São Paulo, em situação lastimável. Bebia muita *cachaça*, não usando outras drogas. Por estar quase sempre alcoolizado, era constantemente *atropelado* pelos carros das ruas próximas à sua maloca. Sofreu nove atropelamentos, ficando-lhe seqüelas: andou com auxílio de muletas por um certo tempo. O apelido “Cara Queimada” foi-lhe colocado quando lhe atearam fogo ao rosto, enquanto dormia na sarjeta. A história de vida desse morador de rua está focalizada no estudo do Mestrado (ALVAREZ, 1999): acompanhei sua trajetória de reerguimento gradativo do processo de morar nas ruas. Ele conseguiu até alugar um quatinho em uma pensão e mobiliá-lo, abrindo uma conta na Caixa Econômica com o dinheiro recebido de um ‘seguro’, pago pelo seu último atropelamento. Tivera, nesse processo, a ajuda de um advogado que ficou com metade do dinheiro à guisa de ‘honorários’. Exibia seu “cartão azul” – cartão de crédito da Caixa – com enorme satisfação para os amigos da rua, para desespero de Dona Lucinha e Dona Sílvia que tinham medo que ele fosse roubado.

Manifestara, na época, o desejo de vender cigarros numa ‘banquinha’ na rua, acreditando que sua condição de deficiente físico facilitaria o processo de adquirir um “ponto de venda”. Esse projeto não deu certo. Quando comecei os estudos com o novo grupo de moradores de rua liderado por Soviético, Cara Queimada esteve presente em minha primeira visita à maloca<sup>60</sup>, conforme já foi relatado: acompanhou-me – cicerone discreto, amigo – facilitando-me a “ponte de acesso” ao grupo, em maio de 1999. Acabando o dinheiro que tinha no banco ele se desfez do quatinho e voltou a morar nas ruas, em companhia de Soviético.

[37<sup>a</sup>] Em uma noite de sexta-feira de janeiro de 2002, Cara Queimada, alcoolizado, brigou com um morador da maloca e quebrou uma garrafa em sua cabeça. Revidando, o agredido desferiu uma facada em sua barriga e fugiu. Estirado no chão e, “*com a banha de fora e sangue correndo*<sup>61</sup>...”, Cara Queimada foi socorrido por Soviético, que pediu ajuda aos policiais de uma viatura que por ali passava. Um dos policiais recusou-se a atendê-los; no entanto, seu colega pediu-lhe que fossem, sim, levar os dois moradores de rua até ao Pronto Socorro próximo. Deixados à porta de um Pronto Socorro da rede pública de saúde, Soviético lá entrou carregando o amigo ferido nos braços. Após três dias de internação, o morador de rua voltou para a maloca, com ‘dezenove pontos’ na barriga. A intervenção do policial tornado repentinamente em “benfeitor”, não passou despercebida de Soviético, que comentou, ao descrever o episódio: “*Era um polícia de ‘bom coração’...*”

<sup>60</sup> Vide foto 1, no texto: “*Primeiro contato: visita à maloca*”, neste Capítulo III.

<sup>61</sup> Segundo relato de Soviético.

Dona Sílvia foi lá visitá-los – lá na maloca – e relata, admirada, a resistência de Cara Queimada, ao vê-lo melhor:

*“O que não dá para entender é essa recuperação: com um corte enorme na barriga, mais de dezenove pontos, e também pontos nos dois braços, deitado no chão, no meio da sujeira, sem remédio e sem proteção no lugar da facada e está melhor. Não dá para entender! O remédio é a proteção de Deus!”*

*Dona Lucinha está muito preocupada com Cara Queimada porque ele voltou a beber e não está se alimentando direito. Ela está sempre aconselhando ele a não beber de medo que a tuberculose volte.*

*Quando cheguei lá na maloca ontem (no dia 23 de janeiro de 2002) o Cara Queimada estava deitado e o Soviético conversava com uma moça, também moradora do local. A maloca está muito cheia: umas quinze pessoas com idades variadas, crianças com uns seis anos, jovens de doze, quinze, dezessete anos. Soviético disse que o local está muito pesado e cada um tem uma história mais triste que a outra pra contar. Todos os jovens na droga, bebida e roubando. À noite, depois da meia noite, o perigo no local é grande. E o pior, diz ele: “Ninguém faz nada para melhorar.”*

*[37<sup>a</sup>] Conversamos sobre a venda de água de côco<sup>62</sup> e se ele ainda estava querendo fazer esse trabalho. Respondeu que sim. Então, agora em fevereiro, vamos agilizar isto. Quem sabe ele e Cara Queimada podem alugar um quarto com o dinheiro que eles ganharem...”*

Soviético pediu ajuda a Dona Sílvia para comprar um presente para a filha, que faria aniversário no fim do mês de fevereiro, pois ele estava sem dinheiro. Solícita, ela foi até “a Praça da Árvore comprar o presente, onde é mais barato”. Antes, porém, consultou-me sobre o que comprar para uma quase adolescente, pois queria “que ela gostasse do presente”. Após trocarmos idéias, comprou uma “linda mochila de escola, uma gracinha!”, segundo suas palavras.

No dia 23 de fevereiro de 2002 ela foi, à tarde, até à maloca levar o presente para Soviético. Ele e Cara Queimada dormiam em velhos sofás, próximos um do outro: haviam passado a noite em vigília, alertas contra eventual ataque de alguém contra eles.

Adentrando no local, que estava repleto de jovens e crianças moradores de rua e usuários de drogas, Dona Sílvia foi até Cara Queimada e o acordou. Dirigiu-se depois a Soviético, acordando-o. Sentando-se ao lado dos dois, num dos velhos sofás que lhes serviram de cama, Dona Sílvia entregou a mochila para Soviético.

---

<sup>62</sup> Soviético tinha manifestado para Dona Sílvia o desejo de montar uma ‘banquinha’ para vender ‘água de côco’, projeto que ela incentivara e se prontificara a ajudá-lo na realização.

[38] Ficaram conversando um pouco, segundo ela, na “*sala de visitas*” deles. Comentou com Cara Queimada sobre o antigo projeto dele, de vender cigarros numa banquinha na rua: prometeu-lhe ajuda para que o velho sonho fosse realizado. Voltaram, também, a tocar no assunto da “venda da água de côco”, quando ela falou para Soviético:

- “*A minha esperança está agora quando você estiver trabalhando, vendendo água de côco... e quero ver você bem arrumado, com uma bonita camisa branca, e escrito em cima da sua barraca: ‘A vitória do guerreiro!’*”<sup>63</sup>

Inquieto e preocupado com a permanência de Dona Sílvia naquele local, devido à proximidade daqueles jovens e crianças enlouquecidos pelas drogas, Soviético ofereceu-se para acompanhá-la até ao ponto de ônibus. Aceitando a oferta, a professora-mãe foi embora.

#### 4. **MARCOS, O MORADOR DE RUA**

##### 4.1. **“Procurando ser um cidadão na vida...”**

Conheci Marcos<sup>64</sup> na escola para moradores de rua da Igreja..., em 11 de maio de 1999.

Habitando nas ruas da cidade de São Paulo há dez anos, 46 anos de idade, diabético e portador de tuberculose, freqüentava as aulas ministradas por Dona Sílvia e Dona Lucinha. Apesar de não ser analfabeto, permanecia nas aulas escrevendo e desenhando livremente, em processo de retomada da escrita, a qual não exercitava há muito tempo.

Vale lembrar que nas aulas de Dona Sílvia e Dona Lucinha, os moradores de rua vivenciavam muito mais do que simples informações escolares. O “estar junto” com os companheiros de rua, acolhidos pelas professoras amigas em quem confiavam, a quem podiam abrir a própria alma, confiando-lhes segredos, problemas ou alegrias certos de que seriam *realmente* ouvidos, tornavam aqueles instantes de aula privilegiados para cada um deles.

Sentados nos bancos escolares, enquanto executavam os ‘deveres de classe’, expressavam-se livremente em suas opiniões, geralmente em voz alta, enquanto escreviam; conviviam com os colegas – conversando e trocando experiências entre eles – movimentando-se à vontade naquele “espaço de confiança” coletivo proporcionado pelas professoras-mães.

Chamamos a atenção para o uso – intencional – da característica “mãe” para as referidas professoras, em observação ao constructo teórico deste trabalho.

<sup>63</sup> Atitude positiva e esperançosa de Dona Sílvia em relação ao morador de rua, característica que está relacionada ao sentimento de “Ágape” que movia a professora.

<sup>64</sup> Marcos: Codinome. Conservamos seu sobrenome – Leão do Nascimento – devido sua importância na análise que faremos do processo de transformação de sua psique.

[39] Presente em algumas dessas aulas, pude observar Marcos relatando à professora e aos companheiros, o momento em que ele pudera dizer “*Não!*” para a pinga, abstendo-se do álcool nos dias anteriores.

Dona Sílvia o cumprimentava alegremente pela vitória. E isso acontecia assim, no meio da aula, enquanto escreviam as lições “passadas” pela professora.

O interesse das duas professoras pelos “*alunos-moradores de rua*” não se esgotava ali, na sala de aula. Mais do que aos alunos, elas visavam o ser-humano em cada um, atendendo-os – quando possível – em suas solicitações de vida, do dia a dia.

Foi assim que presenciei Dona Sílvia, em uma dessas aulas – 14 de setembro de 1999 – conversando com Marcos a respeito de sua Certidão de Nascimento, que ele havia perdido nas ruas. Ela entrara em contato telefônico com um Cartório de Registro Civil da cidade onde ele nascera – Maceió – pedindo que localizassem sua certidão de nascimento e que a enviassem pelo correio para São Paulo. O processo arrastava-se, estava difícil achar o local exato onde estava o documento.

Gravei um trecho do diálogo:

*DS:* Dona Sílvia

*M:* Marcos

[39] *DS* – “*A funcionária de lá me perguntou se você era de algum bairro de Maceió. Você lembra o nome do bairro?*”

*M* – “*O bairro de P....*”

*DS* – “*Então ela perguntou isso e eu não sabia, agora eu já sei... Agora, quando ela ligar, eu digo...*”

*M* – “*Tudo bem. É... (calculando) mais ou menos: quanto tempo vai levar?*”

*DS* – “*Agora eu não sei! Isso é com ela, lá... Caso eu veja que passou uma semana, duas semanas e não ligaram, eu volto a ligar.*”

*M* – “*Tá bom, Dona Sílvia.*”

*DS* – “*O pedido já está feito, viu? Eu quero ter o prazer, a alegria de entregar (a certidão) para você...*”

*M* – “*Muito obrigado! Eu vou ficar muito agradecido à senhora!*”

Nesse mesmo dia Marcos concedeu-me uma entrevista gravada. Vejamos alguns segmentos da mesma:

## 4.2. O discurso de Marcos

### 4.2.1. Desejo de transformação: “sair desse sistema de rua...”

[40] Morador de rua há dez anos, Marcos declarou ser diabético, que já tivera três internações hospitalares por tuberculose e que voltara a *cair no fundo do poço*: saindo do hospital voltara a morar na rua e a alcoolizar-se. Expressou, naquele momento em que conversávamos, seus propósitos e processo de transformação:

- *“Agora, de uns tempos pra cá, de uns seis meses pra cá, eu tô procurando, tentando ter opinião na vida pra me recuperar, né? Inclusive, eu já parei de beber... Eu tô com uns quatro, cinco meses sem beber e sem fumar... tô procurando mudar, ser outra pessoa, assim, no sentido da personalidade, psicologicamente, querendo mudar de vida, né? Mas, pra gente mudar, assim... a gente vive num sistema de vida e pra mudar de repente, dum dia pro outro, é meio difícil... É como uma escola: a gente tem que começar a saber o alfabeto, começando e se entrosando com aquela situação de vida e procurando mudar... sair desse sistema de rua ...*

*Então esses tempos atrás eu vinha se (sic) entregando, né? Eu tinha problema de saúde, ficava internado, saía do hospital e ia beber de novo... e... não tinha assim uma força, uma coisa psicológica assim pra falar: “Eu vou parar com isso, isso não adianta pra mim, eu tenho que procurar sair dessa vida, eu tenho problema de saúde e não posso pensar em álcool...”*

### 4.2.2. A Escola e Dona Sílvia: pontos de apoio

Revelou os pontos de apoio que o auxiliaram no processo de transformação, resistindo à bebida alcoólica:

[41] - *“Comecei a vir aqui na escola, a freqüentar a escola; a Dona Sílvia foi me dando uns conselhos, foi falando pra mim: “E aí, seu Marcos, como é que foi seu dia? Disse não ao alcoolismo?” E eu disse: “Sim senhora! Tô seguindo os conselhos da senhora!” E, graças a Deus, eu estou sentindo uma diferença, eu senti que a partir do momento que eu comecei a freqüentar aqui a escola, a conversar com a Dona Sílvia, ela me dar conselhos, estudar alguma coisa, inclusive escrever – eu tinha até dificuldade pra pegar na caneta, eu pegava com esses dois dedos assim e só escrevia assim – hoje eu escrevo normalmente, viu?”*

### 4.2.3. *Convivendo com a criminalidade*

- *“A gente faz uma vez e perde o medo...”*

Marcos recordou quando trabalhava fazendo ‘bico’ no Jornal... de São Paulo: trabalhava à noite, encartando jornal e carregando caminhão. O dinheiro que recebia dava para pagar *“uma diária para dormir”*. Às vezes ia dormir naquelas *“pensãozinhas, naquelas hospedarias que tinham ali na antiga rodoviária Júlio Prestes.”* Segundo ele, o ambiente nesses locais era *“muito pesado, ambiente de criminalidade, onde só tinha pessoas que pensavam no mal, muito bandido, bandido mesmo!”*

No seu relato, foi desfilando lembranças de convivência e queda na criminalidade:

[42] – *“Tinha um hotel de frente pra Júlio Prestes. E eu andava no meio daqueles caras, fazia “bico” no Jornal, andava de madrugada ali e tal... e fui pegando aquele convívio né? Aquela... não sei se a senhora entende: a gente, quando convive com essas pessoas, a gente não pode se sentir... é... se sentir assim... “melhor”... não pode se sentir assim que é o “bonitinho”... eles notam logo! E se a gente não conviver, fazer uma amizade, procurar um diálogo, né? Entender...*

*Chegou um dia em que eu... não sei... já tava convivendo há um bom tempo ali, né?... e eu sentia a ... desempregado (ele não considerava o ‘bico’ que fazia no Jornal... como ‘emprego’) ... e via aqueles caras que andavam tudo bem vestido... e num trabalhavam. Entravam no hotel pra dormir, entravam na hospedaria às onze horas e dormiam até ao meio dia, duas horas da tarde e depois saíam pra roubar... E... eles chegavam...*

*Eu dormia no quarto que eles dormiam, junto com eles... Eu ficava observando... Eles roubavam... não era de pobre não... roubavam de pessoas que tinham, de comerciante... Aí tinha um alemão lá, eles chegaram... Eu tava dormindo, que eu fazia “bico” no Jornal..., e as vezes eu acordava com o cheiro da maconha, eu acordava assim e sentia aquele cheiro... E quando eu abria os olhos, puxa, eu via aquela fumaceira assim... dava uma reação, uma ansiedade...*

*Mas graças a Deus até que eu convivi com uns cara que só fazia mal pra aquelas pessoas da rua, né? Porque eu vivia lá, era um cara simples, fazia um “bico” no Jornal..., eles me conheciam e às vezes eu passava num bar, numa lanchonete e vendia uns jornal pra eles... Então eles me respeitavam, me consideravam, assim, né?*

[43] *Aí um dia um cara me chamou: “Ô, cara, você tem que sair dessa vida!... trabalha, fica a noite toda trabalhando no jornal, aí, e num ganha nada!... Essa roupa toda*

*esfarrapada, aí... tomando cachaça... Você não pode ficar só com cachaça! Tem que fumar baseado, o baseado deixa a pessoa esperta, a pessoa não fica caindo na rua, aí...”*

*Eu sei que me influenciaram, sabe? E no dia a dia eu trabalhava, e trabalhava no Jornal..., e tal, e na transportadora, e sempre naquela, não tinha um dinheiro pra comprar uma roupa melhor, e os cara chegava lá, corrente de ouro, bem vestido... Às vezes tinha domingo lá que eles chegavam e dava até uma força, traziam uns marmitex, e eu não aceitava mas às vezes eu tava... né? E eles: “Tudo bem, cara! A gente tá vendo que você tá numa pior, aí!”*

*E aí aconteceu que eu sai uma vez com o Alemão. E aí ele cismou de assaltar um cara numa boate na “Boca do lixo”. E ele me influenciou, e pá... e ele falou: “Não, cara... você vai ver... você faz uma vez... a gente faz uma vez e perde o medo...”*

*A gente já vai drogado, alcoolizado... A gente não tem medo... Agora o meu pensamento, eu tinha um pensamento de realmente assaltar, de ganhar aquele dinheiro, mas não tinha um pensamento de matar aquela pessoa...*

*Aí, o cara...o Alemão, se a vítima reagisse, ele matava. Então a gente chegou e... ele tinha o revólver e eu só chegava na pessoa e pegava as coisas...*

*Aí, eu naquele convívio, ali, aquela coisa, sabe, convivendo com aquele pessoal a gente tem que entrar no esquema, porque senão a gente termina... o cara... pode até... sei lá...”*

Atendendo ao meu pedido sobre maiores detalhes sobre o assalto, ele continuou:

- *“Bom... é assim... a gente chega... o cara saiu da boate – e a gente já notou que o cara tava com dinheiro, um volume no bolso dele, bem vestido – e aí ele falou: “Ô, Marcos, é aquele cara lá... Eu chego, encosto a arma e você... faz que tá conversando e... pega o dinheiro dele...”*

- *“E você foi?”*, perguntei-lhe.

- *“ Eu fui... e se eu não fosse... se eu não fosse, né? Eu ia ficar... quando eu voltasse naquele ambiente, eu não ia conseguir voltar mais lá, porque os cara ia me tirar, iam falar: “Esse cara aí é um “cuzão”, vamo dá um pau, umas porradas nele e mandar ele sair fora daqui.”*

Incentivando-o a continuar o relato, perguntei:

- *“E o homem, reagiu? Como é que foi?”*

- *“ Ele chegou assim, o Alemão, já chegou – e o cara tava andando assim – e ele falou: “Ô cara!” O cara parou assim, olhou pra trás, e ele já encostou o revólver e falou: “É um assalto! Não precisa se preocupar, fica quietinho aí que não vai acontecer*

nada!” *Aí o cara tava um pouco alcoolizado, também, e falou: “Tudo bem!” e já foi tirando tudo, dinheiro, e dando...*

– *“E como é que você se sentiu, Marcos, depois que você pegou as coisas, que você fez o assalto, como é que você estava como pessoa?”*, indaguei-lhe.

– *“Olha, realmente, pra ser sincero, eu fiz aquilo ali, não porque eu gostaria de fazer... eu fiz a pulso... eu fiz pra mim manter minha moral de homem, uma personalidade de homem e não ser um cara que depois eles iam falar que eu era... Eu queria mostrar que eu era um cara que era homem também, igual a eles. Eu era sujeito homem... só que eu não tinha aquele intencionalidade...”*

#### 4.2.4. O que é ser “Sujeito homem” – transformação

[44] O significado de ser ‘*sujeito homem*’ para Marcos, intrigava-me. Sabia da influência da cultura nesse modo de pensar e agir, que o ‘*cabra macho*’ de algumas regiões brasileiras não podia *arredar pé* do enfrentamento das situações consideradas difíceis, de coragem e, se necessário, até de violência, sob pena de ser considerado um fraco, um “*sujeito mulher*”... O homossexualismo era motivo de vergonha e fator desencadeante de violência. Esse aspecto cultural de intolerância violenta ficou-me bem ilustrado quando estive no sertão do Piauí, participando de pesquisa sobre o desenvolvimento infantil na região do semi-árido (publicado em RABINOVICH, 1994, 1996). A uns sessenta quilômetros de Terezina – em pleno semi-árido, região de extrema pobreza – encontrei um rapaz homossexual, maquiado grotesca e exageradamente, com os olhos cheios de sombra azul, “blush” e batom vermelho nos lábios. Estava jurado de morte pelo próprio pai – que o considerava a desgraça da família – e tivera que morar sozinho no alto da serra, em um casebre no meio do mato. Só estava ali, naquele momento em que o encontramos na casa da mãe que o recebia compreensiva, porque o pai saía para trabalhar e, antes que este retornasse do trabalho, o ‘*sujeito mulher*’ tinha que se esconder de sua ira de pai-‘*sujeito homem*’ ultrajado.

Com o objetivo de explorar melhor o significado das declarações de Marcos, perguntei-lhe:

– *“O que é ‘ser homem’, para você?”*

[45] – *“Bom... o homem, pra mim é aquele que é honesto, é trabalhador, é aquele que não rouba..”*

Apontando-lhe o fato que ele relatara anteriormente, em que se envolvera em assalto “pra ser sujeito homem”, ele respondeu:

– “Sim... mas foi nessa época, né? Quer dizer que de lá pra cá eu me regenerarei... E naquela época, há uns dez ou doze anos pra trás eu achava que ser homem era o cara que era corajoso, o cara que encarava mesmo a vida, o crime assim cara a cara, olho a olho... então eu vivia uma vida assim, eu tinha um convívio com pessoas assim... E de lá pra cá eu fui me regenerando, eu não sou mais aquele cara de briga... Não quero mais saber de... Se o cara me olhar... antigamente eu era um cara que, se eu estivesse numa rua e o cara me olhasse, me encarasse assim meio torto, eu já ia lá perguntar pra ele o que é que era: “Ô cara, o que é que você está me encarando, assim?” Já ia com violência, mesmo, e se o cara quisesse brigar já saía na porrada, ali. Graças a Deus nunca matei ninguém... mas... eu nunca cheguei a ser um santo...”

– “E você ficou muito tempo com esse grupo, nessa vida assim de assalto?”, perguntei-lhe.

– “Sim. Eu... veja bem... eu fazia um bico no Jornal..., e dormia na hospedaria que esses caras dormiam... porque eles, é o seguinte, eles se escondiam lá, porque lá era um lugar que entrava muito trabalhador, maloqueiro, e tal, e eles se aglomeravam com esse pessoal como se fosse um esconderijo... e ninguém ia perceber aqueles cara lá, assaltantes...”

Mas, com o tempo, a ROTA começou a ir lá... dar batida lá. Às vezes eu tava dormindo quando ouvia aquele barulho: “Bam!” Abrindo as portas, já batendo, os PM entrava: “Levanta, levanta! Tudo mundo levanta! Levanta, porra!” E eles com as máquina na mão, uns com a metralhadora, outros com a automática... Todo mundo levantava, acendia a luz da hospedaria, lá, e aí eles chegava no pessoal que tava dormindo já perguntando: “E aí, onde é que tá o fumo? Quem é o cabeça do fumo aí, que vende o fumo aí?”

Perguntavam pra mim e eu falava: “Ó, eu durmo aqui, faço o bico no Jornal aí... a minha carteira profissional tá aqui, o meu vício aqui é álcool, de fumo eu não tô sabendo de nada, não!”

Eu sei que ninguém entregava, sabe? Agora eu não sei se era por medo... Mas... Aí o PM falava: “Veste a roupa, e desce todo mundo!” Aí encostava três camburão lá, lotava... e levava tudo lá pra terceira (Delegacia de Polícia), na rua Aurora...

[46] Nunca cheguei a ficar no Carandiru, nada... Eu entrava, às vezes à noite, na Delegacia, e quando era cinco horas da manhã, eu saía. Eu ia preso às vezes porque eu tava naquele lugar, ou porque às vezes eu brigava na rua, alcoolizado, e às vezes brigava, bagunça, nos bares...

Olha, foi uma vez só... uma vez que eu fiz o assalto com aqueles caras... depois a ROTA começou a ir lá, eles sumiram, e eu comecei a conviver com o pessoal do Jornal, a

*trabalhar, então... voltei a trabalhar... o meu pensamento era sempre trabalhar... Às vezes eu pensava em entrar para a vida de crime mas aí vinha uma coisa assim na minha mente e eu... pensava: "Deixa pra lá... Vou seguir minha vida assim mesmo..."*

#### **4.2.5. Recordações da infância – a ‘educação’ como ponto de apoio**

[47] Marcos relatou ter sido o mais novo de cinco filhos: quatro irmãs e só ele ‘de homem’. Foi ‘mimado’ pela família quando era criança. O pai – marinheiro – morreu quando ele tinha cinco anos de idade e a mãe, quando ele tinha treze anos. Declarou ter sido muito apegado à mãe e às irmãs.

*- “Então eu tive uma infância muito mimada, essa coisa assim de família, né?”*

Não se considerando um delinqüente, falou de sua *honestidade* e *bondade*, associando essa sua tendência à educação recebida na infância:

[48] - *“E eu sempre fui um cara honesto... Eu tenho 46 anos mas eu sou um cara que sempre tive um coração aberto... um coração humano, sabe? Não sou um cara que tá sempre pensando no mal. Eu tenho mais é um poder de bondade do que de maldade. Agora, quando acontece da pessoa me fazer o mal, aí é diferente! Entendeu? Ai eu penso no mal, também. Mas eu sempre fui um cara pacato, um cara quietão, nunca... não sou cara de procurar briga com ninguém, respeito todo mundo, acho importante isso nas pessoas, admiro as pessoas que sabem respeitar as pessoas na rua... Então eu trago isso comigo, essa coisa da infância... Educação, principalmente, eu sou um cara que... até se eu chegar numa pessoa pra pedir e ela vir com ignorância, eu não vou responder, eu vou embora e... Mas teve um tempo em que eu não era assim: eu era um cara duro, mesmo! Um cara que eu ia... queria, porque queria mesmo e... Hoje eu pensei que sou um cara que cheguei onde cheguei, trabalhei... hoje eu tô aqui nessa, praticamente um cara... num tô inválido ainda mas sei que daqui a alguns anos logo chegarei nesse tempo, problema de doença, sabe?”*

Concluiu falando de suas concepções sobre a vida, evolução e necessidade de receber o apoio de outras pessoas:

[49] - *“Mas graças a Deus, eu não tenho muita revolta... Eu acho que a vida é passageira, né? A gente tem que viver pra aprender: vai sofrendo, vivendo e aprendendo! E evoluindo, né? Hoje eu tô numa situação assim em que eu sinto que... só penso na minha evolução, no meu futuro... né? Na minha saúde, pensando sempre no bem... Só que eu sei que eu decaí... Sinto que eu decaí! Eu não sou mais aquele cara de uns anos atrás, que tinha condições de sair pra rua e encarar um trabalho, encarar isso... hoje eu já preciso das*

*peessoas pra me ajudarem e... nessa vida, sozinho, a gente não consegue nada, mesmo. Eu já prestei atenção que a gente precisa, realmente, de pessoas pra encaminhar, pra dar, falar o certo pra pessoa. Dar o farol, dar a luz...*

*Então é isso que eu queria falar pra senhora, que eu tava assim, desses tempos pra cá eu tava procurando a luz e não tava encontrando, né? E de uns dias pra cá eu estou sentindo que, aos pouquinhos, de degrau em degrau eu tô conseguindo encontrar... Eu era um cara que não freqüentava igreja!... Hoje eu entro na igreja, e já fico lá... Sinto bem!...*

#### **4.2.6. Recusa em pedir esmola**

Marcos relatou já ter ‘pedido’ ajuda na rua mas, que nunca gostou de fazê-lo. Considerava isso um ‘sinal de fraqueza’:

[50] - *“Eu nunca gostei, sabe? Quando eu vou pedir uma esmola para uma pessoa na rua eu me sinto lá embaixo... minha personalidade parece que... eu sinto que eu tô fraquejando na vida, sabe? Eu tô fraquejando, já tô perdendo aquele intuito de conseguir as coisas com o meu trabalho, com a minha maneira de conseguir as coisas, né?... No caso, se for um alimento, se eu tiver com fome, se eu tiver realmente precisando, com muita fome, eu vou num restaurante e falo com a pessoa responsável... Mas pra tá pedindo cinquenta centavos, como muita gente pede por aí, eu não consigo... Agora, se for o caso em que eu estiver muito alcoolizado, eu perco a vergonha. Parece que me dá uma coisa assim que, eu chego na pessoa assim e peço e num sinto nada, entendeu?”*

#### **4.2.7. “Sistema de vida” de rua: “uma prisão”**

No seu perambular do dia a dia, Marcos observava as pessoas que ficavam pedindo esmolas aos transeuntes. Lucidamente, ensaiou comentários a respeito do que ele chamou “desse sistema de vida” que, como uma prisão, considerou difícil de sair:

[51] - *“Às vezes eu tô na rua, na São Bento, fico assim sentado, eu fico olhando pra essas pessoas, porque eu sei que um dia eu também fiz aquilo, né? Mas elas ficam: pedem hoje, pede amanhã, pede depois, depois não pedem, e tornam a pedir de novo e continua, né? Eu acho que a pessoa vai se acostumando com aquilo ali, vai viciando, vai... se acomodando! Se acomodando. A vida de rua, o dia a dia é assim: a gente tá lutando, vai a pulso vivendo, sobrevivendo e, chega um tempo, quando a gente percebe, tá ali naquele, como se diz, uma prisão! Quer tentar sair daquela coisa ali, daquele sistema de vida e sempre tem uma coisa que faz a gente voltar pro sistema de novo...”* (grifo nosso)

#### **4.2.8. Desejo de trabalho e cidadania** **- O trabalho como ponto de apoio**

Muito doente nessa época em que o conheci – com diabetes e tuberculose – dormindo em albergues e passando o dia perambulando pelas ruas, comendo aqui e ali os alimentos que lhe eram ofertados por alguém ou por alguma instituição de apoio aos moradores de rua, Marcos não conseguia fazer o regime correto para o seu problema de saúde. No entanto, desejava trabalhar, mesmo reconhecendo “*ter decaído*”, com dificuldades para o trabalho. Estava “*cansado de ser morador de rua*”, queria um “*lugar civilizado para viver*”:

[52] - “*Eu luto, eu fiz inscrição para a frente de trabalho da Prefeitura, estou esperando... Porque eu fiz uns cursos no SENAI mas, hoje em dia, passou o tempo e eu... assim, quando a gente faz um curso e não pratica ele, não fica procurando aprimorar o que aprendeu, a gente esquece. Eu esqueci o que aprendi. É por isso que eu vim aqui pra escola, pra procurar tentar aprender, procurar um ideal na vida, né? E eu tô bastante tempo aí na rua, morando em albergue, já está com uns dois anos que eu não arrumo trabalho e eu tô assim com aquela vontade de mudar, de sair desse sistema de vida porque, sinceramente, eu vou falar pra senhora, eu já estou cansado de ficar nessa, sabe? Nessa de albergue... Eu queria trabalhar, e ter um lugar para mim... Morar numa pensão, num quarto... um lugar civilizado pra viver... e procurar ser um cidadão na vida, uma pessoa que participa da sociedade brasileira, né? E não ser um cara que não quer saber de nada, que não tem interesse de nada, entendeu?”*

#### **4.3. Conversando através de desenhos e colagens**

Enquanto freqüentava as aulas de Dona Sílvia e Dona Lucinha, Marcos também realizava desenhos ou trabalhos de colagem<sup>65</sup>, produções artísticas em que expressava os conteúdos de sua psique, exercitando-se na tradução do *indizível em formas visíveis* (JUNG, 1991).

---

<sup>65</sup> “Trabalhos de colagem”: Durante as aulas de Dona Sílvia eram-lhe fornecidas várias revistas e gravuras para que fossem utilizadas em seus processos criativos. Ele tinha a liberdade de recortá-las.

### 4.3.1. “O ronco do Leão” (Figs. 41, 42)

*Realização: 24 de agosto de 1999.*

Em uma das suas primeiras produções: “*O ronco do Leão*” – reproduzindo o símbolo dos “Rolling Stones”, banda de “*roque pesado*” de sua época de juventude – Marcos sugestivamente anunciava o ‘*renascer do leão interno*’, pulsão de vida, força interior consubstanciada em seu próprio sobrenome: *Leão do Nascimento*. E esse nascimento não era solitário na selva urbana indiferente onde vivia. Na pequena escola, em presença das professoras-mães que lhe proporcionavam a ‘*base segura*’<sup>66</sup> necessária, Marcos anunciava – por escrito no trabalho – da satisfação de sua pequena platéia pelo seu ‘acordar’ para a vida: “*O ronco do Leão na música popular.... faz a massa humana delirar na platéia*”

[53] Todo seu trabalho era rico em simbolismos que falavam de seu ‘momento mutativo’ (SAFRA, 1995) – do processo de transformação que estava em curso – do seu ‘self’ acontecendo no mundo. Trabalhando nos dois lados da folha, em uma das faces colou sugestivo texto, ao lado do leão rugindo, em pé e exibindo as garras:

*“Satisfação, finalmente”*

*“Trintões e quarentões russos que, nos tempos do comunismo, ouviam às escondidas cópias piratas dos discos dos Rolling Stones, puderam finalmente ver a banda ao vivo.” “.... Em 1967 o grupo tinha tentado exhibir-se na então capital soviética, mas as autoridades proibiram. O show começou com o clássico Satisfaction, acompanhado palavra por palavra pela platéia.”*

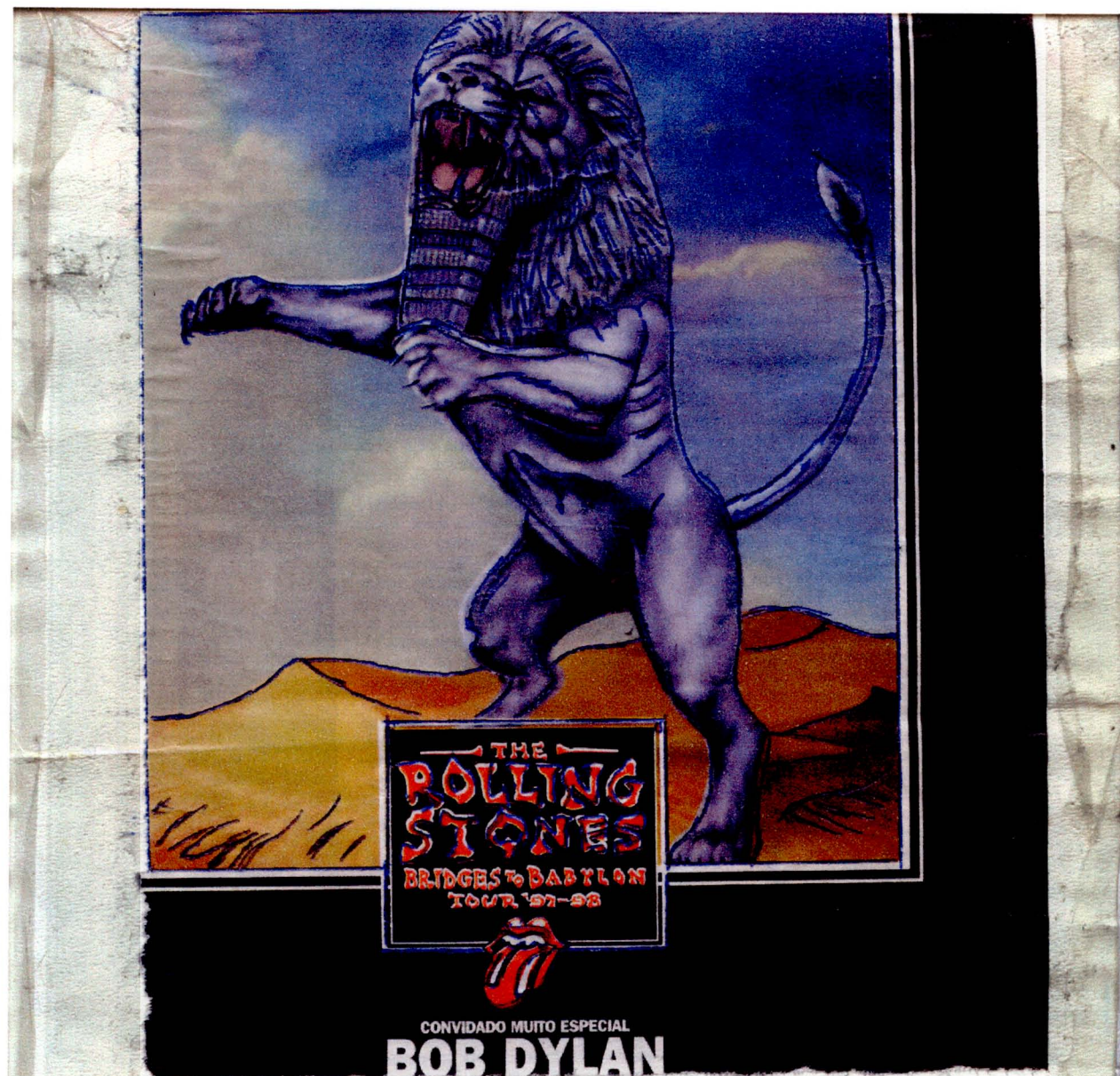
O ‘*quarentão*’ Marcos liberava-se para seu processo de transformação que seria não somente acompanhado – *passo a passo, palavra por palavra* – pela pequena platéia amorosa das professoras-mães mas estas seriam, inclusive, co-artífices desse seu processo.

Prosseguimos acompanhando suas produções criativas ao longo dos meses seguintes, nas quais satisfazia as necessidades de expressão de sua psique, ao mesmo tempo

---

<sup>66</sup> “Base segura”: Um ponto central de um comportamento de cuidados. Seria a partir de sua provisão à criança, ao adolescente e, nós acrescentamos – ao adulto – pelos pais ou outros que fizessem parte do “entorno” ou das “circunstâncias” de suas vidas, que eles poderiam “*explorar o mundo exterior e retornar a ele, certos de que serão bem vindos, nutridos física e emocionalmente, confortados se houver um sofrimento e encorajados se estiverem amedrontados. Essencialmente, é estar disponível, pronto para responder quando solicitado, para encorajar...*” (BOWLBY, 1989).

41 – “O ronco do Leão”



depenho próprio para o papel por  
Marcos para o Caderneto. Prof. Di. Lina  
O ronco do Leão era o mesmo que  
O som de aquele pesado dos  
requerios do conjunto, Rolling,  
Stones, faz a massa humana  
deletras na plateia?  
São Paulo 24 de agosto 1999!

Ao fazer este desenho Marcos anunciava, sugestivamente, o renascer de seu leão interno, pulsão de vida, força interior.

*São Paulo  
24 de agosto  
de 1999*

*Simbolo do conjunto  
de Power Rolling  
Stones*

**Satisfação,  
finalmente**

Trintões e quarentões russos que, nos tempos do comunismo, ouviam às escondidas cópias piratas dos discos dos Rolling Stones, puderam finalmente ver a banda ao vivo. Mick Jagger e companheiros apresentaram-se na terça-feira passada sob chuva para 50 000 pessoas em Moscou. Em 1967, o grupo tinha tentado exhibir-se na então capital soviética, mas as autoridades proibiram. O show começou com o clássico *Satisfaction*, acompanhado palavra por palavra pela platéia.

**Rolling Stones em  
Moscou: 50 000 fãs**

**RIO DE JANEIRO • 11 DE ABRIL • APOTEOSE • SÁBADO 19h  
SÃO PAULO • 13 DE ABRIL • ESTÁDIO ICARO DE CASTRO MELLO • 2ª FEIR  
INGRESSOS NAS LOJAS**

*O ronco do Leão?*

*desenhado por Marcos Peão de*

*Mosamento = trabalho dedicado as  
mulheres Silvia, Lucinha*

O ‘quarentão’ Marcos liberava-se para seu processo de transformação que seria acompanhado pelas professoras-mães, co-artífices desse seu processo.

em que “*criava-se a si próprio a cada instante, ao impulso das forças em movimento no inconsciente*” (SILVEIRA, 1982).

**4.3.2. “Relembrando: Uma peça desenhada e lembrada pelo curso que eu fiz no SENAI”**  
(Fig. 43)

*Realização: 31 de setembro de 1999.*

[54] Através do desenho com o título acima, Marcos representou na aula de Dona Sílvia aquilo que estava mobilizado dentro dele, “*e o que estava mobilizado era ele mesmo*” (JUNG, 1991). Trabalhando junto ao ponto de apoio – a professora amiga – retomava “*aquilo que esquecera*”, na “*procura do seu ideal na vida*”. O artesão de fantasias ativas procurava dar forma àquilo que já se configurava nele – no espaço da confiança – espaço transicional no processo de ‘encontro transformador’ entre ele e Dona Sílvia. Buscava – construindo – o sentido de sua vida<sup>67</sup>. E o ‘sentido de sua vida’ passava pelo desejo do trabalho – anunciado caprichosamente na “*peça que aprendera no SENAI*”; passava pelo passado distante, com sua ‘Maceió’ iluminada pelo sol, de jangadas de velas ao vento, coqueiros balouçantes nas praias de areias brancas, meninos sorrindo agarrados à ‘*mãinha*’ protetora, ao sanfoneiro de sanfona vermelha... (fig. 44)

**4.3.3. Lembranças da infância: Maceió iluminada pelo sol** (Fig. 44)

*Realização: Outubro de 1999.*

[55] Essas lembranças de sua terra, caprichosamente recortadas de alguma revista, foram coladas por Marcos em uma folha de desenho, durante uma aula de Dona Sílvia. Novamente, em presença da professora-mãe que o acolhia protetora no espaço potencial entre os dois, podia revisitar-se em seu passado sem desesperar-se, atualizando as alegrias da meninice mimada, banhando-se na saudade do tempo em que era um ‘cidadão’. E tudo estava ali, magicamente tão perto, tão iluminado naquelas fotos coloridas e tão

---

<sup>67</sup> “Sentido da vida”: conceito associado ao conceito de Resiliência, abordado em estudo anterior (ALVAREZ, 1999), e que é aprofundado neste trabalho.

43 - "Relembrando: Uma peça desenhada e lembrada pelo curso que eu fiz no SENAI"

São Paulo, 31 de Setembro de 1999. 40 anos

Uma peça desenhada e lembrada pelo curso que eu fiz no SENAI a <sup>quatro</sup> anos atrás. Relembrando?

3 Inspeções de Qualidade da peça?

Curso Inspetor de Qualidade

Medidas Colaborativas, Metodologia Teórica e Prática, Instrumentos e Materiais, Medicamentos, Medicinas, Medicina Colaborativa

diâmetro 7 mm

5,5 mm ALTURA

COMPRIIMENTO 15,5 mm

LINHA DE CONTORNO VISÍVEL

ESPASSURA = 0,5 mm = diâmetro

Ct = Centímetros

contorno visual

toquinho

Medida?

Relembrando = Marcos Paulo do Nascimento

Relembrado por MARCOS LEÃO DO NASCIMENTO

Quem desenhou = SILVIA

Através do desenho, com o título acima, Marcos representou na aula de dona Sílvia o que estava mobilizado dentro dele, retomando aquilo que esquecerá; buscava - construindo - o sentido de sua vida.

44 - Lembranças da infância: Maceió iluminada pelo sol



**CHARMOSA** - A partir dos Sete Coqueiros, a praia de Pajuçara, ostenta o título de "A Mais Charmosa da Cidade", oferece um pouco de tudo ao seu lazer. Espaço para shows, feiras de artesanato, quadras poliesportivas, centro de informações, barracas de comidas típicas e uma infinidade de opções para você curtir suas férias.

Além disso, a Pajuçara é dona da famosa piscina natural, a maior atração da praia. Esta fica a 2 quilômetros da costa e aparece na maré baixa, formada por um conjunto de recifes de corais que protegem o litoral da erosão e abrigam uma rica fauna. O passeio até lá é feito de jangada. Atualmente, os banhistas fazem da praia de Pajuçara o principal destino turístico do Nordeste e o mais belo do Brasil.

**PASSEIO PELAS ILHAS** - Bucólico bairro de pescadores localizado na zona sul da cidade, às margens da Lagoa de Mundaú, o Portal da Barra ainda resiste aos avanços da modernidade. Estando lá, você pode fazer de saveiro, o passeio

Maceió é assim, em qualquer época do ano e para quem quiser ver!  
 MARCOS - OUTUBRO 1999

93

RESTAURANTE PORTO DE MARAGOGI



MACEIÓ

O morador de rua Marcos recortou e colou imagens de sua cidade natal - Maceió - durante aula de dona Sílvia. Revisitava seu passado, atualizava alegrias da meninice mimada, banhando-se na saudade do tempo em que era um cidadão.

possível e permitido naquela frase que ele recortara e colocara cuidadosamente no meio de tudo:

***“Maceió é assim, em qualquer época do ano e para quem quiser ver!”***

Neste “momento de encontro transformador”, Marcos pôde retomar a identificação amorosa com familiares do berço natal distante, que atuaram como modelos favoráveis, pontos-fixos (DAMERGIAN, 1988) ou pontos de apoio em sua vida infantil. Eram os ‘*portos seguros*’ introjetados que o estavam auxiliando na nova configuração do rumo, do ‘*sentido de sua vida*’ (ALVAREZ, 1999). Estava em processo de transformação.

No dia 18 de outubro de 1999, Dona Sílvia entregou a Marcos, durante a aula, sua Certidão de Nascimento que havia chegado de Maceió através do correio. Agradecido, falou a ela:

- *“Dona Sílvia, o que eu tenho para falar à senhora é que estou agradecido pelo favor que a senhora me fez. Espero que Deus lhe dê em dobro o que a senhora me fez. Estou muito feliz, porque estava sem esperança de conseguir tirar esse documento. Agora eu posso arrumar meus documentos e, quem sabe, arrumar um trabalho...”*

#### ***4.3.4. “Reflexões: O Senhor é meu Pastor e nada me faltará” (Fig. 45)***

*Realização: 21 de outubro de 1999.*

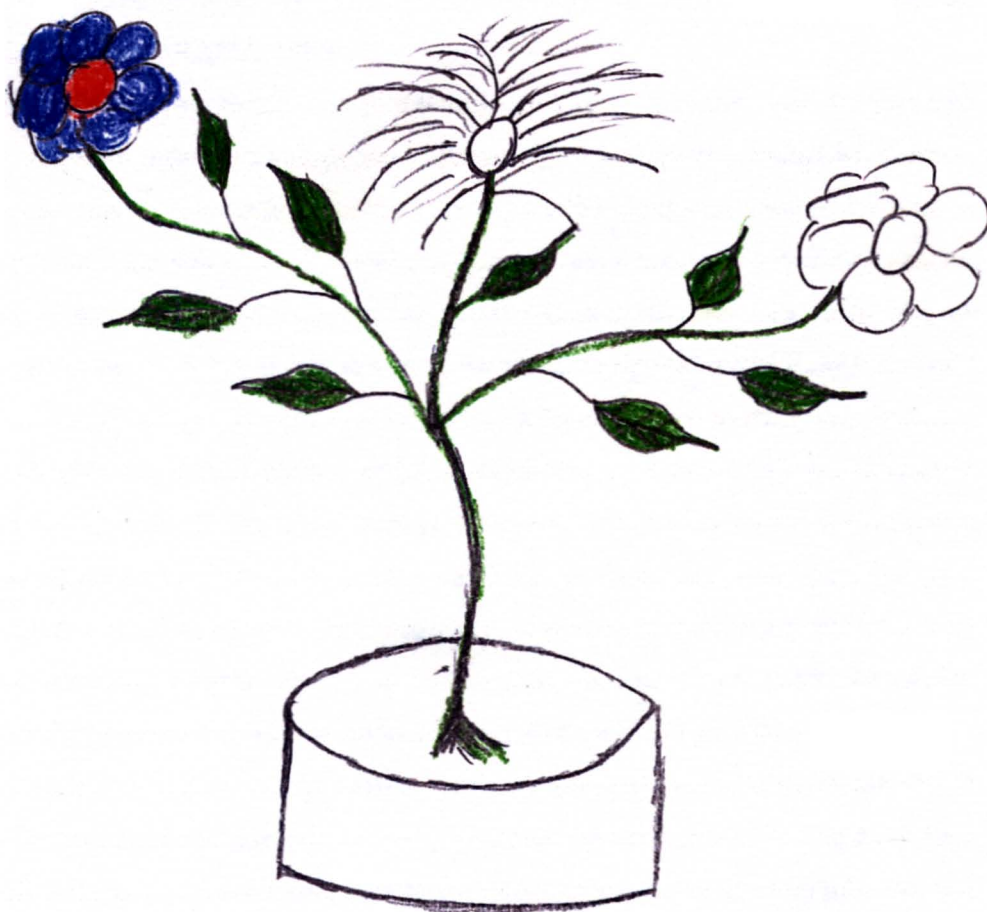
[56] Marcos fez o desenho intitulado “*Reflexões*”: uma planta com três flores desabrochadas, somente uma colorida, com a frase escrita: “*O Senhor é meu Pastor e nada me faltará*”. Em 31 de julho de 2001 novamente desenhouno<sup>68</sup> três flores saindo de uma mesma haste. Conservando o número ‘três’ nas suas expressões artísticas, mudava somente as espécies de flores.

Estavam lá, aquelas três flores que se repetiam – como os ‘sóis’ arquetípicos de Soviético – nos intrigando com sua expressão. O que teriam elas ou, mais precisamente, o seu número três que se repetia, a nos dizer, além de uma manifestação criativa, estética, pessoal e afetiva do morador de rua? Qual sua ligação com o processo de vida de Marcos, com o “*acontecer de seu self no mundo*”? Poderíamos estar frente à configuração de uma imagem arquetípica, expressão simbólica do inconsciente coletivo?

<sup>68</sup> A menção a este desenho neste momento – fora da ordem cronológica de apresentação – tem como objetivo torná-lo parte deste segmento de reflexão teórica.

45 – “Reflexões: O Senhor é meu Pastor e nada me faltará”

São Paulo 21 de Outubro de 1999  
De flores e reflexões de Marcos Leon Sobrinho



O Senhor é meu Pastor  
e nada me faltará.

Marcos Leon do Nascimento

*Marcos fez o desenho acima – três flores – que se repetiram em outros desenhos seus, flores que nos intrigavam em suas possibilidades de expressão arquetípica.*

Marie-Louise von Franz relata que *“uma imagem arquetípica não é somente um pensamento padrão (como um pensamento padrão ela está interligada com todos os outros pensamentos); mas ela é, também, uma experiência emocional, a experiência emocional de um indivíduo”* (Von FRANZ, 1990:20). Chama a atenção – apoiando-se em Jung – para a base humana a partir da qual tais temas florescem.

Sabíamos da importância, por exemplo, do número três na interpretação dos contos de fada: estava ligado com a questão rítmica das histórias que, por sua vez, espelhavam as estruturas básicas da psique, expressavam os processos psíquicos do inconsciente coletivo (Von FRANZ, 1990).

Marie-Louise von Franz cita o exemplo do herói que tem que vencer três obstáculos para no quarto momento atingir seu objetivo: *“São sempre três unidades claras – 1, 2, 3 – com uma certa repetição semelhante e a quarta unidade, mesmo distinta, é ignorada. A quarta unidade não é outro número adicional, não é uma outra coisa da mesma espécie das três primeiras, mas algo completamente diferente. É a mesma coisa que se contar 1, 2, 3 – já! O um, o dois e o três levam ao verdadeiro desfecho que é representado pelo quatro. O quarto é, em geral, um estado estático; não há mais o movimento dinâmico dos três elementos anteriores, mas alguma coisa se estabiliza.”* Relacionando movimento e tempo (JUNG, 1990b), pois não há tempo sem movimento, com o movimento inexorável e irreversível da vida, ela conclui: *“.... nos contos de fadas, a história – toda a peripécia – aparece quase sempre dividida em três fases para depois aparecer a quarta fase como uma solução feliz ou catastrófica (grifo nosso). A quarta fase conduz a uma nova dimensão, que não é comparável com as três etapas anteriores (grifo nosso)”* (Von FRANZ, 1990).

Voltando ao nosso herói Marcos, nós o observávamos movimentando-se criativamente, construindo, nessa jornada criativa, o sentido de sua existência, que é o rumo, que é o seu self acontecendo no mundo. Suas manifestações – nesse momento do seu processo – nos sugeriam que ainda não chegara ao *“já!”* da estabilidade, o momento em que sua psique se estabilizaria, configurando-se em nova dimensão. Poderíamos apreender uma totalidade desse ritmo no processo de Marcos? Ou esse ritmo se daria a cada instante, no vários *“momentos mutativos”* de seu self acontecendo no mundo? A idéia de ritmo – uma seqüência de unidades ou momentos experienciais acontecendo que levariam a um desfecho – nos atraía, tinha mesmo tudo a ver com a linha teórica que vínhamos desenvolvendo até então. O que nos intrigava era a especificidade do *“três”*, resolvendo no *“quatro”*, abordado na literatura a respeito. Voltaremos a essas questões, ao pensamento de Von Franz e Jung e à

análise do processo de Marcos no capítulo IV<sup>69</sup> desta tese, quando abordarmos as questões relativas ao macro-sistema do “*encontro transformador*”, a psicologia de Winnicott, o ‘Ágape’ e a Complexidade, entretecidos com a Sociologia. Estamos, por ora, na primeira volta da espiral.

Continuemos com Marcos e seu desenho.

No verso dessa folha, desenhou a frente de uma casa, com um homem e uma mulher na janela. As duas pessoas estavam separadas por um traço vertical; a mulher estava de frente e o homem, de perfil, virado para a direção dela. Abaixo das figuras escreveu os nomes: Marcos e Maria.

À direita do desenho escreveu o seguinte texto:

#### 4.3.5. “*Reflexões de minha vida*” (Fig. 46)

*Realização: 21 de outubro de 1999.*

[57] *“O meu ideal (sentido da vida?) é ter um lar onde eu possa viver como gente civilizada. E onde eu possa ter tranquilidade para sobreviver o resto da vida. Eu queria que as pessoas fossem mais compreensivas com aquelas que precisam de uma palavra de amor.*

*Mais compreensão e amor humano para o povo.”*

Nessa mesma aula, entregou um bilhete para Dona Sílvia, dizendo-lhe que no dia 28 de outubro faria aniversário e que gostaria de ganhar um presente: seringas descartáveis para fazer aplicação de insulina, o que ele tinha de fazer diariamente.

Dona Sílvia providenciou as seringas junto à casa religiosa que abrigava a escola e, ainda, comprou um relógio para dar-lhe de presente. Eu dei a ele uma camisa.

#### 4.3.6. “*Reflexões do desenho na data do meu aniversário*” (Fig. 47)

No dia 28 de outubro de 1999, Marcos compareceu à aula e desenhou um bolo colorido, com uma vela acesa e escrito em cima: “46 ANOS”. Ao lado do desenho escreveu o texto:

<sup>69</sup> Vide a conclusão da análise deste segmento – face aos novos fatos acontecidos em maio de 2002 com Marcos – na seção 2.5.1., Cap. IV, nesta Tese.

46 – “Reflexões de minha vida”

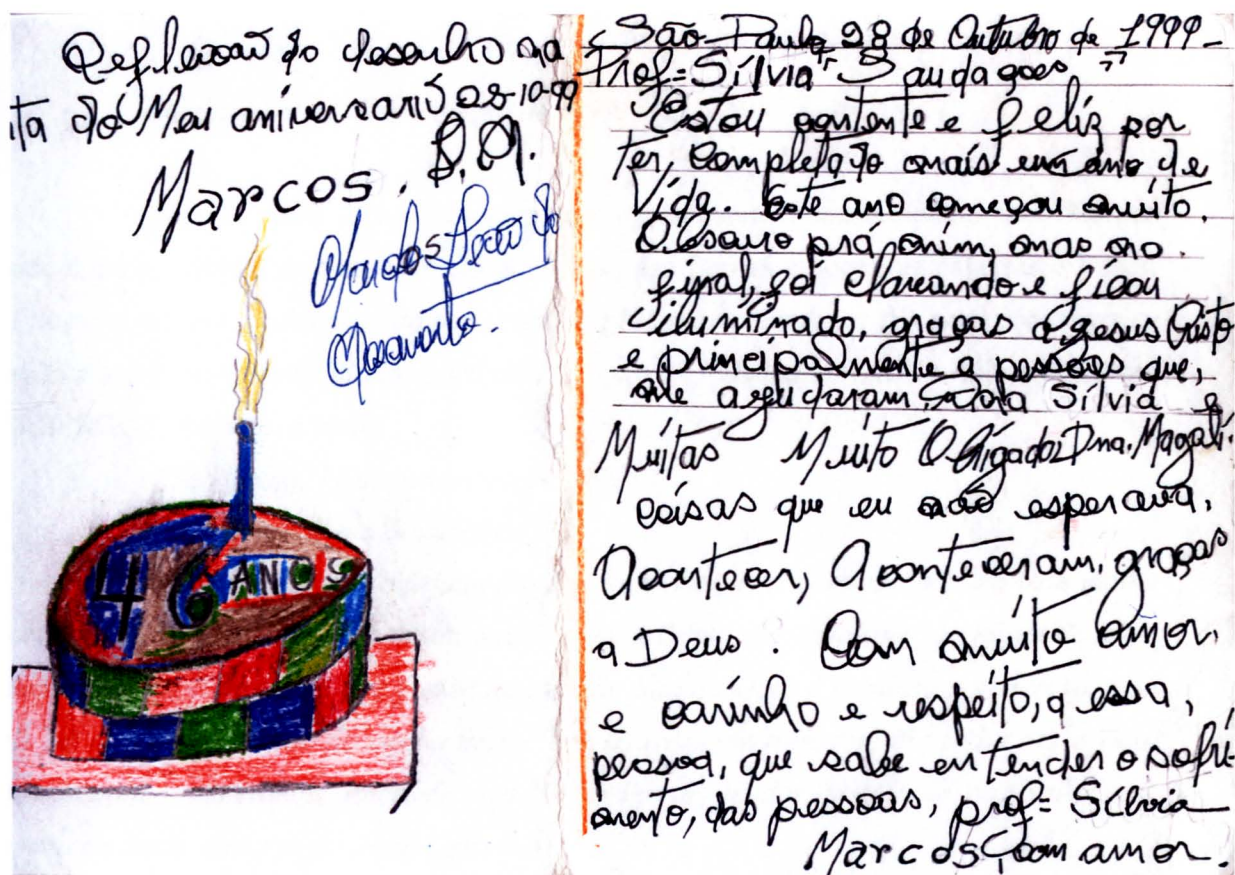


Reflexões da minha  
vida Marcos P. G.  
O meu ideal é ter  
um lar onde eu  
possa viver como  
gente civilizada  
E onde eu possa  
ter tranquilidade  
para sobreviver  
O resto da vida.  
Eu queria que as  
pessoas fossem mais  
compreensivas  
com aqueles que  
precisam de uma  
palavra de amor.

Mas sempre  
mais, e amor  
humano para  
o povo.

Marcos expressa nesse desenho o seu ideal de vida: Ter uma companheira, um lar onde “possa viver como gente civilizada...”.

47 – “Reflexões do desenho na data do meu aniversário”



No dia do seu aniversário, o morador de rua Marcos compareceu à aula de dona Sílvia e fez o desenho acima: um bolo com uma vela acesa e escrito: “46 anos”, com um texto ao lado.

*“São Paulo, 28 de outubro de 1999*

*Prof. Sílvia “Saudações”*

*Estou contente e feliz por ter completado mais um ano de Vida. Este ano começou muito obscuro pra mim, mas no final, já foi clareando e ficou iluminado, graças a Jesus Cristo e principalmente a pessoas que me ajudaram, Dona Sílvia e, muito obrigado, Dona Magali. Muitas coisas que eu não esperava acontecer, aconteceram, graças a Deus. Com muito amor e carinho e respeito, a essa pessoa que sabe entender o sofrimento das pessoas, prof. Sílvia.*

*Marcos, com amor.*

#### **4.3.7. “Albergue: fila da paciência” (Fig. 48)**

*Realização: 11 de novembro de 1999.*

Marcos realizou um desenho que representava o seu cotidiano no Albergue onde dormia. Dividiu a folha ao meio e, ao lado das figuras colocou as palavras e frases: *“Fila para entrar – paciência; fila para comer...; fila para o banho...; fila para comer arroz, feijão e salsicha – fome; fila da paciência”, “galo<sup>70</sup>”, “ducha corona”. Acima escreveu: ALBERGUE. Ao lado, o texto:*

*“São Paulo, 11 de novembro de 1999.*

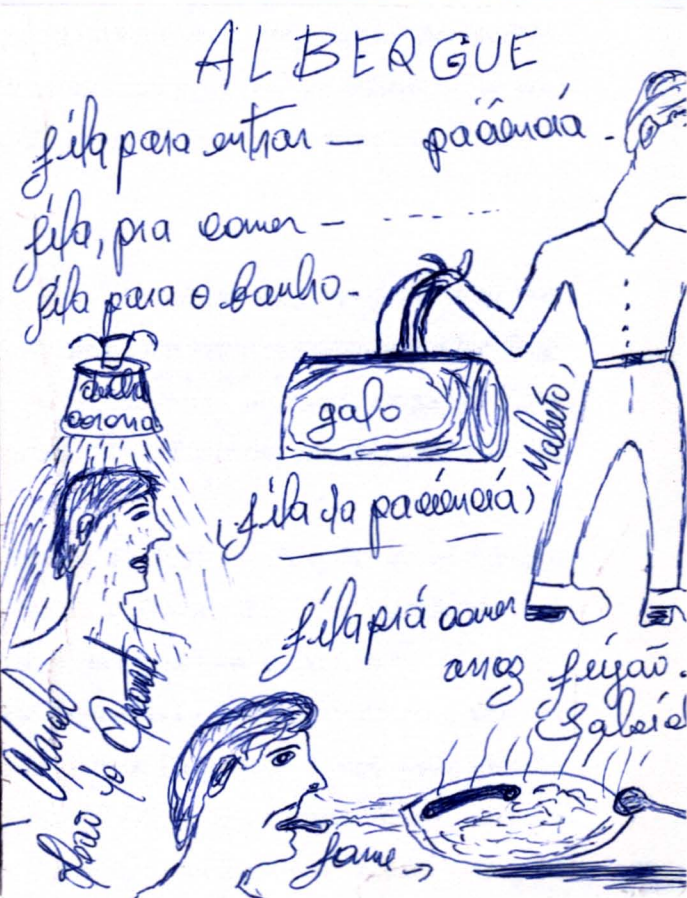
*Professora Sílvia, Saudações!*

**[58]** *Eu já estou calejado desta vida de rua, mas continuo na luta pela minha sobrevivência. A nossa vida é assim mesmo. Dona Sílvia, eu acho que já vivi muito, com tantos problemas de saúde que já tive nesta vida. Mas se Deus é bondoso e poderoso, e só ele vai decidir (sic) o dia da minha morte, por isso vou em frente no dia a dia desta vida. Mas continuo: esperança, força de vontade, melhorar, mudar, vencer os obstáculos que aparece e tendo muita fé em Jesus Cristo!*

<sup>70</sup> “Galo”: Marcos relatou ser a bagagem que os moradores de rua carregam pelas ruas: *“É galo porque a gente tá sempre andando com ele, carregando os documentos, e tal, alguma coisa que a gente precisa, o sabonete... e eles guardam no albergue só quando a gente entra. Quando sai, tem que pegar de novo. Quando a gente entra, de noite, guarda, e eles dão uma fichinha com um número. Ai quando sai de manhã, não pode perder essa fichinha! Se perder!... já era! Outro pega, cata o documento e tudo...”*

48 - "Albergue: fila da paciência"

São Paulo 11 de Novembro 1999  
 Professora Silvia Saudações!  
 Eu já estou calgado desta vida de Qua, mas continuo na luta pela minha sobrevivência. A coisa vai e assim mesmo, Uma Silvia, eu acho que já, sei lá muito, com tantos problemas de saúde que já tive nesta vida? Mas se Deus é bom, e pode, não, e só ele vai ficar o dia da minha morte, por isso vou em frente ao dia a dia desta vida? Mas continuo: esperança, força, vontade, melhora, mudar, vencer os obstáculos que apareça, e tendo muito fé em Jesus Cristo!



Marcos realizou o desenho acima, representando o seu cotidiano nos albergues onde dormia.

#### 4.4. *Internação de Marcos*

##### - *Tuberculose*

Marcos estava com dificuldades para chegar até à escola, devido ao agravamento da tuberculose e do diabetes; no entanto, querendo despedir-se da professora, compareceu à aula em 30 de novembro de 1999 e anunciou à Dona Sílvia:

- *“Fiz força para chegar até aqui. Fiz um pensamento firme em Deus para chegar e poder falar com a senhora. Hoje eu estou vindo aqui para comunicar à senhora que não vou mais poder freqüentar a escola por motivo de saúde. Eu estou me sentindo mal fisicamente e quase não estou conseguindo chegar aqui na Casa, com fraqueza nas pernas, dores no corpo, cabeça e suando frio à noite. Eu estou ruim e preciso me internar. Por isso eu vim falar com a senhora e vou hoje mesmo ao Hospital do Mandaqui que é especializado em tuberculose.”*

Finalizou, agradecendo à professora:

- *“Agradeço a senhora pela força que a senhora tem me dado e já vou desejando um Feliz Natal para a senhora e um ano novo com reflexões positivas. Que Deus lhe dê uma ano novo feliz e forças pra senhora poder continuar ajudando as pessoas que precisam. Que a senhora continue com essa bondade e que Deus ilumine sua vida e lhe dê muitos anos de vida...”*

Marcos foi internado em 2 de dezembro de 2000 no Hospital do Mandaqui, onde ficou quase dois meses. Fomos lá visitá-lo, eu e Dona Sílvia. Foi transferido, em seguida, para um Hospital de Campos do Jordão, onde também fomos visitá-lo.

Eu acompanhava Dona Sílvia nessas visitas com o objetivo de observar os momentos de *“encontro”* entre ela e os moradores de rua. Registrava o fenômeno, quando possível, com gravações, fotografias e anotações no Diário de Campo. Digo *‘quando possível’* porque, mesmo com a autorização prévia dos observados, tinha cuidado para não interferir negativamente no processo, procurando não cercear as manifestações emocionais dos envolvidos. Havia momentos de tais manifestações em que disparar um *flash*, fazer anotações ou mesmo gravações, seria impensável! No entanto, ali comigo estavam a máquina fotográfica, o gravador e o caderno, prontos para serem usados quando os instantes propícios se apresentassem.

Havia, sim, o momento formal da entrevista gravada ou da foto. No entanto, eu queria mais! Objetivava capturar momentos do processo *“do viver”* daquelas pessoas, pessoas *naturalmente* se encontrando e se transformando.

#### 4.4.1. Visitando Marcos no Hospital Sanatorinhos

No domingo, 11 de junho de 2000, chegávamos, eu e Dona Sílvia, no Hospital Sanatorinhos, em Campos do Jordão, onde Marcos estava internado. Contou-nos que pensou que iríamos lá no sábado, que nos esperara o dia inteiro. Que o pegáramos de surpresa, que ele estava “*feito*”, desarrumado...

Levou-nos ao seu quarto, mostrando-nos os inúmeros trabalhos manuais que fizera. Os companheiros se revezavam para nos serem apresentados, derramavam-se em elogios a ele, a quem chamavam de “o artista”. Dona Sílvia começou a abrir as sacolas para expor o que trouxera para ele. Recusando-se a olhar os produtos que ela insistia em mostrar-lhe, falou:

- “*A presença de vocês aqui é o que mais me importa... Vocês não precisavam trazer nada.*”

A professora desistiu dos ‘doces dietéticos’ e dos outros alimentos que levara. Ele é quem fazia questão de nos mostrar – explicando – peça por peça do artesanato que fizera. Mostrando-nos uma jangada (Fotos 49, 50) executada com pedacinhos de bambu, fotografia sua, recortes de revistas e livro, falou:

[59] - “*Então, Dona Sílvia, esse trabalho aqui eu lembrei de Maceió, minha terra natal... aí eu comecei bolar uma jangada, um veleiro, sabe? Aí eu comecei a fazer com bambu, com taquara... eu tirei uma foto da revista, pra colocar uma paisagem, assim, né, eu fiz essa paisagem...*”

Era uma paisagem de uma praia de Maceió, escrito abaixo: “Maceió, Brasil – Praia, calor e trio elétrico numa das mais belas capitais nordestinas” que fora colocada à guisa de pequena ‘*vela*’ da jangada. Ao seu lado, em tamanho maior, Marcos aparecia de pé em uma foto colorida, com o Hospital ao fundo. (Foto 49)

Continuava ali o processo de “encontro transformador”, retomando a identificação amorosa com familiares do berço natal distante, seus modelos saudáveis de identificação, os pontos-fixos (DAMERGIAN, 1988) ou pontos de apoio em sua vida infantil.

A pequena jangada – ele mesmo – partia desses portos seguros introjetados para singrar os mares da esperança, novos rumos que já se configuravam em sua psiquê. Criava o sentido de sua existência...

No verso da jangada, colocara outras imagens. Atrás de sua foto, em magnífica representação de seu self acontecendo no mundo, sua pequena ‘*casa pessoal*’ transformara-

**49 - Jangada: processo de “encontro transformador”**



***Marcos fizera uma pequena jangada de bambu, com fotografia sua, uma paisagem de Maceió, escrito abaixo: “Maceió, Brasil - Praia, calor e trio elétrico, numa das mais belas capitais nordestinas.” Continuava assim o processo de “encontro transformador”, retomando a identificação amorosa com familiares do berço natal distante, pontos de apoio em sua vida infantil. No movimento retroativo - de volta ao passado - reconstruía o presente, criava o sentido da sua existência...***

**50 - Jangada: porta-retrato de Marcos**



*Atrás de sua foto, Marcos colou uma figura - o Château Saint Jean - em magnífica representação de seu 'self' acontecendo no mundo: sua pequena casa pessoal transformara-se em soberbo castelo. A 'cachaça' da sua vida de morador de rua de São Paulo, transmutara-se em vinho, 'a mais sadia e higiênica de toda as bebidas'...*

se em soberbo castelo – o castelo localizado em Kenwood, Sonoma, o *Chateau Saint Jean*, produtor de vinhos finos. A ‘cachaça’ da sua vida de morador de rua de São Paulo transmutara-se em vinho, “*a mais sadia e a mais higiênica de todas as bebidas*”, frase assinada por Louis Pasteur que ele recortou e colocou na base da jangada. Reverenciando explicativamente o vinho – didático – coloca logo abaixo do castelo a frase em italiano: “*Il vino ammanza i microbi*”. Acima desse dito popular italiano, escreveu: “*Samatorinhos, S.P. – 22 – 2 – 2000*”; Abaixo da frase, escreveu: “*Criado por Marcos Leão do Nascimento*”. (foto 50)

Na sua imaginação ativa<sup>71</sup> sua pequena jangada – um porta retrato, retrato seu – partia da areia para o mar:

- “*Aí depois eu lembrei assim: ‘ô cara, eu vou transformar isso aqui num porta retrato!’ ... um trabalho de criatividade, né? Aí eu boleei, tal, e criei isso aqui, aí fiz e cortei a foto e coleí... aí deu certinho!...(sorrindo) e fiz o remo da jangadinha, o leme, coloquei tudo isso aqui (várias pedrinhas minúsculas coladas na base da jangada) como se a jangadinha estivesse na areia, coloquei os rolinhos de quando a pessoa vai empurrando a jangada na areia da praia pra ela ir pra água... e ela vai suja de areia...*”

Neste momento de sua descrição, Dona Sílvia que o ouvia atenta, começou a cantar<sup>72</sup>:

- “*Peguei meu ita no norte!... Lembrei da música!*”

Marcos, sorrindo, continuou:

- “*Então fiz tudo isso lembrando da minha terra, lá de criança, quando eu ia pra praia, molecão, que eu gostava de ir pra praia...*” “*.... minha casa ficava aqui e como uma distância até ali, ficava a praia. A casa de minha mãe, dona L... Leão do Nascimento, minha mãezinha querida... já morreu...*”

Relatando ter sido criado pela mãe com muito ‘dengo’, com muito amor fraternal, explicou-me:

[60] - “*Dengo quer dizer amor de mãe, foi o que eu coloquei naquele quadro lá: ‘amor só de mãe’... Esse quadro eu fiz lembrando dela, sabe? Eu ia colocar o nome dela aqui e não coloquei ainda, sabe? Eu tava com intenção de dar esse quadro para a Dona Sílvia... Mas ela falou pra eu deixar aqui e eu vou deixar aqui... E, então agora, esse daqui a*

<sup>71</sup> ‘Imaginação ativa’: Informa Jung que é a designação técnica de um método de sua autoria, cuja finalidade é tornar conscientes os conteúdos inconscientes (JUNG, 1990<sup>b</sup>). Utilizamos essa designação nos referindo não especificamente à técnica mas ao processo de Marcos tornando conscientes os conteúdos de seu inconsciente, movimento que fazia parte do “acontecer de seu self”, de seus “momentos mutativos”.

<sup>72</sup> Canção popular brasileira.

senhora vai levar...” Marcos entregou para a professora, nesse momento, um vasinho que fizera com bambu e plantas naturais plantadas por ele.

Entreguei-lhe um pouco de dinheiro para que fizesse frente às pequenas despesas no hospital, dizendo-lhe:

- “Marcos, isso aqui é pra você! Esse é o lado prático da vida!...”(sorrindo)

[61] - “O lado prático?” – respondeu-me ele – “eu só tenho a agradecer à senhora mais uma vez porque, sinceramente, eu sei que todo mundo, eu acho que todo mundo... porque às vezes a gente fala que o dinheiro é coisa do diabo, né? Mas eu acho que sem o dinheiro ninguém vive... Eu tô aqui, né? E poderia dizer: ‘eu tô aqui, eu num tô fazendo nada, tenho café, almoço, janta, tenho tratamento, mas... eu num posso pensar que eu vou ficar aqui a vida inteira, certo? Eu num posso ter um pensamento assim: ‘Ah!... porque eu tô aqui eu vou fazer disso aqui a minha casa! Vou fazer disso aqui o resto da minha vida...’, eu num posso pensar assim... Vou ter que pensar na minha realidade, no meu futuro! Na realidade da minha vida, né? Eu tô aqui e eu procuro viver o momento presente mas sempre pensando nos meus ideais, no meu futuro! O que eu quero ser amanhã, o que eu vou ser no amanhã... né? ... [62] Eu sempre telefono para a Dona Sílvia, esses dias eu telefonei pra ela aí e disse: “Eu tô ansioso, Dona Sílvia, não vejo a hora de arrumar um trabalho!”

#### 4.4.2. “Solidariedade humana ‘incrível’...”

“... me deu minha Certidão de Nascimento...”

[63] Reafirmando que queria arrumar trabalho, moradia e “completando isso uma companheira”, Marcos expressou, em seguida, a gratidão que tinha por Dona Sílvia. Relatou sua vivência religiosa, a força que ela tinha em sua vida:

- “Aqui, às vezes, eu fico pensando aqui, na cama, eu vejo os colegas aqui, os amigos da gente, e falo: “Puxa vida, cara... incrível, viu? Não sei como é que existem pessoas assim como a Dona Sílvia, nesse mundo, nessa época que a gente vive, cheia de violência, cheio de crime, de raiva, e ela tem assim uma solidariedade humana incrível (falou com ênfase) com as pessoas, né... Inclusive, Dona Sílvia, desde aquele momento que eu comecei a freqüentar a escola com a senhora eu senti isso na senhora... Eu senti esse poder na senhora, essa força... e aí eu comecei a ficar naquela escola... eu senti que alguma coisa estava... ia me prender ali... E eu digo: “... aqui, alguma coisa vai me prender aqui... tem alguma coisa de bom que Deus vai me dar aqui...” Justamente foi o que aconteceu. A senhora me deu minha Certidão de Nascimento... (grifo nosso) Mais uma vez eu agradeço

*a senhora, torno de novo a falar, e repito que eu não sei o que é que eu faço pra devolver o favor que a senhora me fez. Mas eu estou aí, a senhora tem uma pessoa, um companheiro aqui que nunca, nunca mais na vida, nunca mais vou esquecer da senhora na minha vida...*

*“ Porque isso, Dona Sílvia, isso é... uma coisa que assim... eu nunca ia conseguir (referia-se à Certidão de Nascimento que ele havia perdido). Eu tava é totalmente sem esperança, entendeu? Eu tava assim... naquele tempo que eu comecei a ir lá na escola eu tava assim... eu pensava: “Puxa vida, o que está acontecendo comigo?” E sabe o que acontece, Dona Sílvia, eu tava de uma maneira que as coisas tava até ruim pra mim, as coisas negativas tava vindo pra mim que comecei a perder documento, a tipo assim como aquela pessoa que começa a perder os sentidos, sabe? Ficar assim xarope... E depois, quando eu comecei a freqüentar a escola, comecei a ouvir a senhora, a senhora começava a falar, aí quando terminava de dar a aula a senhora mandava a gente rezar, o Pai Nosso, começava a fazer aquela concentração... começava a relaxar... puxa, parecia que... eu sentia assim... parecia que vinha assim aquela... Jesus Cristo parece que se aproximava, assim, entendeu? Vinha assim, eu sentia... Nossa, eu dizia, eu nunca senti isso que eu tô sentindo agora... Eu falava assim: eu num posso deixar de freqüentar isso aqui, num posso!*

*Aí, a senhora via, eu já tava começando a sentir a recaída da doença, quando eu chegava lá, com a vista meio ruim, ia no banheiro toda hora... Era a diabete descontrolada... Eu num tava sentindo legal mais eu agüentava e ficava ali... até a hora que a senhora fazia a oração, e ia embora...*

*Mas graças a Deus, de lá pra cá eu comecei a me apegar de novo, comecei a rezar, eu rezo aqui... Às vezes tem dia aqui que eu me ajoelho aqui, rezo pra senhora, pra Dona Magali, pras pessoas da comunidade lá, pra diretora da Casa ... Eu sou uma pessoa que num quero nada só pra mim. O que eu quero pra mim eu quero pra todo mundo. Sabe?”*

*Eu queria que a senhora ficasse tranqüila, Dona Sílvia, que eu vou fazer essa cirurgia aí, eu vou ficar bom (cirurgia do intestino) eu tô com uma fé mesmo! Eu acho que coisa boa quando a gente tá assim firme! Eu num sei... eu acho que quando a gente fica assim longe... São Paulo é um meio que tem muita gente e é muita aglomeração, tem muitas vibrações e às vezes tem... Assim: em São Paulo é um lugar que tem muita gente e é um lugar que não dá pra se concentrar com Deus, quando a gente quer procurar Deus, se concentrar mesmo, pedir assim... mudar sua vida espiritualmente, entendeu? Parece que tem umas coisas assim que procuram tirar aquela concentração da pessoa...*

*E às vezes eu fraquejei, né, certas vezes...eu não tive forças de segurar no vício, no álcool. Com drogas eu nunca me envolvi, graças a Deus. Se eu fosse um cara que gostasse de droga, eu vivia, eu acho que já tava morto, que era um drogado até hoje porque*

*se eu quisesse me drogar eu tenho tanta facilidade de me drogar com droga porque eu sou um diabético... Se eu quiser seringa pra tomar droga na veia, é só chegar lá no posto de Saúde e pego lá... Mas eu não faço isso. Eu posso até mostrar pra senhora, aquelas seringas que a Dona Sílvia me deu, do jeito que ela me deu tá tudo aí guardadinha. Se ela contou a seringa lá, ela pode contar e ver quanta seringa tem aí agora. Então o meu vício mesmo é a cachaça, era álcool.*

Face à pergunta, se ele nunca tentara frequentar os Alcoólicos Anônimos, respondeu-me:

*- “ Já, já tentei... Uma casa assim, uma reunião dessas casas que tem bastante gente eu nunca frequentei... Já frequentei dessas pequenas, uma lá no Glicério. Fui poucas vezes e parei de ir... Eu tenho a impressão que com a fé que eu tô, com a convicção que eu tenho, desde o tempo que eu tava lá em São Paulo pra cá eu acho que não vou mais nem precisar. Eu, sozinho, eu vou...”*

Marcos foi almoçar enquanto o aguardávamos no jardim do hospital. Quando voltou até nós, vestia uma camisa diferente da anterior, de manga comprida, azul-clara. Levou-nos até ao que ele chamou de Santuário, uma gruta que ficava localizada na parte dos fundos do hospital, no jardim, onde havia uma imagem de Jesus e outras imagens de santos. Ele disse que queria fazer uma oração. Tentei gravá-la – discretamente – mas, como a fez em voz mais baixa, consegui captar somente trechos:

[64] *“ Senhor, eu agradeço, pelo senhor ter trazido... e me dar essa alegria, nesse dia... de trazer a Dona Sílvia e a Dona Magali aqui... no Sanatorinhos. Eu fico muito contente... Espero que o Senhor conduza elas até São Paulo, até a casa delas... tranqüilas, com tudo de bom, que nada venha a acontecer com elas... E que o mais breve possível eu encontre com elas lá em São Paulo, com saúde, e que a gente possa ter outra conversa e esses momentos alegres e felizes. Muito obrigado por tudo... E que o Senhor esteja conosco. Obrigado.”*

Continuei a gravação de sua fala enquanto andávamos pelo jardim, já em busca da porta de saída do Hospital, pois nosso ônibus chegaria em breve.

Marcos expressava que, apesar de ‘ter fé’, encarava a possibilidade de sua morte durante a cirurgia que faria:

*- “ Então a gente... é bom a gente se concentrar, assim... Eu tenho muita fé, eu não sou dessas pessoas que adivinha... eu não adivinho ou posso dizer que eu vou fazer essa cirurgia e que eu vou escapar... tenho fé em Deus que corra tudo bem, tô confiante, mas a gente nunca pode saber, né...”*

Marcos estava próximo dos 50 anos de idade, seu corpo já atingira a plenitude de força e agora começara a declinar, não só pela idade, que naturalmente o encaminharia à velhice, mas também pela doença e sua condição de morador de rua.

Abordando a questão da ‘meia idade’, *“quando o corpo atingiu seu poder máximo e começa a declinar”*, Joseph Campbell relata a importância do ser humano identificar-se – quando nessa fase – não com o corpo que decai, mas com a consciência da qual ele é um veículo. Campbell declara:

- *“Isto é algo que aprendi com os mitos. Quem sou eu? Sou a lâmpada que contém a luz ou sou a luz de que a lâmpada é o veículo?”*

Abordando um dos problemas psicológicos do envelhecimento – o medo da morte – afirma que as pessoas relutam *“diante da porta da morte”*. E completa, acenando com a possibilidade de uma continuação da consciência em *“outro ambiente”*:

- *“Mas este corpo é um veículo da consciência e se você for capaz de se identificar com a consciência, também será capaz de encarar esse corpo como um velho carro. Lá se vai um paralamas, lá se vai um pneu, uma coisa depois da outra – é previsível. Então, a coisa toda se desmancha e a consciência se reúne à consciência. Já não mais neste ambiente específico”*(CAMPBELL, 1994:75).

Encarando com serenidade a possibilidade da morte, Marcos não deixava de confiar em Deus e na vida, realimentando a esperança:

- *“Mas eu confio em Deus que eu ainda vou sair daqui com saúde, vou voltar ao trabalho, vou voltar a ser alguém na vida, entendeu? Eu quero ser outra pessoa, eu quero ser outro cara, sabe? Totalmente diferente daquele que eu era lá em São Paulo. É assim: eu tô confiante! Eu tô confiante...”*

Tiramos algumas fotos ainda ali, no jardim. Antes de passarmos pela “linha amarela”, que era proibido a ele de transpô-la, nos abraçou, despedindo-se. Após passarmos a linha, acenou-nos de longe e disse, elevando o tom de voz:

- *“Eu nunca vou esquecer de vocês!”*

#### **4.5. Notícias de Marcos em março de 2002**

Durante os meses seguintes à nossa visita, Marcos, regularmente, escreveu cartas cheias de alegria e esperança à Dona Sílvia, mandando-lhe notícias. Não precisou ser operado, sentia-se melhor e aguardava ansiosamente sua ‘alta’ do hospital, o que acabou acontecendo no início de dezembro de 2000.

[65] Retornando a São Paulo retomou sua antiga vida, dormindo nos albergues, comendo aqui e ali, comparecendo de vez em quando à escola para moradores de rua. O ‘projeto de trabalhar’ não se concretizou. Com a alimentação descuidada, as noites insones, o desabrigo, voltou a sofrer os efeitos da tuberculose e do diabetes.

Atualmente, março de 2002, enviou um recado para Dona Sílvia dizendo que não está mais em condições de comparecer à escola: com o agravamento da tuberculose e o diabetes, está com muitas dores, dificuldade para andar. Arrastando-se quase, permanece nas imediações do albergue<sup>73</sup> onde dorme à noite, tentando vender pequenas coisas aqui e ali.

Dona Sílvia, angustiada frente à situação que se agravou, tem projetos de sair à sua procura, se necessário até pelas ruas do centro de São Paulo para – segundo suas palavras – *“ver no que eu posso ajudá-lo...”*

## 5. PRISCILA E PARAÍBA

### - Os habitantes da ‘casa caverna’

[66] Dona Sílvia relatou que ficou conhecendo ‘Paraíba’ na noite de quinta-feira, dia 27 de abril de 2000, quando participava do trabalho de distribuição da sopa<sup>74</sup> aos moradores de rua, próximo ao Viaduto ..., no centro da cidade de São Paulo. Ele a informou que sua companheira, Priscila<sup>75</sup>, estava internada no Hospital Municipal, que iria ser transferida para um hospital de Campos do Jordão e que não tinha *“uma roupa para poder ir embora, que ela estava sem roupa “de baixo” – roupa íntima – estava sem nada!”*

A professora marcou um encontro com ele, para o dia seguinte, no hospital onde Priscila se encontrava. Antes de se dirigir até lá, ela passou em uma loja de lingerie e, conforme relato seu: *“Comprei algumas peças de roupas lindinhas, umas gracinhas: duas calcinhas de renda, uma branca e outra preta, uma camisolinha de seda e um robezinho de cetim cor verde-água que era uma belezinha... Coloquei numa caixa bonita, com um laço de fita... Comprei como se fosse para mim!...”*

‘Paraíba’ estava lá embaixo, sóbrio, esperando-a e, segundo sua descrição, ele era:

<sup>73</sup> Recordemos que os albergues da Prefeitura de São Paulo – e Marcos estava abrigado em um deles – só permitem a permanência dos moradores de rua em suas dependências durante a noite.

<sup>74</sup> Distribuição de sopa aos moradores de rua da cidade de São Paulo: trabalho realizado pela “Associação Benedito Pacheco”, que foi focalizado nos estudos do Mestrado (ALVAREZ, 1999).

<sup>75</sup> “Priscila”: Codinome, escolhido pela própria moradora de rua, em entrevista posterior concedida à pesquisadora.

- *“Jovem ainda, o Paraíba, bonito, pode ter uns trinta e oito anos, acho que não tem quarenta anos, dentes perfeitos, é bonito. Bem arrumadinho, uma calça jeans, tênis, bem arrumadinho. E subimos para o quarto do hospital. E ele muito autêntico – firme mesmo! – passava perto dos médicos, enfermeiros e dizia “bom dia, bom dia” – e eu o acompanhando, não conhecia nada. Quando chegou lá perto do quarto dela – e é até um lado bonito do hospital – ele já começou a gritar dali: “Macaquinha, Macaquinha!” e eu estranhei, mas vi que era um apelido carinhoso que ele dava para ela. Quando entramos no quarto vi que ela era uma mulher jovem, negra – uma pessoa linda, a Priscila! – uma personalidade bonita, firme, uma personalidade até mais bonita ainda que a dele! Porque ela é mais firme, e sabe bem diferenciar o certo do errado, tudo. Uma maneira bonita de conversar, e tudo!*

*E ele ali no quarto, demonstrando muito carinho – beijando na boca! – ela não tem os dentes mas, ali num amor único! Ela com os brincos, bem arrumadinha, com a camisola do hospital, tudo... e de brincos... Entreguei o enxovalzinho pra ela. Eram poucas coisas: umas calcinhas – mas bonitas! – preta e branca. Ele gostou demais da calcinha preta, dela! E ela falou: “Ah, Dona Sílvia, que linda! Vou vestir uma já! E foi mesmo, porque ela estava sem. Foi no banheiro e vestiu. E ele querendo até ver: “Ah, como você vai ficar linda, deixa ver!...” E ela levantou um pouquinho assim a roupa e mandando ele parar com aquilo. Daí aquele amor todo, ali, na hora.*

*Quando ela abriu a caixa olhou as calcinhas, a camisolinha – eu tinha posto tudo numa caixa de presente, tudo direitinho – e ela AMOU (falou com ênfase) o robe! Viu, experimentou, e eu falei: “Paraíba, é só para olhar! Porque ela vai para Campos e é só para olhar, para ver como ela fica bonitinha com essa roupa!” E realmente ela estava bonitinha.”*

Quando chegou o lanche do hospital, Priscila começou a comê-lo. Olhando a cena, Dona Sílvia lhe falou:

[67] - *“Priscila, dá um pedaço do lanchinho para o Ceará!”*

Ante a sugestão, a moradora de rua justificou-se:

- *“Dona Sílvia, eu preciso comer porque são muitos comprimidos que eu tenho que tomar por dia!”*

- *“Então ela pegou” – relatou a professora – “mas ela ia fazer isso! Não precisava nem eu falar, não! Pegou um pedaço do pão, assim, e deu para ele comer. Ele não queria. Falou: “Come você!” Mas ele pegou e comeu o pedacinho do pão. Saí, assim, encantada com o Paraíba, com aquele amor todo que ele demonstrou por ela, achei uma maravilha! Antes de sairmos fomos até a Assistente Social quando ficamos sabendo que ela*

*não iria viajar no dia seguinte para Campos do Jordão porque um outro doente que iria com ela na ambulância tinha recebido alta e ia fazer um tratamento em casa. E ela, enquanto isso, iria ficar esperando: se aparecesse alguém mais pra poder ir pra Campos ela iria também, caso contrário ela iria receber alta. E outra dívida que foi tirada é que ela não estava grávida. O atraso da menstruação era por causa da doença, e que agora com os remédios, ela iria começar de novo a menstruar.*

*Ele até ficou contente porque ela não ia! E eu falei: “Olha, Paraíba, você está contente, é lógico, a gente fica contente, mesmo, só que, para ela, é muito importante que ela vá para Campos porque lá é o lugar apropriado: é o clima, o atendimento vai ser outro. Então assim ela voltava bem para vocês aqui estarem bem... continuarem juntos e daí, quem sabe, até pensar no filhinho – porque agora você está sabendo que ela não está grávida.” Daí ele até admitiu que sim.*

*Quando saímos do hospital, ele foi comigo até o Metrô, despedimos, e eu fui embora.*

*[68] Ai eu não soube mais nada da Priscila até o dia que ela me ligou, lá do hospital, pedindo sabonete, creme dental, e quando então ela me contou que ele esteve no hospital no final de semana e que havia “aprontado” lá! Que chegou e queria de qualquer jeito ter relação sexual com ela, ali, no quarto! Na cama, deitar com ela. E ela falou que não, não podia, que ali era um lugar em que toda hora os enfermeiros, os médicos estavam entrando e como é que ela iria explicar os dois na cama? Ele não entendia a coisa! Estava bêbado.*

*Nessa hora ele ficou muito nervoso, deu um soco nela e ela caiu na outra cama que estava ao lado, ali. Ela disse que acreditava que ele não voltaria mais lá e que ela não tinha para onde ir, se recebesse alta. Não conhecia ninguém! Perguntou se eu conhecia algum lugar onde ela pudesse ficar, essas casas onde as pessoas ficam fazendo o tratamento, porque os albergues – ela falou que já conhecia tudo quanto era albergue – e que não tinha condições de ir para um deles: que a vida dela iria ser outra vez, ali, na rua durante o dia e que o albergue era só para dormir à noite. Eu até fiquei de ver lá com a turma da “sopa” se conhecia algum lugar. Não prometi nada, porque também eu não conhecia. Só prometi levar o que ela tinha me pedido e que aí iríamos conversar. Foi quando ela me pediu que não contasse nada pra ele.*

*Mas aí eu falei pra ela que “ele vai voltar! Quando passar a bebedeira ele volta aí no hospital atrás de você”. E foi o que aconteceu.*

*No dia seguinte, quando fui levar as coisas que ela tinha me pedido, ela já estava de alta do hospital, o Paraíba estava lá. Ele falou pra mim que parecia que estava*

*pressentindo que ela ia sair naquele dia porque logo cedinho, quando levantou, ele comprou um cartão e ligou pro hospital e ficou sabendo que ela ia sair. Ele já tinha comprado aquela comida que ele gosta, a macaxeira, aquelas comidas do norte, feijão, carne seca, e que ele já tinha feito tudo, a comida estava pronta, é essa comida que ele gosta!*

*Antes de sair, ficamos conversando ali um pouquinho e eu falei: “Olha Paraíba: a outra vez você me levou até o Metrô mas hoje eu agradeço, quero que vocês vão direto lá pra onde vocês vão ficar, que eu daqui vou pegar o Metrô.” E ele me falou: “A senhora sabe onde é a estação?” E eu falei: “Eu sei, eu vim de Metrô!... Fiquem tranquilos. [69] Eu quero mais é que vocês cheguem bem, que comecem logo esse tratamento, pra poder ficar boa, é o que eu quero!” E amanhã a gente está lá na ‘sopa’. Que é hoje, né?*

*E foi isso que aconteceu, e que eu queria te contar! Mas, é o tal negócio, né? Amor, amor, amor!... Aquela coisa toda mas, não é bem assim não! Na hora da bebida, da droga, a coisa muda, né Magali?*

*[70] Mas tem uma coisa: quando eu vi ele sentadinho ali, naquela pobreza toda!... (falou com ênfase) ai! Te juro! Aquilo me cortou... Quando cheguei, aquela cara de tristeza dele... Mas a tristeza, sei lá... parece que é maior ainda do que a alegria que ele podia estar sentindo de ver que ela ia saindo, estava junto com ele... Porque ele estava tão maltratado!... de ficar aí pela rua, coitadinho! Tão maltratado! Triste, assim... daquele jeitinho... Mas, ao mesmo tempo, sei lá... feliz porque ela estava indo junto, né? E os dois iam indo e ele agradecendo a Deus, “graças a Deus que ela está indo! Que agora a gente vai lá pro quarto nosso!...” que é embaixo do viaduto, um quarto que tem lá...”*

Interessada em saber detalhes da ‘casa’ dos ‘sem casa’, perguntei:

– “Quarto, como? É um lugar cercado? Um lugar que eles cercam para fazer um quarto?”

– “Não sei!”, respondeu ela, continuando em seguida: “diz que embaixo do viaduto tem essas repartições, que eu não sei como é que é porque eu nunca desci lá. Agora uma coisa que ela me pediu, também, é uma panela e um lençol. Eu não tenho um lençol. Ela falou que o lençol não precisava ser novo, não! “É porque eu vou ter que trocar pra lavar!”, disse ela.”

Lembrei-me que eu tinha um lençol que não estava em uso e lhe disse:

– “Eu tenho”.

– “Você tem? Jóia! Então eu já vou buscar esse lençol hoje, pra já levar hoje! (ela iria à distribuição de sopa à noite, ao moradores de rua, quando então aproveitaria e levaria o lençol à Priscila) E a panela, você não tem?”

- *“A panela eu não tenho, porque eu estou cozinhando nela! Eu posso dar e fico sem ela!”*, respondi-lhe, em tom de brincadeira.

Entrando no jogo, ela respondeu:

- *“Eles cozinham em uma só!... Porque você não pode dar?”* (risadas)

- *“Você também tem panela?”*, devolvi-lhe, divertida.

Recompondo-se, a professora retrucou, séria:

[71] - *“Não brinca! Deixa quieto! Sinceramente, eu passei o resto da tarde lembrando naqueles dois, lá embaixo... ali, saindo de um hospital, tuberculosa, magrinha! Indo pra onde, hein? Indo embaixo do viaduto. E sabe lá ainda como? Se ele beber... se acontecer qualquer coisa... não sei...”*

*Então é isso daí. É mais um que a gente conheceu e que, olha, sei lá... não dá pra entender como é que essa pessoa vai fazer esse tratamento... E a gente também fica impotente, porque não tem condições de estar ajudando a todo mundo! Se compro umas coisas assim, já não posso estar comprando pro outro! Porque são tantos que precisam! Que a gente não sabe como! Precisava ter um ordenado... só pra isso daí, atender essas necessidades deles. Mas não tem! Então faz aquilo que pode, não é?...”*

Nesse mesmo dia, à tarde, Dona Sílvia veio até minha casa para buscar o lençol. Levou junto uma de minhas panelas e algumas roupas que eu não usava mais, que ela disse que serviriam para Priscila.

### **5.1. Visita à ‘casa caverna’**

*Sábado, dia 13 de maio de 2000.*

Dona Sílvia avisou-me que iria até à ‘casa’ de Priscila, para visitá-la, antes que ela fosse para um hospital em Campos do Jordão, onde seria internada para tratamento de tuberculose.

Propus-me acompanhá-la com a intenção de não só conhecer a moradora de rua pessoalmente como, também, se fosse possível, entrevistá-la e tirar umas fotos.

Encontramo-nos às 14h30 e tomamos um ônibus na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio. Descemos, na própria avenida, após o veículo ter percorrido uns ‘seis pontos de ônibus’. A pedido de Dona Sílvia, paramos em uma padaria, onde ela comprou dois pedaços de bolo ‘brigadeiro’, recheados e confeitados com chocolate. Contou-me que Priscila havia lhe pedido doces, que ela tinha vontade de comer mas que não conseguia comprá-los: “eram muito caros...”

Após andarmos alguns quarteirões, com os doces, máquina fotográfica, gravador, caderno do Diário de Campo nas mãos (dentro de sacolas plásticas), avistamos o Viaduto..., sob o qual Priscila morava.

Descemos vários degraus de uma escadaria que vai terminar na calçada da Avenida 23 de Maio. Antes de chegar ao final da escadaria, Dona Sílvia abaixou-se e começou a chamar: “Priscila...! Já chegamos!...” (foto 51) O barulho dos carros que passavam lá embaixo, na avenida, e mesmo sobre o viaduto, misturavam-se ao som dos gritos de Dona Sílvia, chamando a moradora de rua...

Um cachorrinho sem raça definida – vira-lata – filhote ainda, latia, saltitante, no terreno inclinado ao lado de onde estávamos. Uma grade de ferro, de altura média, nos separava do local. Não demorou muito apareceu uma jovem negra, muito alta, bastante magra, que ‘emergiu’ debaixo daquela escadaria/viaduto em que estávamos. Era Priscila, que nos recebia com sorriso largo iluminando a face jovem, sem os dentes da frente da arcada superior, cuja ausência não atrapalhava a beleza de seu rosto. Face fina, encovada, olhos negros grandes, injetados de sangue, falavam de cansaço e da doença que a devastava: tuberculose. Uma calça de ‘moletom’ acinzentada cobria-lhe as pernas, magérrimas, até os tornozelos. Calçava meias soquetes e chinelos. Vestia uma blusa de linha. O que chamava atenção, no entanto, eram seus ‘enfeites-bijuterias’: brincos de argola, dourados, gargantilhas, pulseiras, relógio. Exibia-os com naturalidade, com graça, movimentando-se com gestos contidos.

Indicou-nos o melhor modo de chegarmos até onde ela estava. Deveríamos descer mais um pouco os lances da escadaria e, em local determinado, deveríamos pular a grade para que pudéssemos entrar sob o viaduto. Tentamos fazê-lo e falhamos na primeira tentativa. O local que escolhêramos não permitia – devido à altura da grade em relação ao chão, muito inclinado, que estava do outro lado – que conseguíssemos dar o salto necessário. Eu e Dona Sílvia vestíamos calças compridas e calçávamos tênis, o que facilitou o êxito da segunda tentativa, feita em local mais adequado indicado pela nossa anfitriã.

Após vencermos o obstáculo inicial das grades, tivemos que percorrer um caminho inclinado sob as escadarias (foto 52), passando por dois colchões jogados no chão – indicativo de que alguém dormia no local – até chegarmos à ‘casa caverna’ de Priscila (foto 53) que, serena e sorridentemente, nos aguardava. ‘Pega-leve’, o cachorrinho, saltitava ao nosso redor, pulando em nossas pernas e machucando-nos com suas unhas afiadas. Dona Sílvia explicou-me que o apelido do animal havia sido dado por Ceará, e eu achei a denominação bastante adequada. Deu-me vontade de, também, ordenar ao cachorrinho inquieto: “Você está me machucando! “Pega-leve”!”

*51 – Chegando à ‘casa caverna’*



*(Dona Sílvia, de costas)*

*- “Dona Sílvia, antes de chegar ao final da escadaria do viaduto, abaixou-se e começou a chamar: Priscila!... Já chegamos!..”*

*52 – O acesso à ‘casa caverna’  
- Dificuldades*



*(Dona Sílvia, de costas)*

*“Após vencermos o obstáculo inicial das grades, tivemos que percorrer um caminho inclinado sob as escadarias, para chegarmos à ‘casa caverna’.”*

**53 – Chegando ao ‘buraco de entrada’ da ‘casa caverna’**



***(Dona Sílvia, na foto acima, passa ao lado de dois colchões; abaixo, ela está em pé ao lado do 'buraco' de entrada da 'casa caverna')***

***“Passando pelo caminho inclinado, sob as escadarias, onde havia dois colchões no chão - indicativo de que alguém dormia no local - chegamos à entrada da ‘casa caverna’...”***

Dona Sílvia apresentou-me à Priscila, dizendo-lhe que eu queria falar-lhe a respeito do estudo que estava fazendo. Após fornecer-lhe explicações mais detalhadas, perguntei-lhe se ela gostaria de conceder-me uma entrevista, que seria gravada, se ela o permitisse. Gostaria também de tirar fotos dela e do local. Falei-lhe a respeito do sigilo sobre sua identidade. Nas fotos em que ela aparecesse, seu rosto seria velado com uma faixa escura para que ninguém a reconhecesse. Ela disse que tudo bem, se era assim, ela aceitava mas, que antes de eu tampar o rosto dela, que eu lhe desse uma cópia da foto, com o rosto dela a descoberto. Ela queria guardá-la.

Fomos convidadas a entrar no ‘buraco’. Dona Sílvia resistiu, preocupada com a descida íngreme até lá dentro. Uma pedra à guisa de soleira ajustava-se à entrada da ‘caverna’ e, logo em seguida, disposta como um ‘escorregador’, outro bloco de granito apoiava-se, inclinadamente, até lá embaixo. A moradora desceu na frente, com a tarefa de ensinar-nos a melhor técnica de descida (foto 54). Ante a recusa de Dona Sílvia em fazê-lo, por achar o caminho difícil demais e dizendo que nos esperaria ali fora, decidi entrar.

Percebi que Priscila colocara sua blusa de lã forrando o chão de terra à entrada da caverna, para que eu me sentasse sobre ela e não me sujasse ao iniciar a descida. Agradei-lhe, sensibilizada, aceitando a delicadeza de seu gesto.

Após alguns malabarismos e contorcionismos de corpo, próprios de minha falta de prática com terreno tão complicado, achei-me dentro da ‘casa-caverna’.

Meu olhar, acostumando-se gradativamente à escuridão ambiente, foi passeando pelo entorno, onde se destacava, aqui e ali, a ambientação de uma casa (fotos 55, 56): duas camas – colchões forrados com cobertores; caixas à guisa de mesa, com frutas em cima; sacolas com mantimentos penduradas no teto; um pequeno armário – tipo ‘cômoda’ - com alguns produtos de higiene e ‘beleza’ cuidadosamente dispostos em cima (eu diria até que estavam expostos para os visitantes, pois eu notara que alguns daqueles produtos – creme para cabelo, desodorante, perfume, talco – haviam sido levados para Priscila alguns dias antes, por Dona Sílvia.)

Dois carrinhos de feira, cheios de roupas dobradas, sujas, encostados na parede. No chão, ao centro da ‘casa’, um ‘fogão/fogueira’ (foto 57), com o fogo apagado e com uma panela preta sobre ele, cheia de ‘macaxeira’ – mandioca – recém-cozida. Esse o prato predileto de Paraíba que, como a maioria dos moradores de rua de São Paulo, oriundos do nordeste brasileiro, não gostava de sopa.

O teto e as paredes estavam completamente recobertos de uma fuligem preta, grossa, que nos tingia o corpo ou a roupa quando, inadvertidamente, nela encostávamos.

**54 – A entrada da ‘casa caverna’  
- Descida íngreme**



***Dona Sílvia, agachada, na foto à esquerda, examina a descida íngreme à ‘casa caverna’ de Priscila, que está em pé ao seu lado.  
Na foto à direita, a moradora descendo à frente das visitantes, a fim de ensiná-lhes a melhor técnica de descida à sua ‘casa’.***

55 – ‘Casa caverna’: ambiente interno 1.



*No ambiente interno da ‘caverna’, iluminado pelo ‘flash’ da máquina fotográfica, podemos observar: dois colchões forrados com cobertores, caixotes à guisa de mesa, sacolas. Cobrindo a parede, ao fundo, lençol que foi levado por dona Silvia à dona da ‘casa’.*

56 – ‘Casa caverna’: ambiente interno 2



*Acima, um pequeno armário sobre o chão, com produtos de higiene e cosméticos dispostos em cima; dois carrinhos ‘de feira’ cheios de roupas sujas. Na foto abaixo, detalhes da arrumação da ‘mesa caixote’ no interior da ‘casa caverna’.*

**57 – O ‘fogão fogueira’ e o lixo no interior da ‘casa caverna’**



***A moradora da ‘casa caverna’ Priscila, cozinhando ‘macaxeira’, prato predileto do seu companheiro, ‘Paraíba’. Detalhes do lixo no interior da ‘casa’.  
(fotos iluminadas pelo ‘flash’ da máquina fotográfica)***

Aqui ou ali o concreto se abria, deixando entrever as ferragens, também enegrecidas pelo pó preto.

Logo à ‘porta-buraco’ da caverna conseguíamos ficar em pé, sem problemas. O teto, no entanto, ia inclinando acentuadamente até que, a uns dois metros, aproximadamente, ele se inclinava até ao chão, encontrando-se com a terra. E Priscila me explicava que eles haviam escavado aquele chão, retirado lixo, terra, mas que ainda muito lixo restara por ali. Ela tentara recobrir com pedaços de carpete o trecho de chão que ficava à volta das camas. Bem ao fundo do buraco, uma banheira antiga, muito suja, estava encostada, inclinadamente, na parede. Dava para perceber que por trás dela havia ainda um pedaço de chão, atulhado de lixo, que se alongava até ao final do teto inclinado. Um arrepio percorreu-me o corpo, imaginando os prováveis ‘bichos’ que se alojariam por ali. Mais tarde, na entrevista que me concedeu, Priscila explicou-me que procurava fazer os serviços domésticos durante o dia, enquanto entrava um pouco de luz do sol pela ‘porta-buraco’ porque, à noite, as baratas, muitas baratas que se alojavam ali, começavam a passear pelo teto e paredes enegrecidas (foto 58). Ela não tinha medo; porém, tinha muito nojo. Ao deitar-se, para dormir, procurava cobrir-se com as cobertas na esperança de defender-se daqueles “*bichos horrorosos*”.

Com a permissão da dona da ‘casa’, fotografava todos os detalhes do local.

Reconheci um dos lençóis (*tinha sido meu*) – estampado com flores cor de abóbora - que Dona Sílvia lhe levava uns dias antes: fora colocado na parede ao lado da cama de Paraíba, cuidadosamente esticado e preso, talvez, por pregos? Não deu para saber.

Perguntei-lhe, então, se poderíamos começar a entrevista, se poderia sentar-me na cama (do Paraíba, já que eu estava próxima dela). Ela disse que sim mas, que a cama estava suja! Que eu me sujaria. Respondi-lhe que não tinha importância (e realmente não estava ligando se estava ou não me sujando, tão interessada que estava em iniciar a nossa conversa).

Sentei-me na cama, ela sentou-se na outra (ao lado), liguei o gravador e lhe disse: “Fale-me de sua vida...”

E ela falou bastante, solta e tranqüilamente: estava à vontade. Eu também estava à vontade (até me esquecera dos “insetos”).

Ao alto, sentada à boca da caverna, em um banquinho dado por Priscila, Dona Sílvia nos aguardava. (foto 59)

## **5.2. *Entrevista: a moradora da ‘casa caverna’***

*Sábado, 14 horas, dia 13 de maio de 2000.*



- "A moradora da ‘casa caverna’ fazia os serviços domésticos durante o dia, enquanto entrava um pouco de luz do sol pela ‘porta buraco’ porque, à noite, as baratas - muitas baratas - começavam a passear pelo teto e paredes enegrecidas..."

(Dona Silvia sentada à entrada da ‘casa caverna’; Priscila, no interior escuro do ‘buraco’, recebe a sacola da professora que está ao alto)

59 – A entrevista com Priscila dentro de sua ‘casa caverna’



- “ ...liguei o gravador e lhe disse: "Fale-me de sua vida." E ela falou bastante... estava à vontade...”
- “Enquanto a entrevistava, dona Silvia nos aguardava, ao alto, sentada à boca da ‘caverna’, em um banquinho dado por Priscila.”

*Pr. – Priscila*

*S – Dona Sílvia*

Antes da entrevista propriamente dita, procedi à gravação de fragmentos do diálogo entre Dona Sílvia e Priscila, a respeito de algumas roupas que a professora prontificou-se em trazer para ela levar em sua viagem ao Sanatório de Campos do Jordão. A anfitriã – dentro do ‘buraco’ – elevava o tom de voz para poder ser ouvida por Dona Sílvia, que estava lá em cima e respondia no mesmo esforço. Podemos notar nesta conversa o ‘encontro’ acontecendo entre essas pessoas, com o conseqüente desenvolvimento do ‘espaço da confiança’ entre ambas.

[72] *S – ... “São roupas pra você levar... Então eu vou trazer... amanhã eu trago pra você!”*

*Pr – “Mas num tá muito puxado pra senhora vir aqui todo dia, não?”*

*S – “Ah... mas você precisa ir agasalhadinha!...”*

*Pr – “Ah... eu preciso mas, também, a senhora vai e vem... vai e vem!...”*

*S – “Não tem importância, eu trago!...”*

*Pr – “Então tá bom, eu vou aceitar, sim.”*

*S – “Eu vou trazer... você tá aí à tardinha? Eu venho!”*

*Pr – “Aí na Segunda – feira eu vou arrumar as coisas...”*

*S – “Isso! Quando for à tarde, amanhã (referia-se ao dia seguinte, Domingo) mais ali por quatro horas, eu dou uma corrida até aqui e trago.”*

*Pr – “Tá bom!...”*

Comecei a entrevista, em seguida, perguntando:

*“Priscila, eu gostaria que você falasse da sua vida... O que você quiser falar, o que brotar do seu coração...”*

### **5.2.1. A origem: resgatando lembranças**

Naturalmente, sem inibição, ela começou a falar:

[73] – *“Eu, com a idade até uns quatro ou cinco anos, eu lembro que convivi com o meu pai. Eu lembro que o meu pai bebia muito, e ele andava comigo nos bar, pra cima e pra baixo... Até uma vez minha tia pediu pra ele ir buscar uma caixa de ovo, e eu*

*lembro disso até hoje, e eu lembro que ele demorou, bebeu, num sei que aconteceu, ele deve ter demorado no bar, aí quando ele chegou a minha tia quebrou a caixa de ovo na cabeça dele comigo no colo. Aí eu me assustei... porque eu morava com a minha tia, tia mesmo por parte de pai. Aí eu morei com eles e eu não sei o que é que aconteceu – que eu era pequena – e eles me passaram pra uma outra família. Essa senhora que me criou... A minha mãe verdadeira eu não conheço...”*

[74] *Relatou ter sido ‘criada’ por essa mulher, tendo estudado, nessa época, até a 5ª série. Sem lembrar-se do motivo, um certo dia saiu de casa e ficou uma semana morando na rua.*

*- “Eu saí de casa, aí ela me achou e me levou pra casa de novo. Aí ela tinha um irmão que estava preso, esse irmão chama-se W., só que eu não conhecia ele, ele ficou muitos anos preso, mais de dez anos, preso. Aí lá em casa era assim, era bem grandona a casa, bem grande mesmo, porque eram mais de oito pessoas na casa. Então a casa era bem grande, três quartos, banheiro dentro, banheiro no fundo do quintal... Aí então, uma vez, a minha prima estava tomando banho no banheiro de dentro, e eu pra ir pra escola falei: “Vô tomá banho no banheiro de fora!” E quando ele saiu da cadeia ele ficou no quarto do fundo, lá de fora da casa, ao lado desse banheiro. Aí ele veio e me agarrou... Eu cheguei dentro de casa e falei... Aí tudo mundo duvidou de minha palavra!... Entendeu? Ele não chegou a fazer nada comigo, mas ele me agarrou, tentou me beijar, pegar nos meu peito, entendeu? E eu achei que eu falando, todo mundo ia acreditar ni mim... e foi bem o contrário do que aconteceu, entendeu? Ficou todo mundo contra mim, falando que ele tinha saído da cadeia, que ele não era estuprador, e isso e aquilo... então aí eu revoltei... aí eu fiz uma mochilinha e saí de casa pro mundo... aí saí... depois disso eu procurei a minha tia, que mora em Santo Amaro, eu não vou falar o bairro e nem a rua... ela mora em Santo Amaro que é irmã do meu pai mesmo! Aí eu tentei localizar a minha mãe, entendeu? Não consegui... Falaram que a minha mãe morava em Aricanduva, eu peguei carona... Aí não era Aricanduva, era Araraquara, era Ribeirão Preto, tuda essas cidades eu rodei, quando era mais nova... Eu tô com trinta anos, vou fazer trinta e um... Agora que tem uns três anos que eu parei... de andar de cidade em cidade, procurando minha mãe...”*

*Eu ia nas rádio, pra procurar... eu ia nos lugares assim que alguém poderia me dar algum tipo de informação dela, mas ninguém pôde me dar...*

*Eu tenho uma outra tia que mora na Freguesia do Ó... mas eu não sei se é... a casa é a mesma, até hoje... que eu não vou lá... Mas as vezes eu pego um ônibus e dou uma passadinha assim em frente, pra matar a saudade, né?”*

Nesse trecho da entrevista eu ouvia a voz de Dona Sílvia, como se conversasse com alguém, enquanto nos aguardava, lá do lado de fora do ‘buraco’. De onde eu estava, lá dentro da ‘casa-caverna’, podia ver uma parte de seu corpo, sentada sobre um banquinho que Priscila lhe dera. Não via ninguém mais com ela. No entanto, não me preocupara com o fato pois eu estava envolvida com a fala de Priscila.

### 5.2.2. Medo e desesperança

[75] - *“Então eu tô vivendo nessa situação que a senhora tá vendo... Arrumo uma pessoa pra viver comigo e... um, quando não bate, bebe... e é essa situação que a senhora tá vendo, que eu tô... E eu dou graças a Deus... dou graças a Deus e tem hora que eu fico sentida, né?... porque Deus não me deu filhos, entendeu? Eu não tenho filhos, né? E eu gostaria de ter mas, pelo jeito, acho que eu não vou ter, né? Num sei, Deus é quem sabe, mas também já com trinta anos e numa situação dessas é que eu não vou querer ter mesmo, né? Ainda mais com essa tuberculose... agora com essa doença... eu enfraqueci, eu emagreci em menos de um mês doze quilos... eu acho que eu já emagreci até mais, desse nervoso que eu passo!... Esse rapaz que eu moro com ele, ele bebe, ele não quer compreender, entendeu? Ele não me agride, mas ele fica me ameaçando, ele vai lá fora e pega um pedaço de pau... ele pega o vidro de álcool, abre, fica no pé da cama ameaçando jogar... Que nem: eu estou desde ontem das três horas da manhã até agora com o olho arregalado.”*

- *“Você está com medo? Dele por fogo em você?”*, perguntei-lhe.

- *“A gente fica, né?”*, respondeu-me ela. E continuou: *“Ele pode fazer e pode não fazer... E eu não sei da hora da reação... dele... Então eu deixo ele me xingar, ele me ofende muito, ele manda eu procurar outro, ele me chama de safada, de puta, ele me desmoraliza, entendeu? Mas eu tô controlando até terça-feira, porque não tem pra onde eu ir, não tem onde me esconder... se eu sair daqui agora não tem onde me esconder... E outra: ele já foi comigo lá no hospital, onde eu estou tomando os remédios... Segunda-feira eu tenho que ir lá tomar os remédio de manhã; terça-feira eu tenho que ir lá de novo... se ele não me achar em qualquer lugar ele vai me escoltar eu lá na porta. A senhora entendeu? Então eu tô presa, eu tô presa!... Até eu ir pra Campos de Jordão... aí lá eu vou refletir sobre minha vida... Quando eu sair de lá eu gostaria de arrumar um lugar... Porque eu acho assim: tá certo que tem Assistente Social que fala “mas você veio de alguma família, algum parente seu tem que tê casa!” mas aquele parente não me quer!!... morando dentro da casa!!... E eu vou falar pra ele: “Não, você é meu parente e você é obrigado a agüentar eu,*

*dentro de casa”? Eu não posso falar!... Que nem, lá em Santo Amaro. Se eu pegar o ônibus agora? Tem um casarão lá de todo tamanho! Cama, chuveiro, banheiro, comida! Tem tudo! Mas muitos anos que eu não vejo, que eu não converso! Como é que eu vou chegar e pedindo auxílio? Ainda mais nessas condições que eu tô?”*

### **5.2.3. O cotidiano: estratégias de sobrevivência**

Priscila relatou, em seguida, detalhes de seu modo de vida – *de moradora de casa caverna* consumida pela tuberculose e pelo medo – com voz pausada e firme. O adjetivo que Dona Sílvia lhe atribuíra, ao conhecê-la, naturalmente era anexado agora – por mim – ao seu modo de ser: *‘firme’, ‘personalidade firme’*. O ar dentro da caverna – opressivo – denunciava-se inadequado a aquela mulher esquelética, que entremeava sua fala com acessos de tosse e espasmos de sufocação. E ela continuava a falar:

- “ *O dinheiro com que a gente come é o dinheiro de carro que ele olha... é dinheiro de carro... (começou a tossir) Essas frutas que a senhora tá vendo aí a Dona Sílvia que pegou na “sopa” quinta-feira... (referia-se ao trabalho de distribuição de sopa aos moradores de rua, do qual Dona Sílvia participava) Como eu tô doente ela pegou bastante e deu... O pãozinho que tá na sacola ali também é... aquela sacolinha ali é mantimento, é até pouquinho... um pouquinho de arroz, um pouquinho de fubá, um pouquinho de feijão, o óleo é o que tem... É assim, ó... dois garfo, uma colher... que eu pego essas colherzinha plástica... Água eu pego nas garrafinha no Posto... olha lá, a sacola de garrafa e outra garrafa aqui... porque eu num güento trazer galão grande. Ele num busca e se eu não buscar!... alguém tem que buscar... (tosse) aí eu trago três numa sacola e três na outra... aí eu dou três ou quatro viagem, eu encho dez, doze garrafa e esse galão. Aí eu controlo pra dar pra fazer uma comida, pra dar pra esquentar uma água pra pelo menos eu me asseiar, e é assim que eu tô vivendo, nessas condições...”*

- “*O banheiro é onde?*”, perguntei-lhe.

- “*O banheiro, à noite, a gente vai no mato (referia-se ao “mato” do terreno ao lado de sua “casa-caverna”) e de dia eu faço xixi aqui dentro, num baldinho. E aí eu joga pra lá, porque o terreno aqui é bem grandão. E isso até a Prefeitura não inventar de fazer um negócio aqui... Porque é assim: quando não tem ninguém morando eles nunca mexe... ali entrou uma família, duas, eles já querem mexer, entendeu? Outro dia veio um moço da SABESP aí e eu falei: “SABESP? Aqui não tem água!...” Veio uns quatro ou cinco aí. Eu até assustei. Eu tava deitada, aquele monte de home da SABESP. Aí eu falei “ó moço, o cês vão fazê alguma coisa aqui?” e ele falou: “Nós tamos vendo é encanamento de água”.*

[76] *Então é assim, eu tô vivendo nessa vida... Não porque eu queira, entendeu? E tem mais de ano que eu tô assim, tem uns dez, doze anos que eu tô na rua, na rua mesmo! Assim, passa uns três mês num canto, quatro no outro, dois no outro, e vai indo! A gente monta as coisa, larga tudo pra trás, aí recomeça tudo de novo, entendeu? É assim, vivendo nessa vida assim... eu gostaria de arrumar um serviço, trabalhar, tudo, mais... Num tem um alimento direito, num tem uma roupa – esses dois carrinhos é roupa suja. A bica (de água; deu a entender que havia água do outro lado da avenida, não tendo fornecido maiores detalhes a respeito) – tem uma outra escada do lado de lá – o rapaz que eu moro com ele não deixa eu ir lá sozinha lavar a roupa. Então, quer dizer, vou ganhando roupa mas, vou sujando!... Aqui a senhora num pode encostar (mostrou o teto inclinado do ‘buraco’, preto de fuligem) e eu até esqueci de falar pra senhora quando a senhora foi pra lá... num pode encostar... se põe uma camiseta branca precisa por uma outra blusa escura por cima... Olha aonde que eu cozinho... num tem como eu num encostar... (o teto muito baixo) olha a minha altura: eu tenho um metro e setenta e seis de altura!... Cabeça tem que lavar todo dia, todo santo dia! Porque a gente tem hora que esquece e esbarra, num tem como!”*

#### **5.2.4. “A Prefeitura fez um projeto pra gente na rua... iam dar um barraco...”**

[77] *Então, a vida que a gente tá levando é essa. A Prefeitura fez um projeto pra gente na rua, que iam dar um barraco pra gente num sei aonde... aí fizeram inscrição: pegaram o meu nome... tudo... Mas isso aí já vai fazer um ano! Um ano! Entendeu?”*

– “Eles iam dar uma moradia pra vocês?”, perguntei-lhe.

– “É, eles iam dar o loteamento e os material e a mão de obra era da gente mesmo, da população, entendeu? Mas até agora!... É, mas é uma situação difícil! Às vezes a gente tá na rua, assim, e os outros vê a gente rindo e fala “esse aí tá com a vida boa!” Vida boa? Olha a situação! A situação é essa, essa é a realidade... que eu tô vivendo agora... Ainda que num tá ruim porque eu tava dormindo na calçada, com os papelão em volta... Tem um mês que nós tá aqui. Tem uns seis mês que eu tô com o Paraíba e nois dormia na calçada!”

“Eu já andava pela rua... a gente ia buscar fruta, verdura, e aí todo dia a gente conversava... Tudo... Porque lá no Mercado, no Parque Dom Pedro eles jogam muita coisa na lixeira, né? Então, de final de semana, eu descia, pegava frango, verdura... Agora eu num tô pegando mais porque, ou pouquinho ou muito, ele compra, né? Ele compra um

*real de mistura... Pra nós dois dá... entendeu, pra gente almoçar e jantar. Eu num desço mais, pra pegar... Eu compro a verdura; a “Sopa” (trabalho de entrega de sopa aos moradores de rua) cada dia trás uma fruta diferente, né? Ai dá duas pra mim, duas pra ele... E a gente tá sobrevivendo!... Essa sacolinha aí eu peguei na igreja, pra ajudar, porque se for pra ele comprar tudo, ele não dá conta... Não dá, porque se compra uma coisa, falta outra... Não tem condições... Então é assim que a gente tá vivendo. Até quando, eu não sei! Agora eu tenho um plano na minha vida, né? De eu ir pra Campos de Jordão, me curar dessa tuberculose, que foi constatada. Num é começo de tuberculose: foi constatada! Eu tô mesmo! Entendeu? Eu preciso me curar! Eles vieram aqui... Chamou a Dona Sílvia para que ela ouvisse o que queria lhe contar:*

- *“Viu, Dona Sílvia! Eles vieram aqui, o pessoal do Hospital vieram aqui!”*

- *“Veio? Que maravilha!”*, exclamou a professora.

- *“Veio!... a Assistente Social veio...”*

- *“E ela entrou aí?”*, perguntou-lhe Dona Sílvia.

- *“Não, ela num entrou, ela ficou aí como a senhora! Ela falou assim: “Ó Priscila, tá até arrumadinho... mas se você tiver SAÚDE! (com ênfase) Mas do jeito que você tá... Você precisa de ventilação...” Assim, tem os cuidados que precisa ter... banho todo dia... Que nem, pra Dona Sílvia, pra você assim eu não minto, sabe? Tem dia que eu fico até dois dia sem tomar banho; porque tem dia que o meu corpo tá bom, aí eu vou, dou quatro ou cinco viagem pra buscar água e ele, aí deitado..”*

Nesse momento ela pegou uma garrafa de pinga e nos mostrou, referindo-se ao fato do Paraíba ficar lá dentro bebendo pinga enquanto ela tinha que sair para buscar água, apesar de enfraquecida e doente.

- *“Ó aqui, ó... Ó Dona Sílvia... (fotografei) É pinga!...”*

Quando ela me viu fotografando, começou a sorrir, envergonhada, verbalizando seu receio de que fossem pensar que a pinga era pra ela. Expliquei-lhe que a foto fazia parte da entrevista gravada, que ficaria claro que não era ela quem bebia. Aceitando minha explicação, continuou:

- *“E ele deitado, aí... Foi ontem, ou antes de ontem, que ele tava de bom humor e buscou cinco garrafa de uma pancada só... Ele falou: “Fica aí que eu vou buscar!” (acesso de tosse) Mas, é difícil! Tem dia que eu amanheço com o corpo bom mas, que nem hoje: eu tô desde as três horas acordada! Eu tava esmorecida. Eu tava deitada quando vocês chamaram! Assim, mas deitada assim: com um olho aberto e com o outro fechado, porque se ele chega e vê que eu tô deitada, e se ele vem bêbado, ele diz “é só pra isso que presta!” Ele não tá compreendendo o grau da minha doença... ele tá achando que a*

*tuberculose é como uma gripe que você vai na farmácia, e compra um remédio, e toma e se enfia em baixo das cobertas e no dia seguinte você tá pronta pra ir trabalhar... E num é, entendeu? Eu tô com um lado desse meu pulmão fechado, e tô com água nesse outro pulmão. É muita coisa nos pulmão prum corpo só... É muita coisa... E agora eu vou ver se eu internando, pelo menos eu fico uma pouco mais... calma, mais aliviada..."*

Nesse momento, Dona Sílvia começou a conversar com alguém que não víamos, pois pela abertura estreita do buraco só dava para ver uma parte do corpo dela, sentada lá em cima. Pensando que Paraíba tivesse chegado, perguntei à Priscila se ela estaria conversando com ele. Priscila perguntou à Dona Sílvia quem estava lá e ela não ouviu, não respondeu. A moradora da 'casa caverna' continuou a falar:

### 5.2.5. ***"Eu sou cozinheira! E olha onde que estou..."***

[78] - *"E é assim... Sem bebida dava pra gente tentar uma vida, tentar sair daqui, porque ele é bem forte, tem força pra trabalhar... Eu também tô esmorecida agora por causa desse problema, mas eu sempre fui de lutar, sabe? Eu trabalhei aqui na Brigadeiro, na rua dos Ingleses, sabe? Tem gente que tem boa referência minha... Trabalhei na garagem da Catumbi. Quer dizer, trabalhei como faxineira!... Mas, não importa, entendeu? Tenho registro de carteira, entendeu! Eu sou cozinheira! E olha onde que estou!... Tenho seis anos de carteira de cozinheira, de forno e fogão! [79] Agora, como é que eu vou trabalhar num restaurante fino, como é que eu vou chegar assim... (começou a olhar para as próprias mãos, para as unhas) com essas unhas assim...pra fazer... Não! Não! É ser mandada embora! Como é que eu vou... Que nem, eu fui quatro vezes no Hospital com a mesma roupa. Eu coloquei ela limpinha no primeiro dia que eu fui. (acesso de tosse) Chegando aqui, descendo (no buraco), a primeira coisa é tirando ela e colocando a outra. No dia seguinte, a mesma coisa. No dia seguinte, a mesma coisa. Foi assim porque eu tava dando o endereço da ASSOCIAÇÃO! (falou com ênfase) E foi assim que a Assistente Social foi descobrir que eu morava debaixo do viaduto. Pra você vê como é: eu acho que elas são Assistente psicóloga, ao mesmo tempo! Porque ela falou assim pra mim: "Priscila – e isso foi no dia que eu fui passar no médico, foi na Segunda-feira, no dia 9... não... foi na Segunda-feira dia... cinco?... (silêncio, ficou pensando...) ah! Não sei... foi Segunda-feira agora! (tosse) Até eu contei isso pra Dona Sílvia. Ela falou assim pra mim: "Priscila, você tem casa mesmo?" ( Assistente Social) Aí eu falei "nossa, porque a senhora tá me perguntando isso?", né? E ela falou: "É porque eu acho que uma pessoa que tem casa ela não vem quatro vezes com a mesma roupa no hospital. Quer dizer, ela até pode vir com a*

*mesma calça mas pelo menos a camiseta se troca.” Até na roupa ela percebeu! Talvez na cor da minha mão! Sempre o mesmo calçado, sempre o mesmo jeitinho... A cor da bolsa, entendeu? Porque eu cozinho no álcool! Tá vendo aquelas marquinha ali? Ali é tudo a minha mão! Porque às vezes eu não acho um pano, eu pego correndo com a mão! Aquela tabuinha ali vive sempre preta! [80] Fui eu que lavei – porque ali é de eu lavar as panela em cima. Ai eu é que passei uma agüinha pra não ficar muito... horroroso hoje porque vocês vinha, né? (o final dessa frase ela falou com voz mais baixa, sorrindo, como se estivesse envergonhada) Mas todo dia eu varro!... Quando tem dinheiro sobrando eu pego um desinfetante, eu jogo! Eu ponho esses tapetes pra fora!... e tudo... Mas acontece que não tem como combater esse malcheiro daqui de dentro! Não tem como! Porque talvez a gente que tá aqui já se acostumou com esse cheiro!*

*Aqui tem um cheiro horrível! Atrás dessa banheira aí tem nove gatos!” (referia-se a uma banheira antiga que estava caída de lado, no chão, no fundo do buraco) Gato dá cria, gato cria!...*

– *“Eles estão morando aí?”*, perguntei-lhe.

– *“É, já morava quando nós chegou. Nós chegou e eles ficou também aí...”*

Dona Sílvia estava inquieta, lá em cima. Parecia conversar com alguém, gesticulando. Em certo momento, abaixou-se, chamando-me, e fez um gesto com a mão para que terminasse logo a entrevista. Percebi que algo estranho estava acontecendo lá fora. Rapidamente, encerrei o processo e bastante penalizada em fazê-lo pois, provavelmente, estaria “cortando” a possibilidade de expressão mais aprofundada de Priscila que, bem à vontade, queria continuar a falar. Mesmo assim, ela ainda completou:

[81] - *“Eu vou falar uma coisa, viu? Depois que... depois que eu fiquei ruim assim eu agradeço de ter conhecido Dona Sílvia... É... Ela parece que veio como um anjo!... Assim: não pelas coisas que ela me dá, assim, entendeu? É porque ela conversa comigo, ela conversa com o Paraíba...” “... Eu vou vencer essa doença aí, em nome de Jesus! Eu tenho muita fé no Senhor, que o Senhor vai me curar! Eu tô levando minha bíblia dentro da mochila! Eu tô com a mala arrumada!...”*

Antes de subir, pedi a Dona Sílvia que tirasse uma foto minha e da moradora, de cima pra baixo, lá de onde ela estava. Ela pegou a máquina e percebi seu nervosismo. Não acertava o foco, tirando a foto rapidamente.

Procurei sair logo do buraco, o que não fiz sem algum sacrifício.

Já lá em cima, Priscila veio logo atrás. Fotografei-a nas peripécias da subida. Perguntei a Dona Sílvia o que acontecera e ela contou-me que alguns homens estranhos passavam por ali; um deles, morador de rua, chegou a parar frente a ela, do outro lado da

grade, olhando-a fixamente. Ela fazia de conta que estava falando com alguém que estava por ali mas, como estávamos lá dentro do buraco, as pessoas pensavam, provavelmente, que ela estava só. Depois de algum tempo, no entanto, ele fora embora.

Quando olhei do outro lado da Av. 23 de Maio, vi alguns policiais que estavam revistando vários rapazes. Todos de mãos encostadas na parede do viaduto, os policiais empunhando seus revólveres. Ficaram longo tempo nesse processo de revista, com os rapazes tirando, inclusive, os calçados.

Nesse momento fiquei preocupada pois não conseguia encontrar os meus documentos (esquecera-os em casa?) e provavelmente teria dificuldades – se me abordassem – em explicar quem eu era, o que fazia ali. Priscila dava risada e disse que eu não me preocupasse: eu não tinha cara de morador de rua.

Afinal eu me acalmei pois acabei achando a carteira de identificação da USP, que colocara junto à máquina fotográfica.

Priscila mostrou-me um viçoso pé de tomates, repleto de frutos, plantado no terreno ao lado, que segurou para que eu fotografasse.

Enquanto estava nessa tarefa, olhei para cima e vi um varredor de rua, uniformizado, que nos olhava divertido, parado junto à grade.

“Pega-leve” pulava de cá-pra-lá.

A moradora começou a tampar a entrada da “caverna” com alguns pedaços de madeira. Fotografei. Olhou para os próprios pés, calçados com “chinelos”, achou-se deselegante (verbalizou isso dizendo que estava “feio” – referindo-se ao calçado) e resolveu voltar ao buraco para calçar um par de tênis.

[82] Escalou novamente a saída da casa (foto 60) e, cuidadosamente, tampou-a com as madeiras, exclamando em seguida, olhando para a ‘casa-caverna-camuflada’: “*Que Deus guarde! Que ninguém invada!*” (foto 61)

O processo de saída do local trouxe novamente problemas para mim e Dona Silvia, não afeitas à complicação do terreno.

Em seguida, fomos à procura do Paraíba que estava guardando carros em uma praça próxima ao Hospital ....

Quando chegamos, Priscila me disse que se eu quisesse fotografá-lo teria que pedir também autorização a ele pois ele estava em liberdade condicional: havia feito um roubo e cumprira algum tempo na prisão. Não soube dizer qual prisão era e nem qual crime que ele cometera.

Paraíba veio até nós, em passos trôpegos - de quem estava aparentemente embriagado – e sorrindo, abraçou-nos. Quando me apresentaram a ele, disseram-lhe que

*60 – A saída da ‘casa caverna’  
- A ‘escalada’*



*A moradora, no momento que saía de sua ‘casa caverna’.*

*61 – Camuflando a ‘casa caverna’*



*- Priscila escalou novamente a saída da sua 'caverna' e, cuidadosamente, tampou-a com as madeiras, exclamando: “Que Deus guarde! Que ninguém invada!”*

estivéramos visitando a sua “casa”. Ele lamentou que não pudera estar lá, que tinha que estar ali, “trabalhando”.

Explicando-lhe sobre meu trabalho, perguntei-lhe se, também, queria ser fotografado e que até poderia virar de costas para a máquina, se isso o deixava mais tranqüilo. Ele aceitou, foi até um carro parado, virando de lado para que o fotografasse (foto 62). Depois, mudando de idéia, pediu que o fotografasse também de frente, que ele queria presentear a “macaquinha” dele com uma foto. Eu o fiz.

A cada momento ele parava a conversa conosco para correr até a um ou outro carro que chegava ou saía. Algumas pessoas demonstravam ter receio dele.

Dona Sílvia, que os observava, foi até um casal que estava saindo do carro e disse-lhes, enfática: “Podem ficar tranqüilos que o Paraíba toma conta do carro direitinho!” Paraíba, animando-se com o elogio, foi até ao homem, com a mão estendida para cumprimentá-lo. Com um sorriso, o recém-chegado retribuiu-lhe o cumprimento mas, sua esposa, desviou dele rapidamente, retirando-se com um olhar amedrontado, agasalhando protetoramente com os braços a criança que trazia, caminhando, ao seu lado. Após as despedidas, fomos embora.

### ***5.3. Entrevista realizada com Dona Sílvia sobre a visita à moradora da ‘casa caverna’***

*Sábado, dia 13 de maio de 2000.*

Para obter os registros das entrevistas ou mesmo das conversas informais que eu entretencia Dona Sílvia, que por vezes me telefonava para contar fatos novos que se desenrolavam no seu dia a dia de contato com os moradores de rua, comecei a gravar os telefonemas que ela me dava. Com sua aquiescência, cada vez que ela me ligava e informava que o assunto era sobre os sujeitos da pesquisa, eu ligava o ‘viva voz’ do telefone e o gravador que já estava preparado, ao lado do mesmo. Percebera, anteriormente a esse procedimento, que informações preciosas a respeito do fenômeno, segmentos do processo de ‘encontro transformador’ estavam se perdendo por falta de registros adequados: queria contar com a fidedignidade do gravador.

No dia 13 de maio, sábado à tarde, quando fôramos à ‘casa caverna’, resolvemos voltar para nossas casas e, mais descansadas, continuar a conversa por telefone. Queria informações e impressões mais detalhadas de Dona Sílvia a respeito do que

**62 – O ofício de ‘guardador de carros’**



***O morador da ‘casa caverna’ – ‘Paraíba’ – visto de costas, guardando carros em uma praça do centro de São Paulo, com dona Sílvia a seu lado.***

acontecera com ela e no entorno do local onde ela me esperava, enquanto eu estava dentro da 'casa-caverna' entrevistando Priscila.

Eram quase 19h00 quando ela me telefonou e começou a falar<sup>76</sup>:

[83] - *"Eu cheguei em casa e aquela cena não sai da cabeça... dela morando num buraco daquele, dentro de um buraco... e a gente fica imaginando uma pessoa doente, como ela está, entrando, pulando uma grade, depois fazendo ginástica até, para poder entrar naquele lugar, não é? E ela ainda bem que não "bebe"... E ele? Ainda bêbado, quando tá bêbado, como é que ele desce naquilo lá, meu Deus! Naquele lugar ali, com bicho, barata, com tudo!... lá dentro!..."*

*Aparentemente bem arrumadinho, tudo direitinho, porque ela cuida, mas quem controla o resto, né?... e o perigo de estar ali... Olha: é triste demais!... Eu quando cheguei aqui, que eu abri a porta aqui em casa, eu abri a porta... eu falei: Jesus! Eu estou entrando por uma PORTA! (falou com ênfase) Por uma PORTA em uma CASA! E ela? Se abaixando para entrar num buraco! Pra dormir num buraco!*

*E é isto que não sai da cabeça da gente... de ver uma situação daquela, coitadinha!... é triste demais... é isso..."*

Provocando-a para uma conversa mais alongada sobre o episódio que vivêramos naquela tarde, perguntei-lhe:

- *"Queria que a gente conversasse a respeito de... quando nós chegamos lá, que eu entrei lá no buraco, que eu consegui entrar... por que você não entrou?... o que aconteceu que você preferiu ficar ali, sentada na porta, no buraco da caverna, na entrada... Por que você quis ficar lá em cima?"*

- *"Não sei..."*, respondeu-me, continuando em seguida: *"Se fosse para eu entrar, eu entrava!... Eu podia entrar!... dava perfeitamente para entrar porque ela ensinou como a gente faz até para descer bem, naquele buraco, né? Esse não era o problema... Mas o problema é que eu nunca tive medo de nada! Eu sempre vou, eu fico no meio deles, eu não fico olhando se tem traficante, eu não fico olhando se tem drogado!... Eu não olho nada disso! Eu não tenho medo!... Eu estou bem!..."*

[84] *Agora, hoje... eu não sei o que é... o porque eu não sei o que é... eu tive medo de eu estar ali e você lá embaixo... Eu dei graças a Deus!... foi mesmo, viu, Magali, de eu não ter entrado!..."*

---

<sup>76</sup> Incluímos esta entrevista, quase na íntegra, neste trabalho, para podermos melhor observar e analisar as características da psique de Dona Sílvia manifestando-se no processo de "encontro transformador" com os moradores de rua.

*Porque eu fiquei ali como vigia... eu falei: "Meu Deus!" Eu acho que você percebia que toda hora eu olhava lá embaixo...*

*Eu pensava assim: "Se acontecer qualquer coisa, que venham pessoas aqui, qualquer coisa... vocês duas lá embaixo, eu começo a gritar aqui, a chamar a polícia, ou... por socorro... pedir socorro!..." Porque eu não estava bem!... Eu não me senti bem, ali, naquele local... sendo que ontem, quando eu estive lá, eu cheguei ali na escada, chamei, ele veio (Paraíba), trouxe o banquinho, eu fiquei sentada lá na escada, bem na direção do buraco, ali naquele patamar maior da escada, mas ali embaixo, perto do buraco. Não tinha nem visto o buraco, como é que entrava... Porque o buraco hoje foi surpresa pra mim... como chegar lá...*

*Então é assim... Eu estava com medo!... E vi várias pessoas... e todo mundo que passava lá em cima (no alto do viaduto) ficava olhando, lá embaixo... olhando... E aqueles que desciam, eu ficava controlando: pra esquerda, direita, na frente, de tudo quanto é jeito!... olhando! E todos os que desciam a escada, eles ficavam olhando espantados eu ali sozinha, sentada; então eu fazia de conta que eu estava falando com alguém... conversando... falando coisas sem sentido, ficava falando, qualquer coisa assim como se estivesse conversando com alguém, abanava a cabeça, fazendo gesto, como se estivesse uma pessoa ali me escutando... E eles passavam mas assim mesmo olhando, e até olhando pra trás, depois. Até vir aquela pessoa, que eu fiquei receosa porque parou ali em frente, era uma pessoa de rua! Era um homem."*

*- "Você pode descrevê-lo?", pedi-lhe.*

*- "Eu não sei... era um homem de rua, uma pessoa de rua, nem lembro assim, maltrapilho, era um andarilho!... Uma daquelas pessoas que talvez eu até sirva a sopa, à noite! Pode até ser um deles, mas eu não o reconheci e ele também não me reconheceu. Eu sei que ele ficou olhando, olhando assim pra mim, o quê que eu estava fazendo ali? Não é? E daí eu comecei a conversar, falando comigo mesma, como se eu estivesse falando com alguém, foi daí que ele subiu a escada. E depois, lá de cima ainda ficou olhando outra vez! Agora, o porque... sabe lá... não sei, a gente nunca sabe, né? Então foi isso! Eu realmente não estava à vontade, não! E não me arrependi nem um pouco de não ter descido! Eu estava melhor lá em cima! E lá embaixo eu não desço! Sabe, lá embaixo eu não desço! Nem com Priscila, nem com ele, eu alego que eu não posso descer, qualquer coisa, mas lá eu não vou não! Me dá receio aquilo lá. E olha que você é que sabe que eu não tenho receio de nada! Mas não sei porque, não sei qual é a razão!"*

No dia 16 de maio de 2000 entrevistei novamente Dona Sílvia a respeito da ‘casa-caverna’ de Priscila, quando então ela reafirmou seu medo de entrar naquele buraco, e fez o seguinte comentário:

- *“Você sabe que na rua mora gente ruim, também. O meu medo é entrar naquele buraco e alguém por fogo com a gente lá dentro, e tampar a boca do buraco! Não dá para a gente sair! Meu Deus! Coitadinhos deles que moram lá!...”*

- *“Você acha que a gente correu perigo ali, naquele momento...”,* perguntei, provocando-a para que falasse mais a respeito do episódio.

- *“Não sei, pode ser até que era eu que estava com receio, porque eu já conheço o local, que a noite ali é a entrega da sopa... eu conheço o viaduto, a fama que tem de ladrões, de assaltantes, tudo... Até talvez seja isso que me influenciou ali para eu ficar com medo. E você mesma ouviu quando ela falou (referia-se a Priscila) que a polícia está sempre ali. Que fica sempre por ali, que tem sempre policiamento por ali...”*

- *“Ela falou isso... Agora, à noite, no dia da sopa, a gente não chega a descer aquela escada, nada!... E mulher não vai sozinha pra entregar a sopa pra ninguém que esteja ali, e nem vai conversar com ninguém que esteja ali na escada...na descida, nada! E se vai levar alguma coisa sempre tem algum acompanhando! Um homem acompanhando. Sozinha não sai! Porque o coordenador está sempre de olho! Nem na hora da oração eles não ficam de olhos fechados. Ficam sempre fazendo a oração de olho aberto porque não sabem a reação de alguns deles. Hoje foi isso daí.*

*Agora ontem, não! Eu fui, fiquei lá sentada, eu estava ali fora... fiquei bastante tempo, mais de uma hora eu fiquei conversando com os dois ali na escada.”*

- *“Não passou alguém ali, ontem, naquela hora?”,* indaguei.

[85] - *“Passou; passava gente como eu vi, hoje. Mas ele (Paraíba) estava ali também. E outra: hoje, ali, eu estava só, ali em cima, naquele terreno todo vazio. Eu estava ali só. E você lá embaixo naquele buraco... então por isso acho que era o meu medo... De repente chegar alguém, e não poder sair dali... Não sei o que me passou pela cabeça...*

*E mesmo ele, o Paraíba... que apesar de tudo, a gente conhece ele mas conhece assim, superficialmente... Por exemplo: eu não tinha receio nenhum de entrar no barraco do Hélio (ela se refere aqui ao sujeito de observação do estudo desenvolvido no Mestrado (ALVAREZ, 1999), ex-morador de rua que construiu um barraco para morar) Era completamente diferente!”*

- *“E por quê?”,* indaguei, insistindo.

- “*Aí é que está!*”, respondeu-me ela, continuando suas reflexões: “*Lá eu não sentia esse receio, esse medo, nada! Agora, lá, aquele buraco, me impressionou! Eu fiquei impressionada com aquilo!*”

*E outra: ela, bem arrumadinha, que você viu como ela estava bem arrumada, esperando nós, ali, pra conversar... E gosta de se enfeitar... Você viu ela com as pulserinhas, os brincos, ela é ótima, a Priscila. E ela tem medo dele. Você só conseguiu essa entrevista porque ele não estava perto. Se não ela não falava... Apesar de não ter falado tudo, (aqui ela se referia ao fato de eu ter terminado a entrevista com Priscila na ‘casa caverna’ abruptamente e de ter comentado com ela que percebera que Priscila queria ter falado muito mais) ela não falava nem isto... Ela só ia falar coisas boas a respeito dele... Não ia contar a respeito da bebida, porque ele quando está perto é aquela coisa... e beijando, abraçando... e dizendo assim: “A Priscila, pra mim, é uma flor que eu tenho que cuidar, porque se eu não cuidar, quem vai cuidar? As coisas que a gente gosta tem que se cuidar, ou melhor: preservar... Porque se a gente não cuidar, quem vai cuidar? e se murchar, quem é que vai reavivá-la?” Essas são palavras dele! (ela anotara essas palavras dele, quando ele as dissera, para não esquecê-las) É muito diferente do que ela fala dele de quando eles estão sós, por causa da bebida, que ele quer bater, ele quer botar até fogo, jogar álcool ou a pinga, pra poder até matá-la. É diferente, então... que flor é essa?*

*Naquele dia, então, a Priscila falou pra mim, quando eu cheguei no Hospital: “Bem que a senhora falou que ele ia voltar. E agora eu vou com ele pra lá (para a “casa-caverna” deles) Eu estava sem rumo, eu não sabia nem pra onde ir...” Então quer dizer que, veja bem, mesmo que ela não queira ela não tem pra onde ir. Se é ruim com ele mas, e pra onde ela vai? Agora, eu acredito que depois que ela... se ela vai pra lá pra Campos, e se ela melhora, que esteja bem, realmente é capaz aí até que ela queira dar uma reviravolta no relacionamento deles, não é? Não sei... Mas... pode ser até que isso aconteça, porque agora ela não tem forças pra nada! Está magrinha, e tudo... doente daquele jeito, o que é que ela vai fazer? Depende dele! É um lugar pra ficar, né? É um buraco, mas é um lugarzinho que ela tem!...*

*E veja bem! Qual foi a cena que depois nós vimos do outro lado do Viaduto? A polícia com todas aquelas pessoas lá, que estavam com as mãos na parede... Sabe lá? Felizmente já passou...”*

Refletindo sobre o que acontecera, completei:

- “*Mas eu acho que a polícia ter aparecido lá foi até bom pra nós, porque foi uma proteção inesperada, que ficou ali do lado... né? Porque estava fazendo aquela batida,*

*olhando todo mundo, de uma certa maneira isso chamava a atenção e se alguém quisesse fazer alguma coisa com a gente, naquele momento ficou mais difícil pra eles, né?”*

Impressionada com o que acontecera, não tendo esgotado ainda a necessidade de desabafar, Dona Sílvia continuou:

*- “Eu olhava pra todo lado, ali. Quando aquele homem ... Eu vi um que passou pela calçada da 23 de Maio (avenida)... porque eu ficava atenta a tudo!... então um que passou pela calçada da 23, eu não vi se ele... eu pensei assim: “Será que este vai subir?... a escada?” E não vi. E pensei: “Se ele pulou a grade lá embaixo vai subir por aquele mesmo caminho que nós fizemos e vem ter aqui pra ver o que estou fazendo aqui sozinha.” Então aquilo estava me incomodando demais! E outros que eu até conheço (moradores de rua) por exemplo o Senhor Nicola, que eu conheço da sopa, à noite, passou lá em cima e me abanou a mão várias vezes! Ele me viu lá em baixo sentada.*

*Eu não sei se você reparou ali, eu esqueci de mostrar pra você, onde uma senhora vai levar a comida pros gatos que tem ali. Porque ali tem muito gato, essa senhora é uma japonesa, vai todos os dias, mais de uma vez no dia, levar comida pros gatos. A Priscila, um dia, pediu pra ela se ela não tinha alguma coisa pra dar pra ela, um pouco de alimento, alguma coisa... Isso são palavras da Priscila, contando que a mulher falou que: “A manutenção do dinheiro dela mal dava para alimentar os desabrigados, que são os gatos!” E os gatos tem até nome! E ela traz ração, carne misturada com arroz cozido, e a Priscila disse que dá até vontade de comer e que já aconteceu da mulher ir embora e ela ir lá pegar a carne que estava misturada com o arroz, pegar pra comer.*

*Igual àquilo, Magali, eu nunca vi! Nesses oito anos que estou aí na rua, sinceramente, uma situação igual a esta, eu não vi! Coitadinha! É demais o sofrimento desta coitada! E pensa nisso agora: são 19 horas, né? Calcula aqueles dois dentro daquele buraco! Imagina a cena: ele bêbado, não é? Porque está sempre bêbado! E com uma vela acesa dentro daquele buraco!*

*- “É... e com as baratas, agora, que já estão andando...”, completei, penalizada...*

**[86]** *- “Pelo amor de Deus!... Que coisa terrível, Jesus!... É a mesma coisa que estar vendo um TÚMULO! (falou com ênfase) Me dava a impressão de um TÚMULO aquilo lá!... Enterrada viva, naquilo lá! Não é possível um negócio daqueles! Porque quando ela falou pra mim que era um buraco, eu não tinha idéia... eu pensei que fosse um lugar que tivesse uma entrada mais fácil, pra se chegar, pra entrar, ali... Mas daquela maneira!... A ginástica que tem que fazer pra entrar ali!... Precisa ser novo pra estar ali*

*entrando todo dia e saindo... E nos dias de chuva, tudo! Como é que faz? Com lama, do lado de fora, pra ela poder sair dali...*

- *“Você viu que ela forrou o chão pra eu entrar?”, comentei, provocando-a para que falasse a respeito do fato.*

- *“Aquele foi demais! Pra gente não se sujar, ela forrou com uma blusa dela de lã, o chão... Como quem diz: pôs o tapete pra nós entrarmos! Pôs o tapete! Muito triste, aquilo ali! Muito, muito triste! E ele, coitado! Dá pena, dele! Vinte e sete anos. Ela é mais velha que ele. Ela tem trinta anos.”*

[87] *Ela contou que, um outro dia, ele estava bêbado e que ela havia pedido pra ele ir fazer a consulta pra ver se ele também estava com tuberculose e ele, naquele estado de loucura, de desequilíbrio da bebida, pegou a garrafa de pinga e falou pra ela: “Esta vai ser minha cura – vou beber até morrer!” Ele está sem esperança de vida!*

[88] *Mas, esperança do quê, Jesus?! Guardando carro... e as pessoas, se dão algum dinheirinho é porque tem medo!... porque senão nem davam nada, ali, pra ele. Você não viu que eu fui falar com aquele casal: “Pode deixar o Paraíba guardando o carro que ele cuida mesmo!” Você viu, não viu? Quando eu fui lá falar com eles? Porque eu percebi que o moço estava até com medo dele... as pessoas tem medo!... não é? E o que ele ganha? Ganha um pouquinho ali, de dinheiro!”*

- *“E está em liberdade condicional...”, completei, informando-a.*

[89] - *“Eu vou lá amanhã! E por falar nisso, depois que eu deixei você lá no ponto (ponto de ônibus), fui até no Extra (supermercado na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio) e lá encontrei um amigo e pedi pra ele que se tivesse alguma coisa pra dar para esse casal... ele disse que sim, e separou camisa dele, toalha de banho, que eu vou levar amanhã, quando eu for levar a blusinha dela amanhã, eu já vou levar também pra ele, quem sabe pode servir pro Paraíba, não é? Olha aí: pediu, já tem, não é?*

- *“Então amanhã você vai lá visitá-la?”, perguntei-lhe.*

- *“Vou. Vou levar a blusa e o que eles me derem eu vou lá levar...”*

- *“E você não vai ficar com medo?”, indaguei, provocando-a para que falasse mais sobre o medo que sentira.*

- *“Não! Mas eu não desço, lá! Aquilo que nós fizemos hoje, lá... de pular aquela grade... eu não vou, fazer aquilo sozinha de jeito nenhum! Agora, chegar lá embaixo na escada, bem na direção do buraco, e chamar e eles subirem ali... ali é uma salinha de visita, que nós podemos fazer!... Não precisa nem a preocupação de colocar banquinho pra eu sentar... eu sentava na escada mesmo! Mas eu estou no meio de gente, de outras pessoas!... Agora, ficar lá embaixo, naquele... ah! não! Aquilo me impressionou demais! Lá*

*eu não tenho coragem, não! E você foi na maior, né?! Você que é assim meio, que eu percebo que é meio medrosa, às vezes, fica meio receosa com os traficantes, com os... né? Você foi... tchum! (expressão onomatopáica, com a qual Dona Sílvia representou a descida ao buraco) foi descendo aquele buraco lá e ficou lá... e eu lá em cima, contando os minutos..."*

- *"Porque é pior ser vigia, viu?"*, provoqueei-a, dando risada.

Ela, demonstrando estar ainda sob o impacto do sentimento do medo, continuou:

*"É mais difícil! O medo! É aquilo que eu falei antes, na gravação: acho que é o receio porque eu já conheço o local, eu ouço falar coisas dali.*

[90] *Porque teve uma ocasião que eu marquei um encontro com um morador de rua lá no viaduto, que eu fui levar roupa pra ele, e quando eu lá cheguei e estava já conversando com ele, veio um outro morador de rua que eu conheço, o Luã, correndo e me chamando: "Dona Sílvia, Dona Sílvia!... Que é que foi?" E eu falei: "Nossa, Luã, que aconteceu?" E ele disse: "Ah, Dona Sílvia, eu pensei que a senhora estava sendo assaltada!"*

*Luã é morador de rua! Quando ele me vê, ele vem, me abraça, me beija, é uma belezinha, ele! Ele hoje está trabalhando, vem com os sobrinhos dele, a criançada toda lá, pega sopa, e quando eu não estou diz que ele pergunta de mim pra todo mundo: "Dona Sílvia não veio? E Dona Sílvia?"*

*Agora tem uma coisa: com a policia ali, até me aliviou, sabe? O medo era chegar um bêbado de rua... aquela turma que eu conheço, que vai lá... Eles estão enlouquecidos, às vezes... pela droga, com a bebida... tudo! Então você não sabe a reação de uma pessoa dessas!"*

- *"É..."*, concordei, continuando: *"Quando eu estava lá no 'buraco', numa determinada hora, eu pensei: "Pôxa, eu estou aqui... nesse fundo aqui..." E eu pensei muito nesses grupos de extermínio... Eu falei pra mim mesma: "Se eles aqui tem algum problema com dívidas de drogas e... a gente tá aqui, né?" (referia-me ao fato das chacinas que têm acontecido com frequência em São Paulo, onde todos são mortos, inclusive quem não esteja ligado ao problema, pelo simples fato de também estar no local onde acontecem os assassinatos).*

- *"Olha, é perigoso! É perigoso, mesmo, Magali!"*, exclamou ela, preocupada. Em seguida, refletindo a respeito do meu receio e do receio deles, acrescentei, encerrando nossa conversa:

- “Então... mas, veja bem! Se a gente tem esse receio, imagine eles que vivem dia e noite nessa vida!...”

#### 5.4. *Dona Sílvia visita Priscila e Paraíba*

[91] No domingo, 14 de maio de 2000, ‘Dia das mães’, Dona Sílvia cumpriu o prometido e foi até à praça onde Paraíba guardava carros. Sabia que ali encontraria Priscila. Queria entregar-lhe alguns pacotes que ela levaria para Campos do Jordão:

- “Eu peguei uma malinha minha, porque ela não tem nada pra levar... de mala... ela está pondo tudo em sacola!... Então eu peguei uma sacolinha de ginástica, das minhas, e pus o bloco, os envelopes – com os endereços, que ela vai escrever pra Casa D... (Instituição Religiosa onde Dona Sílvia dá aula aos moradores de rua), uma caneta, um casaquinho de lã branco e um poncho que é bem quentinho que é pra ela usar lá em Campos do Jordão, e pus uma toalha de banho e uma toalha de rosto que eu ganhei do meu amigo. Ela ficou muito contente porque estava precisando.”

Ficaram conversando na praça por um tempo. Paraíba oscilava entre permitir ou não a internação da companheira. Contou Priscila à professora que na noite anterior ele chorara muito, até adormecer. Dona Sílvia, cuidadosamente, incentivava-o para que ele a deixasse ir. Despediu-se dos dois e, quando já se distanciava, ouviu Priscila chamando-a:

[92] - “Venha cá... porque o Paraíba foi até ali embaixo, porque ele quer comprar uma rosa pra senhora...”

A professora respondeu, ao aproximar-se:

- “Imagina, Priscila!... Vai gastar dinheiro!...”

- “Mas ele quer!...”, afirmou ela.

- “Está bem!...”, falou, aceitando o presente.

Enquanto esperava, a professora viu que o guardador de carros vinha voltando de mãos vazias. Priscila comentou:

- “Ah, ele não conseguiu!...”

Quando ele chegou perto, falou, desolado:

- “Vou ficar devendo, Dona Sílvia...”, ao que ela retrucou:

- “Como, devendo?... Não!... Você me dê a rosa!...”

- “Não!... não tinha mais!...”, reafirmou ele; Priscila, entendendo o que Dona Sílvia dissera, falou para o companheiro:

- “Você não está entendendo! É fazendo de conta!...”

Nesse momento a professora, estendendo a mão, pediu:

- *“Me dê a rosa, Paraíba...”*

Ele fez o gesto de entrega da rosa imaginária à Dona Sílvia que, pegando-a, levou-a até à altura do peito, dizendo:

- *“Olha, está aqui, ó... no meu coração”.... Ela está aqui, olha!... Do lado do meu coração... Muito obrigada!...”* E ele ficou olhando-a, longamente, em silêncio, absorvendo a cena. Ela, então, lhe disse:

- *“Você me deu a rosa!... Valeu a intenção!...”* E despedindo-se novamente, foi embora.

### **5.5. Preparando Paraíba para a viagem de Priscila**

Na segunda-feira, dia 15 de maio de 2000, Dona Sílvia dirigiu-se até à ‘casa caverna’, com a ajuda de um morador de rua que dormia próximo ao local. O casal de moradores veio recebê-la na escadaria, ao lado da entrada do buraco. Paraíba queria pôr o banquinho para que a professora sentasse mas ela recusou, estava com pressa. Era noite, quase vinte horas. Ficaram conversando a respeito dos preparativos da viagem. Priscila iria de ônibus no dia seguinte, ao meio dia. Antes de despedir-se, Dona Sílvia recomendou:

- *“Olha, Priscila, e você também, Paraíba: não fique triste porque pode acontecer da Priscila nem ficar muito tempo lá! Pode ser que logo ela esteja de volta, que faça logo o tratamento e fique bem, vai ser bom pra vocês dois... Amanhã você vai junto com ela lá na estação rodoviária, carrega a malinha dela, vai junto com ela...”*

Dizendo que sim, que faria o que a professora lhe pedira, acompanhou-a até o alto do viaduto, onde ela se despediu e foi embora.

### **5.6. A internação de Priscila**

Priscila foi internada no Sanatório São Paulo, em Campos do Jordão no dia 16 de maio de 2000; viajou, sozinha, para internar-se no Hospital: havia ganho a passagem de ônibus da Assistente Social do Hospital... instituição de saúde localizada em São Paulo e que oferece tratamento ambulatorial para portadores de tuberculose. Recebeu, também, a passagem de ônibus para ir até ao Terminal Rodoviário. Paraíba a acompanhou até ao local do embarque, conforme prometera a Dona Sílvia: o ônibus sairia às 12 horas. Ele comprou bolacha e refrigerante, que ela lhe pedira.

Essas informações a respeito da partida de Priscila foram dadas a Dona Sílvia pelo Paraíba, que lhe contou os detalhes, chorando, no domingo, dia 21 de maio. Nesse dia, a

professora – querendo saber notícias a respeito da internação, se esta acontecera ou não – foi até à praça onde sabia que encontraria Paraíba ‘trabalhando’, ou seja, ‘guardando carros’ estacionados naquela área.

[93] Na quarta-feira seguinte, Dona Sílvia recebeu uma carta de Priscila. No mesmo envelope veio, também, uma carta para Paraíba. Foi um expediente utilizado por ela para que a carta chegasse ao companheiro, já que a ‘casa caverna’ de ambos não existia para o mundo dos endereços e ‘C.E.Ps’ da cidade organizada. Dona Sílvia funcionava, assim, como uma ponte mediadora entre estas duas cidades – a ‘sedentária’ e a ‘nômade/selvagem’ – que se cruzavam vivencialmente num movimento absurdo, cindido, com seus habitantes excluídos recriando estratégias constantes para não sucumbirem a tal modo esquizofrenizante de viver.

No dia seguinte, quinta-feira, à noite, Dona Sílvia encontrou-se com Paraíba na distribuição de sopa que era feita ali, no viaduto próximo à ‘casa caverna’, e lhe entregou a carta de Priscila.

Relato de Dona Sílvia, sobre o episódio:

[94] - *“Levei a carta que ela escreveu para o Paraíba e que mandou junto com a minha. Quando entreguei a carta ele chorou, dizendo estar com muita saudade da “macaquinha dele”. Perguntei se ele não ia ler e ele respondeu que ia ler mais tarde, quando estivesse só, porque queria chorar... e disse, também, que já havia comprado um cartão da Telefônica com 20 ligações para poder falar com ela. Falei que ele deixasse pra falar no Sábado ou Domingo, pois era mais barato. Ele respondeu que não fazia mal o que gastasse pois o que ele queria era ouvir a voz dela. Disse ainda que quando ela sarar ele vai arrumar uma casa pra eles não ficarem mais aqui em São Paulo, vai ser na Paraíba, perto da família dele. Disse ainda que sábado e domingo o dinheiro que ganhar vai ser para ir visitar a Priscila. Perguntei se ele tinha ido ao Hospital “Clemente Ferreira” para fazer o exame de tuberculose. Disse que não porque ele sabia que não tinha nada.”*

### 5.7. Visitando o ‘Paraíba’...

*Domingo, 28 de maio de 2000*

Combinei com Dona Sílvia que iríamos em visita ao Paraíba, companheiro de Priscila.

Fomos até à praça localizada no centro de São Paulo onde, provavelmente, o encontraríamos ‘guardando carros’.

Chegamos lá em torno das 16 horas. Ele nos reconheceu, de longe. Estava bebendo groselha em um copo de plástico e comendo pão. Conforme íamos nos aproximando, ele começou a ‘brincar de esconder’ atrás de uma árvore. Dona Sílvia deu a volta na árvore e o surpreendeu, entrando na brincadeira.

Cumprimentamo-nos, sorrindo. Ele vestia ‘calça-abrigo’ de moletom, camisa e agasalho – não muito limpos – e trazia uma bolsa ‘pochete’ atravessada no peito – local onde guardava o dinheiro ganho em seu ‘trabalho’.

Dona Sílvia começou a conversar com ele, perguntando-lhe “como estava indo”. Ele respondeu que estava indo bem.

Dei-lhe uma cópia da fotografia em que ele aparecia de frente, que lhe tirara no dia 13 de maio de 2000. Atento, olhou-a e comentou: “Pareço um maloqueiro!”, ao que Dona Sílvia retrucou, referindo-se à foto: “Você está tão bonito!”

Informou-nos ele, em seguida, que não poderia ir até Campos do Jordão visitar Priscila, que tinha que juntar mais dinheiro para os gastos da viagem e nem poderia, ainda, comprar as coisas que ela pedira para ele na carta.

Dona Sílvia disse-lhe que ela também não poderia ajudá-lo na compra, pois estava sem o dinheiro necessário.

Ele lhe respondeu, agradecendo:

- *“Não precisa não, Dona Sílvia. O que a senhora já tem feito pela Priscila... já é muito...”*

Informou-nos, também, que o outro motivo pelo qual não poderia visitar Priscila era a sua apresentação na polícia, por causa da “Condicional”.

[95] Pegando uma pequena caderneta da pochete, abriu-a e começou a ler uma data que lá estava escrita. Mostrando-me o local vazio onde deveria estar uma fotografia sua colada, disse-me que precisava ganhar dinheiro para poder tirá-la. A foto teria que estar ali quando fosse apresentar-se. Pedi-lhe para vê-la – a caderneta – e ele, prontamente, colocou-a em minhas mãos. Pedindo-lhe licença para abri-la – com o que ele concordou – olhei as datas, rapidamente. Ele deveria apresentar-se até o ano 2001. Saiu em liberdade condicional em dezembro de 1999. Abri, também, uma folha de papel sulfite que estava grampeada à caderneta. Havia um texto assinado, possivelmente, por alguma autoridade judiciária que não precisei qual era pois, dada a urgência do olhar, optara por conhecer o conteúdo do que ali estava.

Tinha pressa na leitura: não queria invadir a intimidade do companheiro de Priscila mais do que já o fazia, naquele momento. Rapidamente, percorria os olhos pelas ‘ordens’ ou direcionamentos, proibições e normas, custando a acreditar que ele pudesse

cumpri-las. A que mais me ressaltou aos olhos foi que ele deveria recolher-se à ‘tal’ hora à ‘sua casa’: não poderia ficar perambulando pela rua.

Que casa?... perguntei-me. Lembrei-me do ‘buraco caverna’ onde ele vivia, cheio de baratas, mais negro que a própria noite... Recolher-se ‘cedo’ àquele buraco? Impossível!... pensei...

Dona Sílvia sugeriu a Paraíba que, já que ele não poderia ir visitar a companheira, que escrevesse uma carta para ela. Ele respondeu:

- *“Escrever carta não adianta! O duro é a saudade! Agora eu ponho o cachorro no meu braço, lá, à noite...”* Referia-se à sua ‘casa caverna’, no momento em que se recolhia para dormir.

Ante a pergunta que ela lhe fez a respeito de quem era o “Alemão” que implicava com ele, mencionado na carta que Priscila lhe escrevera (a carta viera aberta, no mesmo envelope, e Dona Sílvia contou-lhe que também a havia lido), Paraíba respondeu:

- *“É um polícia, aí!... Eu tava aqui na calçada, um dia, quando eu vi luzes brilhando atrás de mim: era o Alemão chegando... Deram uma geral em mim, apertaram meus “grão” até eu ficar tonto de dor. Eu fiquei mais de semana inchado, inflamado... E me falaram que eu não podia guardar carro. Mas eu sou boca dura mesmo e disse: “Me mostra o código penal onde está escrito isso que eu não posso guardar carro!” e eles não mostraram!... Quando eu tô aqui, que eles aparece, eles só faz assim pra mim (ele esticou o braço esquerdo, apontando com o indicador num gesto característico de ordem de retirada dali, como dizendo, no gesto mudo: “Fora!”) e eu saio quietinho, obedecendo eles. Eu vou embora...”* (nesse momento lembrei-me das recomendações ou ordens da ‘caderneta da Condicional’, que ele deveria ‘trabalhar’...)

- *“Mas por que eles fazem isso?”* perguntou Dona Sílvia.

- *“Sei lá!...”* respondeu Ceará. *“É implicância!”*- completou.

Dona Sílvia, mudando de assunto, lembrou-o que no dia 10 de junho era o dia de seu aniversário. Ele lhe respondeu, franzindo o cenho e colocando as mãos na cabeça:

- *“Nem me lembre! Nesse dia eu não faço aniversário! E se alguém me lembra eu fico nervoso! Fico quieto num canto até o dia passar!”*

- *“Por que?”* Perguntou-lhe Dona Sílvia.

- *“Porque nesse dia também morreu minha mãe!”*

Esses diálogos eram interrompidos a todo momento por Paraíba que, atento ao seu ‘serviço’, parava de falar e saía correndo em direção de cada carro que chegava ou saía. Vimo-lo recebendo algumas moedas em ‘pagamento’ pelos ‘serviços prestados’, das quais não olhava o valor, simplesmente colocando-as na pochete.

Ante o comentário de Dona Sílvia que iríamos embora pois estávamos atrapalhando o seu trabalho, ele falou, erguendo o tom de voz para que o ouvíssemos – pois já se distanciara:

- “*Qu’ié isso! Fique aí! A gente vai conversar!...*”

E lá ia ele em passos apressados, gingando, por vezes correndo, atender àqueles que ele chamava de “meus patrão” (*os motoristas*).

Paraíba era um homem jovem, com 27 anos de idade. Apesar da ingestão constante de pinga, de trazer no rosto as marcas do alcoolismo e do modo de morar na rua – o “corpo nômade”<sup>77</sup> - expressava-se com lucidez, agilidade, nas palavras e nos gestos. A praça era o seu “espaço”, onde se movimentava atento, eficiente no ‘trabalho’ que abraçara: se ‘perdia’ algum carro enquanto estávamos ali, era porque lhe desviávamos a atenção. O que o fazia lamentar-se, emitindo exclamações à moda do nordestino: “*Viche! Se foi!...*”

Após cada corrida e serviço feito, voltava até nós. Em uma destas vezes, duas jovens passaram por ele, na calçada. Num rodopio, postou-se atrás delas e, com gingado acentuado, balançando os braços e jogando o corpo para lá e para cá a cada passada, foi andando atrás delas sem que elas o percebessem. Após um certo trecho percorrido, girou novamente o corpo em direção a nós, que o observávamos, e veio vindo gingando, sem pressa, com sorriso largo, esparramado, exclamando satisfeito, com os olhos semicerrados como se contemplasse as duas belezas na retina da alma:

- “*Viche! Que coisa linda! É demais!*”

Dona Sílvia perguntou-lhe:

- “*O quê?*”

Ele respondeu, voltando do seu ‘transe estético/enamorado’:

- “*Nada não!*”

- “*Você não vai trair a Priscila! Eu vou ficar escondida te observando, pra ver se você é fiel!*”, falou ela sorrindo, em leve tom admoestador.

- “*Qu’ié isso!*”, retrucou ele. “*Eu sou home de um home... (aqui ele cometeu um ato falho, o qual corrigiu rapidamente, com breve sorriso) de uma mulher só! Depois da vida qu’eu vivi, eu quero é minha “macaquinha”...(referindo-se à Priscila).*”

Lembrei-me, nessa hora, do que havia visto em sua ‘caderneta da Condicional’, ou seja, que saíra da prisão em dezembro de 1999: estava nas ruas há apenas 5 meses... O que teria vivido por lá?...

Contou-nos, em seguida, sorrindo, como a reforçar o que acabara de dizer, que um “fulano” batera em sua “macaquinha”, ali na praça, que ela ficara com o olho inchado e

<sup>77</sup> “Corpo nômade”: Vide Dissertação de Mestrado (ALVAREZ, 1999)

que viera pedir-lhe para vingá-la. O que ele fez, violento, dando uma “boa surra” no outro, deixando-o machucado.

Nem Dona Sílvia ou eu tivemos vontade de comentar o fato, que fora relatado como consumado, bem encerrado e feito, prova de amor e proteção...

Resolvemos ir embora, sob leves protestos de Paraíba, que queria prolongamento da visita. Ante nossa retirada decidida, deu seu rodopio característico, virando-se de costas para nós, dirigindo-se – gingando e balançando os braços – para o seu “espaço”: incorporara-se, novamente, no seu ‘ofício de guardador de carros’...

### **5.8. *As cartas de Priscila...***

Escrito com letra bem feita, levemente “deitada” para trás, chegou o envelope contendo as cartas escritas por Priscila à Dona Sílvia e ao Paraíba... Havia referências a mim, também: fora incluída no seu rol de amigas.

Chamava a atenção, na frente do envelope, o escrito acima, grifado: Para Querida Profª; logo abaixo, grifada duplamente, também a frase: “Que ‘Deus’ nos abençoe.”

Na parte de trás do envelope, ela desenhou um olho solitário, com longos cílios, derramando lágrimas, com a palavra: Saudade, escrita logo acima do remetente.

### **5.9. *Visitando Priscila em Campos do Jordão***

*Sábado, 10 de junho de 2000*

Eu e Dona Sílvia, às 6 horas da manhã, embarcamos num ônibus rumo a Campos do Jordão: resolvi acompanhá-la na visita que faria a Priscila e a Marcos, ambos internados em Sanatórios da cidade. Hospedamo-nos na Colônia de Férias do Centro do Professorado Paulista, à qual Dona Sílvia tinha direito de uso, como professora aposentada. Quanto a mim, fui na categoria de ‘acompanhante apresentada’.

Somente às 15 horas – após o almoço – chegamos ao Hospital São Paulo, onde estava internada Priscila.

Avisada por Dona Sílvia que iríamos, ela não mais nos esperava naquele dia, devido ao adiantado da hora. Avistamo-la no corredor comprido e gelado que dava para os quartos: Alta, magérrima, tossindo muito, chorando, correu até nós, abraçando-nos.

Desculpou-se pela aparência – vestia calça de moletom e um agasalho – dizendo que há pouco tirara a ‘saia longa’ que a deixava mais elegante, que ganhara de Dona Sílvia.

Levou-nos ao quarto coletivo que dividia com outras internas e apresentou-as a nós. Suas mãos tremiam, dizia estar muito emocionada, repetindo a toda hora: “*Amo vocês...*”.

Dona Sílvia entregou-lhe, primeiramente, os presentes que o Paraíba lhe mandara: uma goiabada, biscoitos, cigarros, uma foto dele e uma flor artificial que fora perfumada por ele com um perfume que eu dera a Priscila e que estava lá, em sua ‘casa caverna’, flor essa que ele pediu pra dizer à companheira que se chamava ‘*saudade*’. Deu também, em nome dele, um queijo que compráramos na cidade. O anterior, que ele havia comprado em São Paulo e que dera para um morador de rua cuidar, enquanto ele guardava os carros e esperava a Dona Sílvia chegar, fora devorado pelo guardião faminto e embebedado. Sobraram somente migalhas – vestígios do presente – pelo chão, com Dona Sílvia apaziguadora dizendo que compraria outro ao chegar em Campos do Jordão. Ele também não ‘achou ruim’ com o morador de rua que dormia satisfeito, com o queijo na barriga...

Priscila chorava ao pegar os presentes, anunciando às companheiras atentas e tão esquálidas quanto ela, que amava o seu ‘marido’, beijando a foto e a flor, colocando-a em cima do criado-mudo, ao lado de sua cama.

Dona Sílvia entregou-lhe, também, as encomendas que compráramos, que ela nos pedira por carta: linhas e agulha para crochê (disse que ia fazer um “lindo caminho de mesa” para nós); bolachas, maionese, ‘ki-suco’ e um gorro de lã, o qual ela vestiu de imediato.

Contou-nos que o Paraíba estivera lá, visitando-a, e que ele contara da foto que eu tirara dele e que lhe dera de presente. Perguntou-me se eu não trouxera as que eu tirara dela, que queria ver-se lá, na sua casa ‘caverna’. Prometi mandar-lhe cópias pelo correio.

Perguntei-lhe se poderíamos continuar a entrevista que fora interrompida lá na sua ‘casa’ e ela disse que sim, que fôssemos conversar e tirar fotografias lá no jardim do hospital, que era mais tranquilo e ‘mais bonito’. Enquanto a esperávamos que guardasse as coisas que ganhara de nós no seu armário – o qual nos havia mostrado orgulhosamente e o qual eu fotografara – adentrou ao quarto uma interna, adolescente, com visível comprometimento mental, que pegou nas mãos um dos objetos que ela, Priscila, estava guardando. Esta, pacientemente, aguardou que a garota manuseasse o objeto e, somente quando ela o devolveu é que o pegou, guardando-o em seguida. Chamou-me a atenção sua postura de paciência e respeito para com a jovem e a amizade com as companheiras de quarto que, durante todo o tempo em que estivéramos ali, nos rodearam, participando das conversas.

## 5.10. O discurso de Priscila

No jardim, sentadas em um banco, a moradora da casa caverna pediu que Dona Sílvia permanecesse ao seu lado pois “não tenho segredos para ela”. Ligando o gravador, repeti-lhe: “*Priscila, fale-me de sua vida...*”

### 5.10.1. Nove meses de prisão...

[96] Ela foi falando, lembrando cenas, com a tosse interrompendo-lhe frases ou o choro que, por vezes, brotava forte... Falou, inclusive, que ficara 9 meses presa, fato que não relatara na entrevista anterior.

- “*Eu moro na rua, eu convivi com vários tipos de pessoas diferentes, eu morei só quatro anos num local só, e foi exatamente nesse local que eu conheci – antes desse meu marido agora – eu conheci dois rapazes, bem antes d’eu conhecer esse meu marido. Então a gente tava todo mundo bebendo, ali, aquela coisa de quem mora na rua: uns fazendo comida, outros bebendo, outros conversando, outros batendo no fundo de uma lata... Ai, eles falaram assim pra mim: Priscila, vamo lá que é aniversário de não sei quem, no Belenzinho, e vamo buscá essa pessoa pra vim almoçá aqui com nós. Nós fomo, só que eu, sinceramente, do fundo do meu coração, eu não sabia que tinha uma faca com um deles, entendeu? Ai dentro do ônibus eles gritaram lá pro cobrador, entendeu? Eu fiquei perto do motorista... assim eles agiram como um assalto dentro do ônibus... Eu, assim, eu não fiz nada! Tanto é que eu tenho as fala das testemunha, entendeu? Que eu realmente entrei com eles no ônibus mas eu não me movi pra nada! Eu tive aquilo assim pra mim como uma surpresa! Eu fiquei nove meses presa, entendeu? Eu saí agora dia 17 de janeiro...*”

### 5.10.2. “Ela é minha ‘mãe branca’...”

[97] Priscila estava motivada a falar... Quando o choro se tornava mais intenso, a emoção brotando forte com as lembranças, Dona Sílvia a abraçava, como a dar-lhe forças... Ante uma lufada de vento gélido que nos envolveu, fazendo-a encolher-se, Dona Sílvia ajeitou-lhe o gorro na cabeça, em gesto de abrigo e proteção... Sorrindo, por entre as lágrimas que lhe molhavam o rosto emagrecido, ela olhou para mim, comentando o gesto:

- “*Ela é a minha mãe branca*”...

Lembrou-se – com saudades – do tempo em que era estudante, das professoras; citou as escolas, as festas de fim de ano, no encerramento do ano letivo:

- *“Eu lembro que final de ano tinha festa... Eu lembro até da primeira musiquinha que eu dancei (recomeçou a chorar) na escola, quando eu era mocinha... Não sei... caiu “uma pedra” na minha cabeça...(chorando) sabe?... uma pedra, na minha cabeça... eu não sei porque... tanto sofrimento... sabe, Magali?... (chorando) É porque eu me seguro, eu me seguro... porque, pelo tanto que eu já sofri já era pra eu ter comprado um veneno e eu mesmo ter me matado... [98] Porque sempre que eu tô na pior assim... (começou a tossir, chorando...) sempre quando eu tô na pior assim pensando de me matar, essas coisas... sempre aparece uma pessoa pra...(tosse, chorando...) parece que Deus que envia, sabe? Uma pessoa pra me dá uma palavra de conforto... uma força...”*

Referindo-se ao episódio vivido no Hospital Municipal de São Paulo, onde ficara internada, onde Dona Sílvia a conheceu, ela continuou:

- *“Eu agradeço Dona Sílvia. Eu tava pra fazer uma bobagem, pensando de largar do Paraíba, de fugir, de morrer, de se jogar debaixo de um carro, de um caminhão... eu tava assim... e se eu tô aqui eu agradeço ela, sabe? Porque de vez em quando me dá uma loucura na minha cabeça...(chorando)... Eu não penso em fazer nada com ninguém, sabe?... eu não tenho olho grande... eu não tenho inveja, assim... eu queria só ter o que é MEU, entendeu? É o que sempre eu peço a Deus: que antes de eu morrer, que Ele me desse pelo menos um barraquinho, sabe? Pra mim por uma cama, uma mesa, um fogãozinho dentro... aí eu falo: “agora eu morro em paz, que Deus me deu tudo que eu queria, um lar...”*

### **5.10.3. Ilusão de cidadania**

[99] Paraíba tinha planos de levar Priscila com ele para sua terra, no Nordeste brasileiro. Com medo, ela falou de *sua cidade – São Paulo* – em manifesta ilusão de ser uma *cidadã paulistana*:

- *“Quanto a ir com o Paraíba pro norte, a mesma hora que eu quero ir eu não quero ir, porque eu não conheço os parente dele... Pode ser que lá... não sei se ele vai modificar comigo... eu não conheço... entendeu? Eu tenho medo! Porque aqui, na minha cidade – que eu sou paulista – aqui, na minha cidade, eu já como o pão que o Diabo amassou com o pé, e na cidade dos outros, então? (Falou chorando) Eu sei que eu tenho uma vida muito dura, gente! Mas mesmo assim eu dô graças a Deus por tudo! Por tudo... dô graças a Deus quando ele me dá um alimento, quando alguém se preocupa comigo, eu peço pelas pessoas, sabe?*

#### 5.10.4. “A Prefeitura não atende o povo de rua...”

- “Eu já ganhei muita coisa na rua, Magali... já ganhei cama, armário, colocava em baixo da ponte, o caminhão da Prefeitura vinha e carregava com tudo que tem dentro... entendeu? (tosse...) A Prefeitura não atende o povo de rua... Eles não atende... Teve um ano aí que eu participei de uma passeata que teve do povo de rua, sabe?... nós fomos de frente a Câmara Municipal, nós subimos a São João, todo mundo com um pano preto amarrado na boca... fizemos reportagem... Dali nós achamos que ia sair algum terreno, algum loteamento, assim, pra alguém...”

#### 5.10.5. “Eu nunca votei!... Então, eu não sou ninguém!...”

[100] - “Eu nunca tirei todos meus documentos... Os documentos que eu tirei foi a identidade e a carteira profissional. Eu nunca votei!... *cê entendeu? Então, eu não sou ninguém!...* (falou esta última frase chorando) *eu não sou ninguém porque eu nunca tirei meus documento...(tosse) Eu ia tirar agora, né, Dona Sílvia?...(tosse) Pedi pras tias da “sopa” pra poder me ajudar... eu tirar.*

Então falaram: “Então vamos tirar primeiro o Registro (certidão de nascimento) aí depois nós vamos vê como é que vai ficar...” Eu falei com ela: “eu vou falar a verdade com a senhora: eu nunca votei não! (falou a última frase abaixando o tom de voz) Ela falou: “Depois nós vamos conversar direitinho, mas não tá na hora ainda...” É uma moça que... se chama... esqueci o nome dela, ah... esqueci o nome dela! Então, é assim... minha vida... (tosse seguidamente, sufocando)

*Minha vida é de luta, entendeu?”*

Ao término da entrevista, quando nos dirigíamos ao portão de saída, dei-lhe a máquina fotográfica nas mãos e pedi-lhe que tirasse fotos do que ela achasse “importante” em sua vida.

Empunhando a máquina, olhou para o alto do barranco que ladeava o caminho e comentou, ao avistar uma pequena casa de madeira:

- “Eu queria ter uma casinha como essa...” Em seguida, foi levando a máquina aos olhos. A meio caminho, no entanto, abriu um sorriso largo e disse, apontando outra casa bem maior, ao lado da anterior:

- “Ah! Já que eu estou querendo, eu quero é essa, que é muito mais bonita!”, e tirou a foto.

- “Agora eu vou dar a máquina para você tirar uma foto minha e dessa fonte de água... Ah, se eu tivesse uma fonte d’água dessa lá no meu ‘buraco’... Não precisava ter tanta água assim... bastava um fiozinho...”, disse ela, conduzindo-me até a uma fonte d’água no barranco. Fotografei<sup>78</sup>.

À despedida, ela repetia, chorando:

- “Eu amo vocês...”

### **5.11. Últimas notícias dos habitantes da ‘casa caverna’ - Tragédia anunciada**

[101] Paraíba, após a internação da companheira em Campos do Jordão, continuou morando em sua ‘toca’, com o cachorrinho ‘Pega Leve’ fazendo-lhe companhia. A cada manhã saía para exercer o seu ‘ofício de guardador de carros’, na pequena praça do centro de São Paulo, onde o conhecêramos.

No começo de julho de 2000, ele matou a facadas outro morador de rua, em uma disputa pelo ‘ponto de guardar carros’. Preso em flagrante, na pequena praça, foi para a o Presídio de .... A sua ‘casa caverna’ – vazia – imediatamente foi ocupada por outros moradores de rua.

Priscila – sabendo da notícia quando estava ainda no hospital – desesperou-se pela situação do companheiro, lamentou a perda de suas “coisas” e da sua “toca”: “para onde iria quando saísse do hospital?”, perguntava-se ela. Comunicava-se por cartas e telefonemas com Dona Sílvia, que aguardava o seu retorno. As cartas e as notícias, no entanto, cessaram. Ela teve alta do hospital e desapareceu. Não sabemos o que lhe aconteceu. A professora-mãe, saudosa e preocupada, continua a esperar notícias dela...

## **6. O PESQUISADOR COMO “PESQUISADO”**

### **6.1. Um “encontro” inusitado...**

*Domingo, 28 de maio de 2000.*

---

<sup>78</sup> As fotos realizadas não puderam ser reveladas devido ao fato da máquina fotográfica ter quebrado durante esse segmento da pesquisa. Infelizmente não percebemos que a mesma não estava funcionando e todos os filmes ficaram inutilizados.

Lá estava ele, naquela fria manhã de outono, parado na calçada, próximo ao Parque da Água Branca. Figura inconfundível - *morador de rua* - estendeu-nos a mão pedindo esmola.

Eu e meu marido, que nos mudáramos há uns três meses para o bairro das Perdizes e nos dirigíamos ao Parque - para fazermos uma “caminhada”- detivemo-nos para atender à solicitação do velho *andarilho*. Essa a figura que sua aparência nos evocava: um andarilho... Barba e cabelos sujos, compridos, grisalhos; roupa muito suja cobrindo-lhe o corpo imundo.

Balbuciara qualquer coisa que não me detive a entender – concentrada que estava na conversa com meu companheiro – e silenciara, sorrindo, após receber um real.

[102] No parque, caminhamos em torno de uma hora... À saída, mais próximo da entrada, novamente fomos abordados pelo homem que, sorrindo, nos falou que o café que tomara com o dinheiro que lhe déramos estava uma delícia! Paramos para ouvi-lo, pois ele começara a falar sem parar. Disse-nos que não era de São Paulo, que viera do Paraná e que gostaria de voltar a sua terra, ao seu “sitiozinho”, para sua mulher. Ela viera a São Paulo para ser operada do coração e, após a cirurgia, deram, lá no Hospital, uma passagem para ela voltar para casa e não deram para ele. Tudo acontecera em novembro do ano passado e, desde então, ele ficara, sozinho, vagando por São Paulo e instalando-se, finalmente, ali, perto do Parque. Mas, que as pessoas eram boas, que o ajudavam. Deus era bom, mas ele tinha saudades da mulher e que aqui ele estava sofrendo muito.

- “*Eu durmo ali,*” – falou, apontando uma ‘casa de comidas’, localizada no quarteirão seguinte – “...o dono é bom pois me deixou dormir lá na frente, eu não sujo o lugar, se chega alguém de noite eu não deixo sujar, não faço xixi ali, deixo tudo limpinho pra ele não ter o que falar de mim, mas outra noite veio um home e me deu uma paulada na cara, quebrou o meu nariz, fiquei que era só sangue, e tem uns bichinho que fica comendo meu corpo, eu só fico coçando sem parar, é muito sofrimento, eu quero voltar pra minha cidade...”

Falava assim, sem parar, assunto atrás de assunto. Observando-lhe o nariz – era um homem branco - percebia-se que fora quebrado, à moda dos ‘boxeadores’; provavelmente, teria sido um nariz proeminente, grande, pois, achatado como estava, esparramava-se pela sua cara como testemunha muda da agressão sofrida. Faltavam-lhe os dentes da frente, também. Quanto aos “bichinhos”, conhecia-os bem - os ‘*muquiranas*’, denominação dada pelos moradores de rua – espécie de ‘piolho’ que se aloja nos corpos desses moradores que não tomam banho. Produzem coceiras, feridas, desconforto enorme.

Perguntei a ele qual era o seu nome e qual a sua idade.

- *“Paulo”, respondeu-me. “Eu tenho 64 anos.”*

- *“O senhor, então, está com vontade de voltar pra sua terra, senhor Paulo?”*

- *“Estou, minha senhora!... Eu queria voltar, aqui é muito sofrimento, eu não agüento mais, eu durmo ali...”*

Fazendo o mesmo gesto anterior, repetiu toda a conversa, que vinha aos borbotões, incansável, sem contradições.

- *“Então eu volto amanhã aqui pra gente conversar sobre isso, sobre a sua volta pra sua terra. E qual é a sua cidade?”*

- *“Eu sou de Maringá, minha senhora!”*, respondeu ele.

Anunciando-lhe que iríamos embora, ele nos estendeu a mão, com o sorriso largo e sem dentes a iluminar-lhe o rosto queimado de sol, despedindo-se. Respondendo ao seu gesto, retiramo-nos.

No dia seguinte, não pude ir até lá, como prometera; porém, não o esquecia. O dia estivera frio e, à noite, a temperatura caíra ainda mais. Será que ele estaria ainda por lá?, perguntava-me, aquecida em minha cobertas. Por várias vezes acordei, durante a noite, pensando nele e no frio que estaria passando.

Na terça-feira, por volta das 6h30 da manhã, fui procurá-lo no local onde provavelmente estaria dormindo, que ele havia exaustivamente indicado. Ao chegar, sob a marquise da tal ‘casa de comida’, havia alguém deitado no chão, embrulhado num cobertor fino, com a cabeça coberta. Não dava para saber se era ele. Fiquei em dúvida, receosa de chamá-lo. E se não fosse ele?

Atravessei a rua e fui até a um bar próximo, perguntando ao atendente do balcão se aquela pessoa que estava deitada lá seria o senhor Paulo, um morador de rua que me dissera, no domingo passado, que dormia ali. Com a confirmação do balconista, voltei ao local e chamei:

- *“Senhor Paulo!...”*

Bastou chamá-lo uma vez para que ele, sonolenta e lentamente, descobrisse a cabeça, olhando-me surpreso.

[103] - *“O senhor lembra de mim? Nos encontramos no Domingo... eu falei que vinha pra gente conversar!”*

- *“É claro que eu lembro, é a senhora! A senhora me achou! E o seu marido? Eu não esqueci, a senhora veio, eu quero ir embora, eu tô sofrendo muito aqui...”*

E lá começou ele de novo com a mesma conversa do domingo, repetitiva, sofrida, incansável. Eu lhe havia levado algumas roupas, em uma sacola de plástico: uma

blusa de lã, camiseta, uma calça de moletom, na intenção de que se protegesse um pouco mais do frio. E também um pouco de dinheiro, dizendo que era para o ‘café’.

No dia anterior, entrara em contato com Dona Sílvia e lhe contara o que estava acontecendo. Pedi-lhe que, se pudesse, arranjasse algumas roupas e sapato para ele, lá na Casa<sup>79</sup> ...: sabia que no dia seguinte, terça-feira, ela daria aula aos moradores de rua em tal instituição.

Disse-lhe que não tinha certeza de que ele quisesse realmente voltar à terra dele. Que nos encontráramos só uma vez, não houvera tempo de conhecê-lo melhor. Dona Sílvia disse-me que, além das roupas, tentaria conseguir algum cobertor.

Perguntou-me se eu estava tirando fotos do acontecimento, se esse processo estava fazendo parte da pesquisa que eu vinha realizando sobre os moradores de rua. Disse-lhe que não, que não estava encarando esse caso como pesquisadora, que era algo pessoal, era uma vivência minha e do senhor Paulo. Queria deixar as coisas correrem naturalmente nesse meu processo pessoal de viver.

[104] Fora tocada por aquele ser humano e acabara me envolvendo no seu processo existencial. Agora era *eu* quem estava vivenciando cenas que, tantas vezes, observara outros vivendo: as situações de “encontro” com os moradores de rua. Nos processos das pesquisas acompanhara o desenrolar desses fatos, com distanciamento, ainda que mínimo, sempre procurando observar os envoltivos e sentimentos alheios, analisar, teorizar.

Senhor Paulo não era *um sujeito de pesquisa* que eu observava *encontrando-se* com alguém estranho a mim. Era *comigo* que ele iniciara um processo de “encontro”, o qual eu não tinha absolutamente vontade que fosse intermediado por máquinas fotográficas, gravadores, anotações ou o que quer que fosse. Éramos *nós*, ambos *moradores do bairro das Perdizes*, ainda que ele estivesse em situação de absoluta desvantagem, pois, eu morava num apartamento e ele na calçada, sem nenhuma proteção.

## 6.2. “Um lugar para dormir...”

Senhor Paulo pegou as sacolas, o dinheiro e agradeceu.

Perguntei-lhe, novamente, sobre sua intenção de voltar à sua cidade. Ante suas afirmativas veementes, disse-lhe que poderíamos providenciar sua partida para o dia seguinte, Quarta-feira. Era necessário que eu fosse comprar a passagem, providenciar roupas, mala, que ele tomasse um banho... Isso tudo levaria algum tempo e, naquele dia, não poderia

---

<sup>79</sup> Omissão do nome da Casa Religiosa devido ao imperativo ético do sigilo das identidades.

estar a sua disposição, pois ainda teria que ir, à tarde, trabalhar (não quis explicar-lhe que, na verdade, eu teria aula).

Para ele tudo estava bom, estava certo, dizia que me esperaria por ali, que eu o encontraria naquele pedaço, e apontava o local onde dormia, engatando, em seguida, na gratidão que tinha pelo dono da casa de comida por deixá-lo dormir ali.

Disse-lhe que eu estava preocupada com o fato dele passar mais aquela noite na rua. Estava muito frio, a temperatura iria cair mais ainda e que eu tinha até ficado com receio de que ele tivesse morrido de frio nessa noite passada.

Sorrindo, abanou a cabeça e disse que não ia morrer, não!

- *“Vamos procurar um lugar mais abrigado para o senhor dormir?”*, perguntei-lhe. *“Talvez um albergue, até amanhã, para que o senhor possa depois ir embora...”*

- *“Não senhora!... Eu fico aqui, aqui é bom, o dono deixa eu ficar aqui, eu não sujo aqui, deixo sempre tudo limpinho pra ele não ter o que falar de mim, não deixo ninguém fazer xixi aqui, eu quero dormir aqui mesmo...”*

Percebi-o irredutível. Falava afavelmente mas com firmeza. Não queria sair do seu pedaço e pronto!

O que fazer?, pensei. Veio-me à mente o Parque da Água Branca, ali pertinho, cheio de casinhas e coberturas, lugar ideal para abrigá-lo.

Pedi-lhe que me esperasse, que voltaria, e fui até ao Parque.

Expliquei o fato a um dos responsáveis e ele me disse conhecer o senhor Paulo. Que ele já chegara a dormir lá, uma vez, mas que estava bêbado e que aprontara uma ‘zoada’ (não explicou o que) e que, por isso, não deixavam mais ele entrar. No entanto, que eu falasse com alguém da administração, mais tarde (ainda era muito cedo, os diretores não haviam chegado), que provavelmente eles me ouviriam com atenção e, quem sabe, deixariam o senhor Paulo dormir em alguma “baia de cavalo”, por aquela noite.

Saí de lá esperançosa: apesar de “baia de cavalo” não me ter soado bem, em se tratando de um ser humano, seria melhor do que dormir na rua, com a cara na calçada, sem nada para protegê-lo do vento e do frio enorme que estava fazendo.

Voltei ao senhor Paulo, que se instalara em outra parte da calçada: estava deitado no chão, adormecido. A ‘casa de comida’ logo abriria as portas e ele sabia que tinha que ausentar-se de lá. Chamou-me a atenção a ‘festa’ repetida que ele fazia cada vez que eu voltava:

- *“A senhora me achou! A senhora sempre me acha!”*, dizia sorrindo e iluminando os olhos claros semi-escondidos sob as rugas profundas.

Anunciei-lhe as providências que estava tomando e perguntei-lhe se ele gostaria de dormir aquela noite no parque, caso conseguisse a permissão dos diretores.

Mais uma vez, a negativa firme se fez: não, não sairia dali, ficaria por ali mesmo esperando pelo amanhã. Disse-lhe, então, que voltaria à tarde para combinarmos a respeito do dia seguinte.

À tarde do mesmo dia encontrei-me com Dona Sílvia que trouxera, da Casa..., algumas roupas, um par de sapatos número 42 – esse era o número que o senhor Paulo disse que calçava – e um cobertor, novo, ainda envolvido na embalagem. Disse-me ela que contara para o ‘Soviético’ (morador de rua que tratamos antes, na seção 3 deste trabalho) o que estava acontecendo e que ele, espontânea e prontamente, oferecera seu quarto, lá no cortiço da Bela Vista onde dormia com a mulher e a filha, para que o senhor Paulo pudesse passar aquela noite.

Essa oferta causou-me alegria e, ao mesmo tempo, fez-me refletir a meu respeito.

‘Soviético’, morador de rua em processo de transição para outro modo de viver e morar, egresso da penitenciária, vivendo com dificuldades de todo tipo, inclusive financeira, ofertara um lugar ao seu lado e de sua família a alguém que nem conhecia, que sabia estar com ‘muquiranas’ pelo corpo (Dona Sílvia lhe contara) e, talvez, com doenças...

*Eu sequer pensara na possibilidade de levar o senhor Paulo para minha casa...*

### 6.3. “A depressão”

As providências para a partida tomavam corpo. Retornando ao local da “moradia a céu aberto”, desta vez em companhia de Dona Sílvia, levava as roupas, cobertor e calçado conseguidos na Instituição Religiosa. Preocupava-me, naquele momento, com o banho que o Senhor Paulo deveria tomar, antes de vestir aquelas roupas. Já planejara a compra de um sabonete que ajudasse a eliminar os ‘muquiranas’, talvez sarna e sei lá mais o quê que estivesse pelo seu corpo.

Ele se coçava muito. Dissera-nos que não tomava banho desde novembro do ano passado... Percebia o seu hálito de usuário de pinga; no entanto, o reconhecimento das pessoas, a memória preservada, as histórias bem contadas, o exercício e defesa de sua vontade em permanecer ali, contrariando o meu desejo de levá-lo para um lugar mais abrigado (quais seriam suas motivações para tal postura? Não quis deter-me, naquele momento, em investigações alongadas a respeito...), anunciavam a mente lúcida daquele homem fragilizado. E ele queria voltar pra casa.

[104] Anunciava o desejo naquele discurso interminável... *“quero ir embora para o meu sitiozinho, para a minha mulher que é bonita, a senhora precisa ver como minha mulher é bonita, nova ainda, mas tem cabelo branco, ah! como é bonito o cabelo branco de minha mulher...”* E de repente sobravam para mim e para Dona Sílvia também os elogios sobre beleza: *“A senhora também é bonita, com todo o respeito, seu marido também é bonito, que olho azul ele tem! (e se tivesse algum curioso por perto assuntando o acontecimento ele o incluía na conversa) o senhor(a) precisa ver que home bonito é o marido dela, que é bonita também, com todo o respeito, meu Deus, se preocupando comigo, eu tô dando trabalho, eu não mereço toda essa ajuda, meu Deus!...”*

O banho, no entanto, assumira para mim urgência inadiável. Perguntei-lhe onde poderia fazê-lo e ele balbuciou qualquer coisa a respeito de uma pensão ali por perto que cobrava dois reais por um banho... Porém, se eu insistia nos detalhes, ele desconversava... Os sinais de depressão estavam evidentes, a debilidade do corpo anunciava-se no ligeiro tremor das mãos e nas pernas que mal o sustentavam em pé: a todo momento queria sentar-se. Dizia-se fraco e que já perdera - desde que ficara na rua - trinta e tantos quilos de seu peso...

[105] Agarrado às sacolas com roupas que lhe dera pela manhã, sentado na calçada, estava no seu ‘habitat’ selvagem... Eu percebia, cada vez mais claramente que, apesar de sua vontade de voltar pra casa, impedimentos poderosos o mantinham naquela situação. Deixara-se e fora deixado ficar ali, bebendo, girando em círculos, quase sem comer, de quando em quando anunciando seu desejo – cuja realização nem ele mais acreditava possível – com sua aparência esquecida e consumida que mais e mais o distanciava do mundo dos “vencedores”, como ele mesmo me dizia, quando quis saber qual era minha profissão: *“a senhora é vencedora, o seu marido também...”*

[106] Eu sabia, até pela pesquisa que realizara anteriormente com alguns moradores de rua, que a *vergonha* de estar nessa situação de abandono e decadência era um sentimento comum nos adultos, que se mostravam muito sensíveis à “possibilidade de um vergonhoso descrédito”: instalava-se neles um impulso de esconder o rosto ou de, no mesmo instante e lugar, “afundar no chão” (ERIKSON,1976). E senhor Paulo escondia o rosto atrás da barba enorme, dos cabelos imundos e compridos e, no mesmo lugar, deixando-se ficar, afundava-se no chão das calçadas que amparavam seu corpo bêbado e enfraquecido... Queria voltar mas, como? Se já começara a viver no tempo do morar na rua que se transforma em tempo do agora, com o amanhã que escapa e fica mais e mais distante, envolto na neblina do impossível. Já perdera, ou estava a perder, a esperança... [107] Deixava-se morrer lentamente, ali, naquele canto que elegera como túmulo a céu aberto, pedaço de uma cidade que sentia - introjetando o papel de excluído e indigno que a sociedade lhe impingira – ser só

para os “vencedores”... E ainda agradecia a Deus, e ainda dizia da beleza dos que considerava vencedores, rendendo-se à sua derrota, como se ela devesse ser e acontecer assim mesmo na lógica desse mundo absurdo em que caíra.

Percebi que ele oscilava entre o crédito e o descrédito em minha presença e minhas ofertas. Cada trocado que lhe dava para o lanche ou o café, no bar da rua, comprava de imediato a sua pinga que, toldando-lhe os sentidos, espantava esse teimoso tempo presente que ainda o denunciava vivo nesse mundo sem sentido. No entanto, logo depois, espicaçado pelo tempo do passado que voltava teimoso, despertando a saudade dos afetos vividos, repetia incansável, aos borbotões, que queria voltar...

#### 6.4. “Acreditar, desacreditando...”

##### - “O interjogo do encontro”

[108] Percebendo-lhe a fragilidade físico-emocional, tentando estar com ele, fortalecendo-o em seu desejo sem, contudo, ‘atropelá-lo’, desconsiderá-lo nos seus processos de decisão, sentia que a tarefa fazia-se difícil, delicada.

Tirá-lo à força dali poderia equivaler, talvez, à subtração do restinho de ‘organização’ de mundo que ainda lhe fazia algum sentido, no qual se apoiava, no seu processo de viver. Ele já havia perdido tanto e, como náufrago, entontecido, agarrado aos escombros que amealhara, ainda tentava dar as últimas braçadas antes de sucumbir ao abismo avassalador.

Por isso, confiava desconfiando, acreditava desacreditando, explicitando esse inter - jogo de sentimentos que o dominavam nas suas exclamações repetidas, admiradas a cada vez que eu voltava até ele: “*A senhora me achou!... a senhora sempre me acha!...*”

[109] Eu, também, sentia-me presa no mesmo movimento de crédito - descrédito, tomando por meu desejo o seu desejo de voltar, procurando por Ele, Paulo – ser humano desejante – que se havia perdido de si mesmo. Será que o encontraria?... Como achá-lo, sem violentar seu esconderijo?...

[110] Sinais, ainda que tênues, contudo, ele já começara a emitir... Deixava pistas - configurações emergentes de seu mundo interno – consubstanciadas nas frases, nos poucos gestos, como o continuar a agarrar-se às sacolas de roupa que lhe levara antes, ou quando dizia: “*A senhora não esqueceu meu nome!... eu falei meu nome só uma vez, no primeiro dia, e a senhora não esqueceu...*”

Percebera que, naquele dia, terça-feira à tarde, seria mais sensato que o banho ainda não acontecesse. Não poderia entregar-lhe, também, a mala com as roupas limpas que

providenciara. Ele estava sujo, porém, agasalhado. Como insistia em dormir na rua aquela noite, resolvi deixar-lhe somente o novo cobertor. Sabia dos roubos que aconteciam entre os próprios moradores de rua, principalmente contra os mais fragilizados, como era o caso do senhor Paulo.

A passagem do ônibus seria comprada no dia seguinte, pela manhã, para que ele pudesse embarcar à noite. Nesse horário, em que poderia ir com ele até ao terminal rodoviário, eu acreditava que já teríamos providenciado tudo: o banho, a troca de roupa e, ousando querer mais, por que não? o corte do cabelo e da barba. Esse último item sabia que seria um problema: quem poderia fazê-lo, ali, no bairro? Repassava mentalmente os salões de barbeiros ou cabeleireiros que conhecera e não me parecia que alguém fosse ter boa vontade em realizá-lo, dada a aparência de tal cliente.

### 6.5. “A Surpresa...”

A noite descera extremamente fria. Enrolada em minhas cobertas, várias vezes acordara pensando em como estaria o senhor Paulo em seu abrigo a céu aberto.

No dia seguinte, por volta das oito horas da manhã, dirigi-me ao seu ‘habitat’... Ele não estava mais lá... continuei a procura, entrando no bar próximo, quando o vi, de costas – figura inconfundível – postado ao balcão. Não havia me visto. Estendia uma moeda de cinquenta centavos ao balconista que lhe colocava uma dose de pinga no copo.

- “*Senhor Paulo, bebendo?... Como é que o senhor vai conseguir viajar, depois? Vai ficar difícil pra mim, carregá-lo!*”, brinquei com ele, admoestando-o.

[111] Ante minha chegada, a cena como que se congelara, com seus atores impactados ante presença tão surpreendente, inesperada... Senhor Paulo, saindo de seu olhar vago de morador de rua alienado, falou aquela frase de quem fora surpreendido no jogo de esconde-esconde:

- “*A senhora me achou!*”... E foi logo empurrando a moeda de volta para o vendedor do balcão. Este, por sua vez, atrapalhado, com o copo de pinga na mão, começou a afirmar, veemente, que ele não iria viajar não, que ele não ia, que outra pessoa já havia dado dinheiro pra ele ir embora e ele não foi, que ficava sempre por ali bebendo, que ele não tinha força de vontade, que eu estava perdendo meu tempo...

Senhor Paulo acompanhava a fala do balconista demonstrando extrema aflição no olhar. Sem ser agressivo, porém, com firmeza, repetia que ia viajar sim, que ele, balconista, estava enganado, que ele ia voltar pra terra dele... A confusão se generalizou...

Outros ‘clientes’ que ali estavam se acercaram de nós, alguns bêbados, outros lúcidos, esperando o que iria acontecer... Dirigindo-me, então, ao vendedor, quase que ordenei:

- *“Ele vai viajar, sim! Coloca aí pra ele café com leite, pão com manteiga, que eu pago. Ele precisa comer pra ficar mais forte, pra poder embarcar!”*

Imediatamente – surpreendeu-me a rapidez – apareceu um copo com café com leite e um pedaço de pão que o senhor Paulo segurou com suas mãos trêmulas, equilibrando-os junto com as sacolas de roupas que lhe dera no dia anterior. Convidou-me para que nos retirássemos, que iríamos conversar lá fora. Segui-o, em seus passos trôpegos, enquanto ia derramando o café pelas sacolas, dado o amontoado de coisas que levava nas mãos.

Parando frente a uma casa abandonada, logo ao lado do bar, depositou as sacolas no chão e começou a falar-me, ansioso, que iria, sim, embarcar, que eu não acreditasse no balconista, que ele queria voltar...

Disse-lhe que estava tudo certo, que eu acreditava nele, que me esperasse ali que eu iria arranjar um lugar pra ele poder tomar um banho e se preparar para a viagem. Ele disse que sim, que ficaria por ali, que eu fosse procurar o banho que ele iria tomá-lo...

## 6.6. *O Parque da Água Branca*

- *“Um banho, por favor...”*

Automaticamente, obedecendo ao impulso que irrompera natural, dirigi-me ao parque, confiante, quase com certeza de que, ali, conseguiria o banho para o senhor Paulo. Nos poucos metros que me separavam da entrada já ia repetindo, mentalmente, as explicações que daria ao Administrador... Acelerava o passo, na ânsia confiante de que tudo daria certo, que ali era o lugar ideal para atender ao morador desamparado do bairro das Perdizes. Sem perceber, fora tomada, talvez, pelo mesmo movimento ingênuo que um dia, provavelmente, mobilizara o senhor Paulo a pedir abrigo para dormir ali.

Quando entrei, mais do que nunca, senti o movimento de vida do parque: pessoas de todas as idades caminhando, fazendo ginástica, conversando... Tudo respirava a saúde e vida naquele espaço privilegiado, templo vivo consagrado ao bem estar do corpo e da alma... Quase não me continha no meu desejo de chegar até ao Administrador. *“Onde ele fica?”*, perguntei a um funcionário. *“Ali na ‘Arena’,”* respondeu-me ele.

À entrada da ‘Arena’, enormes alto-falantes amplificavam a voz de um professor de ginástica que comandava um grupo de pessoas – muitas da terceira idade - que faziam alongamento. Esgueirando-me por entre eles, adentrei ao prédio e cheguei à sala do administrador, que me mandou sentar, perguntando-me o que desejava.

Contei-lhe a história, em detalhes, finalizando com o pedido de *“um banho, para o Senhor Paulo, por favor... Só por hoje, para ele poder embarcar, ele vai embora logo à noite...”*

- *“Impossível, minha senhora...”*, falou o responsável, derramando-se em explicações longas sobre as impossibilidades e, talvez, ante minha expressão de rosto que fora se desmontando a cada palavra sua, terminou dizendo que os chuveiros elétricos estavam guardados, que só eram colocados quando havia algum evento como, por exemplo, com os cavalos e cavaleiros, para que estes tomassem banho...

[112] Emudeci, sentindo com lucidez, naquela hora, o quão distante estavam pessoas como o senhor Paulo daquele mundo da “Cidade organizada para os vencedores” tal eu mesma, ou aquele administrador. Por ironia do destino, ainda, conversávamos em um local denominado “Arena” e o velho morador de rua era o “perdedor”.

Ao sair dali, o Parque fervilhava... Com estranhamento profundo, olhava aquele movimento de pessoas em pleno exercício do seu direito de viver... Quantas vezes ali já estivera no mesmo movimento, natural para mim e certamente a todos que ali estavam, como cidadãos ‘incluídos’ nos programas de benefícios e bem estar... “Aos vencedores, os louros da vitória...”

Conforme caminhava pelas alamedas sombreadas divisava, aqui e ali, alguns poucos homens, de olhares entristecidos, semi-escondidos nos lugares menos freqüentados: moradores de rua (ainda não tão decaídos quanto o senhor Paulo), com suas sacolas indefectíveis – os “galos” – como costumam denominá-las.

Olhava a tudo como se tudo estivesse vendo pela primeira vez. Ao passar à frente da perfeita reconstituição do ‘sítio caipira’, com sua casinha de pau-a-pique, o fogão a lenha, o forno de barro, o chão de terra batida, o carro de boi e, ainda, das galinhas e patos que ciscavam aqui e ali, compreendi, com lucidez enorme, a atração que aquele lugar exercia em senhor Paulo. Lá estava um pedaço do mundo que ele perdera, que tantas vezes descrevera em voz alta, no seu discurso interminável... Faltavam, somente, alguns detalhes como o olhar hospitaleiro do caboclo recebendo o visitante, o *“colchão de palha que afunda quando a gente deita, o café quentinho no fogão de lenha, a minha mulher de cabelos brancos, ah! como é bonito o cabelo branco da minha mulher...”*

Inconscientemente eu, também, tentara me assenhorear daquele mundo familiar, esquecida da frieza da cidade grande, identificada com o senhor Paulo no seu movimento de voltar... Por momentos, tentara fazer do bairro das Perdizes e de seu parque, o retrato feliz da cidade utópica onde “todos os cidadãos são iguais perante a lei...”

Retirando-me do parque, tentei, pela última vez, arranjar o banho pelas imediações. Fui até ao posto de gasolina da esquina próxima, contei a mesma história – agora já sem ênfase – e pedi “*um banho, por favor...*”

A mesma negativa se fez ouvir do gerente cumpridor de ordens...

### 6.7. “*A Prefeitura...*”

Tendo esgotado o meu “movimento-delirante-de-bater-às-portas-da-comunidade” na procura de um banho impossível, resolvi dirigir-me ao serviço oficial de ajuda aos moradores de rua, ou seja, bater às portas da SAS – Secretaria de Assistência Social da Prefeitura. A Assistente Social colocou a hipótese do senhor Paulo tomar o banho num albergue mas, para isso, ele tinha que estar em situação de autonomia... Explicando-lhe, resumidamente, o caso, disse-lhe que achava que o morador de rua precisaria de um atendimento personalizado, dada o seu estado de fragilidade físico-emocional.

Recomendou-me o Projeto Raízes, que estaria mais perto de onde me encontrava e, ainda, disse-me que conseguiria um veículo no CAP- Equipe de Recolhimento, também da Prefeitura, para levá-lo até lá.

Após os contatos feitos e tudo arranjado, voltei ao senhor Paulo para dar-lhe a notícia, que conseguira um local para o banho. Fiquei preocupada: qual seria a sua reação ao dizer-lhe que “seria removido num carro da Prefeitura”? Sentir-se-ia agredido ou violentado em seu desejo de permanecer ali?, em seu ‘mundo pessoal’?

Senhor Paulo dormia com a cabeça na calçada, agarrado às sacolas com roupas, quando o acordei e dei-lhe a notícia de que arranjava um veículo que nos levaria a um lugar ali perto para que ele tomasse o seu banho. Pedi-lhe que me esperasse ali, que eu iria até em casa pegar a mala com as roupas limpas. Ele disse que me esperaria.

### 6.8. “*Sustos e surpresas...*”

A mala estava pesada... apesar da curta distância entre meu apartamento até ao local onde senhor Paulo me aguardava, distância que normalmente eu percorreria à pé, resolvi tomar um táxi. Havia também a urgência do horário, já que me disseram que o carro da Prefeitura passaria por ali “dentro de uns quarenta minutos” - e eu já havia gasto esses quarenta minutos em casa.

Quando o veículo foi encostando no local que eu lhe indicara - onde desceria - avistei, surpresa, o morador de rua no mesmo local onde dissera que me esperaria. Surpresa,

não porque ele estava lá – pois sempre tinha a sensação de que não o encontraria mais – e, sim, porque ele estava barbeado e com o cabelo cortado, muito bem cortado! Não me contendo, ainda dentro do carro olhando a cena inacreditável, comecei a exclamar em voz alta (para susto do motorista que não estava entendendo nada!):

[113] - *“Ele cortou o cabelo! Ele fez a barba! E sozinho! Meu Deus! E eu não tinha falado nada pra ele fazer isso, não foi sugestão minha! Onde será que ele conseguiu isso? Agora acho que realmente ele QUER viajar!...”*

Desci do carro, elogiando-o: *“que maravilha!...”*, *“o senhor cortou o cabelo, e a barba!...”*, *“onde o senhor conseguiu isso?”*.

- *“Eu fui lá naquele pessoal (apontou para um salão de cabeleireiros nas proximidades), pedi pra eles, que eu ia viajar, que eu tava muito feio, e o rapaz lá cortou...”*

Feliz da vida, empunhando a mala e seguida pelo senhor Paulo sobraçando suas sacolas, dirigi-me até ao bar, para falar com o balconista (que também era o dono).

- *“Agora eu acho que ele vai viajar!”*, recebeu-me, exclamando, o vendedor entusiasmado. Contei-lhe que havia conseguido um local para o banho e que a Prefeitura mandaria um carro para nos levar. Ele me perguntou se eu iria junto e disse que sim, que eu estava ‘nessa’ com o senhor Paulo e que achava importante que ele se sentisse apoiado em sua vontade; iria, inclusive, até à Rodoviária, à noite, para acompanhá-lo no embarque.

O ‘bar’ passara a ser, também, o meu ‘ponto de apoio físico e psicológico’. Começara a sentir-me bem por ali, da casa, familiar, ainda que a clientela, em outras situações, pudesse inspirar-me receios: alguns homens, já alcoolizados, ficavam por ali bebendo pinga; outros, fazendo refeições. Era o típico retrato do ‘boteco’, sem a presença feminina...

Como o nosso transporte estava demorando para chegar e um dos bêbados começara a me perturbar – era um rapaz jovem, olhar transtornado pela bebida, rosto inchado, que a toda hora acercava-se de mim pedindo dinheiro para comprar pinga – pedi ao senhor Paulo que me aguardasse ali, com as malas, ao lado do bar, que eu iria atravessar a rua e esperar do outro lado. Aproveitei para ir até ao salão de cabeleireiros saber quem havia cortado o cabelo e barba do morador de rua. Um jovem cabeleireiro apresentou-se, exclamando, admirado:

- *“Nossa! Ele não mentiu! A mulher existe mesmo! Ele entrou aqui e pediu desesperado que a gente cortasse a barba e o cabelo dele, que ele ia viajar, que uma mulher ia levar ele pra rodoviária, que tinha comprado a passagem dele! Eu resolvi cortar, mas sem acreditar muito na história! Depois que eu cortei, ele se olhou no espelho e falou: “Nossa, até que eu sou bonito!” Perguntei-lhe se ele havia tomado providências de higienização dos*

instrumentos que usara, já que o senhor Paulo estava com muquiranas. Ele disse que sim, que tivera esse cuidado, que já estava tudo devidamente esterilizado, com as toalhas ‘de molho’, etc...

Ficamos ali conversando, à frente do salão, quando o senhor Paulo atravessou a rua, sem as malas (ele as deixara do outro lado) e veio até onde eu estava. Pedi-lhe que voltasse lá, que não deixasse a bagagem sozinha, e ele, olhando para suas roupas, murmurou:

- *“Já sei, eu não posso ficar aqui porque eu estou sujo!”* E atravessou a rua voltando para as malas.

Registrei a sua fala mas, não lhe dei muita importância. Continuei a conversar com o cabeleireiro. Um carro de entregas parou à nossa frente e tirou a visão que eu tinha do morador de rua. Quando o veículo saiu, olhei para a calçada do outro lado e fiquei impactada: nem o senhor Paulo e nem as sacolas estavam lá. Meu olhar se congelou naquele vazio: faltava a figura principal naquela “gestalt”; só o fundo – o muro velho da casa abandonada, algum lixo – permanecia ali, imóvel, absurdo, sem sentido! Onde ele estava? Onde teria ido? Fugira? O que tinha acontecido? Rapidamente, voltou-me à lembrança a cena dele monologando que estava sujo, que era por isso que não podia ficar ao meu lado! A sensação de vazio que me invadiu foi enorme.

Atravessei a rua, até o bar, perguntando ao balconista por ele. Surpreso, ele disse não tê-lo visto. Saí correndo até à esquina, procurando. Nada! O barbeiro foi dar volta no quarteirão. Não o achou. Desolada, retomei a incerteza antiga de que ele quisesse viajar... Restar-me-ia ficar por ali, esperando o carro da Prefeitura (que, aliás, estava demorando para chegar) para me desculpar com eles... Chateada, comecei a conversar com o cabeleireiro, na calçada, quando vejo o Senhor Paulo vindo, lá no começo do quarteirão, sorrindo, carregando a bagagem, com cara de ‘feliz da vida’! Outra vez, não queria acreditar no que via! A ‘figura’ ressurgira, só que agora vestia a roupa limpa que estava na mala, e a vestira sobre o corpo que não via banho há sete meses, corpo absolutamente sujo, cheio de muquiranas. E ele me falou, triunfante, ao chegar:

- *“Pronto, eu já posso viajar! Não estou mais feio! Eu fui até ali me trocar!”*

Falar o que?, pensei... Ele estava tão satisfeito que resolvi não admoestá-lo pelo ato. Só lamentei que aquela roupa limpa, acabara de sujar-se!... o belo casaco forrado de pele de carneiro, provavelmente, já estaria com alguns parasitas indesejáveis e... paciência!...

Quando o carro chegou, com o senhor Paulo e eu devidamente instalados dentro, os ‘vizinhos’ do morador de rua – o homem do bar, alguns bêbados, os cabeleireiros - emocionados, vieram despedir-se: “votos de boa viagem”, “adeus”... só não ouvi o clássico

“volte sempre”... O viajante chorou... E eu disse: *“Isso, solte, deixe as lágrimas saírem, é bom chorar!...”*

### **6.9. O “Projeto Raízes”**

[114] Na viagem até o “Projeto Raízes”, o senhor Paulo ia murmurando, sem parar: *“Meu Deus, que trabalho eu estou dando, eu não mereço, ai meu Deus, que trabalho, eu não mereço...”* e eu lhe dizia: *“Merece sim, Senhor Paulo! O Senhor merece tudo de bom!”*...

A acolhida foi carinhosa. Já nos esperavam. Imediatamente, um dos moradores de rua assistido pela casa, familiar, solícito, levou o recém chegado para o banho. A diretora da casa, a psicóloga, a terapeuta musical, os funcionários, agradáveis, sorrindo, desdobraram-se em atenções, conversas... Mostraram-me o trabalho que desenvolviam... Percebi que, apesar de tudo ser muito simples, provavelmente até com dificuldades financeiras, a obra recendia a amor. Convidaram-me para almoçar – o que aceitei – almoçando com o Senhor Paulo, que já chegara do banho, e o corpo técnico - administrativo da casa, todos juntos, em uma mesa grande, na própria cozinha - refeitório.

A diretora nos levou de volta, em seu próprio carro, ao bairro das Perdizes. Deixou-nos no Parque da Água Branca, em torno das 16 horas, onde pedi ao senhor Paulo que me aguardasse que, às 18 horas – hora do fechamento do Parque – eu voltaria para buscá-lo, para irmos à Rodoviária. Seu ônibus partiria às 20h45.

Sentando-se em um banco, com a bagagem, disse que me esperaria ali, que eu fosse sossegada...

Dona Sílvia, a quem eu havia pedido que me comprasse a passagem, já que eu estava ocupada com o senhor Paulo, foi encontrar-se comigo, em meu apartamento: ela iria comigo, também, até à Rodoviária...

### **6.10. “Novos sustos e surpresas...”**

Anoitecia, quando adentrávamos pelos portões do Parque. Ansiosa, quase correndo – com Dona Sílvia acompanhando-me ofegante – fui ter ao local combinado, onde senhor Paulo me esperaria. No entanto, ele não estava lá...

Novamente, aquela sensação horrível da “gestalt” vazia, sem a figura que exaustivamente ocupara-me todos aqueles dias, desde o domingo passado... onde ele estaria?

A escuridão reinante, as pessoas que se retiravam apressadas antes que os portões se fechassem, aumentavam minha angústia e sensação de vazio...

Novamente, aquela descrença de que ele quisesse viajar me tomou... A todo momento eu acreditara desacreditando... Mesmo assim, auxiliada por Dona Sílvia, andava apressada pelas alamedas escuras, procurando-o, chamando-o: “*Senhor Paulo!*”... “*Senhor Paulo!*”... Fui até aos guardas, contei-lhes, pedi-lhes ajuda para procurá-lo, “talvez estivesse perdido, sei lá!...”

De repente, perto do banco que combináramos, caminhando no escuro, carregando uma mala, lá vinha ele, tranqüilo, o senhor Paulo! Novamente, a surpresa da chegada! Novamente, a confiança de que, afinal, ele queria viajar!

Tivera dor de barriga, o almoço pesara no estômago só afeito à pinga, fora no banheiro... Daí, o atraso!

Lentamente – pois ele não conseguia quase andar, dizendo-se cansado ‘das pernas’- fomos caminhando até ao Terminal Rodoviário da Barra Funda. Ele insistia em carregar a mala, o que desistiu de fazer, alguns metros depois: a canseira se agravou. Revezamo-nos na mala: eu e Dona Sílvia...

Lá chegando, sentamo-nos no espaço destinado à espera, com Dona Sílvia ao lado do senhor Paulo que falava sem parar... “*O meu sitiozinho, eu vou embora, as minhas duas vaquinha, os pé de café...*” e lá ia ele desfiando todo o passado que voltava forte, presentificado na fala ansiosa, contínua, incansável... Que fôssemos visitá-lo, que ele nos receberia, que dormiríamos em colchão de palha, em travesseiros de paina, que era gostoso, que tomaríamos café do fogão de lenha, que a gente podia ficar uma semana, podia ficar até um mês!...

Eu já não agüentava mais dar-lhe atenção: estava cansada, sentia a gripe me invadindo, doendo o corpo, a garganta... Dava graças a Deus por Dona Sílvia estar ali, animada em ouvi-lo, ‘dando-lhe corda’ naquela conversa interminável de caboclo voltando pra casa...

Por vezes, saindo do seu falatório rural, ele me olhava e anunciava, apreensivo:

- “*Quando ela chegar em casa hoje o seu marido vai brigar! Ela está o dia inteiro na rua, cuidando de mim!*”

[115] E lá voltava ele a falar, a fazer planos de futuro – ia tirar novamente os documentos – descrevendo a cidade que, um dia, deixara para trás...

Apesar de estar profundamente cansada, não quis ‘abortar’ um momento que sabia ser importante para o senhor Paulo: ele estava ‘se renascendo’, auto-organizando, tentando retomar a configuração antiga que, um dia, deixara para trás... Como num vídeo-

tape em ritmo acelerado, deixava emergir da memória profunda todos os quadros – cenas e afetos – que estiveram amortecidos por tanto tempo sob os escombros de sua identidade perdida.

Pouco olhava para nós... Cabeça ligeiramente pendida de lado, olhando um ponto qualquer, quase monologando com seu passado que ressurgia apressado, reacendia a esperança no futuro. Sentia-se à vontade ante os olhos atentos de Dona Sílvia que, sentada ao seu lado, provocava-lhe mais e mais as lembranças e planos.

- *“Maringá é a ‘cidade canção’...”*, anunciou ele, começando, em seguida, a cantar acompanhado animadamente por Dona Sílvia:

*“Maringá, Maringá...*

*Depois que tu partiste*

*Tudo aqui ficou tão triste*

*Qu'eu garrei a imaginá...*

*Maringá, Maringá...*

*Pra haver felicidade*

*É preciso que a saudade*

*Vá bater em outro lugar...*

*Maringá, Maringá...*

*Volte aqui pro meu sertão...*

*Prá de novo o coração...*

*Do caboclo sossegar...”*

Alguns minutos antes da chegada do ônibus, descemos à plataforma de embarque. Dei-lhe mais algum dinheiro para despesas urgentes quando lá chegasse e ele nos agradeceu. Dona Sílvia me pediu que eu levasse a máquina fotográfica para, pelo menos, fotografar a partida.

Quando o ônibus chegou, senhor Paulo embarcou, todo com sorrisos e promessas de que escreveria... O trajeto seria direto, São Paulo-Maringá. No dia seguinte, bem cedo, ele já estaria lá, perto de sua mulher, *“ah! como é bonito o cabelo branco de minha mulher...”*

### **6.11. “Nova surpresa... A volta...”**

Durante a semana seguinte, uma sensação de conforto tomou-me: os dias continuavam frios, porém, “o senhor Paulo está aquecido lá, junto à sua família...”, pensava eu, confortada. Voltara a caminhar no parque e, cada vez que passava pelo ‘habitat’ do velho

morador de rua, agora vazio, invadiam-me sensações de sentimentos apaziguados, pelo menos em relação a ele. Até fora ao bar para dar ao pessoal notícias do embarque. O balconista, o auxiliar do balconista, o jovem bêbado que vivia me pedindo dinheiro para beber – todos – vibraram de alegria ao saber da partida que parecia impossível... Parecia final de história “*e todos foram felizes para sempre...*”

No final da semana, no entanto, passando novamente pelo ‘habitat’ que supunha vazio, estaquei, estupefata: lá estava senhor Paulo, conversando com outros moradores de rua, ativo, fumando, com a mesma roupa que embarcara uma semana antes! A única diferença das cenas anteriores era sua aparência – mais cuidada – e seu dinamismo: pareceu-me mais animado. A surpresa-desencanto foi tal que não consegui parar para conversar com ele... fiquei aturdida, perguntando-me: “Por que? Por que ele voltou? E aí, para o *mesmo* lugar?” Fui direto até ao bar e, ao entrar, o próprio dono-balconista exclamou ao ver-me:

- “*A senhora viu só? Ele voltou! Ficou lá só uma semana!*”

- “*O senhor chegou a conversar com ele, perguntou-lhe por que ele voltou?*”, indaguei.

- “*Ele disse que voltou porque gosta de mim*”, respondeu o vendedor.

- “*O senhor sabe qual é uma das coisas que o senhor tem e da qual ele gosta muito?*”, voltei a perguntar-lhe.

Ele disse que era a *pinga*, que ele procurava compulsiva e diariamente ali, no seu balcão. Contou-me, também, que ele lhe dissera ter tirado a sua certidão de nascimento lá em sua terra – pois perdera seus documentos anteriormente, aqui, em São Paulo. Achou até que ele voltara um pouco diferente, dizendo que queria voltar a trabalhar.

Durante a semana seguinte não tive vontade de procurar o morador de rua para conversar. Dei a notícia para Dona Sílvia e ela ficou também impactada, demorando a entender que era do Senhor Paulo que eu estava noticiando a volta: para ela, ele não fazia mais parte do universo desta cidade; já era cidadão de Maringá e pronto!

## 6.12. “*O reencontro...*”

[116] Domingo, dia 18 de junho 2000. Fui caminhar no parque... Quando chegava, distraída, próximo do edifício destinado à exposição dos animais, avistei uma figura encolhida, aquecendo-se ao sol que começava a nascer. Estava sentado em uma mureta, cabeça baixa, com a mesma calça, camisa e sapatos que viajara semanas antes. Cumprimentei-o de longe e ele me respondeu ao cumprimento. Sóbrio, sorriu-me, quando sentei-me ao seu lado:

- *“Senhor Paulo, o senhor voltou... O que aconteceu?”*

- *“Não deu pra ficar lá, minha senhora... Não tinha trabalho pra mim e sem trabalhar, não deu pra ficar lá. Só comendo e dormindo, sem arranjar dinheiro pra família, não deu... Eu vim embora... Aqui tá melhor que lá, lá não dá pra viver...”*

- *“E a sua mulher? Morreu?”*

- *“Não, ela está bem, está com a família dela... Só não tinha um lugar para mim... Mas eu vou trabalhar aqui, eu até tirei documento, eu vou arranjar um serviço, eu quero sair dessa vida...”,* e lá foi ele desfiando uma conversa enorme a respeito de esperança de trabalho e de uma vida melhor...

Enquanto ele falava, eu olhava a sua roupa suja, que não trocara desde o dia da viagem, a sujeira que se acumulava novamente no corpo sem banho... Desta vez, no entanto, não era a fala do caboclo que queria voltar... Retornara o morador de rua, igual a tantos outros que, provavelmente, deixar-se-ia – ou seria deixado – morrer nas ruas de São Paulo.

Após esse dia, Senhor Paulo desapareceu. Não o vi mais ou sequer tive notícias suas.

## **7. A ‘GUARDIÃ’ DAS IDENTIDADES**

### **- Dona Lucinha, a ‘professora-mãe’**

Conheci Dona Lucinha no início da década de 90, quando comecei a pesquisa com moradores de rua, através de um estudo longitudinal (ALVAREZ, 1999). Professora primária aposentada, ao ‘falar-me de sua vida’, informou-me que trabalhava com *peessoas de rua* há mais de 15 anos.:

- *“Uma vez, logo que eu me aposentei, me convidaram para fazer plantão na Organização... que foi quem primeiro trabalhou com pessoas de rua, há muitos anos atrás. Eu mesmo já estou com eles há quinze anos. Então eu fui fazer plantão com eles lá, com o pessoal da rua e eu gostei muito, porque eu não sabia o que era. Eles só falaram: você vai fazer um plantão, tá aqui um caderno, você anota. Ai eu comecei a ver que só vinha bêbado. Só vinha gente bêbada. Eu falei: “Que gozado! Só vem gente bêbada!” Eu não conhecia o pessoal da rua, nunca tinha tido contato. Ai eu fui vendo que era só bêbado mesmo. Ai eu pensei, por mim sozinha, “quer dizer que gente da rua bebe”! Cheguei a uma brilhante conclusão! E eu fiz o plantão por uma porção de anos.”*

Relatou ter presenciado o aumento do número de ex-presidiários morando na rua:

- *'Tem muito ex-presos na rua! Eu não sei se você já teve oportunidade de ver isso. Porque eles contam! Tem muito!'*

Contou-me como foi o começo do seu trabalho com os moradores da maloca próxima do Viaduto..., no centro da cidade de São Paulo, o mesmo local onde a conheci, em 1993:

- *"Juntavam aqui nessa vendinha que tinha aqui abaixo do Posto (próximo de onde ela morava). Eles dormiam ali; tinha uns vinte, mais ou menos. Ai eu passei lá, e vi aquela gentarada toda, e tinha um que era do meu plantão lá da Vicente de Pádua, e ele me apresentou, por conta dele: "Esta aqui é a Dona Lucinha!" E quando eu sai, e ele deve ter falado alguma coisa, porque no dia seguinte vários me deram documentos pra guardar<sup>80</sup> (foto 63) e já começaram a conversar, pedir um particular, contar as coisas... Ai eu comecei a trabalhar com eles direto. Eles saíam da "Operação Inverno"<sup>81</sup> e vinham ficar ali. Alguns eram da Operação Inverno, outros não: já dormiam direto na rua. E ficavam ali. Então comecei a trabalhar com eles. E desse grupo grande – porque eles são mesmo flutuantes, né, um pouco fica, um pouco vai embora – os que ficaram mesmo, mesmo, desse grupo, tem poucos. Dois que estão se recuperando<sup>82</sup>. Morreram muitos! Se você soubesse o que morreu!*

*Morreram muitos, voltar para as suas cidades foram muito pouquinhos, mas, eles mudam de maloca. Um pouco aqui, um pouco lá, volta, depois vai, entende? E alguns estão se recuperando, graças a Deus! Um deles é o Ronaldo, que vocês conhecem. O Ronaldo tá com trabalho.*

*Agora, eu não consigo arrumar trabalho pra esse outro menino. Ele está fora do albergue já faz uns seis meses, o Mineirinho, um magrinho que ficou tuberculoso, ficou aqui no albergue... Mas não consegue arranjar emprego. É duro se levantar, viu? Não tem quem ajude!... Lá no albergue dão a dormida: e onde é que ele come, eu pergunto? Onde é que ele come? Ele está sem emprego. Ele não tem onde comer. E é como ele diz: "Se não estou bebendo..." Ele não bebe já vai fazer dois anos. E ele disse: "De cara limpa eu não sei pedir!" Essa que é a questão! Porque quando tá bêbado, pede! Quando tá assim arrumadinho, todo limpinho, ganhou um monte de roupa, tá todo direitinho, ele não pede! E como é que faz? Come onde? Morre de fome! Ele foi tuberculoso, por isso que parou de beber, e outro também, o Ronaldo, por causa da tuberculose – Deus agiu assim. E agora está nessa coisa, não arranja emprego!"*

<sup>80</sup> Um dos grandes problemas dos moradores de rua é ficarem sem seus documentos – ao se embebedarem ou dormirem – quando então os perdem ou são roubados.

<sup>81</sup> "Operação Inverno": Operação desenvolvida pela Prefeitura de São Paulo nas noites frias de inverno, em que moradores de rua são recolhidos nos albergues da cidade.

<sup>82</sup> "Recuperando": Processo de saída do modo de morar nas ruas.

**63 – A ‘guardiã das identidades’**



***A professora Lucinha exhibe uma carteira de identidade que lhe foi entregue por um morador de rua, para que ela a 'guardasse' em sua casa.***

A dedicação da professora-mãe, que dava aulas aos moradores de rua na Casa..., junto com Dona Sílvia (foto 64) alcançava também o processo do morrer dos moradores da maloca, desdobrando-se em providências para que tivessem um enterro digno, *do jeito que eles gostam*, como dizia ela:

- *“O Bahia Preto morreu. Pelo menos o Resgate levou e ele não voltou e eles (os companheiros de maloca) acham que morreu, porque não foi ninguém junto no Resgate. Eles chamaram o Resgate de noite e eu não estava lá. Porque eu nunca deixo ir sozinho, aí sabe lá onde é que leva? A gente fica sem saber! E o outro, o Zé Mário, morreu aqui também. Esse morreu mesmo! Porque eu fui visitar com eles, e eu dei pra Assistente Social o meu telefone, ele tava mal, tava em choque e em coma!*

*Os colegas não gostam de ver morrer assim, porque olha, teve dois que morreram aqui mesmo, na maloca do Viaduto...: o velho J., que morreu praticamente na esquina. Eles vieram me chamar e eu fui correndo lá. Ele estava vivo ainda, estava vivo e conversando. E eu falei pra ele: “J., eu vou chamar um carro pra você ir pro hospital.” E ele falou: “Ah, eu não quero, eu já vou melhorar, só estou com mal estar.” Não quis. Mas aí ele piorou, foi pro hospital...”*

Explicou-me os detalhes dos sepultamentos dos moradores de rua, que eram organizados por um padre conhecido do grupo ou pelos “metodistas”:

- *“Aí quando morre e é conhecido, eu chamo o padre A., fazemos o enterro, como fez pra Sandra<sup>83</sup>, fez pro R. e fez pro velho J. Agora, quando não é conhecido do padre A., eu não posso incomodar o padre A., ele não vai atender a todo mundo da rua, porque o padre A. é o que estava aqui no albergue antes de entregar pra esses metodistas que estão aí agora.*

*Ele organiza um enterro maravilhoso! Ele traz a perua, ele vem junto geralmente, ele põe todos na perua, vamos juntos lá pro enterro, todos os colegas da rua, ali da esquina, vai até a Vila Formosa (cemitério), reza, canta, faz de tudo, é lindíssimo o enterro. O da Sandra foi em conjunto com o Pedroso: os pastores foram também, e o padre A. não pode e mandou um dos meninos lá, dirigindo a perua pra nós, juntou tudo lá, foi ecumênico, os pastores e a gente, e tal. É muito bonito o enterro! Eles adoram que seja assim. Agora, quando não tem nada disso, o que é que eu posso fazer? Os pastores aí, quando não é deles eles não enterram assim.”*

- *Como assim, “quando não é deles”?, perguntei-lhe.*

- *“Eu vou dizer: tinha a M., que freqüentava o grupo (moradora de rua que freqüentava a maloca), uma moça de olhos azuis, muito bonita, ela morreu de facada aqui*

<sup>83</sup> “Sandra”, “R.” e “J.”: moradores de rua.

64 – A ‘professora-mãe’ na sala de aula



- Na foto acima dona Lucinha está em pé, à direita de dona Sílvia. Sentados em torno da mesa, os moradores de rua, seus alunos.
- Na foto abaixo, dona Lucinha está em pé, na sala de aula com os moradores de rua. Marcos, o morador de rua, está sentado ao fundo, à cabeceira da mesa.

*em cima, perto da TELESP, estava nua, de facada! Nós ficamos desesperados! Eu fui lá nos pastores, falei que ela tinha sido morta assim, providenciar o enterro não providenciaram nada! Agora, eu não tenho condições de providenciar o enterro sozinha. Como é que eu vou organizar carro para ir pra Vila Formosa, de que jeito? De onde é que sai esse dinheiro? Eu não tenho! Se eu tivesse eu faria!”*

Descreveu, em seguida, como ficavam os companheiros do morador de rua morto:

*-“Eles ficam muito aborrecidos, ficam chocados... não sei se é pelo colega, se é por eles mesmos, eu não sei... o interior deles eu não posso ver, eu vejo as reações: ficam chocados, querem que seja providenciado tudo direitinho pra eles, eles querem! Não querem que seja enterrado tudo de qualquer jeito! Eles querem que seja, certinho! Gostam de ir... eles vão até contentes no enterro... Não parece que estão indo para o enterro, porque vão contentes, vão na perua, vão... assim... alegres... entende? Quando chegam lá gostam de ver que pusemos flores, pusemos vela, pusemos tudo que quiseram, pros colegas... Contentes que eu digo é porque vão passear, de uma certa maneira é um passeio porque o cemitério da Vila Formosa é longe. Ô se é longe!...”*

*Eles fazem questão de ir no enterro, não gostam de ver enterrado de qualquer jeito... Quando não podem ir no enterro eles não gostam.*

*Na morte do J., vieram me chamar aqui, sabe o que eles queriam? Um deles me falou assim: “Ele está no IML...” Bom, e aí eles queriam assim: “Ah, eu tenho aí uma roupa – paletó e calça – direitinho, e queríamos que ele fosse enterrado com essas roupas.” E eu então falei pra ele: “A gente vai chegar lá e vai acontecer isso. Talvez a gente não consiga nem poder ver!” Porque eles queriam ver!... E falei: “Vamos supor que a gente dê a roupa e eles nem ponham! Você acha que eles têm essa delicadeza?”*

*Eu vi o jeito que aqui no Hospital... eles falavam, onde eles morreram. Eu fui levar a certidão do J., que tinha morrido, que estava comigo, porque eu pensei: “Vou levar, direitinho, para não enterrar como indigente, porque ele tem a certidão de nascimento!” Eu fui levar e o segurança falou: “Pra quê? Já deu o nome aí e não precisa não! Vai enterrar e pronto! Aqui não se guarda documento!” Depois eu quis dar para o Serviço Social e eles falaram que não havia necessidade. Quer dizer que a gente vê essa má vontade e você acha que eu ia me abalar para levar... Eu falei pra eles: “Olha aqui, nós vamos rezar por ele, eu vou mandar rezar uma missa já que eu sou católica...” E por ele mesmo a gente não pode fazer nada, porque se eu tivesse dinheiro eu arrumava uma perua, punha eles na perua e levava pro enterro direitinho e pagava o enterro! Daí saía uma coisa decente! Mas de outro jeito não dá! E ficou assim. Quer dizer que a reação deles é de querer que tudo saia bem.*

*Um enterro decente, com uma roupinha, tudo direitinho, com tudo que se faz num enterro. Essa é a reação deles. E eles ficam tristes pelo colega.”*

Continuando a falar da “tristeza” que sentem pelo companheiro que se foi, lembrou o episódio do velho morador de rua J., que plantou um *pé de pimenta* na maloca onde vivia:

- *“Eu vejo, quando eles falam: “Ah! O velho J. plantou o pé de pimenta ali... Ah, a pimenta do velho J. !” Tem um pé de pimenta ali na pracinha (na maloca do Viaduto...) e agora vieram carpir a pracinha e eles não deixaram...: “Por favor, não tira o nosso pé de pimenta!” Tá lá o pé de pimenta e o pé de boldo que o velho J. plantou... Estão lá, é só querer ir ver. O pé de pimenta (foto 65) está grande!... Quer dizer que eles tem saudade, é que a vida deles é essa violência toda, a gente sabe, uma violência desgraçada, que é o pior que tem na rua! Não é tanto eles não terem o que comer na hora certa, o banho, a higiene, que são necessidades básicas que eles não tem: o pior é a violência. A violência dos colegas: vem um, faz uma encrenca, ameaça bater, ameaça matar... é assim a vida deles... eles me contam... eu fico doente! E o que eu posso fazer, me diz? Eu não posso fazer nada! É rezar por eles e só.”*

[117] Os relatos dos cuidados que desenvolvia pelos moradores de rua – nítido processo de ‘encontro’ que promovia a transformação – contrariavam a sua fala de que *nada podia fazer por eles, de que só podia rezar:*

- *“Mas eu vou sempre com eles. O R.. uma vez foi internado que ele tinha convulsão, um monte de convulsão! E quando foram visitá-lo não acharam. Ah, pra quê!... Eu fui com mais cinco, seis (moradores de rua, colegas de R.) pra lá, procurá-lo. E aí, sabe o quê que era? Como é indigente, assim, eles não dão bola!(falou com ênfase) Eles tratam com o maior descaso! Como se fosse um cachorro!*

*Ele estava vivo! E aí, com muito custo, de tanto... Eu com mais cinco deles (moradores de rua), cinco seguranças, impressionava, né? Aí eu fui descobrir ele estava num hospital de Santana! Tanto que nós fomos visitá-lo! Eu fui com um outro, aí, o Mineirinho, que não está mais aí, está trabalhando de carpinteiro. E nós fomos visitá-lo. Mas eles não dão baixa direito, não se preocupam, entende? Sumiu, sumiu! Mas nós fomos procurar e eles tiveram que dar conta! Não pode sumir! Ele entrou aqui e tem que saber pra onde foi! Com muito custo achamos! Depois disso ele voltou pra maloca, ficou um tempão aqui e foi morrer bem depois... morreu ali na esquina... morreu de repente, deitou e não levantou. Deve ter sido parada cardíaca, né? Na autópsia, eu li a autópsia, eu li o laudo, estava lá não sei o que no fígado, deve ter sido cirrose... não estava a palavra*

*65 – A ‘professora-mãe’ na maloca*



- Na foto acima, a professora dona Lucinha está em pé, mostrando um ‘pé de pimenta’ plantado na maloca por um morador de rua, já falecido.
- Na foto abaixo, na maloca, da esquerda para a direita: a moradora de rua Maria, o morador de rua Cara Queimada, dona Lucinha e o morador de rua Soviético.

*cirrose: era alguma coisa sobre “hepático”, aqueles termos médicos que a gente não entende.”*

Sabendo das visitas constantes que ela fazia à maloca, pronta a ajudá-los no necessário, ante meu pedido ela começou a falar a respeito dessas suas idas e do cotidiano dos moradores de rua em seu ‘habitat’:

*- “Eles, de manhã, quando eu chego lá, por exemplo, tem um levantando...”*

*Ah, eu saio da missa e vou pra lá, geralmente oito e meia ou nove horas. Geralmente estão dormindo, né? Um ou outro levantando. No geral, tem uns que gostam de higiene: pegam uma garrafa d’água, lavam o rosto, tem uns que escovam os dentes, né? É assim... Agora outros, não! Já levantam com a cara e a coragem. Já procuram a pinga, geralmente a pinga já tá ali, ou se não tem já vai providenciar, porque isso é a toda hora. Que mais? Conversam direitinho, contam alguma coisa que passou – eu pergunto – se houve algum problema à noite, eles falam. É assim. Um ou outro tem higiene, outros, não.*

*Quando eles não bebem, eles conversam normalmente, gostam de contar coisa, contam coisas da terra deles, do tempo que eram crianças, enfim: quando não estão bebendo. Agora, quando estão bebendo, ou usam droga, um discute com o outro, é aquela agressividade! É diferente! É difícil pegar todo mundo sem bebida, é difícil!*

*Quando bebem, eles ficam “acharcando” (pedindo esmolas). Agora esses aí nem acharcando estão. Não sei como é que estão fazendo. Muita gente dá coisas pra eles: vem o pastor protestante...”*

[118] Neste momento interrompemos a entrevista porque chegou um morador de rua – o Mineirinho – procurando por Dona Lucinha: o porteiro do edifício onde ela morava avisou-a que ele a estava aguardando lá embaixo, na entrada do prédio. Ela desceu para atendê-lo. Quando retornou, informou-me:

*- “O Mineirinho estava falando de uma empresa, que estava no jornal que eu comprei e dei pra ele pra escolher, ver alguma coisa de trabalho... Ele vai todo dia ver uma coisa aqui, uma coisa lá e não consegue! Sabe, pedem experiência, pedem carteira com registro, pra ser faxineiro ou gari eles querem que tenha até a oitava série! E eles não têm!”*

*- “E pedem o endereço?”, perguntei.*

[119] - “Pedem!”, respondeu ela, continuando: *“E o endereço eu dou daqui (da residência dela). Dou! Tranqüilamente! Telefone e endereço. Faz de conta que ele mora aqui.”*

[120] Eu já tivera a oportunidade de presenciar, em outra visita que fizera à residência de Dona Lucinha, um encontro dela com um pequeno grupo de moradores de rua,

egressos da prisão. Estávamos conversando em sua sala quando o porteiro avisou-a que alguns moradores de rua a aguardavam lá em baixo, queriam conversar com ela. Imediatamente, encerrando nossa conversa, ela pediu que a acompanhássemos.

Cumprimentando-os, acolhedora, perguntou-lhes o que queriam. Um deles – um negro alto, aparentando nervosismo – começou a contar-lhe que uma senhora, conhecida de ambos e que havia dado um *serviço de pintura* para ele fazer, não pagara o preço combinado. Aliás, não pagara nada ao morador de rua egresso da prisão.

Dona Lucinha procurava acalmá-lo, tentando dissuadi-lo da idéia de vingança contra a mulher. A tentativa foi coroada de êxito após algum tempo de conversa apaziguadora que apelava para o ‘bom senso’ do ofendido.

Atualmente Dona Lucinha prossegue com suas aulas aos moradores de rua, junto com Dona Sílvia, na Casa.... Prossegue, ainda, em suas visitas às malocas, auxiliando seus habitantes no que é necessário e no que está ao seu alcance em fazer...

***CAPÍTULO IV***  
***O REVELAR DO FENÔMENO***

#### IV. O REVELAR DO FENÔMENO

*“O que é que faz as abelhas saírem da sua colméia,  
seguindo pegadas invisíveis?  
O que é que gritam com suas asas impacientes?  
Como podem elas ouvir a música adormecida na alma da flor?  
Como podem encontrar o caminho para o favo onde o mel repousa,  
tímido e silencioso?” (Tagore, 1991)*

Este trabalho aborda o processo que possibilita o despertar da sabedoria humana, fala de sofrimentos, de quedas e, também, dos períodos e momentos de encontros de seres que se “escutaram” e se “acompanharam” em suas buscas. Fala de transformações.

As palavras de Tagore (1991)<sup>84</sup>, que escolhemos para introduzir este segmento, completam as afirmações de Gilberto Safra de que o sofrimento do homem dá-se por inúmeras razões, mas principalmente “por não poder trazer à vida as potencialidades que se escondem no âmago de seu psiquismo”. “.... o paciente (e aqui ampliaríamos para o *ser humano*) parece saber o que necessita para retomar o processo de desenvolvimento que o levará à sua realização (ao acontecer de seu “*self*” mundo). Por maior que sejam os conflitos ou angústias que permeiam o mundo psíquico de alguém, há sempre algo de sabedoria no fundo do ser que sofre, esperando encontrar um outro que possa escutá-lo e acompanhá-lo em sua busca” (SAFRA, 1995:204).

À medida em que empreendíamos a leitura das trajetórias de vida dos seres humanos estudados neste trabalho, analisávamos as fotos de cenas do seu cotidiano, recolhíamos o significado de suas produções – entre desenhos e artesanatos – pudemos acompanhar as manifestações das características do processo que temos denominado de “encontro transformador”.

Dada a natureza de “Complexidade” do referido fenômeno, estaremos apresentando e discutindo neste capítulo, inicialmente, o acontecer de algumas das características do *Amor Ágape* e, em seguida, outros segmentos do processo de “encontro”, com citação de cenas ou falas – devidamente analisadas e identificadas através da numeração colocada entre “colchetes” [...] – numeração que consta do capítulo III: “O cotidiano do morar na rua – trajetórias de vidas”, desta tese. As numerações entre “colchetes” estarão, portanto, repetindo-se em ambos os capítulos – III e IV – remetendo-se reciprocamente no processo de análise<sup>85</sup>. Estaremos, também, nos remetendo ao Capítulo II: “Referenciais

<sup>84</sup> Tagore RG. Presente de amante e travessia. São Paulo: Edições Paulinas; 1991. Citado em: Safra G. **A face estética do Self: teoria e clínica**. São Paulo: Unimarco Editora; 1999.

<sup>85</sup> Em alguns momentos, neste capítulo, repetem-se afirmações anteriores no sentido de clareza. Em movimento espiralado da escrita – retomando o fenômeno, reflexões teóricas e de análise de outros capítulos e conjugando-os com novos segmentos – avançamos na tecitura do “Complexus do Encontro Transformador”.

Teóricos para Análise do ‘Encontro Transformador’” desta Tese, cujas referências, para simplificação e agilização do processo de escrita, serão apresentadas da maneira seguinte (exemplificando): (4.2; Cap.II). Os números que vêm em primeiro lugar no exemplo (4.2) estarão se referindo às “seções” do citado Cap. II.

## **1. O AMOR ÁGAPE**

### **- Características**

Falar de “encontro transformador” é falar de Ágape e, falar de Ágape, é apresentar Sílvia, Lucinha, os moradores de rua, a própria pesquisadora e outras pessoas que deles se aproximassem em processo de interação.

#### **1.1. Amor ao próximo**

O Ágape, inicialmente definido como o “amor às outras pessoas humanas, amor ao próximo” e sendo o “próximo” – nesse tipo de amor – “as pessoas que ele encontra em seu caminho e com as quais *cruza o olhar*”( 4.2., Cap. II), nos induz a reflexões mais alongadas a respeito do “próximo – morador de rua” sujeito de observação neste trabalho.

Se amar é “amar justamente o homem que se vê” e não uma “idéia imaginária de homem”, se amar é amá-lo “quer se descubra nele perfeições ou imperfeições” (4.2, Cap.II), surgiu-nos uma indagação a respeito do movimento de Sílvia e Lucinha, ou da pesquisadora, quanto à *escolha* do morador de rua com o qual era iniciado o processo de “encontro”. Por que *aquela* e não outros, se eram e são tantos?

A reflexão – a respeito da resposta a essa indagação – apoia-se sobre a questão do “olhar”, sobre o “cruzar de olhares”: em dado momento, na disponibilidade que as caracterizam para “pôr-se em presença do outro”(4.7.6.1, Cap. II), Sílvia ou Lucinha “cruzam o olhar” com determinado morador de rua – em movimento de chamado recíproco – abrindo-se ambos para o “colocar-se em presença”. É o apelo inicial para um “processo de encontro”, que poderá ou não desdobrar-se, acontecer.

Retomemos Sílvia e Soviético (Cap. III, [22<sup>a</sup>]), quando este começara a freqüentar as aulas de alfabetização para moradores de rua. Lá estava ele, recém chegado – um entre tantos alunos de Sílvia – debruçado sobre as lições que ela lhe “passava”, persistindo no processo de aprendizagem, porém, sem conseguir avançar. Até que um dia ele desenha um “coração flechado” no caderno, que ela o manda apagar. “*O caderno é só para fazer lições*”, diz-lhe a professora, mais preocupada naquele momento com o estereótipo das

aulas do que com *ele*, com o que lhe ia na alma. Olhava-o mas não o via. Seu “olhar” estava esvaziado do outro que estava ali aberto à comunicação: ela enxergava somente a lição, o caderno, a mecânica do processo de alfabetização. Apesar de toda sua disposição de colocar-se *em presença* do próximo, naquele momento colocara-se *em presença* de si mesma, de sua “vontade de professora que quer um caderno com lições ‘bem feitas’ sem rabiscos, desenhos ou borrões”.

Após conversarmos a respeito e eu lhe apontar a possibilidade do morador de rua estar querendo comunicar-se através de seu desenho, Sílvia, aturdida com o que fizera, “cai em si”. Desolada, lamenta sua atitude, porém, não se detém em processos de culpa.

## 1.2. *Amar ao próximo como a si mesmo: o auto perdão*

Se amar é “amar ao próximo como a *si mesmo*” e se amar é “perdoar” – no sentido de “deixar pra lá” – não se detendo nas ofensas recebidas, isto inclui também o “*auto perdão*”. Sílvia perdoa-se e segue em sua trajetória de amor, na “busca ativa do próximo Soviético”. Quando *cruzou o olhar consigo mesma*, pôde ver-se, “cair em si” e, perdoadando-se, seguir adiante em seu “amor em movimento”.

Deter o fluxo desse amor em si mesma seria deter a própria vida, o *acontecer de seu self no mundo*. A partir do instante em que ela, Sílvia, “cria” (1.9., Cap.II) o amor em si – conhecendo-o de maneira significativa – deixar de vivê-lo a cada chamado equivaleria a deixar de *ser humana*, de *existir*.

Tomada do movimento de *busca ativa* vai até ele – o morador de rua – coloca-se *em presença*, retrata-se, pede-lhe que desenhe, que se expresse da maneira que quiser. Sentindo-se acolhido, “cruzam-se os olhares” de dois seres que começam a “ver-se”, que começam ali um processo de encontro, de interação.

“... *Trata-se de compreender com a outra pessoa.... É necessário deixar tudo de lado, menos nosso senso de humanidade, e somente com ele tentar compreender com a outra pessoa como ela pensa, sente e vê o mundo ao seu redor. Significa nos livrarmos de nossa estrutura interna de referência, e adotar a do outro. A questão não é discordar ou concordar com ele, mas compreender o que é ser com ele....(grifos nossos)*”(BENJAMIN, 1988:67).

### 1.3. *Amor em movimento: busca ativa do amado, capacidade de colocar-se em presença*

Os sujeitos Sílvia e Lucinha demonstraram a capacidade de “sair” do próprio “lugar” – de sua *estrutura interna de referência*, do seu círculo estreito de relacionamentos – empreender um movimento em *busca ativa* do próximo.

Essa *busca ativa* transcende, em seu significado, o simples deslocar de corpos que se põem diante do outro. Afasta-se da *obrigação* de estar ali em nome de uma *tarefa* a ser cumprida. É movimento em busca do outro a quem quer entregar a alegria que lhe vai na alma de estar ali, com ele, como quando Sílvia atravessa resoluta a pequena praça, procura entre os adormecidos sobre o chão de terra aquele com quem iniciara um processo de comunicação ativa de encontro – Soviético – e lhe diz, após acordá-lo com o toque de suas mãos sobre o seu rosto:

*“Não esperava que eu viesse despertar você, não é?”* (Soviético, [1])

Essa *presença ativa*, empática, congruente, não escapa à percepção daquele que é seu alvo, revelando-se em sua fala:

*“A mão representa uma pessoa de bom coração e um caráter sensacional. Uma pessoa coisa rara de conhecer nesse mundo. Pode estar chovendo, frio ou sol, essa pessoa não ganha nada e vem ajudar a gente, tem muita vontade de ajudar e compreender o ser humano do jeito que ele é. Não julga e não se deixa levar pela emoção, apenas compreende. Que Deus dê muita saúde e felicidade para a senhora! Outra coisa, de vez em quando devemos ter esse debate. Assim a gente desabafa mais. Cada um fala um pouco para desabafar. A união faz a força. Assim a gente vai se soltando cada vez mais (grifos nossos).”*  
(Soviético, [30])

Ao dizer: “*essa pessoa não ganha nada e vem ajudar a gente*”, Soviético verbaliza uma das características do *Ágape* – “a doação que ignora a contra doação” – presente em Sílvia. Esta, aceitando-o tal qual ele se apresenta, abrindo-lhe um lugar em si mesma, o faz sentir-se banhado nessa aceitação incondicional, incomensurável. Livre, sem cobranças, o morador de rua confia naquela que ali está, abre-se ao encontro no “espaço da confiança, espaço potencial” que se constrói entre ambos. Ela ama o “homem que ela vê”, o “homem particular e real”, e não a idéia imaginária sobre a maneira como ela gostaria que ele fosse. No entanto – ó liberdade! – sob o influxo dessa aceitação sem cobranças, ele se abre para o movimento que o levará ao inventário de seus próprios atos.

E a *união faz a força*... Em presença da professora/mãe, Soviético bebe a força que necessita para soltar-se, flexibilizar as amarras de sua psique atormentada, permitir que o caos (5.1.6.; ou 5.1.7. e seguintes, Cap. II) se instale em seu mundo interior forjado no crime, no desespero. Desse caos – que é desintegração organizadora – lentamente vai se anunciando uma nova gestalt, vão sendo emitidos sinais de nova configuração, nova ordem, organização, transformação. Na presença de Sílvia, Soviético pode criar o amor:

*“Bem pouco ser humano que tem seus problemas, sua casa e saindo de sua cama quentinha, com chuva ou com sol, para dar aula para o povo de rua!”* (Soviético, [35])

A capacidade de colocar-se em presença envolve o *“ir até lá, onde está o outro, encontrá-lo e trazê-lo de volta”* (BENJAMIN, 1988:71). Envolve a empatia, o *“sentir-se por dentro”*, participar do mundo interior da outra pessoa, *“embora permanecendo você mesmo”* (BENJAMIN, 1988; ROGERS, 1991).

As professoras – empáticas – nessa busca ativa participavam amplamente do mundo interior do outro assim como buscavam atender-lhe às necessidades gerais mais urgentes, inclusive as materiais. É quando Sílvia, atendendo à solicitação de Paraíba, compra peças de roupa – *feliz como se fosse para ela mesma* – para Priscila levar ao hospital onde seria internada. A professora antecipa a si mesma, no próprio gesto, a satisfação que quer causar:

*“Comprei algumas peças de roupas lindinhas, umas gracinhas: duas calcinhas de renda, uma branca e outra preta, uma camisolinha de seda e um robezinho de cetim cor verde-água que era uma belezinha... Coloquei numa caixa bonita, com um laço de fita... Comprei como se fosse para mim!...”* (Sílvia [66])

*“Quando ela abriu a caixa olhou as calcinhas, a camisolinha – eu tinha posto tudo numa caixa de presente, tudo direitinho – e ela AMOU (falou com ênfase) o robe! Viu, experimentou, e eu falei: “Paraíba, é só para olhar! Porque ela vai para Campos e é só para olhar, para ver como ela fica bonitinha com essa roupa!” E realmente ela estava bonitinha.”* (Sílvia [66])

É quando a professora Lucinha une-se aos esforços do morador de rua que procura emprego, suprindo inclusive a falta que ele tem de um “endereço residencial”, necessário ao preenchimento dos formulários das empresas:

*“O Mineirinho estava falando de uma empresa, que estava no jornal que eu comprei e dei pra ele pra escolher, ver alguma coisa de trabalho... Ele*

*vai todo dia ver uma coisa aqui, uma coisa lá e não consegue! Sabe, pedem experiência, pedem carteira com registro, pra ser faxineiro ou gari eles querem que tenha até a oitava série! E eles não têm!” (Lucinha [118])*

*“E o endereço eu dou daqui (da residência dela). Dou! Tranqüilamente! Telefone e endereço. Faz de conta que ele mora aqui.” (Lucinha, [118])*

Ou quando Sílvia, devotada, traduzindo o “amor em movimento” na *busca e adaptação ativa à necessidade do próximo* – característica também do processo de “maternagem” – esforça-se por localizar e conseguir a certidão de nascimento de Marcos, o morador de rua:

*“O pedido já está feito, viu? Eu quero ter o prazer, a alegria de entregar (a certidão) para você...” (Sílvia [39])*

No processo de encontro vivido pela pesquisadora com o morador de rua Paulo, podemos destacar também esse movimento duplo de “busca” e “adaptação” ativa às necessidades do próximo. No segmento que apresenta o inter-jogo do encontro entre ambos, observa-se o momento inicial da “busca ativa” empreendida pela pesquisadora, desejosa de estar com ele, fortalecendo-o sem, no entanto, violentá-lo em suas decisões:

*“Percebendo-lhe a fragilidade físico-emocional, tentando estar com ele, fortalecendo-o em seu desejo sem, contudo, ‘atropelá-lo’, desconsiderá-lo nos seus processos de decisão, sentia que a tarefa fazia-se difícil, delicada. Tirá-lo à força dali poderia equivaler, talvez, à subtração do restinho de ‘organização’ de mundo que ainda lhe fazia algum sentido, no qual se apoiava, no seu processo de viver. Ele já havia perdido tanto e, como náufrago, entontecido, agarrado aos escombros que amalhara, ainda tentava dar as últimas braçadas antes de sucumbir ao abismo avassalador. Por isso, confiava desconfiando, acreditava desacreditando, explicitando esse inter - jogo de sentimentos que o dominavam nas suas exclamações repetidas, admiradas a cada vez que eu voltava até ele: “A senhora me achou!... a senhora sempre me acha!...” (Pesquisadora e Paulo [108])*

Em adaptação ativa às necessidades daquele que buscava, a pesquisadora viu-se mergulhada no mesmo movimento oscilante do morador de rua sem, no entanto, abdicar do desejo de apoiá-lo:

*“Eu, também, sentia-me presa no mesmo movimento de crédito - descrédito, tomando por meu desejo o seu desejo de voltar, procurando*

*por Ele, Paulo – ser humano desejante – que se havia perdido de si mesmo. Será que o encontraria?... Como achá-lo, sem violentar seu esconderijo?...”* (Pesquisadora [109])

#### **1.4. “O próximo responde à doação com doação: é dando-se que se recebe”**

O Ágape não contém idéia de “posse” em relação ao próximo: doando-se, não espera nada em troca. No entanto, o “próximo” responde à doação com a doação.

O morador de rua Paulo – em presença do outro que se doa em busca ativa a ele – respondendo, começa a demonstrar sinais de nova configuração emergente em seu sistema psíquico, sinalizando o retorno à vida, o acontecer de seu “self” no mundo:

*“Sinais, ainda que tênues, contudo, ele já começara a emitir... Deixava pistas - configurações emergentes de seu mundo interno – consubstanciadas nas frases, nos poucos gestos, como o continuar a agarrar-se às sacolas de roupa que lhe levava antes, ou quando dizia: “A senhora não esqueceu meu nome!... eu falei meu nome só uma vez, no primeiro dia, e a senhora não esqueceu...”* (Pesquisadora e Paulo [110])

As sinalizações anteriores de transformação – consolidando “a doação com doação” – consubstanciam-se em clara configuração de Paulo renascendo para a vida: para surpresa da pesquisadora, por si mesmo ele tomara providências para sua viagem, emergindo do seu sono letárgico de morador de rua:

- *“Ele cortou o cabelo! Ele fez a barba! E sozinho! Meu Deus! E eu não tinha falado nada pra ele fazer isso, não foi sugestão minha! Onde será que ele conseguiu isso? Agora acho que realmente ele QUER viajar!...”*

*Desci do carro, elogiando-o: “que maravilha!...”, “o senhor cortou o cabelo, e a barba!...”, “onde o senhor conseguiu isso?”.*

- *“Eu fui lá naquele pessoal (apontou para um salão de cabeleireiros nas proximidades), pedi pra eles, que eu ia viajar, que eu tava muito feio, e o rapaz lá cortou...”* (Pesquisadora e Paulo [113])

Paraíba, o morador de rua companheiro de Priscila, tocado pela devoção/doação ativa de Sílvia, entrega-lhe uma “rosa imaginária”, símbolo de sua gratidão. Junto à professora/mãe, pudera abrir-se – no espaço potencial de ambos – à criação do amor:

*“Nesse momento a professora, estendendo a mão, pediu: - “Me dê a rosa, Paraíba...” Ele fez o gesto de entrega da rosa imaginária à Dona*

*Silvia que, pegando-a, levou-a até à altura do peito, dizendo: - “Olha, está aqui, ó... no meu coração”.... Ela está aqui, olha!... Do lado do meu coração... Muito obrigada!...” E ele ficou olhando-a, longamente, em silêncio, absorvendo a cena. Ela, então, lhe disse: - “Você me deu a rosa!... Valeu a intenção!...” (Sílvia e Paraíba [92])*

### **1.5. O Ágape não depende do valor ou mérito do amado**

A disposição de aceitação do próximo da maneira como ele se apresenta, acolhendo-o – e isso não quer dizer ignorar a sua realidade – promove naquele que é acolhido a liberdade para mostrar-se do jeito que é, *sem medo de vir “à luz do dia”*:

*“Minha vida sempre foi a do crime”... (Soviético, para Sílvia [23])*

*“...com o desenho pronto nas mãos, olhos semi-cerrados e mergulhado no transe da recordação, o ex-presidiário revisitou o passado dantesco junto a ela, professora que o acolhia, respeitosa e atenta, e começou a falar: ‘Esta é a Casa do Inferno’... (referindo-se à Casa de Detenção do Carandiru, onde esteve preso)” (Relato da Pesquisadora, [24<sup>a</sup>])*

*“Comecei na rua... não fazia nada... só cheirando, fumando pedra, roubando e zoando...” (Soviético, para Sílvia [35])*

*“... foi onde eu matei uma pessoa lá, depois fui pra maloca da Rua..., matei outra pessoa lá mas, até aí, eu não fui preso....” (Athos, para a Pesquisadora [20<sup>a</sup>])*

*“... A gente já vai drogado, alcoolizado... A gente não tem medo... eu tinha o pensamento de realmente assaltar, de ganhar aquele dinheiro, mas não tinha o pensamento de matar aquela pessoa...” (Marcos, para a Pesquisadora [43])*

Soviético – reconhecendo em Sílvia o movimento de aceitação incondicional do próximo – respondendo à *doação pela doação*, expressa em público o que lhe vai na alma:

*“ Pode estar chovendo, frio ou sol, essa pessoa não ganha nada e vem ajudar a gente, tem muita vontade de ajudar e compreender o ser humano do jeito que ele é. Não julga e não se deixa levar pela emoção, apenas compreende....” (Soviético, para Sílvia[30])*

### 1.6. *“Amar o próximo que se vê” e o desejo de transformação - A autonomia*

A característica do Ágape: “amar é justamente amar o próximo que se vê, sem ter como alvo sua perfeição ou imperfeição que possa ser descoberta” (4.2., Cap. II) presentes nas professoras não as eximia de tecerem sonhos de bem estar, de valores morais, de realização pessoal para aqueles que “encontravam”. Como “profecias auto-realizadoras positivas” no processo de “maternagem” (1.6., Cap. II) essas forças positivas exaladas em seus sentimentos de amor, contagiavam àqueles que se abriam *para* e *em* suas presenças, permitindo-se eles mesmos tecerem para si desejos de transformação e de novo sentido em suas vidas:

*“Minha vida sempre foi do crime”, confessou ele. “Ah, Soviético, não consigo enxergar você nessa vida!...”, respondeu-lhe ela (Sílvia). “É, Dona Sílvia, essa foi a minha vida, mas eu estou procurando mudar...” (Soviético e Sílvia [23])*

*“Conversamos sobre a venda de água de côco<sup>86</sup> e se ele ainda estava querendo fazer esse trabalho. Respondeu que sim. Então, agora em fevereiro, vamos agilizar isto. Quem sabe ele e Cara Queimada podem alugar um quarto com o dinheiro que eles ganharem...”(Sílvia em entrevista para Pesquisadora, falando a respeito de Soviético e Cara Queimada [37<sup>a</sup>])*

*“A minha esperança está agora quando você estiver trabalhando, vendendo água de côco... e quero ver você bem arrumado, com uma bonita camisa branca, e escrito em cima da sua barraca: ‘A vitória do guerreiro!’” (Sílvia, para Soviético [38])*

Na processo de “escuta” dos desejos dos moradores de rua por parte de Sílvia ou Lucinha, desdobrava-se a construção conjunta da esperança, do sentido da vida, conceitos presentes na “resiliência”. Há, nesse processo, delicado limite entre “querer que o outro se saia bem” e a *imposição* de caminhos ao próximo. Como qualquer mãe ou pai que projeta para seu filho o melhor que consegue conceber em seus sentimentos de amor, as professoras-mães acalentaram sonhos para os moradores de rua. O relevante nessas expressões é o

<sup>86</sup> Soviético tinha manifestado para Dona Sílvia o desejo de montar uma ‘*banquinha*’ para vender ‘*água de côco*’, projeto que ela incentivara e se prontificara a ajudá-lo na realização.

vigoroso sentimento de “impulso para a vida”, de “vontade de vida” (ALVAREZ, 1999), de amor emitido por elas. Eles se sentiam aceitos e, mais do que isso, percebiam que podiam mobilizá-las em providências no presente e em sonhos de futuro. Contagiados, permitiam-se – eles também – sonhar no “espaço potencial” que se criara. Dos processos vivenciados na díade “mãe/bebê”, ou através dos quais crianças serão direcionadas – pela “maternagem” ou “paternagem” – para o *rumo* apontado pelos pais, retemos o sentimento de Ágape aí presente – o mesmo que banhava Sílvia ou Lucinha – alimento sutil, indo além dos conteúdos verbais, verdadeira “injeção de ânimo” que impulsiona para a vida. E, uma vez estando *na vida*, cada um terá condições de fazer dela o que quiser<sup>87</sup>.

“É preciso ser dependente para ser autônomo” (MORIN, 1996; Vide: 5.1.5., Cap.II ).

## 2. O “ENCONTRO TRANSFORMADOR”

### - Tecendo o “Complexus”

*“Complexus é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa, isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do complexus não destrói a variedade das complexidades que o teceram” (MORIN 1996:188).*

Alcançados pelo “amor em movimento” dos seres em estado de Ágape, os moradores de rua abriam-se ao sentimento de confiança, ao “encontro” com *o próximo devotado que se punha em presença*, abriam-se gradativamente à vida, processo que se desvelava a cada momento e que ficou registrado através dos nossos recursos de observação. Nesta seção estaremos avançando na análise desses percursos, destacando aqui e ali alguns de seus segmentos – que estaremos chamando de “momentos de encontro transformador” – caracterizando mais amplamente a transformação dos envolvidos. Com fenômeno e teoria dialogando entre si, chamando-se e iluminando-se reciprocamente, estaremos avançando na tecedura do “Complexus” (5.1.5., Cap.II) do “encontro transformador”.

<sup>87</sup> “Condições de fazer da vida o que quiser”: estaremos complementando esse pensamento quando da análise do papel exercido pela Sociedade – concebida como Sistema Complexo – como “ponto de apoio” dos cidadãos, interagindo com a “vontade das pessoas”. Vide seção 4, Cap. IV.

## 2.1. *Abrindo-se para o “encontro transformador” - Construindo o “espaço da confiança”*

Os moradores de rua revelam através de suas falas o momento em que esteve instalado neles o sentimento de *desconfiança* (ERIKSON, 1976): desconfiavam da uniformidade e continuidade dos provedores externos e da própria capacidade para enfrentar suas necessidades e desejos urgentes. Estava instalada a falta, a carência do sentimento positivo de *confiança* (ALVAREZ, 1999). Antes de serem alcançados pelo *amor em movimento, pelo próximo devotado que se punha em presença, sentiam-se no fundo do poço.*

Soviético, recordando, relata:

*“Comecei na rua... não fazia nada... só cheirando, fumando pedra, roubando e zoando...”* (Soviético, [35])

Temos também Marcos, quando declara ser diabético, que já tivera três internações hospitalares por tuberculose e que voltava a *cair no fundo do poço*: saindo do hospital voltava a morar na rua e a alcoolizar-se:

*“Então esses tempos atrás eu vinha se (sic) entregando, né? Eu tinha problema de saúde, ficava internado, saía do hospital e ia beber de novo... e... não tinha assim uma força, uma coisa psicológica assim pra falar: “Eu vou parar com isso, isso não adianta pra mim, eu tenho que procurar sair dessa vida, eu tenho problema de saúde e não posso pensar em álcool...”* (Marcos, [40])

O restabelecimento do sentimento positivo de confiança era necessário para que os sujeitos – cujo sentido da vida se rompera – pudessem novamente “olhar-se”, se “reconhecerem” como sujeitos desejantes. Necessitavam de um ponto de apoio portador do alimento necessário que iria saciar-lhes a fome de confiança.

Os segmentos das falas revelam os momentos de início do processo de “encontro”, lembranças eliciadas em presença das professoras-mães, pontos de apoio que os acolheram:

*“Até que um dia conheci Dona Lucinha, uma pessoa espetacular! Uma pessoa que conhece o sofrimento do pessoal da rua como a palma da mão dela. Passando uns dias conheci outra pessoa, a mesma coisa que ela<sup>88</sup>. Foi no aniversário da Maria. Aí falei que queria estudar e minha*

<sup>88</sup> Refere-se a Dona Sílvia, quando a conheceu no aniversário de Maria. Maria é moradora de rua cujo aniversário é festejado todos os anos, na rua mesmo, por Dona Sílvia e Dona Lucinha que levam bolo e refrigerantes para os moradores de rua da maloca.

*professora insistiu para eu ir lá. Chegando na escola, comecei fazendo bolinhas.<sup>89</sup>*” (Soviético, [35])

Expressando seus propósitos e processo de transformação, temos a fala de

Marcos:

- *“Agora, de uns tempos pra cá, de uns seis meses pra cá, eu tô procurando, tentando ter opinião na vida pra me recuperar, né? Inclusive, eu já parei de beber... Eu tô com uns quatro, cinco meses sem beber e sem fumar... tô procurando mudar, ser outra pessoa, assim, no sentido da personalidade, psicologicamente, querendo mudar de vida, né? Mas, pra gente mudar, assim... a gente vive num sistema de vida e pra mudar de repente, dum dia pro outro, é meio difícil... É como uma escola: a gente tem que começar a saber o alfabeto, começando e se entrosando com aquela situação de vida e procurando mudar... sair desse sistema de rua ...* (Marcos, [40])

## 2.2. O “ponto de apoio” ou “ponto fixo”

Retomemos DAMERGIAN (1988) que, ao discorrer a respeito do “ponto fixo”, nos sugere que o bebê necessitaria de um ponto fixo para construir seu mundo interno, sua identidade. Referindo-se a um ambiente facilitador como uma das condições para que a personalidade cresça saudavelmente, ela aponta, por exemplo, a “mãe suficientemente boa” (WINNICOTT, 1975; Vide: 1.5., Cap. II) como *capaz de oferecer um ponto fixo, um porto seguro, que permita estruturar a identidade* (DAMERGIAN, 1988). Adotamos, portanto, tal conceito com o sentido de um “ponto de apoio” no processo dinâmico do acontecer do self no mundo. Portanto, o termo “ponto de apoio” que, para nós, reflete o caráter dinâmico do fenômeno, passa também a ser utilizado.

### 2.2.1. O “ponto de apoio”: o modelo favorável

Alguns sujeitos deste estudo demonstraram possuir identificação com uma relação amorosa, ou seja: com a mãe, ou pai, um cuidador, com familiares do berço natal distante – outro significativo, devotado – que atuaram como *modelos favoráveis ou pontos fixos* (ALVAREZ, 1999) nesse período de suas vidas. No momento atual, já adultos,

---

<sup>89</sup> “Bolinhas”: exercícios escritos para desenvolvimento da coordenação motora.

pudemos observar um processo ativo de comunicação interna com esse *próximo devotado, significativo*, que fora introjetado. É quando temos Marcos recordando a família e os tempos de infância que deixara:

*“Então eu tive uma infância muito mimada, essa coisa assim de família, né?”* (Marcos, [47])

Ou quando associa a educação recebida na infância com o que hoje ele considera como suas qualidades:

*“Mas eu sempre fui um cara pacato, um cara quietão, nunca... não sou cara de procurar briga com ninguém, respeito todo mundo, acho importante isso nas pessoas, admiro as pessoas que sabem respeitar as pessoas na rua... Então eu trago isso comigo, essa coisa da infância... Educação, principalmente, eu sou um cara que... até se eu chegar numa pessoa pra pedir e ela vir com ignorância, eu não vou responder, eu vou embora e...”* (Marcos, [48])

O morador de rua Paulo demonstrou possuir identificação com a relação amorosa com sua esposa, de quem se distanciara quando ficou sozinho em São Paulo. Ponto de apoio – adormecido na desesperança de um reencontro – que se re-instalara vigorosamente com a possibilidade de uma volta à vida. Querendo voltar para casa, anunciava o desejo no discurso interminável:

*... “quero ir embora para o meu sitiozinho, para a minha mulher que é bonita, a senhora precisa ver como minha mulher é bonita, nova ainda, mas tem cabelo branco, ah! como é bonito o cabelo branco de minha mulher...”* (Paulo, [104\*])

### **2.2.2. O “ponto de apoio”: a “generatividade”, o “próximo significativo”**

Explicitando que o homem maduro precisa sentir-se “necessitado”, ou seja, que os mais jovens precisem dele, ERIKSON (1976) aborda essa questão como a “generatividade”, que seria “fundamentalmente a preocupação relativa a firmar e guiar a nova geração”. O exercício dessa “preocupação” com a nova geração, através da possibilidade da promoção do sistema de cuidados, funcionaria como “alavancas” de apoio no caminho (DAMERGIAN, 1988; ALVAREZ, 1999), pontos de apoio na promoção da saúde mental do provedor.

Soviético manifestava preocupação com sua filha de sete anos, que freqüentemente era levada pela mãe para visitá-lo na maloca onde vivia. Em muitas das vezes em que estivemos visitando-o, presenciamos instantes dessa vivência familiar – ele interagindo com a menina, com sua companheira que também era a mãe dela – momentos repletos de brincadeiras, de conversas entre eles (vide fotos 5., 6., 8., 10., Cap. III).

Seu relato revela o desejo de exercer mais do que um simples carinho de pai para a menina: queria mais, queria dar-lhe um lar. Lúcido quanto a própria situação, reconhecendo-se fragilizado, envolvido com as drogas, manifesta vontade de transformação na fala oscilante entre o desejo e a desesperança:

*“Que nem, eu, tenho uma filha linda de sete anos, queria dar todo o carinho pra ela... eu dou o carinho de pai, mas, eu queria dar uma casa, um lar... A mãe é viciada em droga, o pai também é... apesar que eu estou parando mas, não consegui parar ainda de vez... mas uma hora eu paro – não sei quando! – mas uma hora eu paro!” (Soviético [3<sup>a</sup>])*

A presença do “próximo significativo” como “ponto de apoio” na vida de Priscila, revela-se na cena que presenciamos entre ela – quando estava internada em hospital de Campos do Jordão – e Sílvia em gestos devotados de “maternagem”, revelando-se ainda na fala emocionada da moradora de rua:

*“Priscila estava motivada a falar... Quando o choro se tornava mais intenso, a emoção brotando forte com as lembranças, Dona Sílvia a abraçava, como a dar-lhe forças... Ante uma lufada de vento gélido que nos envolveu, fazendo-a encolher-se, Dona Sílvia ajeitou-lhe o gorro na cabeça, em gesto de abrigo e proteção... Sorrindo, por entre as lágrimas que lhe molhavam o rosto emagrecido, ela olhou para mim, comentando o gesto: “Ela é a minha mãe branca”... (Priscila, Sílvia e a Pesquisadora [97])*

*“...Porque sempre que eu tô na pior assim... (começou a tossir, chorando...) sempre quando eu tô na pior assim pensando de me matar, essas coisas... sempre aparece uma pessoa pra...(tosse, chorando...) parece que Deus que envia, sabe? Uma pessoa pra me dá uma palavra de conforto... uma força...”* E referindo-se ao episódio vivido no Hospital Municipal de São Paulo, onde ficara internada, onde Dona Sílvia a conheceu, ela continuou:

*- “Eu agradeço Dona Sílvia. Eu tava pra fazer uma bobagem, pensando de largar do Paraíba, de fugir, de morrer, de se jogar debaixo de um*

*carro, de um caminhão... eu tava assim... e se eu tô aqui eu agradeço ela, sabe? Porque de vez em quando me dá uma loucura na minha cabeça...(chorando)..."* (Priscila [98])

### 2.3. *Ausência de modelos favoráveis na infância*

Ao recordar sua infância, Soviético denuncia a ausência de mãe ou pai devotados que pudessem ampará-lo em sua trajetória infantil. Entregue à “própria sorte”, iniciou-se cedo – por volta dos quatro anos de idade – na vivência das transgressões, em busca da própria sobrevivência.

Fala da mãe “*problemática*” que fazia “*michê*”, denuncia a ausência de trocas saudáveis e a situação de abandono por parte dos pais. Suas escolhas estavam restritas à criminalidade – onde fez escola – sem outras opções do que lançar-se no *rumo, no sentido de vida* que a sociedade a que estava entregue lhe apontava. A *paternagem* – como aquela que aponta o *rumo*, o caminho, educando e exemplificando com amor – ele não conheceu.

*“Aí ela foi fazer ‘michê’ numa quebrada aí, aconteceu um homicídio e ela foi presa. Meu pai era ladrão e eu comecei a ir pra rua... eu e meu irmão. Acho que eu tinha uns quatro, cinco ano... Aí eu fui pra rua. Aí eu comecei a roubar na feirinha, roubar ali... Aí eu fui conhecendo a malandragem como é que era. O mundo do crime é diferente... o cara começa roubando uma agulha, amanhã depois ele pode roubar até um avião, virar um terrorista... nunca sabe! O mundo do crime começa com pouca coisa: rouba um alfinete aqui, rouba uma agulha ali... amanhã ou depois ele vai conhecer umas pessoas mais esperta do que ele, e aí vai orientando ele como é que é, como é que não é... Aí eu fui aprendendo... comecei com uma agulha, comecei com laranja, banana... comecei a assaltar padaria, assaltar supermercado, assaltar firma, assaltar banco, assaltar uma certa mansão... Só nunca fiz seqüestro mas... de tudo já fiz um pouco na vida... Já fui traficante... Sabe... O mundo do crime é isso aí... a gente começa do pouco... do nada! Aí vai aprendendo... na caminhada da gente, vai aprendendo, e uma hora cê vira um bom ladrão.”* (Soviético, [14<sup>a</sup>])

Denuncia sua família como *maldita* argumentando, lúcido, sobre a situação que viveu e vive:

*“...meus irmãos... tudo ladrão, tudo assaltante! Está tudo preso! Bem dizer a família inteira! Família maldita... começou da mãe, terminou no pai, começou nos filhos... Só espero que os outros não vai nessa... os netos, minha filha...”* (Soviético, [14])

A ausência de modelos favoráveis, saudáveis, através de adultos que fossem modelos positivos de identificação para as crianças ou adolescentes, é revelada através de seu discurso direto, contundente, quando realiza o desenho que intitula: *“Família cheia de problemas”* [34]. Traça com nitidez a trajetória inexorável ao crime de crianças que *beberam com o leite* os ensinamentos, as vivências na droga e criminalidade.

Athos, por sua vez, apesar de revelar a presença de cuidadores amorosos em sua vida infantil, deixou ‘pistas’ a respeito do ambiente em que vivera, inadequado para uma criança:

*“Eu não fui criado assim...em um colégio, né?... O meu pai tinha bar, uma casa de jogo e eu ficava ajudando ele no bar, na casa de jogo... e ali eu fui crescendo, tudo...”* (Athos, [20\*])

Priscila denuncia situações de abandono e violência na infância, ausência do “ponto de apoio” de uma *“mãe suficientemente boa”*; ausência da “paternagem”, como aquele “que aponta o caminho”, que pudesse apontar-lhe um *rumo* saudável:

*“Eu, com a idade até uns quatro ou cinco anos, eu lembro que convivi com o meu pai. Eu lembro que o meu pai bebia muito, e ele andava comigo nos bar, pra cima e pra baixo... Até uma vez minha tia pediu pra ele ir buscar uma caixa de ovo, e eu lembro disso até hoje, e eu lembro que ele demorou, bebeu, num sei que aconteceu, ele deve ter demorado no bar, aí quando ele chegou a minha tia quebrou a caixa de ovo na cabeça dele comigo no colo. Aí eu me assustei... porque eu morava com a minha tia, tia mesmo por parte de pai. Aí eu morei com eles e eu não sei o que é que aconteceu – que eu era pequena – e eles me passaram pra uma outra família. Essa senhora que me criou... A minha mãe verdadeira eu não conheço...”* (Priscila [73])

Sofre discriminações no seio da família substituta passando, a seguir, a morar na rua ainda adolescente:

*“Aí eu fiz uma mochilinha e saí de casa pro mundo...”* (Priscila [74])

Seu companheiro Paraíba desespera-se com a lembrança da mãe morta, odiando e acusando o pai de ser o causador das desditas da mãe.

## 2.4. “Encontro” no “espaço da confiança”

### - A criação do amor

Focalizemos mais detidamente a *área de desenvolvimento e experiências do ser humano, a “terceira área”* (1.1. Cap. II), que estamos também denominando como “espaço potencial” ou “espaço da confiança” (neste caso, devido a importância que possui o sentimento de confiança na constituição dessa área) lembrando que seria uma “área intermediária de experimentação para a qual contribuem tanto a realidade interna do indivíduo quanto a vida externa, ou seja, o ambiente, o outro que o constitui”. Nada seria indagado ou cobrado – nesse espaço – sobre suas experiências, podendo o ser humano aí “soltar-se”, experienciar, sonhar, alucinar... Área dos “encontros”... Oficina experimental, cujo caldeirão borbulhante permite a mistura dos mais estranhos ingredientes, sem compromisso com resultados estereotipados, pré-determinados, onde se experienciam os paradoxos... Abordando essa área Winnicott referiu-se inicialmente ao bebê e sua mãe, estendendo-a depois ao ser humano adulto e à utilização que esse adulto faz desse espaço, sempre relacionando-a com o sentimento de confiança.

Sílvia e Lucinha possuíam a *“capacidade de lidar de modo autêntico e espontâneo com os acontecimentos e relações”* (WINNICOTT, 1987) com os moradores de rua: os alunos-adultos entregavam-se aos seus movimentos devotados. No espaço potencial – superposição de duas áreas do “brincar” de Soviético, Athos, Marcos, Priscila, Paraíba, Paulo e das professoras-mães – criava-se, pela confiança, uma espécie de *playground* intermediário.

*“A confiança na mãe cria aqui um playground, onde a idéia da magia se origina, visto que o bebê, até certo ponto, experimenta a onipotência”* (WINNICOTT, 1987:71).

Os moradores de rua/ “bebês” permitiam-se “renascer” no “encontro” com as professoras-“mães”, abandonavam-se criativamente no espaço forjado entre eles, neles, numa “fusão pré-lógica”, onde as palavras muitas vezes não conseguiam exprimir tal estado e nem faziam falta:

*“O amor Ágape não tem discurso sobre ele mesmo”* (4.7.5., Cap.II).

Os bebês/adultos permitiam-se experimentar a “onipotência” nesse novo mundo/estado que elas – as professoras-mães – lhes apresentavam através de seu amor Ágape. Sentiam-se aceitos. E tal acontecia no momento mesmo em que neles desabrochava a capacidade para criá-lo (a esse mundo); ou recriá-lo em si-mesmos, combinando-o com os

conteúdos esparsos de suas identidades – antes forjada no crime, ou no desespero, na exclusão – e agora em momento de desarticulação.

Essa desarticulação, esse permitir-se “desmontar-se”, abrir brechas entre os fragmentos da personalidade só era possível nesse “playground” que o amor/devoção da professora-mãe ajudava a criar:

*“Chamo isso de “playground” porque a brincadeira começa aqui. O “playground” é um espaço potencial entre a mãe e o bebê, ou que une mãe e bebê”* (WINNICOTT, 1975:71).

Soviético, bebê/adulto em estado de onipotência, tornava-se rei nesse castelo, onde podia experimentar o controle de sensações novas – percepções inauditas – porque antes não vividas em seu mundo de exclusão, abandono e criminalidade, não vivenciadas na infância ou adolescência, em que estavam ausentes modelos saudáveis ou trocas favoráveis (2.3. Cap. IV). Experimentava em novo momento – criando – delicadezas, afetuosidade, poesia, oração, valores morais.

Os fenômenos da experiência “estética” e do “poético” (1.9., Cap. II), nos fornecem elementos de reflexão para a análise das questões do acontecer do self no mundo, do criativo que faz parte desse processo.

#### ***2.4.1. Os fenômenos da experiência “estética”<sup>90</sup> e do “poético” na criação do amor***

Prosseguindo na comparação da relação “Soviético-Sílvia” com a relação “mãe-bebê”, refletimos a respeito da existência em Soviético de áreas de um corpo emocional, afetivo, que não foram significadas pela presença do outro, por não terem sido “tocadas” por um outro significativo em estado de devoção. Áreas de self – potências – que não aconteceram no mundo, não se atualizaram.

Serem “tocadas” seria – metaforicamente – como fazer “soar as cordas do coração”.

---

<sup>90</sup> Relata Gilberto Safra que: “As experiências estéticas estão presentes desde o início da vida. Elas dão as condições para que o homem se constitua no mundo. É um acontecer que se abre no corpo encontrado e transfigurado pela presença de um outro significativo em estado de devoção”. Quando a mãe se aproxima de seu bebê ela o faz por meio de seu corpo, que é um corpo transfigurado. Não é simplesmente um organismo biológico, é um corpo banhado por inúmeros encontros, desencontros, signos socioculturais, pela vida dos ancestrais. O corpo materno traz a presença de uma história e se faz doação para ser criado pelo bebê. O corpo materno, nesta etapa, é o próprio corpo do bebê, em que ele pode, paradoxalmente, criar todo o mundo humano que já ali presente” (SAFRA, 1999:46).

*“O encontro estético entre mãe e bebê dá início ao processo de elaboração imaginativa do corpo, em que cada função é presença de outro humano”...(SAFRA, 1999:47)*

Ainda que esse bebê-adulto estivesse pronto para encontrar esses afetos, a beleza, o amor, faltou-lhe o outro humano devotado em seu horizonte.

Na verdade, esse “estar pronto para” é eliciado pela própria devoção daquele que se apresenta no horizonte do encontro, o que estabelece o estado de confiança que é, como já vimos, condição básica para o acontecimento do “encontro transformador”.

Dona Sílvia pudera “colocar-se no lugar onde o bebê/ ‘Soviético’ , com a sua ação, a criou, permitindo que o seu “self” de homem que ainda não surgira para as sensibilidades e amores do mundo, acontecesse” (Parafraseando SAFRA, 1999, pág. 92). Recebera dela “o abraço fundante”, acontecera o “encontro” entre os dois e ele pôde perceber que “tinha um lugar” na vida de alguém.

No momento em que o morador de rua foi recebido, em suas livres expressões, por Dona Sílvia, nascia para novas modalidades de existência:

*“A ação que encontra o outro devotado se humaniza e se transforma em gesto. Este revela a pulsação do encontro humanizador: o gesto é a poesia do ato” (Galard, 1984; Citado em: SAFRA, 1999:93).*

Lá estava ele, com sua singularidade, seu próprio ritmo, seu próprio jeito de expressar-se... E sabia que podia fazê-lo livremente porque era aceito pelo “outro devotado” que, silenciosa e atentamente, acompanhava e recolhia seus gestos.

*“A mãe devotada reconhece o ritmo particular de sua criança e pode se organizar a partir dele para adaptar-se às necessidades de seu bebê. Por outro lado, o bebê parece também reconhecer os ritmos do corpo de sua mãe” (SAFRA, 1999:56).*

Nos momentos de encontro de ambos, como naqueles momentos de produção artística do morador de rua (3., Cap. III), desdobravam-se intensos momentos do “acontecer do si-mesmo no mundo”, o acontecer de seu próprio self. Mesmo sem os corpos físicos se encontrarem, acontecia ali o “ritmo do encontro entre os dois, o interjogo de tensões e distensões presentes no respirar, nas batidas do coração, na contração e no relaxamento da musculatura...” (SAFRA, 1999: 57)

Banhados no sentimento da aceitação mútua, da empatia, organizara-se a dupla “Soviético/ Sílvia”, primeiro núcleo ao redor do qual se integravam elementos sensoriais e sensíveis: a gentileza, o carinho, o sentir-se aceito, reconhecido e admirado pelo outro; as

sensações táteis das mãos macias de Dona Sílvia que por vezes lhe tocavam<sup>91</sup> os cabelos num gesto de aprovação/agrado, ou a modulação diferenciada de sua voz afeita à poesia, à arte, à oração...

“Soviético”, anteriormente personificado no mundo do abandono, da violência e do crime, abria-se, agora, à presença e às pegadas da “professora/mãe”, possibilitando o acontecimento de um novo corpo personificado através do processo que temos nomeado por “maternagem tardia”...

Através da utilização do “campo do encontro” – espaço potencial entre ele e Dona Sílvia – Soviético constituiu aspectos fundamentais de seu *self* que, até então, ficaram sem realização. Ele se constituiu e se significou frente à professora-mãe.

Parafraseando Safra, dizemos também: “Sílvia permitia-se ser criada por Soviético. Não era mais Sílvia-professora, mas sim Sílvia-mãe. Desta forma, dava entrada ao fenômeno de ilusão, permitindo que a criatividade primária de Soviético coincidissem com a percepção objetiva. A realidade, a maravilhosa realidade do mundo dos afetos, das estesias – alimento ofertado por Sílvia – passava a ter sentido para ele...” (SAFRA, 1999:19)

Os conteúdos apresentados por Sílvia eram – simultaneamente – “elementos” do mundo e “elementos” concebidos por Soviético. O gesto da professora-mãe ao colocar-se na presença de Soviético, no “campo de confiança” criado *em* ambos, *entre* ambos, permitiu que ele a criasse no momento exato em que ela se apresentava. E dizemos *ela* porque é nela, é através dela, é *por* ela, é *ela*, enfim, que trazia em si – vivenciados, corporificados, plenificados – os conteúdos de afeto, sensíveis, de “amor-Ágape” desconhecidos mas adivinhados por Soviético.

Sílvia permitia-se ser “criada” por ele...

*“O seio é criado pelo bebê repetidas vezes, pela capacidade que tem de amar ou (pode-se dizer) pela necessidade. Desenvolve-se nele um fenômeno subjetivo, que chamamos de seio da mãe. A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato.”* (WINNICOTT, 1975:26)

Através do “encontro”, Soviético desenvolvia em si o fenômeno subjetivo do “seio-da-mãe-professora”, plenificado do leite de “amor-Ágape”. A “mãe” colocava o seio

<sup>91</sup> Relata Gilberto Safra que: “... este processo, onde o tocar do corpo da criança pelo corpo materno, este processo que é o início de tudo aquilo que a gente pode denominar de processos de personificação, onde o corpo, na medida em que é tocado, na medida em que é atravessado pela presença do outro, na medida em que esses campos sensoriais se estabelecem como aspectos de contato, vamos ter, gradualmente, o estabelecimento da presença de um corpo, que é um corpo que traz a passagem das pegadas de um outro. Esse é o corpo personificado.” “... é um corpo que guarda as lembranças, que guarda a presença da passagem do outro, abrindo-se então toda a possibilidade de ser um corpo transfigurado imaginativamente...” (SAFRA, 1999. Comunicado em aula no Instituto de Psicologia da USP).

real – os elementos do *Ágape* – exatamente onde o bebê estava pronto para criá-los, e no momento exato...”

E é assim que Soviético se constituía, significava-se e re-significava-se, frente ao outro(a) que o sustentava. Sílvia possibilitava a Soviético a “criação” do amor.

*“Poderíamos afirmar que só conhecemos de maneira significativa a porção do mundo que conseguimos criar... A experiência estética não ocorre por meio das categorias sujeito/objeto e, por esta razão, dá ao indivíduo a possibilidade de, em um único gesto (grifo nosso), constituir-se e também criar, amar e conhecer o mundo...” (SAFRA, 1999:44)*

Face a essa colocação de Safra, de que a experiência estética não ocorre por meio das categorias sujeito/objeto, recordamos quando ele mesmo traz o conceito do “gesto poético” como aquele que, ao mesmo tempo articula, em um único fenômeno, a capacidade criativa dos que se encontram, dando origem à comunicação humana, e, no caso, ao “existir” de Soviético. Acreditamos que podemos pensar aqui, também, no “existir” de Sílvia que – ao vivenciar o “amor-*Ágape*” que a movimentava para Soviético ou para os outros moradores de rua depositários de sua devoção – cumpria, atualizava, realizava a sua própria existência. O movimento que a plenificava. Soviético tornava-se o “ponto fixo” ou “ponto de apoio”, permitindo a ela constituir-se, enquanto amava.

Os moradores de rua observados em nosso trabalho não tinham tido a possibilidade de constituir aspectos de seus *selves* – que permaneceram potências – à espera do outro para comunicar-se: “Era alguém à espera de ser...” “... Este é o encontro que permite o acesso à existência humana” (SAFRA, 1999:18).

Através das novas experiências de vida, abriram-se novas possibilidades de *vir-a-ser*, de *acontecer no mundo*. Inaugurava-se uma existência humana de esperanças e projetos, possibilidades outras que não só o crime, a violência...

## ***2.5. O sentimento de religiosidade e o acontecer do self***

Retomando Winnicott dizemos que Soviético “não poderia saber de saída o que poderia ser criado. O ambiente proporcionado pela professora devotada – que estava ali em processo de “maternagem tardia” (realizada entre seres humanos adultos) – que trazia em si o alimento da afetividade, dos valores morais, da arte e religiosidade, era o “caldo fértil” onde o morador de rua podia deixar acontecer sua própria potencialidade. Era possível a ele conceber a idéia de algo que atenderia a crescente necessidade que se originava em seu ser. O “bebê/Soviético” percebia os valores que a professora lhe entregava na medida em que

esses valores poderiam ser criados exatamente ali e naquele então” (WINNICOTT, 1975; Vide: 1.6., Cap. II):

*“Dona Sílvia começou a falar, também em pé e de olhos fechados, à frente da classe: “Vamos fechar os olhos devagarinho, como se um soninho gostoso fosse tomar conta do nosso corpo... E assim vamos respirar fundo... agora solta a respiração... novamente respira e solta a respiração...” “...Agradecemos por mais este dia, por essa casa que nos abriga, pelos funcionários que preparam o alimento, pela direção desta casa que nos acolhe... Agradecidos, nós dizemos: ‘Pai Nosso que estais no céu...’ ( neste momento todos os presentes acompanharam-na em voz alta, na prece do Pai Nosso). E do fundo do nosso coração nós dizemos: “Muito obrigado!”... (Sílvia [20])*

*Quando abriram os olhos, ‘Soviético’ bradou em voz alta:*

*- “Melhor que isso, só um repique! É fazer tudo outra vez!...”*

*E dirigindo-se aos colegas de classe, perguntou-lhes:*

*“Onde é que a gente já ouviu palavras como essas, faladas pra nós, população de rua? É por isso que eu digo: melhor que isso é ter tudo isso outra vez!...” (Soviético [20])*

Detenhamo-nos sobre o fenômeno transcrito acima, ampliando nossas reflexões: estavam ali, nas palavras e atitudes de Sílvia, o sentimento de gratidão pelo gesto de devoção dos funcionários da casa que os abrigavam naquele momento; a recriação, através da técnica de relaxamento, de momentos de harmonia física e mental e, ainda, a vivência da religiosidade. O próprio Soviético já apresentara, através de sua fala, em outros momentos, a alusão à sua religiosidade, a Deus:

*“Porque você desenhou a casa e a igreja?” (perguntou-lhe Sílvia).*

*“Porque esta era a vida que eu queria ter. Minha casa onde eu pudesse ser feliz e com todos vivendo em harmonia... A igreja era o lugar onde ia me sentir bem e recebendo uma palavra amiga” (Soviético [23<sup>a</sup>]).*

Não seria a “igreja de pedra”<sup>92</sup> à qual ele se referia: pelas ruas da grande cidade onde perambulava, podia encontrá-las muitas, enormes igrejas adornadas, de portas quase sempre abertas, onde não entrava. Era outra a sua igreja: associada à palavra amiga, lembrava a harmonia, o sentir-se aceito incondicionalmente, perto de Deus como estava ali, perto de sua professora. E ela, com devoção no processo de maternagem, conduzia-o, a si e

<sup>92</sup> Pretendemos deixar claro que não estamos fazendo, neste trabalho, a apologia a esta ou aquela religião. A esse respeito, vide seção 3.3.1., Cap. III, nesta Tese.

seus companheiros, na vivência daquela função natural, inerente à psique (JUNG, 1991b; Vide: 3.3.1. Cap. III), self desdobrando sua potencialidade no mundo. Banhava-os em amor – transfundindo-lhes a própria fé – que era criada e recriada por eles, que imprimiam a este sentimento um ritmo, uma realidade psíquica e um corpo próprios (SAFRA, 1999).

Destacamos que a criatividade jamais é destruída, estando na origem do self a tendência do indivíduo para “...*permanecer vivo e de se relacionar com objetos que aparecem no horizonte quando chega o momento de alcançá-los*” (SAFRA, 1999) e, outro aspecto desse processo, a comunicação pré-verbal, em que há elementos que “*só se manifestam ao nível do ato*” (SAFRA, 1995:202-203). Na presença, no encontro.

### ***2.5.1. Self teleológico, religiosidade e manifestação arquetípica: anunciando a morte***

Retomemos a análise da trajetória de Marcos (4.3.4., Cap. III), quando nos detivemos sobre os seus desenhos que se repetiam – *três flores* – que nos intrigavam. Ele fizera essa série de “trindades de flores” entre os anos de 1999 e março de 2002. Acompanhamos, nesse período, seu intenso processo de retomada do sentido da vida, desdobrando suas potencialidades, o que considerávamos como *evolução*<sup>93</sup> de seu sistema psíquico, do acontecer de seu self no mundo.

Estaremos, a seguir, transcrevendo a seção 4.3.4. do Cap. III, para retomar com clareza o processo de análise desse segmento – concluindo-o – face aos últimos fatos acontecidos com o referido morador de rua:

“[56] *Marcos fez o desenho intitulado “Reflexões”: uma planta com três flores desabrochadas, somente uma colorida, com a frase escrita: “O Senhor é meu Pastor e nada me faltará”. Em 31 de julho de 2001 novamente desenhou três flores saindo de uma mesma haste. Conservando o número ‘três’ nas suas expressões artísticas, mudava somente as espécies de flores.*

*Estavam lá, aquelas três flores que se repetiam – como os ‘sóis’ arquetípicos de Soviético – nos intrigando com sua expressão. O que teriam elas ou, mais precisamente, o seu número três que se repetia, a nos dizer, além de uma manifestação criativa, estética,*

---

<sup>93</sup> “Evolução”: lembramos que estamos usando esse conceito no sentido concebido por MORIN(1997), no qual: “*distancia-se esse conceito da idéia simples de progresso ascensional. Ele passa a ser concebido, ao mesmo tempo, como degradação e construção, dispersão e concentração. A ordem, a desordem, a potencialidade organizadora, são pensadas em conjunto, simultaneamente nos seus caracteres antagônicos e complementares, remetendo-se esses termos uns aos outros, como um anel em movimento*” (5.1.8., Cap. II).

*pessoal e afetiva do morador de rua? Qual sua ligação com o processo de vida de Marcos, com o “acontecer de seu self no mundo”? Poderíamos estar frente à configuração de uma imagem arquetípica, expressão simbólica do inconsciente coletivo?*<sup>94</sup>

*Marie-Louise von Franz relata que “uma imagem arquetípica não é somente um pensamento padrão (como um pensamento padrão ela está interligada com todos os outros pensamentos); mas ela é, também, uma experiência emocional, a experiência emocional de um indivíduo” (Von FRANZ, 1990:20). Chama a atenção – apoiando-se em Jung – para a base humana a partir da qual tais temas florescem.*

*Sabíamos da importância, por exemplo, do número três na interpretação dos contos de fada: estava ligado com a questão rítmica das histórias que, por sua vez, espelhavam as estruturas básicas da psique, expressavam os processos psíquicos do inconsciente coletivo (Von FRANZ, 1990).*

*Marie-Louise von Franz cita o exemplo do herói que tem que vencer três obstáculos para no quarto momento atingir seu objetivo: “São sempre três unidades claras – 1, 2, 3 – com uma certa repetição semelhante e a quarta unidade, mesmo distinta, é ignorada. A quarta unidade não é outro número adicional, não é uma outra coisa da mesma espécie das três primeiras, mas algo completamente diferente. É a mesma coisa que se contar 1, 2, 3 – já! O um, o dois e o três levam ao verdadeiro desfecho que é representado pelo quatro. O quarto é, em geral, um estado estático; não há mais o movimento dinâmico dos três elementos anteriores, mas alguma coisa se estabiliza.” Relacionando movimento e tempo (JUNG, 1990<sup>b</sup>), pois não há tempo sem movimento, com o movimento inexorável e irreversível da vida, ela conclui: “... nos contos de fadas, a história – toda a peripécia – aparece quase sempre dividida em três fases para depois aparecer a quarta fase como uma solução feliz ou catastrófica (grifo nosso). A quarta fase conduz a uma nova dimensão, que não é comparável com as três etapas anteriores. (grifo nosso)” (Von FRANZ, 1990)*

*Voltando ao nosso herói Marcos, nós o observávamos movimentando-se criativamente, construindo, nessa jornada criativa, o sentido de sua existência, que é o rumo, que é o seu self acontecendo no mundo. Suas manifestações – nesse momento do seu processo – nos sugeriam que ainda não chegara ao “já!” da estabilidade, o momento em que sua psique se estabilizaria, configurando-se em nova dimensão. Poderíamos apreender*

---

<sup>94</sup> “Flores”: apesar da questão rítmica nos ter chamado a atenção para um aprofundamento analítico – com a repetição trinitária das flores nos desenhos de Marcos nos sugerindo que processos estavam em curso – temos a ressaltar que a imagem da “flor”, também, oferece campo a interpretações ligadas ao inconsciente coletivo em que, tradicionalmente, na História Humana, “a flores são uma imagem arquetípica da vida após a morte, ou da própria ressurreição do corpo”, podendo ainda, segundo Von Franz, as imagens de vegetação serem tomadas no sentido de promessa de existência renovada, no seio das culturas em que a continuação da vida é encarada positivamente (Von FRANZ, 1995).

*uma totalidade desse ritmo no processo de Marcos? Ou esse ritmo se daria a cada instante, no vários “momentos mutativos” de seu self acontecendo no mundo? A idéia de ritmo – uma seqüência de unidades ou momentos experienciais acontecendo que levariam a um desfecho – nos atraía, tinha mesmo tudo a ver com a linha teórica que vínhamos desenvolvendo até então. O que nos intrigava era a especificidade do “três”, resolvendo no “quatro”, abordado na literatura a respeito.”*

Marcos, em março de 2002, com a saúde bastante comprometida – morando na rua e voltando a sentir os efeitos da tuberculose e do diabetes – enviou (4.5., Cap. III) um recado para Dona Sílvia, avisando-a sobre suas dores, dificuldades para andar e que não poderia comparecer mais às aulas. A professora saiu à sua procura, encontrando-o nas imediações do albergue da Prefeitura onde dormia à noite. Providências foram tomadas por Sílvia, que se mobilizou junto ao Serviço Social da Prefeitura, conseguindo que ele fosse transferido para a Casa de Cuidados, onde poderia passar também o dia, dada a gravidade de seu caso. No dia 8 de maio, após o banho matinal nesse albergue, o morador de rua deitou-se, cobriu-se com um cobertor e morreu serenamente.

Ante a notícia de sua morte – em movimento retroativo de nossos pensamentos, passeando rapidamente sobre os símbolos arquetípicos anunciativos produzidos pelo morador de rua – compreendíamos e nos respondíamos às questões que fizéramos sobre o *ritmo da vida de Marcos*, sobre aquelas insistentes três unidades que se repetiam e que apontavam – sugerindo – para um processo em curso, para um desfecho, *feliz ou catastrófico*. Lembrávamos, portanto, de Von FRANZ (1990) ao anunciar *que a quarta fase – distinta das anteriores – conduz a uma nova dimensão, que não é comparável com as três etapas anteriores ...* O self de Marcos, em seu movimento *teleológico* (2.1., Cap. II; 6.1.4., Cap. II) – vivificado, *roda do sol que começara a girar e que estava a caminho*, em seu caminho; *imagem do Tao, Cristo, senhor dos processos* anunciando-se em “*O Senhor é meu Pastor e nada me faltará*”; *inconsciente coletivo sonhador de sonhos seculares e oráculo incomparável de prognósticos, possuidor do mais vivo e profundo sentimento do ritmo do devir, da plenitude e do declínio das coisas* (JUNG, 1991<sup>b</sup>; Vide: 2.1., Cap. II) – anunciara a morte.

No decorrer do período em que acompanhamos a trajetória de vida de Marcos, observamos o acontecer daquilo que Marie-Louise von Franz relata como a “coexistência de duas consciências”, estado psíquico configurado em algumas pessoas em que: “... duas consciências coexistiam: uma, superficial e cotidiana, parecia não ter a menor noção da proximidade da morte e ainda fazia planos mundanos; outra, mais profunda e mais séria, de

quando em vez se manifestava, deixando claro que a pessoa sabia muito bem que seu fim estava próximo e que se preparava para enfrentá-lo” (Von FRANZ, 1995:139).

Paradoxalmente, para nós – que o ouvíamos, acompanhávamos seu processo de ser no mundo – as manifestações de Marcos nos intrigavam pela sua ambigüidade: ao mesmo tempo em que traçava vigorosos projetos de futuro, de trabalho, casamento, constituição de um lar, ele oscilava com falas e manifestações simbólicas evocadoras do morrer:

*“... Vou ter que pensar na minha realidade, no meu futuro! Na realidade da minha vida, né? Eu tô aqui e eu procuro viver o momento presente mas sempre pensando nos meus ideais, no meu futuro! O que eu quero ser amanhã, o que eu vou ser no amanhã... né? ... Eu sempre telefono para a Dona Silvia, esses dias eu telefonei pra ela aí e disse: “Eu tô ansioso, Dona Silvia, não vejo a hora de arrumar um trabalho!” (Marcos [62])*

E em outro momento, após refletir sobre sua fé e a oração:

*“ Então a gente... é bom a gente se concentrar, assim... Eu tenho muita fé, eu não sou dessas pessoas que adivinha... eu não adivinho ou posso dizer que eu vou fazer essa cirurgia e que eu vou escapar... tenho fé em Deus que corra tudo bem, tô confiante, mas a gente nunca pode saber, né...” (Marcos [64])*

Ou então:

*“Eu já estou calejado desta vida de rua, mas continuo na luta pela minha sobrevivência. A nossa vida é assim mesmo. Dona Silvia, eu acho que já vivi muito, com tantos problemas de saúde que já tive nesta vida. Mas se Deus é bondoso e poderoso, e só ele vai decidir (sic) o dia da minha morte, por isso vou em frente no dia a dia desta vida. Mas continuo: esperança, força de vontade, melhorar, mudar, vencer os obstáculos que aparece e tendo muita fé em Jesus Cristo!” (Marcos [58])*

O diálogo fenomênico entre a vida e a morte de nosso sujeito de observação eliciava para nós, teoricamente, não somente uma concepção de *self* – e aqui falamos de Winnicott e autores afins – que contemplatesse o desdobrar da potencialidade no mundo, que abordasse a respeito da configuração do sentido da vida ligado aos projetos e esperanças de realizações no dia a dia, que falasse de “encontros”, que falasse de amor mas, também, outra noção que desse conta – inclusive – das *emersões arquetípicas* anunciadoras de transformações abrangendo outros níveis da psique do *ser-aí no mundo*, o que a concepção

Junguiana de *self* nos permitiu refletir. Duas concepções de *self* comunicando-se *dialogicamente* entre si – de maneira *complementar, concorrente e antagônica* (5.1.12., Cap. II) – eliciadas naturalmente pelo fenômeno complexo da psique humana que se desdobrava às nossas observações<sup>95</sup>.

Apesar de Marcos registrar lucidamente sua difícil situação de vida – em que seu corpo se deteriorava dia a dia – ele não se identificava com esse processo de destruição orgânica: mobilizava-se em providências de sobrevivência, naquilo que lhe era possível fazer como morador de rua. E segue nessa trajetória até o momento em que a morte o alcança, de ‘banho tomado’, na cama providencial do albergue que o abrigara. Não tivera uma saída depressiva face às extremas dificuldades que o atingiam. Mantivera-se lúcido, esperançoso... No entanto, começara a fazer parte – insistentemente – de seu discurso e manifestações simbólicas, o apelo a “Deus”, a “Cristo”, projetando-se para além dos “pontos de apoio” oferecidos pela sociedade que o acolhia.

Apesar de sua aparência de extrema fragilidade – chegando, inclusive, através desse estado de abandono, à própria morte – estamos considerando-o um *resiliente*, no sentido mesmo que atribui Edith GROTBORG (1996) a esse conceito, como “*a capacidade humana de fazer face às adversidades da vida, superá-las e sair delas fortalecido ou inclusive transformado*”. No encontro com as professoras devotadas, abriu-se para a vida, renascendo para o mundo no *espaço da confiança*. Transformou-se... Teceu projetos, mobilizou-se na retomada do sentido de sua existência, caminhou fiel – a si e ao mundo – na busca de *ser* aquilo que desejava.

E não deixava de *sonhar* ... mergulhava na experiência da realidade simbólica que criava para si nos próprios desenhos, nos artesanatos, nas cartas... É quando ele já podia *morar* na casinha desenhada – que tinha até um número na parede – com sua companheira na janela... É quando festejava seu aniversário saboreando imaginariamente um bolo colorido, desenhado caprichosamente com a vela acesa<sup>96</sup>. Celebrava a si – renascido – na vida que, paradoxalmente, se esvaía devagar... Mas, não estava só... as professoras devotadas acompanhavam cada passo seu, recolhiam cada sonho que ele se permitia sonhar... Nesse berço de amor, ele celebrava a vida... Então, quando essa mesma vida foi se tornando impossível, negou-se a identificar-se com a destruição... A Sociedade mais ampla não o

<sup>95</sup> No prefácio da obra “Os sonhos e a Morte” de Marie-Louise von Franz, o tradutor e analista junguiano – Roberto GAMBINI reflete que “... num aparente paradoxo, a autora nos leva a perceber que a janela que se abre para a compreensão da morte descortina, do lado de cá, uma visão cada vez mais profunda do fenômeno da vida. Só a consciência de sua manifesta relatividade pode nos levar à reestruturação de valores e categorias que nosso tempo tão urgentemente reclama”, observando também que a autora “pautou-se pela observação criteriosa da fenomenologia do inconsciente” (GAMBINI, 1995:7-8)

<sup>96</sup> Vide figuras nº 46 e nº47 no Capítulo III, nesta Tese.

acolhia, nas graves providências que necessitava e que não poderiam ser supridas pelas professoras. Ele se lançou além... Retomando crenças de religiosidade, sentiu-se *filho de Deus*, comungou com um *pai todo poderoso* que poderia apontar-lhe *novo rumo*, não mais no seio da sociedade humana. Ofereceu, até o fim, seu tributo de confiança à vida, à sociedade, sem descurar da construção gradativa de um novo berço que pudesse acolhê-lo de/em outra forma.

Não somente Jung, através de seu vasto estudo sobre as experiências humanas ao longo da História – que o levou à questão do *inconsciente coletivo*, entre outras questões – mas também outros pensadores junguianos abordaram a questão do *morrer* entre os homens, apontando a existência do sentimento comum entre os seres humanos a respeito da possibilidade da continuação da *consciência em outro ambiente*, configurando-se em *outro nível*<sup>97</sup>. Consideramos que a identificação com a *consciência*; que a experiência profunda do *sentimento de Deus*, como pudemos observar – através de suas manifestações discursivas e simbólicas – acontecendo em Marcos, colaboraram para a promoção de um sentimento de *continuidade*, de sentido da vida, *rumo*, favorecendo a *resiliência* do morador de rua, inclusive nos momentos que antecederam o morrer<sup>98</sup>.

### 2.5.2. *A religiosidade como “ponto de apoio”* - *Apontando o “rumo”*

Retomemos Jung (3.3.1., Cap. III) quando, considerando a religiosidade como uma função natural, inerente à psique, associava-a à “saúde mental”, reafirmando ser a atitude religiosa de suma importância para cada ser humano. Falava isso baseando-se em sua experiência de psicoterapeuta e, citando alguns pacientes seus com mais de 35 anos que se achavam doentes, observou que haviam perdido “*aquilo que uma religião viva sempre deu em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum curou-se realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria.*” Isto não dependeria, no entanto, da adesão desse paciente a

<sup>97</sup> O pensador junguiano Joseph Campbell relata sua concepção a respeito dessa *identificação* com a *consciência*, apontando para a possibilidade da continuação da mesma em outro nível: “Mas este corpo é um veículo da *consciência* e se você for capaz de se identificar com a *consciência*, também será capaz de encarar esse corpo como um velho carro. Lá se vai um paralamas, lá se vai um pneu, uma coisa depois da outra – é previsível. Então, a coisa toda se desmancha e a *consciência* se reúne à *consciência*. Já não mais neste ambiente específico” (CAMPBELL, 1994:75, Vide: 4.4.2., Cap.III). Referimos também Marie-Louise Von Franz, com sua obra “Os sonhos e a morte” (Von FRANZ, 1995), citada anteriormente nesta seção.

<sup>98</sup> Marcos manteve-se no processo que consideramos como resiliente apesar da falta de determinados tipos de “pontos de apoios/pontos-fixos”, que não lhes foram oferecidos pela Sociedade mais ampla na qual se movimentava. Vide a questão do processo de exclusão social, através da ausência de apoio da sociedade mais ampla aos moradores de rua, na seção 4, Capítulo IV, nesta Tese.

um credo em particular ou de tornar-se membro de determinada igreja. Para Jung, o termo religião era usado no sentido de *religio* (*re* e *ligare*), tornar a ligar. (SILVEIRA, 1992<sup>b</sup>:141-142) Ressalta ele a necessidade que muitas pessoas tem de certas convicções religiosas não fundadas na razão, necessidade de “*algo que lhes toque o coração*”, que lhes proporcione um sentido na vida. (JUNG, 1991<sup>b</sup>:300)

Através dessa atitude religiosa, estariam religando “*o consciente com certos poderosos fatores do inconsciente a fim de que sejam tomados em atenta consideração*”(SILVEIRA, 1992<sup>b</sup>:141-142).

Em vários momentos de nosso percurso com os moradores de rua, recolhemos observações do exercício desse sentimento de religiosidade, manifestações banhadas na *convicção não fundada na razão*, claramente *tocados no coração* por aquele sentimento que brotava forte, particular, vestindo-se em citações, em símbolos<sup>99</sup>.

O sentimento de Deus funcionava como “ponto de apoio” em suas psiques, revelavam a presença da religiosidade alavancando seus projetos de estar no mundo, sustentando-os com um sentido de vida, apontando um rumo – que não a violência, a morte ou cisão psíquica – para suas vidas atormentadas, favorecendo-lhes a resiliência:

*“Então isso aí eu vou esperar e tenho certeza que Deus tanto vai me ajudar, que nem eu já vejo que vocês tão me ajudando. Porque no mundo – é uma palavra que está escrita na Bíblia – “no mundo, tendes aflições mas tem bom ânimo porque eu venci o mundo”. É que nem o salmo 91 que fala: “Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: ele é o meu Deus, meu refúgio, minha fortaleza. Nele confiarei, porque ele me livrará do laço do passarinho e da peste perniciososa... Ele me cobrirá com suas penas e debaixo de suas asas estarei seguro por longos dias...” (Athos [8]).*

Em seguida, em manifestação que denunciava a instabilidade da nova configuração emergente em seu processo de transformação, o morador de rua completou:

*“Por aqui encerro, com muito bom gosto, de coração, e com a palavra que está em Mateus, capítulo 26, versículo 41: “Vigiai e orai, porque na verdade o espírito está pronto mas a carne é fraca...” Porque eu já fui evangélico, me desviei de Deus, e hoje em dia eu vivo sofrendo. Por aqui eu vou encerrar minha frase, aqui” (Athos [8]).*

<sup>99</sup> “Citações e símbolos”: Trechos da Bíblia Sagrada, com referências diretas ao Cristo, aos Salmos ou a símbolos dos conteúdos da tradição religiosa.

Marcos manifestava em sua fala estreita associação entre sentimento de religiosidade e o acontecer de seu self no mundo, o desabrochar de suas potencialidades. Referiu-se também à *solidariedade humana incrível* de Sílvia, apontando-lhe a *força* que o auxiliaria na retomada do sentido de sua vida. :

*“Inclusive, Dona Sílvia, desde aquele momento que eu comecei a freqüentar a escola com a senhora eu senti isso na senhora... Eu senti esse poder na senhora, essa força... e aí eu comecei a ficar naquela escola... eu senti que alguma coisa estava... ia me prender ali... E eu digo: “... aqui, alguma coisa vai me prender aqui... tem alguma coisa de bom que Deus vai me dar aqui...” Justamente foi o que aconteceu. A senhora me deu minha Certidão de Nascimento... (grifo nosso) (Marcos [63])*

Reerguendo-se de sua desesperança, Marcos renascia para a vida...

O sofrimento, sua vida no modo de morar na rua – doente e sem um local onde pudesse passar o dia, sem alimentação adequada, sem trabalho – não lhe tiravam a esperança que fora ativada e que o levava a fazer a sua parte no sistema do processo do (sobre)viver. Profundamente apoiado em sua fé, descreve, dirigindo-se à professora Sílvia:

*“... E depois, quando eu comecei a freqüentar a escola, comecei a ouvir a senhora, a senhora começava a falar, aí quando terminava de dar a aula a senhora mandava a gente rezar , o Pai Nosso, começava a fazer aquela concentração... começava a relaxar... puxa, parecia que... eu sentia assim, entendeu? Vinha assim aquela... Jesus Cristo parece que se aproximava, assim, entendeu? Vinha assim, eu sentia... Nossa! – eu dizia – eu nunca senti isso que eu tô sentindo agora... Eu falava assim: eu num posso deixar de freqüentar isso aqui, num posso!” (Marcos [63])*

Priscila – a moradora da casa caverna – revela Deus em sua fala como a última instância à qual poderia recorrer, apelando a Ele por providências que não acreditava mais que seriam tomadas pelo sistema político-social mais amplo que a ignorava:

*“Porque de vez em quando me dá uma loucura na minha cabeça...(chorando)... Eu não penso em fazer nada com ninguém, sabe?... eu não tenho olho grande... eu não tenho inveja, assim... eu queria só ter o que é MEU, entendeu? É o que sempre eu peço a Deus: que antes de eu morrer, que Ele me desse pelo menos um barraquinho, sabe? Pra mim pôr uma cama, uma mesa, um fogãozinho dentro... aí eu falo: “agora eu morro em paz, que Deus me deu tudo que eu queria, um lar...” (Priscila [98])*

## 2.6. O “ponto de apoio”: defendendo-se da “loucura”

Retomemos Nise da SILVEIRA (3.3.2., Cap.III) quando afirma que a presença de intensos afetos pode tornar-se ponto de partida para os distúrbios iniciais de uma cisão psíquica. Os moradores de rua, sujeitos de observação de nosso estudo, vivenciaram ou estavam vivenciando situações de vida tão extremas, que nos perguntávamos como poderiam estar suportando-as sem chegarem a um processo de “loucura”, termo usado por eles para indicar a cisão da psique. Identificávamos em suas vidas, encaixando-se amplamente nas citações de Nise da Silveira, o *“impacto de violentas emoções atingindo-os como um raio; a vivência de situações existenciais extremas, o sentirem-se acuados face à opressão do mundo externo, ansiedade e humilhação por sentirem-se incapazes para assumir responsabilidades que lhes eram e são impostas, conflitos entre exigências sociais e pulsões internas; a tensão intrapsíquica originada pela ruminação de sentimentos de frustração, de terem sido preteridos por outros, bem assim o remoer de problemas que representem questões vitais para o indivíduo”* (SILVEIRA, 1982:99). E a autora completa: *“... a onda montante de afetos quando atinge o clímax intolerável, sobretudo quando irrompe em indivíduos profundamente feridos na imagem que fazem de si mesmos, acaba por provocar fenômenos de grave cisão psíquica”* (SILVEIRA, 1982:99).

Soviético, lúcido a respeito dos intensos processos de sofrimento a que ele mesmo estava submetido e seus companheiros de rua, denuncia-os no desenho (Figura 21, Cap. III) e na fala que produziu, apontando a importância do “ponto de apoio” de um amigo para não entrar “em loucura”:

*“Esta é a Casa dos Enlouquecidos”,* informou, referindo-se ao desenho que fizera. Ante a indagação de Dona Sílvia, *“se esse era o nome da casa”,* ele lhe respondeu:

*- “O nome da casa é ‘Casa de Recuperação dos Enlouquecidos’. Esta casa dá atendimento para as pessoas que estão enlouquecidas, andando pelas ruas sem ter o que comer e pegando comida no lixo. Essas pessoas precisam de mais apoio que, infelizmente, não têm.”*

*Se a gente também não tiver o apoio de um amigo acaba ficando assim também...(grifo nosso)”* (Soviético [24])

## 2.7. O “tempo” no processo do “encontro transformador”

### - “Acompanhantes no tempo”

*“Estudar o self é, fundamentalmente, compreender como ele acontece no mundo com outros.” “....Porém, se for necessário olharmos a questão da constituição do self ou sua evolução, necessitaremos de outra abordagem que contemple o próprio ato de criar, em que o tempo (grifo nosso), o espaço, o gesto, o objeto, os símbolos são fundamentais em si mesmos.” (SAFRA, 1999:21)*

Os moradores de rua observados relataram, como vimos, a importância que atribuem à presença do “próximo devotado”, do “apoio de um amigo”. Retomando a caracterização da ação desse “próximo devotado” retornemos, primeiramente, ao Ágape.

Observamos em segmentos anteriores neste trabalho ( 4.6., Cap. II; 1.4., Cap. III) que o tempo no Ágape possui a característica de *opção pelo presente*: aquele que está em Ágape – sem ficar relacionando benefícios do passado ou antecipando desejos de receber algo no futuro – ama aquele com quem *cruza o olhar*, liberto e libertando, *sem esperar nada em troca*. A ausência de *cálculo* nesse amor em movimento, suprimindo a dívida entre ambos, libera-os para o acontecer do “encontro”.

Há, também, outra característica temporal nesse processo, movendo aquele que está em estado de *devoção*: é o tempo de cooperação com o próximo, de acompanhar os processos do outro pois *cada um tem seu próprio ritmo (andamento, pace) e seu próprio curso*” (FIGUEIREDO, 2001)<sup>100</sup>.

Analisando o pensamento de WINNICOTT (1954), Figueiredo aborda a questão do tempo no processo de “estar com o outro” pois os termos “processo”, “andamento”( ou “ritmo”, *pace*) e “próprio curso” acentuam fortemente a natureza temporal do trabalho.

Observando as trajetórias de vida dos sujeitos de observação de nosso trabalho temos a considerar, portanto, a *natureza temporal*:

- do processo, do “longo prazo”, em que cada sujeito desenvolveu seu próprio ritmo, seu próprio “curso”, com a professora como acompanhante em estado de Ágape respeitando esse ritmo, o que propiciou chegar à formação do “espaço potencial” entre ambos. É o que denominamos de “processos de encontro transformador” (vale lembrar que a observação desses processos foi possível devido ao caráter de *estudo longitudinal* deste trabalho – *processo visto longitudinalmente* – com as trajetórias de vida dos moradores de rua e das professoras sendo observadas de 1998 a 2002).

<sup>100</sup> Luiz Cláudio Figueiredo – Comunicados e textos veiculados em aulas da Pós-Graduação da Psicologia da PUC – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

- dos “momentos de encontros transformadores” - com a característica do “tempo presente do *Ágape*” sem o espaço temporal do cálculo, como já comentamos, mais o respeito ao tempo, ao ritmo de cada um – onde aconteceram os processos criativos, do “acontecer do self”.

FIGUEIREDO (2001) afirma que: “Muitas vezes falamos em ‘campo’ e ‘espaço analítico’ ou terapêutico, o que não pode ser totalmente evitado. *Todos os aspectos importantes desse processo derivam do paciente e não de nós como analistas.* A técnica básica bem adquirida nos qualifica como *acompanhantes* no tempo, acompanhantes de um paciente nos seus tempos.” E continua, fazendo referência à tradução da expressão em inglês, usada por Winnicott: “*To carry throug* implica em um ‘atravessar’ um período de obstáculos ou dificuldades e também em um levar algo ao seu termo, à sua conclusão. Mas nisso o importante é o ‘algo’ que está sendo concluído e não a imposição da minha vontade, mesmo que seja necessário muito esforço meu para dar sustentação ao processo” (FIGUEIREDO, 2001).

No processo vivido com o morador de rua Paulo, observamos o movimento da “pesquisadora” – “acompanhante” – “cooperando” com o ritmo do morador de rua, com o seu próprio “curso”, no que denominamos de “estabelecimento do espaço potencial”, ou “espaço da confiança”. Mesmo nesse espaço quando estabelecido – esse “campo” – havia a questão do tempo a ser observada: o tempo do “amadurecimento” do estado de confiança que se instaura entre os dois. É relevante constatar que nenhum dos dois, no início da aproximação, possuía confiança no outro: “*Será que ele, realmente, queria ir embora para sua terra? Viajar? Será que ela iria realmente ajudá-lo em seu processo de ida?*” (Pesquisadora e Paulo [109]) Na verdade, os significados, os estados, os gestos, foram se desenrolando gradualmente no processo, no ritmo de cada um, até que se estabeleceu “o espaço da confiança”, o “espaço potencial” entre os que se “encontravam”. Nesse “espaço-processo”, nesse “campo-ritmo”, aconteceram os “fenômenos transicionais”, onde Paulo pode “olhar-se”, “pensar-se”, “recriar-se”, “recordar-se”, “renascer”, em duas semanas intensas, coloridas de esperança de um novo viver.

*“Mas nisso o importante é o ‘algo’ cujo processo está sendo concluído e não a imposição da minha vontade (enquanto acompanhante), mesmo que seja necessário muito esforço meu para dar sustentação ao processo.”* (FIGUEIREDO, 2001)

A pesquisadora/ “acompanhante” e a professora Sílvia que também participara do processo em dado momento (Sílvia e Paulo [115]), atravessaram um período de obstáculos ou dificuldades com o “ambiente” ou o “meio social”, vivenciaram incertezas, o

despertar gradativo da esperança, o “acontecer gradativo do *self*” do Sr. Paulo, até à conclusão do processo. Houve uma “confluência de vontades” a partir da vontade do morador de rua que “queria ir embora para sua terra...”

## 2.8. A “regressão” e a procura do “verdadeiro *self*”

Visando maior compreensão a respeito dos núcleos dos “momentos de encontro” observados no fenômeno, abordaremos novamente a questão do “*falso self*” (vide também 1.8., Cap. II; 1.2., Cap. III) e a questão focalizada por Winnicott a respeito da “regressão”: como clínico ele via essa questão em relação ao paciente; quanto a nós, abordaremos a *regressão* como possibilidade do ser humano, nas situações do seu processo do viver.

A respeito do pensamento de Winnicott, FIGUEIREDO (2001) relata o caso de uma paciente deste que parecia às pessoas bem adaptada, era bastante querida mas não era feliz. Ela conseguira constituir uma unidade psíquica mas sempre estava com a sensação de que não se encontrava consigo mesma. Descobre Winnicott que era necessário considerar a presença de um *falso self* bastante bem sucedido (mas não tanto que extinguisse a insatisfação e a procura de si) “*Para o tratamento ser efetivo deveria haver uma regressão à procura do verdadeiro self*”.

### 2.8.1. O “*falso self*”

Retomemos a afirmação de Safra sobre a possibilidade inerente ao ser humano de manter-se vivo e relacionar-se “com objetos que aparecem no horizonte quando chega o momento de alcançá-los” e que quando esse ser humano estiver vivenciando condições adversas “reterei alguma coisa de pessoal, mesmo em segredo, nem que seja o respirar” (1.8., Cap. II).

Observamos que Sovético, face ao seu modo de vida marcado – desde a infância – por acontecimentos de abandono, violência e exclusão, onde não lhe foi possível criar um mundo de confiança, afetos e sensibilidades, desenvolveu um “*falso self*” como uma maneira de proteger-se “frente à agonia impensável, decorrente da impossibilidade de criar um mundo ao qual pudesse pertencer” (SAFRA, 1999).

“*Falso self*”, que é um “aspecto do *self* que protege e oculta o *self* verdadeiro como reação às falhas na adaptação, que se organiza como um padrão de conduta que corresponde à falha ambiental” (SAFRA, 1995; Vide: 1.8., Cap. II).

Soviético era alguém, portanto, à espera de ser, à espera do encontro humanizador que lhe permitiria *o acesso à existência humana* em sua plenitude de desabrochar de possibilidades. E as possibilidades do ser apontam também para a sensibilidade, delicadezas, religiosidade, amor...

Através das novas experiências de vida, abrir-se-iam novas possibilidades de *vir-a-ser, de acontecer no mundo*. Inaugurar-se-ia uma existência humana de esperanças e projetos, possibilidades outras que não só o crime, a violência...

Mantendo-se vivo, sobrevivendo no ambiente hostil, delinqüente com outros delinqüentes, vamos considerar para ele – o que lhe permitiu sobreviver nesse ambiente – a presença de um *falso self* “*bastante bem sucedido mas não tanto que extinguisse a insatisfação e a procura de si*”. Quando procurou o aprendizado da leitura e escrita, estava profundamente ferido, bloqueado. Começou, a partir de então, através do encontro na confiança com a professora/mãe, o *processo regressivo* em busca do self verdadeiro, aquele que lá ficara sem acontecer no mundo hostil, a espera do outro que o constituísse.

Comentando Winnicott<sup>101</sup>, Figueiredo aponta que “se o desenvolvimento normal implica na capacidade de *freezing a failure situation* e na capacidade de reter uma possibilidade de regredir à mesma situação, mas agora *unfrozen*, para re-experienciá-la – na verdade, para experimentá-la pela primeira vez como possibilidade vital de avanço – o processo nada tem de linear e a noção de “*progresso*” (num sentido linear- nota nossa) não dá conta de todos estes meandros e repetições”.

### 2.8.2. Resiliência, “falso self” e criminalidade

Quando Soviético, ao falar de si mesmo na primeira entrevista que nos concedeu, comenta que: “...*Eu não sei ler, nem escrever, mas acho que tenho uma cabeça boa. Boa em maldade, e de ‘bom’ também...*” (Soviético [2]), está expressando, à sua

---

<sup>101</sup> FIGUEIREDO (2001) apresenta em suas aulas um fragmento de texto de WINNICOTT (1954), em que este afirma que deve-se incluir em uma teoria do desenvolvimento de um ser humano a idéia de que é **normal e saudável** para o indivíduo ser capaz de defender o self contra falhas ambientais específicas por um **congelamento** da situação de fracasso [ou falha, malogro; *freezing of de failure situation*]. Paralelamente, há uma suposição inconsciente (que pode ser uma esperança consciente) de que ocorrerá mais tarde uma oportunidade para uma experiência renovada em que a situação de fracasso será descongelada e re-experenciada, com o indivíduo em estado regredido, em um ambiente que estará fazendo adaptações adequadas. Está sendo aqui proposta uma **teoria da regressão como parte de um processo de cura, na verdade, um FENÔMENO NORMAL** que pode ser adequadamente estudado em uma **pessoa saudável**. Na pessoa muito doente há pouca esperança de uma nova oportunidade. No caso extremo, o terapeuta necessitaria ir ao paciente e **ativamente apresentar uma boa maternagem**, experiência que não poderia ter sido esperada pelo paciente [grifos nossos].

maneira – ao dizer-se com “*cabeça boa*” – a sua condição de resiliência, daquele que consegue sair-se satisfatoriamente nas situações de extrema adversidade em que vive.

Recordemos que a resiliência, conceito heurístico que passa a ter seu sentido ampliado neste trabalho, é definido por GROTBORG (1996) como a capacidade humana para fazer frente às adversidades da vida, superá-las e sair delas fortalecido ou inclusive transformado. Identificamos essa capacidade de resistir e sobreviver em Soviético, ainda que nesse sentido possamos argumentar a respeito do desenvolvimento de um “falso self” (SAFRA, 1995, 1999). Através das situações adversas em que estivera mergulhado desde a infância, desenvolvera movimento específico de “estar no mundo”, respondendo ao crime com o crime, eficiente e fortalecido nas estratégias que ele denomina “maldades”. *Falso self* a serviço do *self verdadeiro* que – protegido e oculto por essa organização psíquica que se instaurara – esperava para acontecer no mundo, conforme pudemos constatar ao longo deste trabalho, acompanhando sua trajetória junto às professoras-mães. Havia *segredos* seus retidos, potencialidades à espera do outro significativo que pudesse acompanhá-lo em seu processo de auto-realização.

Ele vinha se mostrando um lutador, desde seu nascimento. Fizera e estava fazendo, portanto, frente às adversidades da vida, as quais não eram poucas. Superara e estava superando algumas mas, como os golpes se repetiam, a situação em que está mergulhado nesse momento – em que o conhecemos – “é um caos”, segundo expressão dele mesmo.

*“É um caos! Bem dizer um caos! Uma vida que... a gente nem tem explicação porque a gente vive nela...”* (Soviético [2])

Mergulhado no torvelinho do ‘caos’ de uma vida sem rumo, sem sentido para ele; envolto na preocupação constante com a morte iminente ou com a satisfação das necessidades básicas de sobrevivência; sentindo e tentando aparar os golpes que lhe chegam de todos os lados; por vezes revidando e atacando violento e revoltado, percebe-se sem condições para explicar:

*“Uma vida que... a gente nem tem explicação porque a gente vive nela...”* (Soviético [2])

Revela-se, nesse momento de sua fala, oscilando entre a não criminalidade e a criminalidade. Boris CYRULNIK, na conclusão de sua obra “Un merveilleux malheur”(1999), afirma que a resiliência, mais do que resistir, é também aprender a viver. E o tipo de viver ao qual Soviético esteve e está entregue é explicitado em suas palavras, ao descrever o tipo de vida que ele e seus companheiros levam na maloca e nas ruas de São Paulo:

*“Ai é o seguinte: a gente nunca aprende o que presta, é só coisa ruim!... A cada dia aprendendo mais coisa nova e mais coisa ruim... Vai bebendo... fumando ‘pedra’, cheirando, tomando tudo quanto é tipo de droga!... pra esquecer o sofrimento da rua, principalmente quando chove!... É um caos danado! Não tem pra onde ir, não tem pra onde correr... Se está deitado vem um cara e quer roubar os bagulho da gente... É uma vida que... triste! Doloroso!” (Soviético [2].)*

Seu “viver” que lhe traz sofrimentos, que causa sofrimentos aos outros alvos de seus crimes, não lhe favorece – e aqui retomamos o conceito de resiliência explicitado por Grotberg (1999) – a “transformação”, os “momentos mutativos” que estão relacionados com o acontecer do *self verdadeiro* no mundo, com o desabrochar das potencialidades frente ao outro significativo que o constitui. Refletimos, portanto, que Soviético nesse momento de sua vida, em que o encontramos, não estaria sendo “resiliente” no sentido amplo do conceito. Não podia ainda dizer “eu posso”<sup>102</sup> escolher entre o crime ou os valores morais porque “conheço” *também* a estes últimos. E a respeito do “conhecer” nos remetemos a um dos segmentos do núcleo de nossa tese, em que afirmamos com SAFRA (1999) que: “... *só conhecemos de maneira significativa a porção do mundo que conseguimos criar* (grifos nossos)” (SAFRA, 1999:44).

Retornemos ao conceito de Resiliência redigido por nós, ao final de nosso trabalho de Mestrado (ALVAREZ, 1999) em que concluímos que a *Resiliência é uma dança bem sucedida na música da vida. Não uma dança com bailarinos solitários: ela pede parcerias, colaborações, empatia, encontros. Ela fala de amor*. A metáfora da dança permitia que falássemos da dinâmica do viver, da quebra do sentido da existência mas, também, da possibilidade da retomada desse sentido. E ali estavam, como está também neste trabalho, o “outro devotado” que auxiliava o reencontro desse sentido. Foi então que apontamos para a importância do “estar junto”, das colaborações, da empatia para que houvesse os encontros. Apontamos para o amor, que necessitava, no entanto, ser explicitado. Que amor seria esse que possibilitaria o “reencontro” do ser consigo mesmo através do encontro com o outro? Como se daria esse processo? Quais suas características?

Neste trabalho, através da nova jornada empreendida com outros sujeitos de observação, acompanhamos esse amor acontecendo. Ele se desvelava gradativamente através das trajetórias-danças dos seres. Suas características foram se iluminando devagar em Soviético e seus companheiros moradores de rua, nos fenômenos do acontecer do *self* de

---

<sup>102</sup> “Eu posso”: característica apontada por GROTBORG (1996) como fonte de Resiliência.

cada um no mundo, ao lado de Sílvia ou Lucinha, no “encontro transformador”; na oportunidade de se abrirem para novas escolhas que não só as ligadas ao crime ou à droga.

Alguns deles experienciaram o que poderíamos caracterizar como “regressão”: através da “maternagem tardia”, no “espaço potencial da confiança”, foi possível buscar e desconstruir as defesas do *falso self* que se instalara frente à ameaça excessiva. Foram retomadas as situações de fracasso, revertendo-as em processos de vida (FIGUEIREDO, 2001), permitindo que o *self verdadeiro* acordasse para o mundo.

### **3. O “ENCONTRO TRANSFORMADOR” E A “COMPLEXIDADE”** - *Avançando na tecedura do “Complexus”*

Avançando no movimento espiralado da tecedura teórica e de análise estaremos, a seguir, apresentando os aspectos do fenômeno “Complexus do Encontro Transformador” associados, mais explicitamente, aos conceitos da “Complexidade”, da “Sistêmica”. Vale ressaltar – ao nos propormos tal tecedura – que, como MORIN (1997), não nos propomos a “dissolver o ser, a existência e a vida no sistema mas, compreender o ser, a existência e a vida com a ajuda *também* do sistema”:

*“... a teoria do sistema anima-se onde há jogo ativo de interações, retroações, emergências, imposições; onde os antagonismos entre partes, entre as partes e o todo, entre o emergente e o imerso, o estrutural e o fenomênico, se põem em movimento. A teoria do sistema ganha vida onde há vida. E o seu maior interesse teórico surge em nível das sociedades humanas, que aliás seria grosseiro e mutilador reduzir à noção de sistema (grifo nosso)” (MORIN, 1997:144).*

#### **3.1. O processo de “transformação”** - *Reconhecendo a “forma”: o “falso self”*

Retornemos à trajetória de vida de Soviético. Através de seus desenhos ou relatos recolhemos a revelação de um *falso self* bem sucedido, que o favorecia *manter-se vivo* nas situações de intensas ameaças e agressões, exclusão e criminalidade. É quando, por exemplo, cumprindo pena no Carandiru submete-se aos outros prisioneiros: serviçal na hierarquia da casa. Retomamos o desenho e texto “*Casa do Inferno*” realizado em agosto de 1998, em que ele relata:

*“Tirei quase vinte anos neste inferno. Já vi tanta gente morrer aqui que eu só saí vivo foi por Deus. Aqui a gente chama ‘vale quanto pesa’: um maço de cigarro, a gente já vale qualquer coisa; se tiver visita, vale mais. Se a gente não tiver visita, começa a vir o desgosto, a solidão, a depressão... Ai é só coisa ruim, quem tem aproveita da miséria do outro que não tem.*

*Passei por todos esses pavilhões. Tive quatro passagens: fugia e voltava. Eu tinha um número no prontuário. Toda vez que voltava tinha que dar esse número que estava no computador deles. Essa vida lá dentro foi uma desgraça. Não tinha visita, tinha que fazer facas e pinga que eu fazia na cela. Roubava arroz, fermento e laranja na cozinha e deixava 30 dias num tambor fechado pra destilar e depois vendia para os detentos. Nessa aí muita gente bebia. Daí não sabia o que falava e acabava morrendo. Nesse lugar não se fala demais e sim o necessário. Eu não podia fazer nada porque era minha sobrevivência.*

*Quando os guardas pegavam os tambores que ficavam embaixo das camas ou nos forros, então a gente ia para a ‘solitária’. Como essa mistura fedia muito, todos os dias tem que passar criolina no chão para os guardas não perceberem.” (Soviético [24<sup>b</sup>])*

Respondia às situações de vida com eficiência, presteza. A organização que fora criada – *falso self* – era “um dispositivo de ação adaptativa, ágil e móvel” porém, era também um “dispositivo de congelamento” (FIGUEIREDO, 2001):

*“ (o falso self).... traz em si as marcas da “frozen situation”, daí sua rigidez, apesar de sua evidente operatividade. O indivíduo é mantido ao mesmo tempo excessivamente acordado – impossibilitado, portanto, de dormir, de sonhar e brincar em serviço (no espaço potencial, no espaço da brincadeira; grifo nosso) – e com partes suas totalmente amortecidas, dormentes, congeladas, em estado de dissociação. Será preciso desconstruir as boas defesas do falso self oferecendo uma condição, já não mais sonhada nem desejada, de confiança no ambiente e na possibilidade de retomar a situação de fracasso para descongelá-la e convertê-la em possibilidade de vida (grifo nossos)” (FIGUEIREDO, 2001).*

Instalada a confiança no ambiente, isto é, na professora-mãe Sílvia, Soviético dá início ao processo de desconstrução dessa *forma* – *falso self* – de sua psique. FIGUEIREDO

(2001) aponta para a grande dificuldade de acontecimento desse processo, sendo, no entanto, necessário que se realize para que “a capacidade latente para a regressão e para a auto-cura seja reanimada”. O acontecer do self verdadeiro do morador de rua no mundo equivaleria a assumir seu processo de saúde mental.

Apresentaremos, a seguir, algumas características desse processo de regressão e auto-cura – que estaremos denominando de “transformação” – com o auxílio de conceitos da “Complexidade”:

### 3.2. *Início da “transformação”: “Catástrofe” ou ruptura de “forma”, movimento regressivo*

Como vimos, Sílvia, a princípio, *cruza o olhar* com Soviético, vivenciando o Ágape em busca ativa do próximo morador de rua, identificando a necessidade dele que se desvelava no presente do estar ali de ambos (4.7.6.2., Cap. II).

Aqueles conteúdos – de Ágape – surgem inicialmente como *ruído* (5.1.28.; 5.2., Cap. II) ao sistema psíquico de Soviético, *ruído* que vai atuar no seu processo de comunicação interna promovendo disfunção, desorganização desse sistema. O Ágape não tem significado para ele enquanto ele não *o cria*. Porém, lá está em Soviético – antes mesmo de conhecê-lo, ao Ágape – aquele estado de inquietação, tensão interna crescente sendo eliciada pela presença do desejado desconhecido. Este é o paradoxo. Como posso querer e tremer por aquilo que ainda não conheço? Com Tagore (1991) – com quem iniciamos este Capítulo IV – perguntamos, novamente, refletindo sobre a natureza para falar dos caminhos secretos da sabedoria humana: “*O que é que faz as abelhas saírem da sua colmeia, seguindo pegadas invisíveis? O que é que gritam com suas asas impacientes? Como podem elas ouvir a música adormecida na alma da flor? Como podem encontrar o caminho para o favo onde o mel repousa, tímido e silencioso?* Recordamos aqui o que temos apresentado sobre o *self*, sobre os conceitos de *self*, em Winnicott e Jung (e autores afins), ambos falando a respeito de *potencialidades do self*, sem, no entanto, alongarem-se a esse respeito. Fala-se do “sofrimento do homem por não poder trazer à vida as *potencialidades* que se escondem no âmago de seu psiquismo” (SAFRA, 1995:203); fala-se a respeito desse “ponto central”, “fonte de energia que se manifesta na compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se *aquilo que ele é...*” (SILVEIRA, 1981:100). Mas, afinal, *o quê ele é?*

Certamente, para nós, neste momento, essa última pergunta ficará sem resposta direta. Na busca da compreensão desse *self* percebemo-nos tomados do mesmo movimento de *aproximar-se circundando* relatado por Jung (2.1., Cap. II), recolhendo os fenômenos

desse *sol interior* acontecendo no mundo. Defrontamo-nos com os paradoxos, com as ordens e desordens, com *as catástrofes* e as novas configurações que emergem na dança magnífica desse *sol em movimento*, *sol* que se significa em presença do próximo... E aqui estamos falando de *amor*...

Em Soviético, portanto, a *forma* (5.1.14., Cap. II) do *falso self* – organização complexa e ativa – inicia o processo que denominamos “catástrofe” (inspirados em MORIN, 1997; Vide: 5.1.6., Cap. II), “em que o termo ‘forma’ se ressalta, significa mudança, ruptura e associa toda a morfogênese ou criação de forma a uma ruptura de forma ou catástrofe”; é um movimento de flexibilização, de desconstrução de suas defesas no processo regressivo que se instaura no espaço potencial desenvolvido junto a Sílvia, próximo significativo. Nesse momento, sua psique permite o *rever-se*: que seus conteúdos congelados se soltem, dancem tal *movimentos brownianos*<sup>103</sup>, deixem-se reconhecer por aquele que, só então, pôde olhar-se no *berço Ágape* ofertado pela professora em estado de devoção...

É quando Soviético pode revisitar-se em seus movimentos no crime:

“*Minha vida sempre foi a do crime...*” (Soviético [23])

“*Laçado pela escuridão...(desenho nº 33): por que este nome? Porque o mundo que eu vivo, onde eu passo seja dia ou noite, só encontro cara fumando pedra e usando cola...*” (Soviético [32])

No entanto, na dança dos conteúdos esparsos da psique do morador de rua, dançam também os conteúdos do Ágape que – a princípio *ruidos* – num dado instante começam a *fazer sentido* para aquele que é alvo da devoção: em presença das professoras, Soviético pode criar o amor... Parafrazeando Winnicott refletimos que ocorre uma “*sobreposição entre o que a professora-mãe supre e o que Soviético poderia conceber... O morador de rua percebe os elementos do Ágape apenas na medida em que o Ágape poderia ser criado exatamente ali e naquele então...*” (WINNICOTT, 1975:27; Vide: 1.6., Cap. II)

Athos, por sua vez, mergulhado no movimento regressivo, revisita – relatando – sua trajetória, reconhecendo-se como autor de mortes:

“*Um era morador de rua e até travesti, entendeu? Ele chegou pra beber e depois começou a vir com gracinha pro meu lado, eu não gostei, e meti a faca nele, dei quatro facada nele e matei ele...*” (Athos [20\*])

<sup>103</sup> Ao nos referirmos ao movimento-dança (imagem) “*tal movimento browniano*”, apoiamo-nos no texto “*Auto-organização em brincadeiras de crianças: de movimentos desordenados à realização de atratores*”, em que os autores se referem ao “*movimento browniano como um movimento de partículas em suspensão num fluido, descoberto pelo botânico inglês Robert Brown, em 1827*” (IMPÉRIO-HAMBURGER A., PEDROSA MI., ALMEIDA CARVALHO AM., 1996:343-361).

E Marcos, colaborando em assalto a um transeunte, revisitando sua trajetória, revela:

*“Aí o cara... o Alemão, se a vítima regisse, ele matava. Então a gente chegou e... ele tinha o revólver e eu só chegava na pessoa e pegava as coisas... Aí, eu naquele convívio, ali, aquela coisa, sabe, convivendo com aquele pessoal a gente tem que entrar no esquema, porque senão a gente termina... o cara... pode até... sei lá...”* (Marcos [43])

E assim também Priscila, que mergulha em seu passado, revivendo – chorando – as cenas de abandono na infância, as tragédias vividas nas ruas, as esperanças despedaçadas:

*“Eu me lembro que final de ano tinha festa... Eu lembro até da primeira musiquinha que eu dancei (começou a chorar) na escola, quando eu era mocinha... Não sei... caiu uma “pedra” na minha cabeça... sabe? ... uma pedra, na minha cabeça... eu não sei porque... tanto sofrimento...”* (Priscila [97])

Assim como o movimento regressivo observado em Priscila não faz emergir somente os momentos angustiosos de abandono ou criminalidade, os momentos felizes vividos por Paulo em sua Maringá distante, sepultados sob os escombros da desesperança, ressurgem no espaço potencial da confiança que se criara junto à pesquisadora: o morador de rua pôde sonhar, *brincar* com seu passado vigorosamente tornado presente, movimento retroativo (6.1.2., Cap. II) no processo de flexibilização da forma psíquica:

*“...quero ir embora para o meu sitiozinho, para a minha mulher que é bonita, a senhora precisa ver como minha mulher é bonita, nova ainda, mas tem cabelo branco, ah! Como é bonito o cabelo branco de minha mulher!...”* (Paulo [104\*])

### 3.3. A “transformação”: configurando a nova “forma”

*“Progredir, no caso da constituição da vida psíquica mas também em qualquer outro caso, implica em organizar-se, conquistar formas e transformar-se” (FIGUEIREDO, 2001)<sup>104</sup>.*

Expressando a comunicação ativa com novos conteúdos internos – conteúdos de amor criados em presença das professoras em estado de Ágape – Soviético expressa em seu discurso o início de nova configuração emergente em sua psique, em movimento que se encaminha para transformação – nova forma, nova organização – resistindo ao convite do crime:

*“Tem uns parceiro que chamam pra roubar e eu não vou roubar... tô sossegado, quero dar um tempo!...” (Soviético [4])*

No entanto, não bastava o apoio dado pelas professoras devotadas para que seu sistema psíquico assumisse a estabilidade na resiliência. Imerso no sistema social mais amplo que o ignorava, faltavam-lhe também os “pontos de apoio” do trabalho, do reconhecimento de seus direitos de cidadão, de poder *ter um canto só seu* – uma casa, um lar – onde pudesse manter-se, fortalecer-se nos propósitos de não reincidência na delinquência. É quando, oscilando entre a confiança e a desconfiança, completa:

*“Mas eu acho que uma hora eu ainda acabo voltando porque essa vida de rua é muito triste, muita humilhação! Nego passa e fala: “Pô, aquele cara é forte pra caramba, pode arrumar um serviço, pode arrumar um emprego! Mas, não sabe o que está correndo por trás dessa pessoa. Não sabe do sofrimento, não sabe o que ele já passou... a cadeia que ele já tirou...Então tem muitas coisas em volta disso aí.” (Soviético [4])*

<sup>104</sup> FIGUEIREDO (2001), abordando em aula a questão da organização, regressão e progresso na constituição da vida psíquica, afirma que *“desde que se introduza um pensamento acerca de “organização”, a fala sobre “regressão”, como “reverso do progresso”, se complica (Figueiredo usa o termo “complica” e nós sugerimos – inspirados pelo “pensar complexo” – que seja compreendido como “complexifica”: nota nossa). Como se verá adiante, também a noção de “progresso” precisará ser repensada quando se é obrigado a pensar em termos de organização. No entanto, sem que se introduza a noção de “organização”, a hipótese de uma regressão não se sustenta. É claro que a regressão não poderia ser simplesmente um “reverso do progresso” a menos que se aceitasse a tese de que o tempo pode andar para trás. Mas se regredir não é apenas voltar efetivamente atrás, mas deve ser entendido em termos de um efeito possível de alguma organização, progredir não pode ser apenas ir adiante. “Progredir”, no caso da constituição da vida psíquica mas também em qualquer outro caso, implica em organizar-se, conquistar formas e transformar-se (grifo nosso). A sucessão das formas de uma organização não pode ser entendida segundo uma temporalidade unidirecional e contínua. Cada organização retém passado e secreta futuro (grifo dele), resiste à passagem do tempo e gera sua própria história, etc. Mesmo que possamos supor uma força contínua (o biological drive) conduzindo o “progresso”, o processo não é em si mesmo contínuo dado que comporta a criação de formas que instalam seus próprios campos de possibilidades (progressivas e regressivas) e transformações. As possibilidades de “ir adiante” ou de “voltar atrás” são, portanto, efeitos das organizações. Mesmo a “regressão” depende, assim, de que haja uma organização que a permita e a sustente. Tanto quanto o “ir à frente” do progresso supõe uma organização que, ao mesmo tempo que o possibilita, de uma certa forma, retém o ir à frente em seu passado (sedimentado na organização), o “voltar atrás” da regressão supõe uma organização que contém o regredir e o re-projeta ao seu futuro.”*

Ao apontarmos a ausência de determinados pontos de apoio na vida de Soviético, não estamos querendo afirmar que, se eles estivessem presentes, *necessariamente* o morador de rua não praticaria mais crimes. Suas expressões, seu discurso expressam os movimentos instaurados na configuração em curso, pistas, sinais que não oferecem lugar para certezas antecipadas quanto às características de um resultado ou mesmo de sua permanência. O processo possui *movimentos progressivos e regressivos* (FIGUEIREDO, 2201), possui as características de uma organização específica flexível (5.1.13., Cap. II) que permite e pede encontros, associações múltiplas e trocas. Essa *forma-organização* – uma configuração de um Soviético dizendo não ao crime, por exemplo – poderia surgir como *ocorrência num fundo de improbabilidade difusa e abstrata, uma probabilidade concentrada local temporária e concreta* (MORIN, 1996, Vide: 5.1.13., Cap. II). Concebemos tal fenômeno complexo – forma *gestalt* que podemos recolher como fenômeno acontecendo – como *produto das catástrofes flexibilizadoras das defesas de um falso self*, de movimentos regressivos e progressivos, das inter-relações/interações entre os antigos e novos elementos-conteúdos da psique em estado de ebulição, de organização interna mas também das pressões e imposições do meio (MORIN, 1996; Vide: 5.1.13., Cap. II).

### ***3.3.1. A permanência da “forma”: manutenção daquilo que mantém***

Uma vez conhecendo o amor – criando-o – Soviético transformou-se. E dizemos *transformou-se* porque novos elementos-estados conhecidos, significados, passaram a fazer parte do universo psíquico do morador de rua, que inicia um intenso processo de comunicação interna com as novas nuances de sentimentos que descobre em si. O crime – quando ainda realizado – já não acontece livre e solto, sem nenhum outro estado diferenciado que se lhe anteponha. É quando podemos recolher expressões de lamento do morador de rua por não ter conseguido manter-se na configuração do amor, é quando já podemos observar movimentos incipientes da vontade de resistir ao crime:

*“Ontem à noite, infelizmente, eu caí. Não consegui controlar as emoções e acabei me levando por mim mesmo. Só vi e aprendi um pouco mais do que não presta. Isto aconteceu embaixo do Viaduto...” (Soviético [27])*

Ao dizer que fora levado *por ele mesmo* reconhece a presença ativa em si dos conteúdos de violência que aprendera desde a infância.

No entanto, em outro momento de expressão que se seguiu a esse, emerge a *“Esperança de uma nova era”* (figura 30, Cap. II) em que faz livre exercício da vontade de

vida desperta, vida nova, com “*mais amor, compreensão e ajuda ao próximo*” (Soviético [28])

É quando se pergunta, no mesmo segmento, em conversa ativa com o *Deus* de sua fé – provedor – e o que reconhecemos como o *self – self verdadeiro* – que voltara a desdobrar sua potencialidade no mundo, *deus* interior que – acordando no espaço criativo – lhe *dava a vida* :

*“Deus deu a vida pra gente, por que não usar tudo de bom que ele ensinou pra nós, pra gente ensinar o próximo? Infelizmente a população ainda está tampada (grifos nossos)”* (Soviético [28]).

O exercício, o acontecer efetivo do “bom”, do “bem” que fora criado em si mesmo, porém, não é fácil: ainda *uma parte de si mesmo está “tampada”*; é necessário vencer os impulsos dos comportamentos criminosos que falam alto, reações espontâneas *no e ao* mundo de violência, drogas e exclusão em que vive.

No mesmo texto projeta suas esperanças na *juventude que vem vindo*, esperança *no novo governo*:

*“Essa juventude que vem vindo hoje precisa ser mais preparada. A esperança é que o novo governo que tá entrando agora faça alguma coisa. Espero que eles aproveite essa nova oportunidade, lembrando principalmente das crianças de rua, favela e dos idosos”* (Soviético [28]).

Quanto a si, vê-se preso de batalha formidável, que expressa no desenho e texto intitulados “*Laçado pela escuridão*” (figura 33; 3.3.1., Cap. II), onde podemos observar o inter-jogo de forças configurando a transformação, o oscilar entre desilusão e esperança:

*“Por que este nome? Porque o mundo que eu vivo, onde eu passo seja dia ou noite, só encontro cara fumando pedra e usando cola. Eu tô dando graças a Deus que faz dias que não fumo e pretendo continuar assim. Quanto mais convivo perto da droga mais estou procurando não usar. Isto é bom para mim mesmo... O laço vermelho é marca de sangue, solidão e desespero. Nunca tá bem com a vida. Sempre querendo se acabar na droga e ficar andando na rua feito um esqueleto, sem saber pra onde vai... A bola amarela é esperança, alegria e felicidade.(grifos nossos)”* (Soviético [32])

Enquanto Soviético travava sua batalha de vários flancos, Marcos, por sua vez, mantinha a *constância de sua ‘forma’*, a despeito dos *acazos, agressões e perturbações* (5.1.20., Cap. II). Conseguiu não mais envolver-se com o crime. Recolhemos as

características de sua configuração em vários momentos de suas manifestações, como quando afirma o que era *ser homem*, na sua concepção atual, concepção essa contrária ao que ele pensava anteriormente:

*“... o homem, pra mim, é aquele que é honesto, é trabalhador, é aquele que não rouba...”* (Marcos [45]).

Apontando-lhe o fato que relatara anteriormente, em que se envolvera em assalto “pra ser sujeito homem”, ele respondeu:

*“ Sim... mas foi nessa época, né? Quer dizer que de lá pra cá eu me regeneri... E naquela época, há uns dez ou doze anos pra trás eu achava que ser homem era o cara que era corajoso, o cara que encarava mesmo a vida, o crime assim cara a cara, olho a olho... então eu vivia uma vida assim, eu tinha um convívio com pessoas assim... E de lá pra cá eu fui me regenerando, eu não sou mais aquele cara de briga... Não quero mais saber de... Se o cara me olhar... antigamente eu era um cara que, se eu estivesse numa rua e o cara me olhasse, me encarasse assim meio torto, eu já ia lá perguntar pra ele o que é que era: “Ô cara, o que é que você está me encarando, assim?” Já ia com violência, mesmo, e se o cara quisesse brigar já saía na porrada, ali. Graças a Deus nunca matei ninguém... mas... eu nunca cheguei a ser um santo...”* (Marcos [45])

Não se considerando um delinqüente – após ter relatado o episódio em que fizera um assalto [46] – falou de sua *honestidade* e *bondade*, associando essa sua tendência à educação recebida na infância:

*“...não sou cara de procurar briga com ninguém, respeito todo mundo, acho importante isso nas pessoas, admiro as pessoas que sabem respeitar as pessoas na rua... Então eu trago isso comigo, essa coisa da infância... Educação, principalmente, eu sou um cara que... (grifo nosso) até se eu chegar numa pessoa pra pedir e ela vir com ignorância, eu não vou responder, eu vou embora e... Mas teve um tempo em que eu não era assim: eu era um cara duro, mesmo! Um cara que eu ia... queria, porque queria mesmo e...”* (Marcos [48])

Podemos observar no relato de Marcos a presença de pontos de apoio introjetados, modelos favoráveis oriundos de adultos devotados que – em sua infância – lhe ofereceram o que ele denomina de *educação*, “pontos fixos” que o *alavancavam* em seu processo de estar no mundo.

Marcos trazia em si o *amor* desde sua infância distante. Uma vez criado, o *Ágape*, mesmo entrando em estado de *latência* – por falta de ambiente propício onde possa desenvolver-se, manifestar-se – ele lá estará, podendo ser ativado a qualquer momento.

Ao falarmos em “*criação*” e em “*desenvolvimento*” do amor, para melhor compreensão de nossa colocação tomamos apoio em narração feita por D.T. SUZUKI (1969):

*“Se se trouxer uma vela a uma sala absolutamente escura, a escuridão desaparecerá e haverá luz. Mas se à primeira se acrescentarem dez, cem ou mil velas, a sala ficará cada vez mais clara. Não obstante, a mudança decisiva foi operada pela primeira vela que penetrou a escuridão”* (p. 159-160).

O próprio *modo do morar na rua*, na situação em que observamos os moradores de rua focalizados neste trabalho, era considerado por eles mesmos como *prisão difícil de sair*. As relações que se desenvolvem, o uso das drogas, o estado de abandono, de exclusão, *empurram para baixo e cada vez mais para as sarjetas*, “sistema de vida” que é lucidamente descrito por Marcos:

*“Às vezes eu tô na rua, na São Bento, fico assim sentado, eu fico olhando pra essas pessoas, porque eu sei que um dia eu também fiz aquilo, né? Mas elas ficam: pedem (esmola) hoje, pede amanhã, pede depois, depois não pedem, e tornam a pedir de novo e continua, né? Eu acho que a pessoa vai se acostumando com aquilo ali, vai viciando, vai... se acomodando! Se acomodando. A vida de rua, o dia a dia é assim: a gente tá lutando, vai a pulso vivendo, sobrevivendo e, chega um tempo, quando a gente percebe, tá ali naquele, como se diz, uma prisão! Quer tentar sair daquela coisa ali, daquele sistema de vida e sempre tem uma coisa que faz a gente voltar pro sistema de novo...”* (grifo nosso) [51]

Ainda que esse *sistema* comentado por Marcos “se desorganize” com o auxílio da presença do outro *devotado* – como vimos acontecer em presença de Sílvia e Lucinha – e se reorganize em outra configuração, com a retomada do acontecer do *self verdadeiro*, reassumindo o processo criativo, criando o *amor*, se não houver um apoio efetivo do entorno – e aqui estamos estendendo esse *entorno* para o Sistema Social mais amplo – torna-se difícil manter no nível fenomênico a constância das novas formas configuradas e do desdobrar das suas qualidades a despeito dos acasos, agressões e perturbações (MORIN, 1997, Vide: 5.1.20., Cap. II), torna-se difícil manter a *transformação*. Mesmo porque consideramos a característica da organização psíquica como a de um “ processo

organizacional , com a organização viva abrindo-se para fechar-se: garantir sua autonomia, preservar sua complexidade; e fechar-se para abrir-se: trocar, comunicar, gozar, *existir*... é preciso ser dependente para ser autônomo” (MORIN, 1997, Vide: 5.1.20., Cap. II). E bem temos visto ao longo deste trabalho a que tipo de “mundo” os moradores de rua estão entregues, quais comunicações normalmente se fazem em suas vidas, pautadas pelas agressões e violências constantes: como “*existir*” com dignidade em tal “ambiente”?

#### 4. O “ENCONTRO TRANSFORMADOR” E O CENÁRIO SOCIAL

Na análise do cenário social do “encontro transformador”, no fenômeno do “morar na rua” – cenário que temos nomeado também como “entorno” – serão aplicados *alguns* conceitos pertinentes à Geografia, Sociologia, Antropologia, à perspectiva Sociológico-Política, às abordagens dos Direitos Humanos e às abordagens da Exclusão Social, conceitos esses que serão “tecidos” junto a outros já abordados em seções anteriores desta tese (Cap. II). A dinâmica implícita no “Complexus”, “*que é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa, isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade*” (MORIN, 1996:188), norteou-nos nessa “tecedura”.

Inicialmente, estaremos discutindo a noção de “espaço” que, neste trabalho, assume diversos sentidos. Tal diversidade está associada à abordagem teórica e ao pensamento de cada autor que estaremos apresentando. A noção de “cidadania” e “dignidade humana” será discutida associada às especificidades que este conceito assume no constructo teórico de cada autor, sendo, inclusive, repensada por nós frente ao fenômeno do “morar na rua” face às características da sociedade brasileira. A questão da criminalidade será discutida como processo de inclusão precária, instável e marginal. Finalmente, estaremos apresentando e discutindo como conceito “horizonte” o da “exclusão social” e sua aplicabilidade na análise do “macro-conceito” do “encontro transformador”, no fenômeno do morar na rua na cidade de São Paulo.

##### 4.1. O “espaço” e a “praça-maloca”

Vale lembrar que, no segmento teórico-analítico desta tese em que a Psicologia de Winnicott se apresenta, abordamos “espaço potencial” (1.2., Cap. II) no sentido específico ao processo de “encontro transformador”, associado ao “processo criativo” da psique humana. No entanto, a palavra “espaço” é, também, utilizada neste trabalho no sentido que lhe atribui o geógrafo Milton SANTOS (1997) e, ainda, diversifica-se mais (mantendo, no entanto, algumas aproximações com a Geografia) quando nos apoiamos no pensamento de Roberto DAMATTA (1997), tendo em vista reter o cenário social onde se inserem os sujeitos da pesquisa.

Milton Santos propõe como definição inicial de “espaço”, “*um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações*” (SANTOS, 1997:18). Apoiar-se

em Latour (1991) para refletir – em sua construção epistemológica – a respeito de se trabalhar com conceitos híbridos, ao invés de partir de conceitos puros. “Espaço Geográfico”, portanto, estaria sendo considerado como um conceito híbrido, abarcando simultaneamente o “mundo da matéria e o mundo do significado humano”, em que haveria a junção do sistema de objetos e do sistema de ações (SANTOS, 1997:82).

“Paisagem” e “espaço” assumem uma distinção – apontada como “necessidade epistemológica” pelo autor – entre seus significados: enquanto a paisagem seria um *“sistema material e, nessa condição, relativamente imutável”*, sendo definida como *“o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”*, o *“espaço são essas formas mais a vida que as anima (grifo nosso)”*, o *“espaço resultaria da intrusão da sociedade nessas formas-objetos”* (SANTOS, 1997:83).<sup>105</sup>

O movimento de ocupação da pequena praça no centro da cidade de São Paulo, pelo grupo de moradores de rua estudado neste trabalho, atribuiu nova dinâmica, função atual no momento atual da pracinha (Vide: *“Fragmentos do cotidiano do morar na rua – A maloca”*, fotos: 1, 2 e 3, Cap. III), que estaria associada às necessidades atuais desse segmento da sociedade<sup>106</sup>. Segundo Milton Santos, *“é a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida. Só a vida é passível desse processo infinito que vai do passado ao futuro, só ela tem o poder de tudo transformar amplamente. Tudo o que não retira sua significação desse comércio com o homem, é incapaz de um movimento próprio, não pode participar de nenhum movimento contraditório, de nenhuma dialética”* (SANTOS, 1997:88).

A praça – “espaço de vida”<sup>107</sup> – “forma espacial” no “centro” da cidade de São Paulo, intersecção entre os bairros da Liberdade e do Bexiga – bairros com ocupações específicas, com destaques ao Lazer e Gastronomia – ocupada pelos “sem casa” – “moradores de rua” – foi animada em suas formas espaciais por determinado conteúdo, por uma vida específica, diferenciada. Não mais a praça do lazer do “cidadão”, dos habitantes

<sup>105</sup> O autor, esclarecendo, argumenta que *“durante a guerra fria, os laboratórios do Pentágono chegaram a cogitar de um engenho, a bomba de nêutrons, capaz de aniquilar a vida humana em uma dada área, mas preservando todas as construções. O Presidente Kennedy afinal renunciou a levar a cabo esse projeto. Senão, o que na véspera seria ainda o espaço, após a temida explosão seria apenas paisagem. Não temos melhor imagem para mostrar a diferença entre esses dois conceitos”* (SANTOS, 1997:85).

<sup>106</sup> *“A paisagem existe, através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual”* (SANTOS, 1997:84).

<sup>107</sup> Augusta Thereza de ALVARENGA (2002), referindo-se à praça-maloca, a esse “pequeno espaço onde se movimenta a vida”, denominou-a “espaço de vida”. Comunicado pessoal, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, em novembro de 2002.

com “cidadania”: agora, o espaço do “excluído” que *(re)constrói* o seu significado. O que era do lazer possível, virou moradia precária, a “casa do sem casa”, a “maloca”. E a maloca – na designação dos seus próprios habitantes – é o lugar do abandono, do coletivo e do privado, de possibilidades de expressões positivas de vida e também de carências...

Como espaço de *possibilidades*, abria-se para receber o amigo ( Vide: “*Palavra amiga*”, foto 4, Cap. III), viver e celebrar a vida em família, seja quando Soviético era visitado pela filha e a companheira, que viviam em outro local e apareciam de vez em quando para vê-lo (fotos 5, 6, 7, 8, Cap. III), ou quando outros moradores de rua, autorizados por Soviético, achegavam-se ao local, para viverem com as próprias famílias (fotos 9 a 16, Cap. III). No entanto, era também o *espaço de carências*: a descrição da maloca feita por Soviético, do *modo de viver* do grupo de moradores de rua nesse “espaço-maloca”, é o retrato pungente de um viver encurralado em um processo de marginalização social:

*“Pois é!... A Lua e o Céu, é uma coisa maravilhosa!... Ela nasce de manhã cedo, é uma esperança!... De vez em quando eu vou pra represa e aí eu fico lá sentado... é um ambiente sossegado...(Represa Guarapiranga) ... é só mato... água... aí eu fico a noite toda jogando tarrafa... Pesco... como pra caralho, bebo... Aí de vez em quando eu fumo um baseadinho... Aí nós fica tudo sossegado... Aí nós pega nossas coisa e vem pra maloca na segunda-feira. Aí quando chega na maloca, ali na esquina... aí nois olha assim prum lado... todo mundo olha... e aí nós fala assim um pro outro: “Pôrra, de novo nessa maloca, hein, mano?!”... Aí um fala assim: “Isso é coisa mandada, Soviético!...” Aí daqui a pouco um começa a querê dá facada no outro, a querê brigá com o outro... por quê? Por causa da droga!... Não tem uma ocupação!... a droga... a maconha, a farinha, a pedra... Fica naquele ambiente pesado... aí vem um cara lá do outro lado!... Começa a colar com nós, começa a beber e a falar abobrinha – abobrinha é falar demais, é falar o que não sabe... – aí sai aqueles bate-fundo, um começa a querê dá facada no outro... Mas quando a gente vai pra represa, é um ambiente sossegado, só tem mato em volta da gente... E as vezes a gente mergulha... fica sossegado... mas quando a gente chega aqui nesse bagulho é só treta, um bate-fundo, um qué matá o outro...” (Soviético [16])*

Não estamos enxergando esse espaço de vida como “auto-contido”: neste trabalho, ele surge como um sistema que faz parte do “macro-sistema” social que o abarca e o alimenta, sendo este, por sua vez, retro-alimentado pelos seus próprios componentes

ignorados e excluídos, em processo dialógico de alimentação e retro- alimentação. E, como em muitas circunstâncias a impotência gera a violência, Soviético, Athos e seus companheiros atacam-se entre si, agredem a outros moradores de rua que estabelecem contato com eles, ou voltam-se violentos – tais “feras feridas” – contra a sociedade que lhes nega a condição de humanidade, de cidadania.

A configuração da “alimentação recíproca de violência”, dos momentos de desespero, loucura e crime vividos nas malocas e nas ruas, estão expressos, também, na fala de Athos, na descrição dos momentos em que matara duas pessoas, moradores de rua como ele:

*“ Então começaram a acontecer várias brigas, na maloca da Rua ... – onde eu estava – foi onde eu matei uma pessoa lá, depois fui pra maloca da Rua..., matei outra pessoa lá mas, até aí, eu não fui preso. Nem a polícia sabia do meu nome e nem nada... Então saí de lá e vim ficar aqui na Rua... Dessa rua vim aqui pra rua M... e fiquei junto com esse pessoal, me dei bem ali, e tudo...” (Athos [20<sup>a</sup>]).*

Quando lhe foi perguntado como era o modo de vida na rua, na primeira maloca em que morou, respondeu:

*“Do mesmo jeito que a senhora vê ali onde a senhora vai, onde tá nós... na maloca... A gente ficava nuns vinte, trinta... dez ali, cinco ali... dez ali... A vida lá era mais briga. Aquelas briga!... às vezes não entre nós mas pessoas que vinham de fora pra beber lá com nós e queriam bagunçar e então foi o que aconteceu o que eu falei, né?” (Athos para a Pesquisadora [20<sup>a</sup>]).*

Até aqui nos referimos apenas ao “espaço-maloca” de Soviético e seus companheiros. No entanto, outros moradores de rua observados neste trabalho localizaram-se em outros espaços, como Priscila e seu companheiro Paraíba que se aninharam em uma “casa caverna” (5., Cap. III), ou Paulo que perambulava durante o dia pelas vizinhanças do Parque da Água Branca, dormindo à noite frente a uma “loja de comida congelada”, perto do mesmo parque (6., Cap. III).

Percebíamos que amarras poderosas prendiam Paulo àquele espaço que elegera para “morar”. A descrição do processo de nosso encontro revela a profunda interação entre a psique do velho morador de rua e o “espaço-calçada” onde se deixara ficar: *“Agarrado às sacolas com roupas que lhe dera pela manhã, sentado na calçada, estava no seu ‘habitat’ selvagem... Eu percebia, cada vez mais claramente que, apesar de sua vontade de voltar pra casa, impedimentos poderosos o mantinham naquela situação. Deixara-se e fora deixado*

*ficar ali, bebendo, girando em círculos, quase sem comer, de quando em quando anunciando seu desejo – cuja realização nem ele mais acreditava possível – com sua aparência esquecida e consumida que mais e mais o distanciava do mundo dos “vencedores”, como ele mesmo me dizia, quando quis saber qual era minha profissão: “a senhora é vencedora, o seu marido também...” (Pesquisadora e Paulo [105]).*

Paulo, tomado pelo sentimento de “vergonha”(ERIKSON,1976), *“escondia o rosto atrás da barba enorme, dos cabelos imundos e compridos e, no mesmo lugar, deixando-se ficar, afundava-se no chão das calçadas que amparavam seu corpo bêbado e enfraquecido... Queria voltar mas, como? Se já começara a viver no tempo do morar na rua que se transforma em tempo do agora, com o amanhã que escapa e fica mais e mais distante, envolto na neblina do impossível. Já perdera, ou estava a perder, a esperança... Deixava-se morrer lentamente, ali, naquele canto que elegera como túmulo a céu aberto, pedaço de uma cidade que sentia - introjetando o papel de excluído e indigno que a sociedade lhe impingira – ser só para os “vencedores”... E ainda agradecia a Deus, e ainda dizia da beleza dos que considerava vencedores, rendendo-se à sua derrota, como se ela devesse ser e acontecer assim mesmo na lógica desse mundo absurdo em que caíra”* (Pesquisadora e Paulo [107]).

A situação de Priscila, “morando” em uma “casa caverna” (5., Cap. III), abrigo precário (Foto 58: “*Morando com ‘baratas’, na escuridão*”), ambiente absolutamente inadequado para um ser humano viver, ainda mais na situação em que ela se encontrava – com tuberculose em estado avançado – é revelada através de seu discurso e do relato de nosso encontro em seu “habitat”:

*“Priscila relatou, em seguida, detalhes de seu modo de vida – de moradora de casa caverna consumida pela tuberculose e pelo medo – com voz pausada e firme... O ar dentro da caverna – opressivo – denunciava-se inadequado àquela mulher esquelética, que entremeava sua fala com acessos de tosse e espasmos de sufocação”* (Pesquisadora [76]).

*“Então é assim, eu tô vivendo nessa vida... Não porque eu queira, entendeu? E tem mais de ano que eu tô assim, tem uns dez, doze anos que eu tô na rua, na rua mesmo! Assim, passa uns três mês num canto, quatro no outro, dois no outro, e vai indo! A gente monta as coisa, larga tudo pra trás, aí recomeça tudo de novo, entendeu? É assim, vivendo nessa vida assim... eu gostaria de arrumar um serviço, trabalhar, tudo, mais... Num tem um alimento direito, num tem uma roupa”* (Priscila [76]).

Em outro momento do seu discurso, revelando a fibra da resiliente que não abandona sua “vocação para a vida”, denunciando a falta de apoio institucional e ainda achando virtudes em sua “toca de baratas”, Priscila declara:

*“Então, a vida que a gente tá levando é essa. A Prefeitura fez um projeto pra gente na rua, que iam dar um barraco pra gente num sei aonde... aí fizeram inscrição: pegaram o meu nome... tudo... Mas isso aí já vai fazer um ano! Um ano! Entendeu?”*

*“É, eles iam dar o loteamento e os material e a mão de obra era da gente mesmo, da população, entendeu? Mas até agora!... É, mas é uma situação difícil! Às vezes a gente tá na rua, assim, e os outros vê a gente rindo e fala “esse aí tá com a vida boa!” Vida boa? Olha a situação! A situação é essa, essa é a realidade... que eu tô vivendo agora... Ainda que num tá ruim porque eu tava dormindo na calçada, com os papelão em volta... Tem um mês que nós tá aqui. Tem uns seis mês que eu tô com o Paraíba e nois dormia na calçada! (grifo nosso)” (Priscila [77]).*

Nesse dia de nosso encontro, antes de sairmos à procura de seu companheiro Paraíba, Priscila camuflou a entrada da “casa caverna” com alguns papelões e madeiras para que ninguém pudesse descobrir sua “toca”. Não bastando tais providências, invocou a proteção divina para o único abrigo que lhe sobrara na cidade que não a queria. Num gesto ritual de proteção, exclamou: *“Que Deus guarde! Que ninguém invada!”* (Vide foto nº 61: *“Camuflando a ‘casa caverna’”*).

#### **4.2. “Cidadania”, sociedade brasileira e os moradores de rua**

*“Preocupamo-nos com a violência que mata, mutila e rouba. E não com a violência psíquica, social, afetiva que nos rodeia e anula o presente, roubando qualquer esperança de futuro para milhões de criaturas” (DAMERGIAN, 2001:103).*

Afirmando ser a “cidadania” uma lei social que atinge a todos indistintamente e, ainda, que faz parte da mesma um conjunto de *“princípios gerais e abstratos que se impõe como um corpo de direitos concretos individualizados”* (SANTOS, 1998:7), Milton Santos, em outro momento de seu texto, argumenta que *“o simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos, apenas pelo fato de ingressar na sociedade humana. Viver, tornar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual um portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à*

*saúde, à proteção contra o frio, à chuva, às intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e a uma existência digna”* (SANTOS, 1998:7).

Refletindo a respeito dessas afirmações sobre “cidadania” e os sujeitos de observação – moradores de rua – focalizados neste trabalho, podemos identificá-los como não pertencentes aos “quadros de cidadania” da sociedade brasileira. Não lhes bastou “o simples nascer” no seio dessa sociedade para que “fossem investidos”, de fato, “de uma soma inalienável de direitos”. Aliás, o próprio “nascer” de Soviético, ou de Priscila – a “mulher da casa-caverna” – já foi em situação de desvantagem: desde o berço faltou-lhes o “próximo devotado” (1.5., Cap. II) que lhes oferecesse a base segura para um desenvolvimento psíquico saudável. Soviético revelou, em seu relato, a ausência de modelos familiares favoráveis, de modelos identificatórios saudáveis, construtivos (DAMERGIAN, 2001:114) na infância e adolescência, denunciou sua socialização no crime:

*“...meus irmãos... tudo ladrão, tudo assaltante! Está tudo preso! Bem dizer a família inteira! Família maldita... começou da mãe, terminou no pai, começou nos filhos... Só espero que os outros não vai nessa... os netos, minha filha...”* (Soviético [14]).

*“Aí ela (a mãe) foi fazer ‘michê’ numa quebrada aí, aconteceu um homicídio e ela foi presa. Meu pai era ladrão e eu comecei a ir pra rua... eu e meu irmão. Acho que eu tinha uns quatro, cinco ano... Aí eu fui pra rua. Aí eu comecei a roubar na feirinha, roubar ali... Aí eu fui conhecendo a malandragem como é que era”* (Soviético [14]).

Morando na rua, sem o suporte social, falta-lhes o essencial para uma *existência digna*. Claramente podemos perceber que, se existem cidadãos brasileiros investidos das prerrogativas sociais apontadas por Milton Santos, outros brasileiros há – e aqui não nos aventuramos em denominá-los como “cidadãos” – que estão à margem dessa herança a que teriam direito.

Roberto DA MATTA (1997:65), focalizando inicialmente o conceito de cidadania como aquele que *“implica, de um lado, a idéia fundamental de indivíduo e, de outro, regras universais (um sistema de leis que vale para todos em todo e qualquer espaço social)”* aborda a questão de como essa noção *“é percebida e vivida em sociedade onde a relação (grifo dele) desempenha um papel crítico na concepção e dinâmica da vida social”*, como é o caso da sociedade brasileira. Segundo ele, o papel social de “cidadão indivíduo” expressa-se em “termos de universalidade”, isto é, tal papel *“deve operar em um meio social homogêneo que possa garantir o seu reconhecimento em todos os confins da sociedade. Nada deve se interpor entre ele e a sociedade (ou “nação”) como um todo”*. Afirma,

completando – aproximando-se neste ponto do pensamento de Milton Santos – que “... o papel exige que generalizemos e que falemos daquelas coisas que todos devem e podem ter. O papel social de indivíduo (e de cidadão) é uma identidade social e de caráter nivelador e igualitário” (DA MATTA, 1997:69). No entanto, essa idéia de cidadania, do ponto de vista da prática social, revela-se como prática desigual, plena de contra-sensos, como no caso da sociedade brasileira, em que “a noção de cidadania sofre uma espécie de desvio, seja para baixo, seja para cima, que a impede de assumir integralmente seu significado político universalista e nivelador” (DA MATTA, 1997:75).

“Éticas diversas” perpassariam os processos no mundo social brasileiro, em que as “redes de relações” atuariam como instrumentos expressivos e valorizados. Haveria, portanto, em nossa sociedade uma certa “*cidadania universalista*” inspirada em sua ação a partir do que Da Matta denomina de “*papeis modernos que se ligam à operação de uma burocracia e de um mercado*” como, também, “*outras formas de filiação à sociedade brasileira – outras formas de cidadania – que se constroem de espaços tipicamente relacionais, dados a partir do espaço da “casa”*” (segundo o sentido do universo privado da família, dos compadres, parentes e amigos). *Em outros termos, há uma nação brasileira que opera fundada nos seus cidadãos, e uma sociedade brasileira que funciona fundada nas mediações tradicionais*” (DA MATTA, 1997:86)

Alguns setores desse segmento social relaciona-se de maneira excludente e arbitrária com os moradores de rua, com atitudes eivadas de preconceitos herdados daquilo que Da Matta chama de “gramática social brasileira” entre a “casa”<sup>108</sup> – espaço que traduz o mundo *como um ponto de preferências, laços de simpatia, lealdades pessoais, complementaridades, compensações e bondades* (DA MATTA, 1997:49) – e o “espaço da rua” – visto historicamente pela nossa gente como “*algo movimentado, propício a desgraças e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas com indigentes e tomadas pelo que não são*” (DA MATTA, 1997:58).

---

<sup>108</sup> CALDEIRA (2000:139) argumenta que DA MATTA (1997) tende a desconsiderar a violência que é historicamente constitutiva do universo doméstico brasileiro – como o espancamento de crianças e de mulheres – quando ele desenvolve essa noção de casa como “universo marcado pela proteção”. No entanto, estamos entendendo a proposta desse autor não como “desconsideração” à violência doméstica e, sim, *colocando em relevo* a herança das relações coloniais históricas, em que à mulher e crianças reservava-se os espaços mais internos da “casa” – protegidos – longe do estranho potencialmente “perigoso” (é claro que a violência doméstica, acobertada nesse espaço privado, não tinha a mesma conotação de “perigo” advindo do “espaço público”). Esse era o espaço do “favorecimento”, do compadrio, dos “favores pessoais”. Essa lógica ainda perpassaria os processos sociais brasileiros atuais. Portanto, enquanto CALDEIRA (2000) se distancia da posição de DA MATTA (1997) sobre a lógica de oposição entre os universos da casa e rua, nós, neste trabalho, nos mantemos alinhados com algumas posições deste último autor, que consideramos pertinentes para a análise do fenômeno.

As descrições da rua como “espaço perigoso” povoam nossa tradição de crenças, em que *“se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa idéia de “amor”, “carinho” e “calor humano”, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao “governo” ou ao “povo” e que está repleta de fluidez e movimento. A rua é um lugar perigoso”* (DA MATTA, 1997:57).

“Cair na rua”, desgraça das desgraças anuncia-se nas expressões relacionais que denotam os dramáticos elos da “casa” com a “rua”: *“Vá para a rua!” ou “Vá para o olho da rua!”*. Segundo DaMatta estas expressões *“denotam o rompimento violento de um grupo social, com o conseqüente isolamento do indivíduo, agora situando-se diante do mundo do “olho da rua”, isto é, de um ponto de vista totalmente impessoal e desumano”* (DA MATTA, 1997:53). Atualmente temos o agravamento da percepção da rua como o “espaço do perigo” e da violência, com a exacerbação da “suspeita” recíproca entre seus habitantes – que acreditam que do transeunte que passa ao lado poderá vir o assalto, ou o seqüestro, ou a arma que fere – até à instalação de “rituais de identificação e humilhação(CALDEIRA, 2000:319)<sup>109</sup>” nas ruas da cidade fortificada e vigiada por exércitos particulares, oficiais ou inclusive por meios eletrônicos. Cunhando a expressão *cidade de muros* que dá título à sua obra, CALDEIRA (2000) observa que:

*“... pessoas de classe média e alta sabem usar seus sinais de classe (incluindo arrogância e desrespeito) para evitar questionamentos e passar rapidamente pelos vigilantes, que respondem com reverência em vez do desdém que reservam para as pessoas mais pobres. Em suma, em uma cidade em que os sistemas de identificação e as estratégias de segurança estão se espalhando por toda parte, a experiência da vida urbana é de diferenças sociais, separações, exclusões e lembretes das restrições no uso do espaço público. Trata-se, de fato, de uma cidade de muros (grifo nosso) – o oposto do espaço público aberto do ideal moderno de vida moderna”* (CALDEIRA, 2000:320).

Essa impessoalidade, desumanidade e rituais de identificação e humilhação sistemática observamos acontecendo constantemente com os sujeitos de observação deste trabalho.

---

<sup>109</sup> “Assim, para muitas pessoas o dia-a-dia na cidade está se transformando numa negociação constante de barreiras e suspeitas, e é marcado por uma sucessão de pequenos rituais de identificação e humilhação” (CALDEIRA, 2000:319).

#### 4.2.1. Prática de arbitrariedade e ritual de humilhação

Os contatos dos moradores de rua com a polícia, em muitas circunstâncias, os tornavam vítimas de violência e arbitrariedades por parte de alguns policiais. A respeito desse tipo de ação, CALDEIRA (2000:139) aponta que *“a polícia brasileira tem usado a violência como seu padrão regular e cotidiano de controle da população, não como uma exceção, e freqüentemente o tem feito sob a proteção da lei”*. A autora, concordando, e nesse ponto, com Da Matta a respeito da existência da *“lógica da casa”*, do jogo de influências no espírito do compadrio nas relações com esse sistema policial, também argumenta que *“certamente é verdade que as elites têm sabido usar seus contatos e seu status para evitar maus-tratos policiais”* mas, continua ela: *“para as classes trabalhadoras, o tratamento violento tem sido norma. Além disso, para essas classes, o código de desigualdade pode não ser escrito, mas é explícito. (Às vezes também é escrito: a legislação brasileira garante tratamento preferencial pela polícia e pelo sistema carcerário para qualquer “doutor”, ou seja, uma pessoa com grau universitário) (CALDEIRA, 2000:139).”*

O episódio acontecido com Paraíba, companheiro de Priscila que estava em regime de liberdade condicional – saíra da prisão recentemente – e deveria submeter-se às recomendações do Sistema Judiciário que o aprisionara, revela essa *“experiência da vida urbana que é de diferenças sociais, separações, exclusões”*. O modo de vida em que fora lançado – morando nas ruas, mais especificamente dentro de um *“buraco”* na rua, sem condições de arranjar um *“trabalho regular”* – cada vez o oprimia mais, encaminhando-o à própria destruição. A relação com a polícia<sup>110</sup> – em que era vítima de ações arbitrárias e violentas por parte de policiais inescrupulosos<sup>111</sup> – era para ele motivo de sofrimentos e revolta, o que está explicitado no relato sobre nosso encontro no seu *“espaço de trabalho”* – onde *“guardava carros”* – em praça no centro da cidade de São Paulo (Vide: *“O ofício de guardador de carros”*, foto 62, Cap. III):

<sup>110</sup> CALDEIRA (2000:143) destaca que *“há uma tendência da literatura brasileira de falar sobre a polícia em geral, sem se especificar qual a força que está sendo analisada”*, se a polícia civil ou militar. Neste trabalho estamos adotando a designação genérica *“a polícia”*.

<sup>111</sup> Caldeira coloca ainda que *“as práticas de violência e arbitrariedade, o tratamento desigual para pessoas de grupos sociais diferentes, o desrespeito aos direitos e a impunidade daqueles responsáveis por essas práticas são constitutivos da polícia brasileira, em graus variados, desde sua criação no começo do século XIX até os dias atuais”* (CALDEIRA, 2000:142).

*“Informou-nos Paraíba, que o outro motivo pelo qual não poderia visitar Priscila (que fora internada em Hospital de Campos do Jordão) era a sua apresentação na polícia, por causa da “Condicional. Pegando uma pequena caderneta da pochete, abriu-a e começou a ler uma data que lá estava escrita. Mostrando-me o local vazio onde deveria estar uma fotografia sua colada, disse-me que precisava ganhar dinheiro para poder tirá-la. A foto teria que estar ali quando fosse apresentar-se. Pedi-lhe para vê-la – a caderneta – e ele, prontamente, colocou-a em minhas mãos. Pedindo-lhe licença para abri-la – com o que ele concordou – olhei as datas, rapidamente. Ele deveria apresentar-se até o ano 2001. Sairia em liberdade condicional em dezembro de 1999. Abri, também, uma folha de papel sulfite que estava grampeada à caderneta. Havia um texto assinado, possivelmente, por alguma autoridade judiciária que não precisei qual era pois, dada a urgência do olhar, optara por conhecer o conteúdo do que ali estava.*

*Tinha pressa na leitura: não queria invadir a intimidade do companheiro de Priscila mais do que já o fazia, naquele momento. Rapidamente, percorria os olhos pelas ‘ordens’ ou direcionamentos, proibições e normas, custando a acreditar que ele pudesse cumpri-las. A que mais me ressaltou aos olhos foi que ele deveria recolher-se à ‘tal’ hora à ‘sua casa’: não poderia ficar perambulando pela rua.*

*Que casa?... perguntei-me. Lembrei-me do ‘buraco caverna’ onde ele vivia, cheio de baratas, mais negro que a própria noite... Recolher-se ‘cedo’ àquele buraco? Impossível!... pensei... Ante a pergunta que a professora Silvia lhe fez a respeito de quem era o “Alemão” que implicava com ele, mencionado na carta que Priscila lhe escrevera (a carta viera aberta, no mesmo envelope, e Dona Silvia contou-lhe que também a havia lido), Paraíba respondeu:*

*- “É um polícia, aí!... Eu tava aqui na calçada, um dia, quando eu vi luzes (viatura policial encarregada da ronda no local) brilhando atrás de mim: era o Alemão (policial) chegando... Deram uma geral em mim, apertaram meus “grão” até eu ficar tonto de dor. Eu fiquei mais de semana inchado, inflamado... E me falaram que eu não podia guardar carro. Mas eu sou boca dura mesmo e disse: “Me mostra o código penal onde está escrito isso que eu não posso guardar carro!” e eles não mostraram!... Quando eu tô aqui, que eles aparece, eles só faz assim pra mim (ele esticou o braço esquerdo, apontando com o indicador num gesto característico de ordem de retirada dali, como dizendo, no gesto mudo: “Fora!”) e eu saio quietinho, obedecendo eles. Eu vou embora...” (nesse momento lembrei-me das recomendações ou ordens da ‘caderneta da Condicional’, que ele deveria ‘trabalhar’...)” (Relato da Pesquisadora [95]).*

Algun tempo depois, Paraíba, *em tragédia anunciada* [101] em sua vida marginal, acabou voltando à prisão por ter matado um outro morador de rua, durante uma briga pelo “ponto de guardar carro” da praça (5.11, Cap. III).

#### 4.2.2. Na contramão da arbitrariedade:

- *“Era um polícia de ‘bom coração’...”*

Contrariando o tom genérico dos autores citados na seção anterior e nesta tese, a respeito das *arbitrariedades* cometidas pela *polícia brasileira*, observamos que os moradores de rua focalizados neste trabalho muitas vezes eram socorridos por policiais que se mostravam sensibilizados com suas “tragédias”, socorrendo-os nas circunstâncias adversas, a despeito, às vezes, das opiniões contrárias dos próprios companheiros “de farda”. O relato de Soviético, a respeito do acontecido com “Cara Queimada” – seu companheiro de maloca – e do encontro deles com a “polícia”, revela aspectos das “práticas de arbitrariedade e tratamento desigual” para com os moradores de rua mas, também, que não podemos generalizar a afirmação a respeito dessas práticas, colocando no mesmo nível *todos* os componentes das corporações policiais de São Paulo:

*“Em uma noite de sexta-feira de janeiro de 2002, Cara Queimada, alcoolizado, brigou com um morador da maloca e quebrou uma garrafa em sua cabeça. Revidando, o agredido desferiu uma facada em sua barriga e fugiu. Estirado no chão e, “com a banha de fora e sangue correndo”<sup>112</sup>...”, Cara Queimada foi socorrido por Soviético, que pediu ajuda aos policiais de uma viatura que por ali passava. Um dos policiais recusou-se a atendê-los; no entanto, seu colega pediu-lhe que fossem levar os dois moradores de rua até ao Pronto Socorro próximo. Deixados à porta de um hospital da rede pública de saúde, Soviético lá entrou carregando o amigo ferido nos braços. Após três dias de internação, o morador de rua voltou para a maloca, com ‘dezenove pontos’ na barriga. A intervenção do policial, a autora tornado repentinamente em “benfeitor”, não passou despercebida de Soviético que comentou, ao descrever o episódio: “Era um polícia de ‘bom coração’...” (Relato da Pesquisadora, Cap. III, [37<sup>a</sup>])*

---

<sup>112</sup> Segundo relato de Soviético.

Voltemos à maloca de Soviético – ponto de encontro de nossas reflexões com o fenômeno – “espaço-sistema” que, apesar das tragédias pessoais e coletivas, mantém-se constantemente aberto aos aportes do social-entorno com o qual interage. Descartados, foram expulsos para a lógica da rua, porém, não *estão mortos*... No espaço do impessoal, no fluxo da rua – na praça – desenvolveram e alimentaram a *casa interna*, à espera das condições propícias oferecidas pelo entorno para realizá-la no concreto. O “olho da rua”, impiedoso, espreita-os negando-os... No entanto, construindo *muralhas psíquicas*, os moradores de rua aninham-se no sonho – o lugar de todas as possibilidades – que lhes permitem (*sobre*)viver. Ou sub-viver...

No espaço consubstanciado em “casa e rua” – não mais diferenciado em público e privado (DA MATTA, 1997), mas processo simultâneo e angustiante – com lucidez, o morador de rua falou sobre *dignidade*. E essa dignidade estava associada também a essa insistente “casa interna” que Soviético teimava em recriar, acolhedora, não só para si mesmo como o *lugar* (TUAN, 1983)<sup>113</sup> do “sossego” como, inclusive, abrindo-se para o outro que chegasse em visita:

- “*Eu acho que dignidade é você chegar num lugar, tomar um banho sossegado, sentar numa cadeira... assistir uma bela de uma televisão, saber o que está acontecendo no mundo em geral... Quando todo mundo chegar: “Ôpa, faz favor, toma um cafezinho!...”* (Soviético [17])

Voltando repentinamente à realidade de sua vida – nitidamente ‘indigna’, segundo seu conceito – continuou:

- “*As vezes a gente fica na maloca, e as vezes eu não quero beber e fico assim: “Putá! Vida careta! Ficá aqui é embaçado!” Às vez as mulher passa e fala: “Puxa! Aqueles cara todo forte, bonito, saudável!... Tudo maloqueiro!...”* *Ái eu abaixo a cabeça e até cubro a cabeça... e falo: “Que nada!... qué sabê de uma coisa? Eu vou encher a cara!”* *Ái eu encho a cara e fico normal, tranqüilo, sossegado... Só que eu não mexo com ninguém, também não roubo ninguém... Se for pra roubar eu roubo de quem tem. Quem não tem eu não quero nada disso! Sofri pra caramba!... E eu acho que dignidade é o homem tê uma casa, um ambiente... tê seu trabalho... tê sua ocupação, sua família... Isso é uma coisa mais feliz que tem no mundo. Mas do jeito que a gente vive, tá embaçado!...”* (Soviético [17<sup>A</sup>])

<sup>113</sup> “*Lugar*” : Segundo RABINOVICH (1996:100), Tuan (1983) concebe *lugar* como um centro de calor, de valor, de ser, em oposição a *espaço*, definido pelo mesmo autor como o sentido de espaçamento, de “espaciosidade” ou liberdade. Rabinovich, por sua vez, observa que *espaço* corresponde às categorias de experimentação/independência e *lugar* corresponde às de apego/dependência em psicologia do desenvolvimento.

O sentimento manifestado por Soviético em relação à sua situação de morador de rua – a *vergonha* – é explicitado por ERIKSON (1976:232) como condição característica dos adultos, inclusive os aparentemente maduros e não neuróticos, que se mostram muito sensíveis à possibilidade de um vergonhoso descrédito. Segundo ele, a “vergonha se manifesta logo por um impulso de esconder o rosto ou de, no mesmo instante e lugar, afundar no chão”. Para Soviético não basta “*abaixar a cabeça, cobrir a cabeça*”... A consciência de sua tragédia grita forte e ele – envergonhado – tem de calá-la com a pinga ou qualquer outra droga que tenha à mão: “*Aí eu encho a cara e fico normal, tranqüilo, sossegado...*” Ele está sendo vítima de um tipo de violência caracterizada por MINAYO (1997) como “insidiosa, sistêmica, *naturalizada*, instalada em nosso meio social, onde há uma incorporação dos processos de exclusão, banalização dos arbítrios, maus tratos, corrupção”. Segundo a mesma autora, há “*dificuldade de grande parte das camadas populares de reconhecerem os direitos humanos como sendo seus próprios direitos. Essa dificuldade, associada com a cultura arraigada de aceitação das práticas ilegais dos agentes do Estado contra grupos socialmente considerados marginais, tem como consequência o embotamento dos mecanismos de autocontrole moral e a incorporação do processo de exclusão. Ou seja, aceita-se que pessoas e grupos fiquem fora dos princípios de justiça e possam ser maltratados, humilhados, torturados ou mortos, sem que isso provoque indignação social. A não universalização das leis gera um círculo vicioso e perverso no país, segundo o qual a não violência só é defendida pelos que têm seus direitos sociais e econômicos garantidos*” (MINAYO, 1997:247).

#### 4.3. *A moradora da casa caverna: excluída?*

##### - *Recontextualização do conceito de exclusão*

*“Tratavam-se os pobres, em 1769, e nos três anos seguintes, com uma atrocidade, uma barbárie, que se tornarão mácula indelével em um século que chamamos de humano e esclarecido. (...) Eles morriam quase todos nos depósitos, espécies de prisões onde a indigência era punida como crime” (“Les rues de Paris au XVIII siècle – le regard de Louis Sébastien Mercier”- Paris-Musées) (BOURGUINAT, 1999)*

Abordando a questão da exclusão social PAUGAM (1996) refere-se às controvérsias em torno de definições da noção “exclusão”. O autor reflete que – segundo os autores apresentados em “*L’exclusion: l’état des savoirs*” (PAUGAM, 1996) – “essa noção, sendo relativa, varia segundo as épocas e os lugares” e que, considerada implicitamente nessa obra como um “conceito horizonte”, suscita reflexão e contribui à estruturação de numerosas pesquisas, correspondendo a um certo “ambiente virtual” que permite dizer um

certo número de coisas e em torno do qual se organiza uma parte do saber das Ciências Sociais.

Martine XIBERRAS (2000:215) reflete que a questão da *“exclusão nos impele à articulação de diferentes abordagens no seio das Ciências Humanas, assim como às diferentes disciplinas”*. Ressalta uma *releitura* da História se impondo em nosso fim de século, com uma literatura abundante abordando os valores e imagens fundadoras que estruturaram nossas representações coletivas. Evocando Edgar Morin ela afirma que *“tudo se passa como se a hora dos balanços soaram e os olhares e as retrospectivas históricas se multiplicam para refundar as grandes epopéias, desconstruir para reconstruir de outro modo a mitologia da modernidade”*. Afirma, apoiando-se em Anne Sauvageot (1994)<sup>114</sup>, que a *“grande narrativa da história de nossa maneira de “ver” o mundo, revela os esquemas e as imagens primordiais incorporadas na forma de nosso “saber”, assim como suas inflexões ao longo do tempo”* (XIBERRAS, 2000:214).

É a partir da História<sup>115</sup>, a partir da análise de vasto material histórico entre os séculos XIV ao XVIII que CASTEL (1996, 2000) analisa o perfil sociológico dos *vagabundos*, preocupado com a questão do que ele considera como uso inconsiderado dos termos *“exclusão”, “marginalidade”, “integração”* (CASTEL, 1996:37). Partindo da idéia de que *“uma formação social é feita da interconexão de posições mais ou menos seguras”*, ele chega a definir como *“integrados”* os *“indivíduos e os grupos inscritos nas redes produtoras da riqueza e do reconhecimento social”* e *“excluídos” seriam aqueles que “não participariam de maneira nenhuma dessas trocas”* (CASTEL, 1996:32). Preocupa-se em caracterizar a marginalidade, que ele reconhece como difícil a ser circunscrita, perguntando-se: *“A margem é fronteira; mas quais são as fronteiras de grupos com identidade incerta, colocados nas bordas do corpo social sem pertencer a ele plenamente, mas sem estar completamente separados dele, porque circulam nos seus interstícios?”* Concluindo, afirma que *“caracterizar a marginalidade é situá-la no seio desse espaço social, afastada do íntimo dos valores dominantes, mas no entanto ligada a eles porque o marginal porta o sinal invertido da norma que ele não cumpre. Ele sinaliza um “desvio” (“écart”)*<sup>116</sup> (CASTEL, 1996:32).

<sup>114</sup> Sauvageot A. *Voirs e savoirs, Esquisse d’une sociologie du regard*, PUF, Paris, 1994.

<sup>115</sup> GOUBERT (2000:1), afirmando que *“a História é sempre uma passagem de uma fronteira”, completa “que a recíproca é verdadeira, ou seja, a passagem de uma fronteira é sempre a história. Seja uma história de vida, uma história vivida, uma história contada: sem história, não há história, não há Vida igualmente, apenas fronteiras...”* Ressalta que, *“de maneira erudita, a História retrança um passado, ela é uma pesquisa, investigação tanto individual quanto coletiva, em suma, tentativa de desvelamento da verdade”*.

<sup>116</sup> A palavra francesa *“écart”* chamou-nos a atenção. Vários sentidos poderiam ser-lhe atribuídos, como, entre outros, os seguintes: *“salto para o lado”*, ao referir-se a um animal – o cavalo – por

Os sujeitos de observação de nosso trabalho – os moradores de rua – que “jogam” nas margens do corpo social brasileiro sem a ele pertencer efetivamente, tornaram-se desviantes do “jogo produtor-usufrutuário da riqueza e do reconhecimento social, portando as marcas desse desvio nos seus próprios corpos nômades” (MAGNI, 1995) marcados pelas violências exibidas nas feridas, cicatrizes e sujeiras recolhidas no modo de viver nas ruas. E esse corpo-história, presentificado nas ruas brasileiras, nas marcas que exhibe, fala da tragédia de sua história pessoal, denuncia a história das instituições do seu país que o relegam ao “descarte” de um jogo que, certamente, ele joga em desvantagem ou ao qual não pediu para jogar:

*“Hoje, para entender a especificidade da situação atual, poderíamos partir de uma proposição que a análise (histórica) precedentemente esboçada parece atestar: a reestruturação de uma sociedade no sentido da modernização acarreta uma marginalização de certos grupos sociais.”* (CASTEL, 1996:39)

*“... não são os desempregados... que escolheram as reestruturações industriais e as regras da competição internacional – do mesmo modo que não são os pequenos vassalos ingleses do século XVI que escolheram o sistema das “enclosures” que fez de muitos d’entre eles vagabundos estigmatizados.”* (CASTEL, 1996:40)

CASTEL (2000), através de reconstituição histórico-analítica, argumenta a respeito da necessidade de “*um mínimo de rigor*” no uso do conceito “exclusão” e preocupa-se com – explicitando – a existência de duas lógicas heterogêneas que poderiam estar sendo confundidas com o uso incontrolado do termo: uma, a da exclusão propriamente dita, que procede de discriminações oficiais. A outra consistiria em processos de desestabilização, como a degradação das condições de trabalho ou a fragilização dos suportes de sociabilidade. Recomenda a necessidade de – para se reconhecer a exclusão – levar-se em conta os procedimentos ritualizados que a sancionam. Esclarece que “na maior parte dos casos, ‘o excluído’ é de fato um *desafiliado*<sup>117</sup> cuja trajetória é feita de uma série de rupturas em relação a estados de equilíbrio anteriores mais ou menos estáveis, ou instáveis.

---

exemplo; “*afastamento*”, “*desvio*”, tratando-se de “*caminho*”; como, também, “*descarte*”, em se tratando de “*jogo*” de cartas, “onde se pode descartar as cartas que não convém mais e receber outras” (“ROBERT quotidien. Paris:Dictionnaires LE ROBERT”, 1996; “LAROUSSE dictionnaire français-portugais. Canadá:Larousse”, 1957).

<sup>117</sup> Sarah ESCOREL (1999:52) propõe que o termo utilizado por Robert Castel – que vem sendo traduzido por “desafiliação” – seja traduzido por “desvinculação”. Estamos, neste trabalho, mantendo “desafiliação”.

Referindo-se às acepções recentes do termo “marginal”– pós 1968 – quando apareceu seguindo-se aos interesses então manifestados pelas atitudes em ruptura com relação ao “sistema”, como se dizia na época, o autor resgata, também, a perspectiva histórica do termo, quando este remete às populações cujo modo de vida era marcado pela vagabundagem, mendicância, criminalidade e os “ofícios infames”: zonas de turbulência que ocupariam o espaço europeu, em sociedades que eram organizadas segundo os princípios da lei, da ordem, da religião, que ofereciam bem poucas ou nenhuma chance às diferenças, à *mobilidade*:

*“O trabalho fixa o vassalo a sua terra, o artesão ao seu atelier ou então permite formas de mobilidade legítimas, ou que lhes são conseqüentes, como as do mercador. Mas, aquele que não está fixado à sua tarefa geralmente circula, se desloca, erra à procura de uma oportunidade, curtindo sua sorte ou má sorte. Ele se encontra morando em todo lado, isto é, lugar nenhum, e essa caracterização é suficiente para fazê-los condenados.”* (Le Goff, 1956<sup>118</sup>. Citado em: CASTEL, 1996:34)

Em sua abordagem sobre “*O trabalho, o emprego e as transformações de suas funções sociais*”, retomando a questão da “*mobilidade*, CASTEL (2001)<sup>119</sup> desenvolve a hipótese de que a independência do indivíduo deve ser suportada pelos recursos objetivos que tem variado historicamente e traça o perfil dessas sociedades em que estar desvinculado de um trabalho estável e localizado constituía-se em desvio social.

CASTEL (2000:37), quando argumenta a respeito da necessidade de maior rigor no uso do termo “exclusão”, escreve: “*Se podemos, hoje, duvidar se estamos numa sociedade de exclusão, é incontestável que existiram sociedades de exclusão*”. Cita como exemplo as sociedades dos “intocáveis”, as escravagistas – em que “parte laboriosa” de sua população é mantida numa posição de alteridade total, de ausência completa de direitos e de reconhecimento social. Refletimos que esse argumento – “*mantida em posição de alteridade total, ausência completa de direitos e de reconhecimento social*” – já justificaria que classificássemos a moradora da casa caverna e seus companheiros de rua como “excluídos”.

No entanto, o autor quer mais rigor para o uso do termo como, por exemplo, quando cita, ao comentar as diversas modalidades da exclusão: “*Ela impõe uma “condição específica”(grifo dele) que repousa sobre regras, mobiliza aparelhos especializados e se completa por meio de rituais*”(CASTEL, 2000:40). Ou, então, em outro texto: “*A exclusão não é a marginalização, se bem que a ela possa conduzir. Para dar um mínimo de rigor a*

<sup>118</sup> Le Goff J. *Marchands et banquiers au Moyen Age*. Paris:PUF;1956.

<sup>119</sup> Curso proferido na “l’École des Hautes Études en Sciences Sociales”, Paris. 2001.

*esse termo é necessário tomar em conta os procedimentos ritualizados que sancionam a exclusão. Eles são muito diversos mas enviam a um julgamento pronunciado por uma instância oficial, apoiando-se sobre regulamentos e mobilizando os corpos constituídos (grifo nosso)” (CASTEL,1996:35). Cita, em seguida, os exemplos esclarecedores de sua afirmação: Espanha e Santa Inquisição, expulsando judeus em 1492, mouriscos em 1609. Relata, ainda, que em toda Europa da época “as condenações cruéis fulminam uma multidão de comportamentos qualificados de heréticos, criminais, desviantes: a heterodoxia religiosa acarreta condenações de heréticos e fogueiras de bruxas; a criminalidade de direito comum é freqüentemente punida com a pena de morte...” (CASTEL, 1996:36)*

E completa, citando Foucault<sup>120</sup> (1961,1975; Citado em: CASTEL, 1996): *“A exclusão tomou assim formas bastante diversas, erradicação total pela execução da morte, ou expulsão da comunidade, encerramento dentro de espaços fechados, atribuição de marcas e de um estatuto especial que priva do direito de exercer certas funções. Ela pode ser provisória ou definitiva como no caso do banimento ou de envio às galeras, por um tempo ou perpetuamente, mas ela supõe sempre um ato de separação que se apoia sobre regulamentos e se executa através de rituais.” “... É necessário recordar-se hoje onde fez-se um uso inconsiderado da noção.” (CASTEL, 1996:36)*

Face a essas colocações, como ficariam os sujeitos de observação que estamos estudando, ou seja, “a mulher da casa caverna”, por exemplo? Seria ela – por esses critérios de Castel – considerada em situação de exclusão?

Chegamos à conclusão que, se fôssemos observar os referidos arrazoados de Castel, ela não seria uma excluída pois “nenhuma instância oficial” a submetera a um julgamento; não havia “regulamentos” nos quais apoiar-se para julgá-la e os “corpos constituídos mobilizados para esse julgamento” também eram ignorados. E qual o seu crime? Sua heresia? A “impureza” de sua “raça”?

No entanto, as diversas penalidades impostas aos – assim denominados por Castel – “excluídos” (no uso “rigoroso” do termo) lá estavam, afligindo a “mulher da casa caverna”: *a tentativa de erradicação total pela execução de sua morte social, psíquica e física* (ela, porém – teimosa! – continuava a viver!); *expulsão da comunidade* (ela não tinha onde trabalhar – farrapo humano sem endereço – restando-lhe mendigar ou “guardar carro”); *encerramento dentro de espaços fechados* (fora relegada aos *subterrâneos* da cidade, subterrâneos físico e psicossocial: sobrara-lhe uma “toca” que disputava com as baratas, ratos e o terror na escuridão; fora encerrada dentro do “espaço do esquecimento

<sup>120</sup> Foucault M. *Folie et déraison*. Paris: Plon;1961;

Foucault M. *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard; 1975.

sistemático"...); *atribuição de marcas* (o corpo nômade, marcado pela violência da vida nas ruas, pela tuberculose, pelo álcool); e a *atribuição de um "estatuto especial" que priva do direito de exercer certas funções* (ela "tombara" no sorvedouro do mundo das ruas que marcara seu corpo e sua alma – perante os segmentos sociais detentores da cidadania – com a representação trágica e secular: *vagabunda! moradora de rua!*)

Observamos que Castel colocava, também, o fator *tempo* como característica da situação de exclusão: "*pode ser provisória ou definitiva, como no caso do banimento ou envio às galeras*": Qual seria o tempo que ela, Priscila, ficaria nessa situação? Uma teimosa esperança instalada em sua alma a fazia esperar... esperar... Enquanto isso, brigava ou fugia das baratas, dos bêbados, da vergonha, dos loucos, dos assassinos, da morte e do crime.

Concluimos que ela estava, na verdade, em situação *pior* do que aquelas de "exclusão de fato", relatadas por Castel: não tivera o benefício de ser levada publicamente a um julgamento, não havia uma sentença clara proferida por um juiz, os julgadores não tinham cara, não conhecia os regulamentos, não sabia se cometera algum crime, nem porque estava naquela situação... Fora *esquecida!* Fora simplesmente "*deletada*" por uma sociedade da qual – ilusoriamente – acreditava ainda fazer parte...

A sociedade humana atual conseguiu forjar o *inimaginável*: uma forma de "descarte" de seus próprios semelhantes no jogo do viver: criaturas humanas tornadas descartáveis, que não "cabem" mais nas jogadas cruéis de um jogo que vai se tornando cada vez mais seletivo no sistema político-econômico-psicossocial. São simplesmente – e usando novamente uma linguagem de computador, tão em moda nos dias atuais – "*deletadas*", deixam de existir...

SCOREL (1999), argumentando sobre a existência humana e os processos de exclusão social, reflete que "*a existência humana na indigência, restrita ao atendimento das mais poderosas necessidades do processo vital, é obscurecida e desumanizada. Esse obscurecimento da existência significa que não se participa da esfera pública, vive-se nas sombras, sem se deixar vestígios da passagem pelo mundo*<sup>121</sup>. *Procede-se uma desumanização, o que significa que há uma retirada do caráter de ser humano nas interações sociais que envolvem indivíduos pobres, relegados à condição de "animal laborans"* (SCOREL, 1999:80).

<sup>121</sup> A esse respeito, SCOREL (1999:80) cita Hannah Arendt (1990): "A humanidade não toma conhecimento dele, e ele vagueia e perambula, despercebido. Em meio a uma multidão, na igreja, no mercado(...) ele está tão na obscuridade como se estivesse num sótão ou num porão. Ele não é desaprovado, nem censurado, nem acusado; ele simplesmente não é notado(...). Ser totalmente ignorado e ter consciência disso é algo intolerável. Discurso de John Adams referido por Arendt (1990)" (Arendt H. *Da Revolução*. São Paulo: Ática; Brasília: UnB, 1990).

#### 4.4. *O crime como processo de inclusão marginal*

Castel aponta para o fato de que, em nossa sociedade há os *in* e os *out*, mas eles “*não estão em universos separados*”. E continua, afirmando, que “*não se pode falar numa sociedade fora do social* (grifo nosso)” (CASTEL, 2000:25). Observando o processo de vida dos moradores de rua focalizados neste trabalho – os “*out*”, certamente – fica difícil pensar que não estejam em *universos separados*, fora de um dado contexto social. E estamos tomando por social aquela sociedade no seio da qual “*o simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos...*” (SANTOS, 1998:7). A esse respeito, portanto, alinhamo-nos com o pensamento de José de Souza MARTINS (1997:20) quando afirma que as políticas econômicas atuais do Brasil, ao seguirem o modelo neoliberal, *implicam a proposital inclusão precária, instável e marginal*. O processo de exclusão cria uma *sociedade paralela que é includente do ponto de vista econômico e excludente do ponto de vista social, moral e até político* (MARTINS, 1997:34).

A sociedade brasileira está, portanto, segundo Martins, se transformando “*numa sociedade dupla, duas “humanidades” na mesma sociedade. De um lado, uma humanidade constituída de integrados (ricos e pobres). Todos, inseridos de algum modo, decente ou não, no circuito reprodutivo das atividades econômicas: todos têm o que vender e o que comprar. Essa é a nova desigualdade. Além disso têm direitos reconhecidos, têm um lugar assegurado no sistema de relações econômicas, sociais e políticas. Mas está crescendo brutalmente no Brasil uma outra sociedade que é uma sub-humanidade: incorporada através do trabalho precário, no trambique, no pequeno comércio, no setor de serviços mal pagos ou, até mesmo, escusos* (grifos nossos)...” E podemos pensar quanto a este último item – “*escusos*” – a questão de uma “*incorporação*” – ou “*inclusão marginal*” – dessa “*sub-sociedade*” na “*sociedade*” através do crime como o tráfico de drogas, assaltos, que “*rendem*” proventos à essa “*sub-humanidade*”<sup>122</sup> a qual, segundo o autor: “*são tratados como cidadãos de segunda categoria e sabem disso...*” (MARTINS, 1997:35-36).

SCOREL (1999) – que analisa a exclusão social como processo – abordando a questão das “*trajetórias de vulnerabilidade dos vínculos com o mundo do trabalho*” afirma que, sob esse aspecto, a caracterização principal do fenômeno da exclusão “*consiste em que contingentes populacionais cada vez maiores são economicamente desnecessários e*

<sup>122</sup> Estamos, segundo José de Souza Martins, “*diante de uma nova desigualdade em que essas novas categorias sociais geradas pela exclusão degradam o ser humano, retiram-lhe o que é historicamente próprio – a preeminência da construção do gênero humano, do homem livre num reino de justiça e igualdade...*” (MARTINS, 1997:25).

*supérfluos conformando, além do denominado desemprego estrutural uma situação em que não há, sequer como potencialidade, postos de trabalho que poderiam ser ocupados no processo de produção de bens e serviços. Não há espaço na vida econômica para esses indivíduos: sua existência é disfuncional (no mínimo um incômodo) tanto em relação às mudanças tecno-estruturais da produção quanto em relação às propostas de ajuste e reforma do Estado, o que os aproxima da conceituação de “underclass” – inúteis e incômodos ((SCOREL, 1999:76). Paul SINGER (2000), abordando a precarização das relações de trabalho, comenta a respeito da tendência crescente da substituição do emprego formal, com registro do contrato de trabalho na Carteira de Trabalho por emprego informal, ou seja, sem registro. Este último, clandestino, contrário à leis, dispensa empregador e empregado do respeito aos encargos sociais e trabalhistas. Afirma o autor que “a redução do emprego formal condena quantidades cada vez maiores de trabalhadores, com os graus mais diferentes de qualificação, a se engajar por conta própria, em geral prestando serviços ou comerciando em pequena escala na rua...” (SINGER 2000:45).*

O relato de Marcos (4.3.2., Cap. III) revela o momento em que – antes de tornar-se morador de rua – estando (sub)empregado, na situação de *emprego informal* (SINGER, 2000) – morando em uma hospedaria no centro da cidade de São Paulo e, dormindo no mesmo quarto com assaltantes, rendeu-se aos apelos do “*imaginário da sociedade de consumo e das fantasias...*” (MARTINS, 1997:21), sucumbiu aos apelos da criminalidade:

*“Chegou um dia em que eu... não sei... já tava convivendo há um bom tempo ali, né?... e eu sentia a ... desempregado<sup>123</sup>... e via aqueles caras que andavam tudo bem vestido... e num trabalhavam. Entravam no hotel pra dormir, entravam na hospedaria às onze horas e dormiam até ao meio dia, duas horas da tarde e depois saíam pra roubar... E... eles chegavam...”(Marcos[42]) “Aí um dia um cara me chamou: “Ô, cara, você tem que sair dessa vida!... trabalha, fica a noite toda trabalhando no jornal (trabalho temporário), aí, e num ganha nada!... Essa roupa toda esfarrapada, aí... tomando cachaça... Você não pode ficar só com cachaça! Tem que fumar baseado, o baseado deixa a pessoa esperta, a pessoa não fica caindo na rua, aí... Eu sei que me influenciaram, sabe? E no dia a dia eu trabalhava, e trabalhava no Jornal..., e tal, e na*

<sup>123</sup> Apesar de Marcos dizer neste segmento de sua fala que estava *desempregado*, logo em seguida relata que estava *trabalhando em um jornal*. O trabalho informal e de baixa remuneração que exercia no *Jornal* não era considerado por ele como um “verdadeiro emprego”.

*transportadora, e sempre naquela, não tinha um dinheiro pra comprar uma roupa melhor, e os cara chegava lá, corrente de ouro, bem vestido... Às vezes tinha domingo lá que eles chegavam e dava até uma força, traziam uns marmitex, e eu não aceitava mas às vezes eu tava... né? E eles: “Tudo bem, cara! A gente tá vendo que você tá numa pior, aí! E aí aconteceu que eu saí uma vez com o Alemão. E aí ele cismou de assaltar um cara numa boate na “Boca do lixo”. E ele me influenciou, e pá... e ele falou: “Não, cara... você vai ver... você faz uma vez... a gente faz uma vez e perde o medo...” A gente já vai drogado, alcoolizado... A gente não tem medo... Agora o meu pensamento, eu tinha um pensamento de realmente assaltar, de ganhar aquele dinheiro, mas não tinha um pensamento de matar aquela pessoa...” (Marcos [43])*

Alba ZALUAR (1996) reflete sobre a escalada da criminalidade na sociedade brasileira – que teve aumento brutal nas duas últimas décadas – e a respeito do adolescente ou do jovem que, na procura de seus modelos de identificação, vê cada vez mais as *“figuras que ostentam em si todos os atributos do poder que não admite oposição – a arma na cintura – bem como os objetos mais cobiçados do consumismo atual: o carro do ano, as roupas de grife, o brilho do pó”*. *“Contudo – completa – mesmo entre os que se deixam atrair pelo poder das quadrilhas, as ilusões do heroísmo bandido vão-se desfazendo à medida que amadurecem. Para alguns, já precocemente envelhecidos pelas decepções e pelos enganos, que aderiram circunstancialmente ao estilo de vida criminoso, a permanência nesse mundo é plena de dúvidas sobre os valores e as regras de uma atividade que os coloca cotidianamente em contato com a morte, com a guerra. É isso que faz desses indivíduos personagens trágicos, em conflito consigo mesmos, com seus parceiros, com suas prováveis vítimas”* (ZALUAR, 1996:111)

#### **4.4.1. Transitando pelas drogas e a criminalidade**

Para os moradores de rua que vivem em situações de extremo abandono e precariedade, o trânsito pela droga e a criminalidade torna-se, para muitos, quase inexorável, *naturalizado* nesse mundo que se configura sem lei. Como exemplar dessa *“sub-humanidade”* emergente, Soviético denuncia e alerta em seu discurso para a escalada do consumo de drogas, do crime e da violência, propondo, inclusive, soluções:

*“A droga nunca vai acabar, sempre vai existir isso aí... A população do Brasil tem que ter um pouco mais de consciência. É pegar esse pessoal*

*que tá na rua e tirar! Num é fazer albergue! É arrumar uma ocupação pra cabeça do ser humano: ele trabalhar, estudar!... Ter uma ocupação pra cabeça dele. Porque o homem... que nem a gente que vive na rua, se não tiver uma ocupação, ele acaba fazendo uma besteira. Não tem jeito! Ele acaba bebendo, usando droga! Ele faz besteira!... Agora, não! Se arrumar um lugar pra ele fazer um trabalho, a mente dele já evolui... Uma Assistente Social, um médico, um psiquiatra... Então ele vai aprendendo e a psicóloga também vai aprendendo e vai ensinando outras pessoa!... Porque aquele que vive na rua, não tem jeito! Vai continuar a mesma porcaria e pior ainda!... ”(Soviético [19<sup>a</sup>])*

Fazendo referência ao tráfico internacional de drogas, organização poderosa que lança suas garras nos bairros mais pobres das cidades, Zaluar aponta, como consequência, para a emergência de centros de conflitos sangrentos nesses locais empobrecidos, para a corrupção de instituições encarregadas de sua repressão, além do reforço da tendência de culpabilizar o usuário de drogas. Essa tendência promoveu o isolamento social deste usuário que, face às dificuldades de conseguir tratamento médico contra a dependência dessas substâncias ou, mesmo, tratar os efeitos de seu uso indevido, acabaram ficando reféns do traficante e do policial corrupto (ZALUAR, 1996:113). Ressalta-se ainda a posição da autora ao afirmar que o problema da violência e das drogas no Brasil não se reduziria em sua explicação a uma questão de *salário mínimo ou pelo desemprego crescente*, ou ainda às questões histórico-culturais do povo brasileiro: aponta ela para a necessidade de compreendermos a atual onda de violência *também*<sup>124</sup> “... dentro do panorama do crime organizado internacionalmente, do crime também ele globalizado, com características econômicas, políticas e culturais sui generis, sem perder algo do velho capitalismo da busca desenfreada do lucro a qualquer preço”. Referindo-se ao imperativo da extensão da análise das sociedades criminosas para além das fronteiras brasileiras – sociedades que optam por viver peculiarmente em uma mistura de negócios legais e ilegais – é notável a descrição que a autora faz do *menino favelado brasileiro* como um retrato atual desse fenômeno de globalização: “A imagem do menino favelado que com uma AR15 ou metralhadora UZI na mão, as quais considera como símbolos de sua virilidade e fonte de grande poder local, com um boné inspirado no movimento negro da América do Norte, ouvindo música “funk”,

<sup>124</sup> A autora alerta para a sua posição, que “não é contra o aumento do salário mínimo nem a distribuição de renda no país que apresenta um dos índices mais altos, senão o maior, de desigualdade social no mundo mas está alertando para o fato de que apenas o aumento do salário mínimo ou a implementação de políticas públicas que não contemplem a especificidade da nova criminalidade, não serão suficientes nem eficazes” (ZALUAR, 1999:96)

*cheirando cocaína produzida na Colômbia, ansiando por um tênis Nike do último tipo e um carro do ano (...)*” (ZALUAR, 1999:94).

Aponta ainda a autora para a questão da “quebra dos laços sociais dentro da família e entre as famílias na vizinhança” como agravante do processo de esfacelamento social, o que facilitaria o domínio dos grupos de traficantes no poder local (ZALUAR, 1999:94)<sup>125</sup>.

No entanto, não somente as vizinhanças pobres de nossas cidades são alvos desses tentáculos destruidores da lucidez e dignidade humana. A violência, acelerando-se através do uso descontrolado e obsessivo de certas drogas, engendra cenas de pavor e sangue também no seio de famílias das classes sociais mais favorecidas<sup>126</sup>. A respeito do uso da cocaína, Zaluar afirma que o uso abusivo dessa substância “*contribui para o clima de desconfiança entre todos na medida em que produz uma paranóia em que o jovem se imagina cercado de inimigos por todos os lados, a qual só desaparece com a interrupção do consumo.*” O crack – segundo essa mesma autora – obtido a partir de pasta de cocaína, “*por ter efeitos muito rápidos e muito intensos, provoca ainda mais o desejo de usar novamente. São drogas que criam a compulsão de repetir cada vez mais o ato de ingeri-las, cheirá-las ou injetá-las*” (ZALUAR, 1996:113).

Os relatos de Soviético denunciam a presença intensa da droga – notadamente o crack – em sua vida e entre seus companheiros:

*“ Mas tem umas maloca, que os cara já é diferente: já fuma pedra só a noite toda, sai pra roubar de madrugada... Ele só vai comer no outro dia de manhã cedo, mas mesmo assim, se tiver uma pedra ele já não come mais... fica comendo coxinha, pão velho... é bolacha que eles pede pros*

<sup>125</sup> A respeito dessa “*quebra dos laços sociais*”, com a quebra também das relações dentro das famílias, a autora revela as “*divisões e afastamentos que se dão pelo pertencimento a diferentes comandos (o Vermelho, o Terceiro), por posição diferente na trincheira da guerra que às vezes separa a polícia e bandido, mas também pela conversão às igrejas pentecostais que proíbem o contato com outras religiões, apresentadas via Embratel e satélite como manifestações do diabo, assim como pela difusão rápida pela indústria cultural dos novos estilos de cultura jovem que fizeram dos jovens consumidores de produtos especialmente fabricados para eles, sejam vestimentas, sejam estilos musicais, sejam drogas ilegais. A família não vai mais junta ao samba e o funk não junta gerações diferentes no mesmo espaço, o tio traficante gostaria de expulsar da favela o sobrinho do outro comando ou da polícia ou ainda do Exército, a avó negra mãe-de-santo não pode freqüentar a casa dos seus filhos e netos pentecostais*” (ZALUAR, 1999:99).

<sup>126</sup> Manchetes de jornais da cidade de São Paulo têm divulgado acontecimentos desse teor. O fato do estudante de 22 anos que degolou a avó e a empregada da casa após consumir 26 papalotes de cocaína, dividiu as opiniões dos especialistas que o comentaram. Apesar da polêmica surgida sobre a relação entre o crime e a droga, para o médico Luiz Alberto Chaves de Oliveira, especializado no tratamento de dependentes químicos, “*qualquer pessoa sob a influência de grandes quantidades de droga pode cometer atos anti-sociais, que elas não cometeriam sem a droga*” (Fato publicado no “O Estado de São Paulo, 26 de novembro de 2002).

*outros que passa na rua comendo... então o ser humano pra mim é o seguinte: ele não dá valor pra vida dele” (Soviético [36<sup>a</sup>])*

O usuário, portanto, refém de sua compulsão e das dívidas que cria para satisfazê-la, enreda-se com traficantes, ou com policiais corruptos, passa muitas vezes ele mesmo a contribuir para o tráfico, a furtar, roubar e até a matar para manter o seu vício. “Cara Queimada” – morador de rua – sujeito de observação em nossa pesquisa do Mestrado (ALVAREZ, 1999), a respeito do advento do crack na maloca em que viveu, comentou: “*E eu vejo o pessoal se envolvendo com essa tal de “pedra”, isso aí... porque a maioria das mães (moradoras de rua) estão abandonando os filhos por causa das drogas, por causa da “pedra”...*” (“Cara Queimada”, 1997; citado em ALVAREZ, 1999:171).

Priscila, não tendo se envolvido com drogas em sua trajetória pelas ruas, revela-nos no entanto o momento em que – envolvida com amigos que eram assaltantes – acabou implicada em assalto a um ônibus [96], o que lhe custou nove meses de prisão. Afirmando que era “inocente”, ela foi falando, lembrando cenas, com a tosse interrompendo-lhe frases ou o choro que, por vezes, brotava forte:

*“Aí, eles falaram assim pra mim: Priscila, vamo lá que é aniversário de não sei quem, no Belenzinho, e vamo buscá essa pessoa pra vim almoçá aqui com nós. Nós fomo, só que eu, sinceramente, do fundo do meu coração, eu não sabia que tinha uma faca com um deles, entendeu? Aí dentro do ônibus eles gritaram lá pro cobrador, entendeu? Eu fiquei perto do motorista... assim eles agiram como um assalto dentro do ônibus... Eu, assim, eu não fiz nada! Tanto é que eu tenho as fala das testemunha, entendeu? Que eu realmente entrei com eles no ônibus mas eu não me movi pra nada! Eu tive aquilo assim pra mim como uma surpresa! Eu fiquei nove meses presa, entendeu?” (Priscila e Pesquisadora [96])*

Com exceção do senhor Paulo, todos os outros moradores de rua observados – Soviético, Athos, Marcos, Priscila, Paraíba – estiveram em algum momento de suas trajetórias, envolvidos em maior ou menor grau com a criminalidade. Eles constituem, simplesmente, a face mais cruel – e muitas vezes negada – de uma sociedade desigual..

#### 4.5. A “cidade cindida” e as “pontes-humanas” - Providências de trânsito relacional

A “cidade de muros” (CALDEIRA, 2000:320) denuncia, no concreto, a imensa fratura relacional que se alarga e se aprofunda entre as duas “sociedades” que vão emergindo no social brasileiro: a “humanidade dos integrados”, com “melhores”, mais “justas” e “corretas” relações sociais (VÉRAS, 2001:38) – relações essas cuja vivência pode ser nomeada por “cidadania” – e a “sub-humanidade”, com direito à “exclusão integrativa”, vil inserção marginal de excluídos às sobras do “banquete” (temporário?!) dos “eleitos” da cidade cindida. O desenho e fala de Soviético denominados por ele “*Condomínio de luxo*” (Figura 27, Cap. III) revelam a cisão entre essas duas *sociedades* e as conseqüências desse processo em pessoas que – como ele – integram o lado da *sub-humanidade*:

*“Sábado, eu e uns moleques, a gente passava por um condomínio de luxo num bairro de São Paulo e ficamos parados, olhando e admirando, vendo uma coisa que nunca a gente viveu. Fomos então abordados pela polícia, mandando a gente cair fora. Em vez de oferecerem um prato de comida ou conversar um pouco, mandam cair fora. Não queremos esmola, queremos é um pouco de compreensão. Apesar de tudo isto que as pessoas tem: apartamento de luxo, piscina e perua pra levar os filhos pra escola, a gente sabe que eles lutaram mas, tiveram um apoio melhor que é justamente o que falta pra nós. Se o Brasil não tiver consciência, vai chegar o tempo que aquele que for honesto e trabalhador não poderá andar na rua. Então esta é a hipocrisia. São pessoas que tem condição de ajudar o próximo mas não se interessam. Eu não pinte<sup>127</sup> esse desenho porque é a realidade da vida. É tudo negro. Na rua, por exemplo, as pessoas andam assustadas. Todos tem medo e até atravessam a rua de medo de ser assaltadas.. Ninguém confia em ninguém. Se a gente olhar um pouco mais para alguém, a pessoa fica assustada, pensando que vai ser assaltada.” (Soviético [26])*

Muitos dos “caídos” dessa “sub-humanidade” perderam-se de si mesmos... Junto às perdas de “endereços”, “certidões de nascimento”, “carteiras de identidades” – símbolos de cidadania – entrecruzam-se as perdas de esperança, do sentido da vida, da

<sup>127</sup> Lembramos que, para a realização de seus desenhos, Soviético tinha acesso a vasta gama de cores. No entanto, resolveu não colorir este trabalho, utilizando somente o lápis preto.

vontade de viver. Enquanto alguns afogam-se na bebida alcoólica ou nas drogas, amortecedoras da dolorosa agonia da falência psicossocial, outros, reagindo violentos, lançam-se ao crime, inserindo-se através dessa forma “escusa” nos processos sociais. Só então – ironicamente – tornam-se visíveis... e porque incomodam, porque agridem, porque ousaram sair das “*cavernas de baratas*”, ou porque ousam abrir os olhos e cobiçar os “valiosos bens de consumo” que ornamentam a “cidade atrás dos muros”. É quando, somando-se às turbas que acorrem dos vários segmentos dessa mesma “sub-sociedade”, paradoxalmente, adquirem um “status” – o de “bandido”! – aquele que deve ser banido, segregado aos espaços amontoados das prisões. Ironicamente, nessa hora, recobram o *endereço* e a *identidade do “prontuário” policial*... E essa prisões que se enchem mais e mais!... Que não dão conta de tantos “sub-humanos” que proliferam como as baratas insolentes de suas tocas imundas – milhares – ameaçadores, que rondam e inquietam, com os quais a cidade de “muros” não sabe o que fazer... De vez em quando vê-se em alguma campanha política de candidatos a administradores da “cidade partida” (atônitos com a escalada da violência), a apresentação – como âncora de plano administrativo –, ao lado da promessa de rigor na caça e manutenção dos “bandidos” nas cadeias, a proposta do aumento do número de presídios. Como se prisões bastassem para conter a onda de violência que se alastra por todos os lados...

A sociedade está doente, cindida, e não há perspectivas de cura próxima. Os meios de comunicação brasileiros exibem a todo momento – “ao vivo e a cores”, em tempo real – a dinâmica doentia desse corpo social esfacelado<sup>128</sup>. Esses retratos dinâmicos são oferecidos nos “*jornais nacionais*” televisivos como parte dos jantares de cidadãos, que olham tudo aquilo atônitos e “*respiram aliviados*” quando o foco da emissora passa para cenas mais amenas. Teresa Cristina CARRETEIRO (1999), abordando a questão das drogas, violência e segmentos sociais precários do Rio de Janeiro, aponta para os mecanismos de defesa psíquicos ativados para fazer face às angústias constantes. São mecanismos que permitem às pessoas – que estão sob pressão dessas angústias – justificar e racionalizar suas condutas. Os mecanismos acionados são principalmente a “negação”, isto é, a distorção da realidade quando ela se apresenta muito violenta com pessoas que não fazem parte do círculo parental ou de amigos; a clivagem das representações: “*A violência acontecerá contra os outros, não comigo!*”. Como se a força desses pensamentos pudesse criar uma camada

<sup>128</sup> O “Jornal Nacional” da Rede Globo de Televisão do Brasil veiculou, na noite de 29 de novembro de 2002, cenas de tiroteio na cidade do Rio de Janeiro entre policiais e “bandidos”, com impressionantes imagens das *balas* deflagradas que passavam zunindo e brilhando na noite escura junto às cabeças de mães assustadas com seus filhos ao colo, de pessoas que voltavam a pé para suas casas, após um dia de trabalho.

protetora em torno das famílias e dos grupos. Observa-se também a repressão das emoções, a eufemização da violência (quando nomeiam uma pessoa assassinada como “*presunto*”, por exemplo, amenizando e banalizando o ato de sua morte, que assim tanto faz que tenha acontecido pela mão da polícia ou das facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas). Esses mecanismos de defesa são individuais mas igualmente coletivos, pois permitem às pessoas na mesma situação ativarem reações semelhantes que coloquem “à distância” as fontes da ansiedade (CARRETEIRO, 1999:121-130).

Apesar dos mecanismos de defesa ativados perante a angústia crescente, o “Índice do Medo”<sup>129</sup> (FGV, 2002) aponta cidades brasileiras como São Paulo, Porto Alegre e Salvador onde a população mais teme a violência. O Índice do Medo nessas capitais é de 62 pontos; em segundo lugar estão as cidades de Fortaleza, Curitiba e Belo Horizonte, que atingiram 61 pontos. A seguir aparecem Recife (60), Rio de Janeiro (56) e Vitória (53). A pesquisa ouviu 4.438 pessoas em 92 municípios no país mostrando que, numa escala de zero a cem, a média brasileira é de 48 e mede como a população percebeu que a violência esteve presente em seu cotidiano no último ano. O pesquisador da FGV Opinião, Zairo Borges Cheibub coloca que o fato de o Rio de Janeiro ter apresentado um índice inferior ao das outras grandes capitais brasileiras não quer dizer que seja menos violento. Isso se explica, segundo ele, porque o carioca estaria *mais acostumado* com a situação de insegurança. “*O Rio tem há mais de 20 anos uma criminalidade muito alta. Há uma espécie de anestesia*” – afirmou Cheibub (grifo nosso). Segundo a mesma pesquisa, de acordo com a Secretaria da Segurança Pública, nos nove primeiros meses do ano foram registrados 70.521 assaltos a mão armada na capital de São Paulo. No mesmo período foram 156 casos de latrocínio (roubo seguido de morte). Além do medo das pessoas de serem vítimas de um crime, o índice da FGV divulgado revela que o paulistano se sente pouco a vontade na cidade onde vive: 74% das pessoas têm medo de andar no próprio bairro depois das 10h da noite. Já 83% consideram inseguro aventurar-se por bairros desconhecidos: “*Quanto maior o medo tende a ser pior a sua qualidade de vida*”, afirma o pesquisador Cheibub (SAMORA, 2002. In:GloboNews.com).

No entanto, se muitos segmentos da sociedade “intra-muros” encontram-se adormecidos para os problemas psicossociais que se avolumam ou permanecem paralisados pelo medo, há segmentos dessa “humanidade-cidadã” que conseguem marcar presença junto aos que perderam o sentido da vida. Neste trabalho falamos de alguns destes que se erigem

---

<sup>129</sup> “Índice do Medo” - pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas – FGV – e divulgada no dia 3 de dezembro de 2002 (SAMORA, 2002. In:GloboNews.com).

como “*modelos-caminhos*”, pontes humanas que – transpassando abismos relacionais – levam ao “encontro transformador”.

Sílvia e Lucinha, portadoras do *Ágape*, instauram providências, recriam estratégias várias que promovem a “ponte” – trânsito relacional – entre os moradores de rua e os moradores da cidadania, “ponte” com os trâmites oficiais da “sociedade cidadã”. É quando presenciamos Sílvia intermediando a correspondência entre a “moradora da casa caverna”, que estava hospitalizada, e o seu companheiro Paraíba, que ficara vivendo lá na “toca” de ambos:

*“Na quarta-feira seguinte, Dona Sílvia recebeu uma carta de Priscila. No mesmo envelope veio, também, uma carta para Paraíba. Foi um expediente utilizado por ela para que a carta chegasse ao companheiro (através do endereço de Sílvia), já que a ‘casa caverna’ de ambos não existia para o mundo dos endereços e ‘C.E.Ps’ da cidade organizada. Dona Sílvia funcionava, assim, como uma ponte mediadora entre estas duas cidades – a ‘sedentária’ e a ‘nômade/selvagem’ – que se cruzavam vivencialmente num movimento absurdo, cindido, com seus habitantes excluídos recriando estratégias constantes para não sucumbirem a tal modo esquizofrenizante de viver.*

*No dia seguinte, quinta-feira, à noite, Dona Sílvia encontrou-se com Paraíba na distribuição de sopa que era feita ali, no viaduto próximo à ‘casa caverna’, e lhe entregou a carta de Priscila.”* (Relato da Pesquisadora [93]).

É quando, também, acompanhamos o depoimento de Lucinha que – muito além do simples ofício de professora – devotada e desafiadora, oferecia o endereço de sua residência para que o morador de rua – candidato a um trabalho – apresentasse à “empresa” como sendo dele:

*“Neste momento interrompemos a entrevista porque chegou um morador de rua – o Mineirinho – procurando por Dona Lucinha: o porteiro do edifício onde ela morava avisou-a que ele a estava aguardando lá embaixo, na entrada do prédio. Ela desceu para atendê-lo. Quando retornou, informou-me:*

*- “O Mineirinho estava falando de uma empresa, que estava no jornal que eu comprei e dei pra ele pra escolher, ver alguma coisa de trabalho... Ele vai todo dia ver uma coisa aqui, uma coisa lá e não consegue! Sabe, pedem experiência, pedem carteira com registro, pra ser*

*faxineiro ou gari eles querem que tenha até a oitava série! E eles não têm!”*

- *“E pedem o endereço?”*, perguntei.

- *“Pedem!”*, respondeu ela, continuando: *“E o endereço eu dou daqui (da residência dela). Dou! Tranqüilamente! Telefone e endereço. Faz de conta que ele mora aqui.”* (Lucinha para Pesquisadora [118] [119]).

#### **4.6. A “Espada e a Balança da Justiça”: Os Direitos Humanos**

Nesta seção, final do Capítulo IV – conduzidos pelo movimento retroativo do “Complexus” (MORIN, 1996) – ao contemplarmos a questão da “Justiça”, da “Justiça Social”, dos “Direitos Humanos”, estamos retornando ao mesmo tema abordado no começo deste capítulo e no início do capítulo II: na análise do conjunto do “cenário social” que abarca os sujeitos de observação deste trabalho, o tema “justiça” (BOLTANSKI, 1990) volta a se fazer – necessariamente – presente<sup>130</sup>.

Assim como não podemos prescindir do Amor Ágape como uma alternativa à violência e à própria justiça (BOLTANSKI, 1990), como importante ingrediente na promoção da transformação dos seres humanos (Caps. II, III e IV), não podemos prescindir também da “Justiça”, que se faz necessária no momento atual de nossa civilização, da sociedade brasileira que esteve sob nosso foco de observação. E é uma “Justiça” que ainda tem que “afiar garras e dentes”, que não pode deixar de lado os rigores da energia da “espada” conjugada com a habilidade no manejo da “balança” (PIOVESAN, 2003:14)<sup>131</sup>.

No entanto, podemos observar que tem havido esforços de avanços nesse domínio. No capítulo sobre a Constituição brasileira de 1988 e a concepção contemporânea de cidadania, de sua obra sobre “Temas de Direitos Humanos” PIOVESAN (2003) afirma que “há que se ressaltar que a Carta de 1988 empresta aos direitos e garantias ênfase

<sup>130</sup> Retomemos BOLTANSKI (1990, cap. II): “o amor e a justiça, considerados ambos como alternativa à violência possuem, no entanto, meios radicalmente diferentes. Enquanto a justiça, como já vimos, parte da comparação entre dois homens que se afrontam – e ela resolve sua violência substituindo a comparação dois a dois por uma referência a uma equivalência universal – o amor, por sua vez, toma uma via mais curta. Não compara e ignora as equivalências. É assim que o amor sempre se erige não somente como uma alternativa à violência, mas também como uma alternativa à justiça” (BOLTANSKI, 1990:143).

<sup>131</sup> A respeito da transformação havida no campo dos direitos humanos nos últimos anos – de 1998 a 2002 – Flávia PIOVESAN (2003) comenta que houve nesse período um crescente processo de “justicialização do Direito Internacional dos Direitos Humanos”. Segundo a autora, sempre foi o grande ‘desafio’ do Direito Internacional o “adquirir ‘garras e dentes’, ou seja, poder e capacidade sancionatórias”. Neste processo de “justicialização”, “as Cortes assumem peculiar legitimidade e constituem um dos instrumentos mais poderosos no sentido de persuadir os Estados a cumprir obrigações concernentes aos direitos humanos.” A mesma autora, citando Ihering, destaca que “a espada sem a balança é a força bruta; a balança sem a espada é a impotência do direito. Uma não pode avançar sem a outra, nem haverá ordem jurídica perfeita sem que a energia com que a justiça aplica a espada seja igual à habilidade com que maneja a balança” (PIOVESAN, 2003:14).

extraordinária, situando-se como o documento mais avançado, abrangente e pormenorizado sobre a matéria, na história constitucional do país” (PIOVESAN, 2003:339).

#### **4.6.1. A Constituição brasileira de 1988 e os Direitos Humanos:**

##### **- Os moradores de rua, a “cidadania”, a “dignidade humana”**

Neste trabalho viemos recolhendo manifestações dos sujeitos de observação (Caps. III e IV) que estavam profundamente ligadas às questões da dignidade humana, da cidadania. Alguns destes indivíduos, apesar de estarem imersos em situações de extremo desamparo – moradores de rua – não perderam a lucidez: sabiam que estavam sendo agredidos em sua *dignidade*, sabiam que estavam vivendo longe da *cidadania*. Não... eles não as expressavam através de conceitos abstratos: essas noções eram explicitadas em suas falas-lamentos, tornavam-se visíveis nas expressões de seus sentimentos e fatos de suas vidas. Vale lembrar quando gritava alto na fala de Soviético o ferimento de sua “dignidade humana” na exclusão do processo de cidadania: “*E eu acho que dignidade é o homem tê uma casa, um ambiente... tê seu trabalho... tê sua ocupação, sua família... Isso é uma coisa mais feliz que tem no mundo. Mas do jeito que a gente vive, tá embaçado!...*” (Soviético [17<sup>a</sup>]). A exclusão do processo de “cidadania” escancarava-se também na fala de Priscila: “*Eu nunca votei!... cê entendeu? Então, eu não sou ninguém!...*” (...) “*Eu queria ter uma casinha como essa...*” (Priscila [100]). Outros, introjetando a condição de excluídos, escondiam-se na droga e na depressão, ou na violência, como Athos, desesperado com a faca na cintura – defesa que escolhera como necessária no mundo sem lei em que vivia; ou Paraíba, abrigando-se em uma “caverna” urbana, impedido de exercer o único “trabalho” que lhe restara: “o ofício de guardador de carros”; ou Paulo, rendendo-se às condições de “sub-humanidade” em que “caíra”. Enquanto que Marcos, apesar de renascido em presença da professora devotada, perambulou sua doença e sonhos irrealizados pelos “circuitos da rua”, até que a morte viesse alcançá-lo. A vergonha, expressa em cada um desses moradores de rua que ainda não haviam mergulhado nos abismos da demência, falava alto do profundo ferimento que sofriam em sua condição de humanidade.

E pensar que exatamente essas questões – *dignidade e cidadania* – nos avanços que houve no discurso jurídico da cidadania, aparecem logo no artigo 1º da Constituição brasileira de 1988<sup>132</sup>, e são celebradas na fala da jurista Flávia PIOVESAN (2003), que

---

<sup>132</sup> Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

também faz referências aos demais objetivos fundamentais do Estado inscritos na Carta, que visam assegurar o bem estar e a dignidade da pessoa humana como imperativo da justiça social: *“Desde o seu preâmbulo, a Carta de 1988 projeta a instituição de um Estado democrático “destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos(...)”. Prossegue a Constituição de 1988 afirmando, ineditamente, em seus primeiros artigos – especialmente os arts. 1º e 3º do texto – princípios fundamentais, que demarcam os fundamentos e os objetivos da República Federativa do Brasil. Dentre os fundamentos que alicerçam o Estado brasileiro, nos expressos termos do art. 1º, incisos II e III, da Constituição, destacam-se a cidadania e dignidade da pessoa humana (grifos nossos). Por sua vez, construir uma sociedade livre, justa e solidária, garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e a marginalização, reduzir as desigualdades sociais e regionais e promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, constituem os objetivos fundamentais do Estado, consagrados no art. 3º da Carta de 1988 (grifos nossos)”* (PIOVESAN, 2003:328).

Aprofundando-nos mais na questão da “cidadania”, buscamos o pensamento do jurista CRETELLA JR. (1992) que resgata a trajetória histórica dessa noção desde o “orbe jurídico romano”: *“em Roma, o homem livre ou era “cidadão”, tinha “cidadania”, ou era “não-cidadão”, sendo estrangeiro ou peregrino”*. E, a seguir, a respeito do Brasil, ele afirma: *“Toda pessoa física que se encontra no território brasileiro, ou é “nacional” ou é “estrangeiro”. Se nacionalidade é a sujeição por nascimento ou por adoção, do indivíduo ao Estado, para o gozo e exercício dos direitos políticos, cidadania é a habilitação do nacional para o exercício desses mesmos direitos, cumpridos os requisitos legais”* (CRETELLA JR., 1992:138).

Afirmando que a Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948 enuncia a *concepção contemporânea de cidadania*, PIOVESAN (2003) relata que a referida Declaração inclui em seu elenco *“não só direitos civis e políticos, mas também direitos sociais, econômicos e culturais”*. Afirma ainda a autora que *“novo componente integrou-se à concepção contemporânea de cidadania: o chamado processo de especificação do sujeito de direito, falando-se desde então na tutela jurídica dos direitos das mulheres, crianças, grupos raciais minoritários, refugiados, etc.”* (PIOVESAN, 2003:338). Segundo essa autora, a Carta brasileira de 1988 acolhe essa concepção contemporânea de cidadania, ao *“refletir a universalidade e a indivisibilidade dos direitos humanos, bem como o processo de especificação do sujeito de direito”* (PIOVESAN, 2003:342).

CRETELLA JR. (1992), em seus “Comentários à Constituição de 1988”, a respeito da “dignidade da pessoa humana”, afirma que *“o ser humano (grifo dele), o homem, seja de qual origem for, sem discriminação de raça, sexo, religião, convicção política ou filosófica, tem direito a ser tratado pelos semelhantes como “pessoa humana”, fundando-se, o atual Estado de direito, em vários atributos, entre os quais se inclui a “dignidade” do homem (grifos nossos), repellido, assim, como aviltante e merecedor de combate qualquer tipo de comportamento que atente contra esse apanágio do homem”* (CRETELLA JR., 1992:138).

A dignidade humana – *“valor que se impõe como núcleo básico e informador do ordenamento jurídico brasileiro, como critério e parâmetro de valoração a orientar a interpretação e compreensão do sistema constitucional instaurado em 1988* (PIOVESAN, 2003:339) – referida como *“aquele princípio moral que enuncia que a pessoa humana não deve nunca ser tratada apenas como um meio, mas como um fim em si mesma; ou seja, que o homem não deve jamais ser utilizado como meio sem se levar em conta que ele é, ao mesmo tempo, um fim em si* (KANT, *Fund. Da metaf. Dos costumes, 2ª seção*, In: LALANDE, 1996), assumia, para nós, no decorrer deste trabalho, dimensão maior. Essa “pessoa humana”, vista “como um fim em si mesma”, como portadora da “complexidade humana”, portanto, surgia para nós engrandecida em sua dignidade. E vale ressaltar que os dicionários da Língua Portuguesa colocavam ainda a “dignidade” (*do latim dignitate*) como *“autoridade moral; honestidade, honra, respeitabilidade, autoridade; decência, decoro; respeito a si mesmo; amor-próprio, brio, pundonor...”*<sup>133</sup>

Os sujeitos de observação de nosso trabalho, “deletados” pela maioria dos cidadãos da “cidade de muros”, recriavam estratégias de defesa, de sobrevivência física e psíquica. E também de sobrevivência da própria “dignidade”, consubstanciada no amor-próprio, brio, vergonha; criando ou despertando a honestidade – no espaço da confiança – junto ao próximo que se aproximava em estado de *Ágape*. E sentiam prazer nesse encontro, sentiam-se recebidos como “pessoas humanas”, vistos como um “fim em si mesmos”, acolhidos no campo do amor:

*“Eu não sabia nem fazer o ‘a’ da ‘abelha’. Hoje em dia acho que aprendi muita coisa. Acho que devia existir mais pessoas como a senhora, que sabe dar valor a quem precisa. Basta ter interesse de aprender que a senhora tem disposição até demais! As pessoas que não querem vir para a escola é porque tem solidão dentro deles. Querer vir eles querem mas a solidão é tanta que estão sempre dando desculpa.*

<sup>133</sup> Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986).

*Agora, nós aqui, sempre vem à escola. E agora eu pergunto: “E por que isto de não faltar?” É porque a senhora não é aquela professora rabujenta, mas sempre sabe respeitar o ser humano e ajuda na medida do possível”* (Soviético, para a professora Sílvia [29<sup>a</sup>])

Sílvia e Lucinha – portadoras do *Ágape* – conseguiam promover naqueles que eram alvos de seus cuidados, o retorno à esperança, a transformação para a vida. Apesar da qualidade de suas ações, apontava-se para a necessidade de medidas de apoio mais amplas, envolvendo outros segmentos da sociedade brasileira.

Como vimos com PIOVESAN (2003), a própria Carta de 1988 já emprestava grande ênfase aos direitos e garantias: o valor da dignidade humana lá estava – critério e parâmetro – projetando-se pelo universo constitucional. A autora analisa ainda, em sua obra, o papel do Estado Brasileiro face ao processo de consolidação da cidadania. Destacaremos, a seguir, alguns segmentos dessa análise sem a pretensão de esgotarmos o tema, atentos que estamos aos objetivos de nosso trabalho, que não contempla em seu bojo extensas digressões jurídicas.

#### **4.6.2. O papel do Estado na consolidação da cidadania - As “ações afirmativas” e os moradores de rua**

PIOVESAN (2003), enfocando a responsabilidade do Estado na consolidação da cidadania, argumenta que – na questão da indivisibilidade dos direitos humanos – “*cabe ao Estado Brasileiro a proteção e defesa dos direitos civis e políticos, bem como a implementação e realização dos direitos econômicos, sociais e culturais*”, sendo que “*compartilha-se da noção de que os direitos fundamentais – civis, políticos, econômicos e culturais – são acionáveis e demandam séria e responsável observância*” (PIOVESAN, 2003:342-343). Na questão do processo de especificação do sujeito de direito, afirma a autora que “*cabe ao Estado instituir políticas públicas que introduzam um tratamento diferenciado e especial aos grupos sociais que, por exemplo, sofram forte padrão discriminatório*” (PIOVESAN, 2003:346).

Por nossa vez, argumentamos que os moradores de rua assumem as características de grupo social que sofre *forte padrão discriminatório*, passíveis, portanto, de serem contemplados com políticas públicas que lhes destinem um *tratamento diferenciado e especial*, dadas as especificidades das fragilidades que são portadores, do seu grave processo de exclusão social, como pudemos depreender através da análise do fenômeno, nas seções anteriores deste capítulo. Há que se promover a inclusão social desse segmento populacional

brasileiro através de “ações afirmativas”, que são “*medidas especiais e temporárias que, buscando remediar um passado discriminatório, objetivam acelerar o processo de igualdade*” (PIOVESAN, 2003:198). Conforme abordada pela própria autora, ao referir-se à Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação Racial, seria uma espécie de “discriminação positiva”, “*mediante a adoção de medidas especiais de proteção ou incentivo a grupos ou indivíduos, com vistas a promover sua ascensão na sociedade, até um nível de equiparação com os demais*” (PIOVESAN, 2003:200).

Consideramos que, nas “ações afirmativas” visando os moradores de rua – “se” e “quando” implementadas – é necessário que os órgãos da administração e do governo revistam essa “discriminação positiva” de cuidados especiais para que não se tornem mais um instrumento ou elemento de “discriminação negativa”. Cuidar para que, nesses regimes de exceção, não se agravem ainda mais as barreiras relacionais entre os moradores de rua e os demais cidadãos brasileiros.

Pois os problemas humanos são complexos. Como tal, eles são mutilados quando são tratados de maneira mutiladora, através de uma política fragmentada<sup>134</sup>: “*a política fragmentada perde a compreensão da vida, dos sofrimentos, dos desamparos, das solidões, das necessidades não quantificáveis. Tudo isso contribui para a gigantesca regressão democrática, com os cidadãos apartados dos problemas fundamentais da cidade*” (MORIN, 2000:110).

Em 13 de maio de 2002 foi adotado o “Programa Nacional de Direitos Humanos II” – PNDH II – também comentado por PIOVESAN (2003), programa esse que apresenta “metas no campo dos direitos econômicos, sociais e culturais; incorpora ações específicas no campo da garantia do direito à educação, à saúde, previdência e assistência social, ao trabalho, à moradia, a um ambiente saudável, à alimentação, à cultura e ao lazer, assim como propostas voltadas para a educação e sensibilização de toda a sociedade brasileira com vistas à construção e consolidação de uma cultura de respeito aos direitos humanos” (PIOVESAN, 2003:348; PNDH II, 2002). Como “metas” a serem alcançadas, traduz-se esse Programa em insistente convite à sua implementação. Para tanto, é importante que as ações não se atenham somente às esferas de Poder: é necessário a conscientização da sociedade, assim como o desenvolvimento de uma cultura de inclusão.

“*El camino se hace al andar...*” (Antonio Machado, citado em MORIN, 2000:115)

<sup>134</sup> MORIN (2000) afirma que ocorre a “despolitização da política” quando esta se auto-dissolve na administração, na técnica (especialização), na economia, no pensamento quantificante (sondagens, estatísticas)” (p. 110).

***CAPÍTULO V***  
***VISUALIZANDO O “COMPLEXUS”***

## V. VISUALIZANDO O “COMPLEXUS”

“ *Quem sabe, como sugeriu-nos Confúcio, a saída é por uma porta que até agora não nos ocorreu usar*” (OSÓRIO, 1999:452).

### 1 - Abrindo questões: refletindo rumos

Retomemos o pressuposto que norteou a linha de investigação deste trabalho, de que haveria uma interação específica entre os seres humanos caracterizada pelo que denominamos de “encontro” que, pela sua especificidade, possibilitaria a “transformação” dos envolvidos – moradores de rua e não moradores de rua. Tratar-se-ia de um encontro que seria transformador no sentido de possibilitar o despertar da sabedoria humana, de suas potencialidades, a retomada do rumo da existência, ou seja, do sentido da vida, possibilitando a criação do amor. À medida em que empreendíamos a análise do material empírico recolhido neste estudo longitudinal – ao longo de cinco anos – recolhíamos as manifestações das características desse processo, de como a transformação ia se configurando nos moradores de rua, de como o “entorno” – o sistema social – interagia nessa organização complexa.

O *modo do morar na rua*, na situação em que observamos os moradores de rua focalizados neste trabalho, era considerado por eles mesmos como *prisão difícil de sair*. As relações desenvolvidas, o uso de drogas, o estado de abandono, de exclusão, *empurravam-nos para baixo e cada vez mais para as sarjetas*.

O sentimento da “vergonha” – condição característica dos adultos, inclusive os aparentemente maduros e não neuróticos que se mostram muito sensíveis à possibilidade de um vergonhoso descrédito – foi manifestado pelos moradores de rua, em relação à situação em que viviam e revelaram, inclusive, o momento em que esteve instalado neles o sentimento de *desconfiança* na sociedade, nos provedores externos e na própria capacidade para enfrentar suas necessidades e desejos mais urgentes. Vivendo em situações de extrema adversidade, estava instalada neles a falta, a carência do sentimento positivo de *confiança*. Foi considerada, também, em alguns a presença de uma certa unidade psíquica que lhes permitira a sobrevivência nas prisões e nas ruas: um *falso self* – aspecto do *self* que protegia e ocultava o verdadeiro *self* – bastante bem sucedido. O sucesso desse *falso self*, no entanto, não fora tanto que permitisse a extinção da insatisfação e da procura de si-mesmos. O restabelecimento do sentimento positivo de confiança era necessário para que pudessem novamente “olhar-se”, reconhecerem-se como sujeitos desejantes. Suas potencialidades

estavam a espera do “outro significativo” que pudesse acompanhá-los no processo de auto-realização.

O “outro significativo” ou “próximo devotado” foi identificado nas professoras, sujeitos de observação deste trabalho. Cada uma delas, portadora das características do *Ágape* – representadas no Diagrama 1 – ou seja: “do amor às outras pessoas humanas, amor ao próximo”, traduzindo esse “amor em movimento” na *busca e adaptação ativa às necessidades do próximo*, característica também do processo de *maternagem*, demonstrou a capacidade de “sair” do próprio “lugar” – de sua estrutura interna de referência, do seu círculo estreito de relacionamentos – para colocar-se *em presença* do morador de rua. Esse processo de *maternagem* foi representado no *Complexus do Encontro Transformador*, do Diagrama 2.

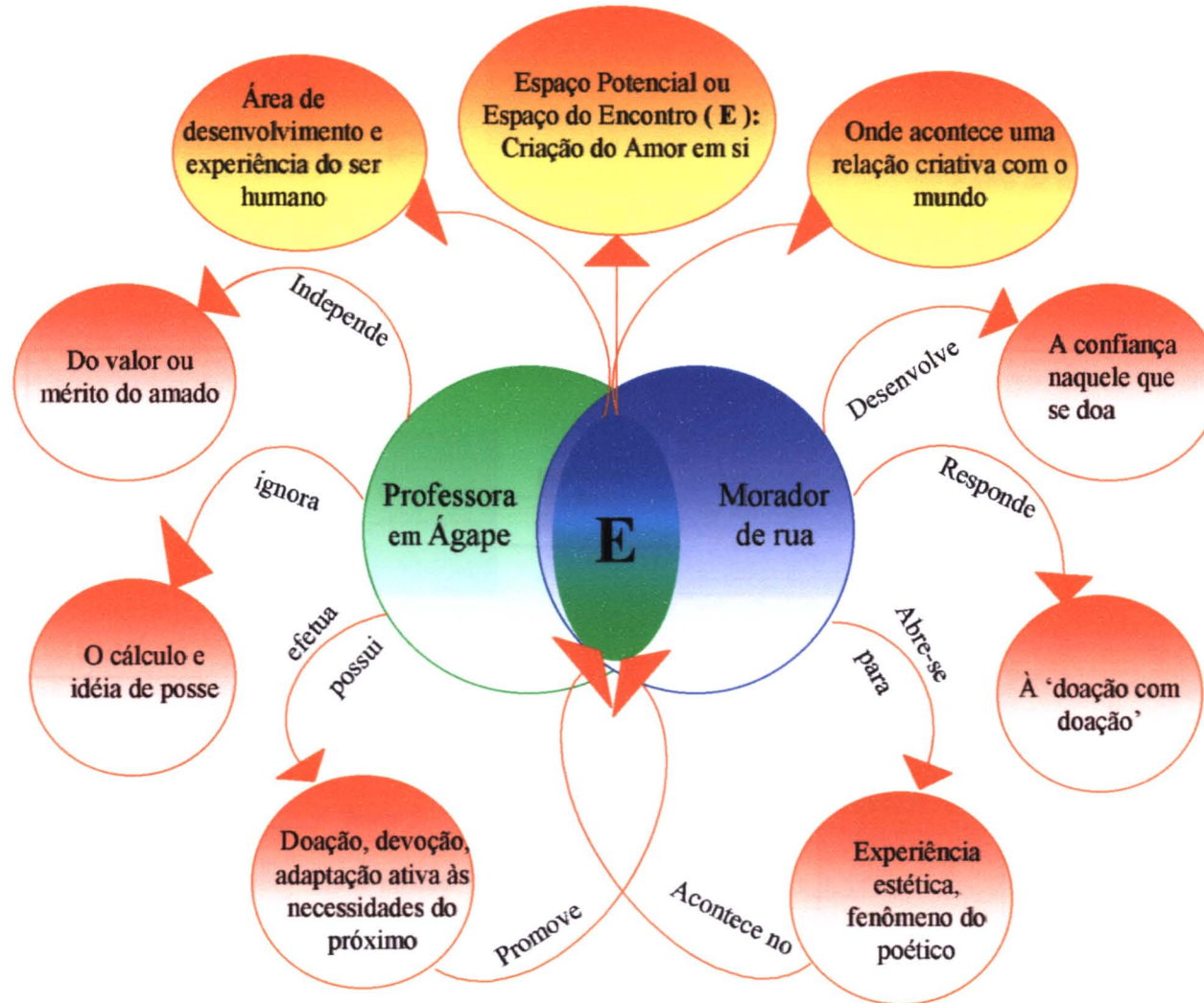
Essa *presença ativa, empática, congruente* – em atitude de doação que ignora a contra-doação, aceitando o morador de rua tal qual ele se apresentava, abrindo-lhe um lugar em si mesma, amando esse “próximo com quem cruzava o olhar”, amando o “homem particular e real” e não a idéia imaginária sobre a maneira que ela gostaria que ele fosse, ignorando o cálculo ou idéia de posse – o fez sentir-se aceito incondicionalmente. Sentindo-se livre, sem cobranças, ele *confiou* naquela que se doava, abriu-se ao encontro no “espaço da confiança, espaço potencial” que se construiu entre ambos, abriu-se para a experiência estética, para o fenômeno do poético, para o movimento de transformação. Esse segmento do *Complexus do Encontro Transformador* está representado no Diagrama 1.

Sob o influxo dessa aceitação sem cobranças, em presença da professora/mãe o morador de rua bebeu a força que necessitava para *soltar-se*, flexibilizar as amarras da psique atormentada, permitir que o *caos organizador* se instalasse em seu mundo interior forjado no crime, no desespero. A *forma* do seu *falso self* – organização complexa e ativa, dispositivo de ação adaptativa ágil e móvel, contudo, também dispositivo de “congelamento” – iniciou um movimento de flexibilização, de desconstrução de suas defesas no processo regressivo que se instaurara no espaço potencial desenvolvido junto à professora, próximo significativo. Nesse momento, sua psique permitiu o *rever-se*: seus conteúdos congelados, soltando-se, dançaram tal *movimentos brownianos*, foram reconhecidos por aquele que – só então – pôde olhar-se no *berço Ágape* ofertado pela professora em estado de devoção. Desse *caos* – que é *desintegração organizadora* – lentamente foi-se anunciando nova *gestalt*, foram sendo emitidos sinais de nova configuração, nova ordem, organização, transformação. Na “dança” dos conteúdos esparsos da psique do morador de rua dançavam, também, os conteúdos do *Ágape* que – a princípio *ruidos* – num dado instante começaram a *fazer sentido* para aquele que é alvo da devoção: em presença da professora, ele pôde criar o amor.

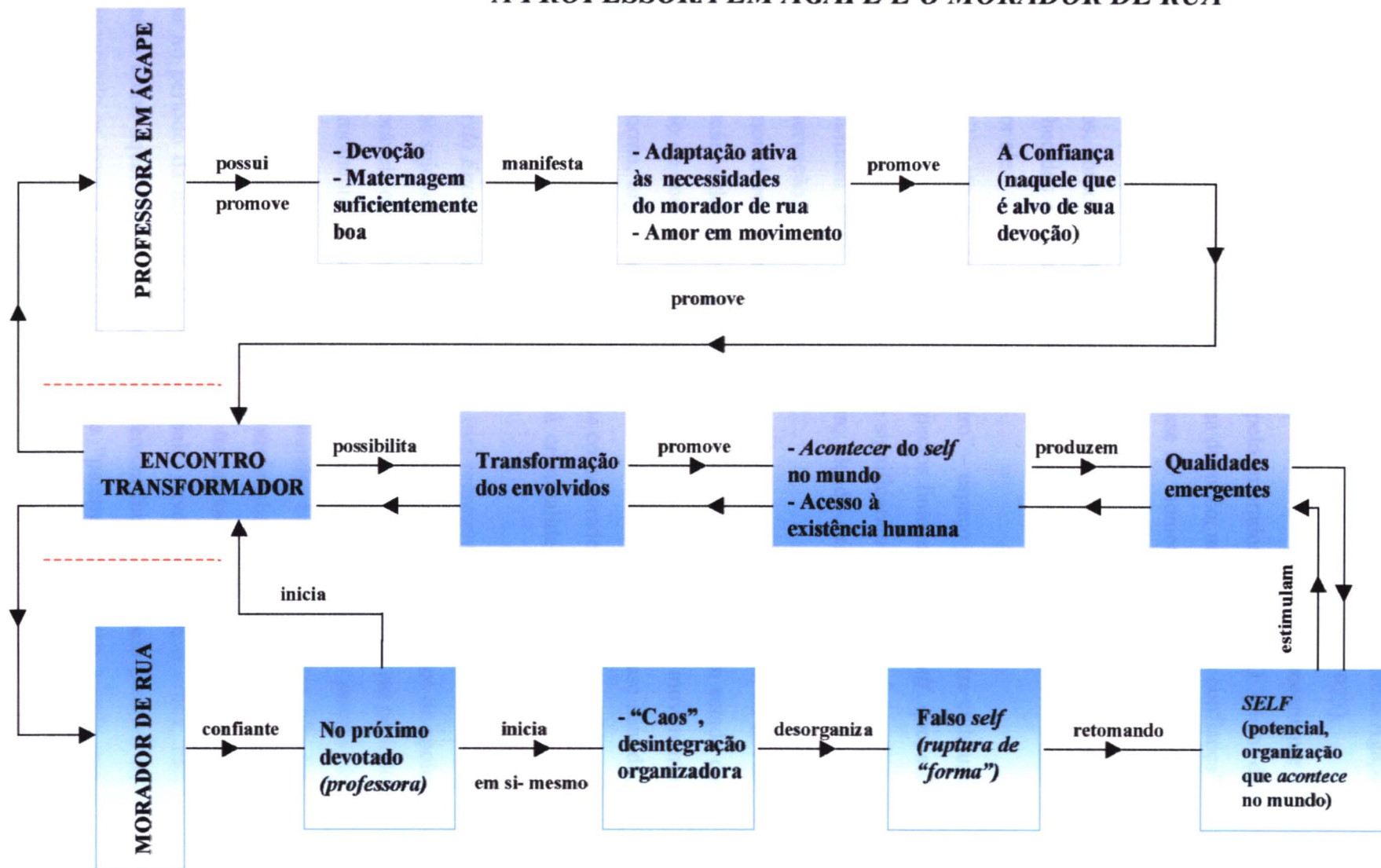
# DIAGRAMA 1

## O COMPLEXUS DO ENCONTRO TRANSFORMADOR

*O espaço do encontro e a criação do amor em si-mesmo*



**DIAGRAMA 2 - O COMPLEXUS DO ENCONTRO TRANSFORMADOR**  
*A PROFESSORA EM ÁGAPE E O MORADOR DE RUA*



Ocorreu uma sobreposição entre o que a professora-mãe supria e o que o morador de rua poderia conceber. Este percebeu os elementos do *Ágape* apenas na medida em que o *Ágape* poderia ser criado exatamente ali e naquele então (parafrazeando WINNICOTT, 1975).

Os conteúdos de *Ágape* apresentados pela professora eram – simultaneamente – “elementos” do mundo e “elementos” concebidos pelo morador de rua. O gesto da professora-mãe ao colocar-se em presença do alvo de sua devoção, no “campo de confiança” criado *em* ambos, *entre* ambos, permitiu que ele a criasse no momento exato em que ela se apresentava. E dizemos *ela* porque foi nela, foi através dela, foi *por* ela, foi *ela*, enfim, que trouxe em si – vivenciados, corporificados, plenificados – os conteúdos de afeto, sensíveis, de “amor-*Ágape*” desconhecidos mas adivinhados pelo morador de rua. A professora-mãe permitia-se ser “criada” por ele.

Através da utilização do “campo do encontro” – espaço potencial entre cada um e as professoras – os moradores de rua constituíram aspectos fundamentais de *self* que, até então, ficaram sem realização. Eles se constituíram e se significaram frente às professoras e, em um dos processos, também frente à pesquisadora, alçada neste trabalho também à condição de sujeito de observação.

Alguns dos moradores de rua, expressando a comunicação ativa com os novos conteúdos internos – conteúdos de amor criados em presença das professoras em estado de *Ágape* – revelaram o início de nova configuração emergente em sua psique em movimento de transformação, nova forma, organização resistindo ao convite do crime. Nesse sentido, esses novos conteúdos internos de *Ágape*, foram por nós considerados como “pontos fixos – pontos de apoio” que os alavancaram na resistência à criminalidade, promovendo-lhes a resiliência.

*O Complexus do Encontro*, acima descrito, está representado no Diagrama 2.

Em alguns dos sujeitos de observação revelou-se a presença de pontos de apoio introjetados, modelos favoráveis oriundos de adultos devotados, “dignos”, que – no período da infância ou em outro momento do passado – atuaram como “*pontos fixos - pontos de apoio*” que os alavancavam no processo de estar no mundo. Em outros sujeitos não foi revelada a presença de pontos de apoio positivos introjetados: relataram histórias de abandono por parte das figuras parentais, a ausência de trocas saudáveis fundadas em uma relação amorosa no período da infância. Os próprios pais, envolvidos com o crime, não puderam colocar-se como aquela figura que pudesse oferecer-lhes um modelo positivo de identificação, ancorando-os com a “maternagem”, ou a “paternagem”, como aquele que aponta o caminho, educando, exemplificando, dando o amor.

A religiosidade – função natural inerente à psique – foi vivenciada pelos moradores de rua como relevante aspecto no processo de constituição do sentido da existência. O sentimento de Deus funcionava como “ponto de apoio” em suas psiques. Revelavam a presença da religiosidade alavancando seus projetos de estar no mundo, sustentando-os com um sentido de vida, apontando um rumo – que não a violência, a morte ou cisão psíquica – para suas vidas atormentadas, favorecendo-lhes a resiliência.

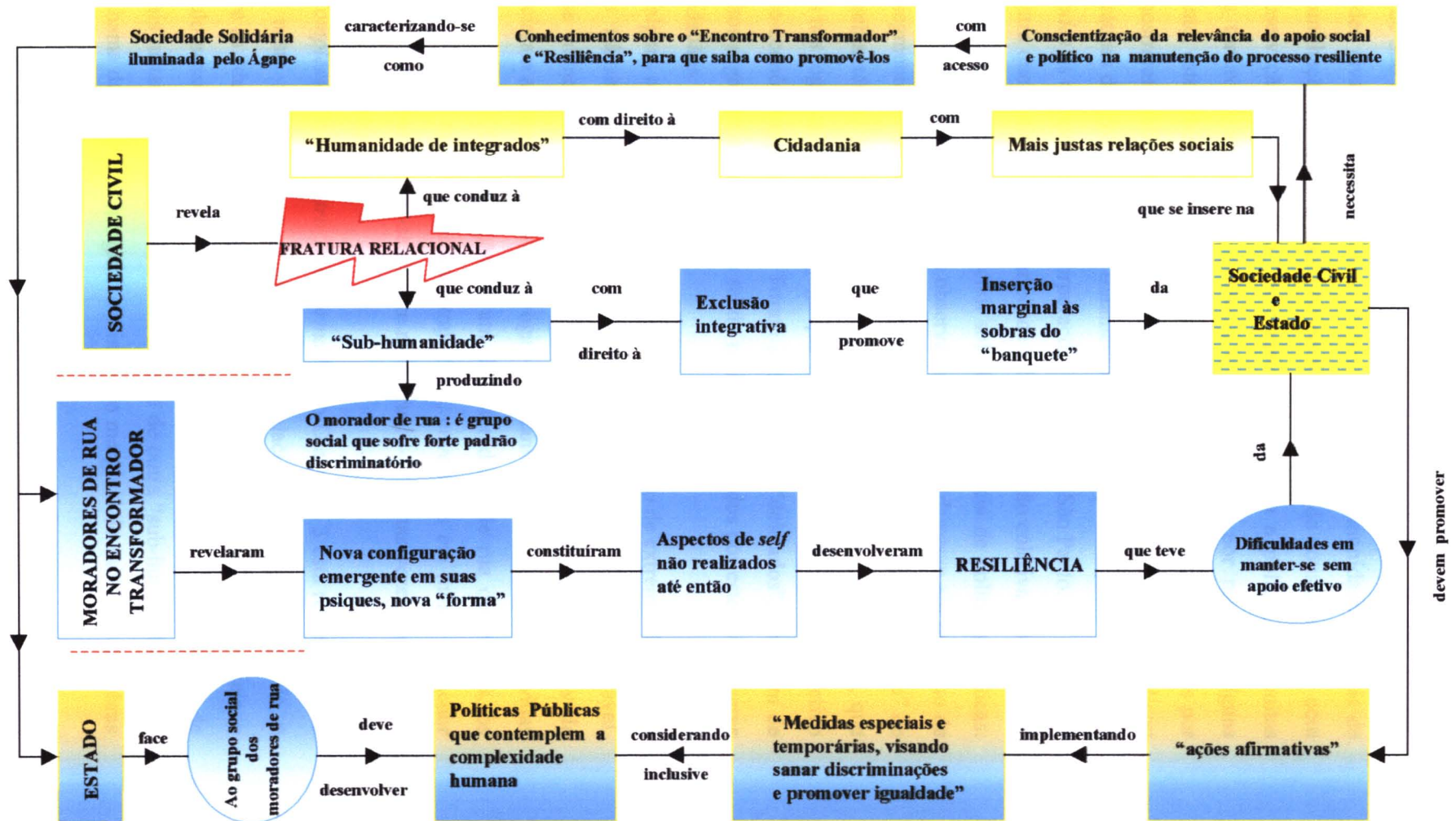
Consideramos – para um dos moradores de rua observado – que a sua identificação com a *consciência*; que a experiência profunda do *sentimento de Deus*, observadas por nós através de suas manifestações discursivas e simbólicas, colaboraram para a promoção de um sentimento de *continuidade, de sentido da vida, rumo*, favorecendo a *resiliência*, inclusive nos momentos que antecederam o seu morrer.

As “qualidades” emergentes das relações de “encontro” com segmentos da sociedade que atuaram no sentido de amparar os moradores de rua, serem seus “pontos fixos – pontos de apoio”, constatadas neste trabalho – processo este representado no Diagrama 2 – traduzem por si mesmas o mérito e necessidade desse tipo de ação. No entanto, observou-se que alguns moradores de rua que retomaram o acontecer do *self*, reassumindo o processo criativo, criando o *amor*, no processo de “Encontro Transformador” com as professoras ou com a própria pesquisadora, tiveram dificuldades em manter no nível fenomênico a constância das novas formas configuradas, manter a *transformação* sem o apoio efetivo do Sistema Social mais amplo. Excluídos do processo de cidadania, faltavam-lhes os “pontos de apoio” do trabalho, do reconhecimento dos seus direitos de cidadãos, de poderem ter uma casa, um lar, onde pudessem manter-se, fortalecer-se nos propósitos de não reincidência na delinquência e violência, de viver com dignidade. E essa “vida com dignidade” implicava, também, em que fossem reconhecidos como “seres humanos” pelos outros cidadãos brasileiros e pelo Estado na sua responsabilidade na promoção de políticas públicas, norteadas por uma visão solidária de promoção do homem e justiça social.

No Diagrama 3 pode-se visualizar a representação do *Complexus do Encontro Transformador* descrito acima.

A maloca – pequeno espaço habitado pelos moradores de rua observados – revelou-se como sistema que fazia parte do “macro-sistema” social que o abarcava e alimentava, sendo este, por sua vez, retro-alimentado pelos seus próprios componentes ignorados e excluídos, em processo dialógico de alimentação e retro-alimentação. E, com a impotência gerando a violência, os moradores desse espaço-maloca muitas vezes atacavam-se entre si, agrediam a outros moradores de rua que estabeleciam contato com eles, ou

### DIAGRAMA 3 - O COMPLEXUS DO ENCONTRO TRANSFORMADOR MANUTENÇÃO DA NOVA CONFIGURAÇÃO PSÍQUICA E RESILIÊNCIA DO MORADOR DE RUA



voltavam-se violentos contra a sociedade que lhes negava a condição de humanidade, de dignidade, de cidadania.

Observamos também a vigência de “éticas diversas” perpassando os processos sociais na cidade de São Paulo: muitos de seus cidadãos relacionavam-se com os moradores de rua com atitudes eivadas de preconceitos. Impessoalidade, desumanidade e rituais de identificação e humilhação sistemática foram observados acontecendo constantemente com os sujeitos de observação deste trabalho. Os contatos destes com a polícia, em muitas circunstâncias, os tornavam vítimas de violência e arbitrariedades por parte de alguns policiais. No entanto, estes mesmos moradores de rua, algumas vezes, foram socorridos por policiais que se mostraram solícitos, sensibilizados com suas “tragédias”, o que nos indicou – a respeito das práticas de arbitrariedades e tratamento desigual – que não podemos colocar no mesmo nível *todos* os componentes das corporações policiais de São Paulo. Tal fenômeno mais uma vez mostra que a atitude de solidariedade é individual, não coletiva, institucional. Aponta para a ausência de uma sociedade civil solidária e carência de políticas públicas. Refletimos que – face aos moradores de rua observados, reconhecidamente em processo de exclusão – largo segmento da sociedade atual conseguiu forjar uma forma de “descarte” de seus próprios semelhantes no jogo do viver: criaturas humanas tornadas descartáveis, que não “cabem” mais nas jogadas cruéis de um jogo que vai se tornando cada vez mais seletivo no sistema político-econômico-psicossocial. Foram simplesmente “deletados”, deixaram de “existir” para muitos segmentos sociais, não sendo mais reconhecidos por estes como seres humanos, como cidadãos.

Para alguns moradores de rua observados – em situação de extremo abandono e precariedade – o trânsito pela droga e a criminalidade tornou-se quase inexorável, *naturalizado* nesse mundo que se configurava sem lei. Os relatos desses sujeitos de observação denunciaram a presença intensa da droga – notadamente o crack – em suas vidas e entre seus companheiros. Com exceção de um dos moradores de rua observados, os demais estiveram em algum momento de suas trajetórias, envolvidos em maior ou menor grau com a criminalidade, constituindo-se na face mais cruel – e muitas vezes negada – da sociedade desigual em que viviam.

No *Complexus do Encontro Transformador* do Diagrama 3 está representado o que constatamos neste trabalho: que grande fratura relacional está se alargando e aprofundando entre as “duas sociedades” que vão emergindo no social brasileiro, ou seja, a cidade de São Paulo possui um segmento de “humanidade de integrados”, com direitos de cidadania, com mais justas relações sociais, e uma espécie de outra “sub-humanidade” com direito ao que se chama de “exclusão integrativa”: inserção marginal de excluídos às sobras

do “banquete” dos cidadãos dessa “cidade cindida”. Houve a escalada da violência, da criminalidade, afetando a vida social de São Paulo. Face a essa situação de cisão, destacou-se positivamente a atuação de alguns componentes dessa “humanidade de integrados” estudados neste trabalho, que conseguiram marcar presença junto aos que perderam o sentido da vida. Junto aos moradores de rua, erigiram-se como “modelos-caminhos”, pontes humanas que – transpassando abismos relacionais – promoveram o “encontro transformador”.

Constatamos que, assim como não se pode prescindir do *Ágape* como alternativa à violência e à justiça, como ingrediente relevante na promoção da transformação dos seres humanos, no despertar de suas potencialidades, também não se pode prescindir da “Justiça”, que se faz necessária no momento atual de nossa civilização, da sociedade brasileira que esteve sob o foco de nossa observação. Apesar dos esforços de avanços havidos nesse domínio da Justiça, ressaltando-se a Constituição brasileira de 1988 que empresta aos direitos e garantias ênfase extraordinária – com destaque para a cidadania e dignidade da pessoa humana como alguns dos fundamentos que alicerçam o Estado brasileiro – ainda há muito que se fazer para a implementação efetiva desses princípios.

Consideramos que os moradores de rua, ao assumirem as características de grupo social que sofre forte padrão discriminatório, são passíveis de serem contemplados com políticas públicas que lhes destinem um tratamento diferenciado e especial, dadas as especificidades das fragilidades que são portadores, do seu grave processo de exclusão social. Há que se promover a inclusão social desse segmento populacional brasileiro através de “ações afirmativas”, ou seja, “medidas especiais e temporárias que, buscando remediar um passado discriminatório, objetivam acelerar o processo de igualdade entre os homens”. Consideramos que, nas “ações afirmativas” visando aos moradores de rua – “se” e “quando” implementadas – é necessário que os órgãos da administração e do governo revistam essa “discriminação positiva” de cuidados especiais para que não se tornem mais um instrumento ou elemento de “discriminação negativa”. Cuidar para que, nesses regimes de exceção, não se agravem ainda mais as barreiras relacionais entre os moradores de rua e os outros cidadãos brasileiros. Consideramos a necessidade de uma política que contemple a complexidade do ser humano, isto é, que compreenda *a vida* em todas suas expressões, sofrimentos, desamparos, solidões, necessidades não quantificáveis; política que seja norteada pelos princípios da solidariedade como manifestação iluminada pelos atributos do *Ágape*. Consideramos a necessidade da conscientização da sociedade para o problema do morador de rua, assim como o desenvolvimento de uma cultura de inclusão que, afinal, no

movimento retroativo que caracteriza o complexo sistema social, será o conscientizar-se de si-mesma, Sociedade Humana.

A Resiliência, concebida neste trabalho como “macro-conceito”, “complexus” onde várias características se entrecruzaram formando uma unidade, teve seu sentido ampliado ao ser-lhe associadas a noção do Ágape, do “Encontro Transformador” e da relevância do apoio social na manutenção da configuração do processo resiliente. Consideramos, portanto, a necessidade de implementação de atividades de sensibilização e veiculação de conhecimentos sobre a Resiliência – com destaque para o Ágape e “Encontro Transformador” – não só junto aos profissionais que atuam com os moradores de rua mas, também, junto à sociedade em geral, noções que se erigiram como relevantes para ações em diferentes níveis, que podem contribuir para um (re)equacionamento das ações que buscam atender às populações de rua, tendo em vista o amplo significado social que esta parcela de população assume no contexto de metrópoles brasileiras, notadamente a cidade de São Paulo.

Se quisermos identificar, em nível da realidade social indícios de uma possibilidade de presença mais ampla do Amor Ágape norteando as relações entre os homens – não só no âmbito da individualidade mas também nas esferas econômica, política e social – poderíamos recorrer ao que modernamente pensadores das Ciências Sociais e formuladores de Políticas Públicas têm convencionado em chamar de Sociedade Solidária ou mesmo Globalização Solidária, solidariedade essa – como propugnamos – sendo aprofundada em seu sentido pelos atributos do Ágape. Poderíamos ter, portanto, no Ágape – conjugado com os conceitos do “Encontro Transformador” e da Resiliência – os pilares da ação para a implementação de Políticas Públicas que congreguem Estado e Sociedade Civil.

O *Complexus do Encontro Transformador* descrito acima, está representado no Diagrama 3.

Estivemos, portanto, nessa fase de síntese, abrindo questões, fiéis ao movimento retroativo de macro-conceito cujas relações entre os termos são circulares, recorrentes, movimento esse que podemos percorrer nas visualizações dos Diagramas 1, 2 e 3, retrazando os percursos entre os processos reconhecidos como coletivos e outros singulares, visando a observar o conjunto da tecedura, o delineamento da organização complexa que se foi configurando ao longo do trabalho.

## 2 – “Complexus”: Explicitando a techedura

No que expusemos nesta conclusão pode-se identificar algumas características, a saber:

O *modo do morar na rua* surgiu como uma situação existencial extrema, marcada pela situação de exclusão, propiciando nesse segmento populacional o desenvolvimento do sentimento de vergonha, de revolta, de desconfiança, de um *falso self*, favorecendo envolvimento com a droga – notadamente o crack – e com a criminalidade.

Componentes da sociedade civil – as professoras observadas no processo investigativo – revelaram-se como “pontos fixos” ou seja, pontos de apoio que estabeleceram relações de ajuda a esses moradores de rua, pessoas que – agindo movidas pelo sentimento do *Ágape* – promoveram a formação do “espaço potencial” ou “espaço da confiança” onde aconteceu a relação criativa com o mundo, possibilitando a criação do amor em si, no “Encontro Transformador” entre eles.

Nesse processo de transformação, os moradores de rua, confiantes no próximo devotado, iniciaram em si-mesmos processo de desorganização do “falso *self*”, ruptura de forma, e constituíram aspectos de *self* que até então haviam ficado sem realização: revelaram nova configuração emergente em suas psiques, nova forma, organização resistindo ao convite do crime, desenvolveram a resiliência.

O sentimento de religiosidade foi vivenciado pelos moradores de rua como ponto de apoio nesse processo de constituição do sentido da vida, favorecendo-lhes a resiliência.

Essa nova configuração psíquica dos sujeitos de observação, no entanto, teve dificuldade em manter-se sem o ponto de apoio efetivo da sociedade civil e do Estado. Foi apontada, portanto, a necessidade de que essa sociedade mais ampla – incluindo-se os técnicos que trabalham com os moradores de rua – possa ser esclarecida não somente sobre os graves problemas bio-psico-sociais que assolam esse segmento populacional, como também tenha acesso aos conhecimentos sobre o “Encontro Transformador” e a “Resiliência”, para que saiba como promovê-los, favorecendo assim à criação de uma cultura de inclusão.

Ao Estado cabe desenvolver “ações afirmativas” visando aos moradores de rua, tomando-se os cuidados necessários para que essas políticas públicas de inclusão – quando implementadas – não agravem mais as barreiras relacionais entre os moradores de rua e os outros cidadãos brasileiros.

Considera-se, portanto, que os conhecimentos do Amor Ágape, “Encontro Transformador” e a “Resiliência” – ao serem divulgados e aplicados em processos de esclarecimentos e capacitação – possam nortear as relações entre os homens não só no âmbito da individualidade mas também nas esferas econômicas, política e social, iluminando o que modernamente têm se convencido chamar de Sociedade Solidária ou mesmo Globalização Solidária.

## ***REFERÊNCIAS***

## REFERÊNCIAS

1. Agudelo SF. Violência, cidadania e saúde pública. In: Barata RB. et al., organizadores. **Eqüidade e saúde: contribuições da epidemiologia**. Rio de Janeiro: ABRASCO; 1997. p. 39-62.
2. Almeida Filho N. Transdisciplinaridade e saúde coletiva. **Ciênc Saúde Coletiva** 1997; 2: 5-20.
3. Alvarenga AT. Considerações teórico-metodológicas acerca do discurso de Naomar de Almeida Filho sobre “transdisciplinaridade e saúde coletiva”. **Ciênc Saúde Coletiva** 1997; 2: 45-52.
4. Alvarenga AT. A Saúde Pública como campo de investigação interdisciplinar e a questão metodológica. **Saúde Soc** 1994; 3(2):23-41.
5. Alvarez AMS. Nasceu uma criança na “sarjeta”: e agora? **Rev Bras Cresc Des Hum** 1994; 4: 70-1.
6. Alvarez AMS, Moraes MCL, Rabinovich EP. Resiliência: um estudo com brasileiros institucionalizados. In: **Anais da 49ª Reunião Anual da SBPC**; 1997 jul 13-18; Belo Horizonte (BR). Belo Horizonte: SBPC; 1997. p. 888-9.
7. Alvarez AMS. **A resiliência e o morar na rua: estudo com moradores de rua – criança e adultos – na cidade de São Paulo**. São Paulo; 1999. [Dissertação de Mestrado – Faculdade de Saúde Pública da USP].
8. Alvarez AMS. La résilience et l’habitation dans la rue: Etude des habitants de rue – enfants et adultes – dans la ville de São Paulo. In: Douville O, Sabatier C. (editores) **Cultures, Insertions et Sante**. Paris: L’Harmattan; 2002. p. 277.
9. Atlan H. **Entre o cristal e a fumaça: ensaio sobre a organização do ser vivo**. Rio de Janeiro: Zahar; 1992.
10. Benjamin A. **A entrevista de ajuda**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1988.
11. Boltanski, L. **L’amour et la justice comme compétences: trois essais de sociologie de l’action**. Paris: Éditions Métailié; 1990.
12. Bowlby J. **Apego**. São Paulo: Martins Fontes; 1990.

13. Bowlby J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1989.
14. Bourguinat E. **Les rues de Paris au XVIII siècle: le regard de Louis Sébastien Mercier**. Paris: Paris-musées; 1999.
15. Brandão, J. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes; 1993.
16. Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. 30ª ed. São Paulo: Saraiva; 2002.
17. Bresciani Filho E, D'Ottaviano IML. Conceitos básicos de sistêmica. In: D'Ottaviano IML e Gonzales MEQ, organizadores. **Auto-organização**. Campinas: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência; 2000. (Coleção CLE, 30).
18. Caldeira TPR. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/Edusp; 2000.
19. Campbell J. **O poder do mito**. São Paulo: Editora Palas Athena; 1994.
20. Carreiro TC. Effort de survie et habit précaire. In: Douville O, et Ridel L. (sous la direction de). **Exclusions, Précarités: témoignages cliniques**. Psychologie Clinique; nouvelle série n° 7. Paris: L'Harmattan; 1999.
21. Castel R. Les marginaux dans l'histoire. In: Paugam S. (sous la direction de) **L'exclusion, l'état des savoirs**. Paris: La Découverte; 1996. p. 32-41.
22. Castel R. As armadilhas da exclusão. In: Bógus L, Yazbeck MC, Wanderley MB, organizadores. **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC; 2000. p. 17-50.
23. Comparato FK. Prefácio. In: Piovesan F. **Temas de direitos humanos**. São Paulo: Max Limonad; 1998. p. 11.
24. Cretella Júnior J. **Comentários à Constituição Brasileira de 1988: Artigos 1º a 5º (I a LXVII)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1992. v. 1
25. Critelli DM. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC/ Brasiliense; 1996.

26. Cruz Neto O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: Minayo MCS, organizadora. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes; 1994. p. 51.
27. Da Matta R. O ofício de etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In: Nunes EO, organizador. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar; 1978. p. 23-33.
28. Da Matta R. **A casa & a rua**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco; 1997.
29. Damergian S. **O papel do inconsciente na interação humana: um estudo sobre o objeto da Psicologia Social**. São Paulo; 1988. [Tese de Doutorado - Instituto de Psicologia da USP].
30. Damergian S. **A fala regional e o contexto social: um estudo sobre como são recebidos os falantes que se utilizam do português não-padrão nordestino em um contexto onde só o português-padrão é admitido**. São Paulo; 1981. [Dissertação de Mestrado - Instituto de Psicologia da USP].
31. Damergian S. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. In: Tassara ETO, organizadora. **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: Educ/FAPESP; 2001.
32. Declerck P. **Les naufragés: avec les clochards de Paris**. Paris: Terre Humaine/PLON; 2001.
33. Erikson EH. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar; 1976.
34. Escorel S. **Vidas ao léu : trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz; 1999.
35. Ferreira AB de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986.
36. Fiedler-Ferrara N. **O texto literário como sistema complexo** [Conferência proferida no IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições: Gênese e Memória; 1994].

37. Fiedler-Ferrara N. Ciência, ética e solidariedade. In: Carvalho EA, Almeida MC, Fiedler-Ferrara N, Coelho NN, Morin E. **Ética, solidariedade e complexidade**. São Paulo: Palas Athena; 1998.
38. Figueiredo LC. Textos do curso de Pós Graduação em Psicologia [Apresentado no curso de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica; 2001; São Paulo].
39. Fortes PAC. **Ética e saúde: questões éticas, deontológicas e legais, tomada de decisões, autonomia e direitos do paciente, estudo de casos**. São Paulo: E.P.U; 1998.
40. Frankl VE. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. São Paulo: Editora Santuário; 1989.
41. Gambini R. Prefácio. In: Von Franz ML. **Os sonhos e a morte: uma interpretação junguiana**. São Paulo: Cultrix; 1995. p. 7-8.
42. Goubert JP. A História: um território sem fronteiras. **Rev Bras Cresc Des Hum** 2000; 10(2):1-2.
43. Grotberg EH. **Guía de promocion de la resiliencia en los niños para fortalecer el espíritu humano**. La Haya: Fundacion Bernard van Leer; 1996. (Informes de Trabajo sobre el Desarrollo de la Primera Infancia, 18)
44. Ho DYF. Indigenous psychologies: Asian perspectives. **J Cross-Cult Psychol** 1998; 29:88-103.
45. Império-Hamburger A, Pedrosa MI, Almeida Carvalho AM. Auto-organização em brincadeiras de crianças: de movimentos desordenados à realização de atratores. In: **Auto-organização**. Debrun M, Gonzales MEQ, Pessoa Jr O, organizadores. Campinas: UNICAMP; 1996. p. 343-61. (Coleção CLE, 18).
46. Jung CG. **Um mito moderno sobre as coisas vistas no céu**. Petrópolis: Vozes; 1988. v.X/4.
47. Jung CG. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes; 1990<sup>a</sup>. v.III.
48. Jung CG. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes; 1990<sup>b</sup>. v. XI/1.
49. Jung CG. **Aion – estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes;

- 1990<sup>c</sup>. v. IX/2.
50. Jung CG. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis:Vozes; 1991<sup>a</sup>. v. XVI/1.
  51. Jung CG. **A natureza da psique**. Petrópolis:Vozes; 1991<sup>b</sup>. v. VIII/2.
  52. Jung CG, Wilhelm R. **O segredo da flor de ouro – um livro de vida chinês**. Petrópolis: Vozes; 1992.
  53. Jung CG. **O homem e seus símbolos**. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1993.
  54. Kandinski W. Concerning the spiritual in Art. NewYork:Schultz; 1947. Apud Silveira N. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra; 1982.
  55. Kant I. Fundamentos da metafísica dos costumes, 2<sup>a</sup> seção. In: Lalande A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 2<sup>a</sup> edição. São Paulo: Martins Fontes; 1996. p. 259
  56. Klein M. **O sentimento de solidão**. Rio de Janeiro: Imago; 1971.
  57. Lalande A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes; 1996.
  58. Magnani JGC. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev Bras Ciên Soc**. 2002; 17(49):11-29.
  59. Magni CT. **Povo da rua: um estudo sobre o nomadismo urbano**. Porto Alegre:Cidade; 1995.
  60. Magni CT. Em busca do nomadismo da imagem. [Apresentado na 20<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia; 1996; Salvador.]
  61. Martins JS. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus; 1997.
  62. Maturana H, Varela F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: Editorial Psy II; 1995.
  63. Minayo MCS. Violência, direitos humanos e saúde. In: Canesqui AM, organizador. **Ciências Sociais e saúde**. São Paulo: HUCITEC/ABRASCO; 1997. p. 247-58.
  64. Morin E. **O Método – 2. A vida da vida**. Lisboa: Publicações Europa-

América; 1989.

65. Morin E. **O Método – 4. As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização.** Lisboa: Publicações Europa-América; 1992.
66. Morin E. **La complexité humaine.** Paris: Flammarion; 1994.
67. Morin E. **Terra-Pátria.** Porto Alegre: Sulina; 1995.
68. Morin E. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil; 1996 <sup>a</sup>.
69. Morin E. **O Método – 3. O conhecimento do conhecimento/1.** Lisboa: Publicações Europa-América; 1996 <sup>b</sup>.
70. Morin E. **O Método – 1. A natureza da Natureza.** Lisboa: Publicações Europa-América; 1997.
71. Morin E. A ética do sujeito responsável. In: Carvalho EA, Almeida MC, Fiedler-Ferrara N, Coelho NN, Morin E. **Ética, solidariedade e complexidade.** São Paulo: Palas Athena; 1998.
72. Morin E. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil; 1999.
73. Morin E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: UNESCO/Cortez; 2000.
74. Ortega y Gasset J. **Em torno a Galileu: esquema das crises.** Petrópolis: Vozes; 1989.
75. Osório LC. Agressividade e violência: o normal e o patológico. In: Santos JVT, organizador. **Violência em tempo de globalização.** São Paulo:Hucitec; 1999. p. 542.6
76. Paugam S. **l'exclusion et l'état des savoirs.** Paris:La Découverte; 1996.
77. Piovesan F. **Temas de direitos humanos.** 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Max Limonad; 2003.
78. Queiroz MIP. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Von Simson OM, organizador. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil).** São Paulo: Vértice; 1988. p. 11-31.
79. Quivy R, Campenhoudt LV. **Manual de investigações em Ciências Sociais.**

Lisboa: Gradiva; 1992.

80. Rabinovich EP. **Vitrinespelhos transicionais da identidade: um estudo de moradias e do ornamental em espaços sociais liminares brasileiros.** São Paulo; 1996. [Tese de Doutorado - Instituto de Psicologia da USP].
81. Rabinovich EP. O modo de morar. **Cad Desenv Infant.** 1994; 1(1): 47- 59.
82. Rogers CR. **Tornar-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes; 1991.
83. Safra G. **Momentos mutativos em psicanálise: uma visão Winnicottiana.** São Paulo: Casa do Psicólogo; 1995.
84. Safra G. **A face estética do Self: teoria e clínica.** São Paulo: Unimarco Editora; 1999.
85. Santos M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.** 2ª ed. São Paulo: Hucitec; 1997.
86. Santos M. **O espaço do cidadão.** 4ª ed. São Paulo: Nobel; 1998.
87. Schwartz O. L'empirisme irréductible. In: Anderson N. **Le hobo: sociologie du sans abri.** Paris: Nathan; 1993. p. 265-305. (Collection Essais et Recherches).
88. Silveira N. **Imagens do inconsciente.** Rio de Janeiro: Alhambra; 1982.
89. Silveira N. **O mundo das imagens.** São Paulo: Editora Ática; 1992<sup>a</sup>.
90. Silveira N. **Jung: vida e obra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992<sup>b</sup>.
91. Singer JL. **O controle da agressão e da violência.** São Paulo: EPU; 1975.
92. Singer P. Um mapa da exclusão social no Brasil. In: Singer P et al. **Modernidade: globalização e exclusão.** São Paulo: Editora Imaginário; 1996. p. 75-113.
93. Singer P. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas.** São Paulo: Contexto; 2000.
94. Suzuki DT, Fromm E, Martino R. **Zen Budismo e Psicanálise.** São Paulo: Cultrix; 1969.
95. Thom R. **Stabilité culturelle et morphogénèse: essai d'une théorie**

- génétiq ue des mod èles.** Paris:Édiscience; 1972.
96. Tuan YF. **Espaço e lugar.** São Paulo:Difel; 1983.
  97. V éras MPB. Excl usão Social: um problema de 500 anos. In: Sawaia B, organizador. **As artimanhas da exclusão social: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis:Vozes; 2001. p. 27-50.
  98. Vieira MAC, Ramos Bezerra EM, Maffei Rosa CM. **População de rua: quem é, como vive, como é vista.** 2ª ed. São Paulo: HUCITEC; 1994.
  99. Von Franz ML. **A interpretação dos contos de fadas.** São Paulo: Edições Paulinas; 1990.
  100. Von Franz ML. O processo de individuação. In: Jung CG, organizador. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1993.
  101. Von Franz ML. **Os sonhos e a morte: uma interpretação junguiana.** São Paulo:Cultrix; 1995.
  102. Winnicott D.W. **Meta psychological and clinical aspects of regression within the psycho-analytical set-up.** London: Collected Papers; 1954.
  103. Winnicott DW. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago; 1975.
  104. Winnicott DW. **Privação e delinqüência.** São Paulo: Martins Fontes; 1987.
  105. Winnicott DW. **Os bebês e suas mães.** São Paulo: Martins Fontes; 1988.
  106. Winnicott DW.  **Holding e interpretação.** São Paulo: Martins Fontes; 1991.
  107. Winnicott DW. **A família e o desenvolvimento individual.** São Paulo: Martins Fontes; 1993.
  108. Winnicott DW. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes; 1996.
  109. Xiberras M. **Les théories de l'exclusion.** Paris:Armand Colin; 2000.
  110. Zaluar A. **Da revolta ao crime S/A.** São Paulo: Moderna; 1996.